

**A Evolução da
Economia Paulista
e suas causas**

Serie 5.^a

BRASILIANA

Vol. 90

BIBLIOTHECA

PEDAGOGICA

BRASILEIRA

ALFREDO ELLIS JUNIOR

A Evolução da Economia Paulista e suas causas



1937

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE

DO MESMO AUTOR NA SERIE BRASILIANA:

POPULAÇÕES PAULISTAS — Vol. 27.

O BANDEIRISMO PAULISTA E O RECUO DO
MEREDIANO — Vol. 36.

OS PRIMEIROS TRONCOS PAULISTAS E O
CRUZAMENTO EURO-AMERICANO —
Vol. 59.

EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL — S. PAULO

INDICE

	Pag.
Prefacio	7
Cap. I — Populações Paulistas	31
Cap. II — Populações Paulistas	43
Cap. III — O meio geographico planaltino	107
Cap. IV — O meio geographico planaltino	147
Cap. V — A alma paulista	156
Cap. VI — A magnitude Paulista	169
Cap. VII — Causas da magnitude Paulista	177
Cap. VIII — O trabalho fabril Paulista	240
Cap. IX — Agricultura	283
Cap. X — Posição politica de S. Paulo	300
Cap. XI — Grupo economico paulista	418
Cap. XII — Evolução rural paulista	451
Cap. XIII — S. Paulo na União	514
Cap. XIV — Conclusões finaes	540

PREFACIO

Conhecer um facto não é apenas saber da sua realisação mais ou menos minuciosamente. Penso que, para que esse facto seja bem estudado se faz mister serem as suas causas bem esmerilhadas e esclarecidas, assim como as suas consequencias bem vislumbradas e prophetisadas.

Eu sempre me havia impressionado com a situação de S. Paulo, revelada pelas estatísticas em confronto com as relativas ás partes brasileiras.

Porque esse desnivel flagrante?

Porque essa disparidade immensa entre regiões politicamente ligadas?

Sim, porque a gente sendo a mesma a principio, só os ambientes divergindo profundamente poderia ser explicada a differença de estagios entre S. Paulo e as varias communidades luso-americanas?

As estatísticas attestam e a simples inspecção visual testeniunha que, existe uma magna diversidade entre S. Paulo e as partes brasileiras, não só sob o ponto de vista economico, mas sob o aspecto social, cultural, etc.

Se isso é bem uma verdade, a qual ninguem mais pode contestar honestamente deante da soberana evidencia que cada dia se faz mais eloquente, devemos buscar a causa desse phenomeno. Tudo está alicercea-

do em causas. Não ha nada, na vida humana, que possa dispensar um motivo causal.

Assim sendo, temos que buscar uma explicação para o facto que tanto nos fêre a attenção. E' justamente isso que eu pretendi realisar com o presente livro. Eu quiz expor a situação, de um modo mais ou menos minucioso, buscando para ella as causas.

Sim, porque do contrario nós ficaríamos na contingencia imperativa de acceitar como explicação do des-nivel verificado, a superioridade grande do habitante de Piratininga sobre os brasileiros dessas regiões em evidente sotoplanura.

Ôra eu não sou adepto de grandes superioridades raciaes. Não posso reconhecer razão nos que pregam as theorias gobineanas das vantagens dos homens louros.

Penso que todos os homens são superiores e todos são inferiores, dependendo do ponto de vista no qual elles sejam encarados. Todo individuo tem superioridades e inferioridades. Para se julgar dessas superioridades e dessas inferioridades é preciso se conhecer da applicação dessas vantagens ou dessas desvantagens. Para certos casos os contornos de certos individuos podem ser desvantajosos. O que para certas actividades é vantajoso, para outras pode não ser.

Desse modo nós não podemos nos conciliar com a superioridade racial, tal como a queriam Gobineau e seus seguidores. (1)

(1) Por eu ser contrario a thèse de Gobineau sobre a superioridade racial do homem louro, o nordico, o europaeus, não se conclúe dahi que eu sou pela nivelação absoluta das raças. Nada disso! Estou firmemente convencido de que ha raças mais efficientes que outras e conforme as especialisações em que se defrontam. Como eu disse, em meios taes que são exigidas qualidades proprias para esses meios, as raças que as

possuem em maior quantidade são mais efficientes e portanto des-niveladas.

No meio em que vivemos, de accordo com a civilização em que commungamos, o elemento africano é inferior em efficiencia. Isso é questão pacifica.

Estou, assim, a esse respeito, inteiramente de accordo com as ideias manifestadas pelo illustre sociologo Oliveira Vianna, no seu magnifico "*Raça e Assimilação*", que recorrendo ao que ensinavam Sylvio Romeiro, José Verissimo, Baptista Caetano, Baptista Lacerda, Moura Brasil, Erico Coelho, Jansen Ferreira, e principalmente Nina Rodrigues, diz:

"Este grupo de espiritos na sua maior parte medicos estavam então empenhados em estabelecer a discriminação, sob diversos criterios rigorosamente scientificos, dos caracteres differenciaes das tres raças formadoras da nossa nacionalidade: a negra, a americana, a caucasica. Elles já haviam observado que essas raças, esses typos anthropologicos como diriamos hoje não reagiam de uma maneira identica aos diversos estímulos vindos do meio social ou do meio cosmico: cada qual parecia ter uma individualidade propria, uma maneira peculiar, uma forma especifica de reacção." ("*Raça e Assimilação*", collecção Brasileira, 21).

Mais adiante a paginas 37 do mesmo livro citado, Oliveira Vianna produz periodos magnificos a respeito, os quaes eu faço meus, data venia:

"Os typos ethnicos não são typos morphologicos distinctos? sim, são.

O typo do Nordico não é distincto do typo do Celta? sim, é.

Este não é differente do typo do Nordico e do Iberico? sim, é differente. Por outro lado, estes typos aryanos não differem dos typos negros e dos typos amerindios? Differem, sem duvida. Logo, se, para se empregar a expressão de Draper, cada uma dessas raças apresentam um "painel anatomico" distincto do das outras, porque não um "painel psyc-physiologico" tambem distincto? Em face das revelações da sciencia contemporanea, porque continuar a contestar que haja differença no ponto de vista da mentalidade e do character entre o Negro e o Indio, entre esses dois typos e os typos brancos e, no grupo desses brancos entre o Celta e o Germanico, entre estes e o Iberico e o Dinarico, se estamos de accordo em aceitar o facto de que

todas essas raças differem entre si, cada uma dellas representando um typo somatologico distincto?"

Como eu disse acima, não ha duvida que o negro seja inferior, na nossa civilisação, no nosso ambiente. Ahi elle é constantemente derrotado nos prelios sociaes em que incoscientemente toma parte. O já citado Oliveira Vianna, a esse respeito citando Fritz Müller, apud Hovelque, "*Les Races humaines*", 38, diz:

"O negro é em todas as cousas um sensitivo, em que a fantasia domina. O fundo do seu temperamento é uma serenidade expansiva. E' a esta fantasia sem freio que elle deve o seu amor aos enfeites e a sua frivolidade, assim como seu gosto pelos espectaculos e pela dança. Elle esquece as suas preocupações como as suas penas e se reconcilia com a sua sorte triste. Vive, por assim dizer, au jour de jour; não se inquieta nem do futuro, nem do passado.

Desta falta de energia resulta uma certa bondade de temperamento para os seus camaradas e para os seus hospedes: elle tem a mão e o coração abertos; partilha com elles a sua fortuna suppondo que farão o mesmo para com elle. Cheio de benevolencia para com os amigos, é cruel para com os seus inimigos; mas, como acontece com todas as pessoas sanguineas, a sua colera, o seu rancor acabam com a morte da victima.

Elle não conhece essa especie de crueldade canibalesca com que costumam saciar as suas paixões, outras raças, como a malaya e a amerindia. A vida do negro se passa em contrastes; os sentimentos mais oppostos acham lugar no seu coração. Da alegria mais intensa e mais insensata elle passa ao mais amargo dos desesperos; da esperanza sem limites ao extremo terror; da prodigalidade inconsciderada á avareza sordida."

Oliveira Vianna continúa:

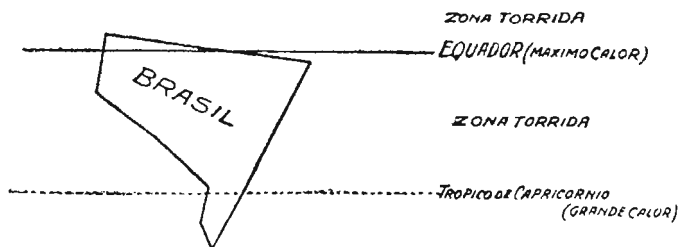
"Não é este o retrato do ciclothimico que dá Kretschmer?"

"Sente-se que o typo morphologico do negro é frequentemente correlativo aos temperamentos expansivos, como o dos cicloides kretschmerianos".

Não é esse o retrato dos "morros" do Rio de Janeiro?

Exemplificando, temos que o homem nordestino, é um individuo admiravelmente bem conformado para o ambiente geographico do Nordeste ou da Amazonia. Ahi, elle é inegualavel. Sobrio, incançavel, conformado, luctador, etc., o nordestino é nessas regiões equatoriaes, o homem dotado de “efficiencia” em maior gráu do que qualquer outro.

Ninguem lhe iguala nas caminhadas, nos esforços a serem dispendidos nesse “inferno verde” amazonico que estarreceu Alberto Rangel, ou nos sofrimentos ine-



Quasi toda a area do paiz em zona torrida.

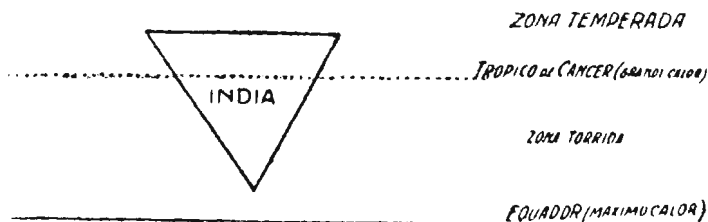
narraveis nesse abrazado Nordeste, ou naquelles “Ser-tões” que Euclýdes pinta com as cores tragicas de sua riquissima palheta.

O “nordestino”, graças a sua civilização ainda rudimentar, as suas apoucadas necessidades indispensaveis, ao meio agreste e rude de onde é natural, possui

* * *

Se assim é, se faz logico que as regiões onde haja maior porcentagem de sangue melânico, a mentalidade, o caracter, devem, por força ser differentes das regiões onde essa porcentagem se faça menor. Isso é fatal. Dahi não ha outra sahida.

um physico, um moral, um psyquico, um physiologico, inequalaveis se se procurar o collocar "*in the right place*", isto é, na região equatorial a realisar esforços correlatos com as suas qualidades. Se porem se arrancar esse soberbo "animal castiço" do seu "*habitat*", exigindo delle esforços disparees com as virtudes que manifesta dentro da area geographica a que está adaptado, ou em desuniformidade com o gráu de civilisação que elle attingiu, por certò que os resultados tem que ser máus. Assim querer julgar o nordestino, sem relatividade, fóra das suas adaptações ou fóra das suas especialisa-



Só a ponta do paiz mergulhada em zona torrida.

ções, é o mesmo que classificar de máu, um excellente alfaiate, só porque é um pessimo jockey, ou um aviador malaventurado, ou um "*chauffeur*" atrabiliario.

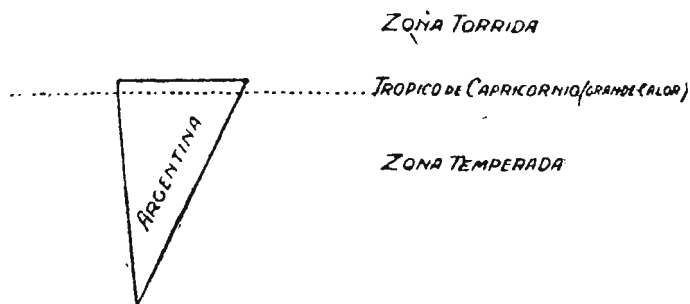
Querer que o nordestino seja um optimo elemento em qualquer circumstancias é desejar o impossivel. Elle não pode, evidentemente, fazer milagre. Por força tem que se inclinar ante outros mais especializados do que elle em especialisações, em ambientes, em actividades que não lhe são proprias.

E' por isso que nós não podemos alimentar a pretenção estulta de querer que o Brasil esteja em pari-

dade com os Estados Unidos, não obstante ser 100 annos mais velho do que a grande republica Norte americana.

Penso que todos os homens tem que ser julgados relativamente ás circumstancias que imperam nos seus desenvolvimentos.

Penso que o paulista, sempre se revelando em estagio mais avançado que os demais nucleos humanos, foi mais afortunado do que estes encontrando circumstancias mais favoraveis.



Quasi toda a area em zona temperada.

Estou no firme proposito que essas circumstancias longe de serem humanas são naturaes, de ordem geographica, e portanto immutaveis, e indeclinaveis. Ninguem tem a minima responsabilidade na existencia dellas, as quaes agem de forma incoercivel e irreprimivel, e só sensiveis atravéz do exame das estatisticas ou visiveis em observação de massas. (1)

1) Como se verá no decorrer deste livro, em que eu exponho varias théses de um modo mais minucioso possivel, entre as quaes a de que o meio geographico é o responsavel pelo desnível que se verifica entre as varias partes luso-americanas e que é constatado em estatisticas irrefutaveis.

Óra, se esse desnível é observável nas estatísticas, se essa situação dispar é evidente do thermometro social, que é o quadro estatístico economico-demographico, em absoluta coincidência com as delimitações geographicas da região, se faz claro que o grupo humano

Mostra-se do mesmo parecer que eu o illustre Gilberto Freyre que produziu um livro notavel que logo conquistou fóros de grande relevo nos nossos meios literario-científicos. Pelo menos, elle assim se manifesta a pagina 18 de seu livro citado; na nota 3:

“Os antigos acreditavam que as doenças viessem todas de “miasmas” e de “ventos” — crença que se prolongou em de “doenças tropicaes” attribuidas ao clima, sem mais discriminação. Não ha duvida que, indirectamente, varias doenças se associam ás condições de clima — a malaria entre outras. Como generalisa o professor Carl Kelsey em *The Physical Basis of Society* (New York, London, 1928) “bacterial diseases are likely to be more numerous in the warmer and moister regions of the earth to be least in evidence in high mountain countries and polar regions”. Dalgado (op. cit.) nas suas pesquisas sobre effeitos do clima na população portugueza verificou que na região quente (sul) preponderava a diarrhea, a enterite, etc., correspondendo a maior morbidade nessa zona que na do norte aos resultados geraes de investigações de Adolphe Quetelet (“*Physique Sociale*”, Bruxelles, 1869) relativas ao norte e ao sul da Europa. Reconhecida a influencia pathologica do clima quente accusada pelas estatísticas de doenças, crimes e suicídios e pelas de eficiencia economica e capacidade de trabalho (vejam-se *E. Huntington*, “*Civilisation and Climate*”, *Huntington e Williams* “*Business Geography*”, *Robert de Courcy Ward* “*Climate Considered Especially in Relation to Man*”, New York, 1908, *Edwin Grant Dexter* “*Weather Influences*”, New York, 1904), é preciso não exagerar tal influencia, como é tendencia dos que confundem a acção do clima *per se* com a de causas sociaes e economicas, pobreza, miseria, ignorancia, siphilis, inefficiencia de defesa sanitaria. Defesa sanitaria não só do homem (contra os germens que o ataquem directamente) como das suas fontes, animaes e vegetaes, de nutrição e de agua potavel. Semple insiste nisso (op. cit.) em que se discriminem com rigor os effeitos directos do clima dos in-

Paulista ou antes planaltino, deve ser ressaltado e posto em evidência que é a demonstradora de um estado social-económico que não se confunde com o dos grupos vizinhos que o cercam.

Essa absoluta e nítida distincção que se evidencia nas estatísticas, caracterisando o grupo humano paulista, sob o ponto de vista económico, social, anthropologico, cultural e portanto moral e psychico, não pode ser nivelada dentro do âmbito politico. A ligação politica de S. Paulo com outros grupos humanos sul-americanos não é sufficiente para fazer desaparecer essa enorme differenciação sob todos aquelles pontos de vista mencionados igualando tudo no mesmo diapa-

directos, os transitorios dos permanentes, os physiologicos dos psychologicos. Ao seu ver varios dos effeitos directos ainda se acham imperfeitamente demonstrados. Reconhece entretanto que o clima modifica nos individuos muitos processos physiologicos e affecta nelles a immunnidade a certas doenças e a susceptibilidade a outras, a energia, a capacidade de esforço, continuando ou apenas intermittente, determinando-lhes portanto a efficiencia como agentes economicos e politicos. De modo geral, as conclusões de *Julius Hann*, "*Handbuch der Klimatologie (Stuttgart, 1897)*", de *E. Huntington*, "*Civilisation and Climate*", de *Griffith Taylor*, "*Environment and Race*", de *Robert de Courcy Ward*, "*Climate Considered Specially in Relation to Man*", de *M. R. Thorpe*, e collaboradores, "*Organic Adaptation to Environment (New York, 1918)*", de *Jean Brunhes*, "*La Geographie Humaine*", (Paris, 1912), de *Robert Russel* "*Atmosphere in relation to Human Life and Health*", *Smithsonian Institution, misc. collection, vol. 39*. Com relação ao clima nas suas influencias sobre a vida brasileira, veja-se a *Bibliographia do Clima Brasilico (Rio de Janeiro, 1929)* de Tanerredo de Barros Paiva onde veem indicado os principaes trabalhos nacionaes e estrangeiros.

Sobre o clima do Nordeste do Brasil preparam interessante ensaio Josué de Castro e Aluisio Bezerra Coutinho.

são. Esta ligação politica é méramente artificial e portanto precaria e sem consistencia, ao passo que as divergencias de situação entre S. Paulo e os demais grupos humanos sul-americanos, são de natureza irremovivel, são implacavelmente indeclinaveis, não dependem da vontade dos agentes humanos.

Eu estribo essas disparidades em motivos de ordem geographica. Estes, a meu ver, são a causa primeira de todos os phenomenos que se vem desenrolando cinematicamente no nosso scenario. E' preciso sabel-os comprehender. Elles não estão estribados em ocos sentimentalismos, por mais fortes que sejam os motivos de existencia. Bastará um simples raciocinio para que sejam vislumbrados motivos scientificos. Querer contrariar-os é o mesmo que querer colher agua em cesto; é querer agir contra a natureza.

Veja-se, por exemplo, o Imperio Britannico. Seus componentes podem, porventura, desejar uma organização politica unitaria? Isso seria muito mais bonito. Mas não tem sido possivel aos estadistas inglezes impedir que a marcha descentrica persista, cada dia mais accentuadamente demonstrando que no Imperio Britannico, a verdadeira associação de nações britannicas, commonwealth como é chamada a organização britannica, vem marchando do homogeneo para o heterogeneo. A principio o mundo inglez era uniforme em torno das Ilhas britannicas. Mais tarde, na proporção em que os ambientes geographicos dispareos actuavam nos homens diversamente espalhados pela sua immensidão, cada grupo humano, a principio semelhante ao inglez foi adquirindo características proprias e differentes umas das outras, em conformidade com as pressões geographicas. Consequencia disso era que a organização britannica tinha que se ir adaptando a esses factos,

tomando uma marcha descentrica que se pode observar com nitidez, a ponto de que, esses grupos humanos colonias britannicos espalhados pela immensidão imperial do mundo, a principio apoucados e uniformes se bitolavam pelas ilhas do arquipelago inglez, foram augmentando em direcção descentrica, até que hoje constituem varias nações independentes que possuem força militar, naval, ou aerea proprias, representações externas proprias, etc.

Os grupos humanos na vellã America portugueza estão nessas condições, porquanto se trata de uma porção do continente americano, que dispõe de immensidão territorial, de grandeza de distancias de communicações internas apoucadas, etc.

E' certo, existem paizes como a Alemanha, a Franca, a Italia, etc., que ao envez de acertarem seus passos pela historia pelo caminho descentrico, fizeram ao contrario pelo caminho centripeto, ou concentrico.

Mas são paizes que se desassemelham profundamente da America lusitana. São paizes pequenissimos sem as distancias immensas separadoras dos grupos humanos. São paizes que se cortam de communicações entre os nucleos de população que assim mesclam com intensidade seus interesses economicos e caldeiam suas populações, misturando as suas idéas, os seus costumes, a sua civilisação, etc.

Pensando assim, tendo deante dos olhos o espelho do passado, e as perspectivas do futuro, eu quiz applicar no caso planaltino o que eu via se realizar incoercivelmente alhures.

Com o fim de contribuir á elucidação do gravissimo problema, que se nos depara nesta encruzilhada da vida brasileira, é que reuni os capitulos do presente livro, na presumpção de que elles servirão de alguma fórma para esclarecer o debate, que se irá travando a respeito do assumpto.

O livro presente não é um grito regionalista. Não é uma obra de puro paulistanismo, em que eu reivindicaria justiça unicamente para S. Paulo, cuja situação na União Brasileira, está reclamando uma revisão.

E' antes, uma exposição em que a justiça para todos vem sendo advogada.

Cada povo requer uma organização politica de accôrdo com as condições particulares que lhe são proprias. Se estas, não forem satisfeitas por um regimen correspondente e proporcionado, haverá por força o desequilibrio, e desse desequilibrio a série de eventos, que constituem o máu estar e por fim a anarquia.

Assim a fórma de governo é determinada pelas circumstancias de varias ordens, como por exemplo pelas circumstancias geographicas, sociaes, raciaes, culturais, etc.

Cada povo tem essas circumstancias especiaes a demandar um certo e determinado regimen politico.

Cada regimen politico tem, pois de ser fabricado sob medida para cada povo.

Não é indifferente que cada povo use de regimens proprios para outros povos.

Em these, é facilimo verificar a certeza do que acima ficou dito. Basta uma simples observação, para a verificação da justeza do afirmado.

Assim o Brasil requer uma determinada fórma de governança.

As circumstancias especiaes do Brasil são differentes de qualquer outra região do mundo. As necessidades brasileiras são outras. Não se podem satisfazer, não se podem amoldar a regimens, que não sejam os elaborados de accôrdo com essas necessidades.

Querer que o Brasil se organise politicamente com uma constituição copiada de um parlamentarismo britannico, ou de um presidencialismo norte americano, é querer comprar uma roupa feita. Não haveria equilibrio, e dahi o máu estar e a anarquia seriam fataes.

Assim, o Brasil tem que adoptar uma organização politica de accôrdo com as exigencias das condições que lhe são unicas.

Quaes seriam essas condições?

O Brasil é um paiz immenso, em area territorial. No planeta não se encontra senão a Republica norte americana, que é similar ao Brasil, nesse particular, a China estando em anarquia, a Russia sendo um grupo de paizes, e o Canadá, tendo a maior parte de seu territorio em regiões geladas e despovoadas.

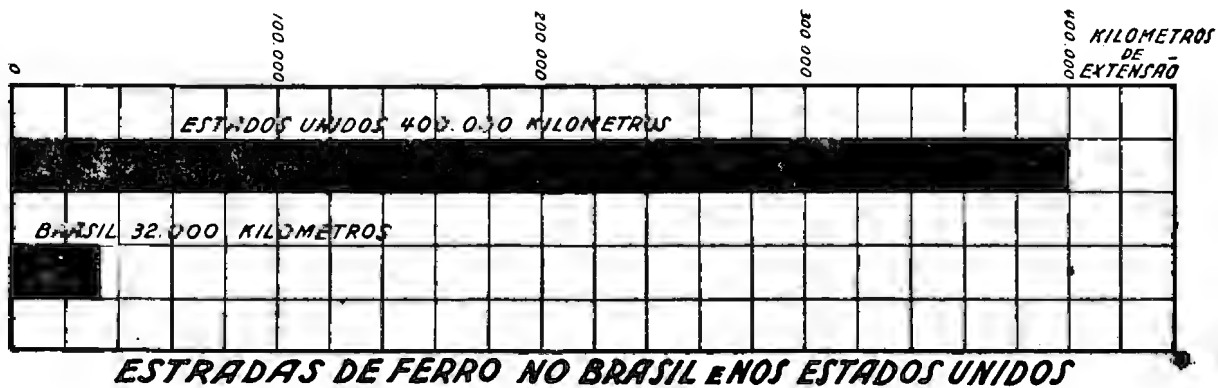
Os Estados Unidos possuem uma área territorial, que é sensivelmente igual á do Brasil. Serão iguaes ás do Brasil as demais circumstancias peculiares aos Estados Unidos? Vejamos. A gente que lá habita constituindo o povo norte americano é similar á que fórma o povo brasileiro?

Naturalmente que é muito differente!

A população lá é muitissimo mais homogenea. A mentalidade norte-americana é muito mais uniforme, muito mais solida. O sentimento geral é mais uno.

Mas como? Não há lá tantos elementos exóticos?

Sim, mas o paiz é muito mais agitado, muito mais vivo. Lá as communicações se fazem com muito mais frequencia. O paiz, lá é amarrado pelas fitas de aço de



400.000 kilometros de linhas ferreas, de 4.800.000 kilometros de estradas de rodagem, além de 93 milhões de kilometros de fios de telegrapho. Com isso, a mentalidade lá é muito mais revolvida e homogenizada.



No Brasil são os nucleos humanos, que se isolam incommunicaveis, tendo o paiz com a mesma área kilometrica, 32.000 kilometros de estradas ferreas, (12 vezes menos do que os Estados Unidos), 56.000 kilometros de estradas de rodagem (90 vezes menos do que os Estados Unidos) e 90.000 kilometros de fios telegra-

phicos ou 1.000 vezes menos do que nos Estados Unidos. Lá, nos Estados Unidos a imprensa tem uma circulação formidável, enquanto que no Brasil a imprensa tem um círculo muito limitado de acção. Lá a pequena porcentagem de analphabetos permite a homogeneização intelectual. A ninguém que tenha um ligeiro conhecimento do que seja o isolamento em geographia humana, póde deixar de ver o que o isolamento do brasileiro, em nucleos, que se não communicam, representa quanto ao conjuncto.

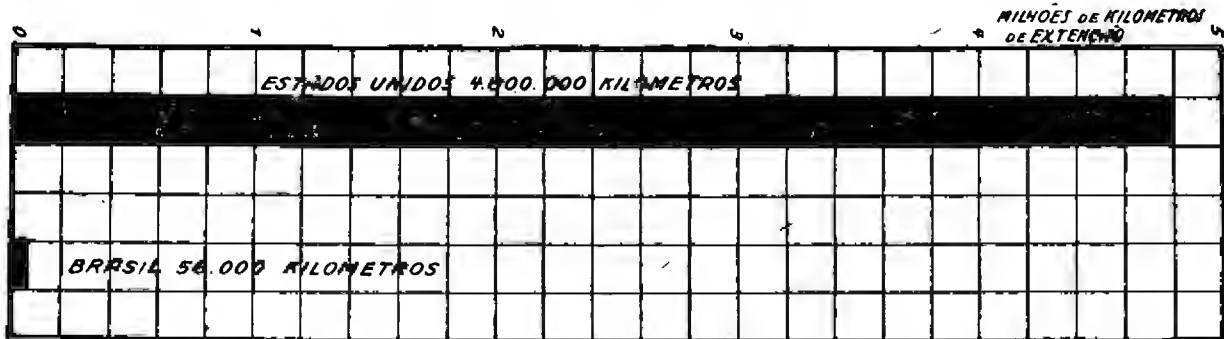
Como querer que um povo, que disponha dos meios de comunicação como o norte americano, tenha a mesma homogeneidade mental que um outro que vive em isolamento, como o brasileiro? Seria desejar um prodigio! Seria querer um milagre!

O Norte brasileiro está lá, sobre o longinquo equador, sem a menor ligação rodoviaria ou ferroviaria com o Centro. Este se liga ao extremo Sul, apenas pelo cordão umbelical e precario que é a São Paulo-Rio Grande. Apenas a navegação de cabotagem, pelo litoral, faz as pessimas ligações, entre as partes brasileiras, que vivem segregadas umas das outras, cada uma com a sua mentalidade propria, com a sua sentimentalidade regional, etc.

Como querer uniformisar todas essas partes, se cada uma dellas modelou a sua particular mentalidade no isolamento a que tem sido condemnada?

Mas essa verdade ainda não penetrou na intelligencia dos que vivem de olhos tapados a buscar exemplos fóra, para querer os applicar ao Brasil.

Quando falam em nacionalidade brasileira, representam-na como se fosse uma entidade tão una, tão sólida, tão compacta como o franceza, a ingleza ou a



ESTRADAS DE RODAGEM NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL

norte americana. Não querem observar com a relatividade, que cousas differentes exigem. Por isso tem sempre a visão deformada. Partindo de um ponto de vista falho, a myopia e o estrabismo são fataes. Jámais podem chegar a uma conclusão exacta.

Para considerar bem o problema brasileiro, é preciso conhecer bem os factores, que exigem ser postos em scena para a elucidação do mesmo.

Não basta uma visão panoramica do paiz, como se este fosse uma área limitada e não abrigasse uma população complexa como é a brasileira, formada de gentes as mais differentes entre si.

E' preciso não se esquecer do que Capistrano de Abreu já dizia no seu "*Capitulos de Historia Colonial*":

"Cinco grupos ethnographicos, ligados pela communhão activa da lingua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturaes da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo Portuguez, aversão ou desprezo NÃO SE PREZANDO POREM UNS AOS OUTROS DE MODO PARTICULAR — eis em summa ao que se reduziu a obra de tres seculos."

Essas palavras de Capistrano espelham uma nitida verdade, que ainda não entrou na intelligencia dos que têm reflectido no problema. (1)

(1) Todo o trabalho de Gilberto Freyre, o magnifico "*Casa Grande e Senzala*", está vasado na influencia dominadora do ambiente externo. E' assim que, data venia eu reproduzo o seguinte trecho desse livro, o qual é bem suggestivo:

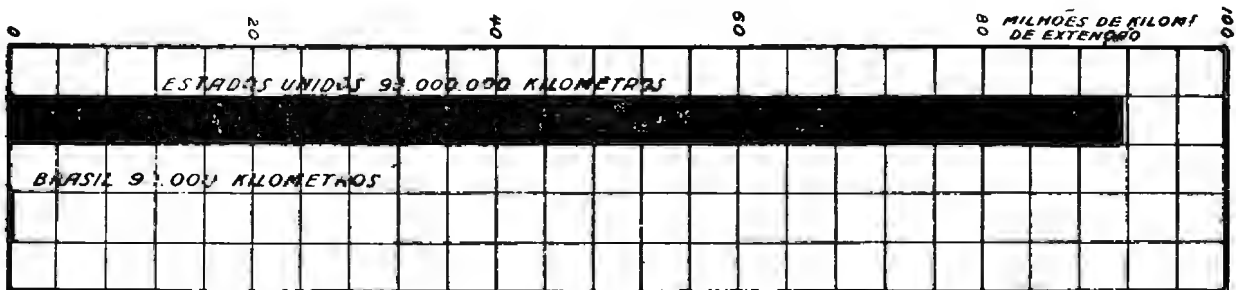
E' preciso encaral-o a frio. E' preciso examinal-o com o espirito livre de prejudgados e de paixão.

Não é mais cousa de professor de Direito Constitucional. A visão do problema escapa á acção do jurista, que terá a missão unica de acondicionar em normas juridicas, o que fôr concluído, pelos observadores de outros phenomenos.

O sociólogo terá a sua parte na solução do problema. Mas é ao mathematico, esse mathematico, mesmo o que sabe realizar as primeiras operações, que compete resolver o assumpto.

“Salienta Spengler que uma raça não se transporta de um continente a outro; seria preciso que se transportasse com ella o meio physico. E recorda a proposito os resultados dos estudos de Gould e de Baxter, e os de Boas no sentido da uniformisação de media de estatura, do tempo medio do desenvolvimento e até, possivelmente, da estrutura do corpo e da forma de cabeça a que tendem individuos de varias procedencias reunidos sob as mesmas condições de “meio physico” (Oswald Spengler - “A decadencia do Occidente”).

De meio biochimico, talvez mais do que do physico; as modificações por effeito possivelmente de meio, verificadas em descendentes de immigrants — como nos judeus sicilianos e allemães estudadas por Boas nos Estados Unidos (Franz Boas - “Changes in bodily forms of descendants of immigrants”), parecem resultar principalmente do que Wissler, chama de influencia biochimica do meio (Clark Wissler, “Man and Culture”). Na verdade, vao adquirindo cada vez maior importancia o estudo, sob o criterio da bio-chimica, das modificações apresentadas pelos descendentes de immigrants em clima ou meio novo, rapidas alterações, parecendo resultar da maior iodina que contenha o ambiente. A iodina agiria sobre as secreções da glandula tiroide. E o systema de alimentação teria uma importancia consideravel na differenciação dos traços physicos e mentaes dos descendentes de immigrants.”



LINHAS TELEGRAPHICAS NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS

Em linhas geraes, até um alumno de ensino primario, pôde comprehender. E' questão clarissima! Está tudo em tanta evidencia!

Por isso é que eu resolvi escrever este modestissimo trabalho, que vae penetrar apenas no terreno elevado das idéias. Não me deixo levar por questões subalternas, nem pela paixão de um doutrinador, e muito menos pela de um sentimentalista.

Falará o manuseador de estatisticas, de algarismos, um observador absolutamente imparcial, de factos sociologicos, psychologicos e economicos.

Não me move o interesse que não seja o da felicidade collectiva.

*
* *
*

Este livro forma systema com outros anteriores que publiquei nesta collecção brasileira. Ainda que verse assumpto diverso é sempre a mesma doutrinação firmada nas linhas basicas que visam explicar o phenomeno consignado nas estatisticas e que é repetido a todo o instante.

O livro sobre as "*Populações paulistas*", esmiuça em todos os seus detalhes a composição quantitativa da gente planaltina em comparação com as de outros grupos humanos conhecidos.

O livro sobre "*Os troncos paulistas e os primeiros cruzamentos euro-americanos*", estuda a formação no planalto de Piratininga da primeira camada da nossa população, sedimentada sobre esta magnifica região geographica.

O livro "*Bandeirismo paulista e o recuo do meridiano*", estuda a magna epopéa desses seculos longinquos.

O livro "*Nossa guerra*" publicado alhures e cuja segunda edição procuro aprimorar e melhor documentar constitue o estudo da nossa maior gloria novecentista.

Todos estes trabalhos reunidos constituem estudos sobre as actividades planaltinas e visam mostrar como se comporta a gente neste ambiente geographico.

Entrego este volume ao publico com igual sinceridade com que fiz acompanhar os anteriores, pedindo para elle a acolhida identica que mereceu da gente desta parte do continente da America do Sul.

*
* *
*

Este trabalho não é assim um manual de estatisticas espelhando a situação actual de S. Paulo. Eu não procurei, com este livro apenas buscar exteriorisar a situação paulista por meio de uma collecta mais ou menos bem ordenada dos algarismos que fazem a sua grandeza e que testemunham a sua pujança. Eu tratei porem de apresentar a situação maravilhosa de S. Paulo como uma consequencia de causas que eu faço por apontar e esmerilhar. Assim o presente trabalho alem de constatar a situação de facto, é ainda uma serie de estudos sociologicos, economicos, demographicos em que se buscam as explicações naturaes do estado actual da situação paulista.

Como um medico a, não só testemunhar o estado de facto do paciente diagnosticando e apresentando a situação exata do mesmo, eu tratei de conhecer e fazer conhecidas as causas desse estado.

O util disso está em fornecer ao estadista elementos para que elle saiba porque isso aconteceu assim a

S. Paulo, fazendo-o ministrar com facilidade a terapeutica se houver algum mal, ou a persistir na linha traçada se houver beneficios.

Quer me parecer que assim procedendo eu faço cousa muito mais aproveitavel para a nossa collectividade paulista do que se apenas apresentasse a situação economica, financeira, humana, intellectual, etc., sem buscar as origens dellas, de modo a não poderem ser as arestas aplainadas, os males desviados, as angustias evitadas, etc.

Os livros e trabalhos apparecidos, mostrando as situações de facto, attingidas pela collectividade paulista são muitos e repetidos os dizeres sobre a grandeza paulista e sobre a superioridade da nossa gente nesta face da America sulina. Todos sabem já as proporções dessa superioridade. Todos os dias estamos tendo manifestações do quanto S. Paulo é pujante.

Não se diz, porém, porque, essa situação assim se espelha.

Está claro que se o estadista souber das causas dos phenomenos, poderá nellas persistir ou evital-as, removel-as, ou ainda incremental-as, accentual-as, alimental-as, ou as deixar agir dando modelagem especial ao grupo sociologico que dirige.

Eu penso, assim prestar um serviço á gente paulista, fazendo-a conhecer a si mesma e, além disso, mostrar o porque dessa situação em que se encontra a nossa gente.

*

* *

Eu li algures, em um dos livros de Fustel de Coulanges, se não me falha a memoria, que ao historiador

necessita ser tão imparcial que deve sobrepor esse sentimento de imparcialidade mesmo ao do patriotismo. E' o que eu faço da maneira a mais rigida possivel.

Verifico e é facil o fazer que os que passaram pelas paginas do passado do Brasil como historiadores, não souberam observar esse sabio conselho do grande mestre francez. Tudo quanto se tem escripto em materia do passado da colonisação lusa na America sulina está bitolado pelas paginas carcomidas da famosa carta de Pero Vaz de Caminha e das letras amarelcidas de Rocha Pitta. Nada disso aproveita ao estudioso do passado e ainda menos ainda ao estadista contemporaneo, que queira buscar na experiencia do passado elementos para a solução de problemas do presente.

E' preciso que os quadros do passado sejam fielmente interpretadas pelo cerebro a raciocinar, deixando de lado o coração lyrico a sentir. Isso só é possivel graças a imparcialidade. Sem ella o caminho errado, prenhe de damnosas consequencias conduzirá a lugar diverso do que foi objectivado e consequencias falsas seriam tiradas.

Não obstante a minha grande dedicação, o meu entranhado amor por S. Paulo, eu objectivei este trabalho dentro das linhas da mais stricta imparcialidade.

Só algarismos alicerceiam as minhas conclusões.

A critica honesta, só poderia ser recebida como tal, se esses algarismos puderem ser atacados. Quem, porventura encontrar alguma cousa nesse sentido, e se manifestar com lealdade, fará obra meritoria, pois que se isso acontecer eu desde já me comprometto a rectificar as conclusões deste livro. Acho difficil, porem, isso acontecer, tal o cuidado que empreguei ao colleccionar elementos para essas conclusões, que por esse motivo são, para mim, scgurissimas.

CAPITULO I

POPULAÇÕES PAULISTAS

§ 1.º — LIGEIRA SYNTHESE HISTORICA (1)

Em 1532 Martim Affonso capitaneando uma vultosa expedição colonizadora das terras luso-americanas, aportou S. Vicente e ahi desembarcou a sua gente firmando este ponto do litoral paulista de hoje, como devendo ser o inicio deste presente grandioso dos nossos dias. Quanta consequencia deriva do facto de Martim Affonso ser aportado justamente em S. Vicente e não

1) A historia tal qual vem sendo ensinada não é, de modo algum, o estudo do passado de uma forma proveitosa para a interpretação do presente e a previsão do futuro. O que se tem feito em relação ao estudo da historia é um desenrolar de factos encomiasticos e patrioticos, seguidos de uma fastidiosa repetição de datas. Sim, de factos encomiasticos para satisfazer o patriotismo lyrico de cada aggregado humano que escreve o seu passado. Hymnos de grandeza, de magnitudes, de bellezas magestáticas aos agentes e ao theatro onde se passam os actos admiraveis do passado. Herões são rememorados com enternecimento! Quadros magestáticos são evocados com paixão! Dramas sombrios a formar o fundo escuro para rosarios de poemas são imaginados com mystico fervor de fanaticos! E entre isso é declamado o "Minha terra tem palmeiras...!"

Essa é a mentalidade dos que se occupam das paginas do passado.

em qualquer outro ponto litoraneo! Imagine-se se Martim Affonso houvesse marcado a sua colonisação em Cananéa em vez de o fazer em S. Vicente, o que teria acontecido? Se esse evento tivesse tido materialisação, quaes as phases da evolução do povo paulista?

Assim, ve-se a importancia maxima desse facto, tão cheio de consequencias no desenrolar dessa evolução de quatro seculos que tem o povo paulista.

Imaginem-se Cananéa, Iguape, ou Itanhaen, como portas de um hinterland como é o paulista de hoje, com o seu desenvolvimento gigantesco! O que se teria passado?

Quaes as acções e as reacções que isso teria determinado no paulatino correr desses quatro seculos?

Mas, sendo assim tão importante o facto de Martim Affonso haver escolhido justamente esse ponto vicentino para arribar a sua empreza colonisadora, pergunta-se qual a causa disso?

Porque Martim Affonso não realisou a “aterrizagem” de seu empreendimento em qualquer outro ponto da costa?

Nós sabemos que ao longo do litoral luso-americano haviam pontos convidativos. O proprio Martim Affon-

Entretanto isso não é historia. Esta só tem interesse pelas causas que determinaram os acontecimentos, ou pelas consequencias que delles sortiram.

Phenomenos que nada produziram de importante, não interessam.

Factos que surgem sem explicação só importa serem conhecidos depois de bem elucidadas as suas origens e sabidos os motivos que os determinaram. Se factos, que não se sabem as causas, salpicam o nosso passado não devemos dar a elles magna importancia. Se no nosso passado existem factos isolados que não se conhecem consequencias é preferivel deixal-os na obscuridade.

E' assim que eu interpreto a historia.

Penso que fora disso ella não tem importancia.

so, esteve com sua gente em permanencia durante longos dias na bahia de Guanabara. Porque não teria ahi se fixado?

Penso que foi o facto de João Ramalho, que então estava integrado aos guayanazes, o motivo basico para que a colonisação portugueza se effectuasse nesse lugar e sobre isso se edificassem tantas consequencias as quaes se multiplicam cada momento que se passa.

João Ramalho, o genro de Tibiriça, homem dispondo de prestigio enorme entre os indios dessa parte da America sulina, teria conseguido que o seu renome tivesse bafejado os recém vindos na bahia da Guanabara em fins de 1531. Ahi teria Martin Affonso sabido que João Ramalho era o grande senhor da região planaltina.

Para o Norte a temperatura era muito quente, pois era em fins de 1531 que Martin Affonso havia perlongado o litoral desde a Bahia até o Rio de Janeiro.

Para o Sul, havia o temor de que a colonisação fosse realisada em terras hespanholas, de modo que Martin Affonso resolveu deixar a sua gente nas proximidades de onde João Ramalho a pudesse auxiliar.

Os companheiros de Martin Affonso de Souza, foram os que são relatados por Pedro Taques e por Silva Leme. Elles onde haviam arribado, firmaram o marco com a fundação da villa de S. Vicente em 1532, de Santos em 1545 e penetraram no planalto no amago do prestigio ramalhano, se estabelecendo ao redor d'elle João Ramalho e de seus filhos, no lugar denominado Sto. André da Borda do Campo. O povoamento ia-se realisando paulatinamente com o filtrar de uma tenuissima corrente immigratoria de Portugal. Para ser emigrante para esses lugares era preciso ter um espirito de especial conformação. Sim, porque para se resolver atravessar os mares, no lenho das caravellas rudimentares

dessas éras distantes, quando as superstições e a ignorancia eram senhoras absolutas de todas as almas, afrontando nesses fragilimos vehiculos toda a sorte de borrascas, para uma região bravia e sem recursos, povoada de anthropophagos e selvagens, era preciso ter uma tempera de audacia e temeridade inimaginavel nos dias de hoje. Tal foi, sem duvida, a selecção que presidiu ao nosso povoamento. Não tivemos degredados nessa incipiente civilisação que se esboçava em nossa terra. E que os tivessemos, as leis de então, dessa epoca longinqua eram ridiculas, ante os nossos espiritos, de modo que a violação dellas não queria dizer infamia perante a nossa moral moderna, mas talvez irrelição, irreverencia em relação a algum dogma do catholicismo, ou alguma ascendencia que aos olhos dos de então era perniciososa, mas que, aos nossos olhos, não é senão um signal de que o semitismo teve grande influxo na peninsula iberica.

O elemento israelita abundou nas primitivas entradas de povoadores a se crer que os povoadores do sólo paulista fossem da mesma extracção que os que nessa época demandaram outras regiões luso-americanas. Pelos documentos encontrados nas visitações do Santo Officio, nos ominosos tempos da Inquisição, os quaes foram publicados pela Sociedade Capistrano de Abreu, ve-se como abundou nessa região das colonias lusas na America o elemento israelita. Creio que na colonisação vicentina, se deu o mesmo phenomeno. E' mesmo possivel que tivesse havido então uma verdadeira selecção a favor das regiões novas. Os elementos israelitas para escaparem das perseguições inquisitoriaes na Europa buscavam as solidões americanas e entre ellas a colônia vicentina.

Assim se procedeu ao povoamento da nossa terra paulista, sem duvida a primeira epopea a aureolar a frente da nossa gente.

O desenvolvimento humano-social das cellulas vicentinas determinaram a expansão. Com ellas houve a ascenção ao planalto e a fundação da agglomeração de Sto. André e depois de S. Paulo em 1554. Então o bandeirismo tocava os seus primeiros accordes, em timidias razzias que se faziam em estreito raio em torno das villas. Em 1562 houve a tremenda arrancada contra S. Paulo, por parte dos indios em revolta e já nos fins do seculo quinhentista aportava em S. Paulo D. Francisco de Sousa que iria imprimir uma nova feição ao bandeirismo.

Os nucleos humanos da colonisação vicentina eram economicamente muito pobres, de que resultava não possuirem recursos para a aquisição do negro africano, cousa ao alcance das bolsas mais recheadas dos colonisadores do norte, então mergulhados na prosperidade com o assucar. Óra, não podendo dispôr do braço negro para attender as necessidades do cultivo de suas rudimentares lavouras, os paulistas se entregaram com afan em conseguir no sertão o elemento aborigena que supprisse o elemento escravo que lhes fazia falta.

Dahi o bandeirismo. Como os jesuitas desejavam conseguir a cathechisação dos indios empregando para isso a doçura, a suavidade, e methodos antagonicos aos paulistas que só usavam da violencia e das guerras, dahi resultou a lucta dos paulistas contra os jesuitas.

Com isso vemos que o bandeirismo, foi uma manifestação das mais excelsas virtudes humanas, manifestando o homem que o praticou, audacia, temeridade, espirito de aventura, bellicosidade, tenacidade, tudo elevado ao maximo indice. Mas querer que o bandeir-

rante tivesse tido por escopo dilatar territorialmente a parte portugueza na America sulina é um absurdo. Nunca o paulista do bandeirismo teve semelhante ideia em mente. Elle obedecia unicamente ao objectivo utilitario-economico, se devotando integralmente ao que pretendia. Foi unicamente com o fito de caçar indios que os companheiros de Raposo Tavares, destruíram Guayrá, Tape, Itatines, ou que o acompanharam na empreitada homérica que foi até o Amazonas ou ainda com esse fito que Luiz Pedroso foi morrer nos Andes. Foi para descobrir metaes e pedrarias que Fernão Dias, os Anhanguéras ou Borba Gato se lançaram nos sertões. Foi para capturar negros que Domingos Jorge Velho esmagou Palmares e foi para arrebanhar escravos que Barbosa Calheiros, ou Estavam Bayão Parente e seus companheiros foram aos sertões bahianos.

Não tenhamos duvidas, essa gente prodigiosa não objectivava engrandecimento de patria nenhuma. Para elles a patria era apenas o torrão paulista que elles em 1641, aclamando Amador Bueno, quizeram fazer independente, ou em 1709 na guerra contra os emboabas quizeram destacar de qualquer outro paiz. Essa patria elles amavam. O resto da America sulina era para elles o theatro para as suas façanhas, mas era tambem o sertão, que elles sempre distinguiam do povoado. (1)

1) Aliás a historia de S. Paulo muito pouco de commum tem com a historia do Brasil. Os capitulos da historia de S. Paulo são partes perfeitamente autonomas sem ligação com o passado de qualquer outro grupo humano, e os que porventura falem de alguém de fóra dizem que esse alguém surgiu na vida paulista como adversario, ou como inimigo, e jamais como alliado.

Aliás já o notavel historiador cearense Capistrano de Abreu no seu *Capitulos de Historia Colonial*", dizia:

"Cinco grupos ethnographicos, ligados pela communhão activa da lingua e passiva da religião, moldados pelas condições ambientes de

cinco regiões diversas, tendo pelas riquezas naturaes da terra um enthusiasmo estrepitoso, sentindo pelo Portuguez, aversão ou desprezo *não se prezando porem uns aos outros de modo particular* — eis em summa ao que se reduziu a obra de tres seculos.”

Vicente Licinio Cardoso, o illustre pensador e sociologo tão cedo roubado pela morte ao nosso convivio, escreveu em palavras marcantes esse estado no seu magnifico livro posthumamente publicado “*A margem da Historia do Brasil*”, pags. 63 a 65:

“AS TRÊS HISTORIAS; OS BRASIS”.

“... Porque tudo indicava e tramava a desagregação: o espirito de federalismo das capitánias; a dualidade de governo inicial; a diversidade de processos da conquista do solo (missões abnegadas ao norte, bandeirantes destruidores da catechése ao sul); a differenciação de climas; a inversão interessantissima de invernos (chuvas), como primeiro observou Liáis, entre o Sul e o Nordeste; as difficuldades de navegação (ventos) impedindo a união ao longo da propria costa, como apontou Southey sagazmente (naquelle ponto em que explicou a subordinação directa do Pará a Lisboa e não a Bahia ou ao Rio); deficiencia e irregularidade de colonisação portugueza; o desequilibrio entre as regiões menos escassamente occupadas; a variedade de culturas; e, sobre modo grave, a febre de ouro e dos diamantes, deslocando abruptamente a séde do governo da Bahia para o Rio.

E, mais ainda, a conquista sulina para baixo de Cananéa pela costa, e de Piratininga, pelo interior, feita á revelia da corte portugueza, e demais em contacto franco com os espanhoes durante mais de meio seculo, como demonstra o episodio de Amador Bueno naquelle gesto dos paulistas denunciativo do interesse pequeno pela denominação portuguesa naquelle tempo em que a restauração era recebida festivamente ao Norte.

De resto, os maiores e melhores depoimentos historicos tornam bem flagrantes as condições propicias ao desmembramento. Quero crer que vos lembreis das palavras do grande Vieira ou daquela outra, menos pomposa e mais honesta, de Frei Vicente Salvador, naquelles pontos em que falou do estado de independencia do Maranhão e Pará em relação ao governo central.”

Não houve passado commum entre as partes do Brasil.

A chamada Historia do Brasil é a reunião de capitulos heterogeneos, referentes á historia de cada um dos grupos sociaes no territorio brasileiro.

Com a descoberta e povoamento do Brasil pelos ibericos esse povoamento se fez, a principio, ao longo do litoral, que era arranhado, como por carangueijos, na expressão de Frei Vicente do Salvador.

Nucleos humanos se isolavam na vastidão do litoral da possessão lusa. Não havia continuidade de povoamento e as communicações entre grupos isolados, só se faziam com grande precariedade por mar e difficilmente por terra.

Esses grupos humanos se iam evoluindo pelas paginas da Historia, com eventos completamente extranhos uns aos outros.

Cada um dos grupos humanos, isolados na possessão portugueza, foi tendo a sua Historia, com as suas epopeas, os seus soffrimentos, as suas convulsões, os seus herões, os seus super homens, os seus idolos, etc.

Os portuguezes sabiamente para impedir a união desses agrupamentos esparsos, haviam erigido um systema de governança, que impedia a ligação entre essas partes. Dahi o regimen das capitánias.

Ellas se entendiam com a metropole lisboeta e a governação central no Rio de Janeiro não tinha alçada sobre as demais capitánias, resumindo-se a sua acção brasileira a muito pouco, além do poder que exercia sobre essa região central.

Assim sendo, cada uma das capitánias brasileiras foi tendo a sua Historia a parte.

A conquista do valle amazonico, é facto absolutamente extranho ao resto do paiz, que chega mesmo a ignorar como ella se procedeu.

Os eventos maranhenses, como a revolta de Beckman, a acção do Padre Vieira, etc., são cousas completamente desarticuladas do resto do paiz e chegam a ser tão exquisitas ao sulino, por exemplo, como as campanhas de libertação de Sucre ou de Bolívar, ou ainda de O' Higgins, ou de Belgrano, são aos maranhenses. (*)

A conquista do Nordeste e seu consequente povoamento é ainda uma pagina do passado, que não enternece os elementos desta parte do paiz, cujos antepassados não foram actores nesse palco.

Nas guerras hollandezas, só por excepção e espaçadamente commungaram nellas as expedições do Sul, que iam em auxilio aos bahianos e aos pernambucanos.

*) "O evidente divorcio que este caso do Maranhão mostra existir entre as grandes unidades administrativas da colonia não é um caso esporadico na tradição brasileira.

"A famosa questão dos índios que, por dilatados annos gerou conflictos entre paulistas e jesuitas, é mais uma prova da tendencia separatista, entre o governo do sul e o do norte".

Sousa Lobo — "S. Paulo na Federação", pag. 21.

Henrique Dias, Camarão, Vidal de Negreiros, Souza d'Eça, Barreto de Menezes, Barbalho, Cavalcanti, Francisco de Moura e outros não logram com seus feitos, arrebatar o entusiasmo do fluminense ou do paulista, que são surdos a essas vozes que tanta bravura e tanto catolicismo evocam ao pernambucano e ao bahiano.

Caramurú, Thomé de Sousa e muitos heróes bahianos, também não resoam bronzemente na evocação do passado, levada a effeito por outros habitantes deste paiz. Muitissimo mais do que elles, são Salvador Correia, Estacio de Sá, Ararygboia, para o carioca, ou Tibiriçá, João Ramalho, Raposo Tavares, Fernão Dias, Amador Bueno, para o paulista.

Nomes como dos padres Miguelinho, Roma, Frei Caneca, Paes de Andrade, Vieira de Mello, e outros são extranhos no Sul; como Gomes Freire, Feijó, Brigadeiro Tobias, Bento Gonçalves, Canabarro, são exóticos no Norte, etc. (*)

*) "Si nenhum vinculo social, nem politico, nem administrativo prendia as unidades da colonia, outro motivo mais grave, de ordem essencial traçava sulcos profundos de antagonismos entre as duas metades do dominio portuguez na America: era o modo como a nação se desenvolvia ao norte, em função directa da metropole e como surgia e se organisava espontaneamente ao sul, com seus proprios recursos". — Lobo, loc. cit. 21.

"... no modo porque vemos o crescer e o formar-se a nação americana, apresentam-se-nos na America Portugueza, como duas grandes provincias, cuja historia é diversa, porque os seus caracteres naturaes adquiridos foram differentes até a unificação sellada com a independencia. Já anteriormente notamos esta diversidade que se evidenciava desde os primeiros tempos coloniaes entre o norte e o sul do Brasil".

Oliveira Martins — "*Brasil e as Colonias*".

"Nesta segunda epoca, em que a occupação e a colonisação se estendem, pelo norte até o Equador, pelo sul até o Rio da Prata, os dois Brasil extremos de outróra, são hoje as duas metade do centro: Bahia-Pernambuco de um lado e S. Paulo-Rio de Janeiro do outro. O estado do Maranhão pelo norte, o Rio Grande pelo sul, constituem as fronteiras dessa nação cujo centro está formado.

Entretanto é fóra de duvida que o dualismo existe ainda no periodo a que agora nos referimos (Brasil pombalino). A nação Brasileira desenvolveu-se colonialmente ao norte, organica e espontaneamente ao sul.

Semi-independente, a região de S. Paulo-Minas, com a bahia do Rio de Janeiro, capital natural do imperio futuro, está na sombra elaborando uma construcção organica: enquanto o Brasil official, o Brasil brilhante, opulento, o Brasil dos vice-reis e governadores, assenta ao norte, na Bahia e em Pernambuco". — Oliv. Martins, loc. cit. 76.

Não póde haver duvidas que sob o ponto de vista historico as nações européas se relacionam muito mais do que as colonias portuguezas na America entre si.

E' certo os paulistas bandeirantistas, fizeram nos quinhentos, seiscentos e nos setecentos a conquista das terras de além Tordezilhas.

Todo o Sul, todo o Matto Grosso e Goyaz, foram elles que buscaram da armas nas mãos, para integral-o na soberania portugueza.

Elles realisaram essa obra de devassamento e de conquista, entretanto, para augmentar as possessões portuguezas, pois que elles ou eram portuguezes, ou filhos ou netos de ibericos.

Não foi para que seus descendentes ficassem escravizados, que elles fizeram prodigios nos sertões da America do Sul.

Se naquellas épocas longinquoas, era possivel tomar, para Portugal, uma tão vasta porção de terras, hoje, quasi trez seculos passados, não será mais possivel, dadas as condições diversas do mundo a continuidade de um unitarismo integral.

As partes que foram paulistas, conquistadas pelos nossos maiores, de ha muito, que nos foram arrebatadas, durante o unitarismo imperial.

O Rio Grande do Sul foi formar outra circumscripção, denominada, a principio, Provincia de S. Pedro. O Paraná, o velho Guayrá, que com tantas e tão ternas recordações tange nos corações paulistas, forma uma circumscripção a parte, desde os meiodos do seculo passado, arrebatado dos paulistas de uma forma que em crudito artigo publicado no "Estado", Eudoro Ramos da Costa, relata. Minas Geraes, que os nossos maiores revelaram ao mundo, foi destacada de S. Paulo, ainda no inicio dos setecentos. Goyaz e Matto Grosso foram igualmente arrancados de S. Paulo. Só restou o terreno pequeno que hoje forma o Estado.

Não foi para isso que os bandeirantes fizeram a conquista de tão vastas terras.

Assim, nessas correrias sertanistas permaneceram os paulistas até o início do setecentismo, quando um objectivo economico mais poderoso chamou a si toda a actividade do paulista, impedindo-a de continuar a se dispersar pela vastidão continental. Foi a exploração das minas de ouro em terras de além-Mantiqueira, nos sertões de Cuyabá, ou nas paragens de Goyaz, que fez com que parassem as caçadas de indios nos sertões da America iberica. Uma vez que as entranhas da terra se mostravam ao paulista mais promissoras sob o ponto de vista economico, para ellas se voltaram todas as fainas. Os mais ambiciosos, os mais aventureiros, se abalaram para as minas. Em S. Paulo, só ficaram os mais timidos, os mais impermeaveis á ambição. Com isso sobreveiu ao planalto o periodo da decadencia. Durante um seculo S. Paulo amargurou essa sotoplanura em que o fizeram cabir a sangria da quantidade de gente que emigrou para os "El-Dorados", como a albuminuria da qualidade de população que emigrou para onde o ouro chamava os mais audazes, os mais valentes e os mais varonis. (1) Com esse phenomeno debilitante, S. Paulo ficou sem poder reagir ante o que Portugal timbrava em fazel-o retornar a communhão portugueza da qual espiritualmente se havia desgarrado.

Nessa lethargia S. Paulo, permaneceu por mais de um seculo, até que no oitocentismo causas varias fizeram o planalto sahir aos poucos da sotoplanura em que era obrigado a se manter: Essas causas foram:

1) S. Paulo chegou a perder, nos meiodos do setecentismo (em 1748), a sua individualidade sendo incorporado ao Rio de Janeiro.

Só mais tarde verificaram os da metropole o erro que isso representava.

a) Augmento da população, graças a immigração e a demographia.

b) Lavoura de café que se formava.

Graças a esses novos elementos que se faziam concomitantes, S. Paulo, ia galgando as primeiras posições no paiz a que politicamente estava ligado.

A raça era formidavel e o ambiente geographico era predeterminado á pujança, e com esses dois elementos S. Paulo attingiu a primeira linha sem que a libertação do negro fosse lhe causar mal, pois que seus estadistas cuidaram a tempo de remediar o que lhes faziam, libertando-lhes o braço de suas lavouras.

A immigração europea suppriu todos esses inconvenientes e S. Paulo foi aos poucos se distanciando aos mais, até que hoje a situação é de só S. Paulo valer mais do que o resto do paiz reunido.

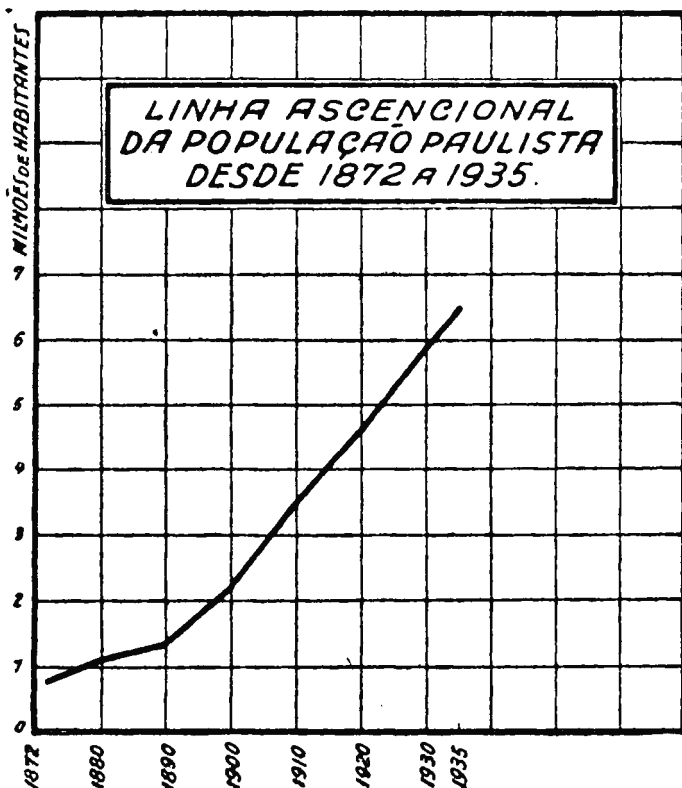
CAPITULO II

POPULAÇÕES PAULISTAS

§ 1.º — DIVERGENCIAS QUANTITATIVAS ENTRE ESTATISTICAS FEDERAES E ESTADUAES

Antes de 1930 já os Annuarios estatísticos provenientes da repartição Demographica Sanitaria do Estado accusavam calculos sobre a população paulista acima de 7.000.000 de individuos. Baseava-se essa repartição em manipular os algarismos referentes a população paulista, nos dados da mortalidade, da natalidade, da municipalidade, bem como nos dados que iam se assentar no Recenseamento federal de 1920, calculando-se sobre elle os augmentos que resultavam do excesso da natalidade que constituíam os saldos vegetativos, e os excessos da Immigração sobre a Emigração. E' assim que já pela ultima mensagem do sr. Julio Prestes, datando de Julho de 1930, S. Paulo Estado tinha uma população que era calculada em 7.160.705 habitantes e a população da Capital era de 1.070.986 habitantes. Isso em 31 de Dezembro de 1929.

Se tivermos como base essa população e a ella accrescentarmos o augmento razoavel em que vinha crescendo a população do Estado, temos que em 1935 a



população do Estado deveria orçar por 8.550.000 habitantes.

Os calculos federaes porem exprimem uma população menor para o Estado de S. Paulo, pois segundo a Directoria Geral de Estatistica cujos numeros referentes a população de todo o paiz são os seguintes no que dizem respeito a São Paulo:

Para 1933 . . .	7.340.900 habitantes	
Para 1934 . . .	7.601.827	„
Para 1935 . . .	7.871.750	„

O Recenseamento estadual procedido durante o período dictatorial, accusou um numero bem menor, pois registrou apenas 6.433.327 habitantes em 1934.

Dahi uma divergencia que não é pequena. Fiquemos porém com o resultado do Recenseamento estadual de 1934 ainda que se reconheça que esse foi feito com muita defficiencia. (1)

1) Antes de serem publicados os resultados do Recenseamento estadual de 1934 um jornal publicou o seguinte trabalho que achei muito interessante e que reproduzo, data venia:

QUAL SERA' A POPULAÇÃO DE SÃO PAULO

Um calculo aproximado, realizado por um funcionario da Repartição de Estatistica

Capital: 1.193.103 habitantes — Estado: 8.077.666 habitantes

Dentro em breve será apurado o recenseamento a que ultimamente se procedeu no Estado e, apesar de suas falhas, é possível que saibamos quantos somos.

A Directoria da Repartição Estatistica e Archivo do Estado acaba de realizar um calculo "a priori", pelos processos mais commummente adoptados, sobre a população do Estado e da capital, embora com a utilização dos dados mais ou menos insufficientes com que se poderia contar.

Essa tarefa coube ao dr. Belfort de Mattos Filho, funcionario daquela Directoria, que escreveu bello trabalho do qual extrahimos o seguinte:

"Qual a população do Estado de São Paulo? Esta pergunta, que vem sendo feita ha varios annos, está prestes a ser respondida.

Não ha duvida de que a divergencia entre as estatisticas federaes e o recenseamento estadual faz com que se procure saber onde está a verdade e com isso

A necessidade de supprir a falta de recenseamentos determinou, ha varios annos, os trabalhos do dr. Antonio de Toledo Piza e dr. Alberto Sousa, nomes assás conhecidos entre os technicos estatistas.

As tentativas de calculo do dr. Piza, em 1897 e 1900, fundaram-se sobre o augmento médio arithmetico, a correção de 20 % e 25 % sobre o recenseamentos de 1872 e 1890, e, ainda, sobre o coefficiente de natalidade.

Alberto Sousa adoptou criterio diverso, baseando-se no movimento extrinseco e intrinseco da população (processo Block), augmento arithmetico médio annual, augmento geometrico, formula mista de Wappaus e coefficiente de natalidade.

Ambos apresentaram, como resultados definitivos, as médias dos valores, obtidos pelos varios processos enumerados.

Divergimos, quanto ao criterio Piza-Alberto Sousa. Não nos parece mais veridica a média, em que entram parcelas, manifestamente exageradas.

Os numeros, obtidos pelo augmento médio geometrico, — variante do calculo dos juros compostos, com o *juro-homem*, capitalizado annualmente, não pôdem ser confrontados com os algarismos obtidos pelo methodo Block, sem artificios.

Essa opinião, corroborada pela mór parte dos estatistas modernos, será verificada, quando tivermos em mãos os resultados finaes do recenseamento paulista.

* * *

E foi com despretençiosa curiosidade scientifica que tomamos a iniciativa de determinar, pelos processos enumerados, os dados censitarios provaveis para o Estado e para a capital, o que permittirá um confronto assás interessante, entre o prognostico estatistico e os dados censitarios reaes.

Evitando erros de imprensa dos relatorios e annuarios, organizados quadros numericos com os dados colhidos nas proprias fontes, refizemos todos os calculos, adoptando como base os recenseamentos de 1900 a 1920.

Determinámos, então, o augmento arithmetico médio, encontrando-o egual a 70,72 % para a capital e 50,6 % para o Estado. Dahi os acrescimos annuaes respectivos de 40.938 e 232.365 habitantes, quótas

se conclua que o recenseamento estadual deva se aproximar mais da situação verídica. Entretanto eu estou na firme crença de que o Estado de S. Paulo possui

fixas que acerescemos annualmente, durante os 15 annos 1920-1935, seguindo o criterio observado por Alberto Sousa, Aldo Contento, etc.

E, partindo de 1920, fomos encontrar, para 1935, as populações seguintes:

	<i>Habitantes</i>
S. Paulo (Capital)	1.193.103
Estado de S. Paulo	8.077.663

Por méra curiosidade, calculámos o augmento geometrico médio, empregando a formula simplificada de Baquero Gil. Os prognosticos são fabulosos e afastam-se de tudo quanto se queira admittir como verosimilhante.

Com $r = 1,09214$ na capital e $r = 1,07242$ no Estado, capitalizando annualmente as populações acerescidas, chegámos aos resultados:

	<i>Habitantes</i>
S. Paulo (Capital)	2.172.076
Estado de S. Paulo	13.106.685

Mas, tentava-nos a formula de Wappaus, encomiasticamente apreciada por Alberto Sousa, que a preferiu aos demais methodos, como se vê nos "Estudos Demographicos".

A mathematica, applicada ao problema, revelou-nos novos coeficientes.

Muito mais baixos que os anteriores, reduzindo-os a 41,42 % para a capital e 33,6 % apenas para o Estado. E vieram os augmentos annuaes de 23.972 habitantes para a cidade e 154.298 para o Estado inteiro. Sommados, annualmente, aos dados censitarios basicos, surgiram os prognosticos abaixo, que nos parecem assás desfavoraveis:

	<i>Habitantes</i>
S. Paulo (Capital)	938.613
Estado de S. Paulo	6.906.658

O "augmento médio annual" poderia fornecer-nos algo de novo e aproveitavel. E, para argumentar, confrontámos os dados publicados pelos annuarios officiaes, durante o quinquennio 1925-1929, deduzindo os augmentos de 44.852 e 304.870 almas, para a capital e para o Estado, respectivamente.

uma população muito maior do que o Estado de Minas Geraes. Essa crença arraigada se assenta não só, no estado agrícola em que se encontra S. Paulo, roçando

Suppondo-se esses accrescimos constantes, ao fim de 6 annos, isto é, em 1935, deveríamos contar com:

	<i>Habitantes</i>
S. Paulo (Capital)	1.340.098
Estado de S. Paulo	8.989.925

Deixamos para apreciar, em ultimo lugar, a previsão pelo methodo M. Block. Aconselhado e applicado em varios paizes, o referido processo determina o *quantum* da população, baseado no movimento intrinseco e extrinseco da mesma.

O primeiro elemento, como se sabe, tambem denominado *crescimento vegetativo*, *physiologico* ou *natural*, é constituido pelo saldo dos nascimentos sobre os obitos, occorridos annualmente.

O movimento *extrinseco* ou *migratorio* é dado pelo saldo ou *deficit* dos immigrantes sobre os emigrantes, entrados e sahidos de um territorio em estudo.

A população de um anno qualquer será egual á somma algebraica de população do anno anterior, saldo do crescimento vegetativo e saldo do movimento migratorio.

A' primeira vista, nada mais logico nem mais seguro. Na pratica, porém, surgem osbtaculos quasi invenciveis.

Facil de controlar o movimento migratorio pelo porto de Santos, torna-se desde logo difficil de registrar a vinda ou o escoamento de levas de colonos, através das fronteiras inter-estadaes.

Como determinar com rigor o numero de camaradas, capatazes, peões, etc., que rumam para S. Paulo, ou delle sahem pela Central do Brasil, pelas linhas Mogyana, Noroeste, Sorocabana, attrahidos pela alta de salarios ou escorraçados pela crise do café?

Entabellados os dados demographicos a partir de 1893, tivemos que suspender o nosso registro de 1929, anno em que deixaram de ser publicados os trabalhos de estatistica demographica.

Quanto ao movimento migratorio, não nos foi possivel obter dados completos, a não ser os obtidos no porto de Santos, onde se totalizaram as entradas e sahidas, durante o periodo 1893-1933.

Verificámos, então, que nesses ultimos 40 annos, o saldo de colonos entrados superou de 932.606 o de individuos sahidos, o que não se pôde adoptar como total verosimil para o movimento global.

em alguns lugares do seu territorio com o estado industrial, o qual é o mais concentrador de populações, estando Minas Geraes, ainda em fase cultural inferior, pois está mergulhado no estado pastoril, o qual não é dos que mais requer densidade de gente, mas ainda em estatísticas. Manoel Olympio Romeiro "S. Paulo e Minas na Economia Nacional". No anno de 1930, foi pu-

Supprimindo a lacuna do periodo 1930-1934, determinámos o crescimento vegetativo pelo augmento medio annual e, feitos os demais calculos, fomos encontrar, pelo processo Block, a população:

Estado de S. Paulo: 5.074.150 habitantes.

Bem se vê quão longe do total censitario deverá estar o referido prognostico. E assim se patenteia o grande desfalque que decorre da falta de arrolamento dos colonos em transito por via ferrea e de rodagem, aos quaes já nos referimos.

* * *

Mas, estamos a ouvir a pergunta, que o leitor repete impaciente: — Qual a população do Estado de S. Paulo?

Fundamentámos, ainda que succintamente, cinco respostas "diversas", apesar de assentes em base scientifica e desenvolvidas segundo processo tecnico. Mas, qual a preferivel? A menos inverosimil? A mais exacta?

Podiamos apresentar ao leitor a media de 5 resultados, como o fizeram Piza e Alberto Sousa.

Preferimos não fazel-o, deixando aos estudiosos o encargo de apreciar e escolher. Mas, dadas as causas varias e os indices que nos induzem a formar um juizo a respeito, parece-nos que os "valores calculados pelo augmento arithmetico médio" serão aquelles que mais perto estarão dos resultados censitarios, ora em apuração.

Esperemos, pois, a palavra da Commissão de Recenseamento e teremos o ensejo de verificar qual seja o prognostico preferivel para o nosso Estado.

*

* * *

blicada a seguinte estatística federal referente a 1929, a qual é deveras concludente:

	<i>Nascimentos</i>	<i>Obitos</i>	<i>Casamentos</i>
Alagoas	33.837	18.890	6.132
Amazonas	12.354	6.626	2.282
Bahia	126.537	58.591	21.875
Ceará	54.817	31.051	10.307
Dist. Fed.	43.734	31.628	8.121
Esp. Sto.	20.645	8.211	4.151
Goiaz	23.906	7.992	3.982
Maranhão	32.333	24.888	6.095
Matto Grosso	10.495	3.963	2.246
Minas Geraes	216.457	102.837	41.601
Pará	40.242	23.968	6.754
Parahiba	36.682	21.283	7.825
Paraná	34.675	15.444	6.426
Pernambuco	80.525	47.286	16.054
Piauhy	22.924	12.295	4.760
R. de Janeiro	56.089	35.494	12.101
R. G. Norte	23.799	13.171	4.206
R. G. do Sul	105.594	44.381	18.754
Sta. Catharina	35.182	14.914	5.791
S. Paulo	244.141	117.072	50.174
Sergipe	16.791	7.914	3.628
Acre	3.177	1.734	619
Total (1)	1.274.627	649.523	243.884

(Esta estatística é Federal e consta da Mensagem em que o Presidente da Republica em 1930 relatou ao Congresso os negocios publicos).

1) Graças aos dados dessa estatística official consegui apurar a fecundidade de cada Estado, dividindo os nascimentos pelos casamentos, obtendo dahi o numero de filhos por casal, o que figura no quadro

Óra por essa estatística insuspeita verifica-se que, S. Paulo accusa 244.141 nascimentos, enquanto que Minas Geraes apenas accusa 216.457. Isso seria uma anomalia, caso Minas fosse mais povoado que S. Paulo, pois é sabido que a gente em estado inferior de civilização é mais prolífica, e ninguem pode honestamente contestar que o paulista se situe em fase mais adiantada de cultura do que o mineiro, que está ainda na

abaixo, e os quaes devemos comparar com os dados de varias nações: (Ellis, "Geographia Superior e Estatística", 200 a 202):

MEDIA GERAL DO BRASIL: 52	
Alagoas	5,5
Amazonas	5,4
Bahia	5,7
Ceará	5,3
Districto Federal	5,3
Espirito Santo	4,9
Goyaz	6,0
Maranhão	5,3
Matto Grosso	4,7
Minas Geraes	5,2
Pará	5,9
Parahyba	4,6
Paraná	5,3
Pernambuco	5,0
Piauhy	4,8
Rio de Janeiro	4,6
Rio Grande do Norte	5,6
Rio Grande do Sul	5,6
Santa Catharina	6,0
São Paulo	4,8
Sergipe	4,6
Acre	5,1

Essa media geral do Brasil está em correspondencia com o gráu de civilização da gente que habita esta face do continente da America sulina. Compare-se essa media com a consignada por outros povos.

infancia da civilização. Mas além desse indicio veemente o qual por si só seria sufficiente para se alicercar sobre elle uma certeza de população maior a favor de S. Paulo, temos que este Estado accusa 117.072 obitos, emquanto que Minas apenas constata 102.837 obitos. Ora sendo S. Paulo um Estado onde as condições sanitarias são muito mais aperfeiçoadas e os elementos medicos muito mais efficientes, evidenciando uma mortalidade maior, faz com que se chegue á certeza de que a população paulista é de facto muito maior, tanto mais que o numero de casamentos é em São Paulo de 50.174 e em Minas de 41.601 apenas.

Isso tudo está a nos obrigar á certeza de que a população paulista é de 15 a 20 % maior do que a de Minas.

§ 2.º — GENTE PAULISTA

Vimos o numero dos habitantes do planalto de Piratininga; firmamos o ponto de vista sobre a quantidade dos occupantes do torrão paulista. Falta cuidar da qualidade dessa gente, que mora nesta região, que como mais adiante irei mostrar é privilegiada.

Não é no referente a quantidade que o grupo humano planaltino mais se destaca, esta é sem duvida uma das suas faces de relevo, mas, devemos convir, é uma face pallida.

A população planaltina mais se destaca é na sua qualidade, como vamos ver.

Quem habita a região planaltina é o paulista, esse homeriada que se salienta marcadamente no scenario do mundo pela impressionante actividade de sua effi-ciencia incomparavel.

As populações paulistas para serem analysadas devem ser divididas em duas repartições que de facto formam o bloco monolithico perfeitamente soldado a constituir a gente da nossa innegualavel "*republique-ta*", com cerca de seis e meio milhões de habitantes, segundo o recenseamento realizado em 1934:

a) os paulistas preexistentes, cujos primordios já estudei em livro anterior a este. (1)

b) os paulistas provindos de immigração recente. (2)

Aquelles são os chamados paulistas de "quatrocentos annos". São elles, os paulistas que vieram do bandeirismo, da mineração, da plantação da lavoura de café, esse prodigio oitocentista da nossa historia que nos enche de tanta ufanía. Seus antepassados, viram o povoamento nascente, naquelles rebordos vicentinos, quando a faixa alvinitente do lagamar da capitania de Martim Affonso se pontilhava dos primeiros povoadores que aportavam ventureiros, nos primordios do seculo de Anchieta, de João Ramalho, de Nobrega, de Tibiriçá, de Pequeroby, dos guayanazes lendarios. Seus antepassados, viram o bandeirismo tamborilhante, a sahir daquella cornucopia de heróes que foi a nossa immortal Piratininga, a patria dos maiores homeriadas sul-americano. Seus antepassados, viram os faisqueiros e mineradores do ouro a descobrir, debruçados sobre seus soccavões, os pactolos bojudos, que foram dourar a corte dos Braganças portuguezes. Seus antepassados, viram a guerra dos emboabas, com as suas batalhas hor-

1) "*Troncos paulistas e primeiros cruzamentos*" (Coll. Brasiliana).

2) Eu já estudei essa segunda camada de modo igualmente mais minucioso em livro publicado na Collecção Brasiliana: "*Populações Paulistas*".

ripilantes, os seus mulatos bahianos e pernambucanos, seus reinóes, os exercitos de Calibans que os forrasteiros moviam contra a gente sahida do nosso augustal planalto. Muito delles tombaram nos refolios das traições desses emboabas maquiavelicos. E' por isso que nós nunca nos esqueceremos do Rio das Mortes, do Capão da Trahição, da Ponta do Morro. Ahi se passaram capitulos de tragedia que Dante não viu no inferno da sua Divina Comedia.

Seus antepassados viram a derrubada da matta do nosso interior.

Eu ainda estou a ouvir o rimbombo socturno da quêda dos jequitibás nas nossas florestas, tendo como côro o rilhante machadar nos troncos bojudos das perobeiras, das jangadas, ou das cabreuvas! Elles em lugar dessa selva que derrubavam plantaram o maior monumento agricola do mundo, que é a lavoura de café paulista. Eis os paulistas de 400 annos. Eram ibericos com mestiçagem com o indio guayaná ou o guarani, daquelles arrebanhados pelos bandeirantes seiscentistas nas suas avançadas pelas selvas da America do Sul. Gente de escol, essa gente paulista oitocentista, que foi a dos nossos recentes antepassados, esses que formam os alicerces de uma das camadas da nossa ethnia. Amorenados pela raça e atrigueirados pelo sol dardejante do nosso hinterland, elles exibem os titans paulistas da nossa pujança. Grandes, de barbas ao vento, pareciam guerreiros odinicos a frente de cohortes de caboclos paulistas, esses infatigaveis batalhadores da nossa grandeza. Eu ainda tenho dessa gente a impressão nitida na retina, pois conheci muitos dessa legião indomita. Meu avô foi um delles, meu pae foi outro e com elles tantas dezenas de paulistas formaram

a phalange oitocentista que ergue os creditos da nossa prosperidade. *Quantos são os dessa estirpe?*

O recenseamento federal de 1872 registrava000, dos quaes apenas 50 % eram de pura raça branca, sendo 20 % de negros, e 21 % de mulatos. Isso a com que 435.000 fossem brancos, 174.000 fossem negros e 182.000 mulatos.

Era essa, mais ou menos a repartição demochromica da nossa gente.

A elevada proporção de negros e mulatos se justificava pela lavoura de café. Os paulistas quinhentistas, oitocentistas das épocas primordiais da nossa terra, não tinham dinheiro para comprar negros na Africa ou no Brasil, por isso caçavam indios e dahi o bandeirismo. Os paulistas não se faziam corretores do sertão, unicamente que gostassem desse nomadismo guerreiro, mas a necessidade de braços, essa necessidade que ainda está a nos premir, os obrigava a correr pelas terras castelhanas.

Mais tarde o ouro dos alluviões setecentistas porem nos trouxe aos nossos avós o dinheiro para poderem comprar negros na Africa ou no Brasil. Como o trabalho rural paulista, com a abertura da industria agricola de café exigia mais gente, o paulista se dispoz a injectar dinheiro no nosso hinterland. Isso foi feito em tal escala que Paulo foi dos lugares onde mais abundou o negro America portugueza, se enfileirando ao lado de Minas Geraes, do Districto Federal, do Rio de Janeiro, da Bahia e do Maranhão.

Mas o nosso planalto é uma região predestinada, pelo seu clima, pelo seu sólo, pela sua natureza, e a nossa gente era agglomerado humano que não se misturava, que não se igualava na America do Sul. Parecia "vinho de outra pipa", "farinha de outro sacco".

O metal, a tempera, a liga, da gente paulista em tudo e por tudo differia de qualquer outro aggregado humano na America do Sul. (1)

1) Nos quatro primeiros seculos, para cá só affluir, o elemento hispanico, não como gente de immigração, na accepção restricta do termo, mas como povoadores dos quaes provimos. O portuguez do Minho, do Douro, do Alentejo, das Beiras, do Algarves, do Traz os Montes, dos Açores, e da Madeira, aqui se fundiram com os hespanhóes da Andalusia, da Galliza, da Granada, da Extremadura, e das Castellas, que sem distincção de proveniencia iberica, no planalto paulista, se nivelaram e compactamente se encorporaram aos portuguezes e juntos absorveram e diluiram o sangue indigena que nesse dois primeiros seculos se infiltrou no organismo sadio e forte da gente hispanica. No planalto, apagaram-se os odios do portuguez contra o hespanhol, e do castelhano contra o lusitano, nessa região de promissão esqueceram-se as animosidades, morrendo nas quebradas do Paranapiacaba, e nas fragas do Cubatão, os écos longinquoos, dos prelios estrepitosos, e das lides estrondosas de S. Mamede, e de Aljubarrota.

As duas correntes provenientes dos dois povos, se uniram no planalto, resultando o iberico, que da infusão do indigena resultou o paulista.

Nas éras planaltinas primordiaes, foi o indio o braço rural. Trazido dos descimentos bandeirantes, elle foi o elemento de trabalho das lavourinhas do planalto, e o soldado das organizações semi-militares das entradas.

Com o advento do ouro, e do conseqüente abandono da caça ao indio, surgiu, em massa, o negro.

Foi a immigração africana.

O negro foi o braço, operoso, humilde, robusto, e formidavel, de que todos se recordam.

Como outróra Portugal esteve pejado do africano, assim se saturou o Brasil do negro. A principio abundando apenas, nas lavouras de assucar de Pernambuco, e da Bahia, esses foram os seus primeiros nucleos de expansão. O ouro das minas foi o segundo grande fóco, que adensou no centro brasileiro o africano, e as grandes lavouras de café do Rio e de S. Paulo, foram o terceiro e ultimo dos grandes centros do elemento negro no Brasil, sem falar da Capital do paiz entreposto e mercado importador dessa cara mercadoria humana.

No norte, o negro mais antigo, e numeroso se mestiçou com o branco, e quiza mais intensamente com o indio, de modo que hoje é

Por isso a nossa gente já havia começado a corrida para a prosperidade.

difficilmente encontrado em estado de pureza absoluta, como tambem nessas regiões é o branco puro, difficilmente achado.

Em Minas, o negro, embora no processo de caldeamento, ainda esparsamente, perdura em estado puro, cercado de uma infinidade de mulatos de todos os padrões da dermochromia, e da morphologia capillar. Isso tambem se dá na Capital do paiz.

Em S. Paulo, porém, por circumstancias varias, o negro, mais recentemente importado, e talvez tambem em numero muito maior, dada a importancia economica da lavoura de café, sobre os demais estabelecimentos da industria rural, ou extractiva, vae desaparecendo muitissimo mais rapidamente do que nas demais regiões apontadas. Não será tanto, pela mestiçagem, e consequentemente por absorpção que esse phenomeno se dá, porquanto se assim fosse teriamos os vestigios concludentes nos mestiços, mulátos, pardos, etc., os quaes proporcionalmente são quasi que imperceptiveis em S. Paulo.

A principal causa do rapido desaparecimento do negro em S. Paulo, repousa em outros factores.

So é innegavel, que a mestiçagem e a absorpção encorporou um certo contingente negro na população paulista, é tambem positivo que a força das seleções, evidentes e palpaveis, é dos factores mais importantes na eliminação do negro no planalto paulista.

A tendencia notoria do negro para o alcoolismo, é sem duvida uma força eliminadora e enfraquecedora potente de individuos dessa raça, mas não é ella a principal. O alcoolismo, existe no Brasil em toda a parte, assim como essa intemperança do negro é evidente tambem em todas as regiões onde elle existe. Em Minas, no norte do Brasil, na Capital do paiz, e em S. Paulo, o alcoolismo entre os do sangue africano é um facto innegavel, sendo que, talvez, mesmo a escala desse alcoolismo, seja em São Paulo, muito menor do que nas demais regiões.

Entretanto é aqui que o negro desaparece, emquanto que mais demoradamente perdura nos outros Estados.

A força eliminadora do negro, não sendo a que repousa no alcoolismo, pois que em maior intensidade ella se exerce nos demais recantos do Brasil, sem lograr os resultados que aqui vem sendo observados, nos obriga a procurar o phenomeno em differente causa.

Oliveira Vianna e muitos outros já tem estudado esse problema, mas o tem feito genericamente a todo o Brasil, tentemos pois o fazer em relação a S. Paulo apenas.

A meu ver a causa primacial do desaparecimento do negro, sem deixar vestigios de mouta, repousa em duas origens que se conjugam,

A nossa gente já vinha em galões successivos passando todos os demais contingentes luso-americanos sob o ponto de vista economico. Eis que em 1888, surge a

de clima e de altitude, as quaes no Negro, geram a tendencia á tuberculose e a outras affecções do apparelho respiratorio, que os elimina rapidamente, a ponto de não poderem ser absorvidos pela mestiçagem, não ficando delles signaes, portanto.

* * *

O negro não supporta o clima do planalto paulista, sem que lho resultem perturbações psicologicas taes que o não deixam sobreviver. O clima do planalto paulista, que repousa nas variações bruscas, devido a intermittencia com que sopram o frigidido vento sul, e o noroeste fervente o abrazador, exigem um apparelho respiratorio resistente e adaptado a ellas.

Todas as raças do climas frios, e mesmo temperados, possuem o nariz leptorrhinico, isto é, longo e estreito, conformação nasal essa que permite uma aspiração do ar frio e humido o qual é aquecido antes de attingir os bronchios.

O negro com um apparelho respiratorio constituido para o clima africano com um nariz chato e curto, não pode impunemente supportar um regimen de temperaturas que se alternam profunda e rapidamente. (Ripley, "*The races of Europe*", 566).

Jousset affirma que os negros têm o thorax menos desenvolvido, e que, o seu poder respiratorio é menor, do que os das raças européas. Elles respiram menos livremente, e a sua pelle é mais densa de modo que a oxygenação pelos pulmões é mais necessaria, o que os torna excessivamente sensiveis ás mudanças de athmosphera (Jousset, "*Traité de l'acclimatement, et de l'acclimation*", 85 e 111; — Hunt, "*On ethno climatology, etc.*", 131).

A essa circumstancia oriunda da anthropo-physiologia em relação á climatologia, accresce a da altitude do nosso planalto. O negro não supporta as altitudes em climas que não os africanos. Jousset, loc. cit., 341, diz que, mesmo na Africa a altiude de 1.000 metros é fatal ao negro. Talvez, por esse motivo, não poude se realizar o projecto de omigração de 20.000 negros do Alabama, e do Mississipi, para as regiões altas do Estado de Durango no Mexico. Wallace, confirmando essas idéas, cita Spruce, a proposito da enorme mortalidade do negro nas plantações de café da Colombia, situadas a cerca de 4 a 6 mil pés de altitude.

Essas seriam as causas primaciaes da eliminação do negro no Estado de S. Paulo. As nossas estatisticas comprovam bem essas asserções.

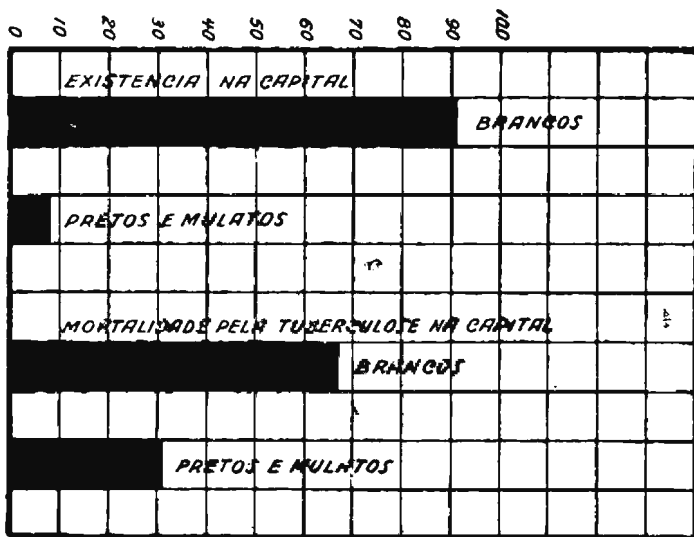
famosa lei de 13 de Maio. Isso determina a immigração, mas em 1890 quando se operou o recenseamento federal, ainda a immigração não havia se precipitado.

Então os paulistas eram 1.390.000 habitantes dos quaes 63 %, ou 875.700 brancos, 15.7 %, ou sejam 218.130 mulatos e 12.9 %, ou sejam 179.310 negros. Dahi conclue-se que houve um grande augmento no numero de brancos os quaes tiveram um desdobramento em 18 annos apenas. O numero de mulatos teve ligeiro augmento e o de negros permaneceu estacionario. E' isso que se vê do quadro annexo que eu organizei de accôrdo com dados dos Recenseamentos Federaes de 1872, com elementos tirados da "Historia do Brasil" de Rocha Pombo, referentes ao anno de 1890, e com elementos fornecidos pelo pernambucano Coronel Dr. Lobo da Silva, os quaes foram provenientes de exames procedidos em recrutas do exercito e publicados nos Archivos do Museu Nacional de 1931.

Por ahi se verifica o quanto S. Paulo vem alvejando a sua população, mas tambem verifica-se que esse processo de alveijamento não se accelerou de 1890 em diante com a immigração fazendo em 40 annos o elemento negro cahir de 12.9 % para 6.0 % e o elemento mulato cahir de 15.7 % para 12.0 %.

Ora, nos 18 annos que antecederam 1890, o inicio da immigração, já o elemento colorido ia em progressão descendente mais rapida, pois o negro que era 20 % da população passou a ser 12.9 %, e o mulato que era 21 % passou a ser 15.7 %. O branco que era 50 % apenas em 1872, passou a ser, 18 annos depois, 63 % tendo tido um augmento de 13 % em 18 annos, enquanto que com a immigração de 1890, em 40 annos, apenas augmentou para 82 %, isto é, um augmento de 19 %.

Com isso ve-se que não foi a imigração que mais clareou a população de S. Paulo. Ella já vinha se alvejando rapidamente antes que a imigração tivesse tido lugar. Não é pois a imigração a credora principal de ir o paulista se diversificando do brasileiro. O paulista já caminhava nessa senda. A imigração apenas o confirmou nella, mas não innovou.



Mas, além disso, outras conclusões podemos tirar do que ahí fica.

Com isso vemos que em 18 annos houve um dobramento da população de paulistas brancos, e se essa marcha tiver continuado, e nada nos faz crer que ella não tivesse, nós conjecturamos que em 1908, isto é, 18 annos depois de 1890, o numero de paulistas brancos, conservando a mesma progressão crescente, fosse de

1.750.000 indivíduos. Dessa data a mais 18 annos, isto é, em 1926, continuando a mesma progressão crescente em que vinha desde 1872, nós encontramos os paulistas brancos, de pura estirpe em numero de 3.500.000 indivíduos. (1) Se nos transportarmos para 1935, e conservarmos a mesma linha ascendente de crescimento na população de paulistas de velha estirpe nós vamos encontral-os em numero de 4.375.000 indivíduos, isto é, 66 % da população de 6.500.000 apurada em 1934 para o Estado, ficando 34 % da população, isto é, o restante para o elemento negro, mulato, e proveniente da immigração recente.

Isto evidentemente é a theoria que nos faz concluir. E' possivel que não haja exatidão na sua correspondencia com a verdade; em todo o caso, todos os methodos theoricos de que lançamos mão nos dão identicos resultados. O elemento paulista no Estado regula mais ou menos por 2|3 emquanto que o elemento pro-

1) A esse proposito convem citar o que diz o illustre escriptor Gilberto Freyre, em "Casa Grande e Senzala":

"Vi uma vez, depois de mais de tres annos macissos de ausencia do Brasil, um bando de marinheiros nacionaes — mulatos e cafusos — descendo não me lembro si do S. Paulo ou do Minas pela neve molle de Brooklyn.

DERAM-ME A IMPRESSÃO DE CARICATURAS DE HOMENS.
E veiu-me a lembrança a phrase de um livro de viajante inglez ou americano que acabara de ler sobre o Brasil "THE FEARFULLY MON-GREI ASPECT OF THE POPULATION". A mizegenação resultava naquillo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929, Roquette Pinto aos aryanistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafusos os individuos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafusos e mulatos doentes".

veniente de immigração recente e ou elemento colorido, deve orçar por 1|3. (1)

Quanto a segunda camada constituidora da gente paulista é referente a que veiu recentemente, principalmente composta de gente exotica a estirpe iberica.

Em theoria essa gente teria cerca de 1.457.000 de individuos.

Vejamos a proveniencia dessa gente.

Em 1890, com a libertação do negro, teve inicio a onda immigratoria.

Desde então, S. Paulo recebeu até o anno de 1932 os seguintes emigrantes:

Italianos	938.000
Hespanhóes	383.000
Portuguezes	400.000
Brasileiros	318.000
Japonezes	115.000
Austriacos	37.000
Diversos	292.000
Não especificados	138.000
	<hr/>
Total	2.623.000

A maior parte desses immigrante volveu a origem, ou morreu sem deixar vestigios entre nós, de modo que eu calculo que 66 % do total da nossa população tenha uma origem paulista e só o restante seja a contribuição do exotico na formação da nossa gente.

1) Examinando milhares de nomes de sorteados para o Exercito, de alumnos de gymnasios, etc., encontrei apenas 25 % de nomes denunciando origem italiana.

É bem certo que, isso em theoria, pois que como sabemos o elemento provindo da immigração recente está tão entrelaçado com o preexistente que é verdadeiramente impossivel se fazer um calculo com certo viso de exatidão a respeito da dosagem de cada um no tocante á formação do paulista actual. A primeira vista pode parecer que os numeros que acima eu mostrei como devendo ser em theoria os referentes á nossa gente são muito optimisticos em relação ao paulista de 400 annos e muito pessimistas em relação ao concurso da segunda camada, isto é, da provinda da immigração recente na formação das populações paulistas. Se porém nós tivermos em mente os baixos coefficients da fixação dos elementos que nos buscaram e que de 1908 a 1932 nada menos de 470.000 nos abandonaram pela emigração, sem aqui deixar vestigios na estirpe ethnica, comprehende-se que não devemos andar longe da verdade em calcular respectivamente em 66 % e 34 % o concurso na chimica humana de cada uma das camadas formadoras do paulista de hoje.

Mas que especie de gente é a que veiu pela immigração recente commungar connosco no planalto paulista?

Temos em primeiro lugar o elemento italiano. (1)

1) Por grande felicidade nossa, ao se libertar o negro, amputando-se bruscamente á lavoura, o braço de trabalho, a Italia, politicamente recém-unificada, formidavelmente adensava a sua população, que precisava de um escoadouro, que desse vazão a esse crescimento espantoso. Em 1890, quando iamós receber o italiano em larga escala, já os Estados Unidos da America do Norte haviam recebido 182.580 immigrantes italianos, de modo que S. Paulo não foi a primeira região a receber a immigração italica.

Entretanto, o que aqui tem acontecido com essa immigração italiana e com qualquer outra que nos tem procurado, não é dado a ninguém observar em outras regiões. O italiano, que se tem dirigido aos

Justamente quando nós os paulistas tínhamos necessidade de braço, formado no planalto uma zona de baixa pressão attrahidora de immigração, sugadora de correntes humanas, a península italiana soffria de um

Estados Unidos, é o verdadeiro immigrante, o mesmo acontecendo com o que procura a Republica Argentina; — ao passo que, os que para cá tem vindo, não se tem limitado a exercer as funcções de immigrante em busca de trabalho renumerado, elles são verdadeiros colonisadores, authenticos povoadores, e prehenhem a mesma missão dos ibericos de outros tempos. Firmam-se ao sólo, e apoz haverem durante largos annos trabalhado nos latifundios caféeiros, se tornam proprietarios, e transformam-se em nacionaes.

Nos Estados Unidos, os italianos, apenas ganham uma somma, que pela differença cambial, na Italia, poderá lhes servir de capital inicial, voltam á patria e ahí se firmam, pelo que deixam de ser colonisadores, para ser o que os americanos pittorescamente denominam, "*birds of passage*" (Hall, "*Immigration*"), cousa em que, os italianos são especialistas. Muitos vão e voltam e tornam a ir, seis, sete, e mais vezes.

Naturalmente, a força de tanto ir, muitos se incorporam finalmente á população americana, mas a grande parte, a immensa maioria, não chega a cortar o cordão umbelical que os liga á patria.

Na Argentina, observa-se, quasi que, identico phenomeno. Os immigrantes sahem da Italia, para colher o trigo argentino, ganham os salarios e tornam á Europa. Por isso a população argentina, ha muito que está nos 11 milhões. Em alguns annos, o balanço das entradas e sahidas na Argentina, tem, mesmo, resultado deficits, contra a immigração.

Dir-se-á que esse phenomeno que acontece em S. Paulo a proposito da immigração italiana, é o natural resultado da cultura do café, que constituiu o motivo das immigrações. Cultura essa peronne, que necessita do braço para a colheita e para o trato annual, cousa que não pôde dispensar o immigrante, que assim tem trabalho remunerado o anno inteiro.

Se esse argumento pôde colher em relação ao que se passa com os immigrantes na Argentina, onde a cultura do trigo, só exige o braço para a colheita, faltando ahí uma industria organizada que occupe os braços excedentes da lavoura, parece que, o mesmo não se dá em relação aos Estados Unidos, onde os italianos, em vez de se entregarem á agricultura como no Brasil e na Argentina, preferem os centros urbanos, onde trabalham sob contractos (Hall, "*Immigration*"). Nos Estados

mal que era exactamente o inverso do nosso. Lá havia superpopulação. Lá havia alta pressão demographica. Lá havia necessidade de expansão humana, sob pena de explosão.

Unidos a immigração italiana, tem de preferencia se localisado nos Estados industriaes do nordeste, como New York, Pennsylvania, Illinois, Connecticut, New Jersey, Massachussets, etc., seis Estados de grande concentração industrial, e de nulla agricultura, onde em 1900, estavam localisados 74.7 % dos immigrantes italianos nos Estados Unidos, emquanto que nos outros Estados onde a agricultura era predominante como na Luisiana, no Ohio, ou na California, só existiam então 10.6 % dos immigrantes italianos. (Hall, loc. cit.).

Talvez, seja esse o motivo da não fixidez do italiano nos Estados Unidos.

Ficam nas industrias, nos centros urbanos, nessas grandes agglomerações dos Estados da New England. Ahi embora encontrando um trabalho permanente, não são immediatamente ligados por solidos laços que os prendam ao paiz de immigração, não são logo absorvidos, immediatamente assimilados por questões de antagonismo ethnico-psychologico, etc., em um meio que profundamente se desassemelha do seu, e assim, apenas reuñem elles um modesto capital, tornam á Italia.

Em S. Paulo nada disso acontecendo, o italiano, se accomoda com tal rapidez, se assimila com tal presteza, que a porcentagem dos que ficam é grande. Certo, a cultura permanente do café, é um magnifico elemento de retenção, mas não é menor o meio, com a sua identidade com o italiano, o organismo social, a lingua affim, os costumes, e mais ainda o grande poder de assimilação que têm os paulistas, de fundo iberico, que sem escrupulos raciaes se ligam a qualquer gente, seja ella qual fôr, cousa que, não se dá com o norte americano, que apesar de tudo ainda conserva o fundo orgulhoso do britannico.

Por isso, os resultados da immigração italiana, em S. Paulo, não podiam deixar de ser os que aponto, em tão flagrante contraste com os evidenciados na Argentina, o nos Estados Unidos.

Emquanto que nós encorporamos immediatamente o italiano ao nosso organismo ethnico, a Argentina não faz o mesmo, pela intermitencia da sua cultura do trigo, e os Estados Unidos, não só pela sua organização de trabalho, como tambem pelos seus preconceitos raciaes, pelas suas poucas affinidades ethnicas, pela sua pouca elasticidade, que determinam essa impermeabilidade aos cruzamentos com outras raças quaesquer que não sejam de fundo, germanico ou keltico.

Da coincidência concomitante desses dois phenomenos a immigração correu impectuosa e revolta da Italia para cá. Mas que gente era a italiana?

Gente de estirpe mediterranea na maior parte, desse typo iberico meridional atrigueirado que já conheciamos pelo portuguez ou pelo hespanhol, com ella vinha tambem gente do typo alpino, esses brachioides tarjados de louro, de olhos claros dos pés do Carso, dos Julianos, ou dos Apeninos, dos rebordos do Pó, do Brenta, do Tagliamento ou do Piava.

Mas que psychologia trazia essa gente que vinha dos alcantis rochosos dos Abruzzo ainda com o éco dos cantares maviosos dos rebordos fumarentos do Vesuvio, com a retina ainda impregnada do "mare nostrum" mais azul do que o céu que ia tocar nos niveos rochedos tyrolezes?

Por certo essa gente trazia uma alegria que se transparecia nas melodias com que suas sampho as a gemer tarantélas vinham temperar a tristeza melancolica e sizuda do paulista sempre de sobreceño carregado.

Por certo que essa gente trazia das plagas longinquas do Adige, das margens tépidas de Volturmo, ou das ribanceiras amenas do Tibre, aquelle espirito febricitante de trabalho e de ambição e subir, e enriquecer, que tão bem se casava com actividade do paulista. (1)

1) A immigração é sem duvida um dos mais transcendentaes problemas da nossa expansão economica. A ella, certamente nós muito devemos da nossa actual prosperidade.

Merece, ella porém, ser estudada, ainda sob um aspecto, igualmente de summa importancia que é o que se refere a sua influencia na nossa formação ethnico-social. De facto, a immigração não nos traz sómente o braço imprescindivel para a nossa lavoura ou a nossa in-

Mas com tudo isso é preciso que se saiba que o italiano que aqui aportava em fins do século passado

industria, é ainda a ella em grande parte que temos de recorrer para o povoamento do nosso vasto hinterland, ainda com diminuta densidade de população. Se para a importação do braço productivo, agrícola ou industrial, não nos interessa saber das condições ethnicas e sociaes do immigrante, a introdução do elemento humano, para o povoamento ou a colonisação, requer um meticoloso conhecimento da gente que incorporamos á nossa população, e a quem entregamos o papel de formadores das nossas populações de amanhã. Um estudo, uma analyse, o um conhecimento exacto da gente que recebemos, fazem-se necessarios a bem do nosso futuro e a bem da nossa nacionalidade.

Assim, para que o immigrante como povoador ou colonizador satisfaça as nossas necessidades é preciso apenas que elle ou a sua prole peream os caracteristicos da nacionalidade de origem; abandonem o seu idioma primitivo de origem, os seus costumes, as suas tradições, etc., e se deixem assimilar, pelos paulistas, de modo que dentro de algum tempo, desapareçam os traços de um agente extranho á nossa comunidade para só se revelar um todo compacto e homogéneo de paulistas.

Isso seria certamente o ideal do processo de assimilação.

S. Paulo, tem recebido intensamente o italiano, e o iberico, o allemão, o syrio e o japonês, mais recentemente do que aquelles. Ora desses elementos, os coefficients de permeabilidade á assimilação, variam muito. Uns se deixam logo incorporar á nacionalidade com perda da origem estrangeira, outros resistem mais dando mais trabalho á assimilação que por isso é mais demorada, etc.

O meio mais seguro, de assimilação, e que mais rapidamente faz perder a nacionalidade do immigrante deturpando-lhe mesmo a propria raça, na accepção zoologica do termo é certamente o cruzamento de uns immigrantes com outros de outras proveniencias que embora não se façam assimilar tão promptamente, entretanto fazem abalar a fixidez racial de origem de ambos os elementos que se cruzam.

O cruzamento, pois deverá ser estudado, como meio de se conhecer a permeabilidade á assimilação.

Houve-se habitualmente falar em raças, que não se deixam assimilar, que não cruzam, que se enkystam, que não abdicam a primitiva nacionalidade, a qual transmittem aos seus filhos, etc. Isso se diz até em pleno recinto do Parlamento Federal. Por enquanto ainda ninguem appareceu estribando essas asserções em algarismos e em estatisticas. São simples affirmações sem sustentaculos e por isso mesmo não podem ser levadas a sério.

não trazia um espirito de patria bem definido. De facto a Italia era ainda uma méra expressão geographica.

S. Paulo, região de intensa immigração, para onde affluem vultuosos contingentes estrangeiros, cujas raças se poderiam contar ás dezenas, ainda não creou um Instituto Scientifico, onde fossem estudadas todas essas questões referentes ao immigrante sob os pontos de vista zoológico-social, e fornecidos elementos especializados aos nossos dirigentes, habilitando-os a proceder clarividentemente.

O simples exame por alto, nos primeiros individuos de uma corrente de immigração, não pode servir de base a conclusão, afim de ser determinado o seu gráu de permeabilidade á assimilação. Varias são as circumstancias que deveriam ser pesadas para o estudo da questão.

Assim os immigrantes, italianos, hespanhóes e japonezes, sendo contratados nos paizes de origem, como braço de trabalho para as nossas lavouras, são trazidos em familias já constituídas, de modo que elles em grande maioria, são individuos já casados, não podendo assim, logo após a sua chegada evidenciar uma elevada proporção de cruzamentos com nacionaes, a menos que se queira admittir a bigamia. A familia do immigrante já vem constituída de modo que para que os cruzamentos comecem a apparecer intensamente é preciso se esperar em média duas dezenas de annos, afim de que os filhos das familias vindas, quer os nascidos em além-mar, quer os já nascidos aqui, atinjam a idade de procreação, e se liguem aos individuos preexistentes. Só então o processo assimilador se fará sentir. Antes disso, só casos esporadicos e sem significação apreciavel, se farão notar, quando de todo não passam desapercibido, o que não póde servir para julgamento seguro.

Segundo o Recenseamento Federal de 1920, eis a proporção de individuos dos dois sexos segundo as nacionalidades existentes em S. Paulo:

	<i>Italianos</i>	<i>Hespanhóes</i>	<i>Syrios</i>	<i>Japonezes</i>	<i>Portuguezes</i>
Masc. . .	214.468	92.446	25.575	14.167	101.915
Fem. . .	184.329	78.847	12.375	10.268	65.283

Por essa estatistica ve-se que os italianos, hespanhóes e japonezes têm o numero de homens quasi igual ao de mulheres, o que quer dizer que vieram em familias, já constituídas, ao passo que os syrios e portuguezes, o numero de mulheres é muito menor do que o de homens, sendo que entre os syrios é mesmo de metade apenas o que quer dizer que teriam vindo muitos homens solteiros, e portanto os portuguezes e syrios principalmente deveriam se cruzar muito mais intensamente do que os italianos, hespanhóes e japonezes que já vinham casados.

Politicamente a unificação se havia feito pelo Resurgimento, nos ultimos instantes que precederam a emigração de lá. O renome militar italiano não trazia recordações de grandes glorias colhidas no campo de lucta. As victorias de Solferino, de Magenta, de Palestro, de San Martino, tinham a sua contrapartida nas derrotas de Custoza e de Lissa. Emfim não haviamos recebido italianos com esse espirito nacional endurecido, mas sim calabrezes, sardos, apulios, basilicatos, napolitanos, romanos, toscanos, genovezes, venezianos, lombardos, friulanos, ou tyrolezes. E' que o espirito nacional não havia se feito ainda na Italia, onde uma nacionalidade não havia se firmado com nitidez. Alem disso os immigrants italianos eram humildes pois vinham de gente pobre e rude, mal limada, sem cultura, de modo que não tinha a lhes recordar gloriosos feitos de altisonancia bellica. Apenas alguns garibaldinos se vestiam em dias de festa com aquella famosa camisa vermelha e se alinhavam a sombra de algum estandarte multicolorido e de aureas bordaduras, ao som de alguma banda Fieramosca.

Nisso deverá repousar a idéa basica de quem queira conhecer o grau de permeabilidade á assimilação por cruzamento. Querer empregar uma só medida a todos os elementos immigratorios, exigindo um numero identico de cruzamento logo ao inicio da corrente immigratoria, é desejar um absurdo.

As condições pois em que vieram os immigrants, e principalmente a data em que começaram a engrossar as correntes immigratorias, são elementos que não devem ser postos á margem sim, embora as condições de imigração do italiano, do hespanhol e do japonéz sejam identicas, isto é, tenham vindo já em familias constituídas com poucos elementos solteiros, os resultados não podem ser observados igualmente, porque o italiano iniciou a imigração em S. Paulo em larga escala desde 1890 ao passo que o japonéz só em 1916 começou a se fazer notar com incremento entre os immigrants. Não se poderá exigir, pois, sem grave injustiça os mesmos resultados para ambos os elementos.

Oh, as bandas Fieramosca! Como me recordo dellas com saudades! Ainda na minha infancia, que era tambem a idade do berço da assimilação do elemento italiano, eu as alcancei. Então, as bandas Fieramosca abundavam em S. Paulo e seus musicos com os seus chapéus negros e lustrosos com suas pennas de gallo, elles bigodudos, muito ventrudos a soprar em seus trombones e bombardinos, acompanhavam os enterros, com suas marcha langorosas e funebres!

Mas o italiano vinha bem distinctamente separado em duas camadas. Os italianos da alta Italia, e os italianos da baixa Italia. Aquelles eram mais altos, mais louros, mais vermelhos, mais adiposos, mais claros, mais delicados, mais instruidos, mais industriosos e mais urbanos. A elles devemos em grande parte o surto maravilhoso das nossas lindas cidades, a maior das quaes é a nossa adorada Piratininga que passa do seu primeiro milhão de habitantes. A elles devemos, em grande parte, o augmento espantoso do nosso parque industrial. Foi essa gente vinda da planicie lombardo-veneziana, esses aportados da Toscana, esses parmegianos, esses padovanos, esses montovanios, esses genoveses, que fizeram sahir dos centros commerciaes paulistas, aquelles antigos commerciantes lusitanos, carranças e tradicionaes a monopolisar o commercio de objectos que importavam de alem mar. Quereis o italiano da alta Italia?

Eil-o em suas aranhas de rodas muito pequenas com seu cavallo tordilho muito alto, a trotar desabaladamente pelas nossas ladeiras a correr as freguezias dos seus açougues, ou as suas construcções! Eil-os a vender peixe, fructas e vassouras ou a amolar facas e thesouras!

O italiano da baixa Italia, esse era profundamente rural como o paulista.

Eil-os morenos de cabellos e bigodes negros, sobraçando seus podões ou as suas enchadas a partir pelos carriadores dos cafesacs. São os famosos calabreses, ou os renomeados napolitanos, que tão bem se adaptaram ao nosso meio agricola!

Esta foi a primeira phase da magnifica immigração italiana.

Elles a principio não se casavam com paulistas. Era natural. Vinham em familias de 4, 5, 6, 7 e mais pessoas. Todos os chefes casados, com seus filhos pequenos. Elles eram bem patriarcaes e deveriam ter sido assim os nossos avós portuguezes desses primeiros annos no quinhentismo. Colonos dos nössos velhos latifundios agro-pecuarios, esses italianos patriarcaes se estabeleciam nos antigos solares paulistas nas suas casinhas caiadas de branco, mas em torno dellas havia um quasi que dominio delles. Eram os seus paiões, os seus chiqueirões, a sua horta, os seus pomares, os seus cercados, os seus pastos. Ahí elles feudalmente commandavam e se iam aos poucos enriquecendo e envelhecendo, com sua ninhada de filhos. Eil-os donairosos, em seus trajes domingueiros a fumar seus cachimbos asphixiantes, montando seus cavallos, nos quaes iam fazer compras nas villas ou nas cidades dos arredores das fazendas! Haviam recebido seus pagamentos e iam dispender o necessario para o passadio do mez nas vendas citadinas ou engordar o seu pé de meia em algum banco italiano urbano, pois que ha muito que não enviavam dinheiro para a Italia. Atraz desses senhores colonos, iam a pé as suas esposas. Precocemente encarquilhadas, cheias de filhos e vazias de vaidades, trabalhavam na roça de sol a sol a ajudar seus maridos e

assim iam caminhando para o espigão final da vida, com um único ideal: enriquecer. Esses homens da baixa Italia, eram como os lusos nossos antepassados muito autoritarios e violentos, senhores absolutos em suas familia e rixentos nas reuniões domingueiras que faziam com seus patricios em torno de garrações que esvasiavam com presteza e principalmente com fortaleza. Essa era bem a gente que nos serviu para completar o nosso quadro demographico. Gente quasi que em tudo semelhante a iberica, ella ia bem se synchronisar com a nossa gente paulista injectaudo-lhe sangue novo, energias novas, ambições novas.

Não é verdade que essa corrente immigratoria italiana, haja afastado o caboclo paulista, o isolado e triste desbravador dos sertões.

Não, o italiano do sul, dessa Italia maravilhosa e calida se misturou bem com o nosso homem rural, esse caboclo de pelle semi-curtida pelas maleitas e pela motuca. Mas só agora depois de passada a epoca das primeiras ondas, e depois de terem os filhos desses italianos attingido a idade da adolescencia essa synchronisação teve incremento.

Eis um mutirão na beira de um rio, onde se ergue uma choça coberta de sapé de um caboclo do nosso meio campezinol

Lá está o chefe da casa, glabro, tismado pelo sól tropical, com seu cigarro de palha a enovelar aquelle ambiente festivo onde uma samphona preludia as notas de uma valsa, dessas enrodilhantes, que é a musica dos sertões paulistas.

As filhas do caboclo, moças muito formosas, desse moreno cor de jambo, pallidas por via das maleitas, mas muito requestradas pelos filhos dos colonos italianos

aquelles mocetões vigorosos e corados, enroupados de escuro, com seus cinturões enfeitados de botões brancos e seus sapatões amarellos de elastico.

Nas cidades tudo ia marchando de modo diverso.

A principio saturava o ar um grande amor a dinastia dos Savoia. As folhinhas, os chromos multicoloridos, recordavam as effigies de Humberto Primo, do bigodudo Vittorio Emmanuel II, o vencedor de tantos prelios ardidos naquellas ribanceiras do Pó, ou do Adige, ainda emolduradas por lendas de heroisimo vigoroso.

Depois, isso já na segunda decada do nosso seculo, quasi que haviam desaparecido òs velhos colonisadores. Não havia mais banda Fieramosca, não havia mais garibaldino, não havia mais bersaglieri, não havia mais enterro musicado em S. Paulo, mas em compensação haviam os famosissimos Juó Bananere a fallar aquella algaravia, mixta de resquícios de italiano com um portuguez descuidado e tosco.

Hoje já nem se houve mais essa algaravia, tão doce ás nossas recordações! Ella foi morrendo com o desaparecimento dos velhos patriarcaes colonisadores italianos. A segunda e mesmo a terceira geração de italianos, isto é, já de filhos e netos de italianos substitue aquella que eu conheci na minha infancia. Oh, como é doce recordar, aquelle passado tão ameno! Mas como é encantador o presente que aquelles colonisadores italianos nos proporcionaram!

Nunca se viu exemplo tão perfeito de assimilação de una nacionalidade a outra como foi a gente italica para a gente paulista. Hoje, como é fagueiro pensar! Os filhos desses italianos são bem nossos irmãos!

Mas não é para menos! Seus paes foram os companheiros inseparaveis dos nossos, lá naquelles dorsos

ondulados dos quaes se escorriam as filas de cafeeiros alinhados como se fora o pelo de um animal bravo em repouso. Juntos, elles pelejaram o mesmo combate contra essa natureza, que era a mãe selvagem desse animal bravo. O suor desses italianos colonizadores se misturou com o dos nossos paes no regar semi-secular dessa terra roxa do nosso interior. Foi com esses italianos de eleição, que os nossos paes soffreram todas as vicissitudes, todas as mortificações que as intemperies não lhes poupavam.

Ah, eu me lembro bem, daquellas apavorantes geadas, aquellas seccas terriveis ou aquelles trepidantes granizos que destruiam, em poucas horas o esforço herculeo de tanta gente em communhão estreita, lá naquelles rincões ensolarados do Mogy-Guassú!

Mas não é para menos! Esses filhos e netos dos velhos italianos colonisadores foram os nossos companheiros de infancia. Com elles crescemos nos terreiros das fazendas, com elles demos os primeiros passos nas letras como as primeiras corridas nos rebanhos de cabritos, através dos carriadores que se despenhavam das pedreiras, naquellas lombadas ingremes desse nosso interior de magia.

Mas não é para menos! Esses filhos e netos dos velhos colonisadores italianos foram os nossos inseparaveis companheiros nos bancos collegiaes nos folguedos da adolescencia rumorosa, como nas Academias e nas luctas da vida pratica, essa que corre diuturnamente por entre escolhos e rosas. Com esses filhos e netos dos velhos italianos temos vivido no acompanhar simples da escalada da vida.

Mas não é para menos! Esses filhos e netos de italianos, desses velhos colonisadores foram os nossos companheiros na guerra de 32. Quando foi preciso S. Paulo

lançar o grito de guerra appellando para o tributo de sangue da sua heroica mocidade, então os descendentes desses velhos italianos não trepidaram um só instante. Connosco elles se alistaram pressurosos nas phalanges que partiam para a guerra. Eu os tive lado a lado na fôrnalha das batalhas em que me empenhei.

Era então de vel-os hombro a hombro com os demais paulistas, esses que se dizem de 400 annos, esses outros filhos de syrios, de teutonicos, ou de japonezes!

Juntos todos supportavam todas as agruras da guerra, todas as arestosidades daquelles momentos angustiosos em que não se sabia bem se era o fim da vida ou o principio da morte. Com os mais, soffreram os descendentes dos italianos colonisadores, as mesmas horas anciadas, correndo os mesmos perigos, vivendo com elles os mesmos martyrios, vencendo as mesmas victorias, se alegrando pelos mesmos motivos, ou ainda se deleitando ante as mesmas noticias.

Todos tinham os mesmos anhêlos, suspiravam pelas mesmas esperanças, imaginavam os mesmos capitulos para o futuro glorioso do nosso S. Paulo, e se acalentavam ante as mesmas ideias.

S. Paulo era assim, homogeneo, uno, compacto com toda a sua vibrante mocidade em torno da maravilhosa bandeira das treze listas.

S. Paulo ha de ser sempre assim ainda que aparentemente a politica haja produzido a malfadada divisão. Esta é só a superficie, ella não tem importancia, pois os desviados da mentalidade geral são muito poucos.

Era natural que com essa gente se fizesse um bloco granitico de solidez inamolgavel.

Tal é o paulista. Tal é a conjunção das duas camadas, uma a dos preexistentes, essa de origem ibero-

americana, e a outra a recentemente vinda das plagas exóticas. Nós passamos em rápida revista a gente italiana, a mais numerosa, a mais importante, a mais antiga em commungar connosco, mas com as demais se deu, ou antes vem se dando os mesmos phenomenos.

S. Paulo assimila tudo. S. Paulo transforma todos em paulistas. O nosso ambiente é como se fora um papel matta-borrão a sugar a gente exótica e a os transformar em paulistas, sim em paulistas porque nunca viram outras terras das quaes só tem noticias pelo fisco ou pelo éco das balburdias em que allures são orquestradas em muitos diapases. (1)

1) Tem-se creado um verdadeiro "tabú", a respeito de assimilação de correntes de immigração. Affirma-se com uma leviandade unica que ha determinadas correntes immigratorias que são inassimilaveis, incaldeaveis, formadoras de kystos, etc. Nada mais falso. Não ha correntes immigratorias, raças ethnicas, civilisações, estirpes raciaes, inassimilaveis, incaldeaveis, etc. Nada disso é verdade. Quem nos ensina é a observação, é a experiencia.

O que ha é meios sociaes mais ou menos inassimilaveis, ambientes sociaes mais ou menos impermeaveis. Esses sim se fazem mais ou menos plasticos aos elementos exóticos. Ha gente, que, em certos ambientes são inassimilaveis, apparecem como que dotados de grande rigidez, com characteristics nitidas, perfiladas em linhas implacaveis e que transplantadas para outro meio se torna ductil, fusivel, caldeavel, etc.

O vulgo habitualmente affirma a existencia de raças e do povos que não se deixam assimilar, no paiz de immigração.

Entre nós, sem o menor discernimento, dizem que a japonez é inassimilavel, pelos seus characteristics de nacionalidade.

Nada mais errado. Não são raças determinadas, ou antes, não são povos que pelo arraigamento de seus costumes, de seu idioma, de sua civilização e de sua religião, de tudo enfim que caracteriza a sua nacionalidade, que são inassimilaveis.

O principal factor, para que não se diga radicalmente o unico factor, da inassimilização é o ambiente, ou o meio social. Este é que predetermina as consequencias decorrentes de um movimento immigratorio.

Ensina-nos a historia e o presente com uma clareza e uma nitidez taes, que admira não hajam suas lições brotado conhecimentos nos

A immigração hespanhola foi mais ou menos similar a italiana. Começada mais tarde um pouco do

espíritos desses palradores habituacs do que o japonéz ou syrio, etc., são inassimilaveis entre nós. Conhecem-se povos, actuaes, para não recorrer ao passado, que secularmente vivem enkystados entre outros, ás vezes da mesma raça, da mesma religião e da mesma lingua, etc., sem que se hajam caldeado ou misturado. Pois bem, apenas modificados os ambientes sociaes esses mesmos povos, que secularmente se repelliam, como dois pólos electricos oppostos, se misturam, se assimilam, com uma facilidade notavel.

Assim nada mais relativa do que essa questão de assimilação.

Tudo quanto a priori se diga a respeito dessa questão é sem base e eivado de erros, muitas vezes os mais grosseiros.

Assim vejamos.

Nas Ilhas Britannicas, dois povos das mesmas raças (dolico-lourado-lolico-morena), de costumes semelhantes, obedecendo as mesmas instituições, apenas divergindo no tocante aos idiomas e ás religiões: o inglez e o irlandez; — durante quasi 10 seculos se odiaram, se repelliram, e encarniçadamente se bateram em luctas cruentas e em lides memoraveis, sem que um accordo ou entendimento puzesse termo a essa separação. Durante quasi mil annos, o inglez e o irlandez se tem conservado inassimilaveis. Um ao lado do outro, apenas separados pela intransponivel barreira do odio.

Pois bem, esses mesmos inimigos emigrados para os Estados Unidos, esquecem todo esse passado rubro, para se unir indissolavelmente em uma communhão na qual os elementos componentes são absolutamente indistinctos.

E' que o ambiente social americano tornará possível o que na patria de origem sempre fora um absurdo.

Na velha Russia vinte milhões de polacos viviam enkystados, recebendo a herança de mais de 12 seculos de inassimilação, ao lado de outros slavos como russos, tcheco-slovacos, ruthenios, etc., gente da mesma raça, do mesmo idioma, de costumes identicos, etc., só divergindo a religião de cada um.

O odio, as luctas, as dissensões, etc., sempre foram barreiras á assimilação mutua dessa gente, que examinadas aos olhos do vulgo, que levanamente se deixa levar pelas opiniões aprioristicas, seriam absolutamente inassimilaveis.

Entretanto, levados para a America pela emigração tem-se visto esses mesmos polonezes, russos, tchecos, ruthenios, etc., entrar para a communhão americana, completamente esquecidos dos velhos e entranhados

que a italiana, ella apresentava os mesmos indices que a sua congenera. Cerca de 370.000 hespanhóes foram introduzidos em S. Paulo.

preconceitos; para essa mesma communhão americana que absorve o judeu polaco, perseguido pelos "pogroons", mas que não póde assimilar os 15 milhões de negros enkystados.

Esses mesmos italianos tão presados como immigrantes e colonos, não podem escapar á citação.

Varios milhões dolles, na Lombardia, na Venezia, no Frioul, no Tyrol, no Trentino, na Carniola, e em Trieste, durante largos annos foram subditos dos Habsburgos austriacos, gente da mesma raça alpina, da mesma religião catholica ultra-montana, só divergindo nos idiomas.

Em odios, luctas e dissensões saturou-se a athmosphera dessa gente encorporada á monarchia da aguia bicephala, sem que o menor preludio de assimilação pudesse ser vislumbrado.

Entretanto ninguem ainda se lembrou de accusar o italiano de elemento indesejavel por inassimilavel. Pelo contrario, o italiano é tido como dos elementos migratorios dos mais plasticos.

Allemaes, ilhados na immensidão hungaro-rumaica da Transylvania do vale do Theiss, ahí vivem, ha mais de oito seculos sem mistura, não obstante serem todos alpinos, e obedecerem aos mesmos costumes. Não se uniformisaram elles com os húngaros e com os rumaicos, no tocante ao idioma e a religião.

Não obstante esse exemplo notavel, os allemaes nos Estados Unidos se caldeiam aos milhões com os demais elementos da gigantesca nação.

Eis que não se póde predeterminadamente dizer; tal povo ou tal raça se enkysta, sem que primeiro se estude os resultados da convivencia desse povo ou dessa raça com a gente do paiz da immigração.

Assim entre nós, ninguem poderá dizer que o japonéz é inassimilavel sem que, antes, estude e analyse os resultados da immigração japoneza.

Para isso seria preciso um estudo minucioso, baseado em estatisticas, etc., antes do que, porem deveria ser fixado o conceito do que seja assimilação.

Quaes os contornos do que se quer chamar assimilação?

Quer me parecer que assimilação é o processo pelo qual estrangeiros immigrantes se transformam em nacionaes.

Essa transformação póde ser realizada pelo cruzamento de estrangeiros com nacionaes, e pela educação.

O cruzamento é na verdade um poderoso agente de assimilação.

Ainda que gente mais semelhante a paulista pelas naturaes affinidades ibericas que possuimos pelos nossos ancestraes, entretanto esse elemento iberico, não veiu tão plastico quanto o italiano. E' que vinha de um reino secularmente constituído; elle vinha com um espirito nacional endurecido a sombra de um passado em que havia homogeneidade de historia, de literatura, de tradições, de folk-lore.

Por elle individuos mestiços podem se tornar nacionaes não obstante um dos paes ser estrangeiro.

Parece-me todavia que o agente mais eficiente é a educação.

O individuo sendo filho de paes estrangeiros, e sem caldeamento pôde ser um nacional. E' este o processo que mais tem concorrido para a nacionalização dos filhos de italianos entre nós.

O filho de paes nipponicos pôde ser um nacional, dependendo do nosso meio social em educal-o, etc.

Assim para se conhecer o gráo de fusão do nipponico seria preciso se estudar e analysar:

a) caldeamento do japonez com o paulista;

b) a mentalidade dos filhos dos japonezes, educados no nosso meio social.

Essas analyses deveriam ser feita profundamente, e por gente capaz, de comprovada competencia. Para o primeiro item deveriam ser levados em conta dois factores de grande interesse:

a) a idade da immigração;

b) a forma da immigração.

Assim um elemento immigratorio mais velho, deveria em regra apresentar, porcentagem de cruzamentos mais elevada.

Tambem se uma dada immigração é composta em alta dóse de elementos solteiros, é natural que apresente maioria de cruzamentos sobre uma outra que se constitua de gente com familias. Assim os portuguezes que vem, em immensa maioria solteiros tem fatalmente que se caldear em dóse mais elevada do que os italianos que immigram por familias.

Com esses elementos, nós temos que, os nipponicos como immigrantes são novos entre nós, pois datam elles de menos de 50 annos. Não é possível collocal-os em pé de igualdade com os italianos que conosco convivem ha 50 annos. Os japonezes, como os italianos, têm immigrado em familias, com o que, não se pôde delles exigir uma porcentagem de cruzamentos igual á dos portuguezes, que immigram isolados e solteiros.

Patriarcaes como os italianos, os hespanhóes vinham por familias e se integravam bem na lavoura cafeeira, de modo que logo a principio não houve assimilação dessa gente por cruzamentos. Esses tiveram lugar quando os filhos de hespanhóes foram attingindo a idade de matrimonio. Só então elles se foram integrando na massa geral. Quando isso se deu, nenhuma distincção se poderia encontrar, nem mesmo nos nomes dada a grande similitude dos idiomas, cousa que evidentemente não se deu em relação ao elemento italico, pois os nomes sonóros deste ficaram marcando uma estirpe que se incorporou conosco.

A immigração portugueza foi muito differente. Elles não eram do typo rural e patriarcal, dos elementos hespanhol e italiano, mas sim do typo urbano e solteiro.

O portuguez não vinha casado, ou antes se era casado na terra, lá deixava a sua esposa e immigrava sosinho e não raro aqui contrahia novas nupcias abandonando a que ficara em Portugal ou para esta voltava deixando a que aqui se ligara.

O portuguez, não ia para a lavoura, e em regra se deixava ficar nos centros urbanos onde ia exercer a sua actividade no commecio, ou ia ser trabalhador das companhias de tramways, como conductores ou motorneiros, ou ia ser padeiro ou leiteiro, ou ia ser chacareiro; só excepcionalmente o portuguez ia ser colono de café ao systema patriarcal tão ao sabor do italiano ou do hespanhol.

Se o portuguez não era inteiramente urbano, ia ser ferroviario no interior. Nunca eu vi melhores empregados de estradas de ferro que os lusitanos.

No Rio de Janeiro elles mostram uma grande tendencia pela mulata ou pela negra.

Não é o que se vê em S. Paulo. Talvez pela falta da materia prima!

Elles aqui preferem se casar com alguma cachoupa vinda de Portugal e aqui a exercer nos centros urbanos as funcções de copeiras, de arrumadeiras, ou de lavadeiras. Os entregadores de pão ou de leite, portuguezes por certo sempre se mostram cahidos por essas moçoilas.

A descendencia desses lusos se incorporam na massa geral e não deixam o menor vestigio mesmo porque os nomes delles são iguaes aos nossos, falam o mesmo idioma, possuem a mesma literatura, etc. No Brasil elles são os melhores elementos clareadores da população, mas possuem um indice de fixação muito baixo, pois vovem para Portugal, mal sentem o peso de suas economias ser maior um pouco. Em S. Paulo é differente. Elles ficam entre nós até morrer. Depois de casados, em regra se fazem proprietarios nas pequenas chacaras em torno da nossa Capital ou então nos sitios das zonas novas. Ahi elles se fazem patriarcaes como os outros. Ricos, vivendo em conforto, entretanto os portuguezes nunca perdem o seu sotaque ao falar, nunca se esquecem daquelles fados, tocados a viola, a produzir musica tão maviosa, ou das quintas que deixaram do outro lado do Oceano. O portuguez jamais se esquece da sua terra. Elle é sempre o proveniente daquelle "atomo de terra que Castella comprime mas o oceano alarga". O italiano não! Eu conheci italianos que se confundiam bem com caboclos, mas o portuguez guarda sempre o traço da sua origem. Elle será sempre o trigueiro, ventrudo, bigodudo a falar carregado, que se distingue ás leguas. Eil-o o sr. Manoel, vendeiro, proprietario de serraria, ou tirador de areia do Tieté! Sempre com a sua pesada corrente de ouro suspensa no "cebolão" do relógio, ainda que de collarinho e gravata, o nosso portuguez parece ser sempre o homem de ta-

mancos, muito forte a quebrar pedras o dia inteiro naquella canicula, que não nos sahe da retina ao nos lembrar do portuguez. Os seus filhos porem são os maiores inimigos do portuguez. Sejam elles brancos ou mulatos, não querem saber da "santa terrinha", da quinta, ou da aldeia que o "velho" deixou na Europa. São reedições dos seus antepassados cristãos novos.

A immigração syria foi muito differente. (1) Os syrios não vieram subsidiados, mas expontaneamente. Elles não aportaram em familias, mas sim em cabeças. Não se foram para as lavouras mas ficaram nas cidades. Commerciantes inveterados, não querem saber de agricultura senão para explorar os fazendeiros, vendendo-lhes as suas bugigangas. Mais tarde se fazendo ricos, elles se tornam industriaes e passaram a morar na Avenida, em ricos palacetes, que mais parecem "bolos de casamento" tal a prodigalidade com que enfeitam as suas casas. E' um resto da imaginação oriental da qual nunca se despegam. Gente forte physicamente! Elles são grandes, altos, macissos, de uma resistencia assombrosa. Eu ainda estou a vel-os, com suas mãos pintadas, e seus perfis a lembrar aquellas estatuas de Taglath-Phalasar, ou de Sargão, em Ninive ou em Babylonia. Gente morena, muito braquicephala, de systema piloso muito desenvolvido. Eis os padres syrios, muito barbudos! Eis os commerciantes da rua 25 de Março!

1) De ha muito que o elemento syrio, chamado de turco-arabe, pelas estatisticas officiaes concretisadas no "*Annuario Demographico*", se introduz em São Paulo.

Ultimamente, porém, tem tomado um incremento enorme a immigração syria em S. Paulo, a ponto de terem sido recenseados em 1920, cerca de 19.290 em todo o Estado, devendo hoje, vinte e sete annos depois desse censo, ser muito maior o numero desses asiaticos entre nós.

Seus filhos porem são bem paulistas. Tive muitos commigo na guerra de 32.

Antes de iniciarem a vinda em larga escala para S. Paulo, os syrios, já haviam emigrado para os Estados Unidos, onde, entretanto, não eram apreciados em razão de serem os imigrantes mais doentios dos quantos aportavam á grande Republica do Norte. Hall, (*"Immigration"*, 85 e 86), affirma com dados estatisticos que os syrios de 135 imigrantes, um era doente (*diseased*), variando a proporção para outras correntes de 1 por 1.000, a 1 por 7.000.

Entre nós, porém, parece que os syrios não vem com esse grave inconveniente que constitue uma immensa desvantagem em relação ás demais correntes immigratorias.

E' o syrio, uma gente forte, robusta, de grande physico, alta estatura, de apparencia superior a de qualquer outro elemento immigratorio.

Com isso, sou dos que pensam que, o syrio, será absorvido por cruzamento, a ponto de os seus vestigios só perdurarem se a corrente immigratoria fôr continua. Talvez leve mais tempo, mas a absorpção por cruzamento será um facto, porque, apesar de em proporções menores do que em relação á outros elementos immigratorios, os cruzamentos entre syrios e nacionaes e entre syrios e individuos estranhos a essa gente asiatica, já são em numero elevado.

Assim o principal inconveniente para nós, que o syrio é portador, não se acha na impermeabilidade á assimilação relativa aos outros estrangeiros que nos procuraram pela immigração. Acho, antes que essa desvantagem que faz o syrio menos desejavel pelas nossas necessidades, repousa no espirito excessivamente urbanista que positivamente imbue esse tronco immigratorio.

As nossas precisões economicas e sociais exigem que a immigração introduza elementos agricolas, e colonisadores do nosso vasto hinterland, ainda com diminuta deusidade de população. Para ellas são indesejaveis os elementos que se concentram nos centros urbanos, como a capital. O territorio está por povoar, e o nosso presente economico e mesmo futuro ainda por largos annos, repousa e terá forçosamente que repousar no esforço agricola, que demanda o braço rural. Temos que nos contentar em ser um paiz productor de materias primas e uma industrialisação excessiva do nosso meio, é errada e nos acarretaria prejuizos sem conta.

Assim, precisamos de gente, de muita gente, mas preferencialmente de gente que demonstre preferencias ruraes, e apego á agricultura ou á pecuaria.

Tive muitos, como meus alumnos, nos gymnasios, e elles enchem as academias, sem a menor lembrança

S. Paulo ainda é como Antheu, que da terra, recebe toda a força pujante, toda a seiva generosa que lhe tem alimentado o que lhe ha de avolumar a sua evidente prosperidade.

Por isso todo o elemento excessivamente urbanista, contraria as nossas conveniencias e só deverá ser admittido em uma determinada proporção, quo estará em relação directa com as nossas necessidades urbanas.

O syrio, como dissemos é excessivamente urbano, e por isso seria de desejar que não fosse admittido em proporções taes que viria a dar um desenvolvimento pernicioso aos nossos centros urbanos com prejuizo notorio do nosso esforço rural e principalmente do povoamento do nosso interior.

Não é só o syrio, porém, que está nestas condições. Segundo os dados apurados em 1920 pelo Recenseamento Federal, são os seguintes os numeros e as porcentagens dos elementos que se fixam na capital e no interior segundo as nacionalidades:

	<i>No Interior</i>	<i>Na Capital</i>
Nacionais	3.383.691 ou 90.1 %	374.788 ou 9,9 %
Japonezes	966 ou 96.0 %	23.469 ou 4.0 %
Italianos	307.253 ou 77.0 %	91.544 ou 23.0 %
Hespanhóes	146.387 ou 76.7 %	24.902 ou 23.4 %
Syrios	13.302 ou 69.0 %	5.988 ou 31.0 %
Portuguezes	102.511 ou 61.3 %	64.687 ou 38.9 %
Allemaes	6.505 ou 58.7 %	4.555 ou 41.3 %

Dessa estatistica interessante, se evidencia que o elemento mais agricola de todos, incluindo o proprio nacional, é o japonéz, que dá uma media de 96 %, após o qual segue-se o nacional, o italiano, o hespanhol, o syrio, o portuguez, e o allemão.

O syrio, é levado pela sua inclinação irrefreavel pelo commercialismo a um urbanismo innegavel, apesar de que fica em inferiores condições neste particular ao allemão, que é um elemento essencialmente industrial. O portuguez tambem, talvez por não ser importado da patria em familias já constituídas, vindo em elementos solteiros e esparços, não seguem para o interior em cuja organização agricola da lavoura cafeeira a familia de colonos é a unidade desejavel, de maneira que elles assim se fixam nos centros urbanos, onde exercem misteres varios de serviço domestico, ou relativos a profissões varias, como industrias de construcções urbanas, etc.

Essa diversidade de inclinações preferenciaes manifestadas pelas varias correntes immigratorias e que agora observo nos muitos elementos

das suas origens naquelle rebordo tepido do Mediterraneo Oriental, onde as vagas alvinitentes do azulado mar

que constituem a nossa população de origem estrangeira, já os norte americanos notaram no recenseamento que fizeram em 1900, segundo assevera Hall, (*"Immigration"*, 171), pelo qual poude ser apurado o seguinte quadro estatístico, relativo a tendencias urbanas ou ruracs dos diversos elementos immigratorios nos Estados Unidos:

	<i>Ruracs</i>	<i>Urbanos</i>
Noruegueses	77.6 %	22.4 %
Dinamarquezes	71.9 %	28.1 %
Gallenses	67.7 %	32.3 %
Suissos	64.7 %	35.3 %
Suecos	63.7 %	36.3 %
Hollandezes	55.9 %	44.1 %
Escossezes	54.0 %	46.0 %
Inglezes	53.7 %	46.3 %
Allemlães	49.8 %	50.2 %
Irlandezes	38.0 %	62.0 %
Italianos	37.6 %	62.4 %
Polacos	37.4 %	62.6 %
Russos	25.1 %	74.9 %

Essas porcentagens, não podem ser comparadas com as nossas senão em parte, porque as que obtivemos, são referentes á Capital e ao interior em geral, comprehendendo de alguma forma as populações das poucas cidades do interior, do modo que não traçam exactamente os limites da gente urbana com a gente rural, dando apenas disso uma idéa approximativa e comparativa entre as nacionalidades da nossa gente immigratoria, ao passo que a estatística americana delimita perfeitamente o elemento rural do das cidades, comprehendendo nestas 160 das mais importantes cidades dos Estados Unidos.

Mesmo assim, porém, é de se ver a tendencia de cada tronco ethnico, resaltando não só da nossa estatística como da americana, o que representa assim um elemento julgador para a determinação dos elementos mais desejaveis pelas nossas especiaes exigencias.

Pelo que se verifica dahi, o syrio não está enquadrado nessas necessidades, é possível, porém, que se modifiquem com o correr das gerações de modo a sua progenie ir se adaptando melhor com o nosso ambiente que é rural por excellencia.

Acalentemos essa esperanza, afim de que esse elemento de futuro venha pelas suas extraordinarias aptidões cooperar verdadeiramente na nossa prosperidade.

interior vão beijar a pedra do caes de Beyruth ou de Alexandria.

Não tenho duvidas que o elemento syrio forma um excellente factor para a nossa ethnia paulista. Os dessa origem são tão paulistas como os mais e luctam pela sua terra com igual efficiencia com a sua alma ardorosa de proveniencia oriental.

A immigração germanica, hungara ou slava, essa que vem nos buscando desde 1920, vem sendo differente. Ella é urbana, é mais rigida, se concentra mais em nodulos que custam mais a se integrar na nossa communhão paulista, não tenho duvidas porem em pensar que ella irá como as mais temperar o nosso "*melting pot*", que vae formando a nossa gente a quem nós desta geração entregaremos o bastão da paulistanidade para proseguir no que nós já fizemos em beneficio de S. Paulo.

Assim tambem são os japonezes, estes mais numerosos.

Eu conheço essa gente ha cerca de vinte annos, quando ainda no alvorecer da minha adolescencia tive de ser agricultor para auxiliar o patrimonio de meus paes. Então conheci o japonéz, na sua mentalidade, na sua aptidão ao trabalho, como na sua ambição, e na sua constituição social.

Mais tarde eu estudei a corrente nipponica sob todos os aspectos scientificos. Agora vim novamente a conhecer os nipponicos sob o ponto de vista pratico, pois lecionando nos gymnasios, tenho encontrado dezenas de filhos de japonezes que sedentos de instrucção se entremeciam nos bancos gymnasiaes ou nos corredores das Academias. Sei delles os habitos, conheço delles a rigidez de mentalidade, as predisposições, as qualidades

e os defeitos e posso dizer bem alto repetindo o que venho pregando por toda a parte na minha carreira jornalística, parlamentar e scientifica. O elemento japonês é um optimo factor da nossa integração, da nossa população. Elle se vae adaptando entre nós com a rapidez meteorica inimaginavel porque S. Paulo tudo absorve e tudo assimila.

Não ha raças inassimilaveis, culturas inaglutinaveis, gente enkystadora. O que ha são ambientes mais ou menos impermeaveis que não permitem a aproximação de outros elementos com os quaes convive.

S. Paulo assimila todos, porque sabe dar valor aos que trabalham, e estes encontram entre nós o ambiente que lhes serve. Aqui não ha prejudgados, aqui as classes são facilmente attingiveis, nós não temos uma aristocracia.

Esses elementos de immigração, se integram bem conosco e seus filhos serão os nossos irmãos, esses sim, são positivamente ligados a nós pelo laço da fraternidade de vida em que todos juntos nos bitolamos pelos mesmos ideaes, e marchamos para os mesmos objectivos.

Mas diluidos na população paulista existem cerca de 320.000 negros segundo apuração calculada por mim no livro "Populações Paulistas", ou sejam 5 % sobre o nosso total. E' certo que o Coronel Dr. Lobo da Silva em pesquisas procedidas em sorteados do exercito brasileiro achou a porcentagem de 6 % para os negros em S. Paulo, mas o Dr. Lobo da Silva manipulou material exclusivamente paulista nascido aqui, quando eu o fiz em relação a toda a população do Estado que alem dos nascidos aqui, contem muitos milhares de elementos exóticos, mas brancos tambem.

De modo que não é demasiado o meu calculo de 320.000 negros no Estado de S. Paulo. Em 1872 havia em S. Paulo cerca de 174.000 negros e em 1890 o numero delles era de 179.000, ou sejam 20 % em 1872, e 12,9 % em 1890.

Houve portanto um augmento de 141.000 negros de 1890 até 1930. Ora eu conclui em provas incontrastaveis que a mortalidade do negro em S. Paulo é maior do que a natalidade dos mesmos, com isso se faz obrigatorio que o augmento da gente negra de S. Paulo seja resultante da immigração brasileira, essa immigração proveniente dos Estados de Minas, do Rio, ou da Bahia, alem do Districto Federal, attrahida pela prosperidade paulista que acarreta a elevação dos salarios.

Mas todos tem de reconhecer a inferioridade da estirpe africana. (1)

A simples observação nos levaria a essa conclusão, uma vez que se dispa o pieguismo sentimental que nos embota a visão costumeira.

Não se ve grande numero de negros a exercer profissões livres. Eu nunca vi um alfaiate negro, um sapa-teiro negro, um tintureiro negro, um barbeiro negro, proprietario negro, etc. Medicos, engenheiros, advogados negros, são verdadeiros phenomenos. Estudantes negros, eu nunca os vi, e em compensação tenho tido muitos alumnos, syrios ou japonezes, que já enchem as nossas

1) O negro, abandonado a si mesmo nunca conseguiu attingir a uma civilisação elevada. Politicamente elle não constituiu nunca uma grande unidade nacional; religiosamente elle não passou do fetichismo. Foi preciso que elle se misturasse com o sangue berber para collaborar na civilisação egypcia ou para se organizar mediocremente no actual imperio abyssinio. Em um paiz de alta civilisação como a America, esses progressos, comparados aos da raça branca são minimos, e mesmo ao lado da emigração asiatica elle é geralmente inferior, em previdencia, em disciplina para o trabalho. (Cornejo, "Sociologia Geral").

academias e mais ainda os nossos gymnasios e os nossos estabelecimentos de ensino primario.

Mas o phenomeno notavel é a eliminação do negro da nossa região geographica paulista. Em 1872, S. Paulo era um dos focos de negros da America do Sul em razão da sua actividade agricola das mais intensas do mundo. S. Paulo possuia na sua população nada menos de 20 % de negros e 21 % de mulatos.

Pois bem, 18 annos depois, sem que a immigração tivesse tido inicio, sem que qualquer outra causa tivesse interferido, alem da anthropogeographica, da inferioridade do negro e do mulato, as porcentagens delles baixaram para 12.9 % e 15.7 % respectivamente para o negro e para o mulato e em numeros absolutos elles eram 179.000 negros e 218.130 mulatos.

De então para cá conjugadas a essas forças anthropogeographicas, S. Paulo teve a lhe clarear a gente, o concurso immigratorio e com isso as porcentagens dos negros e dos mulatos foi segundo "Populações Paulistas", 5 % de negros e 6.5 % de mulatos, ou sejam 320.000 negros e 357.500 mulatos.

Isso são cifras tão pequenas que significam uma pequena gotta dagua na nossa população. E assim vae desaparecendo no horizonte essa estirpe que esteve amarrada ao poste da escravidão até 1888.

Mas porque esse phenomeno indeclinavel na analyse do nosso systema racial?

Sim, porque só a causa dessa situação evidente deve ser procurada, por quanto as suas manifestações, essas que se mostram a qualquer observador.

As causas a meu ver são varias, umas de natureza sociologica conjugadas a outras de natureza biologica:

- a) A inferioridade patente do negro no campo de lucta pela vida, em concorrência com os elemen-

tos brancos, mais capazes de maiores ganhos e portanto de subir em escala social e economica com mais facilidade, deixando o elemento colorido nas camadas mais baixas, com um padrão de vida inferior, o que lhes dá um desconforto para todas as manifestações de vida.

- b) O negro e o mulato tem uma facilidade muito grande para a contracção de affecções no apparelho respiratorio, com o que morrem com uma pasmosa intensidade de tuberculoses, de peneumonias, de gripes, etc.
- c) O negro e o mulato provindo aquelle da Africa, onde são desconhecidas as varias molestias que entre nós affectam os apparellhos respiratorios, como a tuberculose, as pneumonias, etc., dellas não se defendem com vigor, mesmo porque não tem as suas auto-defesas, essas que cada organismo oppõe ás invasões microbianas em estado de desenvolvimento, como acontece aos brancos.
- d) O negro tem em declinio o coefferente da natalidade, porque vivendo mal, em desconforto, em regimen de infra-nutrição, não se multiplica como o branco que realisa o inverso.

E é pelo concurso desses factores conjugados que com rapidez a gente paulista vae se alvejando.

E' certo que no Brasil, as porcentagens do negro, tambem vão em diminuição, com a cessão do trafico importador da mercadoria humana da Africa. Os nodulos de ebano vão se diluindo, a população vae perdendo aquelles kistos raciaes africanos que a necessidade braçal para o trabalho rural havia em tempos feito vir do continente fronteiro do outro lado do Atlantico. Mas em toda a parte no Brasil a desaparição do negro não é

uma eliminação mais ou menos drástica de toda a espécie de convívio humano. Entre nós o negro desaparece sorvido pela morte, sem que deixe vestígios na população e se porventura deixou esses vestígios vão desaparecendo por sua vez. Lá no Brasil, não é isso que se dá. Não é a morte que vai devorando essa gente inferior. O elemento negro no Brasil vai sendo sugado pela mestiçagem. Elle vai-se diluindo na população, sem desaparecerem os seus vestígios. E' uma cafeteira que vai esvasiando o seu conteúdo em uma terrina com leite, fazendo o resultado ficar amulatado. Eis por exemplo:

Maranhão que tinha em 1872 20 % de negros passou a ter em 1930 15.0 %, mas tinha em 1890 37.0 % de mulatos passou a ter-os em 1930 45 %.

Piauí que em 1890 tinha 36.2 % de mulatos, passou a ter em 1930 58 %.

Alagoas que em 1890 tinha apenas 40.3 % de mulatos, passou a ter 55 %.

Bahia que em 1890 tinha 46.1 % de mulatos passou a ter em 1930 47 %.

Rio de Janeiro que em 1890 tinha 28 % de mulatos, passou a ter em 1930 35 %.

Distrito Federal que em 1890 tinha 21.6 % de mulatos, passou a ter em 1930 26 %.

Esses aumentos foram possíveis a custa de diminuição das porcentagens de negros puro sangue, que se foram diluindo, diminuindo em quasi todas essas circumscrições citadas.

Ora isso é signal que a população do Brasil vai continuando tísada, enquanto que a nossa vai se alvejando rapidamente. Lá as porcentagens de brancos não tem tido aumento em meio seculo, sendo que em alguns Estados ha mesmo diminuição dellas. Eis por

exemplo no Piauí, no Ceará, no Rio Grande do Norte, na Paraíba, onde em 1890 os brancos tinham as respectivas porcentagens de 28.3 %, 44.1 %, 41.1 %, e 46.9 %, passaram a ter em 1930, 24 %, 38 %, 37 % e 32 %.

Em outros Estados as porcentagens de brancos ficaram mais ou menos estacionárias. Eis o exemplo do Districto Federal que em 1890 tinha 62.7 % de brancos, passou a ter 40 anos depois 64.0 %. Onde a melhoria? Onde a europeização?

É por isso que lá ainda se faz apologia do mulato, do morro, dos sambas, dos batuques, dos maxixes, das congadas, das emboladas, dos remelexos, etc.

Eu não tenho preconceito contra o negro. Falo scientificamente. Externo o que vejo. Communico aquilo que feriu o meu raciocínio.

Em regra aqui em S. Paulo não ha preconceito de raça. É esse o estribilho que ouço estafadamente repetido. Mas é preciso não exagerar, porque se isso acontecer, um erro daltonizará a nossa visão e as consequências resultantes dahi não serão muito felizes.

Sinto que os paulistas desconhecem odio de raças, em compensação sentem pelo colorido um sentimento de certa repulsão na qual entra muito de piedade. Sim de piedade, porque ainda não desapareceram de todo os daquella geração que viram o negro amarrado ao tronco da escravidão, soffrendo as agruras de uma situação dolorosamente inferior. Quem sentiria prazer de misturar o seu sangue com o desta gente que degenera ao contacto com a liberdade, como a mariposa se cega ao contacto com a luz attrahidora?

É por isso que em S. Paulo não se dá o phenomeno de mestiçagem intensa que se observa no Brasil.

Aqui, o negro passa, sem deixar residuos. Eu calculo para que dentro de 100 annos não haja mais negro ou mulato em S. Paulo, como hoje não se vê mais indio entre nós e houve tempos em que o guarani era a lingua aqui falada.

Segundo eu apurei em "Populações Paulistas", S. Paulo tinha 354.000 brasileiros, em 1927 esses vinham tangidos por trez dessas forças originarias.

- a) Tocados pelas intemperies do Nordeste, elles buscavam um refugio, contra as seccas.
- b) Os salarios elevados do estado de prosperidade paulista os attrahia, bem como o gráu de civilisação em que se achava a nossa gente, como um phanal attrahe para si as borboletas.
- c) As necessidades de braços para as nossas actividades ruraes e urbanas, faziam com que fosse imperativo o appello ao braço viesse elle de onde fosse, para occorrer ao nosso desenvolvimento, mormente depois que as nações europeas resolveram trancar a emigração.

Quanto a proveniencia dessa gente tambem tinha varias origens:

- a) O Nordeste brasileiro, onde uma densidade apreciavel, tornara possivel um expatriamento de lá para cá.
- b) O Estado do Rio e o Districto Federal, cuja densidade demographica apreciavel exigia uma expansão. A decadencia economica do Estado do Rio, depois da lei de 1888, tornou a emigração de lá um imperio.
- c) O Estado de Minas Geraes, região montanhosa e mais convidativa para as actividades pastoris, de modo que os que exigiam uma expansão

agricola tinham que a procurar fóra das raias mineiras e isso encontraram na emigração para S. Paulo.

Sendo proveniente de tres regiões differentes, a gente brasileira para cá affluída em tres centenas de milhares e meia de individuos, tambem o fizeram de modo diverso. Assim o immigrante Nordestino, trazia para cá com mais abundancia sangue indigena. Gente escoteira, sem familias constituídas, formavam nas fazendas esses assalariados que os paulistas chamavam de "bahianos". São os famosos "platycephalos", tismados de sangue negro, por certo, mas transparecendo em seus crancos chatos e largos, em seus zigmos salientes, em sua côr de charuto, a grande influencia do indio. Felizmente não é dessa natureza a maior parte da gente brasileira entre nós. Esses não se fixam. Como eu disse acima, gente sem familias constituídas e escoteira na sua maior parte, ella não tem nada a lhes prender a terra. (1)

1) E' muito commum se ouvir incluir entre os latinos, os brasileiros. Nada mais falso! Si o laço politico reúne os 40 milhões de brasileiros, formando uma immensa nação; — si toda essa massa humana se liga ainda pela identidade de lingua e de religião; — não ha entre ella a menor ligação racial.

Mesmo abstrahindo os elementos de immigração recente, o povo brasileiro, que se estende em uma area formidavel, não tem absolutamente unidade de raça, dada a grande heterogeneidade dos typos que o compõe.

Formado de elementos ibericos, africanos e indigenos, mesclados na mais variada proporção, pôde-se dizer que em cada região geographica brasileira existem varios typos anthropologicos determinados.

Já abstrahindo os factores de ordem mesologica, os quaes, dada a immensidão territorial do Brasil, tem por força de ser differentes, agindo sobre o homem, é preciso notar que, sendo o elemento iberico uniforme e homogenco, no seu typo anthropologico de "*meridionalis*", o mesmo não teria acontecido aos elementos indigenas e negro; — este recrutado na Africa, onde as raças diversas imperavam, embora sempre dolicocephalos; e aquelle grandemente heterogenco na America, percorrendo toda a escala da craneometria, desde os dolicocephalos patago

São volantes, como o nomadismo que os trouxe. Menor notícia de chuvas no abraçado Ceará, ou no quido Rio Grande do Norte, bem como nas calci-

hotocudos e principalmente os restos paleontológicos dos samba-
"proto-dolicomorphus americanus", até os brachycephalos tupis do
te, ou arwaks da região amazonica, para não falar nos puelches,
raucanios, nos aymarás, etc., que demonstram uma tão diversa
opogenia.

ra, natural, pois, que, dada a diversidade anthropologica desse
nto indigena no Brasil, e havendo elle entrado para o systema
brasileiro, em gráu muito maior do que commumente se pensa,
os resultantes e actualmente existentes no Brasil, acompanhassem
versidade.

r isso é que observamos essa differenciação craneomorphica entre
sileiros, a qual reflecte os typos indigenas dos quaes deriva.

o sul, os elementos despidos de influencia estrangeira, immigra-
são dolicocephalos, porque tinham essa conformação os ibericos,
ndios que, caldeados, fizeram resultar o sulino.

Do norte a população mostra uma média brachycephala muito ele-
porque, não obstante, o iberico, o indigena que foi o elemento
dial de formação tinha um indice que subia bem alto pela casa
tenta.

* * *

Entre os brachyoides brasileiros, do typo mongoloide, isto é, de
indice vertical, existe, porém, um typo imperante no nordeste,
resenta uma interessantissima morphologia.

nordeste, constituido pelos Estados do Ceará, Rio Grande do
Parahyba, Sergipe, tem um nucleo de população de cerca de 6
s de habitantes, que apresentam essa interessantissima conforma-
achy-platycephala, tão digna de um estudo especial que determine
origem.

anceos evidentemente mongoloides, os nordestinos, entretanto, pa-
não soffrer paralelo quanto a sua platycephalia.

mo teriam surgido na extrema região brasileira do nordeste esses
erados caracteres, quando não se acha em outras regiões sul-améri-
nenhum outro nucleo humano com tão accentuadas formas cra-
s, que tão profundamente divergem das ibericas?

endo certo que os ibericos dolicooides foram os colonizadores do
e portanto do nordeste, segue-se que a apparição actual dos cara-

nadas margens do S. Francisco, bem como ao menor rumor de elevação nos preços de artigos nordestinós, para lá voltam pressurosos. Aqui não deixam o menor

cteres brachy-platycephalos entre os nordestinos tem de ser fructo do dilema:

a) da mestiçagem dos índios de conformação brachy-platycephala, que pela lei da hybridação de raças de Mendel, fizeram passar aos seus mestiços actuaes os seus caracteres dominantes cranceanos, com abstracção dos caracteres dolicolides ibericos que teriam sido eliminados, tanto mais deante essa selecção teria podido ser coadjuvada pela mesologia que teria, indirectamente eliminado os ibericos.

b) da mesologia agindo modificadoramente sobre o craneo do individuo, transformando-o e passando pela hereditariedade aos descendentes deste os caracteres adquiridos.

A se crer na primeira hypothese, que acho a mais provavel, temos que admittir haver sido isolado no nosso nordeste, em tempos remotissimos, um nucleo indigena, que reunia os caracteres exagerados do brachyplatycephalo, relativamente immune dos typos dolicos existentes na America, e, assim isolados e adaptados á mesologia nordestina, teriam feito os seus citados caracteres cranceanos adquirir tal fixidez que até hoje como dominante prevalece grandemente nessa enorme região.

Que índios teriam sido esses? Tupis; — Arwaks; — Caraibas?

O primeiro grupo no sul tem o indice mesaticephalo, elevando-se, á medida que se aproxima do norte.

Os Arwaks, que imperam na bacia amazonica, são brachycephalos e mongoloides, mas apesar do seu indice elevado não apresentam a platycephalia dos nordestinos, o que os faz um typo á parte. Os Caraibas, disseminados entre os Arwaks e os Tupis amazonicos, são mesaticephalos, nada apresentando de commum com os nordestinos.

Assim é possivel que esses índios brachy-platycephalos tivessem vindo de um outro grupo independente dos citados, ou quiçá, mesmo derivado do Arwaks, brachyoides, que tivesse passado incolume ao registo dos ethnologos linguisticos, por haverem adoptado um idioma tupi.

Talvez fossem os Kariris do Ceará os vestigios ultimos desse grupo, cujos descendentes implantaram os caracteristicos nessa gente nordestina.

A segunda hypothese, a mesologica que se me afigura a menos provavel, nem por tal é indigna de um registo especial pelo interesse que ella encerra no campo scientifico.

Será essa mesologia do nordeste por qualquer dos seus attributos a responsavel por essa morphologia cranceana?

vestigio de sua passagem. Por isso felizmente está o nosso systema ethnico livre, de soffrer a influencia dessa gente, que no momento actual está sendo importada para a nossa lavoura, por força de uma disposição iniqua dentre as muitas com que a Constituição brasileira algema S. Paulo, a qual impede que se lance mão de outra corrente immigratoria.

Essa gente porem não offerece perigos ao nosso corpo racial pelas razões que acima ficaram expostas. Vem e voltam, logo que lhes aflôra a menor esperança de melhoras nas respectivas regiões. Aqui não deixam vestigios raciaes.

Si fôr, teremos então por terra todo o bello edificio da anthropometria e da propria anthropologia, pois que o meio seria capaz de modificar o que de mais fixo têm as raças humanas. Teriamos, então, o dominio pleno da anthropogeographia, e mais ainda do lamarekismo applicado ao homem elevado aos exaggeros que os seus adeptos jamais haviam ousado attingir e, finalmente, por terra esmagado o néo-darwinismo com o seu derivado néo-weissmanismo, com todos os que negam in extremis a transmissibilidade dos caracteres adquiridos.

Si é certo que todo indivíduo transplantado para a mesologia do nordeste brasileiro tomará a forma craneanica brachy-platycephala, a qual transmittirá pela hereditariedade aos seus descendentes, qual então o agente modificador que se mostra tão poderoso?

Apparentemente inverosimil, essa hypothesis, entretanto, não se tem visto confirmar no que o professor Boas, nos Estados Unidos, deduziu a proposito de cranceos judeus, que segundo elle, o indice se elevava logo á segunda geração depois da chegada á America, independentemente da mestiçagens?

Além disso obscurecer a acção de meio, como agente modificador, não é negar a propria differenciação das raças pela Evolução; pois que, como dizia Spencer, negar a força da adaptação ao meio, não é negar a propria Evolução?

Eis como a Esphinge da sciencia até agora nos deixa no dominio das hypotheses.

E?, entretanto, a conformação craneana dos nordestinos uma these bem digna de um profundo estudo elucidador, do qual a sciencia muito teria a lucrar.

As outras duas correntes de immigração brasileira são muito differentes da que ligeiramente vistoriamos. Ellas são sob quasi todos os aspectos muito melhores.

E' certo, os seus componentes, não são anginhos. Assim por exemplo ha entre elles uma porcentagem bem elevada de sangue negro, principalmente nos que vem do Estado do Rio, onde ainda ha 35 % de mulatos e 17 % de negros, com apenas 47 % de brancos.

Elles porem se fixam entre nós. Gente provinda de regiões mais affins ao nosso planalto, ella vem em familiás constituídas e se ligam bem aos nossos habitantes, não tendo como os nordestinos os olhos sempre voltados para traz, para onde se dirigem os seus anceios. Os mineiros e fluminenses parecem que cortam os laços que os prendem as regiões de origem e se integram bem comnosco.

Ha por certo excepções, mas a regra geral é essa.

Logo elles não se fazem notar na massa na qual se confundem misturados apenas um ou outro se distinguindo pelos seus caractères somaticos pendendo mais para o typo africano, mas nelles o typo iberico por certo que prepondera, e assim elles se misturam bem comnosco. Essa immigração é bôa, tanto como elementos de trabalho immediato para as nossas necessidades prementes, como elementos de colonisação. Quanto as elevadas porcentagens de negros, ellas no ambiente geographico e social do planalto vão se purificando e se fazendo alvas com as selecções que tendem a apurar.

Essas são em linhas geraes as gentes que para cá vieram e que formaram massas de certo vulto, as quaes convivem comnosco.

Resultou mais ou menos o seguinte quadro, das diversas correntes immigratorias entre nós:

Paulistas	84.1 %	ou	5.466.000	indivíduos
Extrangeiros	15.9 %	ou	1.035.000	indivíduos
Branços	87.0 %	ou	5.655.000	indivíduos
Mulatos	6.5 %	ou	357.500	indivíduos
Negros	5.0 %	ou	325.000	indivíduos

Essa é mais ou menos a nossa composição ethnica. A tendencia é para caminhar cada vez mais no sentido de se apaulistanisar a população, e se alvejar cada vez mais a gente do planalto.

Essa é a marcha fatal da predeterminação.

Pode ella agradar ou não os maioraes.

Podem elles fazer o que quizerem. Nada modificará uma só linha nò processo chimico a que vem se sub-mettendo as gentes da nossa terra.

E' esse um dos motivos, eminentemente scientificos, pois é baseado nas estatisticas, na sociologia, na anthropologia, com ramificações no campo da historia, da economia politica, etc., para que S. Paulo caminhe seguro, impavido na direcção descentrica dentre os povos sul-americanos.

S. Paulo forma um corpo ethnico perfeitamente nitido e destacado na inmensidão sul-americana. Como querer o prender a gente que lhe é profundamente diferente? Elle só poderia ter especial consideração pelos que tivessem com a sua gente laços de sangue e de raça que permittissem e mesmo obrigassem aos paulistas ter os demais em conta de irmãos. Os que lhe são tão profundamente diferentes são muito menos seus irmãos do que os européus, entre si.

De facto seria muito mais racional, um italiano chamar de irmão um francez, um hespanhol, um portuguez, ou um ruinaico, do que um paulista filho de

italiano a um mulato do Norte, a um "platycephalo", do Nordeste, ou a um negro da Bahia.

O que constitue fraternidade nacional não é apenas o laço politico, este as vezes inconsciente e de a contragosto, mas é o complexo de affinidades que ligam os individuos de um ou mais grupo humano. A affinidade linguistica e religiosa unicamente não bastariam para impedir que inimigos se olhassem como taes e que corressem aos campos de batalha onde se defrontariam encarniçadamente.

Foi o que se deu em 32.

Como se verifica é o nosso sentimentalismo paulista embaseado em motivos profundamente scientificos tende a fazer remarcar todas essas particularidades que saltam aos olhos dos que estão se familiarizando com esses assumptos.

Eu falei com sinceridade a interpretar a verdade cristalina que como demonstrei com evidencia está gritando que, o grupo humano paulista é sob o ponto de vista racial viceralmente diverso dos mais aos quaes está politicamente ligado, que, não é o argumento racial que deve servir de pretexto para a perpetuação dessa ligação politica que não se assenta em motivos humanos.

Nós paulistas formamos um grupo humano perfeitamente destacado na immensidão da America do Sul. Não desejamos dominar, subjugar, prussianisar, esmagar, quem quer que seja. Como exigimos que nos respeitem, tambem respeitamos aquelles que não tiveram o destino de serem como nós. Se porventura lançamos mão de estatisticas que nos favorecem e deixam os mais grupos humanos nesta parte do continente sul-americano, em situação menos brilhante, não é com o sentimento de os deixar em lugares pejorativos, mas sim de fazer mais nitida a nossa situação

de absoluto relevo. Com isso, não me enfileiro na côrte dos que sustentam a superioridade racial, thèse muito tentadora e que sob certos aspectos quer me parecer ser a verdadeira, eu tenho em mira não deixar que o nosso S. Paulo seja misturado nessa multidão que ruidosa, carnavalesca, faz a appologia do mulato e do negro. Por toda a parte na Europa, nos Estados Unidos, na Argentina, pelo cinema, pelos jornaes, pelas revistas, somos lamentavelmente confundidos com os que têm muito sangue africano nas veias. Nós somos brancos.

§ 3.º — CONDIÇÕES GEOGRAPHICAS

E' difficil encontrar caracteristicos de um determinado grupo humano mais dependentes do meio geographico do que os que constituem a sua demographia. Sim, porque cada grupo humano, maior ou menor, possui as suas condições demographicas proprias, isto é o seu indice de natalidade bem como o seu indice de mortalidade, os quaes não são communs a varios grupos.

Esses indices demographicos estão na estreita dependencia do meio geographico, que com as suas linhas rigidias, os seus moldes inamolgaveis, impõe as caracteristicas que devem ter os indices da natalidade e da mortalidade de cada grupo humano.

Assim, a maior ou menor extensão de terras em que vive um determinado grupo humano, o seu indice referente a natalidade deverá estar em correlação ao tamanho desse territorio. Dessa extensão territorial advem uma serie enorme de consequencias de ordem economica, de ordem sociologica, como de ordem psicologica, as quaes se fazem causas de phenomenos demographicos que caracterisam um determinado grupo humano. Um estado economico, determina um estado de civilisação, um grau de poder aquisitivo, um estado

de maior ou menor necessidades, um gráu de capillaridade social, uma nuance de estado social, etc. Isso tudo faz com que o grupo humano seja mais ou menos fecundo, como se defenda, melhor ou peor dos inimigos externos, esses que lhes causam uma determinada mortalidade.

Eis que o planalto paulista não possui os mesmos indices demographicos que as demais regiões sul americanas. A principio, isto é, no quinhentismo, no seiscentismo, ou no setecentismo, a densidade demographica do planalto era muito pequena, muito menor do que a que caracterisava as regiões assucareiras do Nordeste. Só com o advento da lavoura cafeeira no planalto passou essa região a engrossar a sua população.

Outro tanto não era de se constatar quanto a natalidade.

Em virtude da grande extensão de terras que o grupo humano tinha a disposição de sua expansão, como do estado sociologico neste determinado pelo ambiente geographico, o estado patriarcal e marcadamente communitario, o planaltino possuia um elevado indice de natalidade. (1)

1) Os indices da natalidade nos primeiros seculos, segundo as pesquisas por mim feitas em abundante material, e publicadas no meu livro "*Raça de Gigantes*", eram os seguintes:

	<i>Media de fecundidade</i>	<i>Numero de casaes</i>	<i>Numero de filhos</i>	<i>Media geral de todo o periodo do bandeirismo</i>
Seculo XVI	6,11	63	385)
Seculo XVII	5,48	1.170	6.615) 5.151
Seculo XVIII	5,11	5.086	25.488) .
Seculo XIX	5,39	5.123	27.660	

Em virtude do fraco poder economico regional, como do atrazo mental em que se encontrava em civilização, o grupo humano planaltino, como da rudeza do seu ambiente geographico, elevado era tambem o indice da mortalidade no planalto.

Mais tarde, com a evolução do seculo XIX, a introdução do café no systema economico do planalto, produzindo ahi toda uma serie enorme de consequencias de ordem psychologica, de ordem economica, de ordem sociologica, a região soffreu a passagem de capitulos notaveis na sua constituição economica que projectou uma serie volumosa de consequencias sobre o scenario sociologico, psychologico, etc., planaltino e dahi para o palco demographico a distancia não se faz sentir muito.

Assim o café fez augmentar sensivelmente a civilização planaltina.

O café fez subir immensamente o poder acquisitivo do planaltino.

O café fez crescer espantosamente as necessidades do planaltino.

O café fez evoluir o estado sociologico do planaltino do patriarcal-communitario, para o individualismo. O latifundio agro-pecuario dos primeiros seculos, teve de ceder ao pequeno latifundio cafeeiro, com o que evoluíram tambem os moldes humanos que passaram a ter coloração a mais diversa. (1)

1) A evolução planaltina no seculo XX continuou de modo a tender a supprimir esse pequeno latifundio cafeeiro, para dar lugar a pequena propriedade. A velha propriedade de café do seculo XIX, a qual oscillava por 400 a 500 alqueires, vae desapparecendo em favor da pequena propriedade.

É' isso que se vê das estatisticas.

Isso tudo fez com que os indices demographicos do grupo humano planaltino soffressem as evoluções que a historia testemunhou.

A natalidade decresceu. A mortalidade cahiu, graças ao aperfeiçoamento dos meios de civilisação, como o crescimento do poder aquisitivo e a diminuição do isolamento do mundo exterior.

Foi o café, producto adaptado ao meio geographico planaltino, que produziu essa verdadeira revolução demographica que analysamos, e entre as muitas consequencias desse phenomeno e portanto consequencia indirecta do meio geographico nós podemos assignalar a importação da immigração. Este phenomeno immigratorio, consequencia indirecta do meio geographico, veio por sua vez se fazer causa de um sem numero de consequencias. Entre essas consequencias foi a de introduzir elementos ethnicos diversos no planalto, com a sua diversidade de caracteres physicos, psychicos, sentimentaes, moraes, sociaes, etc. Um adensamento de população, uma expansão de civilisação, uma diminuição de natalidade, um crescimento em cultura, etc.

Só S. Paulo possui cerca de 85.000 fazendas de café e cerca de 250.000 propriedades agricolas em geral, com o que ve immensamente reduzidas as proporções de suas fazendas. Com isso a agricultura extensiva cede lugar a agricultura intensiva e caminhamos decididamente para o regimen de uma verdadeira jardinagem agricola.

Óra, isso terá de causar não poucas consequencias no grupo humano planaltino que evoluirá ainda mais em diversidade aos grupos circumvizinhos, os quaes possuem characteristics diversas, com um regimen rural de propriedade maior, uma densidade de população muito menor, um indice de natalidade mais elevado, um gráu de capilaridade social muito menor, um indice de mortalidade muito maior, uma nuance patriarcal e communitaria muito mais accentuada.

Tudo isso é visivel, e é méra consequencia do meio geographico, com as suas characteristics analysadas.

Pode-se distinguir trez nitidas importações de immi-grações causadas pelo café:

- a) A immigração negra, no inicio da plantação da lavoura cafeeira, a qual veiu tingir as populações planaltinas, etc.
- b) A immigração branca que teve inicio em fins do seculo XIX e que ainda continua, acarretando para o planalto uma seriação interminavel de consequencias de todas as naturezas.
- c) A immigração nortista-brasileira, a qual ainda continua, como sendo uma outra etapa da deslocação da população brasileira para o Sul, tendo sido a primeira a immigração nas minas no seculo XVIII. O planalto, com seus salarios muitissimo mais elevados, o nivel de sua civilisação em progresso rapido, etc., attrahe naturalmente massas de população dos grupos humanos circumvizinhos que acreditam que no planalto encontram melhores condições de vida.

Ora, essas trez especies de introdução de gente nova, ainda que essas gentes sejam impiedosamente ceifadas pelas selecções mesologicas, de ordem geographicas (1) tendem a causar consequencias no conjuncto da collectividade.

1) A introdução de gente nova no grupo humano, em regra é um phenomeno heterogenizador desse grupo humano, dando a elle uma coloração racial, psychica, moral, social, etc., variegada, mas logo a seguir a chegada do elemento extranho elle tende a sentir as forças emanadas do meio geographico.

O exotico, logo a sua chegada, e quando não depois, ou então nas gerações subsequentes extranha a mudança do ambiente externo. Quando essa extranheza é grande, elle se ve em uma dilema:

- a) ou se modifica e se bitola ao typo preexistente.

-
- b) ou elle reage e não se quer modificar e entra em lucta contra o ambiente geographico e dessa lucta elle sahe vencido naturalmente, porque as forças do meio physico ou geographico são insuperaveis.

Com isso, dentro de duas ou trez gerações, o exotico se terá modificado, bitolado ao typo preexistente, o que se chama adaptação, ou terá se eliminado. Objectivemos a questão para melhor comprehensão:

O negro, elemento exotico, possuindo caracteres physicos, psychicos, physiologicos, moraes, sociaes, etc., differentes, foi importando para a lavoura de café aos milhares.

Ao defrontar com o meio geographico planaltino elle negro, soffreu de inicio uma serie de alterações que se fizeram obrigatorias para que elle não fosse supplantado.

Entre essas originalidades, para o negro perniciosas do meio geographico planaltino, eis o clima, que como um cavalleiro apocalyptic o elimina impiedosamente (*"Populações Paulistas"*, Alfredo Ellis), eis o quadro de molestias planaltinas, contra as quaes o negro não tinha o seu systema physiologico em defesa. A tuberculose por exemplo, desconhecida na Africa, de onde o negro proveiu, adaptado durante milenios ao ambiente geographico africano, que não dotou o negro contra os microbios de Koch, que ceifa rapidamente essa gente cromatisada. Dahi, dessa differença do meio geographico planaltino, nós temos que o negro que não se modifica in totum para se accomodar ao novo meio geographico é eliminado por uma mortalidade que transparece nas estatisticas em gráu mais elevado do que a natalidade.

Com o que ficou acima ve-se que o meio geographico por suas forças incoerciveis tende a homogenisar os typos humanos que vivem nello mergulhados.

CAPITULO III

O MEIO GEOGRAPHICO PLANALTINO

§ 1.º — O MEIO GEOGRAPHICO PLANALTINO (1)

O meio geographico paulista é uma porção territorial situado na parte centro oriental da America do Sul, delimitada por accidentes physicos de difficil transposição, e que possui caracteristicos proprios e profundamente differentes dos que marcam as regiões circumvizinhas.

1) O elemento objectivo, ou externo, extrinseco, ou material, está ainda mais na dependencia do meio geographico, de accordo com as palavras de Vaccaro que diz que todo o progresso objectivo de evolução social não é senão phenomeno successivo de adaptação.

Eis como o citado Cornejo a elle se refere:

“A adaptação dos organismos aos ambientes é um facto que tem sido presentido pelos sabios de todas as epochas de alguma maneira, foi Lamarck, porem que precisou estabelecendo que o gráu attingido pela vida correspondente ao gráu da evolução planetaria e que a intensidade da vida está sempre em relação com o ambiente. Um ambiente simples e homogeneo só pode produzir seres, por sua vez, extremamente simples.

E' por isso que a complicação da vida, é menor no fundo uniforme dos mares do que na superficie variada da terra. O processus biologico é paralelo ao processus geologico. A evolução organica depende dos estados physico-quimicos successivos do globo. Lamarck, explica o caracter immediato dessa correspondencia. Segundo as suas theorias o meio impõe necessidades, as quacs determinam as funcções, cujas repetições engen-

Esse meio geographico é denominado *planalto paulista*, possuindo características as mais diversas das que são particulares ás regiões limitrophes. De facto o planalto paulista é uma immensa area territorial cercada por todos os lados por accidentes geographicos taes que

dram habitos que criam e modificam os orgãos. Essas modificações se transmittem e se fixam por hereditariedade.

Lamarck estabeleceu então dois factos fundamentaes da evolução organica: as modificações produzidas pelo habito, e a transmissibilidade dos caracteres adquiridos, pela hereditariedade, que accentua e acaba as variedades. Sem duvida os estudos posteriores demonstraram que os organismos não têm a plasticidade absoluta e permanente que lhe attribuia Lamarck. Parece que para isso existem factores intrinsecos, cuja acção não é constante, mas periodica. Nem por isso deixam de ser mais ou menos complexas e limitadas nas suas repercuições as contingencias do meio, que ficam factor essencial da evolução organica, seja por uma acção lenta, sobre a funcção, seja por uma acção decisiva para fixar segundo sua utilidade, as mudanças bruscas.

O processus lamarekiano consiste no processus directo da adaptação ao meio physico, que condicciona a vida. Entretanto Lamarck, não o precisou nitidamente, neste mesmo processus directo, as duas formas de adaptação que nós falamos acima: a assimilação, propria aos organismos inferiores e a resistencia, propria aos organismos superiores. Emquanto que certos animaes, como os peixes se resfriam ao mesmo tempo que as aguas do mar, outros, como os mamiferos defendem o calor do meio primitivo e o conservam em si mesmo; emquanto que certos organismos tendem sómente em evitar o perigo, seja pelo mimetismo, que os torna semelhantes ao meio, seja desenvolvendo os orgãos de locomoção que lhes permittem fuga rapida, outros como os carnívoros desenvolvem os orgãos de resistencia e de lucta. Essa distincção é de uma particular importancia em sociologia, porque nas sociedades a intervenção progressiva da intelligencia dá o primado a reacção.

Ao lado do processus directo que nós chamamos de Lamarck, a adaptação por outro processus indirecto igualmente importante, estudado por Darwin e que depende de forças concorrente entre ellas. Quando se accumulam numerosas cellulas da mesma especie como acontece entre os polypos ou as esponjas, cada uma dellas acha nas outras uma força que tende para os mesmos fins e ella deve se adaptar a esse facto. O processo pelo qual se realisa esta outra adaptação foi chamado por Darwin, selecção. Os organismos se multiplicam em maior numero do que os que podem viver, sendo limitada a quantidade de alimentos. Da-

o tornam nitido e differençado em suas particularidades. Elle é essa immensa porção territorial que se limita do lado leste e ao norte com a serra da Mantiqueira e o rio Parahyba onde este faz uma volta em direcção do Oceano Atlantico; ao sul com o Oceano Atlantico, na sua orla litoranea sobre a qual se debruça do alto da serra do Mar em uma crista de cerca de 800 a 1.000 metros; a oeste com o vale do rio Paraná, onde a altitude do planalto paulista se abaixa a cerca de 300 metros. (2)

hi a concorrência com dois resultados: 1.º - Os organismos os melhores adaptados e por consequencia, os mais fortes monopolizam os meios de subsistencia, e os organismos mal adaptados, os mais fracos portanto, são excluidos, succumbindo ou emigrando, em breve desaparecendo. Este resultado foi luminosamente esposto por Darwin e por Spencer. 2.º - Como este monopolio e esta exclusão nunca são absolutos, para diminuir a concorrência, todos os que ficam, fortes e fracos, soffrem modificações que lhes permittem viver juntos."

Eis como Cornejo, um scientista contemporaneo ainda conserva essas ideas referentes a adaptação emittidas no seculo passado pelos raciocinios de Lamarck, de Darwin e de Spencer. Não foram estes porem os descobridores dessa acção do meio geographico sobre os individuos vivos. Desde a Grecia classica com Aristoteles, Hypocrates, Platão, e Roma a civilisadora da antiguidade com Polybio, Galeno, Lucrecio, etc., já vislumbravam essa acção formidavel e modernamente Bodin, Montesquieu e Buffon, della se fizeram appologistas no que são continuados agora pelos anthropogeographos da escola de Ratzel e outros scientistas que tornam mais intensa ainda em certas ramificações desse ambiente externo.

Analysar portanto o ambiente geographico paulista, buscando conhecer as suas minucias e como ellas teriam influenciado o homem é saber as causas que vem determinando as paginas da vida evolutiva do nosso grupo humano pelas paginas da sua historia, e poder antever com grande numero de probabilidade os dias de amanhã.

2) "Emfim é incontestavel que as grandes cadeias de montanha exercem a influencia de verdadeiras barreiras climaticas. E' sufficiente citar na Europa, os Alpes, e os Balkans, na Asia o Hymalaya, na America a Sierra Nevada, na Australia os Alpes australianos."

(Em. Martonne, "*Traité de Geographie Physique*").

Para o norte do altiplano paulista temos as serranias mineiras, em um cavalgar de morraria em que altitudes mais elevadas são attingidas, mas que formam com distincção perfeita uma outra região que se destaca com absoluta nitidez em toda a sua configuração. Para o sul e leste é o litoral ardente e baixo e o Oceano Atlantico e para oeste são as planuras do Matto Grosso, destacando outra região geographica com characteristics profundamente differentes.

O planalto paulista pois é uma região elevada com uma altitude que varia de 300 a 1.000 metros, onde um clima mais ou menos identico impera com as suas particularidades, onde uma configuração de sólo corre pelas mesmas parallelas, onde uma composição quimica desse sólo é similar, onde uma conformação geologica se assemelha, onde os aspectos da natureza são parecidos, etc. Dahi decorre que os seres vivos, componentes da fauna ou da flora dessa area são tambem, semelhantes e por sua vez influem de uma maneira uniforme no homem que assim tende a se homogenisar.

De facto o planalto paulista é uma região absolutamente nitida nesta parte da America sulina, se destacando pelas suas peculiaridades que tendem a modelar differentemente os seres organicos situados nesse ambiente. (1)

1) Muito antes que eu constatasse essa diversidade já Oliveira Vianna o notavel sociologo e escriptor fluminense escrevia no seu magifico "*Populações Meridionaes*":

"E' costume entre nós falar do povo brasileiro, como se fosse u'a massa homogenea e unica, distensa, com perfeita igualdade, através de uma vastissima superficie de oito milhões de kilometros quadrados, e guardada por toda ella a mesma densidade social e a mesma unidade de composição e de estrutura. Dos que assim pensam nenhum se deu

Eis a causa básica de haver o grupo humano planaltino atravessado as páginas da sua história de uma maneira assás diferente dos demais aos quaes elle tem estado de certo modo jungido e politicamente ligado.

Aqui se faz necessario nós previamente estabelecermos a differença entre povo, nacionalidade e Estado, ou entre grupo humano, grupo economico, e grupo politico.

Um povo é um agrupamento humano que se destaca em uma região geographica.

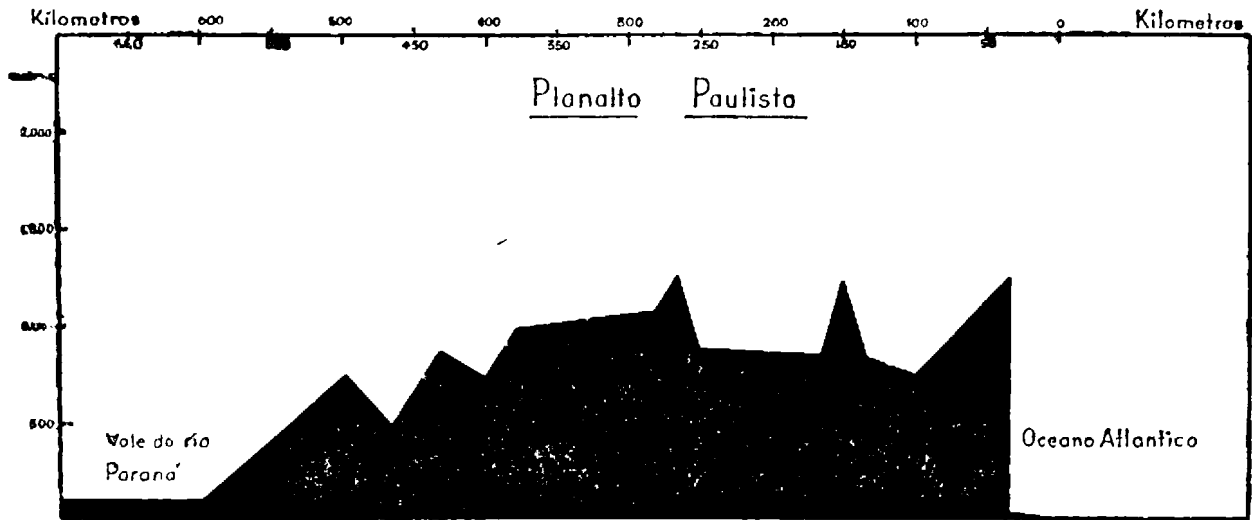
Nacionalidade é um agrupamento humano que possui identidades varias no qua diz idiomas, costumes, religiões, mentalidades, aspirações, interesses, etc.

Estado é a disciplinação juridica e governativa de uma ou muitas nacionalidades, que se subordinam. Grupo humano é a reunião de individuos ligados por certos liames moraes ou materiaes, de identidades. Grupo economico é a reunião provisoria ou definitiva de individuos com identicos interesses materiaes, os quaes

ao trabalho de desmontar as diversas peças e elementos de que se compõem esse vasto organismo, para ver como elle se formou e como elle funciona. E' natural que delle tenham apenas uma idéa vaga, uma idéa incompleta, ou uma idéa falsa.

Levam em conta a unidade da raça, da civilização e da lingua, e não sei o que mais; mas não querem levar em conta a diversidade dos "habitats", a sua acção durante tres ou quatro seculos, as variações regionaes no caldeamento dos elementos ethnicos e principalmente a innegavel differença das pressões historicas e sociaes sobre a massa nacional, quando exercidas ao norte, ao centro e ao sul.

Mesmo que fossem homogeneos os "habitats" e identica por todo o paiz a composição ethnica do povo, ainda assim a differenciação era inevitavel; porque — levando sómente em conta os factores sociaes e historicos é já possivel distinguir, da maneira mais nitida, pelo menos tres historias differentes: a do norte, a do centro-sul, a do extremo-sul, que geram por seu turno, tres sociedades differentes",



tendem para as mesmas directrizes. Grupo politico é a união mais ou menos intensa de um ou mais grupos humanos ou grupos economicos, para a concepção da sua organização juridica ou governativa, tendo em vista o mundo exterior.

O grupo humano paulista mais tarde se reforçou com os liames de grupo economico e elle possui uma ligação de dependencia politica ao Estado brasileiro que é uma méra associação politica. (1)

1) Em resumo, a pressão dos factores externos, primitivamente tão soberana e absoluta diminuiu a medida que o desenvolvimento da civilização ensinava ao homem a tornear os obstaculos que pareciam os mais fortes. Sem embargo disto os factores physicos conservam e conservarão sempre uma influencia poderosa. A produção economica está em relação intima com a fertilidade do solo e a riqueza do sub-solo. E como a situação economica age mais ou menos sobre todas as instituições, vê-se que os factores physicos, directamente ou indirectamente, interessam todas as manifestações da vida social. (Cornejo, "Sociologia Geral").

* * *

Esse inimigo externo de que se fala acima consiste em qualquer força que se faça sentir do exterior premindo o grupo humano.

Em relação ao planalto paulista o inimigo externo consistia nos grupos circumvizinhos que premiam o grupo planaltino exercendo nelle uma pressão mais ou menos forte.

No primeiro seculo, isto é, no quinhentismo os grupos circumvizinhos ao planaltino-paulista, era representado pelos grupos selvagens de tupis, carijós, guaranis, tamoyos, etc., existentes nas proximidades de Piratininga.

Logo porem o grupo luso-americano, do plaualto paulista se foi expandindo a pouto de ir tocar com outros que em direcção opposta tambem tendiam a crescer. Logo no seiscentismo foi o grupo humano hispanico-jesuitico-guarani que no Guairá vinha do Paraguay em direcção de leste, buscando o Atlantico. O planaltino-paulista teve um encontro violento com esse grupo e o venceu na chamada conquista de Guairá, de Tape, de Itatines, e do Uruguay.

Mas o crescimento ainda para maior do grupo humano planaltino-paulista fel-o entrar em contacto com o que partia do Rio de Janeiro, e com o que se formou em Minas Geraes com o concurso dos paulistas e dos emboabas.

Accidentes geographicos importantes separavam esses agrupamentos humanos dos paulistas. Era a Mantiqueira, a serra do Mar, alem da distancia e da falta de meios de locomoção.

Com o grupo humano do Rio de Janeiro o encontro do grupo planaltino-paulista foi pacifico e dahi as relações da região planaltina paulista com a metropole brasileira, relações essas mais intensificadas com o advento da ferrovia, já na segunda metade do seculo XIX.

Com o grupo humano de alem Mantiqueira, o contacto do grupo humano paulista-planaltino, foi violento, em razão dos intercsses antagonicos. O accidente geographico, serra da Mantiqueira separa porem de uma forma nitida os dois ággregados humanos. O advento da ferrovia na segunda metade do seculo XIX tornou menos visivel o antagonismo dos dois grupos humanos, mas realisou muito menos para a aproximação dos dois do que a Central do Brasil fez para a aproximação dos grupos do planalto e do Rio de Janeiro.

O grupo planaltino foi assim, premido, por grupos exteriores, com uma força sensivel, durante os trez primeiros seculos.

O advento do seculo XIX, não diminuiu essa pressão, pois que os grupos circumvizinhos ao do planalto se tornaram muito maiores, mais poderosos, continuando a exercer força em direcção contraria ao planalto paulista.

E' verdade que o apparecimento da ferrovia e o desenvolvimento da rodovia, agiram no sentido de annullar as differenças regionaes, mas temos de convir que o antagonismo dos grupos humanos, entre os quaes o planaltino se exacerbou pela concorrência economica e pela força de expansão de cada um, pela multiplicidade dos attrictos que se repetiam mais constantemente, pela diminuição das distancias em virtude do aperfeiçoamento dos meios de comunicação, etc.

Com o exposto, ve-se que o grupo humano planaltino tende a continuar nitido, premido por forças contrarias partindo de grupos humanos circumvizinhos.

O grupo humano paulista naturalmente reage contra essa pressão e dahi os attrictos que definem, cada vez com mais precisão os delineamentos do grupo humano paulista.

Assim vejamos:

O grupo humano de alem Mantiqueira, por exemplo. Foi elle constituido em região mesologica completamente diversa da do planalto. Trez vias de penetração, deram accesso as gentes que o foram formando:

- a) a vinda de S. Paulo pelo rio Parahyba, garganta do Embahú, na serra da Mantiqueira, fazendo penetrar ali uma particula da gente planaltina.
- b) a vinda do Rio de Janeiro pela estrada nova que Garcia Rodrigues Paes havia aberto em fins do seculo XVII e no inicio do setecentismo. Era essa a via que tomou aos poucos maior importancia, sendo aos poucos todo o trafico da região feito por ella. Por ali penetraram os lusos, por ali foram importados, em maior parte os negros que serviram na formação do grupo humano mineiro.
- c) a vinda da Bahia pelo rio S. Francisco. A descoberta do ouro agiu na gente até então occupada no plantio da canna em Pernambuco e na Bahia como uma bomba de sucção, attra-hindo para os soccavões das Geraes uma verdadeira onda de mulatos do norte que com os forasteiros portuguezes foram formar os emboabas que tanto deram que falar de si.

Essa gente mineira provida de stirpes diversas, evoluindo em meio geographico dotado de condições tão differentes por força tinha de caminhar por vias muito outras. Essa região continuou na contemplação mais ou menos inerte de seu sub-sólo opulento, retirando os restos do ouro escapo a sanha setecentista, e o ferro em proporções verdadeiramente ridiculas ao consumo desta parte da America do Sul. Bem como explorando o pastoreio, onde o meio não havia permittido que o grupo humano se dedicasse a agricultura, mister mais rendoso, e mais adensador de populações, com um sequito enorme de exigencias e de resultados. Isso tudo foi aos poucos formando uma mentalidade mais conservadora, mais apathica, menos febril. Dahi um systema de ferrovias e de rodovias foi aos poucos se enredando pelas montanhas rudes de uma região abrupta cujos centros de ligação faziam com que a região de alem Mantiqueira girasse em torno de outros nucleos fóra do planalto paulista, soffrendo delles as consequencias reflexivas.

O grupo humano ao sul do planalto, possuia ainda mais as suas características em saliencia. Ali o meio geographico, fizeram o chão plano e descampado.

O clima, mais frio, em uma região situada em maior latitude geographica, livre do bafo candente e resequido do noroeste abrazador, engolphava logo um typo social, profundamente differente do planaltino.

O sólo sem a ubertosidade do planalto, apenas se vestia de um tapete verde de vegetação rasteira, se ondulava em configuração topographica macia em coxilhas que pareciam um oceano onfeixado entre dois rios, o Iguassú ao norte, com uma matta crespa a lhe marcar o

curso sinuoso e o Uruguay, a assignalar a sua passagem calma em uma região de pastagem.

Com o cavallo e o boi, essa região tinha fatalmente que ser pastoril.

Dahi o gaúcho com todas as suas consequencias, resultados e reflexos nos varios sectores, o psychologico, ou o economico, etc.

Isso differenciava nitidamente esse grupo humano do planaltino.

Um isolamento secular plasmou essa differença que hoje não ha mais communicacões que a faça extinguir. De nada mais adiantaria querer promover a integraçào da mentalidade, do typo sociologico, da constituição economica, etc.

Qualquer esforço nesse sentido iria irritar e ser contraproducente.

Com essas marcas tão accentuadas esse typo de grupo humano exerce consideravel pressào sobre os grupos humanos aos quaes elle está politicamente ligado e por isso obrigado a uma serie de consequencias. Surgem dahi os antagonismos, as rivalidades, constantemente postas em açào, os interesses que se contrariam ou que por sua vez contrariam aos demais, etc.

Já por trez vezes, os planaltinos sentiram a pressào violenta do grupo gaúcho a querer se expandir para o norte. A primeira foi em 1893, a segunda em 1930 e a terceira em 1932. Quantas virão ainda?

A verdade é que o typo sociologico, psychologico, racial, do gaúcho está vincado, e querer dissolver-o é impossivel. Elle por isso, exerce uma certa pressào nos demais que lhe são dizentes sob qualquer aspecto, e particularmente naquelles que lhe são circunvizinhos. Essa pressào não é mais sensivel em razào da distancia, pois cerca de 1.500 kilometros de região pouco povoada o isolam no sul.

* * *

Na Europa os grupos humanos se fazem muito mais distinctos e nitidos, suas linbas e characteristics se tornam muito mais rigidas e seguras, porque esses grupos humanos identificados em paizes soberanos, são comprimidos por outros grupos humanos que possuem linbas e characteristics differentes, que seguem marcha evolutiva diversa, pressionando se uns aos outros e os obrigando a uma maior concentraçào psyquica, social, etc., de modo a se irem tornando cada qual mais rigidos.

S. Paulo não sente uma pressào tão accentuada de grupos humanos vizinhos. Já pela immensidão territorial de cada Estado da Federaçào, elles não tem necessidade de expansào territorial e dahi não alimentarem ambições gulosas de conquistas bellicas. Cada grupo humano está satisfeito com o territorio que lhe coube e ainda não attingiu nenhum delles, precisào de augmentos, pelo que as questões de limites não attin-

Voltemos porem a mesologia planaltina.

Diziamos que o planalto paulista forma uma nítida região geographica com as suas características proprias.

Que características são essas?

giram a importancia de que se revestem essas contendas na Europa, onde os grupos humanos se comprimem apertados dentro de lindes territoriaes que os fazem ambicionar crescimentos e expansões. S. Paulo e seus vizinhos ainda não chegaram a possuir densidades taes da população que os abriguem a esses desejos de crescimento, os quaes na Europa sendo antagonicos reforçam enormemente os laços de solidariedade entre os grupos humanos que se comprimem.

De facto, S. Paulo tem do lado Sul o nucleo humano que se confunde com a unidade politica do Estado do Paraná. Enorme distancia porem separa S. Paulo desse nucleo humano, constituida por extensões territoriaes immensas e despovoadas, de modo que não ha contacto entre S. Paulo e Paraná, e não ha pressões entre ambos, pois que essas pressões se amorteceriam pelas distancias despovoadas.

Mais para o Sul, S. Paulo tem o nucleo humano riograndense. Mas desse separado por cerca de dois mil kilometros de distancia, quasi não entra em antagonismo com elle, da forma que se ve na Europa entre os diversos nucleos humanos que se disputam mais ou menos encaunadamente territorios que lhes fazem falta atrozmente.

Do lado Oeste, S. Paulo tem o Matto Grosso, região despovoadada e que de maneira alguma contendente com S. Paulo em antagonismo expansional.

E' do lado Norte que S. Paulo sente mais pressão.

Nessa direcção está Minas Geraes, alem do Rio de Janeiro, que exercem sobre São Paulo uma certa pressão. Sentimos isso na questão de limites que o grupo humano paulista contende com Minas Geraes. E' desse lado de São Paulo que mais se adensa a população, de modo que ahí é mais sensivel o antagonismo.

Não é pois pela pressão externa que os grupos humanos nesta face do continente sul americano mais se destacam; mas com o tempo, a proporção que as populações se adensam, a medida que os territorios de cada um se fazem mais escassos, esses grupos humanos vão se fazendo mais rigidos pela pressão que receberão dos vizinhos. Elles se vão solidarizando mais a exemplo dos européus.

O que caracteriza uma mesologia geographica são:

- a) O CLIMA (1) (2).
- b) O SOLO na sua composição quimica e na sua configuração geographica ou topographica.
- c) O SUB-SOLO na sua composição geologica.
- d) A SITUAÇÃO GEOGRAPHICA, mais ou menos longe do mar. (3)
- e) A POSIÇÃO TOPOGRAPHICA, a cavalleiro em um planalto.

Examinemos cada um desses dois factores do meio geographico, e depois vejamos as consequencias desses factores.

1) "Uma variedade infinita de climas resulta da combinação dos elementos metereologicos dos quaes estudamos as leis e mostramos as relações complexas".

(Em. Martone, "*Traité de Geog. Physique*").

2) "Os raios solares não chegam directamente a superficie da Terra, como se suppunha até agora; elles tem a atravessar uma camada de ar de 30 kilometros de espessura, mais ou menos, a qual não deixa passar senão uma porção relativamente fraca de seu calor. Mas se a athmosphera tira da superficie terrestre uma parte do calor solar, ella a protege tambem contra o resfriamento particularmente accentuado durante a noite. A função da athmosphera é então de amortecer as variações do calor na superficie do sólo. Assim se explicariam as condições climaticas especiaes das altas montanhas. A camada de ar sendo menos espessa ahí e tambem menos densa, as variações de temperatura do sólo são consideraveis. Essas variações são as causas das rapidas decomposições das rochas o que contribue a dar aos picos alpinos suas formas rendilhadas." (Em. Martonne, "*Traité de Geographie Physique*").

3) "A primeira das causas differenças thermicas entre as regiões continentaes e as regiões maritimas é a differença do calor especifico da terra e da agua. O calor especifico da terra é de 6|10 em relação ao da agua, isto é, que a mesma quantidade de calor elevará, durante o mesmo tempo, a temperatura do sólo cerca de duas vezes mais do que a da agua (se a temperatura da agua sóbe de 6°, a do sólo subirá

durante o mesmo tempo, de 10°). Ou ainda a mesma elevação de temperatura será adquirida pelo sólo, cerca de duas vezes mais depressa do que pela agua (6 horas contra 10 horas); mas em seguida a agua se esfriará cerca de duas vezes mais lentamente do que o sólo. Uma segunda causa vem augmentar os contrastes: a agua aquecida se evapora, o que tende a abaixar a sua temperatura. Calcula-se que a energia calorica de 6|10 do calor solar que bate na superficie dos mares equatoriaes, é empregada na evaporação. A agua evaporada fica suspensa no ar; ora nós vimos que a transparencia do ar depende de seu gráu de humidade. O ar humido retém uma forte proporção de calor solar, não deixando chegar ao sólo e as camadas inferiores senão uma fraca quantidade delle.”

(Em. Martonne, "*Traité de Géographie Physique*").

“A repartição das terras e dos mares tem uma influencia muito grande e facil de comprehender sobre a distribuição da agua na athmosphera. Os mares são onde se realisa, com mais intensidade as evaporações. E’ então sobre os mares que o ar é em geral mais carregado de humidade de nebulosidade a mais forte, o que contribue ainda para attenuar as variações thermicas nos climas maritimos. Os continentes apresentam as minimas as mais baixas de humidade athmosphérica. Em Koufra, no Sahara, Rohlf observou uma humidade absoluta de 9mm.8 e uma humidade relativa de 17 %. Em semelhante gráu, ve-se a agua posta em um pires se evaporar em algumas horas, os lábios seccam, e as unhas quebram-se.

A humidade do ar sendo em media maior sobre os mares, as precipitações athmosphéricas são mais abundantes em geral nos oceanos e nos litoraes. Os climas maritimos são geralmente mais chuvosos do que os climas continentaes.

Entretanto ha excepções que são influenciadas pela acção do rebo, ou pela acção da direcção dos ventos.

A repartição das terras e dos mares tambem exerce importante influencia sobre o regimen dos ventos. Nós vimos já a differença das temperaturas entre os mares e as terras a noite e a manhã produzindo as brizas da terra e do mar. Semelhantes differenças tem por consequencias os ventos de estações chamados de monções, que regulam todos os phenomenos vitaes das regiões do oceano Indico, e das costas da Asia Oriental. Mesmo nas zonas temperadas, os contrastes de temperaturas entre o mar e os continentes, modificam, particularmente no hemispherio Norte, o regimen das pressões athmosphéricas. E’ a elles que são do-

§ 2.º — O CLIMA PLANALTINO (1)

O clima em geral tem os seguintes factores:

- a) Temperatura.
- b) Humidade (Regimen pluviometrico e evaporação).
- c) Regimen de ventos.
- d) Pressão barometrica.
- e) Variações, temperaturas, barometricas e pluviometricas.

E' o conjunto desses factores em uma equação algebrica que formam o clima de uma determinada area territorial. Para que um clima seja similar é preciso que esses factores coincidam mais ou menos.

vidas as minima barometricas do Atlantico e do Pacifico Norte, as altas pressões da Siberia e os ventos disso resultantes.

Os ventos passando do mar para a terra levam para os continentes as influencias oceanicas. Na zona temperada particularmente, elles modificam o regimen thermico dos litoraes, abaixando as temperaturas na estação quente, e elevando-as na estação fria.

Esses ventos em geral são humidos e chuvosos, sobretudo na zona temperada. Ha excepções, mas ellas se explicam sempre, seja porque o vento sopra de regiões de latitude mais elevada e por consequencia mais fria, seja pela influencia de uma corrente fria perlongando a costa."

(Em. Martonne, "*Traité de Geographie Physique*").

1) "Uma raça sente as maiores difficuldades de se transplantar de uma zona onde os periodos de calor e de frio não são os mesmos que na em que ella habita. O européu não pôde procrear na zona tropical, seu organismo se debilita; a causa parece ser a falta de um periodo frio. As raças europeas que conseguem melhor se acclimatar, na zona subtropical ao menos, são originarias da subdivisão quente da zona temperada. (Hespanhóes e portuguezes)".

(Em. Martonne, "*Traité de Geographie Physique*").

Em 1928 já eu escrevia a esse respeito no meu livro "*Pedras Lascadas*":

Com a supressão do trafico africano, de escravos, e com a expansão rural paulista, ao sobrevir a libertação de 88, S. Paulo, para não ver sossobrar o seu esforço collossal, no nosso hinterland da terra roxa por falta de braço, teve que recorrer á immigração européa.

Deparou-se-nos, então o empolgante problema, que até hoje nos interessa, e que até o presente é controversia scientifica.

Trata-se da adaptabilidade do européo no nosso clima tropical.

Muitos até hoje affirmam convictos que, cada povo tem uma restricta area climaterica de habitabilidade, fóra da qual se resente nas suas funcções de ordem physiologicas. Knox, foi um dos maiores apologistas dessas idéas exageradas. Não só o organismo de um immigrante estaria exposto sem defeza, aos ataques das novas molestias, e do novo clima da região de immigração, como tambem a esterilidade, ou ao menos a diminuição sensível da fecundidade seria de uma fatal superveniencia, dizem elles.

Wallace, "*Acclimatisation*", Encyc. Britannica, 9.º ed., diz:

"With plants and animals a sudden change of habitat will often produce a temporary sterility, wich disapears only after a series of chance variation."

A' esse facto Knox e Brace, attribuem o decrescimento dos nascimentos na America. Até Virchow concorda com essas idéas (*Ver. Berliner Ges. f. Anthropol.*), (1885, pg. 213), Ripley, (loc. cit.), menciona, entretanto, muitos casos observados, em contrario, pelo que se chega a conclusão inilludível de que essa esterilidade se dá, quando as mudanças são accentuadas e bruscas. O que porém, não resta a menor duvida, é, conforme a raça, existe maior ou menor gráu, de adaptação.

Assim, o negro, como já vimos anteriormente, mudando do seu habitat africano, se resente no seu apparelho respiratorio, transtorno esse que se reflecte na fecundidade e na mortalidade. O europeu, pelo contrario, tem o seu ponto fraco no apparelho digestivo, etc. De todos os typos, o que em maior gráu parece demonstrar uma adaptabilidade real é sem duvida o mongól e seus derivados.

Assim o chinez apresenta um coeffericiente formidável de adaptabilidade, supportando tanto a enregelada Siberia, como o Indico equatorial.

O mongól, segundo Bordier, "*Japonais et Malais*", é isento de molestias enflammatorias, do beri-beri, etc., pelo que seria bem recommendavel sob esse aspecto a Amazonia. O japonéz e o malayo, raças mestiças, não se apresentam com a mesma resistencia.

Do européo, já temos a larga e concludente experiencia dos ibo-ricos, aliás a gente mais adaptavel de toda a Europa.

No norte do paiz, o iberico, apesar da sua resistencia prodigiosa, só se tem mantido, pela continua e interrupta immigração. Elle se tem cruzado intensamente com o indio, e tem perdido o seu typo physico, para se perpetuar apenas o do indio brachycephalo. Em estado puro o iberico não perdura, sendo eliminado pelas seleções. O typo anthropologico, no norte e no nordeste prevalece apenas na faixa litoreana, onde o iberico se evidencia, unicamente pela immigração ininterrupta. Em S. Paulo e em Minas, etc., porém, o iberico tem mostrado uma adaptabilidade perfeita.

Das raças européas, como disse é a iberica a de maior gráu de adaptabilidade, e Ripley insiste em isso affirmar, (loc. cit. 582), citando o *Bollet. da Soc. de Anthropol.*, 1886, pag. 269, que reproduz os seguintes quadros referente ao norte da Africa:

	Nascimentos	Obitos
Hespanhóes	4.6 %	3.0 %
Maltezes	4.4 %	3.0 %
Italianos	3.9 %	2.8 %
Francozes	4.1 %	4.3 %
Allemaes	3.1 %	5.6 %

O Dr. Ricoux, observou, por seu lado as seguintes médias de mortalidade infantil de menos de 1 anno:

Hespanhóes	18.0 %
Maltezes	17.0 %
Italianos	19.4 %
Francozes	22.5 %
Allemaes	27.3 %

* * *

Vê-se dahi que, as estirpes mediterraneas, são as mais adaptaveis, cousa que para nós não é nenhuma novidade, e no estrangeiro, proclamam Ratzel, Jousset, Montano, Felkin, Bordier, Levasseur, e tantos outros.

Os italianos têm até agora, maravilhosamente supportado a mudança do habitat, pelo que é de se esperar não se alterem nesse comportamento de futuro. (*)

*) Entre nós o italiano tem demonstrado uma grande fortaleza nos seus aparelhos respirativos e digestivos, claudicando porem quanto ao aparelho circulatorio.

A mortalidade entre elles causada por affecções no aparelho circulatorio é muito elevada e nelles a arterio sclerose, as embolias, os insultos cerebraes, etc., são muito frequentes segundo affirmam as estatisticas por mim examinadas.

No referente ás molestias mentaes os italianos se mostram tambem inferiores, como attestam as estatisticas de criminalidade, de suicidios e dos alienados de toda a especie.

Acredito porem a causa não repousar na má adaptação e sim no alcoolismo.

O francez na sua tentativa de colonisação do norte africano, teve a supportar as maiores hecatombes para vencer, e os allemães entre nós tem provado mal, degenerando physicamente como os de Santo Amaro, e os de Limeira. E' possivel que em melhores condições de hygiene e com a vida mais urbana, se possa receber com mais successo essas raças mais sensiveis do norte e do centro da Europa, mas mesmo assim, ellas serão sempre inferiores ás mediterraneas, que pela maior fecundidade e menor mortalidade terão de prevalecer finalmente.

Ripley, diz que (loc. cit., 551), summariando as vistas das autoridades sobre o caso a opinião mais universal, parece ser de que a verdadeira colonisação dos tropicos pela raça branca é impossivel.

Ao planalto paulista, porém, não se pôde applicar rigorosamente essa conclusão, porque, comquanto esteja situado nos limites tropicaes, com a zona temperada, está tambem em uma altitude de 500 a 600 e a 800, 900 e 1.000 metros do nivel do mar, que muito attenúa a latitude tropical pelo que se pôde considerar o planalto na zona temperada, e portanto fóra da sentença de Ripley.

Por isso, talvez, é que o iberico, e o italiano, tem se adaptado bem, e quiçá, por isso, os povos do centro da Europa e os de raça nordica, embora não se adaptem da mesma maneira, não degeneram tão rapidamente, e não se resentem com tanta violencia, a ponto de serem eliminados, "*in totum*", como se daria em regiões brasileiras do norte. Sempre esse resentimento physiologico, o qual não pôde deixar de se dar, será no planalto menos accentuado, de modo que, dá tempo a que esses elementos do centro e do norte da Europa, se cruzem com a gente preexistente, resultando filhos perfeitamente acclimaveis, ou mesmo se reproduzam entre si, gerando filhos, que, serão mais adaptaveis. Certamente que, mesmo assim a mortalidade entre esses elementos será forçosamente maior, e talvez, mesmo, a natalidade resultante do cruzamento delles com os preexistentes, ou delles entre si seja menor do que a mortalidade, mas os effeitos não serão tão virulentos que os aniquille completamente antes de se poderem acclimar de vez,

Assim, por exemplo, se porventura aqui chegarem 100.000 nordicos, e 100.000 mediterraneos. Enquanto estes se reproduzem livremente, dando uma natalidade maior do que a mortalidade, algum tempo depois, existirão, digamos 150.000 individuos oriundos na raça mediterranea, enquanto que só encontraríamos, 75.000 nordicos, porque a natalidade destes seria menor do que a mortalidade. (Isso é simples hypotheses).

Acreditamos que, só assim os elementos, que não mediterraneos se possam incorporar no nosso systema ethnico. A sua força numerica, para produzir os mesmos effeitos, terá de ser duas ou mais vezes maior do que a de qualquer raça mediterranea. Por isso, é que estamos fadados a ser sempre um povo filhado a mediterraneos com ligeiro afluxo de elementos alpinos.

* * *

Concordando com essa thése, a proposito de aclimação do elemento luso, o erudito Gilberto Freyre tem as seguintes palavras a proposito do assumpto, na pagina 16 de seu "Casa Grande e Senzala":

"De qualquer modo, o certo é que os portuguezes triumpharam onde os outros européus falharam: de formação portugueza é a primeira sociedade moderna constituida nos tropicos com caracteristicos nacionaes e qualidades de permanencia. Qualidades que no Brasil madrugaram em vez de se retardarem como nas possessões tropicaes de inglezes, francezes e hollandezes.

Ontros europeus, estes brancos puros, dolicolouros, habitantes de clima frio, ao primeiro contacto com a America equatorial succumbiriam ou perderiam a energia colonizadora, a tensão moral, a propria saude physica, mesmo a mais rija, como os Puritanos colonizadores de Old Providence; os quaes da mesma fibra que os pioneiros da Nova Inglaterra desentesaram-se todos ao calor dissolvente da ilha americana: este é o que os espaçou nuns dissolutos e moleirões.

Não foi outro resultado da emigração de "loyalists" inglezes da Georgia e de outros dos novos estados da União Americana para as ilhas Bahamas, duros inglezes que o clima tropical em menos de cem annos amollegou em "poor white trash"; o mesmo teria provavelmente succedido aos calvinistas francezes que no seculo XVI tentaram muito anchos e triumphalmente estabelecer no Brasil uma colonia exclusivamente branca e daqui se retiraram quasi sem deixar traços de sua acção colonizadora. Os que deixaram foi em areia de praia, ou então em recifes por onde andaram so agarrando os mais persistentes companheiros de Villegaignon antes de abandonarem definitivamente o Brasil."

Em abono de suas ideias Gilberto Freyre cita Newton, "*The colonising activities of the English Puritans*", Huntington, "*Civilisation and Climate*".

Oliveira Vianna, ao correr do seu magnifico "*Raça e Assimilação*", já citado, mostra-se a favor dessa thèse, isto é, do não aclimamento do Nordico, do Germanico na região equatorial, ainda que seja possível ao Iberico. Elle cita Germano Correia, "*Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde portugaise*":

"O problema da influencia degenerativa do clima tropical sobre os grupos ethnicos de origem europeia, é uma questão ainda a estudar e a resolver, pois cada vez se reconhece mais que ha varios typos de climas tropicaes e que as diversas ethnias europeas não se acclimatam com a mesma facilidade em todas as regiões quentes".

Entre os mais sugestivos periodos do notavel escriptor fluminense e aos quaes eu não posso resistir o desejo de reproduzir, figuram aquelles em que o illustre escriptor accentua mais o seu modo de encarar a questão se firmando entre os que não encontram duvidas quanto a não acclimação da raça Nordica nas zonas tropicaes e equatoriaes:

"Com effeito, em face das experiencias colonisadoras da Africa, da Australia, da Asia e da America os grupos formados por ethnias de raça Nordica, parecem revelar sensível incompatibilidade com os climas de typo tropical, principalmente os equatoriaes. E' unanime o conceito entre os anthropologistas e technicos em medicina tropical, de que o Nordico não pôde acclimatar-se nas regiões megathermicas do globo, entendendo-se acclimação no sentido que lhe dão os modernos ecologistas e anthropogeographistas, Glenn Trewartha, Huntington, Griffith Taylor, Eykmann, Sapper, etc. Nos centros tropicaes de colonisação nordica, os estigmas de degenerescencia se revelam de uma maneira muito frequente, entre os "descendentes". E' o que se observa na Australia Tropical, na India, na Africa Ingleza e na America Insular. Ainda agora o ultimo recenseamento de 1921, realizado na Africa Ingleza, assignala uma redução muito forte no crescimento da população branca nestes ultimos dez annos e, ao mesmo tempo, manifesta a sua inquietação ante o desenvolvimento alarmante dos "poor whites" e "crackers", isto é, fraccassados, degenerados e indigentes".

Confirmando o que acima ficou exposto, Oliveira Vianna cita Bol-drini ("*Biometrica*") que diz:

A TEMPERATURA

O referente a temperatura é preciso se estabelecer os seguintes factores para ella:

- 1) Latitude.
- 2) Altitude. (1)

“Os individuos de cabellos louros e os de cabellos brunos, os de olhos escuros e os de olhos claros, os de pelle trigueira não são sujeitos a acção dos agentes morbigenos na mesma proporção”.

E isso naturalmente porque, diz Cuenot, apud Oliveira Vianna, loc. cit., “os olhos azues apparecem em geral associados a um temperamento physiologico, que torna os seus portadores extremamente susceptiveis a acção das altas temperaturas”.

Ainda a commungar na thése que acima está marcada o professor Boquette Pinto, meu prezado amigo e mestre, affirma no seu livro “*Seizos Rolados*”, 171:

“Os alpinos e mediterraneos é fóra de duvida que se acclimatam muito bem sob os tropicos. Dos nordicos já não se pôde dizer o mesmo”

Concluindo o que querem dizer essas tres grandes summidades mencionadas, sobre a materia, temos que as selecções teluricas teriam agido impiedosa e drasticamente nesse terreno de disparidades de resistencias fazendo com que as populações ao longo dos 40 gráus de diferentes longitudes brasileiras fossem as mais heterogeneas.

Sobro esse assumpto, consulte-se um optimo livro “*La race dans la civilisation*”, do Professor Hanksins, da Universidade de Northampton, já traduzido em francez e editado pela casa Payot.

1) “O relevo do sólo das regiões montanhosas tem um clima tão particular que nós sobre isso, faremos um capitulo especial. Tambem

3) Distancia do oceano, se região marítima ou continental.

4) Vegetação de cobertura. (1)

5) Topographia do sólo.

6) Systema potamographico.

nós nos contentaremos de indicar rapidamente em que consiste a influencia da altitude sobre os diversos elementos metereologicos:

1.º — A altitude augmentando, a camada de ar se faz menos espessa e menos densa (*diminuição da pressão athmosphérica*).

2.º — Em virtude disso, o ar absorve menos calor solar (*diminuição da media annual, atenuação e oscilação diurna e oscilação annual da temperatura do ar*).

3.º — Augmento do valor da insolação durante o dia e perda de calor, pela irradiação durante a noite, bruscas e fortes oscilações da temperatura do sólo contraste muito grande entre as partes ensolaradas e sombreadas.

4.º — A humidade relativa augmenta para uma mesma quantidade de agua contida na athmosphera, quando a temperatura abaixa. Em virtude disso a humidade relativa augmenta com a altitude. As montanhas são em geral mais humidas, mais nebulosas e mais chuvosas do que as planicies. As chuvas augmentam quasi sempre com a altitude, mas esse augmento tem limites.

5.º — Com effeito a humidade absoluta diminue com o augmentar das elevações, assim, alem de uma certa zona de altura variavel, o ar se torna cada vez mais secco. Nos cumes dos altos picos equatoriales (Kilimandjaro, Konia), acha-se uma flora semi-desertica.

6.º — A montanha age ainda sobre o regimen dos ventos. O contraste thermico entre os valados e os altos cumes determina a alternancia quotidiana das brizas da montanha e dos valados. Outros ventos, sem ser inteiramente creados pelas montanhas são inteiramente transformados por ellas."

(Em. Martonne, "*Traité de Geographie Physique*").

1) "Póde-se citar ainda, entre os agentes que produzem modificações locais dos climas, a vegetação. A influencia das florestas, sobre a temperatura foi bem estudada nas cercanias de Nancy, no Saxe, e na Suecia.

Constatou-se em toda a parte uma temperatura media mais baixa nos districtos florestaes. Esse abaixamento da media annual, é devido sobretudo aos mezes de verão, menos quentes do que em planicies descobertas.

Quanto a latitude, o planalto paulista está situado na parte centro oriental da America do Sul em plena zona torrida, isto é, entre o Equador, a linha de calor maximo e o tropico de Capricornio. Isso só, faria com que a temperatura do planalto paulista fosse elevada, não fossem os demais factores que se conjugam para fazel-a mais amena. Politicamente ligado ao paiz denominado Brasil, tem a maior parte da sua kilometragem em plena zona torrida, o planalto paulista figura nesse territorio como um oasis climatico em meio de um calor immenso que impera nesse paiz.

E' que a altitude em uma região a cavalleiro do nivel do mar em cerca de 300 a 1.000 metros corrige os rigores temperaturaes, dando a toda ella uma media de 2 a 4 gráus a menos na columna thermometrica. Isso amenisa extraordinariamente a temperatura dando uma suavidade de calor que é muito mais propicia e agradavel para a vida humana.

Se compararmos o que diz temperatura do planalto paulista com o que existe em outras regiões continen-taes sulamericanas temos:

Nos paizes equatoriaes, a floresta virgem que cobre immensos espaços é a causa de um abaixamento muito sensivel da temperatura media e de uma diminuição de oscilação thermica diurna, devida sobretudo a humidade do ar e a nebulosidade. A influencia thermica da floresta, é devida, de facto, não sómente a que ella abriga o sólo contra a insolação e a irradição, mas no que ella realiza na producção de uma massa bastante grande de humidade.

Os aeronautas assignalam em cima das florestas um resfriamento sensivel que os obriga a um lançamento continuo de lastro para ahi se manterem.

(Em. Martonne, "*Traité de Geographie Physique*").

	Temp. do mez mais quente	Temp. do mez mais frio	Diferença ou amplitude	Região	Temp. do dia mais quente	Temp. do dia mais frio	Amplitude
Belem	26.5	25.1	1.4	Amaz.	34.6	18.0	16.6
Turiassú	37.4	25.0	1.9	"	37.6	15.1	22.5
S. Luiz	27.2	26.5	0.7	"	33.1	20.2	12.9
Natal	27.2	24.4	2.8	Nordeste	32.6	16.1	16.5
Parahyba	26.1	23.5	2.6	"	34.6	17.0	17.6
Jaboatão	25.2	22.6	2.6	"	33.2	15.5	17.7
Aracajú	27.1	24.8	2.3	"	35.9	18.6	17.3
R. de Jan.	25.6	20.1	5.5	Litoral	39.0	10.0	29.0
Santos	25.5	19.0	6.5	"	41.8	5.0	36.8
Paranaguá	24.1	15.7	8.4	Lit. Sul	38.0	1.0	37.0
Florian.	24.7	16.7	8.0	"	33.8	1.3	32.5
Port. Aleg.	24.6	13.6	11.0	Sul	39.6	1.6	38.0
Curityba	27.4	6.6	20.8	planalto	34.5	4.8	39.3
S. Carlos	27.7	9.1	18.6	"	35.4	0.0	35.4
Bandeiran.	28.6	9.7	18.9	"	35.8	3.1	32.7
Camp. Jord.	22.4	1.4	21.0	"	28.8	0.2	28.6
S. Manoel	29.2	12.0	17.2	"	37.0	0.0	37.0
Campinas	28.2	10.2	18.2	"	36.7	0.2	36.5
S. Paulo	26.9	9.0	17.9	"	34.4	— 2.0	36.4
Alto Ser.	26.1	11.6	14.5	"	34.0	0.0	34.0
S. J. Camp.	30.6	8.4	22.2	"	37.3	— 3.3	40.6
Apiahy	24.9	10.3	14.6	"	34.4	— 2.8	37.2
P. Grossa	25.3	6.0	19.3	"	33.1	— 4.2	37.3
Guarapuava	27.1	6.6	20.5	"	34.0	— 4.8	38.8
Mattão	31.9	8.7	23.2	"	39.8	0.5	39.3
Araras	28.4	8.0	20.4	"	36.6	0.0	36.6
Vassouras	29.6	12.6	17.0	"	37.0	0.6	36.4
Rezende	30.5	11.1	19.4	"	37.7	— 0.3	37.4
Poços Cal.	25.5	6.8	18.7	"	33.9	— 0.0	33.9
Avaré	29.5	8.8	20.7	"	39.9	— 0.2	40.1
Ang. Reis	28.8	15.7	13.1	litoral	42.1	9.4	32.7
Blumenau	32.3	10.7	20.6	sul	41.1	0.2	39.9
Rib. Preto	31.0	9.4	20.6	planalto	40.0	0.4	39.6
Trez Lagôas	33.6	12.9	20.7	centro	41.0	1.5	39.5
Corumbá	34.3	17.9	16.4	"	40.6	0.8	39.8
Uberaba	30.0	12.3	17.7	"	36.2	1.0	35.2

(1) - (V. nota. pag. seg.)

Por ahí vê-se que no tocante a temperatura se destaca com nitidez a zona do planalto paulista, se differençando bem das zonas circumvizinhas não sómente quanto a elevação temperatural mas também quanto as amplitudes ou variações mensaes. Esse destaque é particularmente nitido em relação aos limites leste e norte do planalto, sendo que para os lados sul e oeste não ha tanta precisão na delimitação do planalto em sua temperatura, pois que ha regiões em que o regimen se assemelha ao do planalto paulista, no que diz respeito a temperatura.

Esse regimen temperatural é causado em grande parte pela altitude em que se acha o planalto. Elle está sobre uma elevação a cavalleiro do nivel do mar, em uma medida que varia desde 300 metros a cerca de 1.000 metros. Isso faz com que sejam atingidas camadas athmosphericas mais frias que se compõem de uma

1) Verifica-se pela lista atraz que S. Paulo nem sempre offerece temperaturas mais baixas que alhures. Assim, por exemplo, Santos tem maximas mais elevadas que muitos pontos brasileiros, Jabocatão, por exemplo; bem como tem minimas mais elevadas que não poucos lugares brasileiros, Blumenau ou Corumbá ou ainda Uberaba, por exemplo. Mas Santos não é o planalto e no Brasil existem muitos pontos elevados. O planalto paulista é que institue quasi que toda area do territorio paulista, e os pontos de temperatura baixa no Brasil são raros e não englobam area grande como no planalto paulista. Eu não poderia tomar como base esses "oasis".

Alem de tudo, é preciso accentuar, não é a temperatura mais ou menos fria que gera a efficiencia, é sim a maior ou menor amplitude, isto é, a differença entre as maximas e minimas que produz as condições melhores para a efficiencia.

Infelizmente no Brasil essas differenças não se fazem notaveis e quando existem são em areas pequenas, a não ser no planalto paulista em que isso se verifica em area grande, comprehendendo uma grande massa humana.

massa gazosa mais diaphana, menos densa e assim prendendo menos os raios calóricos do Sol. Com isso essa massa gazosa se torna mais fria, resultando dahi uma temperatura mais amena para a região, que essa massa gazosa envolve como atmospherá.

Isso quanto a temperatura.

Quanto as amplitudes ellas são em razão da situação continental em que está o planalto. Sabemos que os climas marítimos são mais constantes, e os continentaes mais variaveis. (Em. Martonne, "*Traité de Géographie Physique*").

A causa disso está em que os climas marítimos, particulares a regiões litoraneas, soffrem a influencia da immensa massa liquida dos oceanos que perde e ganha calor com muito mais difficuldades do que as massas solidas. Ahi as massas liquidas dos oceanos funcionam como immensos reguladores, que conservando o calor de uma forma muito mais constante assim nesse sentido influem a orla marginal que naturalmente tem um regimen temperatural baseado na constancia thermometrica.

Seria pois natural que o planalto, sendo uma região geographica que se distancia progressivamente do oceano não soffra a influencia estabilisadora desse grande conservador de calor. Dahi as altas e baixas thermometricas que se observam em toda a região planaltina.

Isso é ainda accentuado pelo regimen de ventos.

Sabemos que sopra alternadamente no planalto o quente e resequido vento Noroeste, e o frio vento Sul.

O vento Noroeste, vindo de regiões centraes da America do Sul, onde o calor abraza regiões deserticas e

desnudas, traz consigo a elevação thermometrica e o vapor sorvido ao penetrar elle no planalto paulista onde não é pequena a quantidade superficial onde ha liquidos a se evaporarem.

O vento Sul se afunila, vindo da Republica Argentina, trazendo consigo o abaixamento da temperatura e vae bater contra a muralha da serra da Mantiqueira que se eleva, limitando do lado Norte o planalto paulista. Esse sopro provindo de latitudes que se aproximam do Pólo Sul e se canalisa tendo um dos lados formado pelas geleiras andinas, varrendo as planicies da Patagonia e as coxilhas do Rio Grande, onde tem os nomes de “*minuano*” e de “*pampeiro*”, chega ainda frio no planalto paulista, onde provoca uma quéda brusca de temperatura.

Dahi as alternancias, as altas e baixas bruscas de temperatura, as amplitudes registradas pelos observatorios e consignadas na lista comparativa acima.

Isso dá ao regimen temperatural planaltino uma particularidade que o faz “*sui generis*”.

A HUMIDADE (1)

O planalto paulista é uma região regularmente humida. Menos humida do que a região amazonica ou a litoranea, mas mais humida do que o Nordeste.

1) “De todos os phenomenos climatologicos, o que, por suas variações locais, tem a maior repercução sobre todas as formas de actividade do mundo physico e organico na superficie do globo, é sem contestação o das chuvas. A quantidade e o regimen das precipitações regulam as condições do modelado terrestre, a decomposição mais ou menos rapida das rochas, a formação dos sólos, o escoamento, a erosão

e o alluvião dos rios. Elles regulam tambem a vida das plantas e dos animaes. Elles são importantes para todos os productos da actividade humana, que derivam da exploração do sólo, e as trocas commerciaes de que são objecto e além de tudo são um factor de variações, o qual cada vez mais se aprecia a importancia.”

(Em. Martonne, “*Traité de Géographie Physique*”).

“A humidade do ar é interessante á geographia, não sómente porque ella é a origem das precipitações, maq ainda porque multiplas consequencias biologicas se fazem sentir de suas variações. E’ impossivel, sem se ter em conta a humidade do ar, comprehender a influencia da temperatura sobre os organismos. Em um ar humido, um fraco abaixamento de temperatura ou uma fraca elevação da mesma, produzem uma impressão muito viva no homem, assim como sobre os animaes. A seccura do ar torna, ao contrario, supportaveis as temperaturas as mais extremas. Os 40° de frio dos invernos siberianos, os calores saharianos, são relativamente faceis de serem supportados, graças ao abaixamento da humidade relativa que os acompauha (na Siberia a humidade absoluta é tão fraca que máu grado o abaixamento da temperatura, o ponto de saturação fica muito distante). O explorador Foureau nota a impressão pennivel sentida por elle e seus companheiros entrando na zona do Sudan, onde entretanto as temperaturas são menos elevadas do que no Sahara.

Differenças reaes separam as raças humanas, adaptadas aos climas secos das adaptadas aos climas humidos. Mais nervo e menos musculos, um temperamento mais activo, de mais mobilidade e de espirito de iniciativa parecem ser a caracteristica das primeiras. O contraste é mais accentuado ainda na Africa entre os Hamitas ou Semitas da zona desértica e os negros do Sudan. Poder-se-hia explicar pelas mesmas considerações alguns factos historicos os mais importantes que offerece a evolução dos povos européo-asiaticos.

Para fazer sentir tão nitidamente sua influencia sobre o homem e as manifestações de sua actividade, esses phenomenos devem estar entre os factores preponderantes da vida animal e vegetal. Nós veremos que na realidade, são as variações da humidade do ar, bem mais que a pluviosidade, que determinam os aspectos tão variados da vegetação xerophila e hygrophila.”

(Em. Martonne, “*Traité de Géographie Physique*”).

Eis um quadro comparativo do qual se podem concluir com mais firmeza:

	Humidade do ar	Chuvas	Região
Belém do Pará	93 %	2.482mm.	Amazonia
Santarem (Pará)	93 %	1.713mm.	"
S. Luiz do Maranhão	82 %	2.148mm.	"
Turiassú (Maranhão)	90 %	2.157mm.	"
Manáos (Amazonas)	82 %	1.675mm.	"
Fortaleza (Ceará)	77 %	1.488mm.	Litoral Nordeste
Quixeramobim (Ceará)	61 %	657mm.	Nordeste
Quixadá (Ceará)	69 %	873mm.	"
Iguatú (Ceará)	73 %	969mm.	"
Nova Cruz (R. G. do Norte)	74 %	879mm.	"
Pesqueira (Pernambuco)	73 %	636mm.	"
Garanhuns (Pernambuco)	84 %	908mm.	"
Pão de Assucar (Alagoas)	82 %	604mm.	"
Recife (Pernambuco)	84 %	2.092mm.	Litoral Nordeste
Alagoas (Capital)	87 %	1.492mm.	" "
Ilhéos (Bahia)	90 %	2.234mm.	Litoral Cetnro
Santos (S. Paulo)	80 %	2.243mm.	Litoral (Hygiene "Afranjo Peixoto")
Morretes (Paraná)	83 %	1.872mm.	Litoral
Paranaguá (Paraná)	90 %	2.129mm.	"
Florianopolis (S. Catharina)	80 %	1.025mm.	"
Faxina (S. Paulo)	75 %	1.239mm.	Planalto
Avaré (S. Paulo)	67 %	1.091mm.	"
Taubaté (S. Paulo)	80 %	1.244mm.	"
Campinas (S. Paulo)	71 %	1.397mm.	"
S. Manoel (S. Paulo)	73 %	872mm.	"
Bandeirantes (S. Paulo)	80 %	1.520mm.	"
S. Paulo (Capital)	79 %	1.428mm.	" (1)

1) A Amazonia apresenta muita humidade no ar, com grande quantidade de chuvas. Quer isso dizer que o sólo não absorve toda a hu-

Com isso vemos que o planalto paulista se destaca por um ar mais secco, ainda que possua terras mais húmidas por uma quantidade de chuvas maior, ainda que fique distante nesse particular da Amazonia ou do litoral. (1)

E' natural que o ar seja mais secco, pois que o planalto recebendo as evaporações marítimas as condensa em chuvas abundantes que logo se escorrem para o interior para o grande collecter, denominado rio Paraná.

A grande quantidade de chuvas recebida pelo planalto paulista é resultante não só das evaporações marítimas, como também das superficies liquidas que abundam do lado occidental com o systema potamographico dos rios Grande, Paranahyba, Paraguay, Paraná, Parolo, etc. Essas evaporações são condensadas pelo resfria-

mente das chuvas, de modo que a atmosphera fica saturada de humidade que o calor immenso mantém em forma de vapor, em suspensão.

O Nordeste é secco. O ar é secco e as chuvas são poucas. Por isso o solo é resequido.

O Litoral e o Centro apresentam certa humidade de atmosphera embora menos do que na Amazonia, mas as altas porcentagens da humidade do ar mostram que o solo é impotente para absorver a grande quantidade de chuvas. Phenomeno identico ao da Amazonia, ainda que em escala menos intensa.

O planalto paulista recebe grande quantidade de chuvas, menos que a Amazonia ou o Litoral, mas muito mais do que o Nordeste, seu solo bem humido, mas a sua atmosphera é secca, mesmo porque seu solo absorve quasi toda a humidade das chuvas.

1) "Si se examinar um pouco mais profundamente a posição das zonas, é de se reconhecer que a zona mais extensa de forte pluviosidade é uma zona equatorial, correspondente ás pressões mais fracas e a zona dos alizeos. Sua extensão principal é na America do Sul (Amazonia e Guyana: Pará, 2.023mm.; Manáus, 2.202mm.; Georgetown, ... 1.138mm.).

(Em. Martonno, "*Traité de Geographie Physique*").

mento causado nellas pelas grandes superficies florestadas do planalto paulista, provocando precipitações que se fazem frequentes, com o que o numero elevado em milímetros que o quadro supra registra para as chuvas cahidas nos varios pontos do planalto assignalados.

O planalto paulista era outróra vestido luxuriantemente pela matta virgem tropical possibilitada por um sólo fertil e bem dosado em elementos nobres.

Mais tarde essa matta virgem foi sendo derrubada, mas não ficou um sólo resequido e desnudo a receber os raios solares que retostam e calcinam um sólo desprovido de vegetação arborea. No lugar da antiga matta virgem os abridores de fazenda paulistas plantaram uma nova matta de cafesaes que substituiu a massa vegetal outróra ahi existente a funcionar como um immenso condensador.

Fosse outra cultura a preponderante no planalto paulista, uma cultura herbacea, por exemplo, uma cultura provisoria e não uma cultura arborea e definitiva como é o café, nós não teriamos a continuação do clima existente no planalto, como foi encontrado pelos nossos antepassados colonisadores.

Mas a massa enorme de cafesaes substituiu bem a antiga massa florestal, fazendo com que continuasse a existir e a funcionar o condensador das massas aereas de vapor que provinham da orla maritima ou do centro continental.

Dahi a constancia das chuvas constatadas no numero de milímetros do quadro acima, mas a agua dellas escorre em grande parte para o valle do rio Paraná, não offerecendo como na planicie amazonica uma superficie liquida grande a evaporação de modo que assim a atmosphera fica relativamente secca como os alga-

rismos do mesmo quadro registram para as localidades do planalto assignaladas.

A topographia do sólo planaltino é enrugada em ondulações mais ou menos rapidas ou suaves segundo as circumstancias de outras naturezas.

Esse enrugado, formando espigões, baixadas, as vezes se gera em serranias asperas e em grotões profundos que recortam os vallados e as depressões, marcando maior ou menor fertilidade do sólo.

Ao contrario disso a Amazonia não apresentando grande declividade as aguas não correm, ficando a encharcar o sólo.

Ellas não são drenadas ficando a formar grandes superficies de evaporação ao contrario do que acontece no planalto paulista onde ha um drenamento continuo dos excessos da humidade.

O systema potamographico é influenciador do clima pela maior ou menor superficie liquida offerecida á evaporação.

O planalto paulista é uma região bem irrigada de aguas, sem possuir entretanto o exagero amazonico e nem a insufficiencia nordestina. Zona bem equilibrada não tem elementos no seu systema potamographico que contrariem o seu regimen climatico estabelecido por outras circumstancias como ficou apontado acima.

PRESSÃO BAROMETRICA

Pressão barometrica é o peso do ar em columna.

Facil seria concluir que a pressão barometrica não poderia ser uniforme em toda a superficie da America do Sul.

Ha lugares onde ella se faz mais accentuada, como ha outros em que a pressão é mais suave. Claro que

quanto mais elevada é a altitude geographica menor é a pressão barometrica. Com isso conclue-se perfeitamente que as regiões sulamericanas situadas em elevações possuem um certo allivio em materia de pressão. Como o planalto paulista é uma região situada entre 300 a 1.000 metros sobre o nivel maritimo, tambem se faz evidente que ahi a pressão deva ser menor.

Assim o planalto paulista se destaca com nitidez pela sua pressão barometrica suave, dentre as regiões circumvizinhas, como se poderá ver do quadro abaixo.

Belém (Pará)	758.5	Amazonia
S. Luiz (Maranhão)	758.8	"
Manáos (Aniazonas)	756.8	"
Fortaleza (Ceará)	756.2	Nordeste
Quixadá (Ceará)	744.6	"
Iguatú (Ceará)	742	"
Natal (Rio Grande do Norte)	742	"
Parahyba (Ceará)	759.9	"
Recife (Pernambuco)	759.9	"
Alagoas	761.4	"
S. Salvador (Bahia)	758.5	"
Ihêos (Bahia)	763.0	"
Campos (Rio de Janeiro)	762	Litoral Centro
Rio de Janeiro	757.4	" "
Angra dos Reis (Est. do Rio)	761.2	" "
Paranaguá (Paraná)	761.4	" "
Santos (S. Paulo)	763	Litoral Sul
Paranaguá (Paraná)	761.4	" "
S. Paulo (Capital)	694	Planalto
Alto da Serra (S. Paulo)	695	"
Avaré (S. Paulo)	698	"
Campinas (S. Paulo)	705	"
Campos do Jordão (S. Paulo)	632	"
S. Manoel (S. Paulo)	700	"
Rezende (Est. do Rio)	727	"
Mattão (S. Paulo)	714	"
Franca (S. Paulo)	679	"

Eis a nitidez com que se differencia a região planaltina do resto continental no tocante a pressão ba-

rometrica. Claro que existem outros pontos geographicos de baixa pressão barometrica nesta parte oriental do continente sulamericano. Mas são pontos pequenissimos, não possuindo sufficientemente area territorial para se constituir uma região. São pontos isolados nas elevações das serranias, os quaes não tem a continuidade de uma area kilometrica de cerca de 400.000 kilometros quadrados em uniformidade climatica como o planalto paulista que pela sua extensão, com uma população grande, forma uma região climatica perfeitamente differenciada na immensidão que o cerca.

VARIAÇÕES TEMPERATURAES

As variações temperaturaes pódem ser de duas especies:

a) As variações interestacionaes.

b) As variações diarias, isto é, dentro das vinte e quatro horas.

Ambas estas especies de variações produzem um effeito tremendo no homem.

Este tem que possuir todos os seus apparatus physiologicos regulados para supportar constantes amplitudes thermometricas as quaes podem ser mais ou menos rapidas. Naturalmente quanto mais rapidas são essas mudanças, mais ella influem no individuo.

Ellsworth Huntington no seu magnifico livro "*Civilisation and Climate*", diz:

“Uma outra importante condicção climaterica, é a mudança de temperatura de um dia para o outro. Ninguem trabalha bem quando a temperatura permanece constante. As condicções ideaes são mudanças moderadas, especialmente um resfriamento do ar em frequentes intervallos.

Contanto que não haja esforço demasiado no systema circulatorio, não ha nada melhor como estimulante da circulação. As mudanças de temperatura são agente magnifico para isso.”

Esse sabio norte americano, professor da Universidade de Yale, elucida a sua doutrina baseada dos “cyclonic storms”, estudando as mudanças temperaturaes no homem através de varias gerações.

Assim não foi gratuitamente que o sabio norte americano chegou a fim de sua interessantissima doutrina, que tanta luz projecta sobre o nosso problema da civilização no planalto paulista, mas sim depois de estudos profundos e acurados nas estatisticas da efficiencia do trabalho agricola e industrial nos Estados Unidos, como nas estatisticas de climatologia mundial, comparadas em relação ao gráu de civilização attingido por grupos de população que vivem mergulhados em certas regiões climaticas.

Fazendo resaltar a pobreza das regiões de climas constantes e de temperaturas que não mudam, Huntington prova que ahí vivem populações inferiores, ou gente degenerada a desconhecer o “stimulus” das mudanças bruscas das temperaturas. Assim é que Huntington assim se refere em uma das suas paginas:

“A Africa Meridional gosa da reputação de ter um clima admiravelmente adaptado aos europeus, e eu compartilhei dessa opinião até quando comecci a colligir dados estatisticos sobre os efeitos do clima na *efficiencia*. Estes dados mostram conforme demonstrei, mais adeante, que apesar de ser agradavel o clima sul-africano, elle carece de qualidades estimulantes que são tão importantes na Europa e na America do Norte.

Outro caso, ainda mais notavel que o da Africa se depara nas Ilhas Bahamas. Na época da Revolução Americana, consideravel numero de legalistas foram tão fieis a Inglaterra que sacrificaram tudo para escapar a nova bandeira estrelada. Deixando suas casas na Georgia e nos outros Estados do Sul elles procuraram o territorio britannico das Ilhas Bahamas, onde se lhes vieram reunir immigrants da Grã-Bretanha. Agora, passados trez a cinco gerações, o novo ambiente teve mais oportunidade ainda que na Africa Meridional para produzir todos os seus effeitos. EM NENHUM OUTRO LUGAR DO MUNDO, HOMENS DE RAÇA INGLEZA VIVERAM COMO PUROS COLONOS POR DIVERSAS GERAÇÕES EM UM CLIMA TROPICAL. E QUAL FOI O RESULTADO? NÃO HA SENÃO UMA RESPOSTA: FOI DESASTROSO.

E entretanto o clima parece excellente; não ha molestia alguma endemica e a fertilidade do sólo é admiravel. Entretanto, muitas pessoas dizem que a vida ali é demasiado facil”.

Huntington diz ainda em outra passagem de seu livro citado:

“A uniformidade do clima parece ser mais mortal do que o seu calor. Essa uniformidade, ainda mais do que a alta temperatura e a alta humidade é provavelmente a causa a mais poderosa da debilidade que affecta os brancos nos tropicos.” (*Civilisation and Climate*”, 136).

Miss Semple (Ellen Churchill Semple), no seu livro “*Influences of Geographic Environment*”, diz que os norte americanos que se estabeleceram em Hawaii,

em duas gerações soffreram de identico phenomeno dos "poor whites", o enlanguescimento.

E' por isso que ella diz que os movimentos europeus nas zonas tropicaes da Asia, da Australia, da Africa, da America bem como das Philippinas não são movimentos de expansão ethnica, isto é, de colonisação, mas sim de simples exploração economica. De facto os inglezes, apenas exploram economicamente as suas possessões situadas nas partes tropicaes do mundo, taes como a Guyana, a Nigéria, o norte da Australia, a Nova Guiné, etc. O mesmo se póde dizer do que os francezes fazem na ilha de Madagascar, ou na Conchin-China. O mesmo fazem os hollandezes no archipelago das Sonda, ou na Guyana.

O mesmo fazem os norte americanos nas Philippinas, ou os italianos na Erytréa ou na Somalia Italiana.

Não é Huntington o unico sabio que assim se refere sobre essa natureza de clima.

Curcy Ward no seu "*Climate considered especially in relation to man*", a pag. 227 diz:

"Dentro dos tropicos, sob o sol equatorial, e onde existe abundancia de humidade, a vida animal e vegetal alcança o seu maior desenvolvimento. Alli estão as terras de maior valor para o homem branco por causa da riqueza de seus productos tropicaes; alli se acham as esferas de influencia e as colonias que são as mais cubiçadas posses. E' nessa zona que o alimento é obtido pelo homem, em todo o anno com o minimo de trabalho onde a geada e a secca não são de temer, onde o vestuario e a habitação são facilmente alcançados, e, muitas vezes são pouco necessarios que a vida se torna excessivamente

facil. A natureza trabalha demais e pouco deixa que fazer ao homem.

Em um clima debilitante e enervante, sem a obrigação de trabalhar, a vontade de progredir e de desenvolver os recursos dos tropicos, elle falta geralmente. Não é de esperar que haja esforço voluntario para alcançar typo mais elevado da civilisação; dahi provem naturalmente a reputação geralmente attribuida ao nativo dos tropicos: de serem indolentes e de não merecerem confiança. Evidentemente não se deve aceitar ao pé da letra tão alta generalisação, pois as baixas latitudes tem produzido muitos homens que não podem ser accusados de defficientes em potencial intellectual e physica.”

Não seria de se desejar que individuos adaptados, com todos os seus aparelhos physiologicos, a climas de temperaturas estagnadas, como são os da maior parte desta banda do continente sulamericano, pudessem se igualar aos que tem a supportar mudanças mais ou menos bruscas. Tudo no homem se resente, quando, por ventura elle é transplantado de um ambiente climatico para outro. Todos os aparelhos se mostram desregulados para uma modificação. Quando não se dá a modificação desses aparelhos humanos de modo a se adaptarem ao novo clima, ha a eliminação fatal. Dahi a enorme mortalidade de exóticos no planalto paulista que eu estudo no meu livro “*Populações Paulistas*”. (1)

1) Até os motores de explosão precisam de nova regulagem, quando passam de uma região de uma determinada pressão barometrica para outra, de pressão differente. Os aparelhos physiologicos animaes ainda são mais delicados e funcionam mal ou não funcionam de todo quando as condições ambientais se modificam. Isto é rudimentar,

Mas como vimos no quadro estampado ao se tratar das temperaturas, o planalto paulista possui um regimen de temperaturas que são consignadas as mais notaveis amplitudes mensaes. Amplitudes que variam de 17 a 23 gráus são que caracterizam o clima planaltino, emquanto que nas mais regiões comparadas as amplitudes não vão a 10 gráus ficando ellas em muitas regiões entre 1 a 6 gráus.

Quanto as amplitudes entre as maximas e as minimas só temos que o planalto paulista se destaca igualmente com nitidez espantosa registrando amplitudes até de 40 gráus. Estas são as amplitudes diarias, que se passam dentro de 24 horas.

Essas amplitudes mais ou menos bruscas eliminam os individuos não adaptados a ellas e que soffrem esses rigores. Assim acontece com o elemento negro no planalto que vaee sendo rapidamente seleccionado, como demonstram as estatisticas, a ponto de a nossa população paulista caminhar na senda de um alvejamento rapido. Era de 20.6 % a sua porcentagem de pretos em 1872 e 50 annos depois passou a ser de 5 %. (*Populações Paulistas*).

§ 3.º — CONCLUSÕES

Pelo que summariave rapidamente verificamos, a região planaltina forma uma verdadeira ilha climatica na America do Sul, apresentando características que divergem de um modo absoluto das demais regiões. Quer no referente a temperatura, quer ainda no que diz respeito a humidade, ou a pressão barometrica, quer do concernente ao regimen de ventos, quer o referente ao regimen temperatural, quer ainda se fossemos syndicar o que se refere a luminosidade ou a irradiação solar,

nós chegaremos a conclusão de que o planalto paulista é uma região profundamente differente das circumvizinhas, a ponto de se destacar dellas de um modo particularmente nitido, quando as características climaticas reduzidas aos seus algarismos indices que as exprimem são comparados em tabellas.

E' justamente por isso que o eminente geographo Emmanuel Martonne, um dos sabios mais acatados no mundo contemporaneo na sua especialidade, collocou o planalto paulista como tendo um clima quente de altitude, entre os climas subtropicães, com a denominação de clima chinez, e de clima mexicano (1.^a edição do "*Traité de Geog. Physique*"), emquanto que as regiões circumvizinhas estão figurando como possuindo climas sudanez, senegalez ou amazonico.

E' claro que uma collectividade submettida a esse regimen climatico planaltino differente de todos os mais que o cercam, e nelle vivendo durante dezenas e centenas de annos, venha a se modificar profundamente da maneira que estudamos. (1) (2) e (3) na pag. seg..

1) O clima mexicano é favoravel a colonisação. Sua doçura parece haver sempre attrahido os homens, e é notavel que onde elle reina, encontram-se traços de civilisações antigas, testemunhando culturas muito adeantadas. (Em. Martonne, "*Traité de Geog. Physique*", 1.^a edição).

2) São do eminente Oliveira Vianna ("*Raça e Assimilação*") as seguintes palavras que bem esclarecem o seu ponto de vista sobre a questão que eu acima encarei, mostrando estar de accôrdo com o illustro sociologo citado, com o que eu manifestei:

"Os europeus do norte não têm conseguido constituir, nos planaltos tropicaes, senão estabelecimentos temporarios. Elles têm tentado organizar nestas regiões, uma sociedade permanente, de base agricola, em que o colono viva do seu proprio trabalho manual; mas em todas essas tentativas tem fracassado."

Outro illustre escriptor brasileiro e nortista, o notavel Gilberto Freyre no seu magnifico "*Casa Grande e Senzala*", 14, cita Benjamin Kidd, "The control of the tropics") depois de o fazer em relação a Taylor, Huntington e Dexter, reproduzindo as palavras daquelle escriptor, diz:

"Todas as experiencias nesse sentido tem sido vãos e inuteis esforços desde logo destinados a fracasso."

3) O já tão citado quão notavel e erudito Gilberto Freyre no seu esplendido "*Casa Grande e Senzala*", 18, diz, confirmando a thèse da grande importancia que eu attribuo ao clima:

"Embora o clima já ninguem o considere o senhor deus-todo-poderoso de antigamente, é impossivel negar-se a influencia que exerce na formação e no desenvolvimento das sociedades, senão directa, pelos effeitos immediatos sobre o homem, indirecta pela sua relação com a productividade da terra, com as fontes de nutrição e com os recursos de exploração economica accessiveis ao povoador."

CAPITULO IV

O MEIO GEOGRAPHICO PLANALTINO

§ 1.º — O SÓLO PLANALTINO

O sólo para o estudo da anthropogeographia deve ser encarado sob dois aspectos differentes:

- a) na sua composição chimica.
- b) na sua configuração physica.

De ambas essas maneiras o sólo influe na modelagem do grupo humano que nelle vive. Assim sob o ponto de vista da composição chimica é o sólo que produzindo certos e determinados vegetaes offerce ao grupo humano uma determinada alimentação. Assim o grupo humano toma sob os pontos de vista physico, psyquico, moral ou intellectual, uma certa feição de accôrdo com o genero de alimentação.

Se essa alimentação é phosphatada, azotada, hydrocarbonada, calcarea ou forte em gorduras. De accôrdo com as condições climaticas a alimentação deve ser dosada em gorduras. Se não o for o homem submettido a essa alimentação soffrerá disequilibrios que serão mais ou menos profundos. Assim a necessidade que o organismo possui de calorias, as quaes podem ser fornecidas pelas gorduras, está sempre na razão inversa das elevações thermometricas. (1)

1) Vejam-se os excellentes trabalhos nesse sentido do escriptor illustre Josué de Castro.

A alimentação hydro-carbonada deve estar sempre em razão directa com as temperaturas. Os calcareos devem ser dosados na alimentação de modo a ser elle absorvido em concomittancia com uma proporcional irradiação de raios ultravioletas, e assim os seres organisados que os assimilam poderem desenvolver os seus esqueletos osseos, etc. (1)

As terras planaltinas não parecem ser mais opulentas em calcareos, possuindo um theor mais elevado de azoto. E', pelo menos, o que se verifica com as terras roxas, que são o producto da decomposição do diabase. Isso não quer dizer que no planalto não hajam sólos calcareos, elles existem, mas a generalidade dellas é mais rica em azoto. E' isso mesmo que faz a riqueza economica do grupo humano paulista. Ellas produzem café, em abundância e em duração, de modo que o grupo planaltino vive em surto de grande prosperidade economica em razão da fertilidade de suas terras. Isso é uma poderosissima influencia, pois que se não tivesse

1) A influencia da composição chimica do sólo na alimentação humana é immensa, assim como não é menor a influencia desta na conformação racial da população de uma região. A maior ou menor ingestão de proteínas, a maior ou menor quantidade de calcareos, ou de phosphatos nas alimentações, são factores que modificam extraordinariamente os individuos que são obrigados a se sujeitarem a certos e determinados ambientes. Sobre isso veja-se Pedro Escudeiro, "*Influencia de la alimentacion sobre la raza*", ou ainda Lusk, Simonds, Mc. Collum que sobre isso escreveram, sendo mencionados no livro de Gilberto Freyre, "*Casa Grande e Senzala*".

• • •

Eu em outro livro "*Raça de Gigantes*", estudei a influencia da alimentação nas primeiras camadas paulistas. Appliquem-se as linhas mestras que eu elucidei então ao palco da actualidade. ("*Primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano*", Ellis).

as terras planaltinas essa composição chimica que a faz productora do café, nós não teríamos podido testemunhar um surto tão grandioso de pujança economica, como o que se iniciou no seculo passado em sua segunda metade e que caminha para proporções ainda maiores.

Resumindo essas considerações pôde-se considerar a influencia do sólo no homem que vive nelle de duas maneiras sob o ponto de vista chimico:

1) O directo, por meio da composição chimica da alimentação, fazendo do homem um individuo alto, ou baixo, bem constituido ou rachítico, etc. (1)

2) O indirecto, por meio da economia, fazendo com que o sólo possa produzir certos elementos economicos que poderão ser em maior ou menor escala a fonte de maior ou menor riqueza do grupo humano, o que se reflecte em varios outros sectores da civilização e da vida humana.

Eu ao tratar da situação do grupo economico planaltino procurarei entrar em maiores minucias a proposito desta acção indirecta do sólo actuando sobre o grupo social. Então este assumpto deverá ser mais apreciado. (2)

1) Essa actuação directa tanto pôde ser sobre os orgams dando a elles morphologia completa com a sua intensidade, como pôde ser ainda através do systema endocrinico, actuando nas secreções internas de modo a dosal-as.

2) Imagine-se um desequilibrio de nutrição, coisa que facilmente poderia se ter dado, desde que não houvesse paridade ou correlação entre a alimentação e as temperaturas!

A carencia de nutrição, causada não só pela miseria como ainda pela falta de elementos, produziria consequencias as mais dolorosas.

Como exemplo do que vae afirmado eu quero reproduzir a impressão tida por Gilberto Freyre nos Estados Unidos ao ver marinheiros

Sob o ponto de vista physico o sólo tem a sua maior actuação no homem do modo indirecto. E' deste modo que o sólo facilita ou difficulta as communicações dos grupos humanos, sendo elle o verdadeiro dosador do maior ou menor isolamento em que vive o grupo humano. E' elle quem offerece pois as communicações com o mundo externo, dando ao homem a possibilidade de sahir da sua pureza racial, como elle ainda é o creador da maior ou menor facilidade da locomoção commercial, dos grupos humanos, transportando com facilidades relativas os productos de sua agricultura, de sua industria ou de sua actividade pastoril.

E' o sólo mais ou menos enrugado, mais ou menos arestado de obstaculos rudes, mais ou menos plano, que offerece ao grupo humano que trabalha e que produz elementos para a sua constituição de maior ou menor riqueza.

O sólo planaltino é enrugado. Logo no rebordo sul-oriental do planalto ha um immenso degráu de cerca

brasilheiros do Minas ou do S. Paulo andando pela neve mole de Brooklyn. ("*Casa Grande e Senzala*").

Pelo que diz o notavel escriptor se tratava de gente desnutrida. Pelo menos é assim que o eminente Roquette Pinto, explicaria "as caricaturas de homens" que eram os mestiços vistos por Gilberto Freyre nas ruas de Brooklyn.

E' que a gente de fóra do planalto paulista não tem capacidade aquisitiva para se nutrir.

A alimentação de farinha de mandioca não suppre o trigo mais caro que ella não póde adquirir.

A carne secca ou o peixe não equivalem o que o planaltino absorve. De modo que este está sempre bem nutrido, o que quer dizer bem conformado physica, physiologica e psychologicamente.

E dizer-se que ainda ha quem se admire de figurar o Brasil com grandes porcentagens de analphabetos!

"Primo vivere..." diziam os latinos.

le 800 metros em media de descida a pique que o isola da faixa litoranea, difficultando com o mar as suas communicações. Em cima do taboleiro, elle é erichado de norros e depois ao descambar para o vale do rio Paraná a rugosidade do planalto vae amainando em suavidades de declives mansos e espigões macios. Um espesso manto de matta tropical cobre com a sua vestimenta verde escura esse ondular preguiçoso e aquella morraria adusta, sombreando os grotões e mascarando as ulceras arroxeadas dos chapadões de diabase decomposto.

Essas difficuldades que fazem do planalto uma região difficil nas suas communicações e nos seus transportes em relação aos pampas sulinos ou as planicies do norte amazonico ou nordestino, são porem menores em face das rugosidades mais asperas das serranias mineiras de alem Mantiqueira, ou das que ericham o sólo espirito-santense.

O planalto paulista, porem nesse particular é bem differenciado, pois que de lado o Sul-Oriental está o degráu da Serra do Mar que o separa da orla atlantica do lado Leste, está o descampado do baixo rio Paratyba, onde esse rio vae com suas aguas preguiçosas corneando para o Oceano Atlantico, ou os graniticos tópes da morraria da Mantiqueira que se eleva, delimitando tambem o Norte, o planalto paulista, a Oeste o planalto vae morrer nos alagadiços planos matto-grossenses, em alem rio Paraná. (1)

1) O planalto paulista apresenta uma configuração physica de muita ondulação, com a sua altitude maxima do lado da serra do Mar com cerca de 800 a 1.000 metros de elevação, formando uma especie de prista da qual o planalto vae como em que um suavissimo plano inclinado descambando para o vale do rio Paraná, até o attingir em cerca de 300 metros mais ou menos. Isso se dá com uma inclinação

Assim essa região está bem marcada em diferença com o restante do continente sul-americano.

minima de modo que para chegar a cota de 300 metros de elevação o planalto demanda cerca de 600 kilometros, o que faz com que o declive seja de cerca de 0.1 % em media de declividade.

O interessante é que essa declividade se faz no sentido do mar para o interior, com o que os cursos d'agua todos têm esse sentido predeterminando com isso uma serie de consequencias que S. Paulo vem incoercivelmente testemunhando no decurso de sua historia quadri-secular. Muitas dessas consequencias tem sido favoraveis a progressiva evolução do grupo humano planaltino, como por exemplo a outorga a humanidade isolada nos rincões planaltinos de um clima absolutamente proprio, de condições de sólo composto chimicamente de modo a produzir certos e determinados generos que são exclusivamente planaltinos, a expansão sertanista partindo de Piratininga para o interior, em busca de terras sempre melhores sob o ponto de vista de composição chimica, etc. (Vê-se por exemplo que as regiões luso-americanas que não tem essa conformação planaltina como a expansão foi diferente e litoranea).

Outras consequencias, porem dessa conformação planaltina, com uma declividade para o interior deram orientação a evolução historica paulista uma feição contraria. Assim, por exemplo os rios sendo voltados para o interior e não navegaveis fizeram com que fosse impossivel o aproveitamento de vias fluviaes para a exportação de geuceros que não supportam as elevadas tarifas ferroviarias ou rodoviarias de um sólo ondulado e fartamente accidentado. Veja-se por exemplo a Amazonia com a sua maravilhosa rêde de viação fluvial a dispensar ferro ou rodovias. O planalto paulista se viu privado dessas arterias liquidas por onde se escoaria uma producção cerealifera abundante, como o milho, o feijão, o trigo, o arroz, etc. Mas a circumstancia dos rios serem encachoeirados e a correr para o interior, prohibiram ao planalto a exportação desses cereaes e o obrigaram a se entregar ao cultivo e a exportação de um producto sufficientemente caro, como o café e agora o algodão que pelos seus altos valores supportassem as tarifas ferro, rodoviarias e portuarias que o planalto poderia lhes proporcionar.

Em virtude, pois, dessa configuração physica é que S. Paulo tem visto a evolução historica do seu povo correr pelas fazes que o passado testemunha.

E' o determinismo mesologico actuando de modo absoluto sobre o desenrolar dos capitulos da evolução de um grupo humano.

§ 2.º — O SUB-SÓLO PLANALTINO

E' apenas a influencia indirecta a que constatamos resultante do sub-sólo, nos grupos humanos. O sub-sólo exerce profunda influencia economica nos agrupamentos humanos, como se sabe. A civilisação em seu complexo de exigencias imperativamente attribue riqueza aos grupos humanos que vivem sobre sub-sólos opulentos daquillo que ella civilisação consome na sua louca corrida ascendente para o progresso.

Com a invenção da machina a vapor, os sub-sólos ricos em carvão mineral tomaram uma tal importancia que passaram a exercer um dominio tyrannico sobre todo o globo, e os grupos humanos que viviam e vivem sobre esses sub-sólos passaram a dominar os demais. Isso é indiscutivel, e quem se der ao trabalho de estudar a marcha dos povos possuidores de sub-sólos opulentos em carvão mineral, verá que essa riqueza se reflecte em todos os campos de actividade humana. Povo que não tem carvão mineral tem que se contentar com suas reservas de carvão vegetal e povo como

* * *

E' a configuração physica do sólo planaltino conjugada a sua composição chimica que devemos o não ir a sua exportação buscar uma saída pelo Prata.

Supponhamos que os rios planaltinos fossem navegaveis. Vamos admittir que os rios Tieté, Mogy Guassú, Pardo, Grande, Paraná, Paranapanema, Tibagy, Iguassú e outros fossem navegaveis e pudessem dar escoamento a sua producção. Ella iria sair por Buenos Ayres, seguindo na linha de menor resistencia economica, procurando sempre ou por onde encontrasse tarifas mais baixas. Isso faria do planalto uma região subsidiaria do Prata, a produzir outros artigos agricolas que não o café ou o algodão. Disso consequencias varias adviriam, o que é facilmente imaginavel.

o planaltino que não tem nem isso, fica na expectativa de que em seu sub-sólo ainda venham a encontrar aquillo que constitue hoje em dia a seiva vital do progresso. É possível que o sub-sólo planaltino constate a existencia daquillo que constitue a força propulsiva da civilização, mas esse sub-sólo ainda não estudado não revelou senão esperanças. (1)

1) Digo sempre que, o Brasil é um paiz pobre, porque não tendo combustivel na éra da machina não tem podido realisar o phenomeno de civilização, quo outros povos, mais bem aquinhoados pela natureza tem podido.

Os Estados Unidos tem 100 annos menos do que o Brasil e já marcham a frente do mundo.

Antes de haver a machina a vapor tomado a preponderancia que tomou, o Brasil esteve entre os "fig fivo", as grandes potencias mundiaes. Hoje conserva com difficuldades o segundo lugar na America sulina.

O planalto paulista tambem não foi mais favorecido do que as regiões circumvizinhas. Não foi até o presente marcado o seu sub-sólo com descobertas de combustiveis.

A importancia do combustivel póde ser verificada em que os estados norte americanos possuem valores de varias dezenas de bilhões de dollares. Entre elles destaca-se o estado de Nova York que é avaliado em 30 bilhões de dollares, emquanto que São Paulo que é o Estado mais valioso da comunidade brasileira, vale apenas 1.650.000.000 de dollares, isto é, dezoito vezes menos do que o valor de Nova York, que tem uma população de vez e meia a do Estado de S. Paulo. Isso quer dizer que o néoyorkino tem a seu dispor um patrimonio de cerca de 3.000 dollares, emquanto que cada paulista tem apenas um patrimonio de cerca de 260 dollares.

Isso é méra consequencia do sub-solo. Lá existe carvão e petroleo. Aqui ainda não foi descoberto combustivel mineral algum.

Imagine-se se algum dia, o petroleo jorrar do nosso sub-sólo!

São perspectivas que se abrem de modo a enriquecer de momento a nossa gente multiplicando o nosso patrimonio por dez.

§ 3.º — A SITUAÇÃO GEOGRAPHICA PLANALTINA

O planalto paulista é uma vasta area de terras sulamericanas do lado oriental do continente, situado a uma elevação de 800 a 1.000 na parte que mais se aproxima do Oceano Atlantico.

Apezar de tão perto do litoral atlantico, entretanto o planalto paulista está em relativo isolamento das vias liquidas maritimas, em virtude do asperissimo degráu da Serra do Mar que o delimita em enorme extensão do lado Sul-Oriental.

Distante apenas de 5 a 100 kilometros do mar e separado deste apenas por uma orla litoranea que augmenta ou diminue ao longo de sua delimitação sul-oriental, o planalto de facto dista muito do Atlantico, sob o ponto de vista economico porque tem um problema muito arduo a ser resolvido para que as cargas produzidas pela população do planalto possam buscar a sua sahida para os mercados de consumo.

Com essa particularidade só pôdem ser objecto da exportação planaltina cargas que possam ser vendidas a alto preço em relação ao seu peso, taes como o café ou o algodão. Por outro lado os productos de importação encarecidos pelo alto frète exigido pelo transporte da mercadoria a se elevarem nesse aspero degráu faz com que o grupo humano planaltino se prive de muitos elementos de civilisação, e se não fosse o elevadissimo gráu de poder acquisitivo a que elle chegou não se poderia aprovisionar de um sem numero de objectos de producção exotica.

Assim, ainda que proximo, muito proximo á orla litoranea atlantica, o planalto está em relativo isolamento em razão das difficuldades e da careza da transposição dessa pequena distancia, d'elle planalto até o mar.

CAPITULO V

A ALMA PAULISTA

§ 1.º — IDIOMAS, COSTUMES, MYTHOS E RELIGIÕES (1)

Todos estes attributos de um grupo humano referidos neste titulo são directamente derivados do elemento interno ou psychologico dos individuos componentes desse grupo humano, o qual está submettido a intensa acção do meio geographico, como vimos, portanto, todos esses attributos acima mencionados são consequencia indirecta do meio geographico que analysamos.

1) Geralmente cada nacionalidade tem o seu idioma proprio.

Não ha, porém, obrigatoriedade na coincidencia do grupo nacional com o grupo philologico. Às vezes, elles não correm por identicas estradas.

Eis que se assim não fosse, o Brasil não teria largado Portugal em 1822, o mesmo acontecendo a muitas colonias hespanholas que já haviam deixado a Hespanha, bem como as da New England que em 1776 abandonaram a Inglaterra.

A Belgica, sem embargo de falar o francez não se une á França, o mesmo acontecendo com a Suissa que deveria ser tripartida entre a Allemanha, a França e a Italia.

A Austria repelle a união com a Allemanha, o mesmo acontecendo ás nações balticas que falando o mesmo idioma vivem muito separadas.

Assim sendo esses atributos deveriam ser diferentes nas varias regiões desta parte da America sulina e diferentes na proporção em que ellas o são.

A Italia não consegue a Corsega, Malta ou o Norte da Africa, como a França não póde obter o Canadá ou o Haiti.

Por outro lado ha nacionalidades bem unidas e cohesas que usam varios idiomas, sem que isso fracture a solidez das respectivas estruturas.

Eis na Belgica, o francez falado na Wallonia, e o flamengo no Flandres. Eis a Suissa, falando 4 idiomas sem que se abra fenda na sua organização de povo.

Mesmo no Novo Mundo, temos o Canadá, com duas linguas officiaes: o francez e o inglez.

O idioma, pois, mais ou menos isolado não tem a virtude de cimentar uma nacionalidade qualquer. Não tem a força necessaria, para fazer coincidir entidades linguisticas com entidades politicas.

A identidade de religião é sob esse aspecto ainda mais fragil que a da lingua.

Outrora esse factor se revestia de importancia muito maior. A intolerancia, a intransigencia, o fanatismo, o mysticismo, faziam o factor identidade de religião muito mais seguro como ligador de nacionalidades.

Hoje, a evolução dos tempos, tirou d'elle a acção.

Ha paizes que admittem a coexistencia de muitas religiões, sem que disso advenham consequencias. Eis os Estados Unidos no Novo Mundo, onde 213 credos diferentes coexistem.

O mundo catholico, não está politicamente unido, como não o está o protestante ou o mahometano, ou qualquer outro credo.

O nexu religioso, não é senão muito tenue.

Elle nada obriga.

Se outrora já o christianissimo Francisco I se alliava ao sultão, para combater o catholico Carlos V, imagine-se hoj!

Se esses laços referidos de idioma e de religião, são de pouca valia, o mesmo não se poderia dizer do tocante á mentalidade.

Eis um attributo que vem modelado pelos ambientes physicos e sociaes, pela sentimentalidade dos individuos, pelo passado commum reunido nas paginas da historia, etc.

E' uma só mentalidade a que reúne o italiano da Lombardia ou do Piemonte, brachy-alourados, que falam dialectos que lhe são proprios, que têm determinados usos e costumes, etc., ao siciliano, ou ao calabrez, dolico-morenos, que se utilizam de diferentes dialectos, e têm usos e costumes, ainda mais divergentes, como todos sabem.

Mentalidades diferentes alimentam a marcha descentrica dos regionalismos que se vão engrandecendo.

E' por isso que a Europa occidental, menor do que é o Brasil, em area territorial, pois que emquanto que o Brasil tem 8.500.000 kilometros quadrados, a Europa

Mentalidades antagonicas, cavam fendas, augmentam fracturas, abrem frinchas, furam aberturas, entre os individuos.

Soldar centralizadoramente mentalidades diferentes, nem mesmo com herculco esforço. Isso só seria possivel em pequenos paizes, de area territorial diminuta, onde não houvesse grandes distancias separadoras, onde o isolamento não segregasse nucleos humanos, onde as communicações fossem rapidas, faceis, multiplas e constantes, dando o mesmo nivel a pensamentos, dando identico diapasão a sentimentos, etc.

Eis o que fizeram Luiz XI na velha França do seculo XV, Cavour na Italia, Bismarek, na Allemanha, Washington, nas 13 colonias, etc.

Paizes de area territorial immensa, onde imperam fôcos regionaes isolados, sem communicação, onde a cultura mental é baixa, nem mesmo uma tarefa cyclopica poderia realizar a marcha centralizadora.

Só uma accidentada vida commum, as communicações varias, etc., poderão ir paulatinamente realizar o que forças sobrehumanas não podem conseguir no momento.

Uma das causas de factura das mentalidades está no ambiente physico ou geographico.

Para que pudesse haver o laço da identidade ou da semelhança do ambiente geographico, o paiz deveria ter uma especial configuração geographica.

Se uma pequena area territorial não fôr o apanagio physico de um povo é preferivel uma extensão ao longo de parallelos geographicos onde a conservação de uma semelhança de regimens climaticos dão a possibilidade de maior homogenização.

Um paiz de grande extensão territorial, tem sempre grande diversidade de ambientes, ou antes tem muitos ambientes physicos.

Estes e os sociaes, em isolamento vão modelando os grupos de individuos de modos diferentes, dando a elles morphologia diversa e regional, adaptando-os aos seus contornos.

Traçam rumos evolutivos em divergencia, para cada um dos grupos isolados; — obrigando-os a uma marcha descentrica do homogeneo para o heterogeneo. O regionalismo vac tomando proporções enormes.

Veja-se por exemplo o Imperio Britannico.

E' um mosaico, composto de unidades situadas em ambientes geographicos dispaes e muito distanciados uns dos outros.

O Canadá, na America gelada. O South Africa, pouco abaixo do Capricornio. A Australia mais ao sul. A India acima do Equador

occidental tem apenas 5.000.000 de kilometros quadradados mais ou menos, tem nada menos de que uma trintena de idiomas os mais diversos e variados. E' que

A Inglaterra, ilha no Atlantico, nas brumas, humidas e frias do mar do Norte. A Irlanda sob o morno Gulf Stream, etc.

Os individuos sahidos da matriz commum e homogeneos, vão caminhando na senda da diversificação, da heterogenização. Os espiritos regionaes vão se separando.

Não pôde haver communições faceis entre esses grupos. Cada um delles se situa longe dos outros, em relativo isolamento.

Estamos a cada instante a verificar a marcha centrifuga accelerada em que caminham esses grupos sociaes.

A historia contemporanea da organização britannica outra cousa não demonstra. Eis o que fazem ambientes geographicos dispaes, em acção conjuncta com o isolamento. Não querer ver isso, é mostrar muita paixão, ou demasiada dóse de má fé, ou ainda intoleravel e abusiva ingenuidade.

* * *

"*La philosophie du Langage*" de Albert Dauzat, citado por Mario Marroquim, "*A Lingua do Nordeste*" (Collecção Brasileira) ao esclarecer e orientar o mechanismo da formação dos dialectos, diz:

"L'histoire externe des langues peut se grouper autour de deux phénomènes: la segmentation des idiomes, et leurs luttes reciproques.

Toute langue parlée par un nombre important d'individus et sur un territoire assez vaste, TEND A SE SEGMENTER, EN RAISON MEME DE SON EXTENSION. LA SEGMENTATION S'OPÈRE EN FONCTION DES MILIEUX GEOGRAPHIQUE OU MILIEUX SOCIAUX.

Dans le premier cas, la langue se scinde en dialectes; envisagée sous le second aspect, elle se subdivise en langues speciales.

.

Après les facteurs sociaux, voici les geographiques souvent connexes. L'observation montre que la verité des dialectes augmente ou diminue en raison de la configuration du sol; elle est plus grande, par exemple, dans les montagnes que dans le plaines".

"Realmente", diz Mario Marroquim, loc. cit., "nas planicies em razão mesmo da configuração do sólo que facilita a intercommunição

esses idiomas são méras consequencias do ambiente geographico e do maior ou menor isolamento em que viveram nesses ambiente geographicos os differentes grupos humanos que falam esses idiomas. Seria natural que as mesmas regras que foram exercitadas no velho continente tambem servissem para o caso sulamericano.

De facto seria impossivel que falhasse em relação á America aquillo que na Europa temos comprovado.

Mas ainda tal não se dá. Em todas as regiões geographicas da parte oriental da America do Sul se fala um só idioma, o portuguez. E' que o tempo ainda não foi sufficiente para realizar na America sulina o que na Europa é um facto positivo. (1) Além desse facto

dos individuos, conservam as linguas aspecto igual e homogenco em toda a região.

A montanha difficultando as communicações, isolando os individuos, congrega-os em nucleos que raramente se entendem com outros grupos humanos.

As suas modificações linguisticas fixam-se, definem-se e acabam por formar um typo espeoial.

Um exemplo interessante da acção isoladora das montanhas é o vasconço, falado pelo povo basco."

Não é isso que se passa no Brasil? Pelo menos Mario Marroquim diz:

"Dentro do conceito geral, temos no Brasil, não um sómente, mas, varios dialectos ou sub-dialectos, através da immensa extensão do nosso territorio".

Antenor Nascentes tambem é dessa logica opinião:

"A enorme extensão territorial sem facéis communicações interiores quebrou a unidade do dialecto, fragmentando-o em subdialectos" (Antenor Nascentes, "*O linguajar carioca*", 1922).

1) A modificação de um idioma, exige muito tempo, eis o exemplo do elemento francez no Canadá britannico, o qual não obstante haver recebido uma grande camada de colonisação ingleza, continua ainda a so

ainda temos circumstancias outras corroborando nesse sentido.

Quando o povoamento se fez nos seculos XVI, XVII, XVIII e XIX os nucleos humanos de colonisação europea só recebiam gente de Portugal, ademais com cujo paiz só mantinham contacto administrativo e politico. Isso teria concorrido para que o idioma de Camões fosse o unico, official em todos os grupos humanos. Era natural que todos o adoptassem e só elle servisse de base linguistica para todos.

Por esse motivo, é natural que, não tenha ainda havido divergencia de monta mas mesmo assim já um inicio de diversificação se desenha com nitidez, sendo o falar do nortista logo descoberto e differenciado do falar calmo do planaltino e do falar mineiro ou o do falar gaúcho.

Um maior lapso de tempo em isolamento fará, por certo, esse falar differente na pronuncia e no significado de alguns termos, bem como na prosodia, um grande numero de dialectos que com o tempo terão as characteristics de idiomas. As communicações porém perturbarão, por certo esse isolamento necessario para a formação de idiomas differentes, de modo que é pro-

expressar em francez. Quasi dois seculos não bastaram para supprimir o idioma francez no Canadá. Muito mais de cinco seculos não impediram que o idioma allemão persistisse em certas regiões da Transylvania e do Caucaso, como do Doubroudja, onde existem nucleos de colonisadores saxões para ahi emigrados. De facto o isolamento é que impede a penetração de influencia circumvizinha. Quanto mais impermeavel é um grupo humano, tanto mais firme elle conserva a lingua com a qual se communica com os seus e que receberam de seus maiores, o resto da humanidade se modifica e elles permanecem de modo que logo a differença existe. Os isolamentos com o progresso da civilisação diminuiram de modo que os idiomas novos não tiveram mais oportunidade de apparecer.

vavel que o portuguez seja a lingua falada em toda a parte oriental da America do Sul, em nuances dialectaes com accentuada differença nas pronuncias.

As communicações de linguagem, cada vez mais vem privar o isolamento primitivo causador das differenças idiomáticas. Com segurança se pôde prever que não teremos idiomas novos nascidos em nucleos civilizados. Hoje os fôcos de humanidade se communicam muito activamente para que isso se dê. E' o radio, o cinema, a imprensa, a estrada de ferro, o automovel, a navegação aerea, etc., tudo concorre para a uniformisação dos idiomas. (1) (2)

1) Nós temos a explicação porque a Europa occidental tendo uma superficie territorial igual a da Russia, alimenta, entretanto, uma meia centena de idiomas enquanto que a Russia com uma vastidão territorial igual tem, apenas um só idioma em torno do qual varios dialectos se evidenciam.

E' que a Europa occidental é accidentada, entrecortada de barreiras naturaes que difficultam, quando não impossibilitam as communicações, enquanto que a Russia forma uma só immensa planicie que vai desde os Carpathos, até os Uraes, facilitando os transportes e possibilitando as communicações, não só pela via terrestre como ainda pela via fluvial, pois que em terreno plano todos os rios são navegaveis.

No Caucaso, onde a região é montanhosa e accidentada existem multidões de idiomas, que os russos não pôdem uniformisar.

Disso é facil concluir-se que a homogeneidade linguistica está na razão directa da conformação plana do sólo. Quanto maior for esta, maior tambem será a homogeneidade linguistica; quanto mais accidentado fôr o sólo, em maior numero serão os nucleos humanos isolados e menos homogeneo será o idioma.

2) Temos a notar, applicando as regras geraes ao caso particular brasileiro que até 1850 o Brasil só recebia pela immigração gente lusa que mesmo depois dessa data continuou a atravessar o Atlantico em avalanches e se estabelecer as centenas de milhares indistinctamente nas plagas sulamericanas da parte oriental do continente. Ora isso faz com que o idioma portuguez, já estabelecido uniformemente através de todas

Muito mais dutilis do que os idiomas são os costumes. Esses sem a rigidez dos idiomas se moldam com muito mais facilidade aos ambientes geographicos. E' por isso que temos a observar na Europa uma immensa multidão de costumes regionaes que reflectem as differenças de cada zona ou de cada local. Temos que chegar, na America a igual situação, porque sendo o nosso continente de maior extensão territorial que a Europa, temos que ter proporcionalmente tambem differenças de costumes. Essas differenças já são accentuadas e mais ainda serão com o correr dos seculos, pois que ainda não attingiu o nosso continente uma trajetoria de vida que permittisse uma differença tão marcada como no velho continente européu.

Entretanto se nós pudermos observar com percuencia chegaremos a conclusão que cada região geographica da America Sulina tem os seus costumes perfeitamente assignalados dos demais.

O planalto paulista não escapa a essa regra. Elle tem os costumes de sua gente marcadamente em diversidade aos das mais regiões circumvizinhas. Eis por exemplo o modo de vestir, o modo de se conduzir em publico. Quem depois de haver observado as ruas do Rio de Janeiro, fizer o mesmo nas de S. Paulo, notará

as velhas colonias luso-americanas, assim reforçado, continuamente em ondas annuaes, resistisse ás modificações.

O Norte do Brasil, a Amazonia por exemplo situada ha uma dezena de dias de viagem maritima de Portugal só recebe gente lusa, pela immigração ininterrupta dessa gente que é a unica em supportar os rigores de clima equatorial.

Por esse motivo a persistencia idiomática no Brasil, se faz mais dura e esclerosada do que alhures e com isso o processo da evolução heterogenisadora dos idiomas é mais tardo e lerdo.

uma differença tão profunda que se sentirá em paiz diverso. (1)

Óra o que se observa nas ruas da Paulicéa não é se não o indice do que se vê em todas as cidades do planalto paulista, onde se nota absoluta homogeneidade em materia de costumes populares. Com isso vê-se a formação independente de um folk-lore, de uma musica, de um corpo de lendas, de uma litteratura, de danças,

1) A phisionomia da cidade de S. Paulo, em contraste nitido com a das cidades brasileiras demonstra isso que ficou affirmado. Em S. Paulo a população educada se apresenta lustrada em indumentaria que faz a nossa cidade parecer uma capital européa. A população urbana paulista só apparece em publico vestida, calçada, educada em uma frieza e uma linha de comportamento que a distinguem com flagrancia. As populações brasileiras, do Rio de Janeiro, por exemplo em nada se assemelham as gentes urbanas paulistas. Entre ellas a exuberancia roçando mesmo com a licenciosidade, lhes offerece uma tonalidade escaldante de temperamento, o que é desconhecido em S. Paulo. A população descuidada se apresenta pelas ruas em roupas apoucadas deixando ver partes do corpo que o pudor do paulista tudo faz por occultar. Os brasileiros do Rio de Janeiro, pouco vestidos, surgem em proporção assustadora sem sapatos ou em tamancos pelas ruas. O elemento colorido e lusitano se casa bem com esse estado de pouca rigidez de costumes, contrastando muito com a austeridade rispida da phisionomia urbana paulista a qual não tolera essas violações do codigo do bem parecer.

Isso pôde querer dizer frieza em relação aos brasileiros, mas não é tal, pois quando se faz mister demonstrar vibratilidade e arroubado entusiasmo o paulista o faz com plethora de coração, mas sempre se contendo dentro de limites de uma linha que o particularisa.

Para isso demonstrar com mais espirito objectivo recorramos, por exemplo a uma instituição que annualmente se reproduz em S. Paulo e fóra do seu territorio. Tomemos o Carnaval como exemplo.

No Rio o Carnaval de rua é todo exuberante, saturado do espirito dos "morros", com os seus sambas, os seus maxixes, os seus remeleixos, os seus mulatos, a sua negrada, a sua licenciosidade, a sua promiscuidade, os seus "ranchos", os seus cordões a sua folia desregrada, os seus blócos, etc.

Em S. Paulo é tudo differente, por mais que os poderes publicos façam por uniformisar. Entre nós o Carnaval de rua é sempre chocho.

de mythos, de credences populares, etc., que são formados segundo as pressões ambientais influenciando ahí poderosamente o meio geographico. Ahí está o espelho dos velhos continentes para nelles nos mirarmos a proposito dessa formação de costumes. E' claro que isso se irá accentuando a proporção em que vae correndo o tempo. E' certo que o isolamento regional é um poderoso factor na constituição dos costumes, e o isolamento diminuindo, claro que diminuirá a marcha differença-dora dos costumes regionaes. Esse isolamento regional do planalto paulista tem diminuido, mas ainda assim esse isolamento continúa e tambem continúa a produzir consequencias: (1)

Limita-se a um "corso". Este annõ, os poderes publicos municipaes quizeram incentivar os grupos, os prestitos, a illuminação, etc. Nada conseguirão esses poderes publicos sem embargo dos milhares de contos despendidos. Só ficará na lembrança do povo, a feerica illuminação das ruas centraes.

Por outro lado, em S. Paulo o Carnaval dos bailes é na verdade notavel.

Nisso os paulistas resumem os seus folguedos.

Nas demais manifestações populares, em que se póde estudar o perfil psychologico de ambas as cidades, vem-se sempre os mesmos contrastes nos quacs se verificam as profundas differenças do nosso grupo humano sempre diverso dos vizinhos, em razão das forças externas de ambientes geographicos que lhe pressionaram de modo diverso que os seus vizinhos.

Uma maior differença não é de se notar em virtude das communições, quer pela ferrovia Central do Brasil, quer pela rodovia, quer ainda pela via maritima. Isso impede que o desnível entre nós e os habitantes do Rio de Janeiro seja mais profundo. E' possivel que uma maior o mais intensa viação entre as duas cidades produza resultados mais homogenisadores, mas as differenças existirão sempre como na Europa existem entre as cidades de paizes diversos, sem embargo das muitas communições existentes.

1) "Os pontos differenciaes, a que já nos referimos, nas regiões dos paizes europeus, só abrangem modalidades de costumes, de raças e tendencias. Mas, no Brasil, pela vastidão do territorio, variedade de climas, condições de existencia e correntes immigratorias, a differen-

Com isso é facil se explicar as differenças da moral nos grupos humanos, o paulista e nos seus vizinhos. Cada forma social modela de algum modo a moral. Pascal já dizia: "*Verdade a quem, erro alem dos Pyri-neus*". (Fernando de Azevedo, loc. cit.).

Óra, como a forma social é modelada pelo ambiente geographico que por meio de suas forças de pressão a perfilam, temos que a moral de cada grupo humano está na dependencia do meio geographico.

* * *

Mas não é apenas a moral que varia de accôrdo com a forma social, esta é sempre uma consequencia da forma geographica. O espirito democratico do grupo humano, os seus gostos estheticos, as suas crenças religiosas, as suas idéas politicas, etc., estão na estreita dependencia da forma social, que tambem influe nas necessidades juridicas, nas actividades artisticas, etc., de cada grupo humano.

ciação se faz em escala muito dilatada. E, si outros factores de equilibrio não iutervierem como agentes reductores, em breve as grandes unidades do Sul differirão das outras unidades do Centro ou do Norte, como a Inglaterra differe da Italia e a França da Alemanha. Demais nesses paizes os contrastes regionaes não affectam o sentimento de solidariedade nacional. Nos grandes casos, quando o interesse commum está em jogo, todos são inglezes, italianos, francezes, allemães... Não se hostilisam dentro dos seus limites territoriaes...

No Brasil, pelo contrario, a hostilidade é constante, havendo mesmo uma corrente que procura alimentar um antagonismo irreductivel entre o Norte e o Sul, e, em cada uma dessas regiões, identicos sentimentos de Estado a Estado.

Na Europa ha convergencias de sentimentos nas causas nacionaes, ou que affectam o interesse commum; no Brasil ha, em casos identicos, divergencias de taes sentimentos".

Sousa Lobo, loc. cit. 28.

É todo esse conjuncto que forma a alma de um grupo humano qualquer. Como vimos elle está na dependencia das formas sociaes que por sua vez são méras consequencias dos ambientes geographicos com o que é facil concluir-se que a causa de tudo é o meio geographico. (1)

E ainda ha quem accete a continuacão do estatuquo a respeito da navegacão de cabotagem!

Não vem que, em grande parte, é devido ao pessimo serviço de navegacão de cabotagem, restricto a ser feito pela bandeira nacional, que o paiz augmenta o isolamento em nucleos separados e diminue as communicacões que tenderiam para a homogenisacão?

1) O conjuncto de todas as linhas psychologicas e sentimentaes, as quaes são moldadas pelas forças emanadas do ambiente externo, ou do meio geographico é que formam a alma de um povo.

Assim é Gustavo Lebon quem diz ("*L'Evolution des peuples*", 24):

"Cet agregat d'elements psychologiques observable chez tous les individus d'une race constitue ce qu'on appelle avec raison le caracté national. Leur ensemble forme le type moyen qui permet de definir un peuple. Mille Français, mille Anglais, mille Chinois pris au hasard, different notablement entre eux; mais ils possèdent dependant, de par l'heredité de leur race, des caractères communs au moyen des quels peut être construit un type idéal du Français, de l'Anglais, du Chinois, analogues au type idéal que le naturaliste presente lorsqu'il décrit d'une façon generale le chien ou le cheval".

Esse pensamento do grande escriptor gaulez é completado pelas suas palavras seguintes:

"Cette identité dans la constitution mentale de la majorité des individus d'une race a des raisons physiologiques très simples. Chaque homme, en effet, ne représente pas seulement le produit de ses parents directs, mais encore de sa race, c'est-à-dire de toute la serie de ses ascendants. Un savant economiste, M. Cheysson, a calculé qu'en France, à raison de trois generations par siècle, chacun de nous aurait dans les veines le sang d'au moins 20 million de contemporains de l'an 1.000. Tous les habitants d'une même localité, d'une même province ont donc necessairement des ancêtre communs, sont pétris du même limon, portent la même empreite, et sont sans cesse ramenés au type moyen par cette longue et lourde chaîne dont ils ne sont que les derniers anneaux.

Nous sommes à la fois les fils de nos parents et de notre race. Ce n'est pas seulement le sentiment, c'est encore la physiologie et l'hérédité qui font pour nous de la patrie une seconde mère."

Ora, como nós vimos no decorrer dos capítulos deste livro, os paulistas formam um grupo humano que tem psychologia propria, sentimentos proprios, os quaes não se foram misturar com os de outros grupos humanos em razão da falta de communicações e do isolamento em que permaneceu e ainda em que permanece o grupo humano paulista, bem como em razão de terem sido os seus antepassados, unicamente delles e do não terem antepassados communs com os componentes dos demais grupos, que situados fóra do raio de acção das communicações com o planalto paulista só procuravam dentro das respectivas regiões. Com isso foi-se constituindo uma mentalidade que só era propria aos planaltinos. Dahi não ser absurda a designação de nacionalidade planaltina aos habitantes dessa região geographica.

CAPITULO VI

MAGNITUDE PAULISTA

§ 1.º -- MAGNITUDE PAULISTA

Não ha duvida que existe qualquer phenomeno para explicar o flagrante desnivel entre S. Paulo e o resto da Federação.

Eu penso que esse flagrante desnivel que se vem observando e que vae se fazendo em augmento seria explicavel pelas seguintes causas, as quaes poderiam servir de evidencia plausivel para a situação de facto a qual é innegavel:

- a) causas raciaes.
- b) causas geographicas.
- c) causas concernentes a maior attracção dos capitaes exóticos.
- d) causas concernentes a immigração alienigena.
- e) causas concernentes a favores federaes.

Analysemos o problema.

As causas raciaes seriam chamadas para explicar as diferenças marcadas entre o caminhar de S. Paulo em relação a marcha das demais regiões desta face do continente sulamericano. Para haver unidade politica

seria preciso haver uma certa synchronisação a proposito da marcha evolutiva para a frente de cada região.

Essa synchronisação vem fazendo falta, pois que enquanto S. Paulo marcha a uma velocidade de aeroplano, ha regiões que marcham como se fôra de automovel, ha outras que andam com a velocidade de carro de boi, como ha outras que estão paradas e outras ainda que vovvem para traz. Temos de explicar esse phenomeno.

As causas raciaes nos dariam a explicação se conseguissemos provar a these da superioridade racial. Conseguiríamos o nosso desideratum se fosse possivel a nós recorrer a um dogma scientifico demonstrador da inferioridade de uns e da superioridade de outros. Óra, a these de Gobineau, ainda que tivesse o ajutorio poderoso de Lapouge, de Ammon, de Chamberlain, de Madison Grant, está varrida do scenario scientifico contemporaneo de modo que não podemos recorrer a essa theoria tão em voga no fim do seculo passado e no começo deste nos meios sociologicos mundiaes. (1)

1) E' claro que não queremos estabelecer a igualdade absoluta de todas as raças. Um negro não pôde ser igual a um branco sob o ponto de vista physico e physiologico bem como psyquico. Assim tambem um grupo humano em que ha uma elevada proporção de sangue negro, quer em estado puro ou diluido na população, não pôde ser igual a outro grupo humano onde a proporção do sangue negro é minima e imponderavel. As qualidades do branco dariam outro rumo a evolução deste grupo humano.

Si S. Paulo tivesse a composição racial de regiões do norte, evidentemente não teria testemunhado o bandeirismo e outros capitulos fulgurantes do passado e do presente.

Penso que os grupos humanos na historia seguem em grande parte as directrizes que seus componentes, segundo as suas psychologias. Se os grupos humanos tem maior quantidade de elementos activos, não pôde seguir as mesmas linhas evolucionaes que outros que tem em maior porção individuos imaginosos, ou emotivos. O que gradua a composição

Evidentemente isso seria muito commodo, mas essa theoria está posta a margem, por exaggerada, eivada de paixão e ser côrtraria aos factos históricos que se tem observado. Nem por isso estou convencido da absoluta igualdade racial.

E' preciso que o nosso espirito democratico não vá até confundir as raças em uma só bitola sob qualquer aspecto. Penso que existem certos desniveis raciaes determinando certas elevações para umas e depressões para outras a respeito de certos sectores psychologicos. Penso que as differenças existentes entre os typos raciaes não são differenças especificas, pois que todas as raças possuem todas as qualidades humanas, mais ou menos desenvolvidas, mas ellas as possuem em gradação differente. Assim, por exemplo tal raça poderá ser superior, em manifestações de energia physica, e tal outra em imaginação creadora e ainda tal outra em espirito especulativo, etc.

racial de grupos humanos é o conjuncto de selecções. Se estas agem no sentido de privar o grupo humano de seus elementos mais bellicosos, mais aventureiros, claro que esse grupo humano tende a se modificar com elle as linhas pelas quacs elle deveria seguir a sua historia.

E' claro que se outros factores de ordem economica, de ordem geographica não houvessem intervindo, o bandeirismo não teria tido lugar, mas tambem se outra fosse a raça estabelecida no planalto de Piratininga, esse capitulo do passado paulista que tão justamente enche a população piratiningana de ufania não teria tido lugar desse modo qual o registramos.

Eu não estabeleço o dogma de superioridade racial. Tudo, a esse respeito é relativo. O que é superior para certo fim é inferior para outros.

Eu não quero dizer que a raça, ou antes o systema racial do planaltino haja sido superior a outros systemas. O que eu digo e isso está patente, é que para esses fins que constituem a superioridade economica e a superioridade em civilização, as virtudes que caracterisam o conjuncto racial piratiningano são superiores, mas para outros fins a raça

Não havendo agrupamento racial absolutamente puro e todos os agrupamentos humanos sendo compostos de determinadas raças, temos que todos os agrupamentos humanos possuem em maior ou menor escala as diversas gradações psychologicas.

Assim sendo temos que a raça planaltina, ou antes o conjuncto de individuos de diversas raças que juntos constituem o agrupamento racial planaltino, esse que eu persisto em chamar de *systema ethnico paulista* ou de *ethnia paulista* foi na verdade formado de modo diverso dos agrupamentos raciaes, dos *systemas ethnicos* de outras regiões. Elle, agrupamento racial, se foi formando sob o imperio de selecções outras que não imperaram na formação da população de outras regiões desta face do continente sulamericano. Com isto temos que a nossa gente planaltina deveria, por força, possuir um modelado não só physico, physiologico ou moral como psyquico differente do de outras regiões ainda

ou antes as proporções raciaes planaltinas podem ser inferiores. Assim, por exemplo, para rememorar as festividades carnavalescas, os sambas, as congadas, os batuques, os maxixes, etc., o conjuncto racial paulista é inferior aos conjunctos estabelecidos no litoral.

Em imaginação poetica e literaria, ou em meditações philosophicas, o *systema racial piratiningano* é inferior aos da Athenas brasileira, ou da terra de Castro Alves ou de Tobias Barreto.

Os norte americanos estabeleceram o *systema de tests*, para haver dosagem na capacidade mental de cada raça que se deseje, mas para isso, elles dividem essa capacidade mental em sectores diversos. Algumas raças podem se mostrar superiores em alguns sectores e inferiores em outros em que podem ser sobrepujadas por outras que se haviam mostrado inferiores em outros sectores. Com isso vê-se que todas as raças podem ser superiores e inferiores, o que é preciso, é verificar em que consistem as necessidades exigidas para que um determinado grupo humano progrida em civilização. E' evidente que neste particular as virtudes demonstradas pelos paulistas tem sido superiores aos seus vizinhos. E' possivel que em outras virtudes elles sejam inferiores.

que houvesse o laço politico a os prender, ainda que houvesse o laço de idioma e o de religião a os ligar. E' por isso que se vem differenças no comportamento dos varios grupos humanos sulamericanos.

Mas, screimos nós paulistas superiores aos vizinhos, a ponto de só o factor raça poder explicar os desniveis, existentes?

E' claro que se temos manifestações que attestam essa superioridade, temos que a attribuir a qualquer factor e o racial está gritando ser uma dessas explicações. Mas por outro lado temos duvidas em emprestar demasiada força ao factor racial. Eis por exemplo a historia a mostrar que logo do quinhentismo ao se iniciar o povoamento. Emquanto que os lusitanos na capitania vicentina penetravam resolutamente pelo planalto ahi fundando burgos que attestaram o seu espirito emprehendedor, outros lusitanos, da mesma raça, da mesma estirpe, da mesma gente, da mesma camada social, se limitavam a "*arranhar o litoral como caranguejos*". Óra, o factor raça, elle só, não nos explicaria o phenomeno. E' preciso para satisfazer a nossa curiosidade a respeito da causa dessa differença, irmos buscar em outro sector elementos que poderiam ser preciosos para o caso. (1)

Mas depois disso, o factor raça interveiu mostrando o motivo do desnivelamento absoluto entre as varias regiões desta face da America do Sul.

1) O factor "*raça*" ou ethnia, differenciado no planalto paulista em relação as regiões brasileiras deve esse facto ao meio physico, que determinou selecções povoadoras e evolucionadoras, sociaes, economicas e mesologicas differentes fazendo com que o grupo humano planaltino fosse filtrado tambem differentemente e sortisse dahi um producto humano-social diverso.

Assim re-se bem que o factor "*raça*" ou ethnia é uma causa, mas que tambem é consequencia do meio geographico.

Assim, por exemplo, onde ha mais elemento melânico, o povo, fatalmente tem que ser mais sentimental, mais affectuoso, mais amante dessa musica barulhenta e carnavalesca, desses folguedos lubricos, que são o encanto do carioca dos morros e que não obstante a força que faz o officialismo não se conseguem pegar em S. Paulo. Onde ha mais elemento "*alpinus*", por força que ha mais methodo, mais raciocinio, mais espirito analytico, mais cuidado com as minucias, mais ordem, mais preocupação com a harmonia, etc. Onde ha mais elemento "*meridionalis*" na população, ha mais estardalhaço, mais espirito artistico, mais desorden, menos conjuncto, mais particularismo, mais fanfarro-nadas, mais estrepito, menos disciplina, etc. Onde ha maior proporção de "*europaeus*", ha mais acção, mais espirito de bellicosidade, de aventura, mais emprehendimento, de audacia. E' possivel que a gente portugueza colonisadora da terra vicentina tenha sido filtrada por outras selecções que não actuaram na torrente de gente lusa que buscou as paragens do Norte, de modo que Piratininga tenha sido theatro de capitulos historicos que fizeram falta alhures, onde o vazio só se interrompe para dar lugar a factos que são conscquencias de outros que tem alhures como scena. Os factos que se passam em Piratininga são factos proprios, de uma actividade espantosa, sem solução de continuidade por mais de um seculo.

Depois que isso se passa as populações de outras regiões foram, aos poucos, se mestiçando com o negro africano e foram, aos poucos, se abastardando, de modo que só então o factor racial entra com mais peso na explicação do desnivel.

Com o que ahí fica devemos concluir que o factor "*raça*" não é letra morta na explicação da superiorida-

de manifesta do paulista, não só no passado mas também no presente, dando uma amostra do que será no futuro. Mas é preciso que o elemento racial seja considerado em conjuncto e não como caracterizando individuos isoladamente. Creio que assim poderemos encontrar um dos elementos de explicação desse desnível.

Onde porém a explicação se funda é no concernente a causas geographicas. Já demonstrei a enorme differença que caracteriza os ambientes geographicos de uma e outras regiões. E' claro que causas diversas tinham que produzir consequencias diversas.

Eu não quero affirmar que o ambiente paulista tenha sido melhor do que os demais ambientes geographicos desta parte da America do Sul. E' até possivel, sob outros aspectos, que, o ambiente geographico paulista seja inferior, mas o que eu sustento é que o ambiente paulista era e é profundamente differente dos mais.

Isso, em capitulos anteriores ficou bem firmado e ninguem duvida.

Mas a superioridade do ambiente paulista consiste em ser propicio para a acção, para a actividade, para o emprehendimento, para a lucta, para as iniciativas, para o trabalho, etc. E' possivel que outros ambientes sejam mais convidativos para a musica, para a arte, para a meditação, para a poesia, para a dança, etc.

Óra, essa differença de causas geographicas, as quaes eu já mais longamente me referi, secundada pelas differenças raciaes seria causa sufficiente para explicar essas manifestações todas a que irei com mais vagar me referir.

Imagine-se, porem, que dessemos maior valor ao factor "raça"! Figure-se que, fosse por nós attribuido

mais valor ao elemento racial na explicação do immenso e indiscutivel desnivel que colloca S. Paulo em situação vantajosissima sobre os aggregados humanos brasileiros! Isso seria muito mais pejorativo do que estou fazendo com o presente livro. Então poderia haver motivos para resentimentos, para objurgatorias, para irritações, etc.

Eu não attribuo ao factor raça porem a principal força causal do desnivel, que cada vez se accentua mais. Eu não acho que, as differenças raciaes existentes cheguem para explicar a situação actual e a que se desenhia para o futuro. Penso mesmo que, se fossemos substituir os individuos que povoam o planalto por gente de estirpe racial que habita outras regiões sulamericanas, teriamos os mesmos phenomenos que as estatisticas nos mostram e os que o futuro nos promette, com algumas variantes.

CAPITULO VII

CAUSAS DA MAGNITUDE PAULISTA

§ 1.º — CAUSAS CONCERNENTES A ATTRACÇÃO DE CAPITAES EXOTICOS

Terão as manifestações da superioridade paulista tido outra base que não as que eu longamente expliquei?

E' verdade que Ricardo o eminente economista affirmava que para haver producção era preciso que houvesse reunião dos elementos, terra, mão de obra ou trabalho e capital. Ora, sem que tenha havido capital era impossivel haver producção e esta estando condicionada aos factores mencionados, poderia ser maior ou menor, segundo a maior ou menor graduação do capital.

S. Paulo se fazendo centro de applicação de capitaes exoticos teve esse desenvolvimento formidavel que o desnivelou tão bruscamente. Sim não ha duvida que esse capital exotico impulsionou S. Paulo com maior velocidade ascencional para o estado em que estamos e em que devemos estar com o passar do tempo.

Mas é preciso que se note que quando aqui aportou o capital britannico representado pela S. Paulo Railway, e esse foi o grande capital exotico aqui iniciado, já S. Paulo vinha com rapidez galgando altura em capacidade economica.

E' bem certo que a applicação desses 2.500.000 £ na ligação do litoral ao planalto, veio proporcionar um enorme desenvolvimento para as forças economicas paulistas, dando a ellas facilidade, commodidade, barateza, presteza, etc., na exportação como na importação. E' preciso, porém, se ter como certo que, quando esse capital foi attrahido, ou quando elle começou a fructificar, já as forças economicas paulistas vinham em tremenda ascensão. Mesmo sem essas facilidades importantes da realisação da S. Paulo Railway, já o planalto corria ascencionalmente na escalada do progresso. Sim, porque a S. Paulo Railway teve inicio em 1860 e só em 1867 inaugurou os seus funiculares. Já então o movimento commercial ascencional paulista era de se notar:

("Brazil its cities & provinces", Scully, London, 1866)

1857	1858	1859	1860	1861	1862
3.886:	4.107:	8.200:	7.860:	9.326:	10.430:

S. Paulo em seis annos triplicava solidamente o seu movimento commercial com o mundo externo, de modo que, temos evidente que, a applicação do capital britannico ligando o litoral ao planalto, não foi uma causa mas sim uma consequencia. O capital britannico é que foi attrahido pela prosperidade em que ia o planalto, e não este, como região pujante, foi consequencia da applicação do capital britannico. Aqui tivemos mais uma vez a confirmação de que, não é o orgam que cria a funcção, mas sim a funcção é que faz o orgam. O planalto já produzia, já estava povoado, já tinha os elementos para fazer essa producção caminhar ascencionalmente, veio a S. Paulo Railway attrahida pela prosperidade da região e deu a ella os meios de fazer essa

evolução mais rapida pela escalada do progresso, mas quando o capital britannico foi applicado já o planalto estava progredindo e marchando para a vanguarda.

E' certo que depois disso outros capitaes estrangeiros se fizeram attrahir e foram invertidos na região quer sob a forma de emprestimos para o Estado, sob a forma de applicação em serviços de varias naturezas. E' certo que esses capitaes concorreram em certa proporção para o estado actual de S. Paulo, mas é preciso que fique bem patente que esses capitaes aqui affluiram como negocios vantajosos para os capitalistas exóticos que para cá mandaram o seu dinheiro. Esses capitaes vieram para cá attrahidos pela nossa segurança, e confiados nas garantias que davamos com os nossos indices de prosperidade que marchavam sempre em progressão crescente. A vinda desses capitaes para cá foi pois uma consequencia e não uma causa. A causa foi a nossa pujança economica que para cá os attrahiu. E' certo esses capitaes vieram nos proporcionar incrementos varios, mas não originaram nada. Alem disso é preciso se ter em conta o capital paulista proveniente de rendas capitalisadas e invertidas em empreendimentos varios, como augmento sempre crescente da nossa area rural, extensão das nossas linhas ferreas ou edificação das nossas cidades do Estado ou ainda a construcção do porto de Santos, que representa capitaes unicamente paulistas, sahidos das rendas do porto, as quaes iam-se capitalisando, a medida que a applicação ia se fazendo.

Assim tambem foi progredindo o Estado, recbendo as vezes a injeccção de capitaes exóticos que se iam adjudicando aos que aqui se accumulavam.

Eis como não tem razão os que querem recorrer as causas do capital estrangeiro para explicar a situação em que está S. Paulo.

A contra-prova reafirma o que ficou dito. O Paraná recebeu identico melhoramento ligador do planalto ao sea porto de mar em Paranaguá e nem por isso a situação da Paraná caminhou no mesmo diapasão em que S. Paulo avançou. A Inglaterra ou outras nações tem applicado em suas possessões muito mais capitaes do que S. Paulo recebeu de exóticos e não logrou obter as situações em que está S. Paulo. E' que faziam falta allures as mais condições que particularisavam S. Paulo.

§ 2.º — CAUSAS CONCERNENTES Á IMMIGRAÇÃO ALIENIGENA

Aquelles que querem a viva força desmerecer a situação de S. Paulo, immensamente desnivelada, recorrem a explicações causaes menos reflectidas. Entre estas, buscam collocar a referente a immigração alienigena. Dizem que S. Paulo caminhou muito, depois que a corrente immigratoria para aqui affluu. Que esta teria sido a causa do desnivel que testemunhamos.

Vejam os se isso é verdade. Vejam os se foi esse phenomeno a causa de haver S. Paulo se impulsionado para a frente de modo a realisar essa prodigiosa differença que o faz tão grande o desnivel entre S. Paulo e seus vizinhos.

E' certo que a immigração começou intensa só em 1890, mais ou menos, pois que antes dessa data o contingente annual que affluia para S. Paulo era diminuto, como se poderá verificar pela estatistica annexa. (1)

1) Desde 1927 entraram para o planalto paulista os seguintes elementos immigratorios, segundo estatistica da Secretaria de Agricultura de S. Paulo.

Por ahi se vê que só em 1888 e depois é que a immigração pesou. Antes dessa data os numeros dos immigrants entrados annualmente eram muito diminutos. Mesmo depois de 1888, só aos poucos é que in-fluiram.

Só com a libertação do negro pela lei de 13 de Maio, ante a qual S. Paulo tinha que se curvar, a immigração européa começou a ser cuidada seriamente. Óra, isso se deu no anno de 1888. Só em 1887, houve introdução de 32.112 immigrants, entre as diversas estirpes ethnicas aqui aportadas.

Antes dessa data não houve um só anno em que a immigração attingisse uma dezena de milhar. Os immigrants introduzidos em 1887, só algum tempo depois iriam começar a produzir, principalmente em se tratando de trabalhadores na lavoura de café, que é uma planta que só produz 5^o annos, em regra, depois de plantado.

Óra, segundo as estatisticas constantes de um "*Relatorio*", apresentado ao presidente da provincia de S. Paulo em 1888 pela Comissão Central de Estatistica, S. Paulo, vinha tendo o seguinte movimento ascensional no seu commercio externo:

1877-78	33.844:000\$000
1878-79	38.000:000\$000
1879-80	38.105:000\$000
1880-81	37.927:000\$000
1881-82	41.851:000\$000
1882-83	45.389:000\$000
1883-84	58.263:000\$000
1884-85	57.622:000\$000
1885-86	48.365:000\$000
1886-87	90.501:000\$000

Só em 1900 é que os immigrants, graças as suas entradas annuaes puderam constituir aqui uma massa grande de gento.

E' preciso se considerar tambem as sahidas e com isso se verificar a diminuição dessa massa.

Vê-se nesses dez annos como o movimento commercial paulista era ascencional e segundo a estatistica que se segue pôde se verificar como elle já deixava saldos que se iam capitalisando annualmente augmentando a importancia do grupo economico paulista:

1877-78	21.419:000\$000
1878-79	24.142:000\$000
1879-80	21.452:000\$000
1880-81	20.801:000\$000
1881-82	21.789:000\$000
1882-83	22.929:000\$000
1883-84	34.145:000\$000
1884-85	36.791:000\$000
1885-86	23.770:000\$000
1886-87	57.897:000\$000

(“Estatistica da Prov. de S. Paulo”, Leroy King - 1888)

Se o movimento commercial paulista se multiplicava a ponto de se triplicar em uma decada; se os saldos deixados pela balança commercial se triplicavam em dez annos, quando S. Paulo ainda não contava com a immigração, claro está que esta ao envez de ter sido uma causa da grandeza de S. Paulo foi uma consequencia dessa grandeza que já se vinha manifestando conforme vimos.

A população paulista vinha se clareando rapidamente, pois que em 1872 a proporção de negros nessa população era de 20 %, segundo o recenseamento então produzido pela União passou a ser em 1890 de 12.9 %. Mas esse phenomeno não teve lugar por serem os negros assimillados na população, mas sim por serem elles eliminados, pois que em 1872, a proporção de mulatos era de 21 % passou a ser em 1890 de 15.7 %, o que

quer dizer que houve uma diminuição sensível de negros, sem ter havido augmento de mulatos o que se vê nas regiões brasileiras.

Isso quer dizer que mesmo antes que a corrente immigratoria affluisse para S. Paulo, já a nossa população não só iniciára a sua corrida para a prosperidade como o seu alvejamento. Esses phenomenos havendo, pois, precedido a immigração é claro que esta não poderia os ter causado.

Além dos argumentos citados temos ainda para os confirmar que a producção cafeeira paulista foi a seguinte:

MEDIA: 2.289.000 saccas

1882-83	1.837.000	saccas
1883-84	1.929.000	„
1884-85	2.106.000	„
1885-86	1.508.000	„
1886-87	2.346.000	„
1887-88	1.202.000	„
1888-89	2.510.000	„
1889-90	1.972.000	„
1890-91	2.874.000	„

(Veiga Filho, “Estudo Economico e Financeiro sobre o Estado de S. Paulo”)

Em 1890 o recenseamento federal dizia haver em S. Paulo 1.374.753 habitantes, isso quer dizer que então na decada que examinamos S. Paulo teria cerca de 1.000.000 de habitantes, quer dizer 6 vezes e meia menos que a população actual. Para haver paridade com a producção cafeeira de então seria preciso que a media da producção cafeeira de S. Paulo actual fosse tambem seis vezes e meia maior do que a de então que seria

de 2 milhões de saccas. Assim sendo a produção paulista para conservar o mesmo indice de antes da imigração deveria ser actualmente de 14.878.000 saccas. Ora, a media de produção nos ultimos 10 annos vem sendo de 11.500.000 saccas. Isso quer dizer que houve uma diminição na capacidade productiva da gente paulista depois da introdução da imigração. (1) Se formos calcular per capita a productividade diremos que ella diminuiu.

1) Já em 1928 eu escrevia no meu livro "*Pedras Lascadas*":

Aos máus brasileiros, aos vesgos, que mesmo diante da suprema evidencia dos factos e da flagrancia absoluta dos algarismos, conservam um amargo resaiço de despeito invejoso, em face da posição de S. Paulo na Federação brasileira, parece para elles que a prosperidade e a grandeza paulistas, são fructos de duas causas primaciaes:

- a) a protecção deferida a S. Paulo por parte da União, que foi em outras épocas dirigida por varios e successivos Presidentes paulistas;
- b) a corrente immigratoria estrangeira, principalmente italiana.

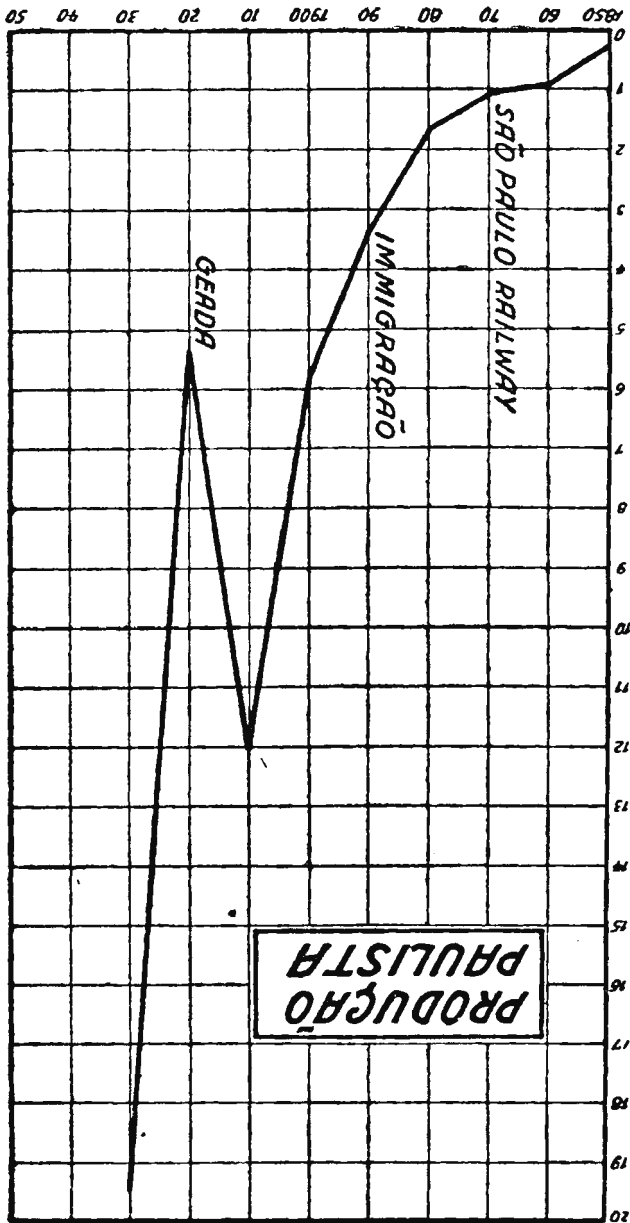
Nestas duas causas se estribam as desculpas dos que cançados de tapar o sol com a peneira, querem a viva força descobrir em cousas imaginarias o motivo da corrida do grande Estado para o progresso, emquanto que o resto do Brasil, infelizmente estaciona.

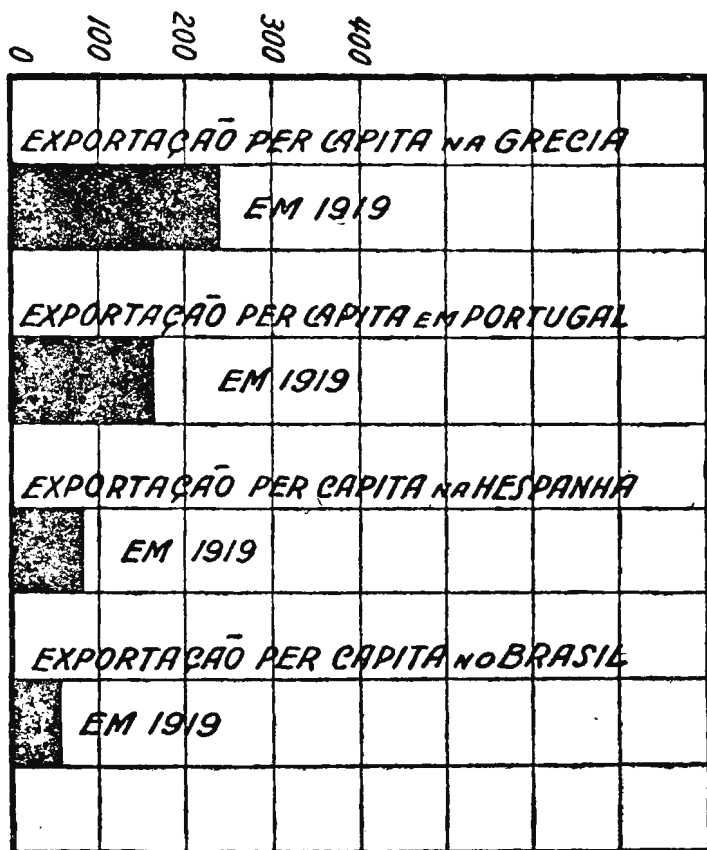
Fructo da má vontade, dos máus brasileiros que se esquecem que tem nos paulistas os principaes impulsioneiros da prosperidade commum, elles não procedem.

A primeira das causas apontadas, já o brilhante talento de Cincinnati Braga pulverisou completamente no seu "*Magno Problema Economico*", provando que S. Paulo tem fornecido á União muitissimo mais do que della tem recebido. Não seria, aliás preciso citar Cincinnati Braga, para tal estabelecer, se não fosse estar mais á mão o seu magnifico volume, que reúne boa somma de estatisticas, pois que seria bem facil tal conclusão se tirar, ao se passar em revista os empreendimentos federaes em funcionamento pelos Estados.

S. Paulo pela actividade insuperavel e fecundissima de seus governos estadual e municipaes, bem como pela sua prodigiosa iniciativa particular, prescinde do esforço e do dinheiro da União em seu territorio.

S. Paulo apenas tem pedido da União o seu apoio para a sustentação do seu principal producto, o café, na lucta contra os adversarios





extrangeiros, os baixistas exportadores da rubiacea. Aliás sempre esse apoio, mesmo quando materializado em recursos pecuniarios, tem revertido directa e indirectamente enormes lucros para o Thesouro Federal.

A segunda das causas apontadas, qual a da imigração estrangeira, como causadora da nossa actual grandeza igualmente não procede, e

mesmo se tivesse lugar não seria um motivo desairoso, muito pelo contrario, pois que só poderia reverter para o activo dos bons governantes que tem empunhado o bastão do mando no Estado, pois, que por iniciativa delles desde o inelyto Senador Vergueiro, foi essa immigração attrahida.

Entretanto, se não podemos negar grande concurso para o nosso desenvolvimento, fornecido por essa massa de estrangeiros, que desde 88 tem se incorporado a nossa população, não foi ella a causa maior, nem o motivo primeiro da nossa prosperidade.

Os estrangeiros vieram de facto, cooperar na corrida para o progresso, mas quando aqui chegaram, já acharam a machina em marcha, e fornecido já o primeiro impulso.

E' sabido que o motivo principal, e podemos dizer a causa mater, da corrente immigratoria, foi a lei de 13 de Maio de 88, que foi o pinaculo de uma evolução a favor da emancipação do negro a qual resultou para S. Paulo a necessidade de braços para a sua lavoura. A negra da, livre emfim, abandonou em massa os latifundios cafeeiros, e para substituil-a, o Estado de S. Paulo realisou a empreitada gigantesco de attrahir em poucos annos um milhão de estrangeiros.

Nessa época, porém em que a Monarchia na sua agonia abolia a escravatura e em que a Republica nos seus primeiros passos chamava a immigração, já o Estado de S. Paulo, estava com a sua machina agricola perfeitamente aparelhada. A nossa immensa lavoura de café, então, ao aportar dos primeiros colonos italicos, já se estendia como um oceano verde, ondulante por sobre os chapadões ribanceiros do Mogy, do Pardo, e do Tieté. Ao chegar das primeiras lévas de immigrants, já se defrontaram elles com a matta virgem derrubada, com o sertão immenso desbravado e com os cafeeiros em produção. (De 1827 a 1876, entraram em S. Paulo 15.750 immigrants; de 77 a 87, entraram 69.863 immigrants, numeros diminutos, porque dahi para agora é que se estabeleceu a onda immigratoria).

Em 88, já a exportação paulista attingia a 53 mil contos, (media do ultimo quinquenio), tendo sido de 23 mil contos em 77, de 7 mil contos em 67, e de 3 mil contos em 1857, cousa que demonstra que mesmo sem a immigração, já S. Paulo caminhava na senda celerissima de uma vertiginosa prosperidade, passando do sexto lugar que tinha em 1857, para o segundo lugar que attingiu em 1877, e que manteve até 1888, com um augmento de 139 %. (Telesphoro de S. Lobo, "S. Paulo na Federação").

O café, principal cultura paulista, no periodo de 1861 a 1889, quando ainda a immigração não existia, já avultava com quasi 7 mi-

lhões de toneladas (loc. cit. pag. 221). No anno de 88 a 89, a exportação cafeeira foi em S. Paulo de 2.510.890 saccas, que se fôr calculada aos preços vigentes (de 250\$ por sacca) teremos a seguinte cifra:

— 627 722:500\$000 réis —

Eis os numeros formidaveis dessa exportação paulista. AINDA SEM IMMIGRAÇÃO, se tivesse ella sido vendida pelos preços actuaes; isto é que essa cifra seria maior do que o commercio exterior total (importação e exportação) de 24 nações independentes, que Cincinato Braga, menciona a pag. 1 do seu trabalho citado.

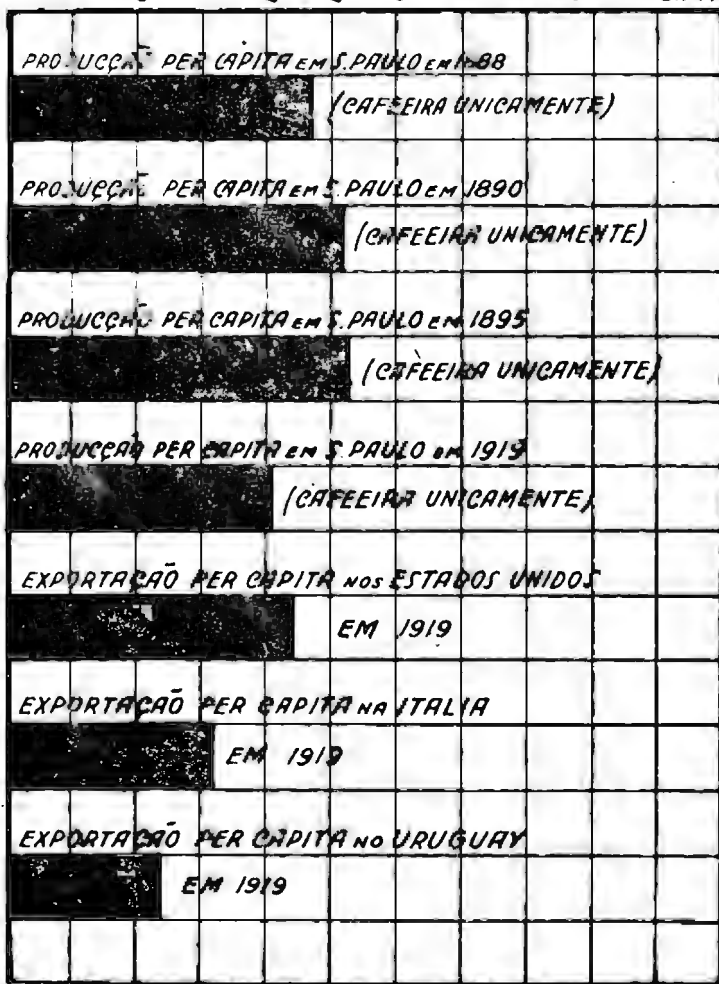
Mas se em 88 era tal a exportação cafeeira paulista, em 1890, dois annos apóz, quando a immigração ainda não havia começado a se incrementar seriamente a exportação creceu para 2.900 mil saccas que se tivessem sido vendidas pelos preços actuaes teriamos 725 mil contos, o que para uma população de 1.400 mil habitantes que era a do Estado de S. Paulo de então, daria uma exportação *per capita* de 517\$900 réis.

Em 1895, quando ainda os resultados desses esforços da gente immigrada não podiam se mostrar porquanto nessa data a exportação cafeeira só poderia ser proveniente de cafesacs plantados, antes de 1890 quando ainda não havia immigração e portanto por gente nossa exclusivamente, a exportação foi de 4.500 mil saccas, que se houvessem sido vendidas pelos preços que hoje vigoram para o café dariam cerca de 1.125.000:000\$000 réis, que para uma população de 2.100.000 habitantes, que tanto deveria ter então o Estado (porque em 1897, dois annos depois o Dr. Antonio de Toledo Piza, em un estudo muito consciencioso calculou em 2.309.720 habitantes, teriamos uma *exportação per capita* de 2.14 saccas de café, e de 535\$000 réis, por pessoa, se esse café tivesse podido obter os preços que hoje são correntes. (*))

Comparando pois esses algarismos, e essas medias *per capita*, com os que hoje se podem deduzir para os annos de 1919, e de 1924, verifica-se, com muita facilidade que, o paulista de então, quando não havia immigração, quando o concurso desta não havia ainda pesado na balança, o seu indice de eficiencia era bem alto, não ficando nada a dever ao do actual com a ajuda da gente de immigração. O quadro que apresento a seguir, é bem claro para essa conclusão, se chegar com bastante facilidade.

*) Preços de 1924.

0 100 200 300 400 500 600 700 MIL RÉIS PER CAPITA



Annos	Exportação em saccas de café	Exportação cafeeira se tivese sido vendida pelos preços actuaes	População Habitantes	Exportação em saccas per capita	
1888 . . .	2.150.000	627.722:500\$	1.300.000	1,92	479\$700
1890 . . .	2.900.000	725.000:000\$	1.400.000	2,07	517\$900
1895 (**)	4.500.000	1.125.000:000\$	2.100.000	2,14	535\$000
1919 (***)	10.000.000	2.500.000:000\$	4.600.000	2,17	540\$000
1924 . . .	—	2.030.985:000\$	5.000.000	—	406\$197

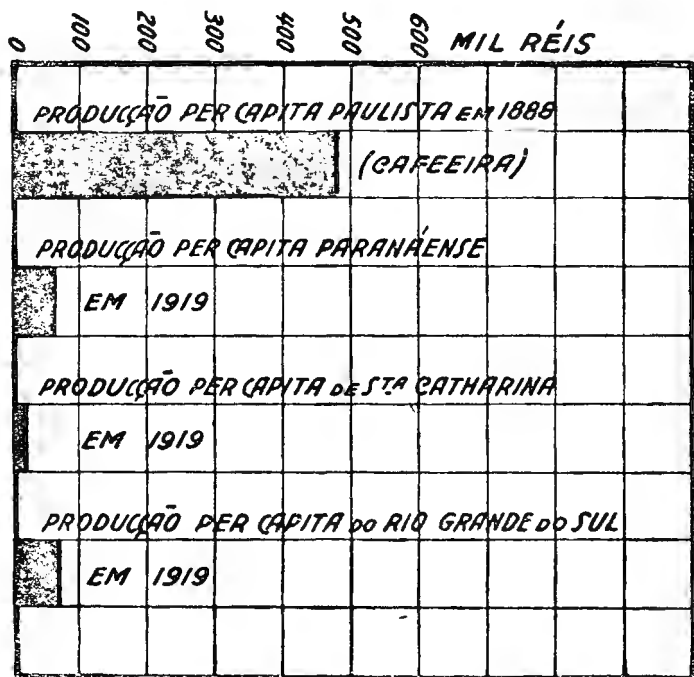
Se comparamos a media *per capita* da exportação em dinheiro dos paulistas das varias épocas desde 1888, 1890, 1895, quando a immigração não era de se fazer sentir até 1919 e 1924, com a apresentada por varios povos estrangeiros referidos por Cincinato Braga, loc. cit., podemos apresentar a seguinte lista:

“São Paulo”, em 1888 considerando o café pelos preços actuaes	479\$700
“São Paulo”, em 1890	517\$000
“São Paulo”, em 1895	535\$000
“São Paulo”, em 1910	520\$000
“São Paulo”, em 1919 considerando o café pelos preços de 1924 (*)	406\$000
“São Paulo”, em 1924 (*)	406\$000
Estados Unidos	440\$000
França	440\$000
Italia	320\$000
Uruguay	240\$000
Grecia	240\$000
Portugal	160\$000
Hespanha	80\$000
Brasil	55\$000

*) O café em 1924 alcançou o preço de 206\$000 por sacca.

**) Antes da immigração começar a produzir grandes esforços, porque nesse anno foi colhida a produção de caféiros plantados até 1890 quando ainda a corrente immigratoria era nulla.

***) A media dos ultimos 5 annos é de 9.100.000 saccas.



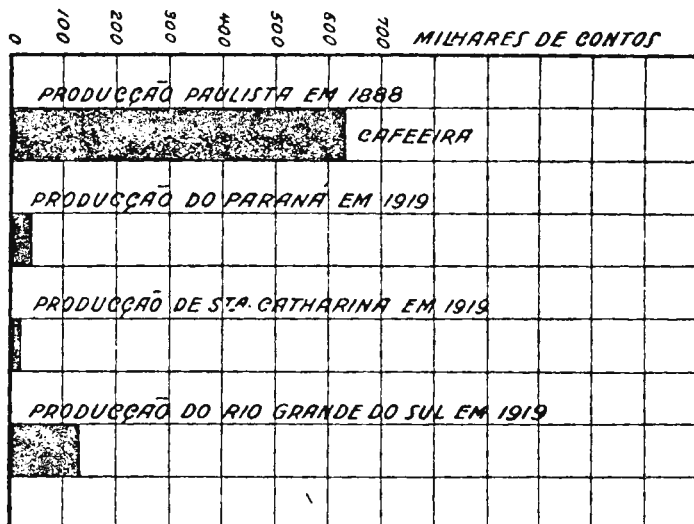
Por ahí ve-se que o paulista de 88, o de 90 ou o de 95 exportava mais, *per capita* do que o formidável americano, do que o francez, do que o italiano, o uruguayo, o grego, o portuguez, o hespanhol e o brasileiro, não ficando inferior ao paulista de 1919 ou de 1924, se o café por elles produzido tivesse sido vendido pelos preços que são correntes actualmente.

Isto quer dizer que o paulista sem a ajuda da immigração, valia mais do que os estrangeiros apontados, e tanto quanto o paulista de hoje, que tem o auxilio, do elemento immigratorio.

Não se pôde concluir differentemente dahi.

A corrente immigratoria no Brasil, não tem aproveitado apenas o Estado de S. Paulo, mas a todo o sul do paiz. Os Estados do Paraná, Sta. Catharina, e o Rio Grande do Sul, têm recebido grandes contin-

gentes de estrangeiros de estirpe germanica ou slava sob muitos aspectos superiores aos de estirpes mediterraneas que têm affluido para S. Paulo. Assim o Rio Grande do Sul, com uma população de 2.182.713 habitantes de accordo com a mensagem do Presidente desse Estado em 1922, possuía 840.000 estrangeiros ou filhos de estrangeiros, o que quer dizer que o Estado é saturado de elementos de immi-



gração. Sta. Catharina e o Paraná, são conhecidos pela intensidade de gente de origem teuta e polaca, e mesmo italiaua, contida nas suas populações. Assim estes trez Estados, merecem ser tomados como padrão de uma comparação:

"São Paulo", em 1888 tomando o café pelos preços actuaes	627.722:500\$000
"per capita"	479\$000
"Paraná", em 1919	42.771:000\$000
"per capita"	62\$300
"Sta. Catharina", em 1919	15.986:000\$000
"per capita"	23\$900
"Rio Grande do Sul", em 1919	137.000:000\$000
"per capita"	63\$220

Isso quer dizer que o paulista de 1888 sem o concurso immigratorio do estrangeiro, e com os seus proprios recursos produziu e exportou por cabeça 479\$700 aceitando o café pelos preços de hoje, enquanto que o Paraná com todos os estrangeiros immigrados, só conseguiu uma produção e uma exportação *per capita* 7 vezes menos; - Sta. Catharina tambem com todos os allemães laboriosissimos, etc., só conseguiu uma produção e uma exportação, 20 vezes menos do que o paulista de 1888; e o Rio Grande do Sul, ainda com os seus 840.000 individuos de proveniencia immigratoria, tambem só obteve uma exportação 7 vezes menor do que a paulista de 88.

A conclusão logica dessa comparação é que o paulista puro sangue do 1888, sem ajutorio do elemento estrangeiro, valia por sete paranaenses, ou 20 catharinenses, ou ainda por 7 rio grandenses do sul, estes com todo o ajutorio da gente exotica.

Se porem não se quizer tomar este criterio apontado, como comprobatorio do valor do paulista antes de haver o Estado recebido a onda immigratoria, podemos ainda apontar mais o seguinte argumento:

S. Paulo em 1888, com 1.300.000 habitantes, exportou 2.510.000 saccas de café, sem o auxilio dos immigrantes, em pleno regimen da escravidão, exportando em 1890, quando a immigração ainda não se intensificara, e portanto resultado do esforço feito no regimen da servidão, 2.900.000 saccas de café. Ora a exportação media no periodo de 1909 e 1919, segundo Cincinato Braga ("*Magnos problemas*", 63) havendo sido de 10.000.000 de saccas, isto é, 4 vezes a de 1888, não está fóra da relação do augmento da população de 1.300 mil para 5 milhões, isto é, quatro vezes mais tambem.

Isso quer dizer que o paulista do 1919, exportando *per capita*, 2 saccas de café, o de 1888, produziu 1.92 saccas de café, e o paulista de 1890, quando o Estado deveria ter uma população de 1.400.000 habitantes, exportou 2.07 saccas de café. Com isto não se pôde affirmar que tenha havido melhora no paulista de 1888, para o de 1890, e para o de 1919, pois que os algarismos que *per capita*, representam as suas exportações são mais ou menos iguaes. Assim os paulistas de 1888 e o de 1890, sem o auxilio da immigração produziram a mesma cousa que o paulista de 1919, este com o concurso do immigrante.

Dir-se-hia que em 1919, além do café o paulista ainda produziu mais cousas e organizou uma produção industrial que não tem rival na America do Sul.

Sem duvida, e se reconhecendo esta vantagem a favor do paulista de 1919, é tambem preciso que se recorde a superioridade de meios de produção que este conta sobre o paulista de 1888, e o de 1890. Meios estes principalmente os mechanicos que facilitando a produção e augmentando a capacidade de trabalho, facultaram um augmento da

produção. Para o paulista de 88 e para o de 90 foi infinitamente mais difficil e trabalhoso produziu *per capita* 2 saccas de café do que o paulista de 1919 produzir o mesmo. De tudo isto, pois, conclue-se, que o paulista não melhorou, com a introdução dos contingentes immigratorios, ou antes, que estes sob o ponto de vista de capacidade de trabalho, não se mostraram superiores ao material humano já existente no Estado anteriormente á sua vinda.

Assim, pois, não é á immigração que S. Paulo deve a sua grandeza, esta já existia, em base, quando os contingentes immigratorios aqui aportaram. E já augmentava celereamente antes de 1888 como mostrou o citado Souza Lobo.

A lavoura de S. Paulo, o maior monumento agricola na face do planeta, já estava formada, a ponto de poder produzir 3 *milhões de saccas de café*, e esta lavoura de café, que nesse anno produziu essa safra, foi plantada exclusivamente sem o auxilio extranho.

Se porém quizermos em rigor considerar o trabalho do paulista sem o immigrante, temos de encorporar como resultados do seu unico esforço as safras que se succederam até 1895 porque é sabido que o café só dá fructo nas chamadas zonas velhas depois de cinco annos de idade, e os cafesaes que em 1895 deram safra, não podiam ter sido plantados depois de 1890, quando a immigração tomou grandes proporções, ora, em 1895 a safra foi de *quatro milhões e meio de saccas*, o que quer dizer que a lavoura plantada para produzir essa quantidade, o foi exclusivamente pelo paulista, ainda sem concurso apreciavel do immigrante.

Não se pôde mais sem grave injustiça affirmar que a grandeza de S. Paulo é devida ao elemento estrangeiro.

Antes do trabalho d'elle começar a produzir já S. Paulo exportava quatro milhões e meio de saccas de café, que se vendidos tivessem sido, pelos preços actuaes, seriam 1.125.000 contos do réis.

* * *

Vimos de um modo abundante, que a grandeza de S. Paulo, não teve como causa originaria a immigração, que começou a receber em 1890.

Antes desta corrente immigratoria começar a attingir os resultados do seu trabalho, já S. Paulo manifestava a pujança do seu esforço formidavel, devido unicamente ao paulista.

Querer o contrario, é procurar negar a evidencia, é tapar o sol com a peneira.

Quando os immigrantes em massa aqui aportaram, já encontraram um aparelhamento completo, tendo só lhes demandado um auxilio para

o impulsionar com o vigor que a libertação do negro, supprimira da nossa lavoura.

Mas quem montou a machina e a fez inicialmente funcionar foi o paulista.

Este com o negro e acompanhado do caboclo, se internou nos sertões, distantissimos de estradas de ferro, acampou com suas caravanas, fez a derrubada da matta virgem, lutou contra uma natureza formidavel, e innegualavel, e para vencel-a dispendeu esforços gigantescos.

Os qua levam a cantar em prosa e em verso essa prodigiosa natureza, bem devem levar em conta as energias precisas para o seu desbravamento e nella ser implantada a lavoura cafeeira.

A derrubada da matta, fazia mister um trabalho cycloptico, e só Deus sabe a somma da tenacidade empregada nessa operação preliminar!

O plantio, era muitas vezes inutilizado pelas geadas e pelas pragas.

A produção só se iniciaria cinco annos depois desse laborioso plantio, durante os quaes o fazendeiro só tinha dispendios a arcar, sem a menor particula de remuneração dos esforços gastos!

A mão de obra, robusta por certo, mas trabalhava sob o impulso do chicote e portanto desinteressada, e rancorosa!!

O transporte era difficilissimo, no lombo do burro, em cargueiros, por centenas de kilometros em regiões montanhosas, agrestes, despovoadas e inhospitas!

Recursos de vida eram nullos completamente, em um desconforto perenne, em uma vida sertaneja absoluta, onde a civilização não havia feito penetrar uma restea sequer de um pallido e bruxoleante reflexo da sua luz.

E mais se encontrasta essa abrupta e pedregosa arena, onde a actividade do paulista foi compellida a exercer, se a compararmos com as regiões amenas e faceis que constituem as extensas campinas da Republica Argentina, para onde occorreu a onda emigratoria da velha Europa, ahí giundo com enorme successo.

Enquanto que, em S. Paulo, os elementos naturaes tem proporções phantasticas, que para serem vencidos na implantação da agricultura, faz-se mister uma somma de energia formidavel, na Argentina tudo é facil, ao trabalho humano, que encontra as difficuldades aplainadas e um terreno preparado pela natureza a receber a semente fecunda da agricultura.

Até a rede ferroviaria de uma e de outra região se reflecte nessa antithese, pois que para a construcção dos nossos 7 mil kilometros foram certamente precisos mais trabalho e esforço do que para a distensão dos 35 mil kilometros argentinos.

Por isso, soffreu o paulista do seculo passado as maiores vicissitudes para nessas circumstancias formar essa lavoura que em 1895 produziu "*quatro milhõcs e meio*" de saccas de café. A tudo a sua tempera inequalavel resistiu, desde as fadigas, as molestias, as agruras, os desconfortos, que constituem o immenso acervo de dores phisicas, até as que sommam para euveredalo na senda do desanimo, do desalento, e do desespero, pois que o paulista do seculo XIX, sempre com animo ardoroso e inabalavel com que mil vezes, no sertão isolado, enfrentava a morte com a negrada em revolta, cercado apenas de sua heroica familia, resistia impavido a toda sorte de vicissitudes e intemperies moraes, como as geadas, as chuvas de pedras, as miseraveis contas de venda, as seccas prolongadas, as enxurradas, a falta de braços, etc.

Nada abateu esse animo de gigante, que tal póde ser considerado o paulista do seculo XIX, o bandeirante oitocentista.

Vendo-se que a causa da grandeza de S. Paulo, não está no favoritismo da União, como já fizeram certo Cincinato Braga e Souza Labo, (*S. Paulo na Federação*) e não sendo tambem a immigração o factor basico dessa punjança economica, vejamos onde se acha o phenomeno causador dessa situação.

Acreditamos terem sido dois os factores originarios da grandeza do S. Paulo:

- a) *A eficiencia biologica do paulista.*
- b) *O meio physico propicio ao homem.*

A eficiencia do paulista foi de facto um factor inestimavel.

O paulista do seculo XIX, o plantador da lavoura cafeeira, foram os descendentes do paulista do seculo XVII, e do seculo XVIII, do sertanista aprezador, e do bandeirante explorador das minas.

A sua psychologia, portanto como descendentes dessa gente de escól não podia ser diversa da que fez recuar o Meridiano das Tordezilhas, ou da que entregou á exploração humana as riquezas incommensuraveis do sub-sólo.

O paulista do seculo XIX, tinha por força que possuir os mesmos traços de psychologia que essa gente, os mesmos contornos moraes, a mesma resistencia, a mesma energia, a mesma tempera, apenas variando o campo em que essas virtudes tinham que ser empregadas. Os seiscentistas correram atraz do indio, emprehendendo com o jesuita e o castelhano as tremendas lutas, os setecentistas buscaram o ouro e as pedrarias, e realisaram indirectamente o povoamento desse territorio immenso, o paulista oitocentista tinha fatalmente que emprogar o seu esforço em algum sentido, e encontrando um meio propicio, tal como a qualidade das terras do nosso hinterland, plantou a lavoura de café, cujo

fruto, quando ella começou produzir em larga escala, veio a ser colhido pelo italiano immigrante. O principal esforço, de derrubar a matta virgem, plantar e formar o cafésal, e de montar as installações, etc., foi do paulista preexistente. O colher só representa um millesimo do esforço despendido na lavoura.

O, bocado, porém, não é, no dizer commum, para quem o fez.

O paulista seiscentista conquistou territorios, que se encorporaram aos dominios portuguezes, e aos pouco foram desmembrados de S. Paulo.

O paulista setecentista descobriu o ouro, e quem se enriqueceu, foi o emboaba e o rei portuguez.

O paulista oitocentista plantou o café, para que se diga, hoje que o causador da grandeza de S. Paulo, foi o immigrante.

* * *

A efficiencia paulista foi o principal factor da nossa actual pujança.

O meio physico do nosso hinterland, muito propicio a vida do homem, é um elevado planalto, de clima temperado, com uma précipitação pluviometrica ideal, e um regimen de ventos magnifico; ali o homem forçosamente tinha que prosperar.

A proporção entre o calor e a humidade, decorrentes desse clima, no planalto, é de tal maneira que agindo sobre o individuo, faz neste se elevar o indice da efficiencia, não obstante a latitude tropical em que se acha a região.

Collaborando nesse sentido age o regimen dos ventos, que é o de alternativas do frigido vento sul, com o quente nóroeste, cousa que provoca os bruscos desequilibrios das nossas temperaturas. Esse phenomeno climaterico, é no pensar de Huntington o melhor estimulante, desenvolvendo extraordinariamente a efficiencia humana, e mantendo uma tenção constante de actividade incaeçavel.

Esta acção estimuladora do clima planaltino, se contrasta, com a depressão que no homem, causa o clima do litoral, das regiões brasileiras, sempre no regimen das enervantes calmarias, que as proximidades do Equador e o nivel do mar tornam insupportaveis ao homem que nesse ambiente perde quasi que por completo a sua efficiencia.

A prova disso está em que o colonizador peninsular, que aportou a capitania vicentina e ascendeu ao planalto ali se fixando, produziu a trisecular epopéa das bandeiras, a qual só teve termo pela descoberta do ouro em outras regiões o que determinou a paralysação da actividade sertanista.

Emquanto isso fazia o punhado de povoadores do planalto e seus descendentes, os que em muitissimo maior numero haviam-se dirigido para

as demais regiões luso-americanas, se limitaram a arranhar o litoral, qual carangueijos, na expressão de Frei Vicente, se estiolando em uma inercia que se contrastava com a actividade do planalto paulista. Os proprios ibericos vicentistas que não quizeram subir ao planalto, permanecendo no litoral vicentista, nada produziram e a sua próle degenerou.

Ainda os paulistas, que attrahidos pelo ouro das Geraes, de Goyaz e de Cuyabá, para ali emigraram, bem como os que se transportaram para os curraes da Bahia ou do Piahy, etc., logo na sua descendencia perderam a Eugenia primitiva, degenerando-lhes a próle, que se confundiu com a população com quem convivia.

Só se manteve com a sua efficiencia conservada, e em constante produção de actividade, em todos os ramos em que tem sido empregada, a gente paulista que não abandonou o planalto, ali applicando as suas energias, que nos seculos XIX e XX, se tem concretisado na lavoura de café.

Apenas no planalto paulista a Eugenia tem perdurado evidente por quatro seculos ininterruptos.

Mesmo antes da immigração ella ali imperava; evidenciada não só por uma superior capacidade de trabalho, como tambem por uma immensa expansão da população que com grande rapidez ascendia em rapidos augmentos independentemente do concurso immigratorio ainda não iniciado.

Disso conclue-se, pois que o meio physico do planalto paulista é o mais proprio para a fixação do homem, e os mesmos individuos que delle quizeram se transferir muito caro pagaram por isso.

Mas só por esses dois factores, raça e meio physico, não seria bastante para se explicarem os phenomenos evidenciados, no seculo XIX; — um terceiro que pela sua natureza, talvez, pudesse ter sido englobado no meio physico, mas que prefiro delle destacar para mais particularmente lhe frisar a importancia, muito influui na grandeza de S. Paulo. Trata-se da natureza chimica das terras do nosso hinterland, terras essas propicias ao cultivo do café que por uma felicidade occasional em principios do seculo XIX veio ter a S. Paulo, importado do Estado do Rio de Janeiro.

A actividade do paulista applicada a terras tão boas, fez resultar a propriedade economica, depois de vencidos todos os obstaculos.

Eis a meu ver, muito resumidamente em que se originou a nossa grandeza.

Como disse, quando em 1890 a immigração iniciou o seu vulto, porquanto, então ella só representava na população do Estado, a porcentagem de 5.4 % com os seus 75.030 estrangeiros, em uma população de 1.384.775, dos quaes 1.309.723 eram paulistas, já o Estado havia encetado a sua corrida para a prosperidade, e se não bastar o argu-

mento economico, já por mim dado a evidencia, tenho ainda para corroborar na affirmativa dados demographicos referentes ao augmento espontaneo da população estadual, em confronto com o augmento da população do resto do Brasil.

Em 1872 S. Paulo tinha	837.354 habitantes	
o Brasil	9.274.000	„
Em 1890 S. Paulo tinha	1.384.753	„
o Brasil	12.949.000	„
Augmento de S. Paulo	65 %	
Augmento do Brasil	39 %	

Óra, S. Paulo realisou esse augmento de 65 % a custa do excesso da natalidade sobre a mortalidade, porquanto a immigração não entrou senão com uma parcella insignificante, pois que em 1872, S. Paulo tinha 30.000 estrangeiros, passou a ter 75.000 em 1890, quer dizer apenas um augmento de 45.000 individuos.

E' uma notoria amostra de que nessa occasião, anterior ao inicio do movimento immigratorio, já S. Paulo se destacava, do Brasil até quanto ao crescimento da população.

A immigração que em 1890, assumiu proporções formidaveis fazendo com que a população do Estado, ascendece rapidamente a casa dos 2 milhões, avultou de muito como é natural o volume da produção, cousa que nada tem de extraordinario, porque um milhão de novos individuos vieram cooperar no trabalho, que já haviam encontrado organizado e encetado.

Assim o coefficiente da nossa produção cresceu na proporção do augmento da nossa população, de que a immigração foi o grande factor.

A produção *per capita*, porém não se incrementou e apenas a quantidade de dinheiro entrado pela exportação, parece estar fóra de proporções, mas é preciso se considerar a depressão cambial de então para cá e a enorme evolução ascencional dos preços, mas se considerarmos a produção de então aos preços actuaes, e tomarmos a produção *per capita* de accordo com a população daquella época, cousa que já deixei demonstrada, vê-se que o paulista de então produzia por cabeça tanto como o de hoje.

Eis em que se resume o concurso immigratorio.

Se esse concurso em vez de ser trazido para o planalto onde o trabalho estava organizado, tivesse sido levado para onde nada houvesse feito, como nos tres Estados do sul do Brasil, os seus resultados não teriam sido os mesmos, e teriam quando muito se limitado aos que são de se observar no Paraná, Santa Catharina e no Rio Grande.

O merito principal da corrente immigratoria que nos procurou, está em que, muito bem soube ella se adaptar a essa organização, dando-lhe uma grande amplitude.

Foi como se tivéssemos para a nossa machina resolvido em 88, substituir o combustivel nacional, por combustivel estrangeiro (cardiff ou mazzout), que passamos a importar. Quando esse combustivel estrangeiro chegou, a machina estava construida e não parára de trabalhar, continuando sob pressão, tendo apenas o combustivel estrangeiro que entrou para as fornalhas em muito maior quantidade, substituido o nacional que foi dispensado, pela lei de 13 de Maio de 88, cousa que dada a proporção passou a fornecer mais intensidade de calor para a nossa machina, que não deixou de ser a mesma de antes.

Nos Estados sulinos aconteceu o mesmo: o combustivel estrangeiro foi importado, apenas com a differença que, não havia machina construida, e o combustivel foi queimado ao relento...

A immigração estrangeira em S. Paulo, entrou a collaborar no latifundio caféeiro, que era a nossa machina montada, elle continuou a funcionar da mesma maneira, só com a differença de contar com mais braços trabalhadores podendo, portanto, desenvolver uma área cultivada maior.

A immigração estrangeira nos Estados sulinos, não encontrou esses latifundios, sendo-lhes distribuidos lotes de terras incultas sem ainda haverem sido desbravadas. Em S. Paulo os immigrantes formam como braço de trabalho incorporados a grande propriedade, anteriormente existente e organizada.

Nos Estados sulinos elles entraram a constituir immediatamente a pequena propriedade porque a grande ainda era inexistente.

Eis, pois, porque aqui a immigração foi um elemento impulsionador da prosperidade, enquanto que nos outros Estados ella não consegue os fazer nos acompanhar na carreira para o progresso.

E' que em synthese, em S. Paulo, tudo estava feito, os immigrantes só vieram com o augmento da população ampliar o que estava já organizado.

Eis o que devemos a elles.

* * *

Verificada a verdadeira causa da nossa grandeza, que está na tempera do paulista, no meio propicio do planalto chega-se facilmente á convicção que nós paulistas possuímos um patrimonio inegalavel, e sensivelmente maior do que o de muitas nações independentes na superficie do planeta.

Esse patrimonio é de duas ordens: material e moral. O material consistindo no nosso meio physico, na riqueza ubertosa das nossas terras,

e na organização prodigiosa de trabalho, que constitue a nossa lavoura caféeira, é elle, a nosso ver, ainda menor do que o nosso patrimonio moral que é o espirito, a tempera, a energia do paulista. Essas virtudes creadoras da nossa actual pujança são muito mais valiosas do que as suas proprias manifestações representadas no nosso patrimonio material, porque ellas são capazes de crear de novo tudo quanto possuímos.

Por isso, é que, depois das tetricas noites de Junho de 1918, cuja gçada, de um só golpe aniquillou 400 milhões de caféeiros paulistas, não se viu o desanimo, e o desespero penetrarem serra acima no planalto paulista. A energia do lavrador não se dobrou ante tão profundo golpe: plantou algodão, e em um anno São Paulo passou a ser o maior cultivador dessa malvacea em todo o Brasil, lançou mão de todos os recursos e em 1919 São Paulo attingia à prodigiosa cifra de um milhão e meio de contos de réis no seu commercio externo, com uma exportação de mais de um milhão de contos de réis, mais de metade da exportação total do Brasil.

Por isso é que, durante decadas a fio o fazendeiro paulista trabalhou, com o café a 7\$500 por arroba, encanecendo-se com a doce expectativa de que haveria de melhorar. E melhorou afinal, como outrora o ouro enfim sorriu ao vulto gigante do Anhangüera, que com a mesma pertinacia ancestral havia resolvido morrer na empresa ou achar o que buscava. A tempera do fazendeiro paulista so mostrou bem digna da de seus maiores exploradores das minas. A paciência, a tenacidade, a energia e a iniciativa de que essa gente em pleno seculo XX deu mostras com o café baixo, são bem comparaveis com as que um Fernão Dias, ou um Bartholomeu Bueno da Silva, a larga, manifestaram nos reconditos dos sertões mineiros e goyanos.

E finalmente, por isso é que, em surgirem os brados horrorizados dos que haviam descoberto o terrível *stephanoderes coffea*, foi-me permitido um sorriso de bom humor. A praga certamente era um formidavel inimigo da produção caféeira, havendo já vencido a energia e a tenacidade hollandeza em Java, mas os paulistas haveriam de vencel-a, mas mesmo que não lograssem vencer, e que sobre os escombros da lavoura de café devorada pelo tremendo insecto, sobreviesse uma crise economico-financieira nunca vista, o paulista no final teria forçosamente de ser o vencedor.

A iniciativa paulista então, orientaria a sua energia e a sua capacidade por novas sendas e dentro em pouco, com o aproveitamento da organização preexistente, teriamos uma nova lavoura qualquer que, talvez com vantagens, substituísse a do café.

A praga javaneza poderia aniquillar a rubiaceae, mas ficaria intacto o nosso patrimonio moral, que não se desfalcara ante o golpe.

E' claro que a introduccão da immigração em S. Paulo, não só augmentou a proporção do desnivel entre S. Paulo e seus vizinhos, porque augmentou a massa da população, como é possível haja accelerado a nossa marcha para a frente, mas a immigração nunca foi a causa desse progredir. Esse avançar paulista já se vinha fazendo notar em movimento incontido. Esse avançar era fatal e predeterminado por outras causas ás quaes era extranho o phenomeno acarretado pela immigração.

§ 3.º — CAUSAS CONCERNENTES A FAVORES FEDERAES

Os superficiaes de outros Estados, ante a situação de facto, caracterisada pelo desnivel formidavel entre S. Paulo e as regiões brasileiras buscam explical-a pelos favores recebidos da União por S. Paulo.

E' claro que essa explicação só poderia satisfazer o "peccus vulgum" desses Estados, o qual busca uma explicação plausivel para uma situação innegavel e que cada vez se evidencia com mais nitidez.

E' claro, tambem, que se trata de uma explicação ridicula a que os factos estão a gritar o absurdo della, pois que a União, justamente ao contrario dos que tem se refugiado nessa explicação para della tirar causa que annullasse os reclamos paulistas, é que tem sido o parasita sugador da pujança paulista, e atravancando ás vezes, com medidas que são como algemas para o paulista, que se entorpece, ante a contingencia imperativa de ter de as obedecer.

A União, desde 1882 até 1930, tirou de S. Paulo, por meio de sua arrecadação fiscal nada menos de 7.086.383 contos de reis.

Em troca dessa importancia formidavel o que deu a União a S. Paulo, que de si tudo dava, que se despojava de seus recursos para fornecel-os com prodigalidade á União?

Muito pouco.

Emprehendimentos da União, S. Paulo é quasi virgem. O illustre pernambucano Manoel Olympio Romeiro, em magnifico livro já citado, "*S. Paulo e Minas na Economia Nacional*", tem periodos lapidares a esse respeito, dentre os quaes podemos destacar o seguinte:

"Depois disso ninguem poderá affirmar que a introduccão de inmigrantes em S. Paulo foi feita exclusivamente com o dinheiro da União. Pelo contrario, tudo faz crer que, da somma dispendida pelo paiz, sómente uma pequena parte coube a São Paulo, uma vez que este Estado já tinha o seu serviço organizado: e o pouco que lhe tocou foi largamente recompensado pelo augmento de producção e exportação que muito tem concorrido para a riqueza nacional". (Pag. 8).

Sobre o café assim se manifesta Manoel Olympio Romeiro:

"O primeiro auxilio do Governo Federal ao café paulista foi em 27 de Janeiro de 1908 quando emprestou ao governo de São Paulo 3 milhões de libras esterlinas para reforçar o plano de valorisação, iniciado em 1906 pelo Governo Tibiriçá.

Foi, sem duvida um auxilio valioso, mas a União não tirou um real de seus cofres para dar a S. Paulo, isto é, não emprestou dinheiro seu. Realisou com os banqueiros Rothschild, de Londres, um emprestimo de 3 milhões de libras; e os entregou a São Paulo. Não dispendeu, entretanto,

um vintem. Todas as despesas da operação correram por conta do governo paulista, até mesmo as despesas que o governo federal teve de fazer com annuncios, telegrammas, sellos, etc.

São Paulo, pagou juros de 5 % ao anno; deu em garantia o excedente da sobretaxa de 3 francos ouro por sacca de café exportada, obrigando-se ainda a tirar de sua receita ordinaria a quantia precisa, caso o producto da referida sobretaxa, não fosse sufficiente para o serviço da divida.

São Paulo cumpriu rigorosamente as clausulas do contracto, pagando á União os 3 milhões de libras e juros, dentro do prazo estipulado no dito contracto.

Um auxilio como esse, não OFFENDE á economia nacional, não OFFENDE á economia dos Estados, não offende a ninguem. Aliás, só de juros a União recebeu 1 milhão 537 mil 455 libras esterlinas, de forma que o governo federal emprestou £s. 3.000.000 e recebeu £s. 4.537.455, ou melhor, São Paulo recebeu liquido £s. 2.850.000 e entregou ao governo federal 4.537.455 £s.

.

Depois disso veio o emprestimo resultante do convenio de Taubaté, realisado DIRECTAMENTE pelo Governo de São Paulo.

O auxilio do Governo Federal a S. Paulo, nessa operação foi um mero ENDOSSO.

.

Liquidada essa vultuosa operação, só em 1917 o governo do Estado se viu obrigado a intervir no

mercado do café, para acudir aos agricultores que, em virtude da grande guerra, viam reprimidos os seus cafés nos portos de exportação. Para isso entrou em accôrdo com o Governo Federal e recebeu deste, por emprestimo, para aquelle fim, a quantia de 110 mil contos, provenientes de uma emissão de papel moeda.

Ficou combinado que os lucros resultantes da intervenção do Governo de São Paulo no mercado de café seriam repartidos em partes iguaes entre São Paulo e o Governo Federal.

São Paulo accitou a proposta e com o dinheiro do emprestimo comprou, em Santos e no Rio, grande quantidade de café que para impedir maior baixa retirou temporariamente do mercado.

Dessa operação, resultou um lucro liquido de 128.910 contos que foi dividido em partes iguaes entre a União e São Paulo.

Foi um optimo emprego de capital (com juros de 30 % ao anno) para o Governo Federal, que teve em pouco tempo o lucro de 64.455 contos; ou por outras palavras, emprestou em 1917, cento e dez mil contos para dois annos depois receber 174 mil 455 contos.

Parece que *favores* como esse não ha quem se recuse a prestar.

A esse proposito antes de passar a outro ponto, ha uma observação importante a fazer. Não faltam inimigos de S. Paulo que estejam sempre a attribuir a esse Estado o augmento da circulação do papel moeda. Nada mais injusto. São Paulo pagou integralmente a importancia da emissão que recebeu, isto é, 110 mil contos. Portanto, resgatou a emissão. Qual o dever do Governo Federal? — In-

cinerar os 110 mil contos. Em vez disso, porém, por uma autorização encaixada a ultima hora no orçamento, a importancia recebida de São Paulo foi incorporada a Receita e dispendida totalmente pelo Governo Epitacio, ficando, portanto, em circulação, os 110 mil contos emitidos. São Paulo resgatou, ou antes, entregou ao Governo Federal, a importancia necessaria para o resgate da emissão de accôrdo com a disposição imperativa da lei que a autorisou. Entretanto, o governo Epitacio gastou os 110 mil contos e mais os lucros, isto é, 64.455 contos.

A ultima intervenção foi em 1921, no governo Epitacio Pessoa, realisada directamente pelo Governo Federal, que chegou a comprar quatro e meio milhões de saccas.

E não comprou só de São Paulo; comprou de Minas, Rio, Espirito Santos e outros. O resultado foi o melhor possível: o governo teve o avultado lucro de cento e quarenta e nove mil cento e quarenta e sete contos e cinco mil e seiscentos e vinte e nove réis.

E eis ahi as tão combatidas valorisações do café, que só tem dado lucro ao Governo Federal e só beneficios tem trazido ao paiz. No entanto, quando se fala em defeza do café, não falta quem faça commentarios desfavoraveis a São Paulo, chegando-se mesmo a dizer que "*valorisação do café é di-*

nheiro tirado do Thezouro Nacional em beneficio de São Paulo e prejuizo dos outros Estados...".

De então para cá tem augmentado os lucros da União ao intervir em negocios do café, principalmente depois de 1930, quando se iniciou o verdadeiro terremoto para S. Paulo. A União confisca 35 % das letras de exportação, 70 % das quaes é fornecimento da exportação cafeeira, para pagamento das suas obrigações no exterior. (1)

Sem ser o auxilio directo, que a União jamais prestou a S. Paulo, ou o auxilio indirecto, consistente no amparo de uma riqueza regional, o qual como ficou demonstrado a União, só prestou ao café, tendo grandes lucros, a unica forma de um governo central interferir favoravelmente em uma região consiste em localisar nessa região elementos industriaes que desenvolvam as riquezas regionaes.

Esses elementos industriaes consistem em offerecer meios de transportes. A União pois poderia ter auxiliado S. Paulo ahi localisando vias ferreas.

Tel-o-hia feito? Vejamos.

E' muito interessante um estudo sobre as estradas de ferro custeadas pelos Governos da União, e a sua

1) O café entra com cerca de 70 % nas exportações do paiz. Esso café é vendido no exterior e representa ouro. Mas o Brasil exige 35 % desse ouro para effectuar os seus pagamentos lá fóra, quer dizer que esses pagamentos sendo em 70 % realisados a custa do café, que o paiz repousa em maior parte sobre essa riqueza economica,

distribuição pelo territorio nacional. Mas além desse interesse immediato que o assumpto só por si desperta, ha ainda um ponto devéras importante qual seja o quanto tem cada Estado da União custado á commu-
nidade no respeitante á rêde ferrea de cada um. O dr. Palhano de Jesus, engenheiro de grande autoridade, ao que reúne o facto de ter sido importante funcionario do Ministerio da Viação, e o de haver sido director da Noroeste do Brasil, publicou, por occasião do Centenario da independencia do paiz no "*Diccionario Historico e Geographico do Brasil*", no seu volume I, uma interessantissima documentação, com grande numero de quadros estatisticos, synthetizando uma infinidade de informações respeitantes ao assumpto que me proponho a divulgar.

Em São Paulo, para cuja rêde ferrea eu quiz mais particularizar os estudos principalmente no que ella tem custado aos cofres da Nação; além dos proprios federaes, que são a Central e a Noroeste, o unico dispendio effectuado pelo Governo Central, consistiu até 1922 em 5.222:011\$410 réis, de garantia de juros paga á Sorocabana, pelo ramal do Tibagy, durante a sua construcção apenas; e mais 12.231:669\$510 réis, ainda como garantia de juros paga a Mogyana, em outros tempos.

Mas, emquanto que a União dispendia essas sommas de favor com a rêde ferrea paulista, o Governo Estadual, adquiria a Sorocabana, pela quantia de cerca 154 mil contos, e a Mogyana custava ao povo paulista, com os seus 1.400 kilometros, mais de 100 mil

contos; — sommas estas que confrontadas com as representativas do dispendio federal bem mostram as suas insignificancias.

E' bem certo, entretanto, que além desses gastos o Governo Federal, teve que arcar com outros mais volumosos, como a aquisição e a manutenção da Central do Brasil, nos seus 290 kilometros em territorio paulista, e da Noroeste no percurso da sua parte paulista.

A Central nos seus 290 kilometros citados custou a União cerca de 46.118:529\$028 réis.

A Noroeste do Brasil, na parte paulista até Itapura, a União gastou na sua aquisição, 37.731:000\$000 réis (Decreto n.º 12.857) que somados á garantia de juros anteriormente paga, que foi de 11.460:709\$303 réis, resultam 49.191:709\$303 réis. Ainda com a Noroeste no trecho de Itapura, a União gastou mais a somma de 1.082:885\$217 o que dá um total de 50.273:594\$510 réis.

Com essas parcelas, somma tudo quanto a União tem gasto nas estradas ferreas em S. Paulo a quantia de 129.553:061\$875 réis.

Se é essa somma empregada pela União em territorio paulista, é de interesse comparal-a com o que tem o povo paulista dispendido em material de estradas de ferro, afim de que se conheça a proporção exacta do que nós paulistas nesse particular devemos ao Governo Central.

Sempre de accôrdo com dados fornecidos pelo dr. Palhano de Jesus, no seu citado estudo, temos o seguinte quadro:

Sorocabana	153.385:524\$000	(1)
Mogyana, em terr. paul.	101.433:391\$875	
Paulista	166.648:198\$684	(2)
Araraquara	15.600:000\$000	(3)
E. F. Dourado	10.921:880\$164	
Campos do Jordão	4.190:598\$000	
Funilense	3.620:716\$000	
Jaboticabal	3.437:952\$000	
S. Paulo e Minas	2.414:690\$253	
S. Paulo-Goyaz	?	
Outras estradas	6.700:000\$000	
	<hr/>	
	468.352:950\$976	

Se a esta somma ajuntarmos o capital estrangeiro applicado em sólo paulista, que no caso é representado pela S. Paulo Railway, e pela Southern São Paulo Railway, (hoje adquirida pelo governo paulista), nós temos o seguinte quadro:

Estradas Paulistas	468.352:950\$976	(4)
S. Paulo Railway m. o. m.	270.000:000\$000	
S. Paulo Railway (Brag., m. o. m.)	4.500:000\$000	
Southern S. P. R. m. o. m.	15.600:000\$000	
	<hr/>	
	753.952:950\$876	

1) Com as actuaes obras da Sorocabana o custo desta estrada ao Governo Estadual sobe a mais de 750 mil contos.

2) O capital da Paulista, já ultrapassa actualmente a 500 mil contos.

3) O custo da E. F. Araraquara está hoje ao Governo Estadual em mais de cinco vezes essas cifras.

4) e 1) - na pag. seg. — São dados antigos, hoje os algarismos são muito maiores.

Comparados os 468 mil contos de dinheiro paulista com a somma de dinheiro federal empregado nas ferrovias em S. Paulo, conclue-se que a União empregou 1|5 (um quinto) do que os paulistas gastaram, isto é, 22 %. Se porém computarmos o capital estrangeiro, que S. Paulo soube attrahir, chega-se á conclusão que, essa proporção cahe a 14 %, e a um setimo (1|7) do total.

Se porém ao envez de nos cingir ás cifras representativas de dinheiro recorreremòs á kilometragem, temos o seguinte quadro:

Estradas Paulistas	5.400 kilometros
S. P. Railway	247 kilometros
Southern	159 kilometros
	<hr/>
	5.896 kilometros (1)
Estradas Federaes em S. Paulo . . .	777 kilometros

Dahi conclue-se que, a União tem apenas 13 % da nossa kilometragem, ou seja 1|8 do nosso total, proporções que correspondem mais ou menos ás que dei acima sobre o custo.

* * *

Mas se é bem certo que até 1922, empregou a União 129 mil contos das vias férreas em S. Paulo, pergunta-se se não tem ella tirado gordos proventos, juros altos, e remuneração preciosa desse emprego de dinheiros?

Vamos ver como tem a União usufruido proveitosamente a industria de transportes ferreos em S. Paulo.

O trecho paulista da Central do Brasil, com a sua receita kilometrica de 35:587\$300 réis (renda de 1921) já Cincinato Braga o demonstrou, algures, compensa qua-

si, os enormes deficits da Central em Minas com a sua serie enorme de ramaes mortos, dos quaes o mais rendoso é o de Porto Novo, que com 64 kilometros, dá uma media de 12 contos por kilometro, e o que rende menos é o do Parahopéba com 163 kilometros que dá menos de 2 contos por kilometro; e que tendo todos 545 kilometros, dá uma receita media de seis contos por kilometro.

A Noroeste do Brasil, é nos seus 1.300 kilometros de Bauru a Porto Esperança uma estrada deficitaria, mas considerando o enorme trecho mattogrossense, despovoado e sem producção, com facilidade se vislumbra que é a parte paulista de 400 kilometros que produz para tornar pequeno o deficit dessa estrada. Não conseguiu obter a renda kilometrica da Noroeste em detahne, apenas sei que dois terços da receita são arrecadados no trecho paulista, que só despende um terço da despeza total.

Eis verificado como a União não sacrifica os dinheiros publicos federaes com os 129 mil contos empataados na viação ferrea paulista.

Vejamos agora como tem a União repartido os seus capitaes em materia ferroviaria, pelos Estados, segundo dados extrahidos do citado trabalho do dr. Patthano de Jesus.

Consignei, não só as importancias repartidas pelos Estados, como tambem as porcentagens de cada um sobre o total, e além disso as kilometragens de cada Estado, e as porcentagens em relação ao total.

Desse total de quasi dois milhões de contos, que a União dispendeu em ferrovias, S. Paulo teve apenas 6.5 %; Minas teve quatro vezes mais do que S. Paulo; a Bahia teve o duplo do dinheiro que a União

empregou em S. Paulo, e o Rio Grande do Sul teve também quasi o dobro.

ESTADOS	Dinheiro da União empregado nos Estados em Estradas de ferro	Porcentag. sobre o total %	Kilometros de estradas federaes nos estaacs km.	Porcentag. relativa a area kilometrica %
Minas Geraes	480.750:041\$079	25.0	4.500	31.0
Bahia	228.492:925\$104	11.9	1.256	8.6
Rio Gr. do Sul	209.711:806\$393	10.9	2.136	14.7
Rio de Janeiro	169.222:471\$012	8.8	869	6.0
São Paulo	129.553:061\$875	6.5	777	5.3
Pernambuco	115.950:993\$577	6.0	480	3.5
Matto Grosso	93.208:181\$925	4.8	1.167	8.0
Paraná	91.253:831\$492	4.7	447	3.0
Sta. Catharina	77.708:628\$035	4.0	227	1.6
Ceará	60.078:399\$913 (*)	3.1	891	6.1
Rio Gr. do Norte	59.182:772\$914	3.0	310	2.1
Maranhão	43.298:064\$758	2.2	178	1.2
Districto Federal	37.923:792\$007	1.9	235	1.7
Alagôas	32.406:671\$827	1.6	281	1.9
Sergipe	21.200:610\$087	1.0	298	2.0
Parahyba	26.714:098\$159	1.3	210	1.4
Espirito Santo	18.023:887\$617	0.9	—	—
Goyaz	12.453:425\$298	0.6	181	1.2
Pará	6.586:285\$401	0.3	—	—
Piauhy	2.188:425\$170	0.1	26	0.1
Amazonas	1.842:099\$878	0.09	8	0.06
Total	1.918.016:473\$518		14.417(1)	

*) A Rêde da Viação cearense, de Patrimonio Nacional, é calculada em 92.184:035\$174 réis, como consta do "Relatorio apresentado ao Ministro Pires do Rio, pelo Dr. Luiz Carlos da Fonseca, chefe da Comissão do Patrimonio", pag. 110.

1) Esses dados são antigos. Hoje os algarismos são muito maiores.

O Rio de Janeiro teve 8 %; e igual porcentagem á paulista teve Pernambuco (se do total paulista tirarmos a quantia gasta na Sul Mineira, linha de interesse extra S. Paulo); e ainda igual somma a S. Paulo tiveram os tres Estados do Nordeste reunidos, cuja população, e cuja superficie reunidas são menores do que as de S. Paulo.

Proporcionalmente á população de cada um dos Estados estão assim distribuidos os dinheiros publicos federaes concernente á viação ferrea:

<i>Estados</i>	<i>Reis por habitantes</i>
Matto Grosso	3.720\$000
Rio Grande do Norte	190\$000
Paraná	130\$000
Rio de Janeiro	113\$000
Sta. Catharina	110\$000
Rio Grande do Sul	95\$400
MINAS GERAES	81\$000
Bahia	71\$000
Pernambuco	50\$000
Maranhão	49\$000
Sergipe	47\$000
Ceará	46\$000
Espirito Santo	43\$000
Alagoas	32\$000
Districto Federal	32\$800
S. PAULO	28\$000
Parahyba	27\$000
Goyaz	25\$000

Não sendo, pois, S. Paulo dos favorecidos pela União, verifica-se que não reside nessa causa o facto de ser tão desnivelada a situação da comunidade paulista em face das demais que lhe estão ligadas pelo laço politico.

§ 4.º — CAUSAS GEOGRAPHICAS

Nós verificamos de uma maneira irretorquível que a flagrante situação de S. Paulo, se destacando vivamente dentre os demais nucleos regionaes desta face da America do Sul, é inexplicavel em se lançando mão das causas:

- a) concernentes a attracção de capitaes exóticos;
 - b) concernentes a immigração alienigena;
 - c) concernentes a situação privilegiada da União;
- e que só em pequena parte pôde ter base a causa da superioridade racial.

Assim sendo, havendo sido eliminadas todas as causas desse desnivel de situação temos de recorrer as causas geographicas, essas que dizem respeito ao meio externo.

Creio que o homem e mais ainda o grupo humano se molda pelas forças desse meio externo.

Creio que o homem consegue pela sua civilização, pela sua superioridade intellectual, se furtar em parte do meio externo, dessas forças que pressionam, moldando-o aos seus imperios. Sim, porque o homem em parte consegue dominar esse ambiente, annullando as suas forças, modificando os seus contornos, etc.

Mas por mais adeantado que seja o homem ou o grupo humano, por mais civilizado que seja elle ou o

nucleo social ao qual elle pertença, não lhe é possível escapar inteiramente ás delimitações do meio extrinseco que lhe traça directrizes, que lhe impõe orientações, que lhe obriga os contornos, etc.

Como esse meio geographico age, já em capitulos anteriores eu deixei esplanado. Assim eu faço repou-sar no meio geographico superior do planalto paulista a situação de especial destaque que se encontra o agglomerado paulista, dentre os sul-americanos, o que se evidencia em tão soberbas manifestações.

Penso que as causas geographicas representam o magno factor da civilisação paulista.

§ 5.º — MANIFESTAÇÕES

Não ha effeito sem causa.

Esta já procuramos saber. Tratemos de mostrar como essas causas se exteriorisam em manifestações que se repetem em uma eloquencia clamorosa e gritante. Esta tarefa é bem mais facil, pois se resume em patentear as estatisticas publicadas, officiaes, conhecidas dos Annuarios dos governos.

Por esse motivo o unico commentario que póde ser feito em torno dessas estatisticas é dizer que ellas reflectem um estado de facto, para o qual não participa a vontade humana. Ellas são apenas o espelho de um marco evolutivo no estado de facto de uma sequencia de eventos fataes e predeterminados por causas que foram elucidadas em capitulos anteriores. Esse estado de facto é apenas uma consequencia independente da vontade dos agentes. Assim sendo não adjectivamos essa situação com palavras vehementes e laudatorias. Os agentes que se mostram superiores ante essas estatis-

ticas não são meritorios por isso, assim como não são os inferiores, passíveis de censura. Dependesse da vontade de cada um, o andamento economico dos grupos humanos, teriamos, por certo, que, todos se hombrariam na primeira plana. E' claro que, ninguem quer estar em situação peior. Mas essa vontade dos agentes é subordinada a uma serie enorme de circumstancias, como demonstrei em capitulos anteriores, de modo que se faz inutil qualquer volição.

Desta maneira temos que é preciso se comprehender a situação. Estamos deante de phenomenos absolutamente scientificos. Temos, por isso, de deixar de lado qualquer parcella de sentimentalismo e só argumentar com o cerebro, pois do contrario chegaríamos a conclusão errada.

*
* *
*

Pelas estatisticas se conclue o immenso valor economico de uma região, que vinha fazendo parte da Federação.

S. Paulo até 1889, isto é, até a occasião, em que o paiz mudou de regimen governativo, caminhava em um nivel de certo equilibrio, em relação ás outras unidades do paiz. As cellulas se equivaliam, mais ou menos.

Por esse motivo uma Federação mais ou menos nos moldes da que nos regeu pelo espaço de 40 annos, foi o regimen escolhido pelos estadistas brasileiros.

O Brasil era um todo, mais ou menos, de certa homogeneidade.

Não havia no organismo nacional nenhum órgão, que tivesse um desenvolvimento, que não estivesse em equilibrio com o restante do corpo.

Vieram, a Republica, a supressão do braço escravo, a immigração intensiva, o desdobramento das riquezas, que S. Paulo, já tinha em estado incipiente, e o resultado foi um profundo e sensível dèsequilibrio entre os orgãos do paiz.

S. Paulo cresceu formidavelmente, enquanto que, as demais unidades, senão permaneceram no estado da penultima decada do seculo passado vêm já muito distanciadas, avançando com o passo lentissimo do kagado.

Esse dèsequilibrio formidavel, manifestado em todos os ambientes, em todas as modalidades, em todas as faces da actividade humana, exige um aparelho governativo differente daquelle que, ha 43 annos atraz, poderia ser optimo para a occasião, mas que agora, já não se adapta convenientemente ao estado das cousas actuaes.

A menor parcella de centralisação politico-administrativa, representa para S. Paulo, peia no proseguimento da sua carreira velocissima, na escalada economica em que vae.

Mas não é apenas a S. Paulo que viria aproveitar a descentralisação mencionada. Minas, o Rio Grande do Sul, o Rio de Janeiro, a Bahia, talvez Pernambuco, já attingiram phase de progressão, que exige uma maior autonomia da que lhes conferia a carta de 91.

S. Paulo, conseguisse este Estado fazer dominar no paiz as suas politicas economico-financeiras, que lhes seriam mais apropriadas, por certo que, inconscientemente, involuntariamente, iria acarretar sérios prejuizos, não poucos embaraços ás demais unidades do paiz, que seriam obrigatoriamente acorrentadas ás normas dessas politicas economico-financeiras dictadas por S. Paulo.

Parece, entretanto, que esse estado de cousas não penetrou na consciencia de todos. Estes ainda não viram com honestidade as vantagens de uma autonomia maior. Pensam que ella só aproveitaria a S. Paulo. Que S. Paulo quer essa autonomia, por puro espirito regionalista, ou em virtude de resentimentos do modo pelo qual tem sido tratado desde a balburdia de Outubro de 1930, ou pelos eventos da ultima guerra. Ainda não comprehendem que o interesse na descentralisação é geral. Se S. Paulo tira maior proveito porque tem maior numero de interesses em jogo, as demais entidades brasileiras, tambem seriam grandemente beneficiadas.

S. Paulo, que colheu a sua prosperidade durante o regimen de auto governo, jamais poderia se submeter a uma maior centralisação. Qualquer centralisação viria entrar o desenvolvimento e o processo estadual.

Os interesses em jogo no Estado de S. Paulo, não podem mais estar á mercê de uma centralisação qualquer.

O movimento commercial paulista já é qualquer cousa fóra do cominum, já não é cabivel em uma unidade unicamente autonoma.

Durante os cinco annos ultimos de periodo normaes, isto é, de 1925 a 1929, S. Paulo teve com o estrangeiro uma média annual de movimento commercial de 85 milhões de libras. Se formos addicionar a este total, o movimento commercial de S. Paulo com os Estados brasileiros, teremos essa somma subindo a 105 milhões de libras annuaes.

Na America do Sul, afóra a Republica Argentina, não ha paiz independente, que não fique muito atraz, a perder de vista de S. Paulo.

O proprio Brasil, do qual faz parte S. Paulo, se confrontado com S. Paulo no seu movimento commercial, fica muito inferior ás cifras paulistas, se do total brasileiro subtrahirmos as cifras particulares de S. Paulo.

De facto, o total brasileiro nos ultimos 10 annos. no seu commercio internacional (exportação) apresenta 880.480 mil libras. Desse total, São Paulo é parte em 450 milhões de libras, isto é, ficando 421 milhões para o restante do paiz.

Eis um quadro bem suggestivo a esse respeito:

Outra cousa não faz senão corroborar naquillo que digo a estatistica, que faço reproduzir, com a devida venia, do "*Monitor Mercantil*", referente aos saldos do commercio exterior de S. Paulo, em relação á balança commercial do paiz.

SALDOS DO COMMERCIO EXTERIOR DE S. PAULO

A balança do commercio exterior de S. Paulo é consideravelmente activa em relação a do resto do Brasil. Os saldos do referido Estado, nos ultimos 29 annos, que vêm de 1902 a 1930, têm frequentemente ultrapassado os saldos do commercio exterior de todas as outras unidades da Federação reunidas, como se póde verificar pelo quadro que segue:

ANNOS	(Libras esterlinas)		Porcentagem do saldo de São Paulo em re- lação ao Brasil
	Brasil	S. Paulo	
1902	13.140.000	9.387.628	71 %
1903	12.675.000	7.894.094	62 %
1904	13.515.000	8.553.903	63 %
1905	14.813.000	9.433.205	63 %
1906	16.855.000	23.875.097	82 %
1907	13.641.000	13.201.154	96 %
1908	8.644.000	10.297.662	120 %
1909	26.585.000	20.017.459	78 %
1910	15.220.000	10.669.710	70 %
1911	14.017.000	19.197.084	130 %
1912	11.224.000	18.761.894	158 %
1913	1.715.200	14.478.287	"Deficit" da União
1914	11.330.000	13.020.458	114 %
1915	26.863.000	16.065.008	67 %
1915	26.863.000	16.065.008	67 %
1916	16.093.000	13.621.980	85 %
1917	18.522.000	10.066.489	51 %
1918	13.352.000	6.248.855	48 %
1919	51.808.000	42.759.886	86 %
1920	17.484.000	18.411.503	"Deficit" da União
1921	1.881.000	10.447.816	"Deficit" da União
1922	21.988.000	19.986.964	90 %
1923	22.641.000	19.459.555	86 %
1924	26.767.000	28.547.601	107 %
1925	18.200.000	23.411.798	128 %
1926	14.795.000	18.302.353	123 %
1927	9.054.000	16.108.888	177 %
1928	6.758.000	15.081.409	224 %
1929	8.178.000	15.948.043	194 %
1930	12.127.000	14.073.000	115 %

A posição de S. Paulo é ahi facilmente comprehendida, através da columna concernente á porcentagem dos seus saldos com os do Brasil, tomados sob o seu aspecto global. (Do "Monitor Mercantil").

O resto do paiz estava na estreita dependencia desses saldos paulistas.

Quanto maiores, tambem cresciam as possibilidades aquisitivas de S. Paulo nos outros Estados.

Eis o que escreve o sr. G. D. sobre o assumpto, fazendo um retrospecto desde 1907.

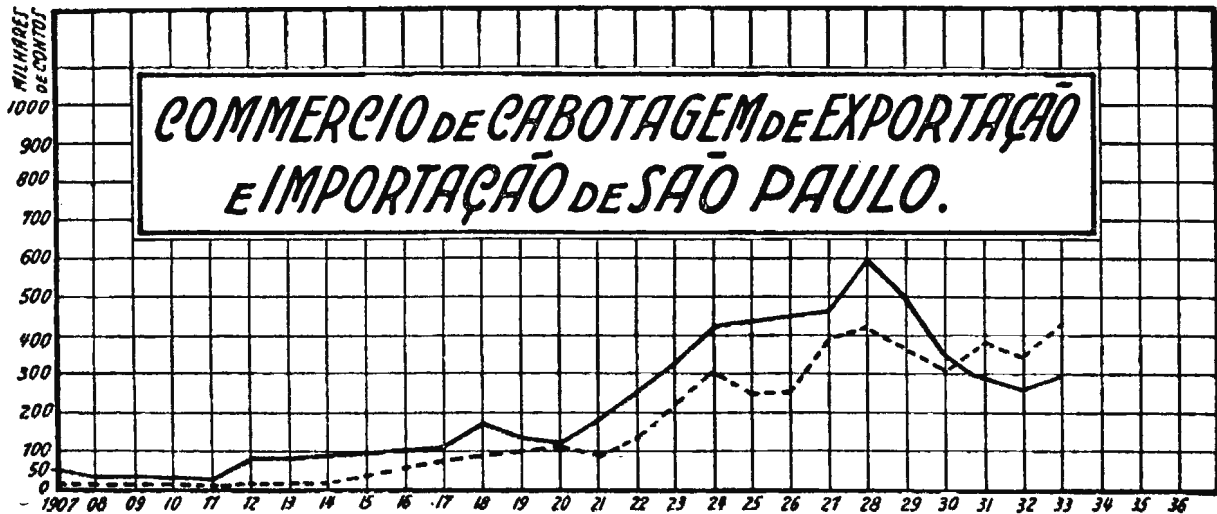
Com a devida venia reproduzo:

CAFE' E CABOTAGEM

“Se era verdade que a alta do café carreava para dentro de S. Paulo uma respeitavel corrente de ouro, em virtude de fortes saldos de nossa balança exterior, tambem era perfeitamente evidente que por outro lado crescia vertiginosamente o “deficit” de uma balança hoje importantissima, que é a do commercio de cabotagem. Apesar do barulho que se faz em torno da “exploração” que S. Paulo faz dos outros Estados, o que os numeros revelam é causa um pouco diversa. S. Paulo compra mais das outras unidades da Federação do que lhes vende. E comprou muito mais especialmente quando o café estava alto, conforme se vê do quadro abaixo:

COMMERCIO DE CABOTAGEM DE S. PAULO

<i>Annos</i>	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>	<i>“Deficit”</i>
1907	62.189:542\$910	18.856:712\$682	33.332:332\$228
1908	41.496:991\$960	13.206:711\$546	28.290:280\$414
1909	44.151:957\$745	17.934:879\$245	26.167:078\$245
1910	42.513:398\$888	20.752:952\$880	21.760:441\$008
1911	44.989:553\$414	21.752:958\$880	23.236:600\$534
1912	74.379:112\$625	23.017:530\$610	51.361:581\$815
1913	77.179:254\$175	29.073:624\$600	48.105:629\$576
1914	77.186:453\$396	27.527:432\$900	49.658:970\$486
1915	90.810:154\$130	51.924:528\$390	38.875:625\$740



<i>Annos</i>	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>	<i>"Deficits"</i>
1916	99.871:445\$708	66.870:375\$172	33.001:070\$536
1917	127.059:860\$020	78.905:199\$510	48.154:660\$510
1918	175.201:721\$260	96.814:567\$110	78.387:154\$150
1919	145.720:499\$140	100.124:310\$470	45.596:188\$670
1920	144.674:597\$661	135.627:019\$670	9.047:577\$991
1921	176.478:623\$886	91.006:718\$890	85.471:904\$996
1922	251.324:362\$130	140.180:824\$510	111.143:537\$620
1923	389.080:872\$700	224.512:078\$410	114.568:294\$290
1924	421.298:103\$082	312.437:459\$650	108.860:704\$432
1925	431.965:061\$700	259.914:417\$650	171.950:644\$050
1926	353.181:547\$176	263.535:699\$950	89.645:847\$226
1927	464.627:775\$290	391.239:634\$960	73.388:140\$330
1928	601.772:553\$950	420.904:394\$350	180.368:164\$500
1929	514.069:120\$006	382.036:544\$000	132:031:576\$000
1930	354.483:498\$000	316.119:681\$000	38.363:817\$000

* * *

E' facil verificar-se a correlação entre os annos de café alto e o augmento das importações de cabotagem, como é evidente a demonstração inversa. A quèda do café restringiu as compras, aos demais Estados, em proporção mais forte, do que as nossas vendas. Isto não tanto pela possível diminuição do nosso poder aquisitivo, mas especialmente porque muito producto que iamos buscar fóra é hoje conseguido dentro de S. Paulo. O "deficit" do anno de 1930 foi o menor deste ultimo decennio. Não temos á mão os algarismos de 1931, ainda não compilados. Mas os resultados não estão longe dos de 1930. Eis ahí uma interessante consequencia da crise do café" — G. D.

Esta estatística dá bem idéa do papel que S. Paulo representa na economia brasileira. A partir de 1924 essa situação vem-se definindo em espantosa nitidez. Vê-se por ella que é S. Paulo, quem dá saldos tão grandes, que suprem os "deficits" do resto do paiz.

Mas uma pergunta se impõe. Se S. Paulo tem obtido tantos saldos, os quaes sommam em 28 annos cerca de 460 milhões de libras ou sejam ao cambio da estabilisação cerca de 19 milhões de contos.

Onde está esse dinheiro?

Capitalisado nas nossas installações?

Quanto vale o Estado de S. Paulo com sua agricultura, sua industria, suas cidades, suas estradas de ferro e rodovias?

Quanto vale, o que capitalisamos depois de 1902? quando já possuíamos cerca de 600.000.000 de pés de café?

QUADRO COMPARATIVO DA ESTATISTICA AGRICOLA
E ZOOTECHNICA DE 1904-905 COM A DE 1930-931
PARTE AGRICOLA

	Em 1904-1905	Em 1930-1931
N.º total de propriedades	56.981	163.765
Valor total das propriedades	1.051.863:184\$400	4.997.430:322\$000
Numero de operarios	415.476	907.090
N.º de cafeeiros produzindo	688.845.410	1.265.151.752 (*)
Area total das propriedades	5.013.809 alqs.	6.108.569 alqs.
Area em cafezal	361.572	862.792
Area em algodoal	3.461	17.203
Area em arrozal	27.441	129.741
Area em milharal	143.383	362.073
Area em feijoal	67.792	159.508
Area em batatal	1.738	12.285

*) O numero total de cafeeiros existentes em 1931, incluidos os novos, é de 1.588.599.147.

PARTE ZOOTECHNICA

	Em 1904-1905	Em 1930-1931
Cavallares de criação	79.718	107.839
Cavallares de trabalho	150.637	326.763
Muares de criação	1.236	3.169
Muares de trabalho	123.501	323.001
Vaccuns de criação	307.262	1.957.686
Vaccuns de trabalho	430.385	135.275
Lanigeros	62.814	81.430
Caprinos	136.028	144.647
Suinos	1.282.775	3.024.324

(“Estatística Agrícola e Zootécnica” — publicação da Secretaria da Agricultura sob a direcção do Dr. Aristides Amaral).

Estas estatísticas adeantam ainda outras cousas, por isso eu as reproduzo.

O ESTADO DE S. PAULO (Seu progresso economico)

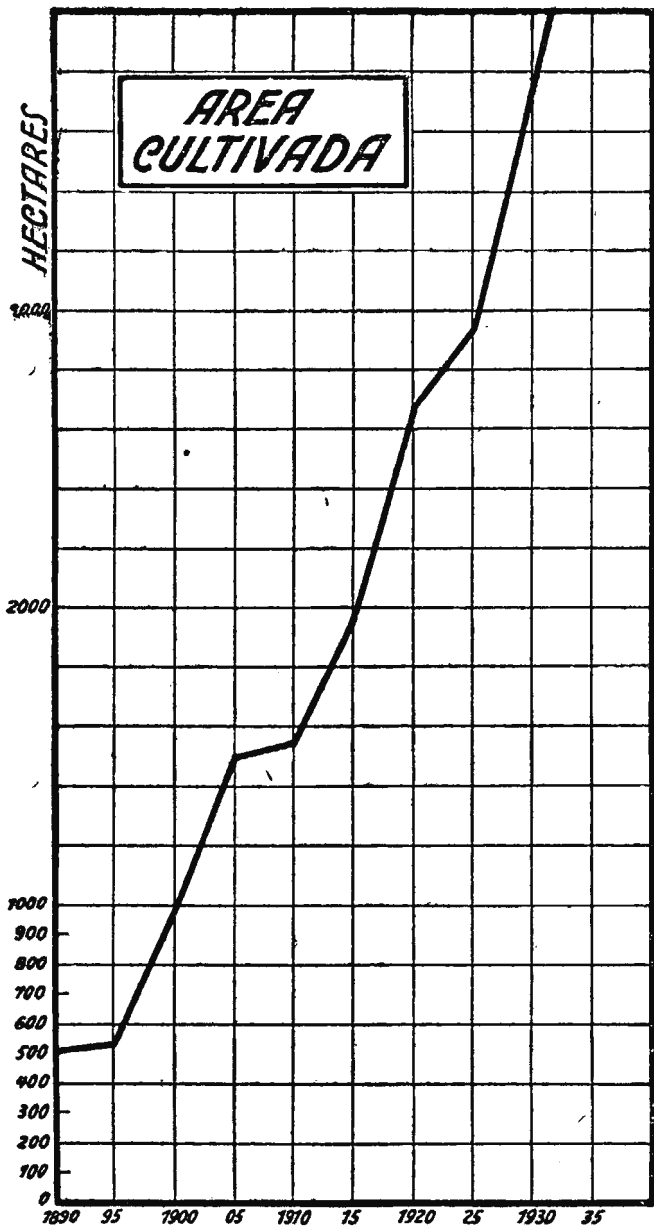
<i>Annos</i>	<i>População</i>		<i>Movimento marítimo</i>	
	<i>habitantes</i>	<i>Immigrantes entrados</i>	<i>tonelagem</i>	<i>cargas</i>
1890	1.384.753	38.281	1.464.402	480.000 tons.
1895	1.832.178	114.903	2.431.903	480.048 „
1900	2.279.608	22.802	1.715.847	766.912 „
1905	2.507.601	47.817	3.459.088	1.017.731 „
1910	2.800.424	40.478	7.134.049	1.319.070 „
1915	3.279.097	20.937	6.349.404	1.567.484 „
1920	4.592.188	44.553	8.152.754	1.636.589 „
1925	5.150.000	73.335	13.221.061	2.723.985 „
1930	7.160.705	39.644	21.828.015	2.619.033 „

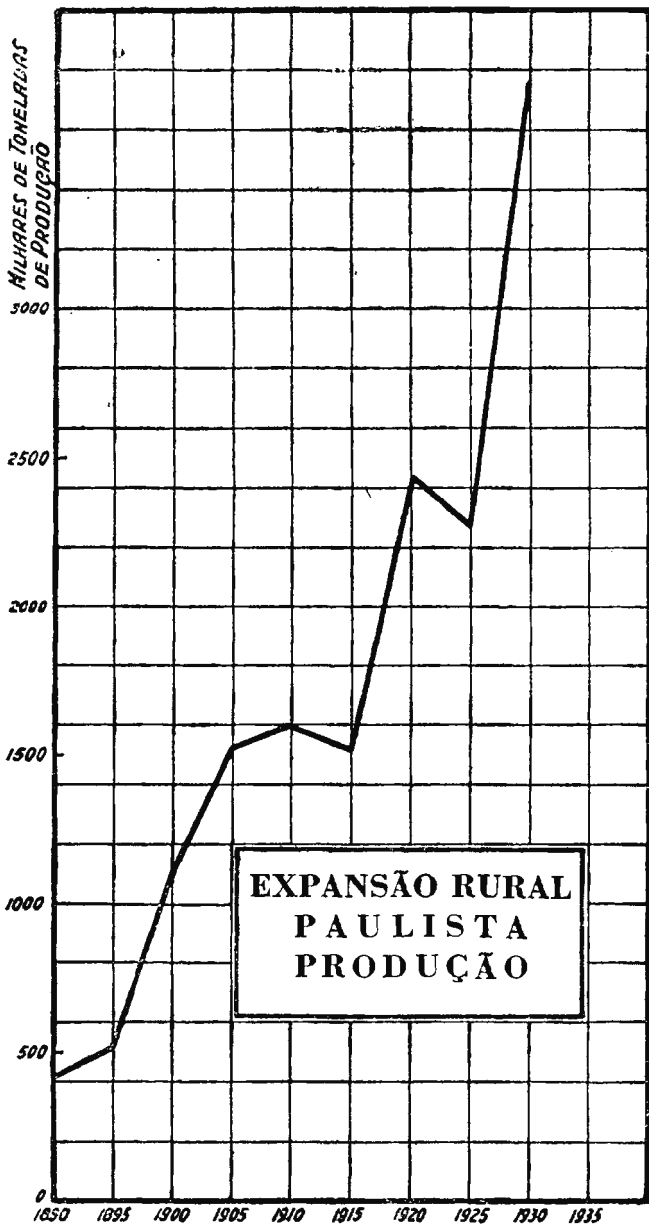
ESTRADAS DE FERRO — AGRICULTURA

<i>Annos</i>	<i>Linha</i>	<i>Carga</i>	<i>Area cultivada</i>	<i>Produção</i>	<i>Annos</i>
	<i>kilometros</i>	<i>toneladas</i>	<i>hectares</i>	<i>toneladas</i>	
1890 . . .	2.329	1.170.176	510.000	465.440	1890—1
1895 . . .	2.894	2.159.085	561.865	522.413	1894—5
1900 . . .	3.315	2.339.913	1.007.934	1.127.838	1900—1
1905 . . .	3.770	2.986.519	1.538.074	1.514.737	1904—5
1910 . . .	4.825	4.584.540	1.639.793	1.597.295	1910—11
1915 . . .	6.277	6.082.836	1.987.767	1.520.000	1914—15
1920 . . .	6.616	8.187.139	2.695.158	2.244.400	1920—21
1925 . . .	6.811	10.800.000	2.954.360	2.172.525	1924—25
1930 . . .	7.101	9.880.362	3.735.523	3.767.133	1930—31

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

<i>Annos</i>	<i>Valor total</i>	<i>Tecidos de algodão</i>	<i>Chapéus</i>	<i>Calçados</i>
	<i>réis</i>	<i>metros</i>	<i>unidades</i>	<i>pares</i>
1900 . . .	69.752:000\$	33.540.000	1.060.000	1.600.000
1905 . . .	110.920:400\$	36.646.000	1.400.000	1.980.000
1910 . . .	189.370:000\$	75.833.470	1.372.657	3.608.000
1915 . . .	274.147.422\$	121.589.728	2.477.253	4.865.021
1920 . . .	775.915:200\$	186.519.883	2.342.232	6.755.896
1925 . . .	1.213.178:117\$	206.148.127	3.983.061	10.035.687
1930 . . .	1.897.188:661\$	135.314.067	2.519.545	11.045.311





COMMERCIO INTERNACIONAL

<i>Annos</i>	<i>Importação</i>		<i>Exportação</i>	
	<i>Papel</i>	<i>Libras esterl.</i>	<i>Papel</i>	<i>Libras esterl.</i>
1890 . . .	32.636:752\$	2.186.237	143.244:098\$	13.429.972
1895 . . .	72.422:479\$	2.979.980	279.615:854\$	11.505.404
1900 . . .	76.816:839\$	5.341.168	264.099:577\$	11.746.56\$
1905 . . .	78.372:959\$	5.151.494	220.230:469\$	14.549.510
1910 . . .	141.799:919\$	9.047.760	282.142:602\$	19.645.474
1915 . . .	156.886:816\$	8.805.228	465.212:904\$	24.147.214
1920 . . .	613.456:564\$	36.838.795	860.476:149\$	53.250.29\$
1925 . . .	1.286.638:784\$	31.961.367	2.192.149:058\$	55.373.16\$
1930 . . .	795.070:957\$	18.206.388	1.429.664:327\$	32.334.312

FINANÇAS

<i>Annos</i>	<i>Receita</i>	<i>Receita</i>	<i>Receita</i>	<i>Cambio</i>
	<i>do Estado</i>	<i>dos Municipios</i>	<i>da União</i>	<i>médio</i>
1890 . . .	23.318:412\$	9.500:000\$	19.066:978\$	22 1 2 d.
1895 . . .	55.538:163\$	11.495:200\$	42.071:334\$	9 7 8 d.
1900 . . .	42.651:253\$	14.775:320\$	33.674:870\$	10 7 16 d.
1905 . . .	67.346:641\$	17.852:790\$	47.587:576\$	15 3 4 d.
1910 . . .	43.280:869\$	24.611:532\$	85.710:604\$	16 d.
1915 . . .	79.315:931\$	42.672:925\$	(*)65.287:599\$	11 25 32 d.
1920 . . .	175.678:985\$	48.697:289\$	150.074:345\$	13 11 32 d.
1925 . . .	352.270:978\$	80.500:000\$	250.000:000\$	6 1 16 d.
1930 . . .	400.204:326\$	93.796:303\$	473.660:515\$	5 15 64 d.

A area total de São Paulo é de 247.239 kilometros quadrados.

*) Incluída a quantia em ouro sem conversão em papel.

Nota. — Os dados para o Commercio de Cabotagem pelo porto de Santos, são fornecidos pelo Departamento de Estatistica Economica e Financeira do Ministerio da Fazenda.



Essas estatísticas ainda permitem estas outras que as completam e evidenciam sob outras facetas a evolução da nossa gente:

* * *

Ainda uma estatística produzida pelo "*Monitor Mercantil*", a qual, data venia, reproduzo também, consigna a exportação "per capita", de muitos países do mundo.

S. Paulo se intercalaria logo abaixo da França, com uma exportação de 379\$000 réis por cabeça, acima da Italia, do Uruguay, de Portugal, do Japão, do Brasil e da Hespanha.

<i>Paizes</i>	<i>Exportação por habitante</i>
Cuba	2:921\$000
Canadá	1:080\$000
Australia	960\$000
Argentina	920\$000
Suissa	880\$000
Hollanda	630\$000
Estados Unidos	440\$000
França	440\$000
S. PAULO	379\$000
Italia	320\$000
Uruguay	240\$000
Portugal	160\$000
Japão	120\$000
Brasil	120\$000
Hespanha	80\$000

E' bem de se ver que, essa estatística, não se refere a todo o commercio de exportação e de importação de S. Paulo, caso em que as cifras se avultariam ainda mais, mas tão sómente ao intercambio de exportação.

Fossemos consignar o valor *per capita* sobre a produção, teríamos cousas bem maiores, porquanto como já ficou certo, S. Paulo tem uma produção industrial enorme, a qual vae para cerca de 350\$000 réis por cabeça, sendo ella em mais de 80 %, consumida em S. Paulo.

Fossemos ainda consignar o que S. Paulo produz, mas consome *in loco*, pela deficiencia de transporte e pela careza do apparelhamento portuario, veriamos as cifras irem se emparelhar, com as que são proprias ao Canadá ou á Australia.

O caso da situação de S. Paulo, na União brasileira, é unico em todos os tempos.

Não ha exemplo em qualquer outra organização, desde que a civilização marcou o progresso do homem no mundo, de qualquer outro caso, que se assemelhe sequer ao de São Paulo.

Uma unidade com a potencialidade economica de São Paulo, que na União, ella só, prepondera com cerca de 55 % da exportação total dessa União, não ha exemplo que se possa comparar com o de São Paulo.

Mas não é a actividade exportadora, que colloca São Paulo a perder de vista de qualquer outra cellula, em qualquer outra organização politica do mundo actual ou do mundo historico.

O que São Paulo contribue para a União por meio de impostos, que o Governo Central impõe aos cidadãos desse Estado é demasiado.

A estatística abaixo dá bem a relação em que cada unidade da União, envia para a manutenção desse aparelhamento central.

ESTADOS	População	RENDAS			Tributa- ção per capita
		Federaes	Estadaoes	Municipaes	
Amazonas	425.000	11.382:	12.922:	4.850:	68\$500
Pará	1.375.000	25.028:	14.246:	5.300:	32\$500
Maranhão	1.108.000	9.591:	11.451:	4.260:	23\$400
Piauhy	785.000	3.639:	5.151:	1.090:	13\$600
Ceará	1.690.000	23.835:	14.381:	5.350:	25\$900
R. Grande do Norte	714.000	7.013:	10.624:	3.960:	30\$200
Parahyba	1.277.000	9.129:	12.758:	4.760:	20\$900
Pernambuco	2.783.000	71.358:	56.847:	21.300:	53\$700
Alagoas	1.164.000	11.998:	14.385:	5.350:	26\$900
Sergipe	540.000	6.236:	8.016:	3.000:	32\$000
Bahia	4.041.000	62.235:	75.374:	28.300:	41\$400
Espirito Santo . . .	635.000	10.056:	32.924:	12.380:	87\$200
Rio de Janeiro . . .	1.944.000	38.857:	39.973:	15.000:	48\$300
Paraná	938.000	28.716:	28.801:	10.800:	72\$800
Santa Catharina . .	913.000	17.315:	17.787:	6.650:	58\$600
R. Grando do Sul	2.864.000	125.506:	170.374:	64.000:	125\$500
Minas Geraes . . .	7.257.000	61.846:	180.530:	68.000:	14\$000
S. Paulo	6.175.000	709.000:	408.024:	153.231:	206\$100
Brasil c S. Paulo	39.104.000	2.175.000:	1.304.778:	423.000:	98\$800
Brasil s S. Paulo	32.929.000	1.406.000:	896.354:	270.000:	67\$300

(1)

(Dados officiaes da União)

1) Ha muita gente que usa da camouflagem e não quer ver esses aragismos como indices de prosperidade de cada região, como não admittem em que sejam os que indicam os respectivos graus em que cada uma concorre para os cofres da União.

Ora, essa situação é absolutamente anormal. E' preciso que um remedio venha sanar esse estado absolutamente pathologico (1). S. Paulo, hoje, contribue com isso que se vê; mas hoje é um estagio evolutivo; hoje é uma situação que se vae modificando. A modificação porém, é sempre para accentuar o papel economico de S Paulo na União. Cada vez esse desequilibrio vae se fazendo maior, sem que haja a menor correspondencia em vantagens.

Inventam as desculpas mais evidentemente esfarrapadas para justificar as clamorosas disparidades entre as unidades.

Querem tapar o sol com peneiras rasgadas.

A estatistica referente ao imposto da renda, a qual confirma todas as demais, é o nitido reflexo da verdadeira situação.

Ella espelha bem a situação prospera de algumas unidades que têm riquezas para serem taxadas, como revola bem a penuria de outras que não têm em que serem taxadas.

Essa estatistica mostra as unidades que concorrem para a manutenção do erario publico e as que não pôdem, ou não querem se sujeitar aos onus da União.

Pergunta-se: Essa União dá a cada unidade em proporção ao que della recebe somma de vantagens?

1) O RYTHMO DA ECONOMIA DE SÃO PAULO ATRAVES DAS ESTATISTICAS (Do "Monitor Mercantil").

Através de seu boletim retrospectivo, a Repartição de Estatistica de São Paulo acaba de publicar a summula dos dados completos organizados por aquelle departamento.

Por esses dados torna-se facil acompanhar o rythmo dos varios factores de producção, economia e prosperidade do Estado.

Em um quadro do conjunto, grupam-se os 259 municipios do Estado, com as characteristics das coordenadas geographicas, superficie, população, altitude, distancia kilometrica da capital e dados demographicos, enumerando nascimentos, casamentos e crescimento vegetativo.

A seguir, são dados á publicidade os numeros relativos aos varios elementos economicos, permittindo conhecer o movimento financeiro

municipal, estadual e federal, operações da Caixa Economica do Estado, movimento de tabellionatos.

Mas as cifras mais interessantes do referido boletim são as que condensam e traduzem a participação de São Paulo na vida economica nacional. Sabe-se que aquella unidade é o contribuinte mais poderoso da União. Se o facto é sobejamente conhecido, nem por isso os detalhes a respeito perdem a sua vida e palpitante actualidade.

As cifras em questão reúnem dados a partir de 1921. Finda a grande guerra, expandindo-se de novo as forças da nação, estabilizada quanto possível a balança cambial e commercial, São Paulo retomou a sua vida de trabalho e o seu progresso mais e mais se accentuou.

Examine-se o quadro abaixo, onde estão alinhados os valores da arrecadação e despesa da União no Estado. Ver-se-á que o governo federal, aproveitando-se da expansão das forças productoras regionaes, soube exploral-as, logrando augmentar grandemente a arrecadação.

ANNOS	<i>Finanças da União no Estado</i>	
	<i>Renda</i>	<i>Despesa</i>
1921	190.270:541\$424	65.841:161\$411
1922	218.833:792\$079	66.706:359\$125
1923	323.899:150\$636	61.458:647\$902
1924	403.273:152\$083	69.512:810\$062
1925	493.386:687\$383	79.555:912\$026
1926	472.743:403\$302	84.068:735\$737
1927	613.952:447\$549	107.338:924\$305
1928	708.627:447\$505	98.003:887\$989
1929	706.995:186\$080	111.365:451\$860

A renda inicial de 190 mil contos, em 1921, ascendeu a 709 mil contos approximadamente em 1928, cahindo ligeiramente em 1929 a cerca de 707 mil contos.

Dessas verbas vultosas, a União destacou pequenas parcelas, applicadas no custeio dos serviços federaes em São Paulo.

Confrontem-se esses numeros com os do quadro seguinte, onde figuram a renda e despesa do Estado, correspondente ao mesmo periodo.

ANNOS	<i>Finanças do Estado</i>	
	<i>Renda</i>	<i>Despesa</i>
1921	160.580:333\$463	197.995:023\$987
1922	157.019:198\$553	204.887:645\$676
1923	202.722:169\$261	233.134:657\$802
1924	227.019:871\$405	278.655:835\$323
1925	353.270:978\$407	406.686:740\$474
1926	352.584:393\$452	511.229:864\$000
1927	404.044:404\$571	594.808:208\$190
1928	408.424:343\$700	523.802:875\$743
1929	438.459:315\$879 (1)	618.435:630\$122

A arrecadação maxima, attingida em 1929, trouxe a São Paulo pouco mais da metade do "quantum" recolhido pelas repartições fiscaes da Federação.

Mas as despesas avultavam sempre e o governo paulista, abstendo-se de sobrecarregar a população com impostos demasiados, viu-se na contingencia de lançar empréstimos, repetidas vezes, no intento de cobrir os "deficits" orçamentarios.

E' ainda, a eloquencia dos numeros que torna patente o valor da contribuição paulista, carreando para o paiz o ouro que sobeja de uma exportação sempre superior á importação. Cerca de 500 mil contos constituiram o nosso "superavit" relativo a 1929.

Concluimos registando o "quantum" "per capita" que coube a cada paulista na arrecadação das rendas, na distribuição das despesas, durante o anno de 1929, assim como o valor computado para cada individuo sobre o total dos productos importados e exportados pelo porto de Santos.

Em 1929, cada paulista contribuiu com 98\$732 para o fisco da União, 61\$231 para a arrecadação estadual e 21\$645 para a finança municipal.

1) A arrecadação estadual tem subido muito, para chegar em 1937 a 754.000 contos, isto representa uma taxaço per capita de 116\$000, só na parte da arrecadação do poder estadual.

Até onde irá elle? Até onde irá a abnegação de São Paulo, no quadro das unidades brasileiras?

Não estão os demais vendo que, essa situação urge ser remediada?

Não comprehendem que, não póde persistir um Estado de cousas, que relega S. Paulo a uma situação de imbecil?

Não ha sentimentalidade, lyrismo, pieguismo que resista, ante uma situação como a em que estamos.

Aventam-se soluções as mais estapafurdias, para remediar esse mal. Mas a maior corrente existente é a dos que querem tapar o sol com a peneira. Não querem ver. Inventam as cousas mais aberrantes ao bom senso, para justificar as posições definidas pelas estatísticas.

Ha publicistas, mesmo em S. Paulo, que querem diminuir a importancia disso.

Dizem elles, não ser de monta o ser S. Paulo dessa fórma sangrado, porque, ha familias em que, um membro é o que mais produz e outros, que menos ganham e nem por isso deixam todos de ter os mesmos direitos.

Não ha nada, entretanto, que se possa comparar a situação de S. Paulo, que contribue em proporções es-

As despesas feitas, dentro do territorio paulista, foram custeadas á razão de 15\$552 pelas repartições federaes, 86\$385 pelo Estado e 27\$970 pelo municipio.

A produção geral importou em 652\$070 por pessoa e 345\$848 para o rateio dos productos exportados, contra uma importação de 268\$343, "per capita". Isto importa em dizer que, no exercicio de 1929, cada paulista contribuiu com um saldo de 77\$500, accusado pela balança commercial que regula a nossa situação internacional, — o movimento do porto de Santos.

magadoras, sem ter, entretanto, as vantagens correspondentes, como seria natural.

E' justamente o contrario que se dá.

S. Paulo é que, contribuindo de uma fórma formidavelmente maior, é tratado como escravo da familia.

Em S. Paulo ha muito pouco feito pela União.

A Central do Brasil foi construida por paulistas e quando principiou a dar lucros, foi encampada. E' hoje o trecho de resistencia, para cobrir os espantosos deficits, que outras linhas em conjuncto offerecem aos orçamentos do Ministerio da Viação. (1)

A Noroeste do Brasil, que muitos, pouco praticos em cousas dessa natureza, affirmam ter sido desviada de Minas, pelo presidente Rodrigues Alves, para fazer Matto Grosso subsidiario de S. Paulo, foi construida por capitaes particulares e depois encampada, como se sabe, quando se percebeu que esse trecho iria cobrir os deficits da parte mattogrossense. (2)

1) A E. F. Central do Brasil tem cerca de 2.950 kilometros de linhas. Elles têm a seguinte distribuição:

No Districto Federal	106 kilometros
No Estado do Rio	735 " "
No Estado de Minas	1.650 " "
No Estado de S. Paulo	290 " "

2) Em regra a E. F. Noroeste, produz $\frac{2}{3}$ da sua receita em São Paulo e apenas $\frac{1}{3}$ della nos 800 kilometros em Matto Grosso.

As despesas dessa estrada são, ao contrario, $\frac{2}{3}$ no trecho mattogrossense e apenas $\frac{1}{3}$ no trecho paulista, o que mais ou menos obedece á proporção kilometrica que vigora quanto á distribuição, pelos dois trechos.

CAPITULO VIII

O TRABALHO FABRIL PAULISTA

§ 1.º — A INDUSTRIA PAULISTA

Todo o phenomeno social, politico ou economico tem por força causas que o originam e fazem evoluir na sua projecção no scenario em que tem lugar. A industria paulista um phenomeno economico de grande vulto tem tambem as suas causas. Hoje a industria paulista é sem duvida a primeira da America do Sul. Porque ella teve origem? Porque essa industria teve existencia?

Em sã razão ella não deveria ter tido lugar, pois que o povo paulista não é eminentemente agricola? Não é esse o refrão que corre mundo com insistencia? Entretanto a industria paulista teve lugar. As causas que produziram esse phenomeno que marca a gente paulista com o cunho de extraordinario foram varias; formando um complexo a agir com força em um só sentido:

1.º) O paulatino apparecimento em S. Paulo de um grupo humano dotado de elevado indice de condições de vida e provido de grande capacidade aquisitiva.

O engrandecimento economico proporcionado a gente paulista pela fonte de riqueza denominada lavoura de café, proporcionava, sem-

pre progressivamente, um augmento de gradação em civilisação, em instrucção e portanto em necessidade de serem capacidade acquisitiva.

- 2.º) A immigração que introduziu em S. Paulo, o animo industrioso e urbano, bem como o braço especializado de muitas centenas de milhares de individuos provenientes da Italia do Norte, onde existiam grandes nucleos industriaes.
- 3.º) O cambio brasileiro, sempre em descidas tornando a mocda nacional sem capacidade acquisitiva lá fóra, encarecendo de tal forma o producto estrangeiro de modo que obrigava a acquisição do producto paulista e incrementava os que tinham tido inicio.
- 4.º) A ganancia do regimen tarifario brasileiro, sempre orientado em buscar nas alfandegas uma fonte de rendas que supprisse os gastos pouco intelligentes na vastidão enorme do paiz.

Desse complexo de causas resultou a industria paulista. Ella, aos poucos se foi desenvolvendo e tomando impulso até chegar ao que hoje é, o maior parque industrial da America do Sul. Então, não foi ella causada pelo proteccionismo aduaneiro? Não, absolutamente, ainda que essa seja a crença dos superficiaes.

A politica tarifaria da União não tem sido proteccionista, em suas linhas geraes, dos productos paulistas. Ella tem visado com um espirito de ganancia guloso, um maximum de rendas alfandegarias, para poder esbanjar na enorme vastidão do paiz, em orçamentos pouco intelligentes, A União pouco se importa em pro-

teger, em deixar de proteger, em linhas geraes, a industria paulista. O que ella tem timbrado em fazer, e captar, cada vez mais, um maior rendimento, tendo em vista unicamente a arrecadação. O protecçionismo nunca existiu, senão na imaginação de uns poucos, que vislumbravam acertadamente alias, e isso foi caso esporadico, uma protecção á industria dos papeis e uma ou outra ramificação manufactureira. Mas em suas linhas geraes, isto é, como politica, a União jamais foi protecçionista no concernente as industrias paulistas. O protecçionismo das tarifas brasileiras a respeito das industrias paulistas foi um tabú que se foi enraizando no espirito da nossa gente a tal ponto que hoje passa por dogma, não sendo senão uma simples miragem.

Emquanto isso as causas acima enumeradas, agindo em concomitancia fizeram crescer o indice urbano da nossa gente. Sim, porque toda a população tem um indice urbano e um indice rural. Pois bem, o estado do paulista era no oitocentismo grandemente rural, não existindo no planalto grandes aglomerações citadinas.

Com o fim do seculo XIX e com o decorrer das decadas do seculo XX, S. Paulo viu-se passar com sua população um phenomeno impressionante: o crescimento do indice urbano de sua população a custa da diminuição do espirito rural de sua gente. Isso fez com que crescessem espantosamente os nucleos citadinos do nosso planalto, elevando formidavelmente a população da nossa Paulicéa, bem como de muitas cidades do nosso hinterland. Isso foi possivel pela introdução entre nós da gente da Alta Italia, gente alourada, brachycephala e das correntes recentes de gente slavo-magyar, que assim agiram. Isso foi o resultado da industrialisação formidavel da nossa gente. Essa industrialisação forçosamente tinha que ter lugar, pois que é

sabido em biologia que é a função que cria o orgam. Ora a ascensão do poder aquisitivo do povo paulista enriquecido pela prosperidade acarretada pelo café fez com que elle pudesse adquirir o que antes estava privado de o fazer. Com esse enriquecimento, houve tambem uma elevação de seu "standard" de vida. O homem mais rico, dotado de maior poder aquisitivo, teve maiores necessidades, as quaes tambem augmentavam na proporção em que augmentava o gráu de instrucção da população. A civilisação prògre dia no planalto e com esse progresso cresciam parallelamente as necessidades da nossa gente paulista. A função de uma gente que se civilisava estava a exigir um orgam productor do que esse gráu de civilisação imperiosamente exigia. A principio e isso seria mais natural que acontecesse o paulista buscava satisfazer as suas necessidades, e é isso que se vem passando com a Argentina e Buenos Ayres, na importação. Se S. Paulo continuasse nessa senda, jamais teria se industrializado, jamais teria se urbanizado. Grande parte dos seus lucros teriam escorrido para o estrangeiro e a nossa Paulicéa não teria attingido ao vulto que hoje testemunhamos. Seria uma cidade commercial, um centro distribuidor, como é Buenos Ayres, que tem um hinterland immensamente maior que o nosso, mas nunca foi um centro industrial.

As necessidades pois da civilisação da gente paulista estava clamando por um supprimento. Esse encontrava na importação o que necessitava.

Surgiu a União, porem ligada a qual tem estado S. Paulo, com a sua politica cambial, bem como com a sua furia em arrecadar a maior quantidade possivel em dinheiro para esbanjar na vastidão de um territorio immenso. Impediu isso, porem a continuidade dessa im-

portação, ou pelo menos difficultou essa importação de continuar a abastecer as necessidades da gente paulista.

Em face disso, pois, o famoso parque industrial paulista teve as causas de sua origem e de seu desenvolvimento. Em biologia, quando um microbio qualquer não encontra condições favoráveis de proliferação, desaparece morrendo. Assim é com o microbio da tuberculose, por exemplo. Elle existe por ahí aos milhões e entretanto não nos contamina. E' que não acha em nós ambiente apropriado para a sua proliferação. Mas quando encontra, toma rapido desenvolvimento. Assim tambem em Sociologia ou em Economia. Se a industrialisação encontrou no planalto paulista as condições favoráveis, teria de tomar desenvolvimento. Foi o que se deu.

Assim nasceu e cresceu a industria paulista que chegou até nós a ponto de assumir o vulto espantoso em que hoje a vemos. Incumbiram-se porém os superficiaes de fazer crer que essa industria havia tomado esse impulso a custa do proteccionismo alfandegario dado pela União. Dahi o "tabú" que foi se incrustando no espirito dos nossos a ponto de muita gente de illustração nelle acreditar sem mais exame. Mas, em suas linhas geraes, isto é, em regra, a industria paulista não é fructo de proteccionismo alfandegario algum, pois que este jamais existiu em relação a S. Paulo. O que a União sempre avidamente fez, foi de arrecadar o maximo. Dessa politica de cupidez, como uma das causas nasceu a industria paulista.

Mas é ficticia essa industria, isto é, para que ella possa funcionar vem de fóra a materia prima?

Não ha duvidas que, a industria ficticia, essa que unicamente manipula aqui, a materia prima importada,

nada adianta. Com ella unicamente aqui ficaria a mão de obra da manipulação. Mas se nós estamos precisando mão de obra, como vamos nos occupar com cousas que poderíamos importar? Assim, vê-se que a industria de materia prima importada é prejudicial.

Mas a industria paulista, em suas linhas geraes não se enquadra nessa chamada industria ficticia.

Vejam os mais minuciosamente o assumpto: A producção industrial paulista tem obedecido as seguintes cifras:

1914	212.231:730\$000
1915	274.147:422\$000
1916	358.911:968\$000
1917	562.381:651\$000
1918	566.801:100\$000
1919	712.662:327\$000
1920	804.378:007\$300
1921	775.915:200\$000
1922	1.037.662:390\$000
1923	1.611.633:758\$000
1924	1.223.367:290\$756
1925	1.316.226:682\$827
1926	1.213.178:117\$800
1927	1.600.434:086\$000
1928	2.441.436:585\$883
1929	2.368.774:780\$517
1930	1.897.188:661\$000
1931	1.954.142:320\$000
1932	1.944.987:535\$000
1933	2.060.363:470\$377 (1)

1) A esse total nós precisamos adicionar o das demais industrias paulistas, que são:

Do total do ultimo anno mencionado temos as seguintes parcellas que eu considero como industrias legitimamente nossas, com materia prima nossa:

Industrias de tecidos e de fiação .	691.979:264\$000
Industrias de couros e pelles (cortumes, etc.)	40.970:494\$000
Industrias de moveis e serrarias, etc.	72.949:515\$000
Industrias de ceramica e louças . .	38.072:578\$000
Industria de materias de construcção	54.893:306\$000
Industrias de productos chimicos, sabões, oleos, adubos, colas, etc.	
1 2 sobre o total	77.077:069\$450
Industrias de alimentação 1 3 sobre o total	51.000:000\$000
Industrias de vestuarios e calçados	288.635:836\$000
Industria de força e luz	145.183:742\$000
Industrias de impressão e typographia	72.879:815\$000
Industrias de fab. de brinquedos .	4.342:567\$000
Industrias de fab. de instrumentos de musica	2.701:516\$000
Industrias de colchões e travesseiros	1.225:946\$000
Industrias varias	7.000:000\$000

Total 1.548.911:670\$830

Industria de frigorificos	224.278:000\$000
Industria assucareira	104.260:000\$000
Industria agricola de beneficio de cereaes o algodão	50.000:000\$000
Industria de transportes - Estradas de ferro, etc.	700.000:000\$000

Total 1.076.538:000\$000

Essas industrias, não pôde restar a menor duvida, produzem trabalho que é todo utilizado em S. Paulo ou em artigos de exportação para além mar.

Óra, ahí estão nada menos de 75 % sobre o total industria paulista, como industrias rigorosamente nossas, com materia prima nossa, etc.

Os restantes 25 % estão assim discriminados do total da nossa producção industrial de 1933:

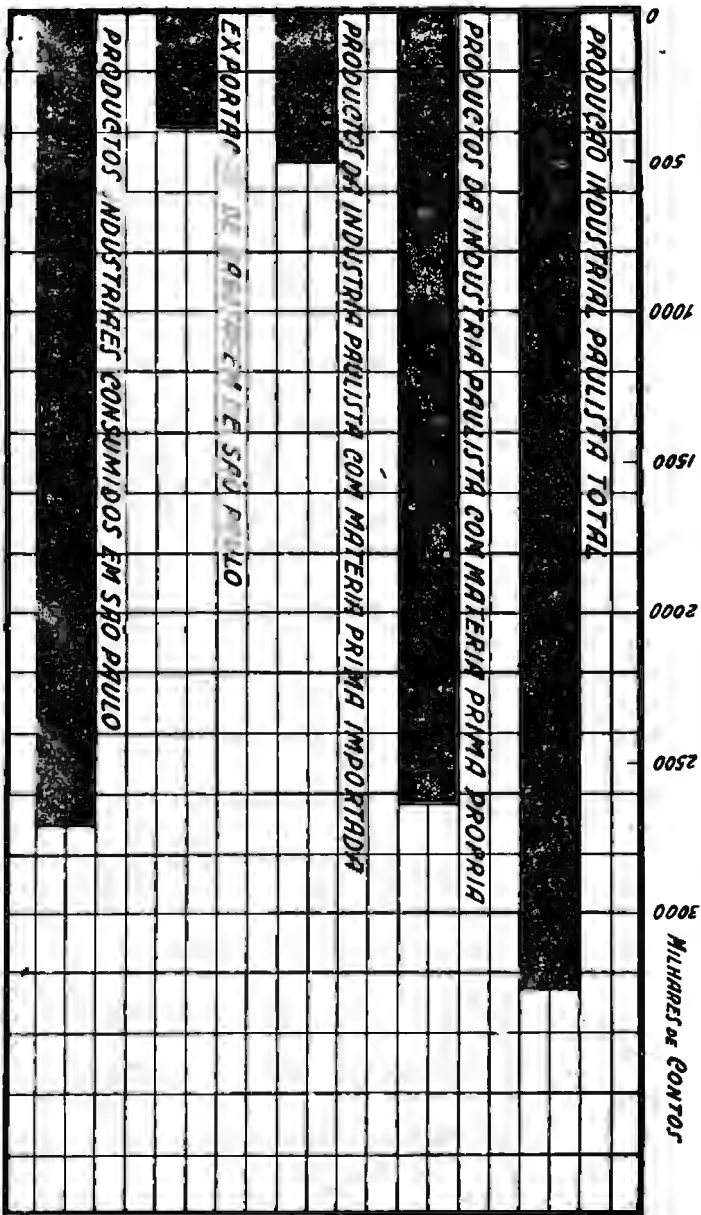
Industrias sobre metaes, fabr. de machinas, etc.	266.677:810\$787
Industria de productos chimicos, 1 2 do total	77.077:069\$450
Industria de alimentação, 2 3 sobre o total	153.000:000\$000
Industrias sobre o papel e o papelão	64.000:000\$000
Industrias sobre a borracha	10.536:000\$000
Industrias varias	4.603:461\$000
Total	570.894:341\$237

Ahi estão mais ou menos os 25 % que faltam para completar o total da nossa producção industrial.

Mas se computarmos entre a producção total das industrias paulistas os algarismos registrados pela industria de transportes e pelas industrias agro-pecuarias vemos que a porcentagem das industrias que vivem de materia prima importada decahe para 12 %, pois o total augmentando uma parte desse total tende a diminuir a proporção.

Eis, pois em que se cifra a industria ficticia paulista' mais um "tabú" que se desfaz.

Com isso fica também elevada a quantidade de industrias reaes paulistas a um total de 2.625.000:000\$000 o que corresponde a uma porcentagem de 88 % sobre o total de 3.316.901:000\$000 a quanto chegou em 1933 a producção total das industrias brasileiras.



0
500
1000
1500
2000
2500
3000
MILHARES DE CONTOS

PRODUTOS INDUSTRIAIS PARULISTA TOTAL

PRODUTOS DA INDUSTRIA PARULISTA COM MATERIA PRIMA PROPRIA

PRODUTOS DA INDUSTRIA PARULISTA COM MATERIA PRIMA IMPORTADA

EXORTAR NE QUANTIDADE SQU PARULO

PRODUTOS INDUSTRIAIS CONSUMIDOS EM SPQ PARULO

§ 2.º — AINDA A INDUSTRIA PAULISTA

E' preciso que não se exagere ás proporções do famoso "parque industrial" paulista, esse que é sem duvida o maior da America do Sul, mas que é uma simples gotta d'agua dos oceanos que são os parques industriaes norte-americanos ou européus. S. Paulo não tem uma só industria pesada. A sua metalurgia ainda está na infancia a depender de materia prima importada e do combustivel estrangeiro.

S. Paulo não tem um sub-sólo opulento de maneiras a se supprir do minereo de ferro ou do combustivel, bases que alimentariam a sua incipiente metalurgia, pois que na historia da civilisação constituem os elementos sobre os quaes se assentam as industrias de qualquer paiz.

Além disso ainda S. Paulo tem que importar materias primas exóticas para supprir as suas industrias. Desde 1927 foi o seguinte o movimento de importação de S. Paulo:

	<i>Contos</i>
1928	330.766
1929	303.865
1930	201.835
1931	197.866
1932	136.178
1933	252.791
1934	291.333
1935	497.097

Além da importação dessas materias primas necessarias para o funcionamento das nossas industrias não pudémos dispensar artigos européus ou norte america-

nos, os quaes pelo nosso elevado poder aquisitivo e pelo nosso teór de vida determinado pelo nosso gráu de civilisação imperiosamente nos tem sido imposto, importamos da seguinte maneira:

	<i>Contos</i>
1928	303.865
1929	859.039
1930	378.131
1931	330.929
1932	186.529
1933	384.968
1934	506.063
1935	776.008

Na classe de materias primas importamos o seguinte:

	<i>Contos</i>
Algodão em fio	27.437
Chumbo, estanho, zinco	15.855
Cobre	20.288
Ferro de aço	45.760
Juta	29.225
Lã	20.974
Madeiras	28.559
Substancias para perfumaria, pintura, tinturaria, etc.	149.880
Carvão de pedra	30.434
Seda animal	41.327
Seda artificial	14.511

Na dos artigos manufacturados, distinguiram-se estes productos:

	<i>Contos</i>
Algodão com ou sem mescla	9.142
Borracha	22.035
Carros e outros vehiculos . .	196.293
Ferro e aço	119.409
Louças, porcellana e crystaes	18.520
Machinas,apparelhos, ferra- mentas, etc.	239.529
Papel	22.879
Productos chimicos	57.113

Vê-se assim, com clareza, que o famoso “parque industrial” paulista, em sendo o maior da America do Sul, ainda não basta para satisfazer o poder aquisitivo do habitante do planalto paulista, o qual, em virtude do muito que ganha, graças á sua exportação, e as necessidades vitaes determinadas pelo avançado estado em civilisação, é obrigado a recorrer a outros parques industriaes. Infelizmente, é preciso se reconhecer, ainda não se sabe de nenhum recurso em minereos em S. Paulo. Digo ainda, porque penso que o futuro proximo nos revelará alguma cousa de valor a esse respeito. A tentativa heroica de Flavio Uchoa em Ribeirão Preto com a Metalurgica, fracassou confirmando as regras economicas sobre a localisação industrial da siderurgia. O Ipanema contendo depositos ferriferos, não está em actividade pela falta do combustivel, pela pequena quantidade de jazidas conhecidas em condições de ser a base da industria siderurgica paulista. O vale do Ribeira, a grande esperança de S. Paulo, não está ain-

da perfeitamente conhecido, mas estou na crença de que ahí se localizam grandes depositos de minereos não só de ferro como de outros mineraes que nos serão de immensa utilidade quando tivermos metalurgia aparelhada. Quanto ao combustivel é certo que deveremos recorrer a importação do carvão, nos aproveitando do fréte de retorno para o minereo, que não seremos cegos em não querer exportar. Graças a isso teremos carvão, além de que a necessidade do carvão será bem menor pela electrosiderurgia ou pelo forno Smith, bem como pelc carvão vegetal que ha nas vastas florestas da região. O porto de Cananéa que será aparelhado, ficando a uma distancia pequena das jazidas, poderá servir admiravelmente para essa funcção.

Além dessa esperança, devemos dizer, S. Paulo ainda não arranhou sequer os dominios da industria pezada, o que é deveras lamentavel. E' provavel que esse acontecimento não demore e então S. Paulo poderá alicercear o seu famoso "parque industrial" em situação mais solida.

§ 3.º — PROTECCIONISMO NO BRASIL

E' corriqueira a accusação dos brasileiros, contra os industriaes paulistas, dizendo elles viver de um proceccionismo alfandegario, que obriga 42 milhões de habitantes do paiz, a serem compradores dos artigos fabricados por essa industria falsa. (1)

1) Não fosse esse tremendo imposto, S. Paulo venderia mais do dobro do que o faz em relação ao seu café a duas nações mediterraneas. Sobrecarregado com esses impostos tão grandes de entrada, o café é vencido na concorrência pelo succedaneo que ahí acampa victorioso livre de impostos como é.

Pensando assim, partindo dessa premissa, os brasileiros atiram sobre S. Paulo a accusação de Estado proteccionista e de assim prejudicar as demais unidades da União, sendo que se não fosse a protecção alfandegaria poderiam supprir as suas necessidades comprando mercadorias estrangeiras.

Falso ponto de vista esse.

O regimen alfandegario brasileiro, estendido ao longo de todo o immenso territorio, não protege unicamente os productos da industria paulista.

Ou antes, não é S. Paulo o Estado mais protegido pelo regimen aduaneiro.

Pelo contrario.

Somos obrigados, nós 7 milhões de paulistas, a comprar o *sal* do Nordeste, unicamente porque as tarifas brasileiras querem forçar o consumo do sal do Estado do Rio e do Rio Grande do Norte. Se não fosse o protecționismo poderíamos ter um sal muito mais puro, isto é, muito mais livre de magnesio, que o sal nordestino, e portanto muito melhor para o gado, por um preço muito inferior.

Se não fosse o protecționismo, poderíamos ter *algodão* em bruto, para as nossas manufacturas paulistas por um preço muito inferior, ao que nos é imposto pelos nordestinos, no que se refere ao que precisamos e ainda não produzimos agricolamente de um modo sufficiente. Mas o protecționismo é um facto. Não são os paulistas porém que se valem d'elle! (1)

A guerra de tarifas com a França levada a effeito pelo Brasil ainda vem prejudicar o café em favor do Rio Grande do Sul que assim se livra de um concorrente para os seus productos.

1) S6 em 1933, S. Paulo pode dispensar a importação do algodão em bruto para as suas manufacturas, pois só nessa data começou o Estado a produzir as 35 mil toneladas para o seu consumo industrial.

E' graças ao proteccionismo alfandegario que o *assucar* de Pernambuco é imposto aos 42 milhões de brasileiros, entre os quaes os 7 milhões de paulistas.

Se tivéssemos o livre-cambio, o *assucar* cubano poderia entrar por um preço sensivelmente menor, como fez no Sul dos Estados Unidos.

S. Paulo consome 4 e meio milhões de saccos de *assucar*. Apenas produz dois milhões. Precisa de 2 milhões e meio; mas é o regimen aduaneiro que o obriga a um dispendio muito maior do que se fosse adquirir esse *assucar* no estrangeiro.

Logo não é ainda S. Paulo, que se aproveita do proteccionismo para prejudicar os brasileiros.

A cidade de S. Paulo teve um prodigioso crescimento, passando de 579 mil habitantes em 1920 para mais de 1.000.000 dez annos depois. Suas casas duplicaram e o consumo de madeira, para esse espantoso crescimento foi, na verdade, formidavel.

Onde foi S. Paulo buscar o *pinho* que precisou para dobrar o numero de casas de sua cidade principal?

Importou do norte da Europa, dos Estados Unidos ou do Canadá?

Não. O regimen proteccionista, que dizem tanto proteger S. Paulo o obrigou a ir comprar no Paraná, um *pinho*, muito inferior, por um preço mais elevado do que se, em um regimen de livre cambio, tivesse comprado no estrangeiro.

S. Paulo cidade teve uma phase de estagnação no seu crescimento.

S. Paulo deixou, por ventura, de comprar madeiras do Paraná?

Não; ainda o faz, talvez em menores proporções destinando as compras para outros fins.

S. Paulo está em vias de erigir uma monumental lavoura de laranjas, exportando já cerca de 2 milhões de caixas por anno. Dentro de dez annos, essa exportação estará quintuplicada e dentro de vinte não se pôde prever até onde possa ir em volume.

Isso será uma bomba de sucção da madeira do Paraná.

Se não houver uma forte tarifa alfandegaria, que proteja a madeira paranaense, S. Paulo, irá se abastecer no estrangeiro.

O regimen proteccionista não é o beneficiador de S. Paulo.

O Rio Grande do Sul, que produz banha, xarque, lã, e vinhos, exige do Brasil um proteccionismo prohibitivo em relação a esses productos.

Somos obrigados a comprar esses generos, por um preço muitissimo mais elevado do que se pudessemos o fazer de artigos estrangeiros, se não fosse o proteccionismo. O xarque uruguayo é muitissimo melhor do que o gaúcho, entretanto somos constrangidos a comprar esse producto nacional. O mesmo acontece á lã, cuja congenere uruguayo é muito superior. O vinho rio-grandense é consumido pelos 42 milhões de brasileiros.

Mas S. Paulo, ainda, além desse mal tem a suportar outro maior.

Para proteger os vinhos rio-grandenses cuja produção tem um minimo valor, creou-se um regimen aduaneiro proteccionista que provoca represalias da Italia e da França.

Resultado, o café paulista para poder entrar na Italia, paga cerca de um conto de réis por sacca, e na França, cerca de 700\$000 por sacca.

S. Paulo, como Estado exportador, é a unidade que tem mais interesse no livre cambio. Não lhe serve o protecçionismo.

Os magnatas paulistas são os cafeicultores, os famosos fazendeiros. Esses jámais poderiam desejar outra politica alfandegaria que não o livre cambismo.

Os industriaes, que fizeram da cidade de S. Paulo um centro de trabalho e de producção, só querem, naturalmente protecção aduaneira, para as suas industrias e nada mais. Ora, essas industrias não são muitas. (1)

Além disso, o sacrificio que porventura recahia sobre os brasileiros em geral no tocante á politica aduaneira que protege os productos paulistas, não é grande, pois que o consumo dos productos paulistas fóra das raias fronteiriças do Estado, como veremos em estatisticas mais adeante, não é grande.

São Paulo importa dos outros Estados muito mais do que para elles exporta.

Isso quer dizer que o protecçionismo alfandegario obriga muito mais os 7 milhões de paulistas a adquirir os productos dos outros Estados, do que os 35 milhões de brasileiros a adquirir productos nacionaes.

Sendo clarissimo esse raciocinio, está tambem evidente que não é S. Paulo que mais se beneficia com a politica protecçionista.

Mas disto resulta que, uma só politica alfandegaria imposta a todo o paiz, desde o extremo norte, até o Rio Grande do Sul, é um dos absurdos que caracterizam o actual statu-quo. Cada região economica do paiz

1) As industrias paulistas principaes são: a de tecidos, a de calçados, a de louças, de papel, etc.

Não ha em S. Paulo industria metalurgica pesada que caracteriza os grandes centros europeus ou norte americanos.

tem um interesse. Ha Estados que precisam com império proteger certos productos; como ha outros que não podem desejar, senão um livre cambio, e outros ainda que necessitam de uma protecção, em relação a outros.

Querer uniformisar todas as regiões, adoptando um só regimen alfandegario é incorrer em erro que prejudica uns para favorecer outros.

Queixas devem existir. E' preciso, porém, que se verifique antes, quaes os beneficiados e quaes os prejudicados. Querer falar, antes de um estudo sério, é percorrer o caminho da injustiça.

§ 4.º — MERCADO DE CONSUMO PARA A INDUSTRIA PAULISTA

O Brasil seria um excellente mercado de consumo para os productos industriaes paulistas.

Paiz vastissimo em territorio, já abrigando em suas fronteiras cerca de quarenta milhões de almas, e podendo possuir uma população de varias centenas de milhões, uma vez que atinja a densidade demographica de paizes outros. Foi assim que, o sociologo francez, e já tantas vezes mencionado neste trabalho, André Siegfried na sua apreciação rapida sobre a America do Sul, affirmou que os paizes deste continente eram eminentemente agricolas, menos o Brasil que tendia a se industrialisar graças as condições de seu mercado interno, o qual proporcionaria consumo aos productos que sahisses de suas manufacturas. Em proza e verso é cantado o famosissimo "*parque industrial*" de S. Paulo que é certamente o primeiro da America do Sul.

Os jornaes pertencentes ao sr. Assis Chateaubriand levam a encarecer a situação maravilhosa desse parque industrial com um mercado de consumo magnifico como lhe parece o Brasil.

Infelizmente nada disso corresponde a situação exacta.

E' certo que S. Paulo possui um "*parque industrial*", o qual nem por ser o maior da America do Sul é de relevancia no mundo, mas não é certo que tenha um mercado de consumo magnifico qual seja o Brasil com seus milhões de habitantes.

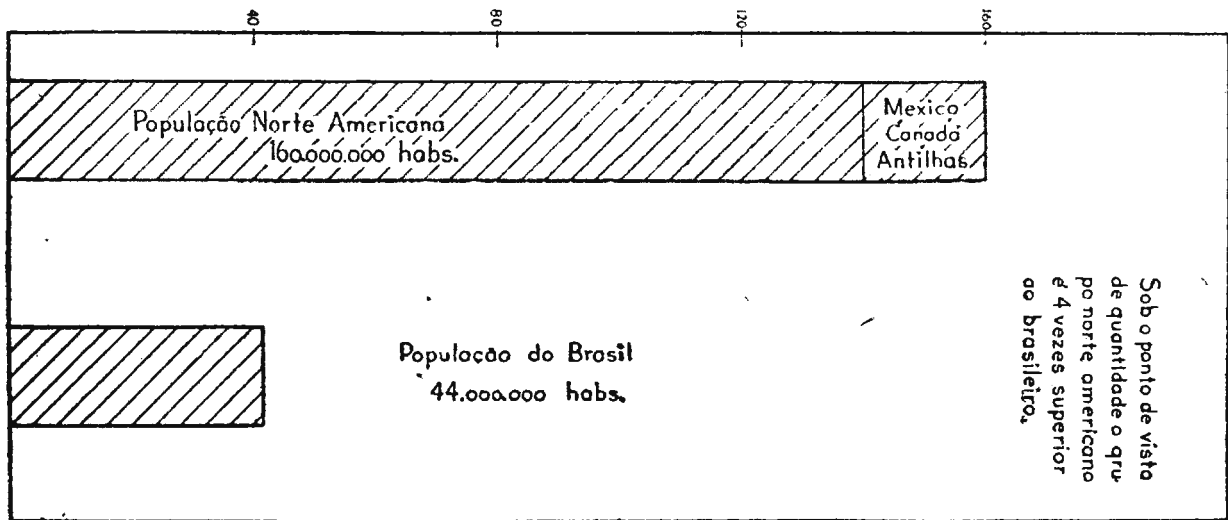
Só um exame superficial, ou uma paixão desvairada, poderá emballar nessa crença. Nella incorre o sr. Assis Chateaubriand que orienta erradamente os seus jornaes e portanto os seus leitores. (1)

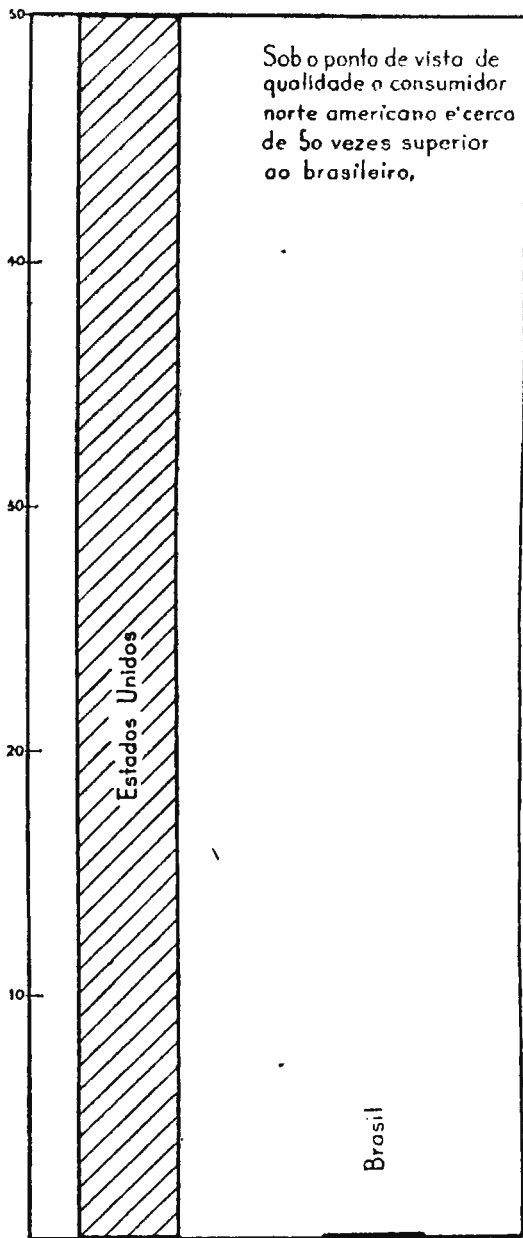
1) E' certo que existem pessoas que dispoendo de cultura pouco limada querem a viva força magnetisar S. Paulo com a illusoria encenação de uma impossivel "*autarquia*" fazendo tudo para espelhar ante os olhos da industria paulista o que se passa nos Estados Unidos

Já verificamos o absurdo que existe em se buscar para o Brasil o simile norte americano.

Quatro são as condições que absolutamente tornam a "*autarquia*" possivel nos Estados Unidos, as quaes inexistentes no Brasil, torna, portanto impossivel essa "*autarquia*":

- a) A população norte americana é um conjuncto de 130 milhões de individuos, não contando com as que lhe são subsidiarias, isto é, ligadas ao grupo social norte americano por facilidades de communicações, como os 8 milhões de canadenses, os 16 milhões de mexicanos, e os 2 milhões de antilhanos. A população brasileira é muito menor do que a do grupo social-economico norte americano, cerca de 4 vezes menor, sob o ponto de vista de *quantidade*.
- b) A população do grupo social-economico norte americano é extraordinariamente activo, dispoendo de meios de communicações admiraveis, que se interligando em densissimas rédes ferro e rodoviarias, maritimas e fluviaes ou lacustres, offerecem a essa immensa massa quantitativa as possibilidades de uma phantastica movimentação de cargas, de encomendas e de passageiros de modo que as produções de qualquer recanto norte americano podem, com grande rapidez, immensas facilidades, e custo diminuitissimo, ser levadas ao consumo de massas quar-





O Brasil é um mercado menos que mediocre para os productos industriaes de S. Paulo. Isso a primeira vis-

titativas, que assim são magnifico campo de consumo para qualquer genero de produção industrial.

- c) Essa immensa massa de consumidores norte americanos, canadenses, mexicanos e autilhanos, que os parques industriaes norte americanos dispõe, tem um poder *aquisitivo formidavel* e esmagadoramente maior do que o de qualquer outro agrupamento humano no planeta. Esse poder aquisitivo dos 130 milhões de estado-unidenses é proporcional ao valor de seu admiravel paiz que monta ao total de 155 bilhões de dollars, enquanto que o Brasil não chega a valer 3 bilhões de dollars ao cambio actual. Isso quer dizer que o poder aquisitivo do norte americano é 50 vezes maior que o do brasileiro.
- d) Os norte americanos, com a sua civilização muitissimo mais adeantada que a dos brasileiros em geral, tem por força *necessidades vitaes* determinadoras de um padrão de vida unico no mundo.

O estado-unidense chegou a um tal estado de civilização que se lhe supprimir o padrão de vida a que está affeito é o mesmo que lhe tirar o ar. Que essas necessidades são enormes basta se lançar mão de um simples esboço imaginativo do que seja a vida em qualquer parte dessa prodigiosa região.

Estas duas ultimas condições caracterisam a *qualidade* do consumidor norte americano.

Com isso verifica-se que, ainda que o "parque industrial paulista" por absurdo, pudesse dispor dos meios de locomoção norte americanos, e que os consumidores brasileiros formassem um bloco para o qual não houvessem difficuldades de transportes, ainda assim o Brasil seria um campo de consumo cerca de 200 vezes inferior ao norte americano, porque a população consumidora brasileira é quantitativamente 4 vezes inferior a norte americana que por sua vez é 50 vezes superior qualitativamente á brasileira. Temos que multiplicar esses numeros representativos das inferioridades para se ajuizar do grau dos mercados de consumos dos norte americanos e dos paulistas.

Por isso tudo que acima ficou mencionado, verifica-se que a "autarquia" é possivel nos Estados Unidos e absolutamente impossivel no Brasil. Ella nos Estados Unidos encontra transporte facil, barato e bom. No Brasil não ha transporte senão difficilissimo, carissimo, morosissimo e pessimo. Ella nos Estados Unidos encontra a seguir a esse transporte abundante um mercado de consumo riquissimo, enorme e

ta parece um contrasenso, mas se assenta na logica a mais pertinente. Vejamos:

Para que um paiz grande e de grande população seja um bom mercado para os industriaes de qualquer centro manufactureiro são precisas tres características:

- a) Que esse paiz possua gente em quantidade de certo poder aquisitivo e de certo grau de exigencias em teór de vida.
- b) Que haja abundantes e baratos meios de locomoção dentro desse paiz de modo a se verificar uma circulação rapida, commoda e barata, além de intensa, entre os diversos nucleos de producção e de consumo desse paiz.
- c) Que esse paiz seja unicamente agricola de modo a não offerecer a minima concorrência aos productos que tem de suportar uma longa e dispendiosa viagem até chegar do local da producção ao consumo.

Vejamos se o Brasil está nessas condições em relação a S. Paulo.

absolutamente forçado, cujas proporções em quantidade e em qualidade se representa pelo numero 200. No Brasil, a seguir a sua defficientissima capacidade de transporte, o producto encontra um mercado de consumo pequeno, pobre, e que não é forçado, cujas proporções deante do norte americano se exprime pela unidade.

Por esses motivos é que foram creados parques industriaes regionaes proporcionaes aos respectivos hinterlands.

Os productos de "parques industriaes" distantes dessas regiões não poderiam concorrer em preços com os que fossem fabricados "in-loco", pois que estes não tinham que supportar os elevados fretes do lugar de producção até os lugares de consumo.

Assim ao longo do territorio brasileiro foram creados outros que são pequenos "parques industriaes", conformados na sua morphologia como nas suas proporções as regiões que devem servir com seus productos. E' o que nos mostram as estatisticas da União. ("Brasil").

A primeira condição é determinada pelo estado econômico e pela situação em civilização da gente do Brasil. Então teremos o seguinte:

Infelizmente o Brasil é um paiz pauperrimo (1). Só se vê isso quem não quer, ainda obscurecido pela enxada mentalidade do "*porque me ufano de meu paiz*", conceito absurdo que só tem servido para trazer em uso o povo brasileiro sobre a sua verdadeira situação.

1) Grande parte da miopia com que tem sido visto o Brasil de quando as soluções dos problemas do paiz, está no juizo errado que se fazem os que até agora têm dirigido os seus destinos.

Uma espessa e enorme nuvem de obscurantismo tem planado pelos olhos intellectuaes do paiz, deformando a noção economica das coisas brasileiras em relação á economia mundial.

O conceito que, desde a infancia, intoxica a mentalidade do brasileiro é que o Brasil, um immenso paiz de 8 e meio milhões de kilometros quadrados, extendido desde o norte do Equador até o sul tropico Capricornio, é uma região riquissima.

E' preciso que tal conceito seja afugentado como uma noção amaldiçoada da mentalidade brasileira e, principalmente, daquelles, que, — estadistas — terão de dirigir o paiz.

Emquanto esse conceito erroneo atravancar o cerebro dos que premeiam aos destinos do paiz, não teremos soluções acertadas para os problemas que cada vez vão se apresentando mais bravios e mais prementes.

Teriamos que explicar o atrazo do Brasil no concerto internacional lançando mão da calumniosa imputação de que o homem brasileiro é inferior.

Sim, porque se elle não sabe fazer caminhar um paiz riquissimo é por indigno d'elle, não corre pelo estalão dos que alhures prosperam.

E' que não merece pela sua morphologia moral de degenerado um paiz riquissimo como pretendem ser o Brasil.

O homem que fez o bandeirismo, o que plantou a lavoura de café em São Paulo, o nordestino que supporta as agruras inegalaveis de uma região ingratisissima, o que penetra no inferno verde da Amazonia pela mentalidade do "*porque me ufano do meu paiz*", são os raticos.

Sem fontes de riqueza a não ser o café e em pequena escala o algodão, o brasileiro é um dos homens mais pobres do mundo.

Sim, porque se em um paiz riquissimo esses homens continuam pobres, é porque alguma coisa os impede de caminhar para a prosperidade.

Sim, a menos que se queira dizer que o Brasil corre ao lado dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra, etc., em poderio, em civilização, etc.

Sim, a menos que se queira fechar os olhos para o "vasto hospital" de Miguel Pereira ou para os quadros do "Sertões", pintados por Euclides.

Não sendo o homem o culpado pelo inegavel estado do paiz, onde reside a causa?

O regimen governativo, os politicos, a divisão administrativa, a má organização social?

Esses são detalhes de importancia minima.

São minucias absolutamente secundarias.

São coisas sem valor basico.

O Canadá ou a Australia ou ainda a Africa do Sul são muito prosperos, muito avançados e não gosam de absoluta soberania politica.

As corrupções desbragadas, das quaes a politica de Tamany Hall é um exemplo, lavravam intensamente nos Estados Unidos.

E' preciso não confundir causa com effeito.

O Brasil não avança com a rapidez dos outros, porque o ambiente physico não lhe permite.

O Brasil muito ao contrario do que vulgarmente se acredita, é um paiz pobre.

Por certo o Brasil, no tempo em que a machina não imperava ainda de um modo absoluto, como o faz neste seculo, era muito mais relevante no concerto geral do mundo.

Quer isso dizer que a causa basica do não progredir rapido do Brasil está na ausencia da machina.

A machina aqui não tem a applicação na razão elevada que encontra nos outros paizes, mais favorecidos.

A Argentina, por exemplo, admittre um emprego da machina com alta efficiencia, em razão de sua topographia plana. Outros podem usar a machina pelo preço barato em que lhes fica o trabalho mechanico ou o capital para a aquisição dos aparelhamentos.

Machina quer dizer aço.

Aço quer dizer combustivel mais minereo de ferro.

Assim sendo elle, por força, tem um reduzidissimo poder acquisitivo.

O Brasil possui jazidas de minereo de ferro, mas não possui combustivel. Teria que importar. Pagaria preços elevados. Além de que, as regiões das jazidas de ferro são montanhosas e de difficilimo acesso.

Assim, o Brasil, não podendo fabricar aço, tem que importa-lo por alto preço.

Tudo que precise, de aço, tem o Brasil que importar.

Como a machina, quer dizer aço, segue-se que a dependencia em que o Brasil está nessa materia é flagrante.

Todo o pouco ouro do seu trabalho inefficiente vae canalizando para comprar as poucas machinas que constituem o por consequente pobre aparelhamento mechanico brasileiro (Ver Rangel Moreira: "*Porque somos apenas isso*").

Além disso é natural que o homem se resinta do clima em que jaz mergulhado.

O Brasil, sendo mais ou menos um triangulo, tem a base sobre o Equador e o vertice apenas, de um dos seus angulos, abaixo do Tropico.

— Portanto, o clima brasileiro em geral tem que ser immensamente quente. A maior parte do seu territorio está na zona torridal

A India tambem é um triangulo, mas cuja base, isto é, a parte mais larga, está muito elevada, já nas faldas do Himalaia, e ao norte do tropico de Cancer.

Só a Africa pôde apresentar um simile a um clima brasileiro. (Ver Ellis: "*Elementos de Geographia*"). Por isso, a Africa não tem grandes organizações politicas ou sociaes.

E ainda ha quem se admire da Argentina ter uma exportação duas vezes a brasileira, com uma população quatro vezes menor!

A Argentina exporta carne e trigo, que o clima lhe permite produzir de excellent qualidade e em grande quantidade.

Cada economia nacional fatalmente é o reflexo dos respectivos ambientes, é a consequencia natural do meio geographico.

Por isso, o Brasil é um paiz pobre.

E' possivel que o Brasil venha a ser rico.

Descubram-se jazidas de combustivel mais ou menos proximas ás de minereos, ou então saia a civilização da éra do aço e penetre em novo cyclo, no qual o Brasil suplante os demais paizes pela maior facilidade com que possa aproveitar recursos que mais lhe abundem e fatalmente terá o paiz galgado os degraus que o tiram da inferioridade economica em que tem vivido.

Não é que o brasileiro não deseje comprar productos industriaes, mas para elle, esses productos são caros.

Alem disso, elle, dado o seu estado de civilização ainda na infancia, tem diminutas necessidades. Elle precinde esses productos industriaes para viver.

Porque iriam elles comprar productos manufacturados, se, para viver não precisam desses productos?

O teór de vida desses sertanejos, sem os requintes que uma aprimorada civilização exigem, é por força, muito baixo. O "standard" de vida dessa gente a viver a par da natureza, lá nos cafundós do S. Francisco, nas profundezas do Madeira, nos sertões dos Kariris, ou na orla atlantica de Areia Branca, não exige grande consumo. O calor e a miseria fazem com que os brasileiros em geral se vistam pouco. Os tecidos são pouco consumidos. No Brasil, quasi não se usam calçados. Os pés decalços ou então a sandalias, ou as alpercatas são de uso entre os andarilhos, de modo que S. Paulo não

Tempos houve, em que a machina ainda não tinha a applicabilidade que hoje tem e que o Brasil podia viver com mais independencia do mundo externo.

Assim, nesses tempos, a posição do Brasil era melhor.

Na época dos navios de madeira, por exemplo.

Os arseinaes brasileiros com materia prima propria e menos dependencia do exterior, construiam seus barcos, etc.

O Brasil chegou a ser uma grande potencia naval.

Depois, a machina, com o aço, o vapor, etc., revolucionou tudo, relegando o Brasil á inferioridade.

E' preciso se ver isso com clareza.

O simples patriotismo não deve offuscar a razão e a verdade.

O sentimentalismo deve se conservar á parte e não penetrar nesses arcanos, pois do contrario os problemas seriam mal solucionados e as consequencias seriam más.

Iriamos soffrer ainda mais!

teria muito que vender aos brasileiros quanto as suas maiores industrias.

O Brasil é um paiz desprovido de meios de communição. (1)

1) Em geral o homem dispõe dos seguintes meios de communição:

- a) Estradas de ferro.
- b) Estradas de rodagem.
- c) Navegação fluvial.
- d) Navegação maritima.

Analysemos esses meios de communição em relação ao Brasil.

a) ESTRADAS DE FERRO

O Brasil apresenta um meio geographico difficilimo para os transportes ferroviarios. No norte do paiz não ha densidade demographica ou não ha densidade de commercio que justifique vias ferreas. Abi as estradas de ferro dariam *deficits*, por não terem o que transportar. E' o que acontece ás vias ferreas existentes na região.

Não ha trafego e dahi a enormidade dos *deficits* que se accumulam, além de não ser o capital empregado nas obras ferroviarias numerado com juros, etc.

Não ha riqueza economica exploravel de modo a proporcionar movimento de cargas.

Na parte sul, o paiz é muito montanhoso e enrugado, de modo que as estradas ferrreas lutam abi contra dois inimigos:

a) Supercapitalização. Cousa necessaria pelo acidentado do terreno e pelo numero elevado de obras de arte (tuncis, pontes, boeiros, etc.).

b) Custeio elevado, em razão do mesmo motivo. O dispendio em combustiveis e em material rodante é muito maior em região montanhosa do que em região plana.

Devido á vastidão do territorio brasileiro as estradas ferreas do paiz se classificam em 3 grupos desligados:

a) As estradas do nordeste, comprehendendo todo o norte do paiz até á Bahia, com cerca de 6.700 kilometros de extensão.

b) As estradas do centro, comprehendendo todas as estradas situadas nos Estados do Espirito Santo, Rio de Janeiro, Minas Geraes, Districto Federal, Matto Grosso, Goyaz e S. Paulo, com cerca de 20.000 kilometros de linhas.

c) As estradas do sul, comprehendendo todas as estradas situadas nos Estados do Paraná, Sta. Catharina e Rio Grande do Sul. Esse grupo tem uma extensão de 6.000 kilometros de linhas.

Ahi não ha capillaridade, não ha trocas, não ha movimentação. Está tudo ankylosado, tudo mais ou menos paralisado, tudo enferrujado, as engrenagens estão emperradas. Como vencer esse temeroso obstaculo?

Pelos Estados eis como se distribue a kilometragem brasileira.

<i>Estados</i>	<i>Kilometros</i>
Amazonas	5
Pará	374
Maranhão	450
Piauhy	164
Ceará	1.176
Rio Grande do Norte	450
Parahyba	418
Pernambuco	1.018
Alagôas	347
Sergipe	298
Bahia	2.105
Espirito Santo	774
Rio de Janeiro	2.723
Districto Federal	160
Minas Geraes	7.925
São Paulo	7.152
Paraná	1.410
Sta. Catharina	1.168
Rio Grande do Sul	3.138
Goyaz	332
Matto Grosso	1.171
Total	32.764

b) ESTRADAS DE RODAGEM

Em regra o transporte nas estradas de rodagem é muito mais caro do que o transporte por via ferrea. Esta é construida de modo a offerer condições de linha com rampas muito mais suaves e curvas maiores de raio. Além disso, os trilhos são uma superficie lisa, o que faz diminuir a energia despendida para o transporte. Tudo isso resulta uma muito maior facilidade no transporte ferroviario.

Neste, porém, existe uma verba que é muito mais elevada que na rodovia. E' a referente á remuneração do capital empregado. Sendo este muito maior, exige juros, tambem muito maiores.

É muitíssimo mais facil, mais barato, mais rapido e mais commodo de Santos a exportação para Montevideo, Buenos Ayres, Nova Orleans, Lishôa, etc., do que

Apezar disso, ha muita vantagem economica no transporte por estradas de ferro, a não ser em distancias curtas, em que o transporte pelas rodovias é mais barato.

Certas e determinadas cargas tambem preferem o transporte rodoviario, e pelas suas condições de peso, de volume em relação ao respectivo valor, o transporte rodoviario lhes é mais vantajoso.

No tocante á configuração do terreno no Brasil, eu reedito as observações que fiz sobre as estradas de ferro

O norte do paiz não tem densidade para exigir estradas de ferro ou de rodagem, o sul é muito montanhoso e as estradas são de difficil construção. Exigem ahí muito capital, e o custeio do seu trafego é muito pesado.

Convem, porém não esquecer o lemma:

"E" a função que cria o órgão e jamais o órgão cria a função".

Applicando este lemma, temos que é a riqueza da região que exigindo, cria a estrada e não a estrada que cria a riqueza de uma região.

Uma região pôde ter muitas estradas, que só por isso não fica rica, mas se existe riqueza economica, esta imperiosamente exige estradas para que se possa desenvolver. Está no estadista reconhecer onde as estradas devem ser construidas para que o dinheiro do publico não seja malbaratado. Estradas sem trafego é dinheiro posto fóra.

No Brasil as estradas de rodagem estão assim distribuidas pelos Estados segundo o gráu de aperfeiçoamento:

Por essas estradas de rodagem trafegam o numero seguinte de automoveis:

Alagoas	682
Amazonas	149
Bahia	2.217
Ceará	821
Espirito Santo	981
Goyaz	710
Maranhão	314
Matto Grosso	998
Pará	629
Parahyba	1.200
Paraná	4.630
Pernambuco	4.457
Piauhy	264

para Porto Alegre, Victoria, Aracajú, Parahyba, Natal, Therezina, Manáos, etc.

Não ha azeite nas communições internas do Brasil.

Rio de Janeiro	5.595
Rio Grande do Norte	754
Sergipe	437
Santa Catharina	2.066
Districto Federal	13.109
Minas Geraes	15.468
Rio Grande do Sul	15.488
São Paulo	60.786
Total	121.755

O numero de automoveis é um indice para ser julgada a prosperidade de uma região. S. Paulo tem em automoveis quasi 50 % do total brasileiro. Os Estados de Minas e do Rio Grande do Sul possuem mais de 6 vezes o numero de automoveis que tem a Bahia e o Districto Federal possui 3 vezes mais que Pernambuco.

c) NAVEGAÇÃO FLUVIAL

A navegação fluvial pôde offerecer, em regra, fretes cinco vezes mais baratos do que as estradas de ferro.

No Brasil ha um paradoxo em materia de navegação fluvial. Onde esta é possível pelo character dos rios, pelas condições dos systemas potamographicos, não existe densidade de população, não ha cargas a transportar. Torna-se inutil toda a possibilidade de navegação pelos rios.

Onde ha densidade demographica, onde ha o que transportar, os rios não offerecem condições de navegabilidade.

Na Europa existem rêdes de canaes ligando rios facilmente navegaveis, do que resulta uma navegação constante e um systema de navegação fluvial desenvolvidissimo. Isso faz com que sejam possíveis fretes muito reduzidos e a exploração de productos que não suportam os altos fretes ferroviarios é possível graças á navegação fluvial. No Brasil é cousa inteiramente differente.

Como acima ficou dito, onde os rios dão navegação facil não ha o que transportar.

Onde as cargas se avolumam os rios atravessam regiões de formação geologica, de desnivelamentos e de rochas que determinam saltos, cachoeiras, corredeiras, etc.

A consequencia é que nesta parte do Brasil o ambiente physico obriga a só ser locomovido um producto que pelas suas condições de

Falta o motivo economico para que essas communições se exercitem, por meio de ferrovias, de rodovias, de vias maritimas, que nada mais são do que

peso e de volume em relação ao seu alto valor suporte um frete elevado. Eis o café. Fóra disso só um producto que se adapte ás condições as quaes estão condicionados os transportes nesta parte do paiz.

E' assim que o Brasil tem as seguintes vias navegaveis, segundo os Estados:

EXTENSÃO FLUVIAL NAVEGAVEL

	<i>Kilometros</i>
Amazonas	12.919
Pará	1.226
Maranhão	1.213
Piauhý	2.842
Ceará	83
Rio Grande do Norte	156
Parahyba	72
Pernambuco	45
Alagôas	67
Sergipe	192
Bahia	4.879
Espirito Santo	511
Rio de Janeiro	429
S. Paulo	948
Paraná	730
Santa Catharina	230
Rio Grande do Sul	1.317
Goyaz	1.300
Minas Geraes	2.480
Matto Grosso	5.034

Isso somma cerca de 38.000 kilometros de vias navegaveis. Os dados são tirados do "*Brasil*", pags. 159 e seguintes. Elles são muito incompletos e é o proprio "*Brasil*" que affirma que existem no paiz cerca de 140 mil kilometros de rios navegaveis. E' verdade que esse meio de transporte de communicções que em parte supre a defficiencia de vias ferreas, não é muito utilizado, nesta parte do paiz. Isso confirma o paradoxo que eu mencionei acima. A navegação fluvial só é possivel no Brasil, onde não ha o que transportar. Onde a terra produz e gente para trabalha-la os rios não permittem a navegação.

consequencias que a producção economica imperiosamente exige.

O mal, está em que só S. Paulo produz. O resto não produz senão em quantidade minima. A Amazonia, por exemplo, ainda está na phase da extracção com a borracha e a castanha do Pará. O Maranhão tambem com o Piauby, tambem estão nesse primitivismo com o babaçú e a carnahuba, que não são cultivados, mas extrahidos da natureza.

A Bahia produz um pouco de cacáu e o Nordeste uma porção ridicula de algodão, e o Sul produz um pouco de carne e de couros, mas só o café avulta. Assim sendo é natural que não haja meios de communicacão no Brasil. Estas devem ser apenas a imperiosa consequencia de uma funcção. Uma vez que esta funcção não

d) NAVEGAÇÃO MARITIMA

A navegação marítima é outro meio de communicacão dos que acima ficaram referidos.

E' preciso dividi-la em navegação de longo curso e navegação de cabotagem.

A navegação de longo curso é a que é feita de qualquer dos portos brasileiros para o estrangeiro.

A navegação de cabotagem é a que liga os portos brasileiros.

A navegação de longo curso é a que realisa o transporte do commercio externo do paiz. Por meio della é feita a importação e de retorno ella realisa a exportação.

A navegação de cabotagem é a que opera o transporte que faz o commercio interno. Estados que exportam para outros e que de outros importam productos de que necessitam. O Brasil não possuindo abundancia de ferrovias que liguem as diversas partes do seu immenso territorio, tem que recorrer em grande escala ao mar para operar. essas ligacões que não póde fazer por via terrestre.

E' o mar, pois, que faz possivel essa navegação de cabotagem, que, para o Brasil, deveria assumir um alto papel em sua economia, e maior ainda como factor social e politico.

Mas nós sabemos o que é a navegação de cabotagem do paiz! Deste modo vê-se como ficam resumidas as communicacões no Brasil.

exista, qual seja a produção, é claro que os meios de comunicação fazem falta.

Um falso patriotismo tem mantido isso tudo occulto aos brasileiros que vivem a pensar erradamente, sem descobrir as causas do atrazo do paiz, attribuindo-o a outras coisas que são méras consequencias. E' preciso ver claro, pois do contrario um diagnostico errado produzirá muito mais mal ao enfermo que só tem visto o seu mal aggravado.

Se isso tudo acontece, como poderem os productos manufacturados de S. Paulo irem ser consumidos em todo o paiz? Dada a situação precaria dos meios de comunicação do paiz, os Estados do Norte ficam a menor distancia em tempo, em dinheiro, em facilidades do que estes dos centros exóticos de produção industrial, como a Amazonia dos Estados Unidos e o Nordeste da Europa.

A navegação de cabotagem, obrigando a ser feita só sob a bandeira nacional deixa Montevideo e Buenos Ayres a uma distancia muito menor de Porto Alegre, para abastecer o hinterland gaúcho de productos europeus do que Santos dos portos do Rio Grande. Com isso o famosissimo "*parque industrial*" de S. Paulo só teria a seu dispor, o mercado paulista além do mineiro e do Districto Federal, pois que o matto-grossense, o goyano, o paranaense e o catharinense são despreziveis, pela quantidade de valores que absorvem e por outras circumstancias mais que são relatadas mais adiante. Assim ficaria resumido de muito o mercado de consumo dos artigos industrializados que S. Paulo porventura pudesse exportar.

Vejamos a terceira condição para que uma região seja mercado para os productos industriaes de outra. E' ella que esse paiz seja unicamente agricola ou pas-

toril de modo a não offerecer a minima concorrência aos productos industriaes desse outro que se propõe a ser o fornecedor.

Vejamos se o Brasil está nas condições de preencher o que acima fica dito.

O paiz não é totalmente desprovido de centros industriaes, de modo a ficar apenas o "*parque industrial*" paulista em campo sem soffrer a minima concorrência.

Em cada cidade capital, litoranea do Brasil existe um centro industrial, o qual é mais ou menos grande na proporção do poder acquisitivo da gente de seu hinterland, da quantidade dessa gente, do seu estado de civilização, das suas necessidades para o seu "*standard*" de vida, etc. (1)

1) No Brasil existem 374 fabricas, occupando a actividade de 123.521 operarios com uma produção de 629.942.607 metros de tecidos ("*Brasil*", 112), no anno de 1931, distribuidos do seguinte modo, quanto aos Estados:

<i>Estados</i>	<i>Fabricas</i>	<i>Operarios</i>	<i>Metros de tecido fabricado</i>
Alagôas	11	7.140	27.930.743
Bahia	14	5.308	25.841.476
Ceará	11	2.692	6.239.097
Districto Federal	23	21.199	97.587.073
Espirito Santo	2	636	3.639.475
Maranhão	10	3.414	18.220.498
Minas Geraes	91	13.683	73.230.301
Paraná	3	30	240.009
Parahyba	4	928	5.567.966
Pernambuco	15	12.495	73.320.420
Piahy	1	236	342.932
Rio de Janeiro	26	9.962	62.543.391
Rio Grande do Norte	2	540	2.700.000
Rio Grande do Sul	4	2.100	4.897.247
Santa Catharina	23	1.803	4.644.312
Sergipe	10	5.106	30.544.472
São Paulo	97	36.249	192.433.544
Total	97	123.521	629.942.607

O que nos affirma a existencia desses centros industriaes no Brasil são as estatisticas da União que nos mostram que existem dezenas de nucleos industriaes ao

Por ali se vê que, se S. Paulo tem maior industria de tecidos, ella não se concentra toda em S. Paulo. Não é só este Estado que aproveita a politica de protecção aduaneira. A industria de tecidos está toda espalhada pelo paiz, e é por isso que este não consome grande parte da produção paulista. Cada Estado produz para o seu consumo, que é maior ou menor conforme o standard de vida da sua gente. Os fretes de cabotagem são no Brasil muito elevados e uma mercadoria produzida em S. Paulo não poderia concorrer com uma que fosse produzida no Estado consumidor.

Esses estabelecimentos industriaes espalhados pelo Brasil consumiram, em 1931, algodão em bruto na seguinte proporção:

	<i>Kilos</i>
Alagôas	3.976.877
Bahia	3.091.803
Ceará	2.010.836
Districto Federal	13.006.905
Espirito Santo	511.583
Maranhão	2.369.142
Minas Geraes	7.330.637
Paraná	20.000
Parahyba	542.000
Pernambuco	5.411.000
Piahy	104.136
Rio de Janeiro	7.014.438
Rio Grande do Norte . . .	595.000
Rio Grande do Sul	1.020.000
Santa Catharina	1.294.826
Sergipe	3.613.023
São Paulo	31.846.833
Total	83.760.148

Dahi se confirma a ideia de que S. Paulo marcha na dianteira da industria de tecidos no Brasil, possuindo mais de 1/3 della. Nada menos de 17 Estados possuem sua industria, não seria de se crer que fossem abandonar seus productos para consumir os paulistas.

Eis a razão pela qual os productos paulistas encontram muito pouco consumo no Brasil.

longo do litoral brasileiro e outros no interior do paiz. Assim o Districto Federal possui um enorme parque industrial, o qual só cede em tamanho ao paulista. Juiz de Fóra, em Minas Geraes, possui um parque de industria de fiação e tecidos que lhe dá o direito de se cognominar de "*Manchester brasileira*", Petropolis é igualmente um centro fabril de certa importancia, em materia de tecidos e como esses centros existem no Brasil, dezenas de outros de varias proporções, produzindo os mesmos artigos que S. Paulo, militando absolutamente nos mesmissimos misteres e fornecendo circulos de territorio e de gente que economicamente ficam na sua dependencia.

Os productos paulistas não poderiam jamais competir com os productos congeneres desses centros, pois tem que arcar com um transporte mais longo e principalmente mais caro, mais difficil e mais parco.

Como se vê qualquer uma dessas trez circumstancias apontadas só por si bastaria para restringir o mercado de consumo da industria paulista a S. Paulo unicamente. Os brasileiros tendo quantidade não tem qualidade para serem grandes consumidores dos productos paulistas. Elles são pobres e estão ainda engatinhando na civilisação. Os incios de transporte para as regiões brasileiras cerceia qualquer desejo dos paulista de se servirem desse mercado. Cada região brasileira tem a lhe servir centros industriaes proximos, justamente creados na medida das precisões regionaes pela carencia de communicações com S. Paulo. Esses centros industriaes produzem exactamente aquillo que lhes pede os habitantes regionaes que não estão todos em igualdade de estado de civilisação.

E' por esses motivos apontados que não ha grande exportação de São Paulo para o Brasil.

E' certo que a baixa cambial difficultando as importações do estrangeiro de além mar deu uma maior vida ás saídas dos productos paulistas para o Brasil, mas isso não dará para annullar as circumstancias acima apontadas.

*
* *

E' muito commum se ouvir dizer que, se S. Paulo tivesse que enfrentar as muralhas aduaneiras, que porventura seriam creadas, se elle se separasse do resto do paiz, *a sua situação seria precaria*, pois não teria consumo para os seus productos industriaes.

Um exame atento das estatisticas; um imparcial e desapassionado golpe de vista sobre a situação real, dão exactamente convicção opposta, isto é, que não é S. Paulo, quem mais se prejudicaria com a criação dessas hypotheticas muralhas.

Não seria S. Paulo o mais prejudicado, no consumo de seus productos, se porventura se visse privado de uma liberdade de transito na communhão brasileira.

Os que mais se resentiriam, então, seriam os Estados, que nos vendem os seus productos, quer como materias primas para as nossas industrias, como o algodão nordestino, quer ainda como productos alimentares, como o assucar de Pernambuco, a banha do Rio Grande, o matte do Paraná, o cacáu da Bahia, os laticinios de Minas, etc.

Sim, porque, se os nossos productos industriaes tivessem uma gravação aduaneira na entrada para as regiões brasileiras, claro está que poderíamos tambem fazer represalias.

Como se verá o commercio interestadual paulista consigna que S. Paulo compra mais dos outros Estados

do que para elles vende. Isso é natural, pois que o poder acquisitivo dos outros Estados não é grande. Elles não têm senão uma pequena fonte de renda, que é justamente a exportação para cá, pois que, não exportam para o estrangeiro. (1)

E' pois com o dinheiro que nós lhe remettemos para pagar os seus productos agricolas e pastoris, que elles compram os nossos productos industriaes, ficando ainda dessa troca commum saldo a seu favor, o qual corresponde ao deficit paulista.

Graças a dados officiaes que consegui obter, foi facil organizar os seguintes quadros referentes ao commercio com os outros Estados durante 10 annos, de 1920 a 1930.

Para evitar duvidas, eu tomei dez annos seguidos, os ultimos do periodo normal, para que resultasse uma média, que melhor representasse a verdade:

COMMERCIO MARITIMO DE S. PAULO COM OS OUTROS ESTADOS (2)

Pernambuco

Balanço em desfavor de S. Paulo, 233.800 contos de réis.

Capital Federal e Estado do Rio

Balanço em desfavor de S. Paulo, 233.000 contos de réis.

1) E' verdade que o Nordeste recebeu muito dinheiro com o Ministerio José Americo, que não se cansou de mandar dinheiro para sua terra. Isso augmentando o poder acquisitivo do Nordeste, faz com que elles comprem mais em S. Paulo que antes.

E', porém, uma situação passageira.

2) O simples commercio maritimo entre S. Paulo e os Estados do Brasil é o reflexo do intercambio; com excepção do commercio com o Rio e com Minas em que ha a ligação ferroviaria.

Vê-se que, igualmente com essas unidades brasileiras, S. Paulo tem a grande desvantagem no intercâmbio, comprando dellas muitissimo mais do que para ellas vende. S. Paulo é um excellente mercado consumidor dos productos cariocas e fluminenses e em troca elles pouco consomem dos productos paulistas.

Não seria S. Paulo o mais interessado em que houvessem barreiras alfandegarias?

Rio Grande do Sul

Balanço em desfavor de S. Paulo, 70.690 contos de réis.

S. Paulo compra o dobro do que o Rio Grande do Sul adquire de S. Paulo. Para esse Estado vão encaminhados parte dos nossos saldos commerciaes. E' uma das valvulas por onde sahem parte das nossas forças economicas. Não é, pois, S. Paulo quem dos dois mais interesse tem em que não hajam barreiras alfandegarias entre esses dois centros productores.

Disso resulta um total em desfavor de S. Paulo, de 361.510 contos de réis.

E' preciso entretanto considerar que o commercio maritimo de exportação aqui mencionado engloba muitos artigos que não são industriaes e sim agro-pecuarios, como café, cereacs, carne, etc.

Além disso é de concluir-se que as ferrovias não attraiam o transporte de artigos industriaes para o Rio em se sabendo que o transporte maritimo é em regra 20 vezes mais barato do que o ferroviario.

Minas, da Central, da Oéste e da Leopoldina, tem ligações com o Rio muito mais curtas, muito mais facéis, muito mais rapidas, por isso se abastece de preferencia nesse centro, pouco consumindo de S. Paulo directamente.

O Rio, isto é, a Capital Federal, tem mais ou menos as mesmas industriaes que S. Paulo, de modo que com mais facilidades de penetração, Minas pertence ao seu hinterland.

Concluindo-se desse total, o mesmo que já ficou dito em relação às parcelas, S. Paulo é um optimo comprador dos artigos brasileiros. Os Estados brasileiros é que teriam um maximo interesse em que S. Paulo não lhes fosse barrado de muralhas alfandegarias.

COMMERCIO TOTAL MARITIMO DE S. PAULO COM OS ESTADOS DO PAIZ, DURANTE DEZ ANNOS

S. Paulo em 10 annos comprou 3.697.770 contos de réis.

S. Paulo em 10 annos vendeu 2.611.320 contos de réis.

S. Paulo em 10 annos teve contra si, 1.086.450 contos de réis de DEFICIT na sua balança commercial com o Brasil. (1)

Aliás o que se dá com S. Paulo e os Estados do Brasil é um phenomeno similar ao que se verifica entre a

1) E' muito natural que S. Paulo venda pouco aos Estados brasileiros.

Cada individuo ou cada agrupamento de individuos tem um determinado poder acquisitivo e uma determinada capacidade de consumo. Esse poder acquisitivo e essa capacidade de consumo não são arbitrarios e sim consequencias do valor economico de cada um; e de accôrdo com o estagio de civilisação de cada um.

Ninguem pôde comprar se não tem dinheiro que chegue.

Ninguem compra se não precisa.

Ora, os Estados brasileiros vendendo pouco, não ganham para comprar senão em pequena escala. Dahi, o poder acquisitivo delles é apoucado.

Ninguem contesta que o teor de vida dos brasileiros não é elevado. Dahi elles não consumirem, por desnecessarios os productos paulistas. Isso tudo é logico e salta aos olhos!

industrial Inglaterra e a agricola Irlanda que tinha seu mercado de consumo na Inglaterra, onde collocava 96 % de seus productos, para supprir grande parte das necessidades alimenticias de 47 milhões de anglo escoceses industriaes.

De accôrdo com as mensagens presidenciaes dos annos de 1926 a 1930, teriam sido as seguintes as cifras reveladoras da producção industrial paulista:

1925	1.213.178:117\$800
1926	1.371.205:800\$000
1927	1.600.434:086\$000
1928	2.281.878:287\$883
1929	2.159.505:836\$390
<hr/>	
Total em 5 annos	8.626.202:128\$073

Durante esse mesmo periodo de tempo, S. Paulo vendeu ao Brasil os seguintes totaes de productos industriaes, agricolas e pecuarios:

1925	259.910:000\$000
1926	261.430:000\$000
1927	389.550:000\$000
1928	418.150:000\$000
1929	378.560:000\$000
<hr/>	
Total em 5 annos	1.707.600:000\$000

Sobrou-nos, pois, para um consumo interno, no Estado, uma vez que não exportamos para o exterior, os nossos productos industriaes, o seguinte:

1925	954.268:117\$000
1926	1.109.775:800\$000
1927	1.210.884:086\$000
1928	1.863.728:287\$893
1929	1.780.985:836\$390
<hr/>	
Total em 5 annos	6.919.642:127\$273

Disso conclue-se que, em 5 annos, a producção industrial de S. Paulo teve o seguinte destino:

Consumida em S. Paulo — 80,3 %.

Vendida ao Brasil — 19,7 %. (1)

1) E' preciso notar que além disso tudo que foi calculado ha outras industrias que fazem subir muito o total da producção industrial de S. Paulo e diminuir muito a porcentagem do que S. Paulo exporta para os Estados brasileiros.

Haja vista a producção industrial de 1933 que subiu a 2.060.363 contos, devendo se lhe adicionar máis 1.076.538 contos, o que faz o total da producção industrial paulista subir a 3.136.901 contos de réis. Ora, S. Paulo só exportando por cabotagem de 13 a 15 % desse total para o Brasil, segue-se que o consumo fóra das fronteiras paulistas dos productos das industrias desta terra, ainda é menor do que aquelle calculo.

CAPITULO IX

AGRICULTURA

§ 1.º — FORMAÇÃO DA LAVOURA DO CAFÉ

S. Paulo sempre, desde o inicio do povoamento, teve em actividade a sua gente manifestando por qualquer maneira a sua pujante efficiencia. Logo depois de iniciado o povoamento e a subida da Serra do Mar, ainda pelos velhos companheiros de João Ramalho e seus filhos memoraveis, esses cujos prodigios iriam começar por aquellas palavras de uma audacia inacreditavel de "*acabaremos com a Inquisição á flechadas*", teve inicio o soberbo drama das bandeiras. Esse capitulo fulgurante no passado de Piratininga, durou activo e guerreiro por seculo e meio, desde os meados do quinhentismo até o fim do seiscentismo. Essa foi a primeira epopea da gente piratiningana. Depois a descoberta do ouro nas geraes, em Cuyabá, ou em Goyaz, paralysoou durante mais de um seculo a velha actividade do planalto paulista. A emigração para as minas não só fez diminuir de muito a gente paulista como recrutou os melhores dos seus elementos, os atirando para regiões longinquas onde iam degenerar as velhas qualidades paulistas. Com isso o planalto dormiu o somno lethargico dos catalepticos. Durante todo o seculo sete-

centista o planalto paulista desconheceu os planos elevados da situação politica, bem como do renome aventureiro da sua gente, ou da situação economica. Nesse tempo, S. Paulo só viu brilhar no céu escuro da noite que atravessava, as poucas luzes das estrellas que fulguravam isoladas naquelle ermo doloroso que foi o planalto em decadencia no seculo XVIII. Foram Frei Gaspar da Madre de Deus, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, Frei Bartholomeu Lourenço, e seu irmão o chanceller Alexandre de Gusmão. Fóra desses vultos que culminaram o nome paulista, não tivemos mais ninguem a realçar as velhas qualidades engrinaldadoras da nossa estirpe.

Mas as minas nas geraes não tiveram duração além do setecentismo. O mesmo aconteceu as de Cuyabá ou de Goyaz. Os mineradores paulistas voltavam então desilludidos e no planalto de novo se reuniram com os elementos que não haviam querido abandonar o tepido aconchego do velho ninho. Com os novos immigrantes lusos, esses que haviam chegado no decorrer do setecentismo, os que retornavam das minas foram constituindo as novas populações paulista, cujo adensamento e espirito rural as obrigava a buscarem no interior espaço para a expansão que se fazia necessaria. O mundo paulista já attingia a Campinas na sua avançada para o sertão, esse sertão tenebroso e immenso que como um gigante lendario, era a barreira para a penetração da civilisação.

Eis que em primordios do oitocentismo, uma nova planta é trazida para Campinas, cuja actividade rural se resumia na lav^oura assucareira. Era essa planta o café, então já conhecida no Estado do Rio, por onde começava a se alastrar,

Campinas, como ficou dito acima, dedicava a sua faina rural ao cultivo da canna de assucar, mas esse vegetal era a base da produção de assucar no Norte pernambucano e bahiano, esse Norte opulento que durante tantos seculos reteve a supremacia da produção assucareira no mundo.

Foi com essa nova planta, tendo ella encontrado no meio physico todas as características favoraveis para o seu desenvolvimento que teve lugar a sua proliferação espantosa. Então já os paulistas, se não eram opulentos em cabedaes, possuíam entretanto elementos que poderiam dar lugar a um inicio de expansão. Algum elemento que haviam trazido das minas tornára as disponibilidades em capitaes maiores, de modo que, não lhes foi difficil adquirir o braço humano com certa facilidade para as novas necessidades que uma nova cultura lhes iria exigir. Como tenho sempre assinalado a produção para ter lugar é preciso que se enquadre favoravelmente dentro desta formula de Ricardo o grande economista sociologo precursor de Karl Marx:

$$P = T + M + C$$

P significa produção. *T* o ambiente externo, comprehendendo a parte physica e a parte social. *C* representa o capital e *M* a mão de obra.

De facto a produção está em qualquer hypothese condicionada a esses factores que variando influem na produção.

A produção do café em Campinas e no sertão do planalto paulista deveria ser grande, pois que o elemento *T* era, com a terra roxa, o humus das mattas virgens derrubadas, o clima maravilhoso do altiplano o verdadeiro habitat do café. O elemento *M*, por certo

não era elevado, mas a expansão agrícola cafeeicultora não se fez repentinamente. Ella caminhou evolutivamente avançando pelo hinterland paulista na proporção em que augmentava o factor *mão de obra*, com o crescimento demographico do elemento escravo, que, graças a decadencia das minas, e a diminuição da pujança das lavouras assucarciras do Norte fortemente golpeadas pelo assucar de beterraba, se despegavam com mais facilidade de suas primitivas occupações e se encaminhavam para o planalto paulista. O factor *Capital* tambem não era avultado, mas a inversão que delle requeria a nova industria rural não era grande e principalmente repentina. O *Capital* iria automaticamente augmentando com a capitalisação dos rendimentos que se iam invertendo em novos rumos de expansão cafeeira. Com isso, a producção, se a principio não era grande, ia em progressão crescente de modo que a medida que os lucros iam sendo auferidos pelos agricultores a zona de expansão rural ia augmentando e novas lavouras de café iam surgindo das derrubadas das matas que se desbastando com a penetração do machado avassalador. Concomitantemente na Europa surgia a beterraba, vegetal do qual o assucar era tirado com mais vantagens que da canna. O assucar de beterraba substituiu na Europa, em grande parte, o que antes do bloqueio continental de Napoleão tinha proveniencia do Norte brasileiro. Tendo perdido o monopolio o Norte brasileiro viu cahir em decadencia paulatina a sua velha pujança que durante tantos seculos teve lugar. Com a queda do assucar a lavoura da canna, em S. Paulo foi desaparecendo e as actividades antes applicadas no cultivo dessa gramminea foram desviadas para a nova lavoura que surgia triumphante.

Com isso ia se alargando a expansão paulista. Eram as derrubadas que se seguiam ao avançar impavido das caravanas oitocentistas por hinterland abrupto e virgem. A zona de expansão paulista ia até Rio Claro, Araras, Limeira, na primeira metade do século XIX, para só depois dessa época avançar mais para o interior.

E então os machados dos caboclos, tamborilhantes nos troncos bojudos da matta do interior planaltino ecoavam pelos espigões e grãos dos adustos valados do Mogy Guassú, ou do Tieté, plantando nesse sólo de escól que é o paulista o resultado do maior esforço agrícola até hoje feito no planeta.

E então Campinas, Itú, Indaiatuba, Sorocaba, Limeira, Rio Claro, Araras, aos poucos e evolutivamente se foram desdobrando formando novas lévas sertanejas que iam cada vez mais adeante a abrir novas lavouras baseadas todas na formação da cultura cafeeira. Conhece-se em biologia o phenomeno da scissiparidade que preside a todo o edificio da multiplicação celular. Ao attingir a celula mater o maximum do seu desenvolvimento marcado sempre pelo indice plasmio nuclear, ella tende a se desdobrar formando outra celula, a celula filha, que tem uma marcha evolutiva exactamente igual a da celula mãe e que attingirá tambem o maximum do seu crescimento e tambem como a celula mater se desdobrará e assim vae se multiplicando o tecido celular. Em sociologia é de se observar identico phenomeno. As agglomerações vão augmentando e quando esse augmento attinge um maximum, vae se sentindo a necessidade de um desdobramento que finalmente tem lugar com a sahida para mais distante de um certo numero de individuos componentes da agglomeração mater. Campinas, Araçaryguama, Itú, Indaiatuba, Sto. Amaro, Sorocaba, Parnahyba, Limeira, Rio Claro

ou Guarulhos, depois de haverem sido celulas filhas da celula mater piratingana, tambem chegavam ao seu termo, cm que a expansão se fazia necessaria. Era o que acontecia. Emquanto isso, o valle do Parahyba, essa zona chamada norte do Estado attingia ao climax do seu desenvolvimento com a extensão para S. Paulo da riqueza cafeeira que transbordava do Estado do Rio. Este era então o verdadeiro El-Dorado brasileiro pela differença que se notava de nivel economico entre essa circumscripo do Imperio e as demais.

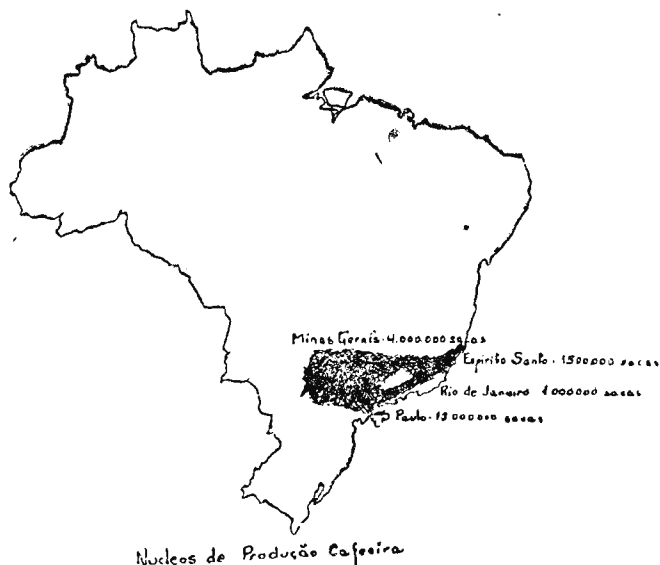
Então, em meados do seculo, era a seguinte a exportac o por provincias que se marcavam desta maneira no concerto geral. E' inutil dizer que esses numeros a indicar a prosperidade economica de cada região tambem se espelhava o estado social, intellectual, etc., em que cada qual se encontrava:

	1857-58	1858-59	1859-60	1860-61	1861-62	1862-63
Rio de Janeiro	44.421:	51.974:	57.592:	79.083:	57.845:	52.810:
Bahia	13.419:	15.465:	10.822:	8.422:	16.791:	18.029:
Pernambuco	14.259:	14.005:	11.105:	7.444:	12.339:	12.471:
Maranhão	2.770:	2.454:	2.511:	2.049:	2.758:	4.722:
Pará	3.549:	3.918:	5.912:	5.341:	4.604:	5.573:
Rio Grande do Sul	3.294:	4.154:	4.880:	4.894:	4.342:	4.033:
Santos	3.278:	3.733:	7.633:	6.486:	8.549:	8.412:
Alagôas	2.211:	2.248:	1.606:	1.317:	3.011:	4.765:

(Scully, loc. cit.)

Era, essa exportac o paulista r ferente ao café, que sahia apoucado no valle do Parahyba, Eram S. José dos Campos, Jacarehy, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Parahybuna, S. Luiz do Parahitinga, Cunha, Lorena, Queluz, Arcias, Cachoeira, S.

José dos Barreiros, Bananal, etc., os municípios mais pujantes da comunidade paulista, pelo vulto em que tinham a sua riqueza agrícola na cafeicultura. Ahi estavam os senhores nos seus solares cafeicultores, esses verdadeiros feudos latifundios dessas epochas distantes, com toda aquella pompa de vida a caracterisar aquella gente. Ainda nos restam os vestigios da velha grandeza entumulada com a expansão para o Oeste paulista.



São as ruínas das velhas moradias, casarões enormes, a nos demonstrar a feição patriarcal daquella gente afidalgada. Com a emancipação do negro, com o enfraquecimento das terras dessa zona ao sabor das enxurradas devastadoras a correr das fraldas enrocadas da Mantiqueira e da Serra do Mar, e com o crescimento

incontido da zona Oeste do Estado e com a advinda da immigração europeia, essa zona do Norte do Estado entrou em decadencia da qual só hoje emerge, graças a outras actividades que estão fóra da cafeicultura.

A exportação, isto é, a venda acarreta a importação, isto é, a compra. Esta está na dependencia daquella. A importação está na razão directa da exportação. Quanto maior for a exportação, maior será o poder acquisitivo do agglomerado humano. Quanto mais se enriquecer, pelas vendas, isto é, pela exportação, um determinado agglomerado humano, mais elle se illustrará, mais elle se civilisará, e portanto nessa razão augmentam as suas necessidades e com estas a sua importação. Por isso é que o quadro da importação era o seguinte nesse meiado do seculo XIX:

	1857-58	1858-59	1859-60	1860-61	1861-62	1862-63
Rio de Janeiro	69.539:	68.540:	60.229:	72.979:	58.222:	49.621:
Bahia	19.679:	19.464:	16.205:	14.107:	17.385:	17.137:
Pernambuco	24.784:	23.286:	19.492:	17.426:	17.828:	15.06:9
Maranhão	3.631:	3.949:	3.141:	2.891:	3.263:	3.604:
Pará	3.688:	3.946:	4.709:	5.704:	3.619:	4.471:
Rio Grande do Sul	4.210:	4.530:	5.206:	5.668:	5.140:	3.725:
Uruguayana	849:	361:	460:	397:	207:	135:
Porto Alegre	721:	562:	687:	940:	1.100:	723:
Santos	408:	374:	567:	1.374:	1.777:	2.018:
Ceará	1.103:	917:	906:	889:	1.016:	1.298:

(Scully, loc. cit.)

Nesse tempo o commercio paulista para vencer o grande obstaculo da Serra do Mar, ainda era transportado no lombo de muares, pois que não havia ainda a linha da S. Paulo Railway e nem tampouco Santos era um porto melhorado. Mesmo assim é de se notar a força ascencional a caracterisar com bem nitidez a evo-

lução do commercio paulista que anno a anno ia augmentando as suas cifras representativas.

Com isso se vê que não foi o advento da S. Paulo Railway com sua linha ferrea e nem a immigração europeia que deram causa ao movimento progressista paulista.

E' possivel que esses adventos tivessem vindo dar maior volume a massa que já se havia projectado em movimento de incontida velocidade, mas não foram elles as causas desses phenomenos que estamos presenciando.

Os immigrants engrossaram, deram mais volume a massa, que já se projectava para a frente de modo que assim augmentou-lhe a proporção volumosa.

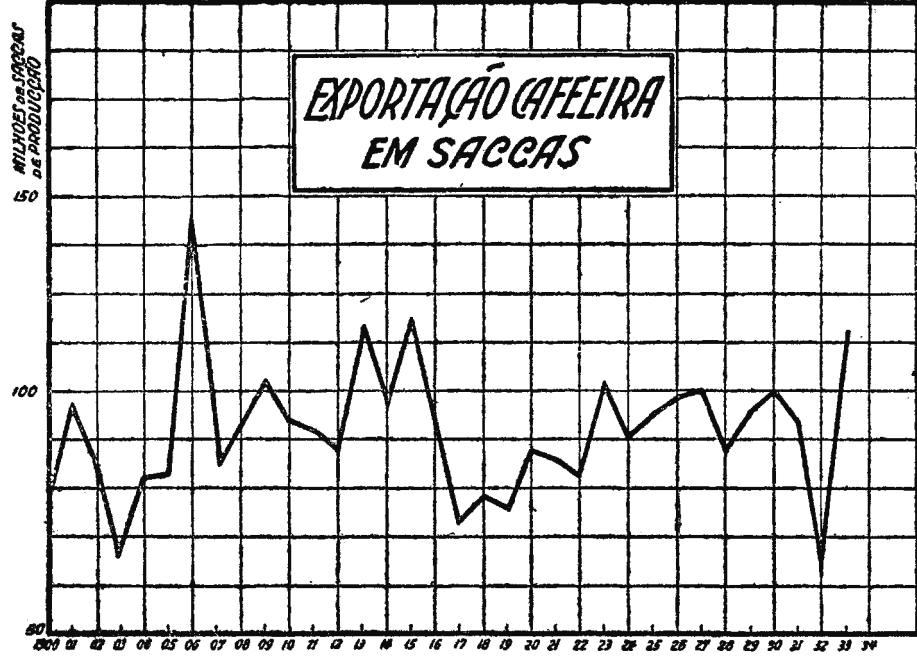
As rendas que esse inicio propiciava a communi-
dade paulista foram sendo capitalisadas e applicadas no desenvolvimento da agricultura cafeeira que assim foi tendo um augmento não pequeno.

Por outro lado as condições de prosperidade da lavoura paulista foram o attractivo de capitaes exóticos, como, por exemplo, os da S. Paulo Railway, que vieram dar depois de invertidos, as maiores facilidades á exportação cafeeira que assim augmentou. As rendas desta exportação eram sempre capitalisadas e applicadas inconscientemente e proficuaemente no melhoramento das condições da exportação. Assim foi melhorado o porto de Santos, que nada mais é do que um producto capitalisado das rendas que a exportação cafeeira produzia.

A cada aperfeiçoamento da exportação cafeeira correspondia um augmento na producção e um surto na expansão rural paulista. A exportação e a producção obedeceram a seguinte marcha:

SAFRA	<i>Saccas</i>	<i>Mil réis papel</i>	<i>Es.</i>
1900-1901	7.816.143	333.021.760	14.129.808
1901-1902	9.728.135	336.506.644	16.168.458
1902-1903	8.527.513	260.423.094	12.902.532
1903-1904	6.516.787	217.112.154	10.862.521
1904-1905	7.162.799	259.311.224	14.058.999
1905-1906	7.274.216	208.936.072	14.258.527
1906-1907	13.817.141	411.626.820	26.543.470
1907-1908	8.456.017	261.964.285	16.423.378
1908-1909	9.270.126	282.409.533	17.668.971
1909-1910	10.236.348	328.031.002	20.588.178
1910-1911	9.432.133	406.626.741	35.141.236
1911-1912	9.140.550	527.118.541	35.141.236
1912-1913	8.812.987	505.285.283	33.685.686
1913-1914	11.291.999	504.307.540	33.620.503
1914-1915	9.633.234	369.016.437	20.177.149
1915-1916	11.364.151	449.895.765	22.384.491
1916-1917	9.506.532	450.256.903	22.746.405
1917-1918	7.300.864	291.906.983	15.891.744
1918-1919	7.855.094	672.156.767	37.406.790
1919-1920	7.547.111	765.385.083	27.226.472
1920-1921	8.855.741	618.188.373	27.226.472
1921-1922	8.542.949	941.634.632	30.036.304
1922-1923	8.263.428	1.198.632.977	30.785.217
1923-1924	10.174.086	1.684.008.477	39.395.341
1924-1925	8.942.453	2.279.036.450	53.435.235
1925-1926	9.449.012	1.819.957.329	52.220.376
1926-1927	9.841.397	1.733.165.532	48.080.074
1927-1928	9.990.723	2.022.597.238	49.974.194
1928-1929	8.749.010	1.977.415.632	48.535.979
1929-1930	9.554.134	1.650.832.444	39.962.294
1930-1931	10.091.683	1.307.637.141	24.086.967
1931-1932	8.904.955	1.604.441.803	21.411.780
1932-1933	6.543.316	1.001.707.124	14.657.912
1933-1934	11.268.000	1.603.291.000	17.299.000

Esta estatística pôde ser completada por esta outra que se segue:

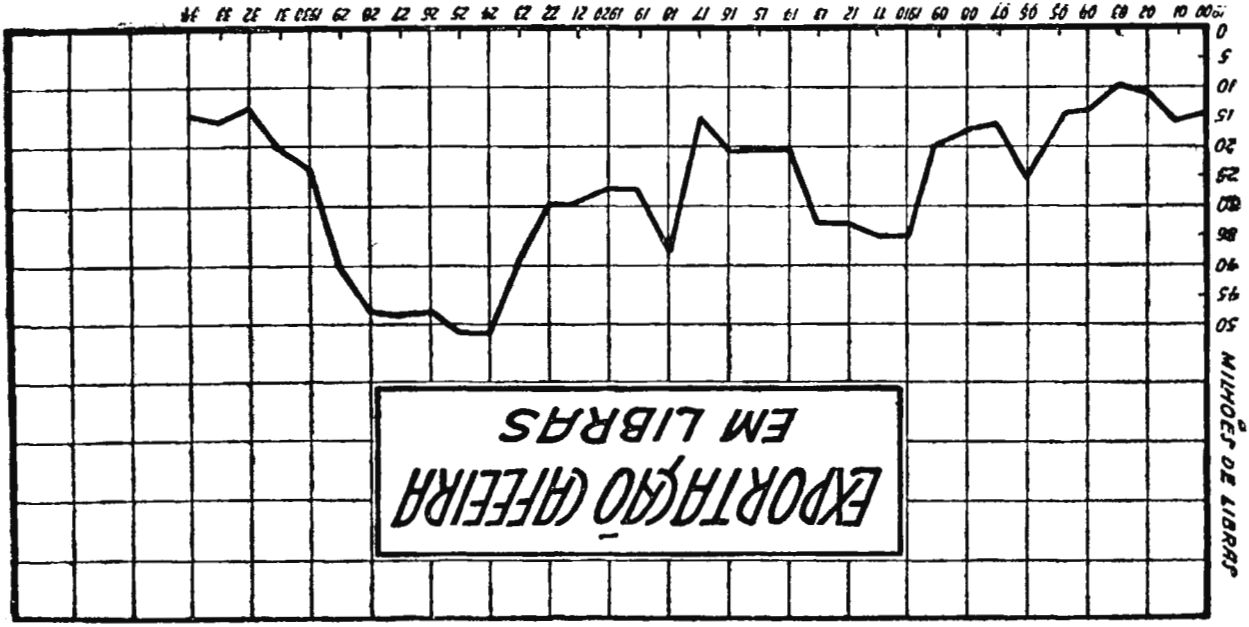


O CAFE'

Movimento geral do café em Santos de 1880-81 a 1926-27

(Em saccas de 60 kilos)

Annos	Entradas	Exportadas	Base por 10 ks.		Valor em Santos
			Min.	Max.	
1880-81	1.125.915	1.204.328	3\$530	4\$750	29.915:507\$520
1881-82	7.723.332	1.524.486	3\$110	3\$850	31.831:267\$680
1882-83	1.967.881	1.887.846	2\$700	4\$300	39.644:766\$000
1883-84	1.871.516	1.929.029	3\$500	4\$900	48.611:530\$800
1884-85	2.094.721	2.165.116	3\$540	4\$160	50.014:179\$600
1885-86	1.668.980	1.687.176	3\$180	3\$900	35.835:618\$240
1886-87	1.583.458	2.478.498	3\$350	9\$000	91.828:350\$900
1887-88	1.120.145	1.309.804	4\$310	8\$200	49.156:944\$120
1888-89	2.634.996	2.541.706	3\$830	5\$680	72.514:872\$180
1889-90	1.870.202	2.041.503	4\$580	7\$810	75.270:215\$610
1890-91	2.952.322	3.050.125	6\$700	9\$870	151.621:713\$750
1891-92	3.686.084	3.615.917	7\$800	11\$600	210.446:369\$400
1892-93	3.255.930	3.412.882	8\$400	14\$600	235.488:858\$000
1893-94	1.686.389	1.772.679	11\$400	17\$600	154.223:073\$000
1894-95	4.007.380	3.904.080	12\$000	17\$400	344.339:856\$000
1895-96	3.093.528	3.135.196	11\$000	15\$800	252.069:758\$400
1896-97	5.104.486	4.963.062	9\$000	13\$400	333.517:766\$400
1897-98	6.152.594	6.053.521	7\$200	10\$200	315.993:796\$200
1898-99	5.659.650	5.535.361	6\$400	8\$800	252.412:461\$600
1899-00	5.711.732	5.742.362	5\$900	9\$700	268.742:541\$600
1900-01	7.973.148	7.821.541	4\$100	7\$800	279.229:613\$700
1901-02	10.171.916	9.731.921	4\$100	5\$800	289.038:053\$700
1902-03	8.357.452	8.542.481	3\$600	5\$200	225.521:498\$400
1903-04	6.402.370	6.537.226	3\$600	6\$500	197.077:947\$800
1904-05	7.423.002	7.174.557	3\$800	5\$700	204.474:874\$555
1905-06	6.982.885	7.280.162	3\$700	4\$400	276.907:936\$600
1906-07	15.392.170	13.874.113	3\$200	4\$200	308.005:308\$600
1907-08	7.203.809	8.515.244	3\$300	4\$100	189.038:416\$800
1908-09	9.533.243	9.381.867	3\$400	4\$200	213.906:567\$600
1909-10	11.495.419	10.278.215	3\$700	4\$400	249.760:642\$500
1910-11	8.110.145	9.440.495	4\$200	7\$500	331.361:374\$500
1911-12	9.972.266	9.143.685	6\$830	9\$200	440.268:432\$750
1912-13	8.584.797	8.820.392	6\$700	8\$900	412.794:345\$600
1913-14	10.855.454	11.308.345	4\$700	6\$300	273.175:385\$000



Annos	Entradas	Exportadas	Base por 10 ks.		Valor em Santos
			Min.	Max.	
1914-15	9.497.553	9.641.699	3\$500	5\$000	245.863:324\$500
1915-16	11.744.491	11.445.533	4\$100	6\$000	346.799:649\$900
1916-17	9.803.045	9.661.620	4\$900	7\$000	343.134:834\$000
1917-18	12.143.930	7.356.862	4\$800	6\$100	231.741:153\$000
1918-19	7.397.560	7.883.337	6\$900	19\$500	624.360:290\$400
1919-20	4.164.408	7.561.045	12\$000	20.000	716.787:066\$000
1920-21	10.509.867	8.878.380	8\$000	14\$000	596.627:136\$000
1921-22	8.178.464	8.558.764	14\$500	19\$500	872.993:928\$000
1922-23	6.811.925	8.278.208	16\$800	23\$000	1.008.285:734\$400
1923-24	10.325.977	10.192.760	17\$800	29\$000	1.424.947:848\$000
1924-25	8.896.835	9.019.137	29\$500	43\$500	1.974.972:003\$000
1925-26	9.079.437	9.482.721	24\$700	36.000	1.726.803:494\$100
1926-27	9.479.133	9.871.737	23\$000	28\$700	1.531.106:408\$700

(Apud. Paulo Pestana, "O Café em São Paulo").

*

* *

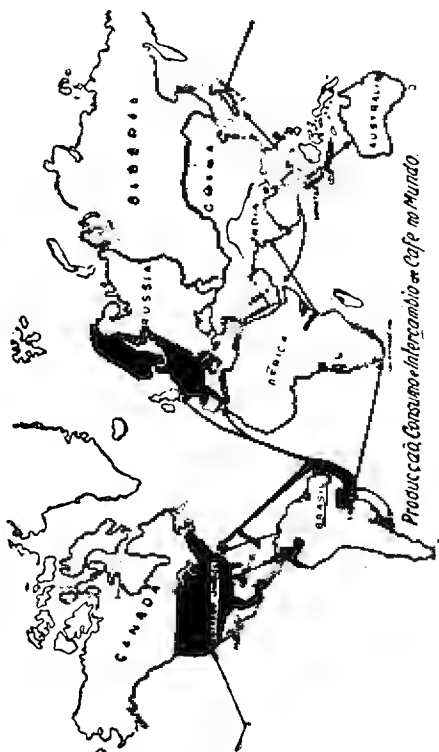
Hoje a lavoura paulista de café é o maior centro agrícola do planeta, e o maior núcleo de trabalho agrícola organizado no mundo, é o maior repositório de energias rurais de todos os tempos no globo, é a maior organização agrícola permanente que se tem visto.

*

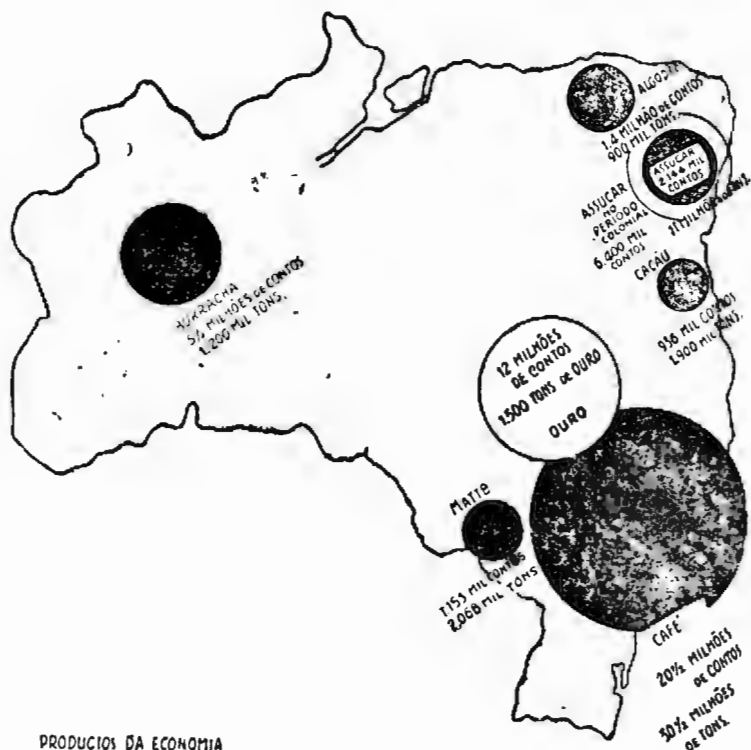
* *

O país tem vivido no decorrer dos séculos de várias fontes de produção. A princípio era açúcar, que produziu, durante todo o passado cerca de 8.550.000:000\$ (8 milhões e quinhentos e cinquenta mil contos de réis). Depois foi o ouro, que descoberto pelos paulistas nas Geraes, em Goyaz e em Cuyabá produziu cerca de 12

milhões de contos. Parece que o assucar produziu mais. Não tenho elementos para isso affirmar, porém. Como nesse tempo as colonias luzo-americanas estavam poli-



ticamente sujeitas a Portugal, foi esse paiz que se aproveitou em grande parte desses totaes. Já na época em que Portugal havia visto o seu dominio banido desta face do continente sul-americano, a borracha, na Amazo-



PRODUCIOS DA ECONOMIA

BRASILEIRA ATÉ 1929 E O .

OURO PRODUCTO COLONIAL EM

VALOR E EM PESO. O CAFÉ SEGUNDO PAULO PESTANA, "O CAFÉ EM S. PAULO"

A BORRACHA SEGUNDO SOUZA LOBO "S. PAULO NA FEDERAÇÃO", O OURO SEGUNDO CALOGERAS "MINAS DO BRASIL"

Quanto, em milhões de contos tem produzido aproximadamente o país desde o período colonial. Por ali vê-se que o café vem produzindo quasi tanto quanto os outros productos reunidos.

nia, produziu 5 milhões e meio de contos e o algodão do Nordeste um milhão e meio de contos. O café, desde o início produziu para a economia brasileira cerca de 20 milhões e meio de contos.

*
* *
*

A lavoura de café do Estado de S. Paulo com as suas bemfeitorias e terras vale seguramente 8 milhões e meio de contos aproximadamente. Se formos acrescentar a essa avaliação o que essa lavoura exige em organização e em construções chegaremos a attribuir a lavoura paulista um valor de 30 milhões de contos que é o valor do Estado de S. Paulo como se verá adiante no Capitulo XIV.

Não ha no mundo organização rural que se aproxime dessas cifras.

CAPITULO X

POSIÇÃO POLITICA DE S. PAULO

§ 1.º — PRELIMINARES

De tudo quanto ficou exposto acima, conclue-se, de modo incontroverso, que o grupo humano planaltino se destaca com nitidez pelas suas linhas vincadas marcadoras de um ambiente geographico que se irradiou em consequencias multimorphicas. Tudo tem a sua causa nas condicções geographicas do planalto. Algumas consequencias são mais directamente derivadas do meio geographico. Outras porém não se relacionam com as condicções geographicas senão de um modo indirecto, alimentando assim a sua maior ou menor projecção no scenario racial, social, psychologico, economico, etc., formando o conjuncto de causas e consequencias a directriz que vem sendo trilhada pelo grupo planaltino na sua trajectoria evolutiva pelos seculos.

As causas e as consequencias não guardam nesse conjuncto lugares eschematicamente marcados, mas ha um verdadeiro turbilhão tumultuante de condicções que se interferem de um modo mais ou menos intenso. Ora, é uma consequencia, que passa a actuar como causa, offerecendo muitos reflexos no desenvolvimento humano ou economico do aggregado. Ora, é ainda uma consequen-

cia que provoca a origem de uma causa qualquer, a qual por sua vez vae actuar de varias modalidades. Ora é uma causa que influenciada por uma interferencia qualquer de uma consequencia, ou mesmo de uma outra causa se deforma e se faz productora de successos os mais variados.

Esse conjuncto é que impulsiona o grupo humano na sua marcha pela historia, dando a elle as suas linhas marcadoras.

A esse aggregado humano com suas fronteiras assignaladas, com o seu perfil bem caracterisado, etc., é preciso dar uma forma de governação que se synchronise bem com elle, que se adapte bem á sua constituição e á sua forma, que não se attricte com as suas arestas, que não se faça antagonico com as suas directrizes, que não lhe prejudique as orientações, que não lhe antolhe obstaculos a evolução, que não lhe accumule impecilhos á sua marcha economica, que em virtude de antagonismos com outros grupos não lhe acarrete prejuizos materiaes ou sentimentaes, etc.

Não havendo um apparelho politico perfeitamente adaptado a situação de facto do grupo humano, surgem os dissabores, os desassocegos, as luctas mais ou menos violentas, segundo outras circumstancias, as rebeldias, as quarteladas, as erupções no espirito publico, os tumultos, as incomprehensões, os desmandos, as anarchias, as desordens, as tormentas sociaes, economicas ou politicas, os golpes, as surpresas, etc., que testemunham a evolução turbilhonante de uma nação.

Aliás a vida da nação brasileira não tem sido se não isso.

Quem se der ao trabalho de a estudar sem a preoccupação doentia de ahi encontrar a base para um lyrismo declamador e sem consistencia encontrará im-

parcialmente as consequencias que eu venho de apontar. Senão vejamos.

A historia da America luzo-colonial não é senão uma série de surtos regionaes completamente distanciados uns dos outros e com tendencias as mais dissemelhantes e descentricas possiveis.

Em 1808 veiu a familia real dos Braganças centralisar os nucleos existentes então na America portugueza. Ella polarisou as almas coloniaes até que o regionalismo explodiu fremente em 1817 em Pernambuco e logo depois fermentou com os acontecimentos que prejudicaram a separação de Portugal.

Em 1822 o novo paiz não teve socego com a independencia, pois logo em 1824 o movimento chamado Confederação do Equador, explodiu em Pernambuco.

Desde essa occasião até 1831 houve uma lucta continua, até que em 7 de Abril desse anno Pedro I abandonou o paiz que passou então para o periodo regencial.

Sem embargo da Regencia ser mais satisfatoria do que o periodo imperial de Pedro I, a politica continuou fervilhando e agitando descontentamentos em toda a parte.

Durante esse periodo regencial o paiz teve as seguintes grandes agitações revolucionarias:

- a) guerra civil que ensanguentou o Ceará em 1831-1832;
- b) guerra civil que ensanguentou Pernambuco em 1832-1835;
- c) guerras civis que ensanguentaram o Pará de 1831 a 1833 e 1835-1837;
- d) guerra civil que ensanguentou a Bahia de 1837-1838;

- e) guerra civil que ensanguentou o Maranhão de 1838-1845;
- f) guerra civil que ensanguentou o Rio Grande do Sul de 1835-1845.

Nos movimentos que convulsionaram o Brasil, depois da maioridade do segundo imperador, podemos mencionar e estudar os mais importantes:

A revolução riograndense de 1835 a 1845.

A revolução paulista-mineira de 1842.

— A revolução pernambucana de 1848.

A primeira, ainda que se tenha iniciado em período anterior ao começo do segundo reinado, devemos incluir entre as convulsões que perturbaram a vigência desse período histórico do Brasil, pela imensa importância de que se reveste esse movimento, não só pelo que elle revela na organização da nação brasileira, como também pelas consequências que d'elle poderiam ter resultado para o paiz.

A segunda revolução dentre as que mencionamos é a paulista-mineira de 1842.

E' certo que está no Rio Grande do Sul o sentimento regionalista o mais extremado dentre os semelhantes que se repartem em todas as regiões do Brasil. Porisso o movimento de 1835-1845 teve um caracter nitidamente separatista.

O movimento de 1842 paulista-mineiro, se aparentemente apenas se revestiu de caracter politico-partidario, no fundo o germe regionalista foi o causador da explosão violenta que fez soprar sôbre uma boa parte do territorio brasileiro o tufão violento da guerra. A' frente d'elle estiveram os mais genuinos representantes da velha estirpe paulista com Feijó o immortal, Brigadeiro Tobias, Gabriel dos Santos e outros,

Em Julho de 1840 era proclamada a maioria de D. Pedro II, o imperador Bragança que assim passou a governar o paiz. Mentalidades contrarias, interesses mal comprehendidos, eis os fermentos que produziram o mal estar durante o ministerio de Aureliano Coutinho. Foi então nomeado presidente da provincia de S. Paulo o bahiano Marquez de Monte Alegre, o famoso Costa Carvalho, contra o qual os paulistas irritados tomaram armas, pois queriam o Brigadciro Raphael Tobias de Aguiar, chefe liberal de immenso prestigio em S. Paulo, como governador. Contrariados os paulistas, com a nomeação de um elemento exotico, resolveram insurgir-se de accordo com os liberaes de Minas Geraes, á frente dos quaes estava Theophilo Ottoni.

O barão de Caxias foi incumbido de reprimir o movimento que rebentára na primeira metade de 1842.

Os paulistas não foram felizes por que logo Caxias os venceu no combate da Venda Grande, entrando em Sorocaba a 20 de Junho desse anno.

A seguir, Caxias passou a Minas destroçando no combate de Santa Luzia os mineiros, que se agrupavam em torno da figura de Theophilo Ottoni.

Tivessem os mineiros feito a junção com os paulistas do Brigadeiro Tobias, Caxias não os teria abatido. Mas os mineiros só levantaram o pendão da guerra quando já Caxias marchava contra os paulistas, ainda em Sorocaba.

O levante pernambucano de 1848 foi levado a effeito por questões locais, contra um presidente de provincia conservador e chegou a ameaçar a capital pernambucana, tendo o nome de revolução praieira, sendo porém suffocada na primeira metade de 1849.

Depois o Imperio teve a visão do mal que affligia a unidade do paiz e buscou divergir o excesso de seiva que caracterisava as regiões para um objecto commum. Com isso seria anesthesiado o sentimento regional.

Dahi a clarividencia das luctas no sul, contra Rosas.

Logo a seguir o segundo reinado precipitou o paiz nas luctas contra Lopez e isso fez o paiz continuar na aforia até 1870.

Recomeça então o periodo tumultuario do paiz.

Surgem as questões militares, e com ellas a propaganda de um novo regimen. A questão da libertação do escravo fez demorar um pouco o phenomeno politico do desassocego que em 1889 teve o seu objectivo attingido com a proclamação da Republica.

O novo regimen não solucionou a questão brasileira.

Era claro que isso não seria remedio.

Este havia sido applicado ás cegas.

A doença havia sido mal diagnosticada. O mal do paiz não era a falta de liberdade, essa que se buscou com a implantação da republica, mas sim a heterogeneidade. Para esse mal o remedio fôra applicado com muita parcimonia. A Federação não bastava. A prova disso está em que no periodo republicano o paiz não teve repouso. As revoluções foram continuadas.

Floriano Peixoto experimentou um periodo tumultuario.

Prudente de Moraes teve que atravessar um quadriennio turbulento, e mais exacerbado em anarchia pelo attentado pessoal que foi victima, sendo morto o seu Ministro da Guerra, o Marechal Bittencourt.

Campos Salles teve uma agitação constante em seu periodo, sem embargo da sabia politica dos governadores com que buscou adaptar o regionalismo.

Rodrigues Alves teve que enfrentar entre outros o levante armado de 1904.

Affonso Penna morreu de thraumatismo moral, antes de haver terminado o seu tempo, em virtude de haver o exercito tentado um golpe branco.

Wenceslau Braz, teve o seu periodo anesthesiado pela guerra européa, que durou até que Epitacio Pessoa, iniciou o seu periodo, reiniciando-se em 1922 as luctas intestinas. Até agora o paiz está nellas engolphado.

E' um constante desassocego. O mal com suas raizes aprofundadas por uma incuria demorada cresceu espantosamente. O remedio está na descentralisação, este mesmo talvez já seja tardio. A demora em ser ministrado um energico medicamento vem abrir os horizontes para a cirurgia...

Vejamos:

§ 2.º — EM THESE

Nacionalidade: E' A ENTIDADE POLITICO, SOCIAL-PSYCHOLOGICO-ECONOMICA, formada por um povo, composto de um numero maior ou menor de individuos ligados por laços de natureza varia.

Burgess, no seu magnifico "*Political science and Constitutional Law*", vol. I, pag. 2, diz: "*A nation is a population, having a common language and literature, a common tradition and history, common customs and a common consciousness of rights and wrongs, inhabiting a territory of a geographic unity*".

Garner, outro tratadista de grande nomeada diz á pagina 45 do seu "*Political science*": "*In reality a nation is a portion of a society political organised; that is not a State, but in its perfect form it is a portion of*

the society separated form the rest of the world by natural geographical boundaries, the inhabitants of wich HAVE A COMMON CIVILISATION, COMMON CUSTOMS AND TRAITS OF CHARACTER and a common literature and traditions."

No mesmo diapasão fala Pradier Fodéré, no seu "*Principes generaux des droits politiques et de legislation*", e no seu "*Tratado de Direito Intern. Publico*". vol. I, 125: "A união de uma sociedade de habitantes do mesmo paiz, falando a mesma lingua, governados pelas mesmas leis, REUNIDOS PELA IDENTICA ORIGEM, pelos mesmos caracteres physicos e moraes, PELA COMUNIDADE DE INTERESSE E DE SENTIMENTOS, pela fusão de existencias, adquirida pelos seculos".

Calvo, no seu "*Direito Internacional*" é da mesma opinião: "A afinidade de raças, comunidade de linguas, de habitos, de costumes, e de religião, são os elementos que constituem a nação".

Ainda Carnazza-Amari não foge desse conceito no seu "*Direito Intern. Publico*" ao dizer: "Uma nação é uma multidão de familias conacionaes, espontaneamente unidas sob um governo livre, tendo se fixado em um determinado territorio, com o proposito de obter um respeito externo pela sua personalidade".

Mais ou menos nos mesmos termos, se manifestam, Bluntschli ("*Allgemeine Staatslehre*"); Gumplovicz ("*Allgemeine Staatsrecht*"), ("*Kulturgemeinschaft*"); Mancini ("*De la nationalité comme fondement du droit des gens*"); Nys ("*Droit inter.*"); Fiore ("*Droit inter. publique*"). (1)

1) "Nazione é una società naturale di uomini, da unita di territorio, di origini, di costumi di lingua conformada a communanza di vita e di conscienza sociale". Mancini.

“Uma nacionalidade é uma collectividade do homens tendo uma individualidade physica e moral, tradições e aspirações communs.

Os elementos que constituem e mantem a individualidade nacional são:

- a unidade da raça
- os limites geographicos
- a lingua
- a religião
- a unidade politica
- a historia e as tradições
- a litteratura
- a maneira de viver e as manifestações culturaes communs.

Quanto mais os elementos são evidentes em cada nacionalidade mais os organismos são unidos e mais o sentimento nacional que a anima é ardente e vigoroso.” Iwanow, “*Os Bulgaros no Congresso da Paz*”, 1919.

“Uma nacionalidade é um grupo humano cujos membros, por razões ethnicas ou simplesmente historicas, querem viver sob as mesmas leis, formar um só Estado pequeno ou grande; e é hoje um principio entre as nações civilisadas que, essa vontade commum quando ella é affirmada com perseverança, tem o direito ao respeito, que, ella é mesmo o unico fundamento solido dos Estados”. Emile Durkheim.

“O principio de nacionalidade reside na vontade da vida collectiva”. Hauser.

“Nacionalidade é um phenomeno psychologico que tem suas leis regulares de origem, de evolução e de degenerescencia”. Zangwill, Auerbach.

“Um grupo de homens da mesma raça, da mesma lingua, da mesma religião, tendo os mesmos costumes, a mesma historia, as mesmas leis e que são unidos, pela vontade de viver em commum”. Colley e Condé du Bois.

Disso tudo tira-se a conclusão seguinte:

Os laços que prendem uma nacionalidade são da seguinte natureza:

- a) — Identidade de raça.
- b) — Identidade de lingua.
- c) — Identidade de religião.
- d) — Identidade de origem e de tradição.
- e) — Identidade de costumes.
- f) — Identidade de mentalidade.
- g) — Identidade de sentimentos e de ideacs.
- h) — Identidade de ambientes physico e social.
- i) — IDENTIDADE DE INTERESSES ECONOMICOS.
- j) — Vontade de viver em *commum*.

Por certo a nacionalidade, para a sua existencia, não exige a concomitancia de todos esses attributos. Às vezes, nacionalidades se formam com um só desses laços, e sem a presença dos mais. Naturalmente o valor de cada um delles é desproporcional, bem como a importancia delles é também desigual, para cada caso que se apresenta. A interferencia de cada um delles tem as suas consequencias dosadas de accôrdo com o complexo dos demais laços, como das situações especiaes, em que cada caso apresenta.

Para esse assumpto, é difficilimo o encontro de similes, dada a extrema difficuldade com que se encontram as variadissimas circumstancias, em cada caso especial.

Estudemos esses laços congregadores de nacionalidades.

O primeiro enumerado, é o concernente á *identidade racial*, o qual é de ordem natural, somatologica, animal, anatomica, zoologica, etc.

Talvez seja esse factor, dos que menos influencia exercçam.

A questão racial, considerada em suas minucias está ainda no dominio das élites, que commungam nos conhecimentos scientificos. As proprias élites intellectuaes, a não ser as especializadas, não estão em contacto com essas minucias.

Mas ha cousas em materia do factor — raça — que o vulgo distingue com perfeita nitidez. E' possivel que, dado o estado de homogeneidade de caracteres raciaes aparentes, na Europa, o factor — raça — não exerça nas nacionalidades sensivel influencia.

No Brasil, porém, isso não se dá, justamente pelo estado de completa heterogeneidade de caracteres raciaes aparentes e perfeitamente distinguiveis pelo vulgo.

Não ha quem não faça a distincção entre um negro e um branco. Não ha quem não faça a distincção perfeita de um nortista brachyplatycephalo, moreno, com um louro do Paraná, de Sta. Catharina ou do Rio Grande do Sul. Não ha quem não saiba ver um caboclo, um cafuzo, ou um mulato. O vulgo, até é mais perito nessas distincções do que o intellectual.

As differenças raciaes, entre nós, ainda são tão nítidas, tão transparentes, que não póde haver quem de boa fé se possa enganar. As diversidades morphologicas, são tão accentuadas, as differenças physionomicas, ou dermochromicas são tão profundas, que é cousa facilima de deprehender a heterogeneidade do factor racial.

A formação racial de cada Estado diverge profundamente da dos mais. A de Sta. Catharina, não é a mesma que a da Bahia, do Ceará ou do Amazonas.

Será puro lyrismo sentimental, se chamarem irmãos um dolico-louro do Rio Grande do Sul, um brachy-moreno de S. Paulo, um dolico-moreno de Minas, ou um

platycephalo amongoilado do Sergipe, ou do Ceará, ou um negro da Bahia.

Ninguém de boa fé poderá contestar isso.

Dirão que negros existem em todos os Estados, que brancos estão em todos, e que índios estão esparramados em todos os núcleos de indivíduos, pelo território nacional, já em estado de completa mistura.

Mas as porcentagens de cada um desses elementos são tão diferentes, que tornam o ambiente racial completamente outro. S. Paulo, por exemplo, tem como Sta. Catharina, 85 % de brancos puros. A Bahia, só tem 33 %, a Parahyba só tem 32 %, o Amazonas 31 % e o Piahy apenas 24 %. Ha Estados, em que o elemento negro é formidavelmente maior; ha outros, em que o branco corre em preponderancia esmagadora, e ha ainda outros, em que o indio sobreleva na conformação da physionomia da maioria da população.

Essas differenças se fazem tão nitidas, que não ha quem dellas não se aperceba.

As formações raciaes de cada região, do Brasil, variam pois, e não variam pouco.

Essas variações são tão accentuadas, que influem poderosamente no conjuncto da diversidade geral.

As leis da hybridação de Mendel fazem o resto.

*
* *
*

O attributo — *lingua* —, tem por certo uma grande importancia, sendo mesmo causa de um certo numero de afinidades, impossiveis de serem obtidas sem a identidade das linguas. (1)

1) Mussolini em resposta a Emil Ludwig no "*Colloquio con Mussolini*", pag. 77, sobre o nacionalismo, diz: — Se allora né razza ne forma di stato determinano il nazionalismo só forse la lingua comune?

A esse respeito diz Lecky, no seu "*Democracy and Liberty*", vol. I, pag. 5: "*Often race elements are so inextricably mixed that it is impossible to se separate them.*

Language and religion are of deeper power in determining nation unities, yet there are many examples of different creeds and languages successfully blended into one nationality".

Nem por isso a identidade de idiomas é necessariamente obrigatoria na constituição de uma nacionalidade, e de outras feitas, povos que usam o mesmo idioma não são unidos.

Como exemplo de povos, que usam varios idiomas para manifestar as suas idéas, temos no velho mundo uma maior quantidade de exemplos. São povos, que ahi vivem constituídos desde o maior numero de annos, isolados por accidentes physicos que mais ou menos os impermeabilisam do contacto com outros, de modo que a dissemelhança de idiomas é mais em numero de

Ma l'antica Roma aveva, come tutti gli imperi, una quantità di lingue, e anche nella piú recente storia non potei in nessun modo riconoscere come ragione di debolezza la molteplicitá delle lingue. A dir il vero, l'impero deglo Absburgo fu abbattuto, ma la Svizzera fiorisce.

"Anche l'unitá della lingue non decide".

"L'Austria non é stata distrutta per la molteplicitá delle lingue, ma per la violenza che teneva stretti, sotto un solo scettro, tanti popoli conquistati o ereditati; mentre nella Svizzera tre parti, con tre lingue diverse, si sono di libera voluntá spontaneamente unite. Anzi, poiché la terza parte é assai piccola, si potebba anche parlare di due.

Le Svizzera apunto perciò ha potuto sostenere la centralitá perche questi due elementi tendevano ai due partiti che facevano la guerra e perciò mantevano l'equilibrio.

Io considero la Svizzera un anello molto importante nella catena degli Stati Europei, poiché appunto attraverso la sua fusione essa puó attenuare, molti tra le due grandi nazioni rivali che stanno á suo confine".

ser notada. Nem por isso a Suíça deixa de fazer conviver homens que se exprimem em varios idiomas, e mesmo acontecendo á Belgica, etc.

Na Italia, na França, na Inglaterra, na Hespanha, etc., os dialectos são muitos.

Por outro lado, temos que, muitas nacionalidades existem, que usam o mesmo idioma, sem que entretanto isso as faça viver unidas politicamente.

A America do Sul é preñhe desses exemplos, pois que, tem 9 paizes, que desunidos, entretanto usam o mesmo idioma castelhano. A America Central, em uma área territorial ainda menor, concentra 9 paizes diferentes que usam entretanto o mesmo attributo de identidade de lingua.

Tivesse esse liame, o condão de unir em nacionalidades, povos que o possuem, certamente não teriamos essa poeira de pequenos paizes falando o mesmo idioma, mas diversificados politicamente.

Ainda a imperar esse liame de um modo mais absoluto, a Allemanha deveria ser unida á Austria; a Inglaterra ou o Canadá deveriam ser ligados solidamente aos Estados Unidos; Portugal não deveria ser desligado do Brasil; Hespanha teria continuado a presidir essa área territorial colossal, na qual ainda é falado o bello idioma de Cervantes.

*

* *

O liame — *religião* —, não possui hoje a importancia que outróra, em épocas mais recuadas na historia da humanidade, teria desempenhado como agremiador de individuos.

Antes, quando o atrazo da civilisação permittia que se desse ás cousas sobrenaturaes mais importancia do que hoje, esse attributo de nacionalidade era encarado de um modo mais diverso do que hoje, quando não se liga muita importancia ás cousas espirituaes.

A Allemanha é um exemplo tocante, que a historia nos está a evidenciar.

Quando o fanatismo religioso imperava, separando os homens, foi impossivel a união dos individuos que falavam o allemão. Estes pertenciam a duas religiões que se guerreavam com intolerancia.

Bastou porém que esse fanatismo desaparecesse, dando lugar á tolerancia, para que a unificação se fizesse. Aquelle mar borbullante de Estados allemães, que orbitavam outróra em torno da Austria catholica, não podiam se unir mais solidamente a ella porque, muitos eram profundamente lutheranos e presbyterianos outros.

Bastou, porém aparecer a energia prussiana, justamente no momento opportuno, quando o factor religião perdera a importancia, para que a Prussia chamasse a si os antigos satelites da velha Austria.

O que o protestante Frederico II não conseguiu, no seculo XVIII, realisou Bismarck no seculo XIX.

O nexu de identidade de religião, hoje não tem quasi importancia. Talvez seja elle o de menor significação, o de menos poder causal.

Ha unidades politicas como os Estados Unidos da America do Norte, que em seus 125 milhões de habitantes, comportam 213 religiões antagonicas.

A Suissa, a Allemanha, a Inglaterra, a Belgica, etc.. são paradigmas bem accentuados de crenças religiosas differentes, que pódem ser bem conciliadas em uma organisação politica.

A reciproca é bem de ser vista, em que uma crença é dividida por muitos paizes, sem que isso obrigue a elles, se unir.

O facto de Portugal ser catholico, não impediu que o Brasil, tambem commungando nesse credo, d'elle se separasse. O mesmo facto não impediu que Portugal em 1640 se separasse da Hespanha nem que esta deixasse escapar o Milanez ou o Sul da Italia, que della faziam parte, em differentes épocas.

Nem por serem todos mahometanos os paizes norte africanos estão unidos á Turquia e nem por serem todos orthodoxos gregos, falando idiomas afins os povos balkanicos, são unidos politicamente.

* *
"

Eu bem reconheço o muito valor de uma identica tradição historica.

São os mesmos heróes, os mesmos acontecimentos épicos, as mesmas façanhas, as mesmas desventuras, os mesmos soffrimentos, as mesmas amarguras, as mesmas glorias, as mesmas alegrias, que constituem esse liame tão solido, quando elle existe, a commungar um numero de individuos.

Até hoje Portugal, não tem os seus alicerces bem voltados para os dias ensolarados de Ourique e de Aljubarrota? Não é porventura um povo irmanado na desgraça, um solidissimo laço a prender até hoje os povos do Minho, da Galliza, do Alemtejo aos Algarves?

Não são os dias de Washington, que embaseiam as glorias civico militares dos norte americanos, que provindos dessas magicas 13 colonias, se derramaram homogeneamente por toda a vastidão, que ao longo de parallelos vae ao Pacifico?

Não foi Lincoln, quem consolidou com a sua fleugmatica energia, que lhe aureola o vulto, a tradição commum de todo um povo, constituido?

Frederico II, apesar de suas brilhantissimas victorias, não logrou ser o imperador da Allemanha unificada. Foi Guilherme I, depois de Sedan, de Froeshwiller, etc., quem obteve a integralisação desse laço notavel para a unidade allemã: o laço de uma tradição bellica commum.

Por certo, ninguem, em boa fé poderia negar o valor desse attributo em uma nacionalidade. E' preciso que elle exista, mais ou menos accentuado, porém.

Sem embargo disso, um passado commum, ás vezes nada faz resaltar.

Não está ahi a Catalunha, dentro da multiseccular Hespanha, completamente segregada da mentalidade do hespanhol, sem embargo dos 5 seculos e meio de passado commum?

Não estão ainda ahi a evidenciar o que fica dito, as republicas hispano americanas, que máu grado a tradição historica commum, têm muitas fronteiras nacionaes?

A Escandinavia, outróra unida não se tripartiu, despresando todo um longo passado, onde os capitulos de glorias fulguravam, por vezes?

Não está por ventura bem á vista, o imperio dos Habsburgo, para demonstrar que, muitas vezes pouco adeanta um passado commum? (1)

1) Não se esphacelou a Austria-Hungria, paiz tambem heterogeneo e a causa desse esboroamento não foi a inadaptação do regimen politico ao estado de facto?

Tivesse o Imperio dos Habsburgo adoptado uma organisação em que todos os varios povos que compunham a sua população tivessem autonomia dilatada, o fim da Austria-Hungria não teria soado em 1918.

A identidade de costumes é, certamente, outro poderoso nexo ligador de indivíduos.

O mesmo proceder, a mesma civilização, os mesmos hábitos, o mesmo vestir, a mesma fórmula de agir, a mesma architectura, a mesma intensidade nas manifestações do soffrimento, como nas festividades alacres dos grandes dias; eis o que constitue o liame da identidade de costumes.

Por certo que, nos paizes com partes isoladas por accidentes physicos, por credos religiosos, por arraigamento de tradições, os costumes se diversificam mais. Hoje pela facilidade com que são transpostos esses accidente physicos, pelo pouco esforço com que as grandes distancias são vencidas, etc., esse arraigamento de costumes primitivos vae evolutivamente desaparecendo, sem que, entretantó, a nivelção absoluta comsiga fazer commungar os povos todos, em identidade de organizações politicas.

Costumes mais ou menos identicos, têm os povos europeus, sem que, entretanto, desapparecessem as fronteira politicas que os separam. Não sei mesmo, qual seja a differenciação importante, entre o povo portuguez e o povo hespanhol, a esse respeito, e entretanto elles não commungam politicamente, e se separaram, depois de um viver em commum por cerca de 60 annos.

Não sei tambem onde esteja a differença sensivel entre o canadense e o norte americano a esse respeito. Apesar disso o canadense não se desprende do inglez, que a esse proposito lhe é profundamente differente, e não se vae ligar aos Estados Unidos.

Os povos hispano americanos, têm identidade de costumes, além de outras identidades algumas das quaes já apontamos, e máu grado isso, a pocira de pequenas nações persiste. O mesmo se dá na peninsula balka-

nica, mais ou menos barbarisada ainda, sem embargo do que, as fronteiras politicas desses pequenos paizes teimam em existir.

Por outro lado, ha povos que vivem perfeitamente unidos a outros de costumes differentes, sem que, por isso se estremeça a união.

A Inglaterra, pela intensidade da sua industria, adoptou, pelo seu povo, uma seriação de costumes, que não são os mesmos, nas montanhas da Escocia, ou nas rugosidades do Wales. A Allemanha, industrialisada, conserva ainda grande parte da sua população, nos misteres da agricultura, sem que a união, sinta por isso vibrações.

Os Estados Unidos tem pelos Estados costumes que se diversificam, sem que deixem de viver unidos.

*
* *
*

A mentalidade é fructo de um sem numero de causas.

Estas são os factores apontados já, e além delles outros mais, que seria enormemente longo se buscar.

Elles vão, porém sedimentando as camadas successivas que se vão sobrepondo, formando a mentalidade. Um europeu não vê os acontecimentos com os mesmos olhos de um americano. Elles vem de regiões onde tudo é differente; onde as paginas do passado se amontoaram, constituindo um blóco, de destruição difficil. Só a erosão dos tempos poderá, modificar a estructura mental formada em paizes differentes. (1).

1) E' muito difficil a modificação de um estado mental qualquer. Mesmo essa erosão dos tempos só actua de uma forma relativa,

Nos paizes europeus vê-se bem como agem os seculos, sem poder apagar os vestigios das mentalidades diversas.

Na Italia o regionalismo ainda existe e ha grande rivalidade entre o que elles chamam "*alta Italia*" e "*baixa Italia*".

Os da "*alta Italia*" menosprezam os napolitanos, ou os calabrezes que conservam seus dialectos, seus costumes proprios, etc.

A unificação da nacionalidade entretanto, se faz com rapidez, principalmente em razão das guerras em que a Italia foi parte ou das complicações europeas, que tenderam para homogenisar o povo.

O advento do fascismo foi indiscutivelmente uma força a agir no sentido do centripetismo politico-social.

Na França o regionalismo existe ainda accentuado.

A nacionalidade franceza, sem embargo da longa e secular coexistencia historica não pôde impedir as marcas da Bretanha, da Normandia, da Borgonha, do Languedoc, da Provence, etc..

O francez não se esquece, sem embargo dos acontecimentos guerreiros uniformisadores que é um aquitanio, um angevino, um picardo, ou um lorenno, ou ainda um flamengo.

A unificação dos ultimos 150 annos não apagou os sulcos regionaes.

Na Inglaterra, tambem o regionalismo é marcado.

Não se fala senão da ilha Grã Bretanha. A Escocia já se mexe para obter uma certa descentralisação politica.

Os escocезes lembram-se dos Stuarts com seus poeticos pretendentes, que tão fundo na alma escocезa falam o espirito aventureoso, até que Jaqucs VI descendo dos seus highlands foi substituir os Tudors em Londres.

O regionalismo dessas terras do Norte caminha cada dias mais vivo.

O Wales, montanhoso e rude, o celtico refugio de uma gente em revivecencia busca as pegadas da Escocia, como esta caminha na esteira da Irlanda.

Os gallenses já queimaram em praça publica a bandeira ingleza, que substituiram pela flamula de S. David.

Não é isso um signal de uma marcha para o centrifugismo psychologico na brumosa Grã Bretanha, não obstante, tudo que a faz caminhar na senda da unidade?

As mentalidades formam as nacionalidades, como sendo ellas um liame assáz ponderavel. (1) A mentalidade de um inglez, por exemplo, varia da mentalidade de um francez, de um italiano, ou de um bulgaro, mas é, ainda mais differente da de um norte-americano.

1) “Antes do grito do Ypiranga ninguem tinha a noção de um Brasil unido porque o paiz jamais experimentara a persistencia e estabilidade da administração una para todas as capitánias, de modo a fixar na consciencia de seus habitantes a idéa de unidade, o sentimento de patria unica e a communidade de um só destino historico”.

Em 1821, em pleno recinto do parlamento de Lisboa, o padre Diogo Antonio Feijó, então deputado pela provincia de S. Paulo bradou, com uma audacia verdadeiramente assombrosa: — “Não ha aqui mandatarios do Brasil, mas sim das suas provincias, tem cada uma, um governo autonomo, e tão legitimo porque partiu de sua livre escolha, como se deu a si mesmo Portugal em 15 de Setembro”.

Examinando-se a origem de todos os episodios da historia do Brasil colonial resulta a conclusão de que nenhum delles obedecia a um ideal commum amadurecido, ou sentido em cada capitania.

O instincto portuguez, adoptando a separação administrativa entre ellas fomentou a disparidade do espirito politico creando sentimentos e estados mentaes differentes e adstrictos aos limites territoriaes de cada donatario. Esta verdade tornou-se bem patente por occasião do movimento da independencia nacional. O Maranhão, abstrahindo do Pará — escreveu o douto publicista maranhense, João Mendes — foi o ultimo reducto dos que combatiam a adhesão ao grito do Ypiranga. Sempre desligado do Brasil meridional, constituindo um Estado com governo separado e em directas relações temporaes e espirituas com Lisboa. assim como foi em 1821 a adherir á Constituição, de harmonia com o movimento politico iniciado na cidade do Porto tendo-a jurado, entendeu que não podia nem devia acompanhar a obra revolucionaria da Independencia do Brasil. Em vão, mesmo após o grito do Ypiranga, D. Pedro de Alcantara ainda expedia decretos em nome de El Rey D. João VI e na qualidade de Príncipe Regente: os maranhenses consideravam sensatamente que era seu dever sustentar a Constituição de 1820 na qual estatuiram-se a integridade nacional portugueza.

A Junta Provisoria do Maranhão, portanto, procurou resistir ao que no sul denominavam emancipação politica: e resistiu, não só apoiada

E' justamente esse factor, que mais tem feito evoluir no sentido de centrifugismo a organização sabia do Imperio Britannico.

A mentalidade é mais uma consequencia de factores diversos do que propriamente uma causa, mas é ella que traça com acentuada nitidez as fronteiras de uma nacionalidade.

São os laços sociaes e moraes além dos intellectuaes, os formadores da mentalidade.

Esta se adapta ao ambiente em que vive.

Assim temos a transmutação do italiano em São Paulo.

Os filhos desses italianos, que em numero de cerca de um milhão, vieram para S. Paulo, não têm máis mentalidade italiana, sem embargo de não haverem mudado de raça.

Ainda que elles o sejam pela raça, ainda que elles possam se exprimir em italiano, ainda que possam rezar pelas creanças religiosas de seus maiores; ainda que toda tradição historica de suas familias seja italiana, esses filhos de italianos, não possuem mentalidade de italianos. Adaptaram-se de tal fórma ao ambiente em que vivem que essa gente hoje tem mentalidade identica a dos paulistas. São, sob esse aspecto, tão paulistas quanto os descendentes dos companheiros de Martim Affonso.

E' que elles vivem em ambiente não italiano. Na ultima guerra, os filhos de italianos batalhavam como bons paulistas que são.

no sentimento geral dos maranhenses, mas fazendo-se sustentar pelas armas."

Sousa Lobo loc. cit. pg. 189; "Notas genealogicas" — Parte historica, pags. 184 e 185.

Preferem admirar toda a rudeza selvatica de um João Ramalho, ou a bravura agreste de um Borba Gato, ou a poesia que envolve as lendas de Pedro Taques, ou ainda a firmeza rigida de um Feijó, do que toda a habilidade magica de um Rafael, toda a ferocidade morbida de um Cesar Borgia, ou a previsão de um Cavour, o cavalheirismo épico de um Garibaldi, ou a arte sublime de um Verdi ou de um Leoncavallo.

Elles não são mais italianos.

Não pódem mais pensar como italianos. A epiderme mental delles não é mais sensivel aos eventos na Italia, onde um Mussolini deblatera um caso Mateoti, ou um manganelo mais ou menos bem applicado a um antifascista. Isso lhes é profundamente indifferente. A imprensa, a educação, etc., modificou-lhes a visão.

Mas esse liame denominado mentalidade, evolúe, muitas vezes com a rapidez do relampago. Um simples acontecimento imprevisto é o bastante para dar novas directrizes a uma mentalidade, que se acreditava estratificada de ha muito.

A mentalidade transfigura-se, modifica-se, transmuta-se, metamorphoseia-se, de modo que não é um liame no qual se possa depositar muita confiança, como firmador da união de uma nacionalidade.

Um exemplo, que materialise bem o raciocinio, nunca é demais para explical-o melhor!

O ambiente mental do antigo imperio austro-hungaro, evoluiu, lentamente para a diversificação, dos grupos heterogeneos, até a guerra de 1914-1918; mas só com a derrota final caminhou com rapidez meteorica para o definitivo esboroamento.

Nós em S. Paulo temos visto ultimamente como a mentalidade oscilla, varia, etc., ao sabor das menores noticias de jornaes.

A mentalidade é pois a média do pensamento de um agregado humano. Ella oscilla em razão de forças decorrentes das suas causas, dos acontecimentos, da actuação mais ou menos accentuada de um individuo, militar, estadista, etc. (1)

*
* *

A sentimentalidade, a ideologia de um grupo, mais ou menos numeroso de individuos, é um dos factores da nacionalidade. E' preciso que haja um sentimento de affinidade reciproca, de afeição mesmo, entre os individuos componentes da nacionalidade. E' necessario que haja uma attracção mutua de uns para com outros dos componentes de uma nacionalidade.

Sem que, um loreno, tenha uma grande estima por um normando ou por um provençal, ou ainda por um bearnes, não haveria possibilidade de uma nacionalidade franceza.

Se o gallense tivesse uma certa odiosidade pelo inglez do Sussex ou do Nothumberland, não poderia haver solidez na nacionalidade ingleza.

E' justamente porque o francez do Artois tem mais affinidade pelo saboyano do que pelo belga ou pelo allemão que a França está assim delimitada. E' justamente em parte, porque o lombardo ou veneziano, ou ainda o piemontez, tem mais attracção pelo calabrez, pelo sardo,

1) Gustavo Lebon no seu livro "La guerre europeenne", 17, diz: "A alma individual só tem uma existencia ephemera.

A alma da raça é permanente e não teme a morte.

Esta alma da raça ou, em outros termos a alma nacional não se crea em um dia."

ou pelo napolitano que a Italia se constitue em unidade politica.

Se não houver um lyrismo, que impregne as relações entre individuos de varias partes do paiz, este não poderá ter nacionalidade. (1)

E' preciso que todos os componentes de uma determinada nacionalidade, sintam aproximadamente da mesma fórma, tenham um ideal mais ou menos semelhante, tenham um objectivo aproximado, etc.

Se houver uma certa disparidade nisso, é preciso que a fórma politico-governamental seja adaptada a esse estado. Que não haja então uma força comprimindo esses elementos dispares, obrigando-os a uma convivencia, que o sentimento delles não está proporcional. Se os individuos agrupados em nacionalidade se gostam, mas não muito... muito, é preciso que elles não sejam obrigados a comprimir essa desatracção reciproca.

Querer contrariar esse sentimento de um povo é proceder... "*nipponicamente*".

Por isso é que as fronteiras naturaes são sempre buscadas. Ellas delimitam com mais precisão, os grupos humanos do que as fronteiras arbitraes e artificiaes.

A Hespanha, tem nos Pyreneus a sua fronteira norte. Toda a sua area tem mais ou menos a mesma configuração.

Os accidentes naturaes delimitam com mais nitidez os grupos nacionaes.

T) "Solidariedade social, em sua forma subjectiva, se manifesta por uma sympathia mais ou menos profunda, para com o associado, por uma consciencia mais ou menos clara da collectividade, isto é, por uma intuição do individuo, que o grupo ao qual elle pertence forma uma realidade, um todo ao qual elle se sente ligado como uma das partes". Cornejo, "*Sociologie Generale*", pag. 118.

Bastará uma simples inspecção pelas cartas geographicas do mundo.

Isso não tem a rigidez, entretanto de dizer que é impossivel a convivencia de montanhez com habitantes de planicies, em uma só união politica.

Existem povos que habitam as rugosidades, convivendo com gentes que preferem as desnudas planicies, ou os planaltos elevados. E' isso possivel, ainda que essas uniões não sejam tão solidas. A historia ou a geographia não nos ensinam ser isso muito commum. (1)

1) O Imperio britannico é um nitido, e gritante exemplo de um immenso Estado confederado, ou "super federado", extendido em uma differenciação espantosa de ambientes.

A marcha do Imperio britannico é na vereda da descentralisação. E' natural isso! E' facilmente comprehensivel. Só não vê, quem fecha os olhos. O exemplo do Imperio britannico salta aos olhos.

O Canadá está em um ambiente sociologico, geographico, ethnico, etc. Elle tem certas precisões de ordens, politica, economica, social, etc.

O Reino Unido da Inglaterra e Irlanda do Norte está em outro ambiente. Tem outros contornos, tem outra coloração. Tem outras formações sociaes, economicas, etc.

A South Africa ou a Australia, ou a India, ou a Nova Zeelandia, etc., estão cada uma em um ambiente marcadamente differente.

E' natural que cada uma dessas unidades tenha uma série de exigencias.

Não pódem rezar pela mesma e unica cartilha.

E' por isso que um regime confederacionista ou "super federalizado", está bem calcado sobre a situação de facto de tantas regiões mais ou menos isoladas, através de grandes distâncias e ligadas por communicações difficeis.

E' por isso que o Imperio britannico não póde reter consigo essas differentes unidades, sem dar a cada uma dellas, o direito de terem: .

Exercito proprio, Marinha propria, Representação propria na Liga das Nações; Correios proprios; Telegraphos proprios; Direitos substantivos proprios; Alfandega propria; Regime tariffario proprio ou que lhes facilite os interesses.



Os ambientes social e physico, influem poderosamente na feitura das nacionalidades. São elles que dosam as formações mentaes, sentimentaes, etc., dos individuos constituidores dessa nacionalidade. São elles os causadores, os que plasman as conformações dos grupos de individuos. De accordo com elles as orientações são, muitas vezes, as mais disparatadas de grupos humanos, que se encaminham para um ou outro lado.

Um individuo de formação patriarcal, communitario, de occupações pastoris, etc., forma, por ali, a sua mentalidade e a sua sentimentalidade, como se baseia, por ali, no que se refere aos seus costumes. Elle difficilmente se ligaria a outro de conformação individualista, particularista, de occupações industriaes, de extracção urbana.

Um individuo montanhez, cujos costumes, cuja mentalidade, se plasmou por esse ambiente, sempre em

Essas unidades não estão obrigadas a sustentar as outras militarmente em guerras externas. A South Africa não enviou quasi tropas para o theatro de guerra na França, na grande guerra de 1914-1918.

A South Africa vem de abolir a bandeira imperial e não quiz a propria bandeira o menor signal que lembrasse a origem britannica de parte da sua população.

A Irlanda vem de abolir o juramento de fidelidade a corôa, etc. Apesar de tudo isso o Imperio britannico subsiste. Porque? E' evidente, porque existe um regime politico descentralizador que se molda bem ao estado de facto de entidades differentes. Querer contrariar o regime de facto com uma organização politica differente é desejar a ruptura. E' caminhar para o abysmo.

Aliás a situação caotica da China não tem por causa senão a grande heterogeneidade do paiz.

O Brasil caminhará para o mesmo destino se não condicionar toda essa heterogeneidade em um regimen politico elastico e de flexibilidade compativel com a situação de facto.

contacto com o alcantis, os pincaros, às rocas, os horizontes azulados pela morraria, com muita difficuldade se accomodaria com individuos formados em campinas, despidas de florestas, que modelam outras psychologias, que formam outros caracteres, que forjam almas differentes, que moldam costumes que não são os mesmos, etc.

*
* *
*

Creio, porém, que um grupo de interesses economicos homogeneos, constitúa um elemento mais solido ainda para uma entidade nacional.

De facto, com difficuldade, poderiam persistir unidas, entidades de differentes interesses economicos, de antagonicos moveis financeiros, de desiguaes objectivos commerciaes. Haveria choques successivos, se um perpetuo mal estar não fosse a continuidade do ambiente commum. Um prejudicaria, por força, os demais e uma separação se imporia. (1)

Assim, uma grande provincia, interessada em manter uma politica aduaneira livre cambista, para que não fosse soffrer as represalias de paizes seus compradores,

1) "Nenhuma união se manterá contra o choque de varios interesses dos grupos sociaes e politicos quando, na estrutura e na argamassa desses grupos, a sua força de cohesão por menor que a dos danos que acarreta a perturbação das incompatibilidades economicas, financeiras e politicas decorrentes desses attritos. A persistencia, ou repetição continúa de taes perturbações transforma o estado estavel da comunidade para o estado instavel; transmuda a situação de confiança em espectativa de desconfiança, crea estados mentaes oppostos entre as intelligencias conductoras, gerando, consequentemente as incompatibilidades para a vida politica em commum, dando origem ao divorcio nacional". (Sousa Lobo, "São Paulo na Federação", 16).

poderia ella persistir com satisfação e de livre vontade em uma organisação politica, cujo proceder fosse exactamente o opposto?

Uma entidade qualquer de uma nação, que contribuisse para essa nação, com rendas fiscaes e industriaes que excedessem de uma razoavel proporção, haveria, por força de se sentir prejudicada e só continuaria na convivencia de um modo constrangido.

Penso ser o interesse economico o mais importante director de um grupo humano qualquer. E' elle, quem o orienta, quem o dirige, quem o guia. (1)

Naturalmente é preciso haver consciencia desse estado de facto. Essa consciencia, póde demorar em surgir; póde levar tempo em se concretisar, mas uma vez ella estabelecida, nada poderá mudar as consequencias.

Estas terão de vir, como um phenomeno biologico, que força alguma poderá deter.

*
* * *

Eis um ligeiro esboço das condições em que se fundem as nacionalidades.

Dahi deve-se concluir que não haja povos extranhos, que sem laços de homogeneidade, possam viver em communhão politica com outros?

Sim, ha.

1) "Quando as cousas materiaes de uma região cream na esphera das relações politicas, juridicas, financeiras e commerciaes, formas de processo e instituições incompativeis com as formas correspondentes creada pelas cousas materiaes de outras regiões, os seus respectivos povos se deparam antagonicos, não tem mais interesses communs e estão virtualmente separados". (Sousa Lobo, loc. cit., 18).

Nos Estados Unidos da America do Norte, povos em massa, vivem, lado a lado, sob a mesma égide da liberdade norte americana, porém, fóra da nacionalidade do paiz. Lá existem 2 milhões de italianos, um milhão de polacos, um milhão de inglezes, um milhão de irlandezes, um milhão de escandinavos, meio milhão de tchecos, meio milhão de austriacos e cerca de 11 milhões de negros.

Nessa heterogenidade, porém a força de assimilação dos yankees vem favorecida pela sabia politica dos governos, que estabelecem igualdade justiceira de condições e de direitos, para todos. Não ha oppressão, não ha esmagamento. Os interesses economicos não obrigam a divergencias, mesmo porque não ha grande heterogeneidade. O paiz estendido sobre parallellos geographicos, apresenta minimas diversidades ambientaes. (1)

1) Os Estados Unidos constituem uma organização absolutamente "sui generis" a qual se processou de modo inteiramente opposto ao de qualquer outro.

Senão, vejamos.

Façamos assim um parallelo da formação politico-social desse paiz com a do Brasil.

Os Estados Unidos no momento da sua independencia, ao sahir do ovo portanto, se reduziam ás 13 colonias primitivas do New England e da Virginia. Tinham cerca de 3.000.000 de habitantes, em uma área territorial de menos de um milhão de km.

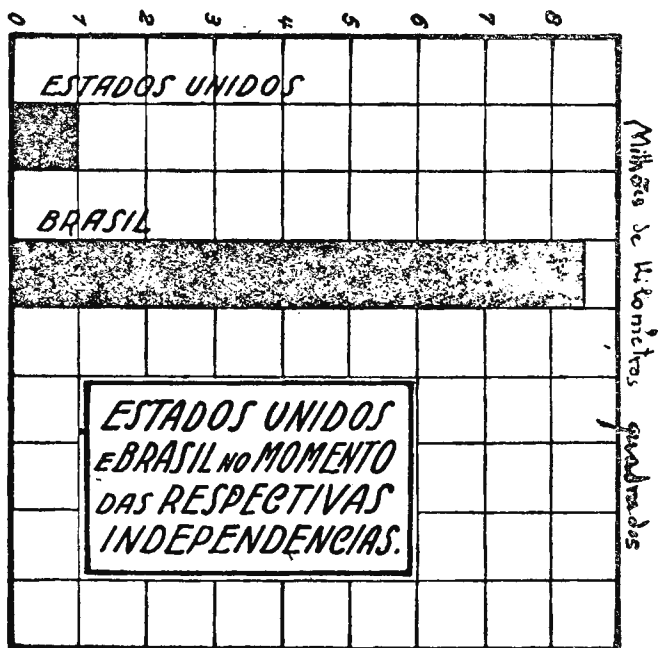
Eram, porém, 3 milhões de habitantes, absolutamente homogeenos, sob qualquer aspecto, menos o da religião.

Eram apenas uma estreitissima faixa, comprimida entre os Apalaches e o Atlantico, desde o S. Lourenço até a Georgia.

O Brasil foi inteiramente differente.

O tratado de Madrid, em 1750, no qual a habilidade de Alexandre de Gusmão fez a Hespanha reconhecer, de juris, o revogamento do me-

E' mais igual, mais homogeneo. Além disso, os corpos estranhos não foram trazidos de um só jacto. Elles se toram sedimentando paulatinamente, diluidos na mas-



A notar como eram os Estados Unidos pequenos, se restringindo á faixa atlantica no momento da Independencia; enquanto que o Brasil já tinha todo o seu territorio. Os norte americanos só depois da Independencia conquistaram o seu territorio e formaram o seu paiz.

ridiano de Tordezilhas e o "uti possidetis", já estabelecia para o paiz uma área de cerca de 8 milhões e meio de kilometros quadrados.

Assim, enquanto que os norte-americanos, formavam u'a massa compacta e homogenea em uma área restricta, a população brasileira,

sa immensa da população preexistente, que os foi assimilando, que os foi influenciando, nivelando-os de modo a permittir a convivencia. Veja-se o que, a esse pro-

já se esparramava por uma área oito vezes e meia maior, em nucleos de isolamento, que tendiam para os ir differenciando, sempre augmentativamente.

O Brasil, então, já tinha a mineração em Cuyabá, já penetrava no Amazonas, já povoava fortemente o Nordeste, como já minerava em Goyaz, em Minas, como já mantinha criação no Piahy, na Bahia, e no Rio Grande já o povoamento iniciado pelos paulistas ia em crescendo.

O seculo XIX foi testemunha da formidolosa expansão norte-americana, o Brasil então, já se emparelhava com os Andes em suas frontêiras actuaes, havia um seculo. (*)

*) As 13 colônias fizeram a independencia na ante-penultima decada do setecentismo.

Em 1803 os norte-americanos compraram a Luisiana da França.

Então só, com as terras hespanholas se ia até o Pacifico. Antes disso era o Missisipi o extremo limite occidental da Republica.

Em 1819 os Estados Unidos receberam a Florida da Hespanha e só em 1845 annexaram o Texas, antes ao Mexico pertencente.

Em 1848 tomaram do Mexico a California, o Arizona, o New Mexico, o Utah e a maior parte do Colorado.

Só em 1853 os norte-americanos, com a rectificação comprada ao Mexico incorporaram ao Arizona a ultima nesga de terra que lhe daria a actual configuração.

Em 1867 compraram o Alaska da Russia.

A primitiva massa compacta, norte-americana, se foi desdobrando, se multiplicando, etc., sempre na homogeneidade racial, de troncos anglo-saxonicos, que conservavam a identidade da psychologia, do sentimento, etc., primitivos das 13 colonias inicias.

Era uma população homogenea que crescia de dentro para fóra, depois de assimilar os elementos, que de fóra lhes vinham, transformando-os na bitola que lhes vinha servindo desde Washington. (*) Só nos

*) All spoke the same language. All except a few descendents of Dutchmen and Swedes in New York and Delaware some Germans in Pennsylvania, some children, of French Huguenots in New England and the middle States, belonged to the same race.

posito nos relata Siegfried, nas suas syntheses magnificas sobre esse paiz. Ainda mais: a enorme multiplici-

fins do seculo passado, quando se iniciou para lá a immigração italiana e a slava, é que os norte-americanos começaram a receber gente exotica ao seu homogeneo tronco primitivo. Ahí já a nação estava formada e a questão se resumia a uma maior ou menor assimilação.

No Brasil foi profundamente differente! A população logo se esparramou pela vastidão de uma área enorme, isolando-se pequenos nucleos, que sem communicações se foram differenciando. Assim a população foi crescendo com directrizes oppostas. Foi crescendo centrifugamente.

No Brasil não foi como na America do Norte que se deu.

O Norte cresceu em população de dentro para fóra, com a predominancia das estirpes indigenas e africanas mais adaptaveis ao clima torrido do Brasil.

No Sul onde a rudeza do clima equatorial é attenuada pela latitude e pela altitude, a população, além de augmentar de dentro para fóra, cresceu tambem de fóra para dentro, com a entrada de grandes correntes immigratorias concentradas em certas regiões.

Assim, o portuguez no Rio, o italiano em S. Paulo, o polaco no Paraná, o teuto em Santa Catharina, etc.

Dahi a heterogenicidade era fatal.

Quando a immigração teve inicio, não foi ella esparramada igualmente por toda a área territorial do paiz, mas sim concentrada no extremo Sul.

All, except same Roman Catholics in Maryland, professed the Protestant religion.

All were governed by the same English Common Law, and prized it not only as the bulwark which had sheltered theirs forefathers from the oppressions of the Stuart Kings, but as the basis of their more recent claims of rights against the encroachment of George III and his colonial officers.

In ideas and habits of life there was less similarity, but all were republicans, managing ther affairs by elective legislatures, attached to local self-government, and animated by a common pride in their successful resistance to England, which they then hated whith a true family hatred, a hatred to which her contemptuous treatment of them added a sting.

dade de communicações rapidas e faceis dá aos Estados Unidos a metamorphose em paiz de área reduzida

On the other hand their geographical position made communication very difficult. The sea was stormy in winter, the roads were bad, it took as long to travel by land from Charleston to Boston as to cross the ocean to Europe, nor was the journey less dangerous. The wealth of some States consisted in slaves; os others in shipping; while in others there was a population of small farmers, characteristically attached to old habits. Manufactures had hardly begun to exist." — Bryce — "*American Commonwealth*", 21, vol. I).

Além disso ella vinha, de inicio de uma estirpe ethnica differente da iberica: a germanica.

Depois, foi a corrente italiana, que se fez sentir, no fim do seculo, já para outra região differente da primeira, mas ainda para o Sul.

Assim o Brasil cresceu, não de dentro para fóra como os norte-americanos, isto é, por desdobraimento, por tresdobramento, etc., mas de fóra para dentro. Não por multiplicação das entidades homogeneas primitivas.

Emquanto isso se dava na parte Sul do Brasil, o Norte crescia de dentro para fóra, mas em grupos isolados e portanto heterogeneos, que insensivelmente se iam diversificando, na mentalidade, no sentimento, etc., ainda que se conservassem iguaes em lingua e em religião com o Sul, já profundamente differente.

A isso temos a acrescentar que os phenomenos de desdobraimento, de tresdobramento, norte-americanos iam se realizando em ambientes physicos mais ou menos iguaes, dentro de parallelos, que em latitude differiam apenas em 13 gráus, os quaes acima do tropico de Cancer marcavam mais ou menos os mesmos isothermos, etc. Emquanto isso o ambiente physico em que se espalhavam os brasileiros, atravessava cerca de 40 gráus de latitudes differentes, marcando climas os mais diversos, não só quanto á temperatura mas quanto á humidade, á pressão barometrica, o regimen de ventos, etc.

Emquanto que os norte-americanos tinham uma igualdade de ambientes o Brasil tinha a super-humida Amazonia, o super-secco Nordeste, ambos torridos, e o Sul já temperado, com um apendice abaixo do tropico de Capricornio.

Mas além de tudo isso, os Estados Unidos possuem uma densissima rede de communicações que suprime distancias, etc., fazendo o paiz diminuir formidavelmente em tamanho a esse respeito. Emquanto isso o Brasil está em situação exactamente opposta, com immensos desertos, entreando os poucos nucleos de população que possui.

para a homogenisação de populações. Essas communicações fundem, reduzem, essas mentalidades, que uniformizadas tem um poder assimilador formidavel. (1)

*
* *

Para se ir de Goyaz ao Amazonas levam-se 2 mezes; entretanto de S. Francisco da California a Nova York levam-se 4 dias. (*)

*) As communicações, os contactos homogenisam, suprimem as differenças.

O isolamento age em sentido contrario.

Isso é facil de comprehensão e dispensa maiores explicações.

O Brasil não tem communicações faceis e abundantes. A grandeza do territorio, com suas grandes distancias e a difficuldade dos accidentes geographicos fazem essas communicações quasi nullas.

Ellas se fazem mais por mar.

Por terra existem 3 blocos separados de ferrovias, no paiz, os quaes não se ligam: o do Nordeste, o do Centro, o do Sul.

Como, por mar, a navegação de cabotagem, só pôde ser feita por navios nacionaes, ella é fraca, cara e diminuta.

Os que fizeram a lei de 91, quando acertavam nesse dispositivo de restricção da navegação de cabotagem trabalharam inconscientemente pela desintegração da nacionalidade.

Esse é o facto.

1) Lá os centros industriaes tem os seus mercados de consumo a pequena distancia, ainda diminuida pelas communicações multiplas que existem.

Outros paizes tem seus centros de producção muito distantes dos seus centros de consumo de modo que esses centros ficam com seus interesses antagonicos.

Eis o Imperio britannico, por exemplo.

E' muito mais difficil conciliar os interesses de todas as unidades desse imperio, as quaes se situam mais distanciadas, de que os da Federaçáo norte-americana, que se avizinham e se aproximam ainda mais pelas vias ferreas e rodovias que super abundam nos Estados Unidos.

Eis approximadamente o complexo de causas que determinam a formação de nacionalidades. Uma são mais importantes do que outras; umas têm o seu máximo valor em um certo estagio historico; outras concorrem com mais forças, quando encontram as oppor-tunidades mais favoraveis; outras ainda interferem com mais energia em certos casos.

E' em todo caso, nesse complexo de condições que repousam as organizações nacionaes. As mais solidas, as mais concretas, se embaseiam, naturalmente em maior numero de factores, em maior concomitancia de attributos, outras, ao contrario, são mais pobres dessas intercorrencias, não conseguem reunir tantos elementos causaes.

Para cada caso especial, estudados bem esses documentos, a therapeutica offerece um determinado modelo de organização politica. A cada caso particular corresponde uma determinada fórma de governança. Que- rer fugir a essa correspondencia é fatalisar más conse- quencias, que o tempo se encarregará de demonstrar, orientando de modo diverso os destinos dos grupos hu- manos. Não acceitar a exacta situação que clama por um determinado regimen, é procurar se illudir com palavrórios ôcos e demagogicos, bem como com a falta de visão dos incultos, é vender os proprios olhos e pro- curar um precipicio para os desmantelos das nacionali- dades. (1)

1) Procurando no mundo um simile para o Brasil, com ás suas con- dições de grandeza territorial, communicções quasi que nullas pelas distancias immensas a separar as diversas partes, situadas em regiões geographicas differentes, nós encontramos o Imperio Britannico. Este é um paiz que se assemelha, de certo modo ao Brasil. Grande pela sua extensão territorial, possui muitas diversidades geographicas, pois que as suas partes estão situadas em regiões differentes, que se communicam

§ 3.º — O CASO CONCRETO

Nós verificamos em doutrina o conceito de nacionalidades.

Vimos como ellas se constituem e quaes os laços que as prendem.

difficilmente entre si. O Brasil, é tambem um paiz de grandeza territorial notoria, composto de partes diversas, situadas em varias regiões geographicas, as quaes difficilmente se communicam entre si, não afastadas pela distancia em kilometros, mas sim pela distancia em tempo, pois que os meios de communicação no paiz são raros, caros, custosos, máus e emperrados pela ferrugem da falta de energia economica a os impulsionar.

Aliás um paiz de grande extensão territorial é por força um paiz heterogeneo.

Um paiz de grande extensão territorial, tem sempre grande diversidade de ambientes, ou antes tem muitos ambientes physicos.

Estes e os sociaes, em isolamento vão modelando os grupos de individuos de modos differentes, dando a elles morphologia diversa e regional, adaptando-os aos seus contornos.

Traçam rumos evolutivos em divergencia, para cada um dos grupos isolados; — obrigando-os a uma marcha descentrica do homogeneo para o heterogeneo. O regionalismo vae tomando proporções enormes.

Veja-se por exemplo o Imperio Britannico.

E' um mosaico, composto de unidades situadas em ambientes graphicos dispaes e muito distanciados uns dos outros.

O Canadá, na America gelada. O South Africa, pouco abaixo do Capricornio. A Australia mais ao sul. A India acima do Equador. A Inglaterra, ilha no Atlantico, nas brumas, humidas e frias do mar do Norte. A Irlanda sob o morno Gulf Stream, etc.

Os individuos sahidos da matriz commum e homogeneos, vão caminhando na senda da diversificação, da heterogenização. Os espiritos regionaes vão se separando.

Não pôde haver communicações facéis entre esses grupos. Cada um delles se situa longe dos outros, em relativo isolamento.

Estamos a cada instante a verificar a marcha centrifuga accelerada em que caminham esses grupos sociaes.

A historia contemporanea da organização britannica outra cousa não demonstra. Eis o que fazem ambientes geographicos dispaes, em acção conjuncta com o isolamento. Não querer ver isso, é mostrar

Vamos agora ver a applicação disso que ficou estabelecido, ao que nos está interessando directamente.

Quaes são os attributos da nacionalidade brasileira?

E' esta um todo compacto e homogeneo?

Tem ella laços fortes, que a possam manter unida?

Quaes esses laços?

Qual a therapeutica que o estado de facto apresentado pela nacionalidade brasileira está a exigir dos feitores da constituição politica que a deverá reger?

E' o que vamos examinar.

Em primeiro lugar passemos, de relance, uma vista de olhos sobre o campo de observação que é o Brasil.

O Brasil, evidentemente não tem identidade de raça. Não ha quem queira pretender que o Brasil, preenche o requisito, inicialmente nomeado na lista dos attributos possiveis de uma nacionalidade.

Já desprezando os aprofundamentos da questão, vejamos como se nos apresenta ella, por simples golpe visual.

Cada zona geographica brasileira tem recebido gente immigratoria de variadas raças e da mistura com a gente preexistente.

muita paixão, ou demasiada dóse de má fé, ou ainda intoleravel e abusiva ingenuidade.

O que me parece, porém, mais forte, além de tudo, como nexo ligador de uma nacionalidade é a commuidade de interesses economicos.

E' preciso que todos os interesses economicos de uma nação, se afinem pelo mesmo diapasão, não se contrariem, não se façam antagonicos.

Se um grupo de individuos tem um determinado interesse economico, como exigir-se que elle se ligue estriictamente a outro, cujo interesse economico é exactamente opposto? A divergência desses interesses economicos se repelleriam.

Um dos grupos sairia prejudicado, para que houvesse satisfação de outros.

Lá no extremo Norte, na Amazonia, onde os banhados se succedem, naquella rêde fluvial immensa que é o emmaranhado liquido de meandros e de mil canaes subsidiarios do rio mar, o indio preponderou sobre os demais, na hybridação com o portuguez, fazendo dominantes todos os seus caracteres raciaes.

Ainda que, de certo modo branco, o individuo dessas regiões e falando portuguez, tem elle a conformação anatomica do amerindiano. O portuguez só teria influido na côr da pelle e nos cabellos, nos quaes o negro deixou uns pouco vestigios.

No Nordeste do paiz, onde a secca retosta o chão calcinado e desnudo, o homem conservando ainda a preponderancia na sua formação, do factor amerindiano, já apresenta uma conformação anatomica especial, parece que advinda de uma tribu indigena dos kariris. E' a brachy-platycephalia do nordestino, testemunha incontestada do que ficou dito.

O amonçoilamento do typo nordestino já é classico e por demais sabido, para que honestamente possa ser contestado. Se ás vezes esse amonçoilamento desaparece, deixa entretanto a platycephalia, vestigio do amerindiano, marcando aquillo que os sulinos chamam, sem sentido pejorativo aliás, de "cabeça-chata".

No Centro do paiz, isto é, na Bahia, no Rio e em Minas, o negro, de pouquissima influencia no typo predominante no Nordeste, é de tal modo accentuado, que a população dessas localidades é bem tiznada, não obstante se ir clareando paulatinamente, pela ininterrupta immigração luza, que entra pelos portos dessas regiões, especialmente pelo Rio de Janeiro.

Eis a dolicocephalia, além da côr fortemente amorenada dessa gente brasileira, das regiões que ficaram citadas. E' um nucleo de cerca de 17 milhões de indi-

viduos, que não podem negar essa conformação profundamente diversificada da do Norte do paiz. Não é só a anatomia desses brasileiros centraes, que se faz differente; é a physionomia que diverge tambem, de modo a se patentear aos olhos menos experientes e menos curiosos.

No Sul, o italiano, naturalmente clareou o povo, e nesse sentido tambem agiu o polaco, o allemão, (1) etc. A porcentagem de individuos louros é formidavelmente maior do que nos nucleos supra mencionados.

1) "Dispondo de uma população que attingira a 2.182.713 individuos, pelo censo de 1920, o Rio Grande do Sul conta 840.000 habitantes, isto é, 30 % de sua população oriundos de estrangeiros e seus descendentes assim distribuidos por nacionalidades, conforme se infere da mensagem do Presidente do Estado, de 1922:

Luzo-brasileiros 140.000; allemães e descendentes 330.000; italianos e descendentes 260.000; polacos, russos e descendentes 80.000; diversos 30.000.

Pela somma das parcellas não luzas, comprehende-se quão notavel é a modificação operada no lastro historico dos povoadores das regiões riograndenses, isto é, entre cem estrangeiros e seus descendentes o portuguez figura com 16.66 % e os outros elementos raciaes differenciadores com 83.34 %.

A predominancia da immigração allemã em Sta. Catharina, creou uma vida economica rural, completamente diversa da vida contemplativa e esteril de outros tempos. E isto ainda aggravado pela mesma carencia de communicações e falta de escolas nacionaes superiores ás escolas allemãs pelo methodo e pelo material, tornou esse Estado uma entidade quasi exotica na Federação, ao ponto de serem em allemão escriptas as actas de varias de suas camaras Municipaes".

Sousa Lobo, loc. cit. 31.

Quanto ao Paraná, com a introdução até o anno de 1919 de 106.000 immigrantes, que se localisaram em 117 nucleos coloniaes afóra os que se espalharam pelas cidades e logarejos do interior, o substractum da raça está agora muito modificado pelos elementos de gente branca européa, notadamente de origem russa e polaca que difundiram, no Estado, os habitos de trabalho, de cultura, economia e riqueza. Demais, o

O indice craneano desses brasileiros se eleva um pouco mais e as proporções somaticas tendem ainda a se diversificar na mesma relação.

Paraná nunca fora séde, no tempo do Imperio, de grande escravatura, por não possuir, por essa época, as extensas propriedades agricolas, como já então, possuíam S. Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.

Que o quadro da formação racial do Sul do Brasil é completamente differente da formação do Centro e do Norte do Brasil, não resta a menor duvida.

Para comprovação disso, é mister buscarmos não uma estatística recente, porém, a de uns trinta annos atraz.

Porque só um passado de tal periodo, no minimo, produzirá effeitos actuaes na geração que começa alcançar a maioridade.

Consultemos o "Boletim da Directoria Geral da Estatística", organizado por occasião da exposição nacional de 1908.

Por esse documento official ve-se que, em 1900, quando a extracção da borracha amazonica attrahia o elemento de alem mar, eram as seguintes as porcentagens dos estrangeiros nos diversos Estados:

NORTE

Amazonas	1.30
Pará	1.01
Maranhão	2.41
Piauhy	0.49
Ceará	0.55
Rio Grande do Norte . . .	0.31
Parahyba	0.53
Pernambuco	0.92
Alagoas	0.52
Sergipe	0.51
Bahia	1.39
<i>Porcentagem do Norte . . .</i>	<i>0.90</i>

CENTRO

Goyaz	0.72
Minas Geraes	3.94
Espirito Santo	15.70
Rio de Janeiro	6.23
Districto Federal	24.83
<i>Porcentagem do Centro . . .</i>	<i>10.28</i>

Quem poderia, em sã consciencia, alimentar a pretenção de homogeneidade racial deante de um quadro desses?

Só mesmo a ignorancia, se a má fé já tivesse sido de todo banida.

Em referencia ao Rio Grande do Sul a descentralização tambem é interessante. Vejamos:

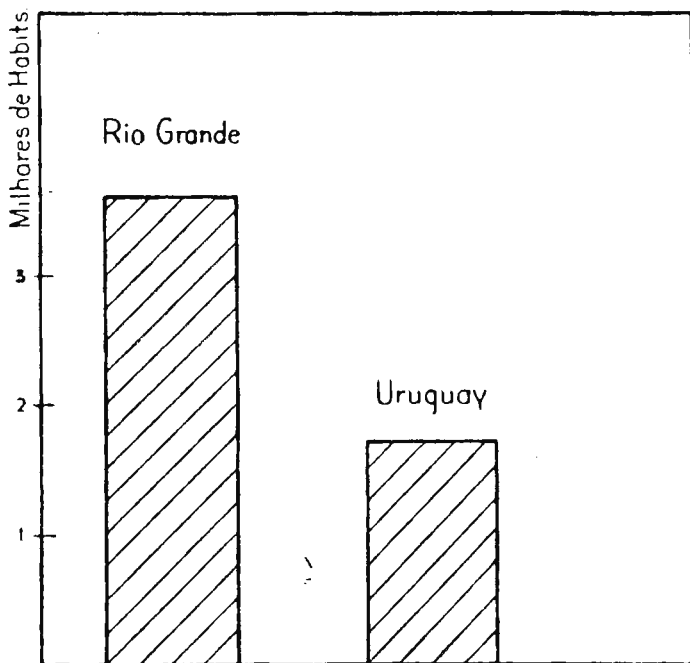
A distribuição politica dos povos na America do Sul, nos apresenta um curioso simile, o qual deve ser posto em maxima evidencia, no momento que atravessamos.

SUL

S. Paulo	23.18
Paraná	13.79
Santa Catharina	10.03
Rio Grande do Sul	12.26
Matto Grosso	10.34
Porcentagem do Sul	13.92

Com semelhantes desproporções de elementos ethnicos dos quadros dos tres differentes grupos da população do Brasil, claro é que o typo physico, a plastica da raça, os sentimentos politicos, as idéas de esthetica, as inclinações economicas e até mesmo as crenças religiosas o, consequentemente a moral individual e social tudo isso, não pôde ser o mesmo para cada grupo. A persistir o presente estado do cousas, constituirão esses grupos, forçosamente, novos systemas politicos, com estados mentaes profundamente diversos uns dos outros e rigorosamente caracterisados, tanto quanto é o portuguez do allemão e este do italiano. Dahi o Brasil perdeu de facto, todas as características de nação, modificando a sua estrutura originaria para se plasmar na forma de *Estado* com uma capacidade de differenciação tal que, a meu ver, sómente o ensaio de uma nova forma, compativel com as condições de existencia de suas partes, pôde crear uma força de cohesão capaz de conter a unidade nacional: — a confederação.

A Republica Oriental do Uruguay esteve integrando a communhão brasileira e só em 1828, obteve della o seu completo segregamento, vivendo, portanto, durante mais de seculo, em completa independencia.

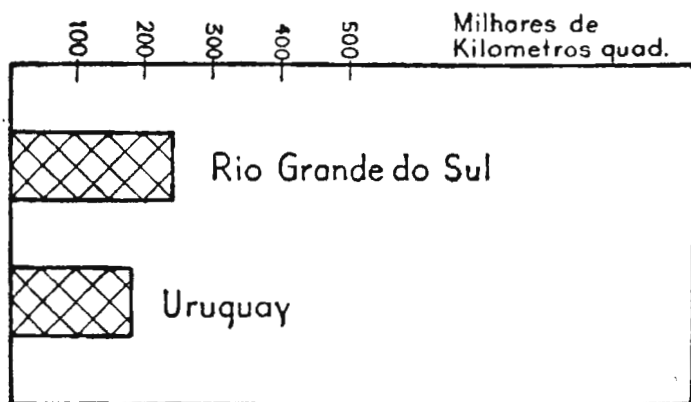


O Estado do Rio Grande do Sul, circumscripção territorial limitrophe do Uruguay, quiz igualmente se livrar dos laços que o prendiam a essa communhão brasileira. Foi assim que durante 10 annos, de 1835 a 1845, sustentou acesa luta, só em 1891 obtendo unia autonomia, pelo advento da Constituição republicana.

Essas duas entidades, Uruguay e Rio Grande do Sul, apresentam uma grande porção de similitudes e de afinidades, mas não são causadoras de phenomenos identicos.

Territorialmente, o Rio Grande é bem maior do que o Uruguay:

Rio Grande	240.000 kms. quadrados
Uruguay	180.000 kms. quadrados

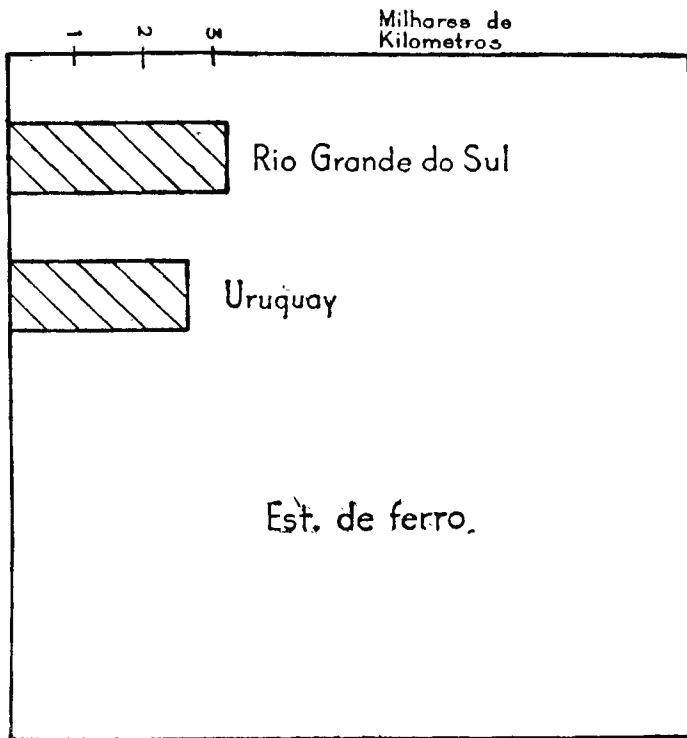


Ha uma differença contra o Uruguay de 60.000 kilometros quadrados, isto é, 25 % do total.

Quanto á população, ainda é maior a differença:

Rio Grande	3.300.000 habitantes
Uruguay	1.700.000 habitantes

Vê-se que o Rio Grande tem quasi o dobro da população uruguayana.



O Rio Grande tem a sua viação ferrea construida por dinheiro da Federação brasileira. Ainda nesse particular elle sobreleva o Uruguay. (1)

1) A viação ferrea rio-grandense foi construida pela União e arrendada ao Estado pelo paulista Pires do Rio, no governo Epitacio Pessôa. Essa viação não dá balanços deficitarios, mas não permite o pagamento á União de quotas de arrendamento.

Rio Grande	3.200	kilometros em linha
Uruguay	2.600	kilometros de linhas

O factor humano no Rio Grande, sendo em muito maior quantidade, é, no tocante á qualidade, mais ou menos o mesmo que no Uruguay.

Gente da mesma estirpe iberica, teria sido a base sedimentadora das populações dessas duas regiões. Sobre ella o Uruguay teria recebido os mesmos elementos e mais italianos em certa profusão, o mesmo acontecendo ao Rio Grande, que teve em addição uma colonisação germanica que o Uruguay desconheceu.

Os ambientes mesologicos, são mais ou menos os mesmos no Rio Grande e no Uruguay.

A mesma climatologia, o mesmo relevo acochilhado, do sólo, a mesma abundancia de pradarias bem irrigadas, etc. Apenas nisso, talvez, o Rio Grande possua uma vantagem.

E' que o subsólo do Uruguay deve ser ainda mais pobre, além de ser o Rio Grande, algo mais apto do que o Uruguay nos mistéres agriculturaes, pois que, a sua região serrana, já escapa do regimen pastoril, em que ainda está mergulhado o Sul do Estado.

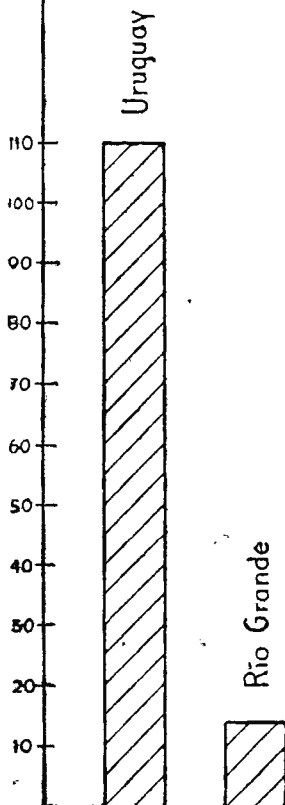
Com tantas afinidades, com tantas semelhanças e similitudes, essas duas regiões deveriam produzir resultados tambem similares, com alguma vantagem do Rio Grande, maior, mais populoso, mais rico, etc.

Mas ha uma profunda differença, que separa por completo essas duas regiões.

O Rio Grande é ainda méra parte de um paiz. Elle disfructava apenas de uma autonomia, em um regimen federativo de muita centralisação, como era o brasileiro; e o Uruguay é, ha mais de seculo, um paiz soberano.

Exportação per capita
durante 10 anos

Libras esterlinos



Eis a razão da disparidade das suas entidades em campo de produção economica.

Penso, por isso, que se compararmos essas duas entidades geographicas chegar-se-á ao seguinte resultado, no tocante á exportação de cada uma, em libras, durante dez annos seguidos:

A média *per capita* da exportação, durante esses dez annos:

Uruguay	110 £
Rio Grande	14 £

Essa desproporção, pela qual o uruguayo exporta cerca de 8 vezes mais do que o rio-grandense, tem uma causa poderosa.

Eu a faço residir em que o uruguay é soberano e o rio-grandense tem sido um pouco autonomo.

Se não fôr essa a causa, que se prove o contrario.

Vejamos com rapidez:

O Rio Grande do Sul concorre para a receita da União com cerca de 125.500:000\$000, isto é, cerca de 6 % do total arrecadado nos Estados. Em troca o Rio Grande do Sul recebe da União, metade unicamente, ou sejam 63 mil contos de réis, ou ainda 3.0 % do total que gasta o paiz. Ora, dahi tem-se a concluir que esse Estado está sendo prejudicado na sua economia.

E' interessante a essa circumscripção brasileira continuar o regimen em que temos vivido?

Claro que não. Busquemos remediar o mal.

Onde está esse remedio? Evidentemente na descentralisação, na Confederação.

Só não o vê quem não quer.

Além disso, temos que, a União já dispendeu muito dinheiro na construcção da rêde ferrea rio-grandense.

Tudo ou quasi tudo, que ali existe, em materia de ferrovia, é construido pelo paiz, que precisou capitães para isso e teve de os emprestar do estrangeiro, pagando serviço de juros e de amortisação.

Foi a União que cuidou da barra do Rio Grande, dando possibilidade de acesso aos portos dessa região extremo-sulina da Republica. Isso custou não pouco dinheiro e a União teve de emprestar e ainda paga serviços de juros, que avultam depreciativamente no orçamento geral.

Pouca cousa restaria ao Rio Grande para completar o seu arcabouço economico. Tem-se a impressão que, com pequenos prolongamentos ferroviarios, que o Ministerio da Guerra está construindo, e com o porto de Torres, o Rio Grande ficaria em estado de poder se livrar, de vez, dos favores federaes.

Assim sendo, o que lhe prenderia á centralisação, diminuidora da sua autonomia, cerceadora da sua liberdade e sugadora de suas finanças?

Uma politica financeira dessa União, adversa aos seus interesses financeiro-economicos, não lhe seria muito mais fatal?

Vê-se, pois, com espantosa evidencia, que o interesse desse Estado do Rio Grande do Sul, está na descentralisação, na Confederação.

Não é só S. Paulo que deve isso pleitear.

Ou antes, S. Paulo não pleitearia isso, só para si.

*
* *
*

Vimos como é um flagrante absurdo se falar em homogeneidade racial, da nacionalidade brasileira. (Oliv. Vianna: "*Raça e Assimilação*").

Mas é innegacl que todos os individuos componentes dessa nacionalidade se exprimem em um só idioma. (1)

O portuguez serve de vehiculo ás idéas dos habitantes deste paiz.

Mas, lembro-me sempre do velho aphorisma spenceriano, da chamada theoria organica, que por muito estafado nunca é demais ser citado. Tudo partindo da homogeneidade indefinida, vae para a heferogeneidade definida. Se o idioma, ainda está na phase da homogeneidade, é porque, ainda não houve tempo para que os diversos nucleos de população, isolados e sem communições, evoluíssem differentemente as suas linguas. (1)

Nós bem sabemos como as linguas têm as suas origens na homogeneidade e caminham para a heterogeneidade. O velho latim, produziu uma seriação enorme de idiomas, hontem ainda confundidos e hoje perfeita-

1) "Historicamente só por um milagre se explica o facto de permanecer o Brasil unido, pois, tudo facilita e determina o seu desmembramento.

A lingua nada vale como coefferiente politico, nos dias correntes onde o factor economico é a unica força que approxima as nações.

A raça e sua alma permanecem, embora a lingua desapareça. O exemplo classico, são os celtas e a lingua franceza, com suas raizes e syntaxe latinas. Os negros no Brasil, trocaram as linguas da Africa pelo idioma portuguez, e nem por isso, perderam a alma africana, o caracter africano, a musica africana e a dansa africana.

Entre povos que não estão unidos por interesses economicos, jamais poderá haver união politica, embora professem a mesma religião, falem a mesma lingua ou provenham da mesma fonte historica".

Sousa Lobo, "S. Paulo na Federação", 24.

2) Sobre a theoria spenciariana, chamada "theoria organica", foram a favor Augusto Comte, Tarde, Letourneau, De Greef, Fouillé, René Worms, Gumplovics, Ahrens, Waitz. Sobre o mesmo assumpto leia-se ainda Schäffle ("Bau und Leben des socialen Körperes") ou Paul Liliensfeld ("Gedanken über die socialwissenschaft der Zukunft").

mente definidos. E' a applicação manifesta e evidente do citado axioma de Spencer.

O Brasil, um paiz novo, que se vem formando depois do aparecimento da imprensa, grande agente combatente do isolamento, ainda não teve tempo de soffrer as consequências disso. Ahí as communicações pelo mar entre os grupos humanos existem, uma vez que, o povoamento, ainda não penetrou profunda e efficientemente no hinterland do paiz.

Para a diversificação, é necessario o isolamento que é a causa da formação de linguas diferentes.

Essa é a causa de ter o Brasil, por emquanto, homogeneidade de idioma, homegeneidade essa que já vae tendendo a desaparecer com o modo de falar, que começa a se differenciar do Norte e no Centro, como o brasileiro, já não mais fala de modo absolutamente igual ao portuguez. O isolamento não tem sido bastante forte para eliminar a identidade de idioma. (V. Mario Marroquim, "*A Lingua do Nordeste*").

E' innegavel, entretanto, a existencia desse laço nacional.

A existencia delle, entretanto, não impediu o fraccionamento em 9 paizes diferentes, da America sulina hespanhola, nem impediu o esfarelamento em 9 paizes, ainda da America Central, nem faz com que o Canadá, parte da Belgica e da Suissa, sejam unidos á França, ou que a Austria e parte da Suissa, fossem unidas á Alemanha.

A existencia desse laço, não impediu que o Brasil se desgarrasse de Portugal, nem que as 13 colonias norte-americanas se separassem da Inglaterra, nem que as colonias hespanholas se fizessem independentes da velha Hespanha.

A existencia desse laço não faz com que a Corsega, a Saboya, a ilha de Malta, etc., se unam á Italia.

A ausencia delle não impede que a Hespanha englobe a Catalunha, ou as regiões bascas; não impede que a Escocia, a Inglaterra e Galles communguem na mesma organização politica, nem que a Belgica ou a Suissa, formem unidades politicas com povos que usam varios idiomas, etc.

*
* *

A mesma cousa se dá com a religião.

Pensò que, senão a totalidade, ao menos a immensa maioria da população brasileira seja officialmente catholica. Digo officialmente, porque o número de catholicos praticantes é innegavelmente insignificante, perdido na maior ou menor indifferença geral.

Mas ninguem poderia negar esses dois laços — lingua — e religião —, que tendem a homogenisar a nacionalidade. O mesmo não se poderia dizer do laço denominado — tradição historica.

*
* *

O Brasil, sendo uma região geographica enorme, dotado de um litoral continuo, cuja extensão não encontra paralelo no mundo, os portuguezes nelle não penetraram, se contentando em semear nucleos de povoadores ao longo desse litoral.

Verdade seja dita de passagem que as duas unicas vias de entrada no seio do continente: o Amazonas e o Paraná, ficaram pelo tratado de Tordezilhas, em mãos

hespanholas, que só aproveitaram a do sul, deixando a do norte em abandono.

Cada um desses nucleos de povoadores, foi tendo a sua tradição historica propria. Nella fulguraram os seus herões proprios, os acontecimentos de marca, as suas datas que foram sendo consagradas, a sua historia enfim. (1)

1) São do illustre sociologo e publicista fluminense Oliveira Vianna, no seu livro "Populações meridionaes" as seguintes palavras:

"E' costume entre nós falar do povo brasileiro como si fosse uma massa homogenea e unica, distensa, com perfeita egualdade, atravez de uma vastissima superficie de oito milhões de kilometros quadrados, e guardando por toda ella a mesma densidade social e a mesma unidade de composição e de estrutura.

Dos que assim pensam nenhum se deu ao trabalho de desmontar as diversas peças e elementos de que se compõem esse vasto organismo, para ver como elle se formou e como elle funciona. E' natural que d'elle tenham apenas uma idéa vaga, ou uma idéa incompleta ou uma idéa falsa. Levam em conta a unidade da raça, da civilização e da lingua, e não sei o que mais; mas não querem levar em conta a diversidade dos habitats, a sua acção durante tres ou quatro seculos, as variações regionaes no caldeamento dos elementos ethnicos e principalmente a innegavel differença das pressões historicas e sociaes sobre a massa nacional, quando exercidas ao norte, ao centro e ao sul.

Mesmo que fossem homogeneos os habitats e identica por todo o ecumeno a composição ethnica do povo, ainda assim a differenciação era inevitavel; porque — levando em conta somente os factores sociaes e historicos — é já possivel distinguir, da maneira mais rapida, pelo menos tres historias diferentes: a do norte, a do centro-sul, a do extremo sul, que geram por seu turno tres sociedades diferentes: a dos sertões, a das mattas, a dos pampas, com seus tres typos especificos: o sertanejo, o matuto, o gaúcho. E' impossivel confundir esses tres typos, como é impossivel confundir essas tres sociedades, como é impossivel confundir essas tres historias, como é impossivel confundir esses tres ecumenos. Os tres grupos regionaes não se distinguem, aliás, apenas em extensão; se fosse possivel sujeital-os a um córte vertical, mostrariam egualmente diversidades consideraveis na sua estrutura intima.

Estudando as populações brasileiras do norte e do sul, na sua historia, na sua organização e na sua psycologia, reconheci, desde cedo,

O Norte teve Jeronymo de Albuquerque Maranhão, Souza d'Eça, Soares Moreno, André Vidal, Fernandes Vieira, Camarão, Henrique Dias, Caramurú, Silva Lis-

essa triplice differenciação regional e a consequente necessidade de mudar de methodo, e renunciei a preocupação de reduzir numa só synthese geral a total evolução da nacionalidade”.

O cel. Alvaro de Alencastre no seu “O regionalismo no Rio Grande do Sul”, diz de inicio:

“O Brasil é um vasto scenario, grande demais para manter uniformidade. O Rio Grande do Sul, por exemplo, é um quadro a parte. Apresenta as suas linhas características, as suas personagens originacs, o seu meio claro e perfeitamente definido.

Não deve haver motivo para extranhizas no facto de ser o gaúcho um typo a parte na communhão brasileira.

O paiz é muito grande. Os clementos de differenciação actuan com caracter permanente em muitas circumscripções do territorio nacional. Noutras mais. Noutras menos. Em algumas nada.

E’ natural que decorram consequencias de aspectos tão variados, em todos os ramos de nossa actividade, reflectindo-se sobre a vida da cidade e da campanha.

Os elementos de differenciação, agindo fortemente em certos ambientes, vão modificando modalismos regionaes, ou dando-lhes novas formas ou precisando e definindo os seus caracteres essenciaes.

Não ha nada tão dissemelhante como a região norte e a região sul do paiz”, pg. 9.

O general Góes Monteiro se escandalisa ao constatar que o “Brasil é um corpo sem alma”.

Isso é profundamente natural e inevitavel e incohercível.

Querer empregar a força para comprimir esse phenomeno será contraproducente.

O mesmo cel. Alencastre diz (loc. cit. pg. 12):

“Ha muitas vezes o choque entre os que querem contrariar as tendencias do meio. Serão vencidos”.

Mais adeante esse riograndense diz:

“Nós não temos ainda no Brasil uma alma nacional, mas temos no Rio Grande uma alma riograndense”.

boa, Frei Caneca, Padre Roma, Vieira de Mello, Paes de Andrade, Cotegipe, etc.

O Sul ainda venera com ardor Raposo Tavares, Borba Gato, Tibiriçá, Tiradentes, Feijó, Bento Gonçalves, etc. O Norte teve a expulsão dos francezes da França equinoxial, a guerra hollandeza, a conspiração de Beckman, a guerra dos mascates, a confederação do Equador, a revolução de 1848.

O Sul teve o bandeirismo, a mineração, as guerras dos francezes, a expansão povoadora, as revoluções liberaes de 42 em S. Paulo e em Minas ou de 35-45 da Republica de Piratiny, no Rio Grande.

Só a guerra do Paraguay, e as campanhas do Imperio, servem de elo a um passado commum de glorias.

Isso é muito pouco, em relação á historia de nacionalidades como a franceza, a ingleza, etc. (1)

*
* *
*

Em materia de costumes, a heterogeneidade brasileira é ainda mais marcada.

Cada região tem costumes differentes. Na Amazonia, os costumes, ainda são os de povos caçadores e pescadores, ou de povos que ainda estão mergulhados em todo o primitivismo da extracção. Ahi não ha agricultura organisada, e nem sequer um pastoreio se esboçou, impedido pela conformação do terreno.

No Nordeste, ao lado de um pastoreio sui generis, ha uma primitiva agricultura, que produz o algodão.

1) "Não fôra a energia gigantesca de Feijó, a acção ferrea da sua vontade poderosa, o Brasil estaria desmembrado, dias após a retirada de Pedro I para a Europa". — Sousa Lobo, loc. cit. 21.

Essa agricultura se eleva e se intensifica em Pernambuco com a canna de assucar.

Em Minas, S. Paulo e Rio, já os costumes são mais civilizados. Ahi já existem centros industriaes e fôcos de concentração urbana, e a propria agricultura que constitue o ramo de actividade humana a mais importante, já busca na machina uma intensificação mais apreciavel. E' ahi o centro de maior civilização do paiz, e a diversidade de costumes tem de ser relativa a isso. (1)

No Rio Grande do Sul é o pastoreio, que obriga outros costumes, por sua vez, differentes dos anteriormente mencionados. E' obvio penetrar em detalhes a esse respeito, a consciencia de todos clama essa differença palpavel. (2)

*
* *
*

Existe uma só mentalidade brasileira?

Existe consciencia brasileira?

O paiz unitario quẽ foi o Brasil, no tempo do Imperio, em que havia um nivel de progressão, mais ou menos igual por toda a extensão territorial do paiz, legou á Republica uma unidade.

1) O cel. Alencastre loc. cit. 19 diz:

“Temos os nossos costumes, as nossas tradições guerreiras, a nossa originalidade, o nosso feitio especial, o nosso clima, o nosso pampa.

E' natural, é logico que queiramos ter alguma cousa adaptada a esse scenario, inteiramente particular ao nosso Estado”.

2) Se é certo existir grande numero de agricultores no Rio Grande do Sul, os nucleos destes estão de tal modo proximos dos dos pastores, que elles se influem mutuamente, formando um conjuncto proprio delles, differente do resto do paiz.

O Imperio unitario, havia de facto conseguido uma mentalidade mais ou menos homogenea, uma consciencia mais ou menos geral. Mas o immenso desenvolvimento do paiz durante o regimen republicano, isto é, nos ultimos 43 annos, provocou um desnivel regional, que a unidade de consciencia, no paiz soffreu um colapso innegavel. Foi um terremoto que fez estremecer e despedaçar essa antiga unidade.

O desnivel imitou o esboroamento dos rochedos. Algumas particulas se dilataram mais e as fracturas se abriram em fendas, estas se transformando em rombos, que segregam blócos maiores ou menores, mais ou menos distanciados uns dos outros.

Os ambientes sociaes se foram circumscrevendo de tal modo que os grupos humanos foram destruindo a velha unidade de mentalidade para dar lugar ás mentalidades regionaes que se foram creando.

Isso é aliás, um phenomeno de facilima observação em paizes de vastidão territorial. O Imperio Britannico é bem um exemplo disso.

A consciencia de pátria em paizes de grandes superficies é por força mais tenra, mais fragil, mais ductil, do que em paizes pequenos.

Esse facto de ordem geral, se applica bem ao caso particular brasileiro.

A consciencia nacional se acha diluida confusamente nas consciencias regionaes, que formando accentuados fócios de actividade, perfeitamente marcados e distinctos têm fatalmente que preponderar.

E' um phenomeno de observação historica e quotidiana e ninguem mais põe em duvida.

Existe uma sentimentalidade brasileira?

Existê esse lyrismo que prende todas as nacionalidades, entre os individuos que compõem a população do paiz?

Nos tempos idos quando se ensinava nos collegios o "*porque me ufano do meu paiz*", "*o berço esplendido*", "*a minha terra tem palmeiras...*", é innegavel, havia um lyrismo, que envaidecia os habitantes todos desse immenso paiz, que possuia rasgando o seu "*uber-rimo*" territorio, o maior rio do mundo; que possuia estrofrando em seus ares purissimos, a mais linda quêda dagua do mundo, a maravilhosa Paulo Affonso; que possuia a mais lidima expressão da intellectualidade mundial, que era Ruy Barbosa, symbolo augusto da Brasilidade, etc.

Hoje, que a cultura já nos ensinou que tivemos a suprema desventura de possuir um paiz pauperrimo, em que o homem lucha pelo desbravamento, e para nelle se manter, não ha mais esse orgulho em ser brasileiro. A capa do lyrismo, já não encobre a realidade da pobreza miseravel que vae por dentro dessas vestes multicoloridas e de apparencia de exhuberancia, que o mundo estatico admira.

Não ha mais esse sentimento de vaidade infantil, tão proclamado outróra pelos poetas e romanticos, que ainda não viam que a elevação do terreno brasileiro era a depreciação do homem que nelle tem vivido.

Havia muito mais amor ao sólo do que ao homem. Isso se foi já pela vastidão dos annos!

Depois foram as competições politicas que puze-ram em antagonismo os Estados.

Dahi surgiram as antipathias, que com as oppres-sões dos ultimos tempos têm evoluído para sentimentos mais arraigados de repulsa por parte de uns brasileiros para com outros. Esses sentimentos vão cavando bar-

reiras, que logo serão as que sempre separaram na Europa, os francezes dos allemães, os italianos dos austriacos, os irlandezes dos inglezes, etc. Onde iremos parar nesse terreno?

Como ainda se falar em sentimentalidade commum entre os brasileiros?

Hoje, depois da guerra que S. Paulo sustentou isolado, contra o Brasil inteiro, a antipathia se transforma em sentimento mais profundo e mais amplo. (1)

*
* *
*

1) E estejam certos os brasileiros — si o blóco monolithico paulista viesse a sossobrar na tormenta dos ciumes, numa conspiração tacita em que todos se reunissem para o abater e humilhar, ruiria, desse modo, por terra, o maior esteio da brasilidade, o filão mais precioso e fecundo da raça e da nacionalidade”.

Sousa Lobo — loc. cit. 78.

O que acima eu transcrevo foi escripto com um magnifico espirito de previsão em 1924, 8 annos antes do cataclysma.

O sentimento regionalista paulista, augmentou formidavelmente nestes ultimos 7 annos graças aos actos de governança dos detentores do poder.

A ultima guerra, em que ficou bem patente ser S. Paulo muito mal quisto no Brasil, não fez senão augmentar multiplicadoramente os indices de regionalismo.

O illustre sociologo Oliveira Vianna no seu “*Problemas de Politica Objectiva*”, diz que “*E’ uma illusão funestissima, confiar o perfeito funcionamento de um regimen politico a estados emotivos excepcionaes, a crises de super excitação civica das massas, Essas crises de civismo passam, cessando as causas que as geram.*” (pg. 60).

E’ uma magnifica pagina de psychologia collectiva, mas não se applica ao estado em que se encontra S. Paulo, pois que o motivo principal do seu regionalismo se estriba em algarismos, em estatisticas. Esse motivo, longe de desaparecer, vae se aggravando em progressão geo-

Os interesses economicos, em que eu estribo o principal motivo de uma nacionalidade, para que esta exista, com solidez, precisam ser homogeneos. (1)

metrica, de modo que o sentimentalismo que é o motivo subsidiario, sempre está estribado em base cada vez maior.

Será preciso eliminar essa base de natureza economica para acabar com o estado de alma regionalista paulista. Isso sendo impossivel o regionalismo exige que com elle se conforme a futura organização do paiz. Do contrario haverá a fractura.

Mas não é apenas em S. Paulo que esse regionalismo satura a alma popular.

O Rio Grande do Sul, Minas, o Norte se evidenciam sempre progressivamente cada vez mais regionalistas.

Cada discurso do sr. Oswaldo Aranha, cada manifesto do sr. Flores da Cunha é um petardo de uma côr unica e transparentemente regionalista.

Cada manifestação do sr. Valadares, ou de qualquer outro estadista mineiro, tem o sabor exclusivamente regionalista. Só se fala em Minas, na autonomia mineira, etc.

Quanto ao Norte as expansões são no mesmo diapasão.

E'ahi que se nota o espirito de regionalismo em entrechoques.

Ahi o unico nacionalista e anti-regionalista é o sr. Góes Monteiro, que, general, representa o Exercito, que com a Marinha e a Alfandega são as unica instituições nacionaes no paiz.

E' a marcha fatal e irremovivel da predeterminação.

1) "Entre povos que não estão unidos por interesses economicos, jamais poderá haver união politica, embora professem a mesma religião, falem a mesma lingua, ou provenham da mesma fonte historica. As instituições politicas baseiam-se na mesma força economica, productiva do sólo e das gentes que o trabalham.

Todas as republicas hispano-americanas falam a mesma lingua, comungam a mesma crença e provém da mesma fonte historica.

Comtudo, como interesses economicos não as approximam, ellas não constituem um só corpo politico.

Ainda mais: quando interesses economicos dentro das regiões de cada uma se manifestam antagonicos, ellas se separam, formando possos juridicas internacionaes a parte.

E' o caso do Panamá e das republicas da America Central".

Sousa Lobo, loc. cit. 24.

E' necessario haver, sob o ponto de vista economico-financeiro —, homogeneidade de ponto de vista, sem a qual não ha blóco que possa resistir á desagregação.

Se uma repartição do paiz se sentir prejudicada pela politica economico-financeira do todo, que a segue, para satisfazer uma ou mais de suas outras unidades, claro que deixa de haver homogeneidade de interesses economicos e principia a haver descontentamento natural.

Assim, S. Paulo, uma região agrícola cafeeira, de grande exportação para o estrangeiro, está a desejar uma politica financeira, além de inflaccionista, a em que o — mil réis — tenha pouco valor, em relação a moedas estrangeiras, afim de que as suas mercadorias exportadas possam fazer plena e victoriosa concorrência ás congêneres de outras procedencias. Politica financeira inflaccionista, ficou dito acima, porque é de necessidade para S. Paulo um meio circulante proporcional á sua capacidade de trabalho, que applicados aos recursos oriundos da natureza, poderá produzir grande desenvolvimento de riquezas. Uma politica deflaccionista, de cerceamento do meio circulante, como é da escola dos estadistas mineiros, não serve aos interesses de São Paulo. (1)

Ao lado disso, S. Paulo precisa uma politica alfandegaria, mais ou menos livre cambista, em relação a muitos dos productos importados, para que não surjam represalias de paizes como a Italia, a França, etc., que gravam a entrada do nosso café.

1) Por estatisticas que publico acima verifica-se que o preço mais alto do café coincide com o cambio o mais baixo e com a circulação a maior.

O interesse paulista pois está como se vê no cambio baixo e na maior circulação.

E', sem duvida, uma politica proteccionista inexplicavel, em relação a productos italianos e francezes, cousas que não produzimos, que faz resultar uma atropia da nossa exportação de cafés para esses paizes, que em represalias, gravam prohibitivamente o nosso producto.

E' certo que, temos que proteger as nossas industrias. E' claro que, os tecidos de algodão precisam ser protegidos aduaneiramente. Isso interessaria a nós paulistas. Mas uma protecção de vinhos, de azeites, de sedas, de perfumarias, etc., não se justifica e acarreta prejuizos immensos a S. Paulo. Mas é preciso proteger os vinhos do Rio Grande, que além disso tem precisão de proteger as actividades fronteiriças com outros paizes, que subrepticamente introduzem no territorio brasileiro, cousas que pelas alfandegas não poderiam passar sem pagar direitos... Veja-se por exemplo o que diz a respeito "*O Diario Nacional*", de 2 de Abril de 1932, relatando o caso do contrabando que o Rio Grande faz.

Por outro lado, S. Paulo é um centro industrial de certa monta, e é da sua conveniencia proteger certos productos dessa sua industria, e se S. Paulo pudesse escolher uma protecção aos productos de sua industria, iria, talvez prejudicar outros Estados, que iriam ter seus interesses economicos-financeiros contrariados.

Isso não é justo, nem os paulistas pretendem.

O memo raciocinio se poderia fazer em relação á politica financeira.

A politica paulista não seria a mais propicia para outras regiões.

Cada uma dessas regiões tem as suas necessidades, que por signal, são muito respeitaveis, que são contrariadas cada vez que se vae fazer a vontade de S. Paulo.

Aliás, a politica financeira do paiz no regimen republicano não tem sido outra, senão uma oscillação constante.

Se o presidente fôr mineiro, já se sabe que teremõs, tentativas para elevação cambial, para deflaccionismo, etc. Veja-se o que fez o Presidente Bernardes...

Isso é natural!

Se o presidente fôr paulista, teremos o inverso.

Isso é humano!...

Assim tem o paiz, óra prejudicando umas regiões, óra outras.

Não é possivel satisfazer a todas as regiões ao mesmo tempo.

A causa está na immensa heterogeneidade de interesses economico-financeiros.

Deante disso, se faz preciso uma maior elasticidade, uma autonomia mais ampla a esse respeito.

Não haveria necessidade de uma separação radical de regiões de interesses economicos divergentes, uma vez que se fixasse uma fórmula de governo, que pudesse comportar a diversidade desses interesses.

Só dessa maneira seria possivel a continuação de uma união que contentasse todos.

Só ella regulada por uma governação, que não prejudicasse, pela rigidez de seus moldes, os interesses economicos regionaes, poderia subsistir. (1)

Só então poderia haver justiça para todos. (2)

1) "O eixo economico é o centro mesmo para os movimentos espirituaes.

Toda a existencia gira fatalmente em torno do eixo economico, e uma vez gasto este, todos os systemas de rotação perecem descentralizados". — Professor Bertarelli — apud Sousa Lobo, loc. cit.

2) "... que tem de ser outorgada ao immenso Brasil, distendido por esse territorio vastissimo, onde costumes e conveniencias variam com as mais diversas situações climatericas.

Quando uma nacionalidade não possui os laços acima referidos, ou quando esses laços são frágeis, não dando a nacionalidade a consistencia para que ella subsista, ás vezes elles são substituidos por um lyrismo sentimental e romantico, que serve de liga aos pedaços heteroclytos que se ameaçam desagregar.

Quanto a heterogeneidade racial coexiste com a diversidade de ambientes, a differença de mentalidades, etc. é um lyrismo piegas que constitue a unica liga de nacionalidades precarias.

Assim era o estado da nacionalidade brasileira.

Já vimos como são antagonicos os elementos constitutivos dos agrupamentos, que se reúnem para formar a nacionalidade brasileira.

Verificamos que apenas o elemento-lingua — e o elemento-religião — são communs aos habitantes da entidade brasileira.

Não assiste ao paiz nenhum outro laço.

O que tem mantido o edificio em estado de verticalidade, é unicamente o lyrismo sentimental, que se intercalava subrepticamente a tentar soldar os pedaços que tendem a se desagregar do bloco sem consistencia.

E' uma presumpção erronea de identidade racial, a qual se vae desfazendo a medida que a sciencia se vae vulgarisando; é um conhecimento errado do passado, cujos capitulos reunidos sob o nome de Historia do Brasil, vae se esboroando, porque aos poucos a luz

Seria o mesmo que admittir o presente de uma casa construida por um filho de Groenlandia para ser habitada na Guiné ou na Africa Central por um filho dos tropicos...

*Almachio Diniz — "*São Paulo e sua guerra de successão*".

vae surgindo; que tem sustentado esse lyrismo brasileiro. (1)

As tiradas declamatorias em torno das pseudo grandezas e das riquezas do Brasil, ainda subsistiam, diminuindo, embora com a noção exacta das cousas que reduzem o Brasil a proporções de paiz miserrimo na época que atravessamos.

Isso é que constitue o lyrismo sentimental de muitos, que se ufanam em pertencer a um tão grande paiz, esse “berço esplendido” que tem o “maior rio do mundo”, que tem as bellezas da Guanabara, ou o estrondo do Iguassú, etc.

O estudo de sciencias positivas, vae banindo essas cousas, que morrendo deixam a verdade descarnada e livre de phantasias, ôcas e mentirosas.

Por outro lado o sentimento que vae existindo indeclinavel nas massas, é de destruição desse lyrismo.

Os revolucionarios de 1930 trabalharam no sentido de conseguir essa destruição.

Com admiravel espirito de argucia, agiram no sentido de cavar precipicios entre os estaduanos de cada repartição do paiz.

“Não é com vinagre que se apanham moscas”, diz o sapientissimo dictado, e os actuaes dirigentes têm procedido como se quizessem apanhar moscas com vinagre.

O procedimento que os brasileiros tiveram com os prisioneiros de guerra paulista, só encontra parallello no modo como agiram as tropas brasileiras de occupação em S. Paulo.

1) A suppressão da cadeira autonoma de Historia do Brasil nos gymnasios officiaes vem contribuir no sentido de apagar esse conjuuncto hybrido da historia desses nucleos humanos esparsos, até agora conhecido com o nome de Historia do Brasil.

O palavreado da estação de radio P. R. A. X. em relação a S. Paulo e o comportamento dos brasileiros contra os paulistas, depois destes não terem ganho a guerra, fizeram o que faltava.

A união sentimental, desaparecida, não sei o que restará, para ainda manter solida a nacionalidade!

Se não houver um remedio que detenha a marcha dos acontecimentos, teremos que assistir o ruir de um grandioso edificio, que como um blóco de terra, carcomido na base pela erosão, acaba por se desagregar com fragor.

S. Paulo vem de ministrar uma grande lição ao resto do paiz.

Só, sem a menor preparação, sem commando e desarmado, devorado pelas inominaveis traições, manteve em chéque todas as forças militares brasileiras, só cessando a lucta por uma vergonhissima, quão evidente traição de meia duzia de covardes.

Não comprehenderão os brasileiros a verdadeira situação?

Já disse o General Góes Monteiro que é a imaginação a melhor conductora para a derrota...

A occupação militar de S. Paulo, depois da rendição assignada pelos chefes da Força Publica, que entregaram aos dictatoriaes as forças paulistas, tem aggravado enormemente os odios existentes. São os roubos, os saques, as depredações feitas no Estado de S. Paulo, por forças de outras regiões do Brasil, que mais aprofundam as odiosidades reinantes, destruindo de vez qualquer sentimentalidade brasileira que ainda houvesse ficado no coração de algum paulista.

Creou-se mais uma Polonia no mundo, e esta é bem no centro da America do Sul...

Lembro-me da infeliz Allemanha, depois da grande guerra!...

Cercada de inimigos, desarmada, ameaçada a cada passo, desmembrada, sem defesa!

Eis S. Paulo!

Mas a Allemanha tem a Liga das Nações; tem o espectro russo; tem o idealismo puritano dos norteamericanos; tem o equilibrio europeu, que lhe vale a Inglaterra ou o fascismo de Hitler, que lhe vale a Italia.

E S. Paulo!

Para quem appellar?

Não houve quem dissesse que o odio do rio-grandense contra S. Paulo, era maior do que o seu amor á liberdade?

O remedio para esse estado de cousas está ao alcance curto de quem tenha o poder para impôr a sua vontade.

A therapeutica facil para a situação, não é o impossivel.

Dahi não se conclue obrigatoriamente que, na desagregação esteja a solução inevitavel para a desigualdade que impera.

Bastaria um estudo desapassionado da situação.

Seria sufficiente uma visão calma e desanuviada do que se passa no paiz.

Não haveria nenhuma precisão de cirurgia, pois que a therapeutica suave e tranquillã bastaria para sanar o mal que nos vem atormentando.

Depois de um estudo calmo, a conclusão racional para o que ahi existe, o que poderia accomodar as he-

terogeneidades existentes seria um regimen de governança adaptavel á situação. (1)

*

* *

Um regimen que não viesse contrariar aspirações de uns em favor de outros, um regimen que não viesse como um leito de Procusto determinar uma só medida para entidades desiguacs em tamanho, em valores, etc., obrigando umas a se encompridar e outras a se encurtar seria o remedio para a situação.

Esse regimen que daria uma elasticidade, que facultaria a coexistencia de disparidades é a CONFEDERAÇÃO, é um regimen de maxima descentralisação politico-administrativa, pois que só dest'arte se poderiam accomodar tantas cousas heterogeneas.

1) O que serve de these ao meu trabalho já é vislumbado até por gente do Norte que como o sr. Almachio Diniz em um recente livro contra S. Paulo que publicou ("*São Paulo e sua guerra de secessão*") diz: (pag. 183)

"S. Paulo por ser o Estado brasileiro mais avantajado em cultura e em forças organicas mais cedo ou mais tarde terá de emancipar-se do Brasil e este, de repartir-se em varios organismos autonomos, soberanos e independentes.

Deviamos resistir ao separatismo de S. Paulo, muito embora reconheça eu, nas minhas elocubrações de estudioso da sciencia social que, pelo principio biologico da reprodução dos organismos, applicado ás sociedades, attingindo estas a um gráu maior de desenvolvimento tem a função de emancipar-se, tal como um dia succederá ao anel de Saturno, e é legitimo que aconteça a S. Paulo, se o Brasil não se Confederar afim de manter a cohesão nacional".

Essa these é ainda sustentada na pag. 252:

"A secessão de São Paulo está em marcha.

Para evital-a só conheço um recurso proprio: a Confederação dos Estados em que estes, por uma igualdade e por similaridade de organisação, se mantenham cohesos para a vida e para a morte",

Mas os Estados Unidos norte americanos, não nos deram um exemplo de uma Confederação que não poudesse ter seguimento, tendo poucos annos após de ser substituida por uma Federação, mais unitariá, mais centralisada?

Sim, mas a Confederação norte americana, era um regimen, que não se adaptava a situação especial em que se achava o paiz. Os companheiros de Washington, em estado de guerra de libertação, contra os inglezes, necessitavam de mais união, de mais centralisação, para que a conquista de seus objectivos não ficasse prejudicada.

A Confederação não lhes dava com presteza e energia, os elementos precisos para a belligerencia em que se achavam. (1)

Além disso os norte americanos das 13 colonias, eram muito homogeneos, para que apenas uma Confederação lhes chegasse.

Um regimen de mais união lhes era mais adaptavel, dadas as suas condições especiaes. Ahi elles possuiam identidades de idioma, de raça, de ambiente physico, de ambiente social, de costumes, de mentalidade, etc.

1) (Laboulaye: "Histoire des Etats Unis".)

"The fear of foreign, the sense of weakness, both at sea and on land against the military monarchies of Europe, was constantly before the mind of American statesmen, and made them anxious to secure at all hazards a national government capable of raising an army and navy, and speaking with authority on behalf of the new republic".

(Bryce — "American Commonwealth", 24 — vol. I).

Uma união mais estreita, mais íntima, entre essas colônias era de se aconselhar.

O Brasil, actual, está longe dessa situação.

A se argumentar em contrario, a Confederação, com o exemplo norte americano, seria então de se invocar o exemplo dos Paizes Baixos, que em regimen de Confederação de suas provincias attingiu o maximo de sua expansão, dominando o mundo da primeira metade do seculo XVII, depois de ter feito o mesmo na ultima metade dos quinhentos, para em regimen unitario depois entrar na decadencia.

*
* *
*

Não se encontrando uma forma de regimen politico, que sem sacrificio de monta para qualquer das partes, faça possível uma certa ligação entre as entidades brasileiras, teremos fatalmente a desagregação.

A unica forma de governança é a Confederação.

Mas, como poderiam um Sergipe, um Piauí, cujas receitas estaduais não vão a 10.000 contos annuaes, viver em condições de descentralisação e de autonomia tão dilatada que a Confederação comporta?

Examinemos essa questão.

Ha quem queira graduar os Estados em categorias das quaes as mais baixas seriam territorios e Provincias (Sud Menucci, "O Brasil desunido") reunindo as regiões do Nordeste em uma só unidade.

Não têm vivido, ha tantos decennios, palzes ainda de menores recursos demographicos?

Eis, Honduras, Costa Rica, Nicaragua, etc., com muito menos gente do que os Estados brasileiros citados. Financeiramente a receita de Nicaragua não é mui-

to superior as que Sergipe arrecada annualmente. Territorialmente, Sergipe, o menor de todos, é do tamanho da Belgica e dez vezes maior que o Luxemburgo!

Mas não haveria perigo dessas pequenas unidades, cahirem sob uma demasiada influencia norte americana, por exemplo?

Temos a resposta, em um simples golpe de vista sobre a America Central.

Onde a intromissão norte americana em Honduras, na Guatemala, na Costa Rica, em S. Salvador, etc.?

Não ha a menor tentativa, por parte dos yankees em se expandir pelos pequenos paizes. E se porventura quizessem os norte americanos se expandir pelo Brasil, qualquer que fosse a governança do paiz, poderiam ser impedidos, porventura?

A Confederação em nada diminuiria essas possibilidades.

Se nós não tivermos forças para deter os norte americanos se estes se lembrassem de querer conquistar parte do territorio brasileiro, não temos agora e não teremos com qualquer forma de governo que se adopte.

O Brasil foi, é e será um paiz militarmente fraco.

A força militar de um paiz está na relação dos seus recursos financeiros e não em formas de governo.

E o Brasil é pobre em recursos financeiros.

Com muita difficuldade deteria qualquer rapinagem contra seu sólo.

O que não se póde conceber é porque haveriam de ser as unidades brasileiras menores, sempre amparadas por uma união federativa, que em mais de 40 annos não conseguiu dar a ellas, melhores condições de vida, sem embargo do muito que isso tem pesado nas demais unidades maiores!

Qual foi a vantagem de condições dada pela Federação, a essas pequenas circumscripções? Que se sabia, até hoje, nenhuma. Tem a União posto dinheiro fóra em obras contra a secca, em estradas ferreas mal estudadas, que terão de ser, fatalmente deficitarias, porque não têm o que transportar, dispersando por uma extensão enorme os magros recursos que se fossem melhor aproveitadas em área menor, seriam mais productivos em beneficios geraes.

Se a Federação centralizadora falhou, resta-nos o caminho da descentralisação, pois que, uma centralisação mais apertada ainda, seria incorrer em maior erro.

Porque sacrificar os já parcos dinheiros das unidades grandes, malbaratando-os em extensões territoriaes immensas, sem nenhum proveito para quem quer que seja?

Não seria mais intelligente aproveitar esses dinheiros em regiões que retribuem com mais presteza?

E' muito difficil, mesmo em theoria, se traçar a exacta divisa entre duas fórmas de governo.

Ellas se confundem. Ellas misturam as suas characteristics.

De ordinario tem-se que Confederação é mais descentralizada que Federação, porque aquella guarda muito melhor as characteristics dos povos reunidos por frouxos laços de união. A evolução alongadora e estreitadora de uma simples alliança offensiva e defensiva, ou de uma união aduaneira, mais ou menos intensificada é o embryão de uma Confederação. A união ligadora de entidades mais aproximadas e que desejam uma estreiteza de liames maior, é a Federação.

De ordinario é essa a noção, que se tem de uma e de outra das fórmas de governo.

Servirão uma ou outra, de remedios, para determinados casos, taes elles se apresentam de uma ou de outra modalidade. (1)

São da therapeutica politico-social, que a civilização põe á disposição do homem para resolver os seus males governativos.

Mas, como dizia acima, é difficil se traçar, com segurança, uma linha divisoria nitida entre Confederação e Federação.

A distincção que vulgarmente se faz, entre Confederação e Federação, baseia-se em que, aquella é constituida de unidades *sobèranas*, emquanto que esta é formada de entidades unicamente *autonomas*.

Entretanto essa fórmula de distincção não me parece ser a melhor.

Ella exige uma preliminar difficilima de estabelecer.

O conceito de *soberania* e de *autonomia*.

Onde começa uma nação a ser soberana e onde deixa ella de ser simplesmente autonoma?

1) Aliás não são iguaes todas as Confederações. Ha dellas varias modalidades.

Cada modalidade é applicavel a cada caso concreto.

Houve Confederações sem governo central.

Tal foi a Confederação Norte Americana que teve logar logo após a guerra de independencia. Foi antes uma simples alliança com um commando militar unico.

A famosa conferencia inter aliados de Doullens, em Março de 1918, instituindo o commando militar unico, exercido pelo mal. Foch, na guerra européa, não foi menos que a Confederação norte americana.

A confederação pôde ser, porém, mais concreta. Ella pôde ter um governo central. Ella pôde ter soberania e as partes confederadas, apenas autonomia. Pôde ella só ter força militar e as partes não o terem.

Tudo está na dependencia da forma que for dada a essa Confederação. A Confederação brasileira terá de ser "sui generis" porque é a resultante de um estado social tambem "sui generis".

Qual seria o característico de *soberania*, em contraposição ao de simples *autonomia*?

O Canadá, por exemplo, seria um Estado SOBERANO, ou unicamente AUTONOMO?

Elle é tido como unicamente AUTONOMO, parte que é do Imperio Britannico.

Mas, o Canadá, possui exercito proprio; possui marinha propria; possui representação externa; possui até delegação propria junto á Liga das Nações; possui correios e telegraphos.

Mas o Governador Geral do Canadá é nomeado pela corôa britannica. Os membros dos parlamentos são, porém, eleitos.

A Australia, ou a Nova Zelandia, têm tambem, exercito, marinha, representação externa, delegação em Genebra, etc., mas têm tambem um governador geral, representante do rei.

Deante dos poucos poderes que são deixados a esses representantes do rei, parece que essas entidades citadas do Imperio Britannico, são paizes soberanos.

E o Estado livre da Irlanda, o Soarstat Eireann, é um Estado soberano, ou unicamente autonomo? Como estaria definida essa nuance delicadissima, inventada para satisfazer os pruridos de independencia do irlandez catholico e ao mesmo tempo não contrariar o velho orgulho britannico?

O Estado livre é uma unidade da communhão britannica. Elle tem um governador nomeado pela corôa de Jorge VI, mas tem um Conselho Executivo eleito pelo povo. Elle tem forças militares, mas não tem marinha, nem outra qualquer característica de soberania.

Como se qualificaria a Baviera, por exemplo, na situação em que viveu 43 annos sob o regimen imperial?

Era um Estado soberano ou unicamente autonomo?

O Imperio dos Hohenzollerns era no nome federativo, entretanto a Baviera Saxonia, o Bade, etc., tinham exercitos proprios, correios, etc. (1)

Como se qualificariam então os Cantões suissos, que se dizem soberanos, não tendo força militar propria, nem representação externa? Não é a Suissa, porventura uma Confederação?

Como se qualificaria a Hungria, no velho regimen dos Habsburgos?

Era um Estado soberano, ou era simplesmente autonomo? E' certo possuia um exercito proprio, mas não tinha marinha, nem representação externa.

O Imperio dos Habsburgo se dizia entretanto confederação austro-hungara!

E as entidades que, no seculo XVI formaram na Hollanda, os Paizes Baixos?

Seriam elles soberanos, ou unicamente autonomos? Eu me inclino por esta ultima alternativa, dada a unidade com que se apresentavam as forças do stathouder, o chefe das Provincias Unidas.

Os Estados norte americanos, são autonomos, apenas, máu grado terem capacidade para legislar sobre direito substantivo? Ou ultrapassam já as raias divisórias

1) Parece que, de facto, o Imperio dos Hohenzollerns era uma Confederação mais unificada do que fora até 1871. Só o nome de Federação não pôde lhe modificar a essencia.

Depois é que a constituição de Weimar centralizando mais ainda as unidades germanicas estabeleceu bem uma Federação parlamentar. Agora Hitler apertou ainda mais os laços das nações germanicas.

Note-se porém que a Prussia sempre exerceu a presidencia das organizações germanicas.

Não se deve pleitear hegemonias para a futura organização brasileira.

rias da soberania, sem embargo de não possuírem representação externa?

E o que seria, porventura, S. Paulo, no regimen que findou em Outubro de 1930?

Era autonomo, apenas, ou era uma entidade unicamente administrativa sem expressão politica, apesar do rotulo de federativo? Sim, é licita a duvida, pois que, S. Paulo enviava para a União 700 mil contos de réis, de receita fiscal annualmente, sem receber nada em troca.

E' certo que S. Paulo possuia um verdadeiro exercito, que se acreditava ser a força militar mais eficiente do paiz. Mas S. Paulo não podia legislar sobre direito substantivo e os ensinos secundario e superior tinham regulamentação da União, etc. Tinha menos autonomia do que o Estado norte americano de Nevada; que tem 80.000 habitantes.

*
* *
*

Eis que, pela differença entre Estados soberanos e Estados autonomos, não se póde distinguir uma Confederação de uma Federação. Ha Estados que se crêem soberanos, que são menos livres e têm menos direitos e poderes do que outros, que são tidos como unicamente autonomos.

A autonomia e a soberania, são apenas rotulos, nada havendo de significação material, que as faça distinctas com nitidez.

Além disso a distincção entre soberania e autonomia me parece mais ser cousa de direito constitucional e como este livro é mais concernente á sociologia, não quero me embrenhar nesse terreno.

Por isso, eu creio que o melhor criterio para se distinguir, em doutrina, Confederação de Federação, está em que, na primeira, as unidades confederadas fornecem á união os recursos necessarios para a manutenção da entidade politica, que serve de liame entre ellas.

Na Federação são os individuos que, por meio de impostos, directamente concorrem para o orçamento de receita do paiz.

Na Confederação, são as unidades que recebem as contribuições dos individuos e por meio de quotas, de porcentagens, etc., supprem de recursos necessarios os cofres da Confederação. (1)

1) Aliás ha diversas modalidades de Confederação. Umas são mais consistentes, se approximando mais do typo da Federação.

Assim a Suissa, por exemplo.

Ha outras formas menos concretas, não havendo governo central permanente.

De tempos em tempos se reúnem em conferencias os representantes das partes confederadas.

Eis o Imperio Britannico, por exemplo.

O Imperio Britannico é antes, uma liga unicamente economica e militar de paizes mais ou menos autonomos, mais ou menos soberanos, que espalhados pelas 5 partes do mundo caminham centrifugamente partindo de um ponto unitario.

Creio que, tendo um centro governamental permanente, o Imperio Britannico é ainda menos que uma Confederação.

E' uma simples união aduaneira, uma verdadeira "zolverein", conjugada a uma alliança militar e naval de caracter unicamente defensivo.

A Inglaterra, o centro, paiz de população densissima e rica, favorecida por um sub-solo de privilegio, viu a sua expansão acelerar-se na era da machina, e se dirigir com homens notaveis, para o mundo colonial.

Assim tenderam desde Pitt, Newcastle, Warren Hastings, até Disraeli, Salisbury e Balfour, ou Cecil Rhodes.

A Inglaterra a quem a grande época da machina, havia dado o famoso seculo victoriano, e a hegemonia mundial nos oitocentos, se viu

Esta não pôde interferir directamente com os individuos, habitantes do paiz.

A Federação pôde agir directamente em relação a esses mesmos individuos.

na imperiosa necessidade de uma expansão da sua demographia humana e economica.

A sua população sem a Escocia, em vertiginoso augmento, sendo de 5.450.000 habitantes em 1700 e 8.890.000, em 1850, passou a 27.500.000 habitantes, sendo 79 % urbanos em 1850. Em 150 annos a população triplicára.

Em 200 annos a população quatriplicava, não obstante os 25 milhões de immigrants, sahidos para longe. (States man's book).

A sua população, sempre em augmento, phenomeno de enriquecimento, causado pela rapida industrialisação do paiz, o que era possível pela machina e pelo sub-solo inglez, tinha por força que transbordar.

Não cabia mais gente na Inglaterra e o augmento continuava.

Dahi a immigração, cujas correntes naturalmente se orientavam para as terras, que a politica da Inglaterra havia se assenhoreado em admiraveis golpes de visão dos seus estadistas.

Desde o seiscentismo as 13 colonias da New England e da Virginia, recebiam a corrente immigratoria que se esvahiä da metropole.

No setecentismo já na segunda metade a Inglaterra, pela paz de Paris (1763) arrebatava o Canadá á França de quem tambem ia tomando a India.

A Africa do Sul, em 1795 e 1803, a Inglaterra tomava da Hollanda, a enfraquecida e decadente successora do velho Portugal.

A Australia e a Nova Zelandia eram ainda tomadas da Hollanda, e assim todos os territorios que pelo mundo a conquista do leão britannico havia effectuado. Eram possessões e colonias que se haviam integrado como dominios da corä ingleza. Nada de autonomias ou self-government. Pertencentes unitariamente a mais poderosa nação da época, essas possessões e colonias eram exploradas commercial, agricola e industrialmente pela metropole, ou recebiam desta os excedentes de sua crescente e prolifica população que emigravam para se estabelecer em regiões de climas favoraveis, mas em diversas regiões geographicas, ahí constituindo nucleos sociaes e economicos cada vez mais differenciados. E' de notar que todas essas colonias estavam fóra da zona tropical.

Morria já o setecentismo nas nuvens do rescaldo da revolução franceza e já as mencionadas 13 colonias norte-americanas haviam se desgarrado. E' que a Inglaterra ainda não havia comprehendido, perturbada

E' justamente isso que causa na Confederação uma maior descentralisação dos poderes. E' por isso que causa na Federação, uma menos intensa descentralisação.

como estava pelos successos no continente europeu, que as populações norte americanas, isoladas por uma distancia que os pobres meios de communicação da época faziam ainda mais longinquas, se differenciavam immensamente.

A Inglaterra ainda não observára o papel sociologico do isolamento. Por isso não havia ainda dado inicio da sua corrida pela via larga da descentralisação politica! Por isso a guerra da Independencia norte americana iniciada com a batalha de Lexington e terminada com a rendição de Yorktown!. Por isso os dias de Washington!

A Inglaterra que não tinha ainda 8 milhões de habitantes, via já as 13 colonias com mais de 3 milhões de brancos.

Mas a machina e o combustivel do sub-sólo inglez operavam uma tremenda revolução. Com ella a Inglaterra adensando a sua população se lançava na politica colonial. A lição norte americana calava fundamentalmente na mentalidade dos magnatas da politica ingleza. Os monarchas allemães do Hannover, que extranhos a Inglaterra haviam perdido as 13 colonias, iam sendo paulatinamente despojados de poder, que passava evolutivamente aos estadistas famosos. Estes iniciavam pelos oitocentos a descentralisação do immenso imperio. Se isso tivesse acontecido 50 annos antes, a New England e a Virginia não se teriam separado. Ainda não haviam comprehendido o isolamento, e as palavras do velho Pitt. Foi preciso o estrondo dos canhões de Yorktown e as humilhações de Burgoyne e Cornwallis para abrir os olhos dos inglezes.

A Inglaterra, a cuja argucia silenciosa de seus estadistas fôra limada pelos acontecimentos norte americanos, já via bem o que significava esse formidavel phenomeno com suas causas immutaveis e consequencias irremoviveis. A Inglaterra aproveitava a lição magna do passado e da criminosa cegueira do velho e teimoso lord North a quem a fulgurante eloquencia de Chathan não conseguira chamar á razão. Esse paiz finalmente vira que a mentalidade dos colonos inglezes lançados pela immigração para os dominios longinquos tinha por força que se alterar, de conformidade com os moldes externos. Elle vira que os interesses economicos desses nucleos, em ambientes geographicos varios, fatalmente, teriam que evoluir por vias diversas. Uns eram pastoris pela conformação physico-chimica do sólo. Outros eram extractores, pela maior ou menor riqueza mineral do sub-sólo. Outros eram agricolas, pelas possibilidades varias do meio geographico. Outros eram fornecedores de materias primas, e

Como ficou dito acima, ambas as fórmulas de governação, são remedios para casos especiaes. Estes, conforme as modalidades com que se apresentam, requerem um ou outro desses remedios.

outros tendiam a se industrialisar. Tudo isso, por força, tinha que fazer resultar consequencias. Dessas differenças, evoluções dispaes tinham obrigatoriamente que resultar. Para que esses nucleos coloniaes que se iam agigantando demographicamente não salissem da communhão britannica com o esphacelamento do Imperio secular, só uma evolução parallela de sistema de governamentação, só uma paulatina modificação da organisação imperial, poderiam por meio de uma elasticidade flexivel impedir que o magno edificio tivesse a sua estrutura fracturada e esboroadada, que seria fructo de uma monolithica rigidez.

O Imperio Britannico mantinha ainda as suas unidades em estado de maior ou menor equilibrio por dois factores que coñcorriam no mesmo sentido para diminuir o isolamento:

a) o advento do navio a vapor e da estrada de ferro, que pela rapidez encurtavam as distancias;

b) a continuidade das mesmas correntes immigratorias, que agiam no sentido da homogenisação das populações coloniaes com as da metropole.

O isolamento heterogenisador, causado pelas distancias, era assim diminuido e as suas consequencias não se faziam tão acceleradas. O caminho para o Oriente por Suez, que a acuidade de visão do velho Beaconsfield adivinhara, reduzindo as distancias para a India, Australia, Nova Zelandia, etc., tambem diminuiria o isolamento e, por consequinte, a marcha da heterogenidade.

E' possivel que com o advento do avião, esse processo de differenciação seja mais lento ainda. Foi por isso que a Inglaterra conservou o seu immenso Imperio em equilibrio, no seculo XIX, mantendo nas unidades que o compunham a identidade de idioma, bem como a da origem ethnica e historica, bem como o da religião. Isso fazia resultar uma certa solidariedade com a metropole, cujas manifestações na guerra européa de 1914-1918 são de se observar. Nos campos de batalha da França, ao lado dos soldados inglezes, escocozes, gallenses ou irlandezes do Ulster, eram de se ver as centenas de milhares de australianos, de canadenses, de neozelandezes, que voluntariamente vinham derramar o sangue pela bandeira da Union Jack. Os hindús, os sikhs, os paths, os balutchis, os gurkas, os moslins, os jains, os bengalinos, iam para a guerra, mas não voluntariamente. Eram mercenarios. Os sul africanos, os transvaalios, os orangianos, já bem mais differenciados dos inglezes,

Taes sejam a situação de heterogeneidade, de antagonismo, de mentalidades, etc., entre as unidades que se querem ligar, tal terá de ser o remédio aconselhado.

pela mescla com os holandeses preexistentes, como pela lingua e pela religião, etc., não tiveram essa solidariedade. O sul africano se conservou mais ou menos indifferente aos successos da lucta em que a Inglaterra tanto se empenhou.

A União Sul-Africana foi a primeira unidade a mudar a bandeira, deixando de parte a velha Union Jack imperial e ingleza. Não é um evidente signal de centrifugismo? Só não vê quem não quer!

O Egypto, ex-protectorado inglez, em 1922 se separou completamente, proclamando seu rei a Fuad I, a seguir. E' que a differenciação havia attingido ao maximo. Já durante a guerra européa, o Egypto havia se conservado indifferente.

Se sen sólo chegou a ser theatro de lucta, o Egypto, com seus homens, não collaborou na victoria dos inglezes. O general Allemby não teve, na sua campanha da Palestina e da Syria, muita tropa de gente do Egypto.

A Irlanda, unidade bem differente da Inglaterra, desde muito que como um cravo está fazendo soffrer a unidade britannica. O Sul da ilha, em 1922, conseguiu a sua autonomia, depois de haver vencido o seu ponto de vista na famosa questão do "Home rule". Agora, De Valera lucta para affrouxar ainda mais o laço que prende a Irlanda ao Imperio.

Duvido muito, pois que, sendo a Irlanda um paiz agricola, tem como consumidora de sua producção a sua vizinha, a Inglaterra, na proporção de 97,5 % do total da sua exportação. A Irlanda está dependendo economicamente, pois, da Inglaterra, que pouco se lhe dá, perder os 35 milhões de libras que a Irlanda deixaria de lhe comprar, por isso não representaria senão 5 % do total de sua exportação!

Eis como o Imperio Britannico caminha racionalmente nas vias da mais ampla descentralisação e centrifugismo.

A razão é a distancia. A Inglaterra dista da Australia 11.900 milhas com 33 dias de viagem, via Suez.

A Inglaterra dista do Canadá 2.800 milhas com 8 dias de viagem transatlantica. A Inglaterra dista da Africa do Sul 6.000 milhas com 20 dias de viagem (Brasséy, "Naval and Shipping Annual", 1927).

Se o Imperio Britannico tivesse continuidade de territorio, communicações mais faceis, com distancias mais curtas e meios de transportes mais rapidos, uma organização governamental, uma systematisação politica mais centralisada se imporia.

Geralmente uma extensão territorial grande, uma diversidade de ambientes raciaes, economicos, mentaes, etc., exigem uma Confederação.

Uma situação de diversidade menos accentuada, está a pedir uma Federação.

Um paiz pequeno, compacto, homogeneo, tem como indicação therapeutica um regimen unitario.

E' facil dahi concluir-se que Confederação, Federação e regimen unitario, são fórmãs de governo, que se relacionam de accôrdo com a maior ou menor centralisação politico-administratiya.

Todas essas fórmãs de governança, são bôas, são mesmo optimas, uma vez que sejam bem adaptadas ao caso concreto, particular de cada paiz.

* * *

Se o Imperio Britannico tem a organização descentralisada que conhecemos, é porque isso não passa de uma consequencia da distribuição das unidades britannicas pelo mundo.

Sob esse aspecto o Brasil se assemelha muito ao Imperio Britannico. No Brasil se ha continuidade de territorio ella é apenas apparente.

Como ha entre a Inglaterra e a India o Atlantico, o Mediterraneo e o Indico; — como ha entre a Inglaterra e o Canadá o Atlantico, o Brasil para communicar o Norte com o Centro só tem o mar, pois ha uma região grande sem rodo ou ferrovias separando com mais de mil kilometros a Viação Bahiana da Central ou de Victoria a Minas. O resultado é que o Pará ou o Amazonas ficam mais perto dos Estados Unidos e da Europa do que do Rio de Janeiro.

Sobre differenças de população, não ha quem não reconheça que um australiano, um néo-zelandez ou um canadense se assemelha muito mais a um inglez, do que um cearense, de um gaúcho ou um bahiano, de um catharinense.

Por que pois não buscar no Imperio Britannico uma similitude que sirva de guia para a futura organização politica do Brasil?

Sim, porque vamos couvir, se o Imperio Britannico é descentralizado a causa evidente está nas differenças entre as unidades.

Se o Brasil tem tambem essas differenças, sendo talvez no Brasil essas differenças ainda maiores, é natural que se tome por base o que os inglezes fizeram lá.

Sem embargo dessas distincções, que acima ficam feitas entre Confederação e Federação, ha uma grande confusão entre uma e outra.

Na pratica não se separam exactamente os domínios de uma e de outra.

Ha Confederações mais centralizadas como ha Federações mais descentralizadas.

Só quem tem particular fetichismo pelos rotulos, póde fazer questão de uma nitida e positiva separação entre as terminologias dessas duas fórmulas de governo.

Assim a Confederação suissa, ora toma um aspecto, ora toma outro, não se sabendo com exactidão, se se trata de um regimen federativo, se se trata de um regimen confederativo.

O "States Man's Year Book" ora chama a Suissa de uma Confederação, ora se refere ás instituições federaes da Suissa.

O Imperio Britannico é referido ás vezes como Confederação e outras vezes como simples Federação.

Se pois, no campo da doutrina a melhor fórmula de distincção entre Confederação e Federação, está em que, aquella não age directamente no individuo e esta o faz, na pratica essa distincção desaparece, para surgirem essas duas fórmulas de governo completamente confundidas.

Desta fórmula, o caso particular do Brasil, tanto póde ser resolvido por uma fórmula de governança, denominado Confederação, como por essa mesma fórmula de governo chamada Federação.

A questão está parecendo residir na maior ou menor centralisação. Na maior ou menor porção de soberania, que cada unidade brasileira sacrifique em benefício da autoridade central ou na maior ou menor porção de autonomia que a União deixe aos Estados,

Eu quero crêr que a situação de facto do paiz, situação innegavel por qualquer pessoa que não esteja saturada de má fé, exige um maximo de descentralisação, isto é, que cada unidade da união brasileira, abdique um minimo de parcella da sua soberania politico-administrativa em beneficio do todo.

Não é a situação paulista, que se quer beneficiar com isso, pois que o regimen seria o mesmo para todas as unidades brasileiras.

Cada uma das unidades brasileiras teria igual somma de autonomia.

O que reivindico pois, não é exclusivamente em beneficio de S. Paulo, é tambem em beneficio de todas as demais unidades.

*
* * *

Os partidarios do parlamentarismo argumentam que, na Federação brasileira, creada pela Constituição de 91, os poderes do Presidente da Republica eram excessivos e o máu estar culminado com a revolução de 1930, foi decorrente desse erro.

Penso que elles estão certos nesse ponto.

Querem remedial-o com a mudança do presidencialismo para o parlamentarismo.

Pouca visão desses parlamentaristas é que se evidencia de um exame desapaixonado da situação. Se o mal foi o excesso de poderes do Presidente da Republica, não é necessario mudar a fórmula de governo de presidencialismo para parlamentarismo.

A melhor solução, a mais logica, a que mais se coaduna com a situação de facto do paiz, consiste, não em se buscar no parlamentarismo um remedio, mas sim na descentralisação, na reduccão dos poderes centraes

em favor dos estaduaes, na extincção de aparelhamentos inúteis, sem proveito de especie alguma.

Com essa reduccção do aparelho governamental do centro, obter-se-ia a diminuição dos poderes do presidente da Republica, que ficaria assim reduzido a só se immiscuir em certos e limitados assumptos.

Vejamos assim em rapido bosquejo em que se poderia diminuir a centralisação que nos tem esmagado. Vejamos em que se poderia arejar a governamentação central, passando aos Estados o que fosse sendo supprimido da competencia da União. (1) (2)

1) O que é a administração da União pôde ser visto no livro de Calogeras "*Problemas de Administração*" em que fica descarnada a anarchia e o cháos em que a União jaz.

E' natural que assim seja!

O mal é do regimen ser muito centralizador!

2) Um dos principaes argumentos contra o Parlamentarismo é a impossibilidade de partidos nacionaes á moda ingleza.

Todos os partidos politicos, tem por força que ser regionaes.

Sim, porque como é possivel a um partido deixar de defender interesses, da gente paulista, mineira, ou riograndeense, para cuidar dos interesses collectivos, os quacs são muitas vezes, em flagrante antagonismo com os interesses desses agrupamentos regionaes?

Serão muito poucos os interesses collectivos dos brasileiros, porque muito raramente coincidirão os interesses de todos os agrupamentos.

Quasi sempre, os interesses de uns são mais ou menos antagonicos aos dos outros.

Isso é claro como agua!

E' o complexo de interesses regionaes, que forma o interesse colectivo brasileiro.

Os interesses de cada um são decorrentes dos ambientes economicos, financeiros, psychologicos, sociaes, etc.

Ora, cada agrupamento tem, por força, um interesse differente a zelar.

Querer estabelecer um só estalão para todos os grupos humanos no Brasil é querer o mais flagrante absurdo.

O que pôde ser desinteressante para uns, prejudicial para outros e indifferente para outros, é de maxima importancia, para outros e de vital magnitude para outros.

Não se pôde atinar com a necessidade de varios departamentos de administração da actual governança central.

Assim são o problema da borracha para a Amazonia; o problema da secca para o Nordeste; o da exportação do babassú para o Maranhão, como o do aproveitamento da castanha para o Pará; o da exportação do assucar para Pernambuco; o problema do cacáu para a Bahia; o do café para S. Paulo; o do matte para o Paraná; o do xarque, o da banha, o do vinho, etc. para o Rio Grande do Sul.

O problema das tarifas aduanciras, não pôde ser resolvido de um modo uniforme para todo o territorio brasileiro, sem forir grandes interesses de uns ou de outros, tal seja a solução dada.

Como, então ainda haver quem pense na possibilidade de partidos nacionaes?

Só mesmo situações passageiras poderiam offerecer oppor-tunidades para que houvesse partidos a defender pontos de vista collectivos como da constitucionalisação.

Isso feito os partidos nacionaes teriam de se partir.

Até nos Estados Unidos, onde ha muitissimo maior homogeneidade, os dois partidos existentes, tem uma pronunciada tendencia a se regionalisar.

Vejam-se os magnificos estudos e os graphicos admiraveis do trabalho de Siegfried ("*Etats Unis d'aujourd'hui*").

A Inglaterra ou a França são paizes pequenos, homogeneos, de grandes concentrações humanàs. Ahi é tudo differente.

Isto tudo é tão nitido, que não vê unicamente quem não quer ver, e quem continua preso por lyrismos e sentimentalidades absolutamente antiscientificas e antiracionaes não mostrando presar muito a intelligencia.

Raciocinar assim, é desprezar o cerebro.

E' evidente que, disto tudo resulta que, o problema brasileiro é o de entidades que se entrechocam, em torno de pontos de vista variados.

Mas, como isso ainda não está visto por todos, tem-se que algumas das entidades federaes querem augmentar o poder central, para calcar em recursos fornecidos por outrem suas organizações de vias ferreas, justiça, de instrução publica, de portos, de hygiene, etc. O magno interesse de S. Paulo é de diminuir os encargos da União, porque assim fazendo, diminuirá tambem a sua contribuição em dinheiro, com que annualmente se sangra, para alimentar essa União.

Ainda ha quem alimente duvidas?

Ainda ha quem possa divergir?

O Ministerio da Agricultura é uma clamorosa inutilidade. Não vejo pela superficie do territorio brasileiro o menor proveito dessa repartição governativa, a qual, não obstante isso, tem custado muito dinheiro, que se não fosse drenado para ahi, poderia ter sido empregado em cousas bem mais uteis.

A agricultura do paiz tem vivido, sem que esse departamento lhe sirva de qualquer auxilio.

S. Paulo, uma unidade da União brasileira, não possui a menor manifestação da existencia desse ramo da administração federal.

Creio até que o Ministerio da Agricultura tem, antes, trazido transtornos para o nosso trabalho campezino. Haja vista essa questão de fiscalisação de entradas e de sahidas de productos vegetaes. Haja vista ao caso do petroleo.

O Ministerio da Agricultura poderia ser extinto, ficando os cuidados á agricultura confiados aos Estados, o que seria de muito mais logica.

O Ministerio da Viação é outro departamento administrativo que deveria ser supprimido, vendendo a União os seus proprios em matéria de viação.

Cada Estado que tenha e alimente a sua viação. Não é justo que, os que não possam ter, venham sobrecarregar os recursos já parcos da União.

Já o ministro Pires do Rio, no governo Epitacio Pessoa, conseguiu arejar a administração federal, arrendando a Sul Mineira e a Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, proprios da União. Depois da victoria da revolução de 1930, Minas ficou ainda com a Oeste de Minas. Seria magnifico se ficasse ella com a rêde de 1.00 metro da Central, vendendo a União a bitola larga da Central e mais o Lloyd, além das estradas no Norte,

como a Réde Viação Cearense e a Noroeste, bem como Correios e Telegraphos, podendo cada Estado tomar conta do que lhes respeita. (1)

Não seria muito mais logico e natural que a Noroeste ficasse incorporada á Sorocabana e que a Central passasse a particulares?

Sempre fui contrario ao Estado proprietario e explorador de empreendimentos industriaes. O mundo tem nos offerecido exemplos repetidos nesse sentido.

Objectar-se-ia que o Lloyd é uma empresa, que pela navegação de cabotagem só poderia ser vendido a nacionaes.

Acabe-se com essa disposição sem objectivo de, só a bandeira nacional poder navegar em cabotagem. Só vejo uma possivel vantagem nessa disposição. E' termos sempre pessoal adaptado e habil para a marinha de guerra. Em contraposição temos as maiores difficuldades e os frétes os mais elevados em materia de cabotagem, além dos grandes sacrificios de ordem fi-

1) Veja-se por exemplo o serviço dos Correios que por força da Constituição tem que ser federal.

Em S. Paulo esses serviços rendem fabulosamente, a ponto de irem cobrir, em parte, o immenso deficit que elles dão alhures.

Os paulistas são obrigados a supportar taxas postaes iniquas unicamente para que os serviços sejam extensivos ao paiz.

E' isso justo?

Não fossem essas taxas elevadissimas que fazem com que os Correios tenham em S. Paulo grandes rendas, o paiz não poderia offerecer esses serviços a todos os Estados.

Seria muito mais racional que cada Estado tivesse serviços postaes na conformidade com suas posses.

Esses serviços em 1931 renderam assim:

(*"Brasil"*, 1932, publicação official do Ministerio das Relações Exteriores, pag. 168).

nanceira que a União tem feito para manter essa disposição. (1)

Penso que o Ministerio da Justiça é outra cousa que poderia ser supprimido, pesando carissimamente nos orçamentos da União.

<i>Administrações</i>	<i>Contos de réis</i>
Amazonas	209
Paraná	361
Maranhão	174
Piahy	88
Ceará	504
Rio Grande do Norte	185
Parahyba	321
Pernambuco	1.036
Alagoas	278
Sergipe	184
Bahia	1.299
Espirito Santo	464
Rio de Janeiro	1.554
Districto Federal	5.235
Directoria G. dos Correios	3.815
S. Paulo	13.527
Paraná	997
Santa Catharina	667
Rio Grande do Sul	3.280
Minas Geraes	4.274
Goyaz	166
Matto Grosso	243
Total	29.821

Em 1935, só S. Paulo rendeu mais de 20 mil contos.

Porque não deixar que esses serviços postaes fossem estaduais.

Quando nada seria fazer com que alguns tivessem correios mais baratos e deixassem de sustentar serviços postaes allures.

1) Essa questão de cabotagem tem suscitado já muitas discussões. O Norte tem vivido asphyxiado por essa medida restrictiva.

Libertemos o Norte dessa disposição que só satisfaz um nacionalismo vasio, estreito, contraproducente e cego.

A Justiça Federal é uma superfectação. Dispensemola. Acabemos com essa 3.^a instancia, que só tem servido para difficultar a acção da Justiça.

Limitemos a Justiça á estadual.

Argumentam alguns que a generalidade dos Estados não têm Justiça que preste.

Não é justo se sacrificar os que têm optima Justiça, unicamente para que se unifiquem os pretensos progressos que querem levar para as repartições onde não ha bôa Justiça.

Isso se chama nivelamento por baixo.

Os Estados que têm Justiça bôa dispensam qualquer auxilio da União e não podem se submeter a uma intromissão de elementos extranhos, na sua organização da Justiça. São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Bahia, etc., perderiam com a unificação da Justiça.

O ensino deve seguir a mesma orientação. O centro nada deve ter com isso. Aliás nos Estados Unidos o ensino é da unica competencia estadual.

Porque não o é entre nós?

Cada Estado que cuide da materia e a resolva como bem lhe parecer, segundo os seus interesses ou as suas necessidades.

Aliás a União só se intromette nesses assumptos para atrapalhal-os e baralhal-os.

Imagine-se a União cuidando da instrucção publica primaria.

Seria risivel!

Porque então esse Ministerio da Justiça?

Relações entre os Estados?

Não tem sido muitas que exijam um ministerio dispendioso, como tem sido o que alimentamos. Essas relações, se porventura existissem poderiam ser encami-

nhadas directamente entre as secretarias de cada Estado.

Os ministerios creados pelo sr. Getulio Vargas, são cousas tão ridiculas, que só pôdem ser vistas como modo de empregar seus apaniguados politicos.

O paiz pôde passar sem esses trambolhos, que só servem para sugar dinheiro da União e indirectamente dos Estados que contribuem para a União.

Em resumo, penso que a União deveria manter apenas o Ministerio da Guerra, o da Marinha e o das Relações Exteriores, além do da Fazenda.

Para isso não haveria a União de precisar tantos recursos. Bastar-lhe-iam muito menos.

Os que fossem necessarios para a alimentação desses serviços, seriam fornecidos em quotas proporcionaes pelos Estados, que se incumbiriam de arrecadar directamente do contribuinte.

Essas quotas poderiam ser proporcionaes á população, uma vez que a representação politica de cada Estado, junto aos poderes da nação, tambem fosse baseada na população.

Essas quotas poderiam ser proporcionaes ao total arrecadado se tambem a representação politica de cada Estado fosse baseada neste ultimo criterio.

Isto seria justo.

Nessas condições, poderíamos então abolir por completo os impostos de exportação, e ajustar bem de accôrdo com as necessidades de cada Estado, os impostos de importação.

Cada Estado que tivesse as suas alfandegas e a sua legislação alfandegaria.

A politica proteccionista de um, não prejudicaria a vida de outro e vice-versa.

Os impostos interestaduaes seriam prohibidos, como já eram pela lei magna de 91.

§ 4.º — BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Não se poderia comprehender a situação politica de São Paulo no Brasil, sem uma comparação do estado de facto concernente ao Brasil com o relativo aos Estados Unidos, paiz que tem servido de modelo ás organizações brasileiras e onde se tem ido buscar os similes para a situação brasileira.

Talvez não haja na superficie do planeta paiz que mais se differencie dos Estados Unidos do que o Brasil.

São difficilimos de se encontrar os pontos de semelhança entre os dois paizes do Novo Mundo, dos quaes os Estados Unidos têm 100 annos menos do que o Brasil. (1)

Apesar disso, sem embargo da immensa differença entre os dois maiores paizes das Americas, não são poucos os que, levados pela semelhança das formas de governo, a que rege os Estados Unidos, e a que foi vi-

1) O Brasil foi descoberto por Cabral em 1500 e 31 annos depois D. João III, fazia partir a primeira expedição povoadora de Martim Affonso de Sousa.

Os Estados Unidos tiveram inicio 100 annos depois com as primeiras colonizações hollandesas e os puritanos do "May flower".

Em 1750, isto é, 72 annos antes da independencia, já o tratado de Madrid, dava ao Brasil as fronteiras de hoje.

Os Estados Unidos nessa época ainda eram apenas as 13 colonias, a Oriente dos Apalaches. Só em 1853 os Estados Unidos adquiriram as fronteiras actuaes. Setenta e sete annos depois da sua independencia.

Vê-se com nitidez que o Brasil é, pelo menos, 100 annos mais velho que os Estados Unidos da America do Norte.

gente no Brasil de 1891 a 1930, procuram buscar similes, procurar lições, e encontrar soluções para os nossos problemas, baseados em eventos norte americanos.

Entre as muitas cousas, que procuram relatar, notam a disparidade que lá existe entre as unidades federadas.

Umias muito populosas, muito volumosas e outras insignificantes.

Querem mostrar que a Federação norte americana resolveu bem esse problema; — que, dentro dessa fórmula governativa, os Estados Unidos accommodam disparidades; — que o mal estar causado por essa desigualdade é remediado pela descentralisação offerecida pela Federação norte americana.

Citam; por exemplo, o Estado de Nova York com mais de 11 milhões de habitantes.

Querem buscar um simile para o Brasil, em que São Paulo é o elemento desnivelado.

Bastará, porém, um raciocinio simples, para se verificar o quão desacertado está esse simile.

Jamais S. Paulo está para o Brasil, como Nova York para os Estados Unidos.

Em primeiro lugar não é o criterio — quantidade de população — o que mais deve ponderar, no julgamento da respectiva importancia. Assim fosse não poderiamos explicar a China ou a India, a Inglaterra ou a Belgica.

Penso que a qualidade da população é um criterio de mais peso para se julgar; e essa qualidade da população pôde ser aproximadamente calculada pela produção.

Ora, nos Estados Unidos, si Nova York é o que mais produz, tem-se que, pelo menos quatro Estados, são seus rivaes, muito sérios, em materia de produção.

A Pensylvania tem uma producção industrial sensivelmente igual á de Nova York, com uma producção agricola maior. O Ohio tem $3\frac{1}{4}$ da producção industrial de Nova York e produz o duplo que este, em agricultura.

Isso quer dizer que, nos Estados Unidos não é só um Estado que vale.

Si Nova York tem mais vulto que os outros é facilmente comprehensivel, por ser Nova York a bocca de entrada e a porta de sahida de um vastissimo hinterland, o qual se prolonga até o longinquo Pacifico.

E' Nova York, um porto (talvez o mais importante do mundo) de uma região colossal, a qual não corresponde unicamente ás terras do Estado federado de Nova York. Dentro desse immenso hinterland está a mais opulenta região do mundo: o sul dos Grandes Lagos.

O Estado de Nova York não tem vida propria; ou antes, o Estado de Nova York, *só por si*, não teria a decima parte do movimento vultoso que tem, do valor esplendoroso que representa, o que não é um indice do Estado de Nova York unicamente, mas um reflexo de uma enorme região, da qual é o organ portuario, conjugado a um organ distribuidor commercial.

No Brasil vemos cousa completamente diversa.

S. Paulo é a região que corresponderia a Nova York.

Mas S. Paulo tem vida propria. Não é bocca de um hinterland enorme, como Nova York.

E' certo, o hinterland de Santos, não corresponde exactamente ás fronteiras estaduacs paulistas. Ha o sul de Minas, o Triangulo Mineiro, o sul de Matto Grosso, o norte do Paraná, etc., mas si não ha exactidão, ha ao menos bastante aproximação de linhas, além de que, a parte norte do Estado de S. Paulo é subsidiaria do

**O QUE REPRESENTA NOVA YORK PARA OS EST. UNIDOS
E O QUE REPRESENTA SÃO PAULO PARA O BRASIL**

NOVA YORK 18% DO TOTAL

SÃO PAULO 50% DO TOTAL

Rio. S. Paulo viveria só perfeitamente. Aliás, qualquer Estado brasileiro, viverá só, muito bem.

Além disso, a disparidade entre as unidades brasileiras é tão grande que, no mundo, não ha o que se assemelhe nem de longe.

S. Paulo sózinho exporta 55 % do total do paiz. Não ha, no globo, exemplo de desequilibrio semelhante!

S. Paulo sózinho de um lado, fazendo mais do que o resto reunido! E' absolutamente extraordinario!

A isso nada ha de comparavel, sob a abobada celestial!

A situação privilegiada de Nova York está longe de se assemelhar sequer, a isso que ahi fica relatado.

7 Seria facil, assim, accomodar a situação do Estado de Nova York, na Federação norte americana, aliás mais descentralisada do que a brasileira, mas seria impossivel accomodar a situação de S. Paulo, em uma Federação apenas. S. Paulo se sente de tal modo tolhido, de tal modo prejudicado, de tal modo deslocado, em um regimen federativo, que, si não quizerem um remedio mais drastico, ao qual S. Paulo recorreria, terão que concordar com a Confederação.

E' preciso não contar muito com a estupidez dos outros. O desequilibrio no paiz já está na consciencia dos habitantes deste Estado e estes não concordarão na sua perpetuação.

Isso é humano!

Isso é profundamente humano!

Já vão para muito tempo no passado, os bons dias em que se amarravam cachorros com linguaça.

*

* * *

Mas voltemos ao paralelo entre os Estados Unidos e o Brasil. Lá não ha tanta dissemelhança, tanta disparidade, tanta heterogeneidade.

Paiz grande como o Brasil, é infinitamente mais rico. O peso da União recae com mais egualdade sobre todos.

Os Estados Unidos formam um paiz estendido ao longo de parallelos geographicos, diferenciados, apenas de 15 gráus do Atlantico ao Pacifico.

O Brasil, ao contrario, vae estendido sobre meridianos, desde o norte do Equador até a latitude de 35 gráus, com uma differença climatica e ambiental enorme.

Os norte americanos, si a principio desprezaram a Confederação pela Federação é que, elles, em lucta contra os inglezes e contra as difficuldades iniciaes, tinham precisão de mais união, de ligação mais estreita e isso não era impossibilitado por nenhuma disparidade, por nenhum disequilibrio, por nenhuma heterogeneidade, como aliás já verificamos mais acima. (Laboulaye — "*Hist. des Estats Unis*", vol. III). (1)

Elles formaram com as 13 colonias primitivas a sua Federação, que por signal é muito mais descentralizada que a nossa. Cresceram dentro della se desdobrando para o Far-West, cujas regiões eram a principio méros territorios, só se transformando em Estados com as respectivas maioridades.

1) As colonias inglezas na America do Norte tinham todas grande homogeneidade racial; — falavam a mesma lingua e não tinham interesses economicos contrarios.

O mar, pennittindo a esses neo-inglezes communições faccis, integrava todas essas colonias ribeirinhas do Atlantico e de homens com grande attracção pela vida maritima, em uma mentalidade homogenea.

Isso foi simplíssimo e a Federação não era anto-lho. Por isso elles se desdobraram.

Mas lá, não ha região industrial e região agricola? Não decorre disso heterogeneidade?

Não. A industria e a agricultura se completam. Cada uma offerce campo de consumo para os productos da outra. Não são antagonicas, não são oppostas, não obrigam a interesses variados.

Entre nós é bem differente.

Ha regiões do paiz que, em civilisação, estão 100 annos atrasadas de S. Paulo. \

Isso não é querer as offender, é apenas constatar uma verdade, lembrar uma situação dolorosa.

Lampeão, Antonio Silvino, padre Cicero, etc., seriam impossiveis aqui. Não é o homem culpado. E' o ambiente physico. E' a decantada Natureza, que Buckle tanto admirou.

O homem já faz muito. Elle é digno de admiração.

Apesar disso, não podemos deixar de verificar o que ha.

Assim sendo, cada região está em um estagio differente de civilisação. Lá nos Estados Unidos a civilisação é a mesma, com pequenas variantes, que a Federação comporta.

Aqui, cada região tem um interesse economico-financeiro a zelar, além do de ordem social.

Ha partes do paiz, que precisam de inflacionismo, isto é, precisam de muito dinheiro, para pôr em exploração suas riquezas, ainda que esse dinheiro possa ter pouco valor dcante da moeda estrangeira. Ha partes do paiz que não querem esse inflacionismo e essa desvalorisação do meio circulante.

São mais conservadoras, têm dinheiro guardado, são menos emprehendedoras.

Ha outras partes do paiz, que são vendedoras de seus productos no estrangeiro e como têm necessidade de vender barato, para não temer concorrência e produzem em moeda nacional, têm interesse em que esta tenha pouco valor, deante da estrangeira, para que possam offerecer seus productos por um preço inferior.

Ha regiões, que precisam importar cousas do estrangeiro e por isso precisam justamente que o dinheiro nacional tenha grande poder acquisitivo, para comprar mais.

Ha partes, que precisam do proteccionismo para não deixar morrer a industria das fronteiras...

Ha regiões, que necessitam livre cambio, para não provocar represalias de paizes attingidos pelo proteccionismo.

Exemplo:

Taxamos os vinhos exóticos para proteger a vinctura rio-grandense. A Italia, em represalia, taxa o café paulista-mineiro-fluminense.

Consequencia:

S. Paulo-Minas-Rio pagam para sustentar uma industria que lhes é de insignificante interesse.

Não é claro que há uma heterogeneidade de interesses em tudo isso?

Não é claro que ha uma heterogeneidade de interesses adoptada obrigatoriamente para regiões tão heterogeneas, si satisfaz os interesses de uma, prejudica as outras?

Não é só S. Paulo, que se prejudica com esse regimen federativo, por demais centralizado para com entidades tão dispares. São todas.

Isso é evidente!

Si ainda não tiveram a agudeza de ver é porque têm os olhos vendados pela sentimentalidade lyrica, pro-

pria de uma ridícula educação, como tem sido a brasileira em geral. No dia, porém, em que começarem a ver as cousas, com olhos mais intelligentes do que sentimentaes, por certo atinarão com o caminho mais logico.

S. Paulo já está tendo consciencia disso.

Devemos esse serviço a essa revolução de 1930, que sempre fez alguma cousa.

*
* * *

Mas para se verificar o quanto Nova York é, no tocante á sua situação na confraria norte americana, diferente de S. Paulo, em relação ao resto do Brasil, é de bom aviso se recorrer ao valor da propriedade.

O valor da propriedade no Estado de Nova York é o seguinte:

<i>Milhões de dollars</i>	
New York City	24.782
Estado de Nova York	3.320
	<hr style="width: 10%; margin-left: auto; margin-right: 0;"/>
Total	28.102

Disso se vê que, não é o Estado que tem a maior parte do valor e sim a cidade, que é um reflexo de seu immenso hinterland. A cidade vale 88 % do total.

Não é o que se dá com S. Paulo, cuja capital é um reflexo da riqueza do Estado apenas.

Mas ha, além disso, outros Estados de immenso valor. Assim, o grupo de Estados da antiga New England, fóra o Estado de Nova York, tem o seguinte valor:

Milhões de dollars

Maine	757
Massachussets	6.292
Connecticut	3.010
New Jersey	5.770
Rhode Island	1.310
Maryland	2.297
Districto de Columbia	1.132
Pensylvania	12.000
	<hr/>
Total	32.568

E' um grupo de Estados, que territorialmente regula com o Estado de Nova York e que tem um valor muito maior. O mesmo succede a outro grupo de Estados:

Milhões de dollars

Ohio	9.524
Indiana	5.156
Illinois	8.365
Michigan	8.447
	<hr/>
Total	31.492

Ainda outro grupo de Estados, cujo valor se compara ao de Nova York:

Milhões de dollars

California	10.203
Oregon	1.124
Washington	1.253
Texas	4.210
New Mexico	340
Arizona	1.735
Colorado	1.586
Oklahoma	1.697
Utah	700
Idaho	486
Wyoming	447
Montana	840
	<hr/>
Total	24.621

Outro grupo de Estados tem o valor que segue:

Milhões de dollars

Virginia	2.308
West Virginia	2.033
North Carolina	2.923
South Carolina	369
Georgia	1.203
Florida	656
Mississippi	724
Missouri	4.933
Tennessee	1.724
Kentucky	2.702
Arkansas	614

	<i>Milhões de dollars</i>
Alabama	1.193
Luisiana	1.756
Nebraska	3.167
Kansas	3.728
Iowa	975
N. Dakota	996
South Dakota	1.669
Minesota	2.390
	<hr/>
Total	36.153

Vê-se que ha nos Estados Unidos pelo menos 4 grupos de Estados, que superam o valor do Estado de Nova York.

O valor total approximado dos Estados Unidos é de 155.000.000.000 dollars.

Nova York State tem o valor apenas de 18 % do total.

Qual a situação de S. Paulo, no Brasil?

E' apenas de 18 % do total brasileiro?

Oxalá assim fosse!

Mas os numeros nos demonstram que S. Paulo é mais de 50 %.

(Estatisticas extrahidas do "*States man's year book*", de 1931).

§ 5.º — SÃO PAULO E BUENOS AYRES

Não podendo achar simile entre as situações de Nova York e de S. Paulo, como eu deixei amplamente demonstrado, os adversarios da descentralisação, procuram uma paridade entre S. Paulo (Estado) e Buenos Ayres (Provincia).

Dizem elles que a situação de Buenos Ayres seria identica na Republica Argentina, a que S. Paulo representa no Brasil. Que, se disequilibrio existe de São Paulo no Brasil, o mesmo disequilibrio existiria de Buenos Ayres em relação á Republica Argentina.

Mas o hinterland de Buenos Ayres, cidade, não coincide com a Provincia argentina de Buenos Ayres.

E' visivel que a cidade de Buenos Ayres é a porta de entrada e de sahida de uma zona territorial, que não só abrange a provincia desse nome, como ainda a da Republica Argentina toda e além desse paiz, o Chile, o Paraguay, a Bolivia, o Uruguay, e sob certos aspectos o Sul do Brasil.

Essa grande cidade argentina tem como tributarias zonas immensas, que não são apenas as que vivem sob a soberania argentina.

O prodigioso systema ferroviario argentino e o potamographico platino, que como um immenso funil encaminha para Buenos Ayres todo um colossal movimento de trafego, faz dessa cidade um entreposto formidavel. E' ahí que, se effectuam as trocas commerciaes, de todo o poder economico de todo o Sul do continente.

Buenos Ayres, não é só capital economica da Provincia desse nome e da Republica Argentina, é além disso capital de uma area territorial de cerca de 5 milhões e meio de kilometros quadrados, com uma população de cerca de 18 milhões de almas. Ora, com um hinterland dotado de tão prodigiosa riqueza, com um sólo uberrimo, como é o argentino, em que o trabalho agricola mechanicó é facilitado pela conformação do terreno e pela ausencia da vegetação arborea e da pedra, não é de admirar a progressão corrente de Buenos Ayres.

Essa cidade immensa, não é um indice, tão sómente da provincia de Buenos Ayres ou da Republica Argentina, mas de uma região que ultrapassa as fronteiras desse paiz. A força de attracção dessa cidade é efficiente, além das raias divisorias argentinas para se fazer sentir mesmo em terrenos exóticos.

S. Paulo é completamente differente!

De onde essa força de expansão que nos maravilha?

De riquezas extranhas?

Não.

De zonas tributarias fóra das divisas estaduacs?

Seria absolutamente ridiculo querer dizer que a pujança paulista, tem como causa o que a área mineira da esquerda do Rio Grande, do Triangulo Mineiro, ou do Sul de Matto Grosso produzem.

Se S. Paulo tem uma população de 7 milhões de almas, as que são tributarias do porto de Santos, não vão além de 7 milhões e meio, pois é preciso se ter em conta tambem que dos habitantes do Norte do Estado, cerca de 300 mil, pelo menos, são tributarios do porto do Rio de Janeiro, com o qual têm communição directa.

Disso se vê, como é differente a situação de Buenos Ayres.

§ 6.º — OS ESTADOS E A UNIÃO

Esta estatistica é bem eloquente em evidenciar a desigualdade, com que são tratadas as diversas unidades brasileiras. Emquanto que umas concorrem com centenas de milhares de contos para a União, outras apenas dão insignificancias.

ESTADOS	Total das receitas Federal Estadual Municipal	Porcentagem desse total da renda arrecada- da pela União	Total do que a União gasta em cada Estado
Amazonas	29.154:	39 %	11.874:
Pará	44.574:	57 %	14.256:
Maranhão	25.302:	36 %	11.632:
Piauí	10.685:	34 %	5.888:
Ceará	43.666:	53 %	27.210:
Rio Grande do Norte	21.597:	33 %	9.058:
Parahyba	26.647:	34 %	10.024:
Pernambuco	149.505:	48 %	21.643:
Alagoas	31.729:	34 %	6.816:
Sergipe	18.242:	34 %	5.598:
Bahia	165.909:	37 %	28.772:
Espirito Santo	55.388:	19 %	5.598:
Rio de Janeiro	63.830:	58 %	10.807:
Districto Federal	936.333:	—	1.055.529:
São Paulo (1)	1.270.655:	57 %	97.932:
Minas Geraes	310.376:	20 %	51.138:
Paraná	68.317:	41 %	16.665:
Santa Catharina	41.752:	42 %	18.176:
Rio Grande do Sul	359.880:	35 %	63.476:
Matto Grosso	18.256:	29 %	7.589:
Goyaz	9.643:	11 %	2.701:

1) Do "Diario de S. Paulo" do 21/6/36 que publica dados federaes os mais recentes, com a devida venia eu reproduzo os seguintes conceitos:

ARRECADAÇÃO FEDERAL NOS ESTADOS

Continúa a receita da União a caracterizar-se pela grande fluctuação do "quantum" arrecadado, nas diversas unidades da Federação.

Quando se analysam as fontes de arrecadação do Governo Federal, nos Estados brasileiros, não se pôde fugir á evidencia de que, dos typos contemporaneos de federações politicas, é o Brasil, talvez, aquelle em que

Objectar-se-ia que, nem todas têm o mesmo poder economico e portanto que, ha unidades ricas e unidades pobres, sendo humano que as ricas paguem mais.

existe o mais accentuado desequilibrio economico entre umas e outras regiões, determinando por isso mesmo desigualdade nos tributos canalizados para os cofres federaes.

Por certo, em outras federações, como nos Estados Unidos, na India, no Canadá, na Argentina, ha tambem patente desnivelamento economico entre os diversos Estados ou Provincias, que constituem a União. Na America do Norte, por exemplo, são os Estados do Este Atlantico e os em torno dos Grandes Lagos que fornecem a maior parte das rendas federaes. Na Argentina, a ascendencia economica de Buenos Ayres sobre o resto da nação é notoria. Na Australia, as regiões as mais ricas e densamente povoadas são as de sua parte oriental e meridional. Esse desnivel economico, todavia, está sendo corrigido, a pouco e pouco, seja em virtude da politica exercida pelo Centro, no sentido de levantar o padrão de vida nacional, e não sómente regional, seja em virtude da tendencia para a constituição dos Estados ou Provincias em corpos geographicos menores e menos amplos do que os que actualmente constituem os Estados brasileiros.

Prova o que vimos de adiantar a arrecadação da União nos diversos Estados, no anno passado, contida no quadro abaixo:

	<i>Contos</i>
Capital Federal	1.118.897
São Paulo	870.442
Rio Grande do Sul	134.669
Delegacia de Londres	119.089
Pernambuco	93.277
Bahia	60.628
Rio de Janeiro	58.476
Minas Geraes	56.896
Ceará	37.753
Paraná	31.796
Santa Catharina	26.486
Pará	21.466
Parahyba	19.415
Alagoas	13.171
Rio Grande do Norte	12.079
Maranhão	12.019

Nem isso, entretanto, justificaria a desproporção entre Estados, pois que, o Rio de Janeiro, S. Paulo, Pará e o Ceará, concorrem com mais da metade de suas rendas para a União, que em proporção não lhes favorece como devia; ao lado de Estados em que a contribuição para os cofres centraes, é apenas de 11 % das rendas totaes como em Goyaz; a média oscillando entre 30 % a 40 %, nos demais, ha outros, que forcem 57 ou 58 % das rendas ao Brasil.

Se, porém, querem estabelecer a desigualdade, quanto ao pagamento de contribuições para a União, devem tambem concordar que assim sendo, a CONFEDERAÇÃO é a saneadora dessas desigualdades, pois que a confederação é o regimen mais adaptavel a entidades esiguaes.

	<i>Contos</i>
Amazonas	8.577
Espirito Santo	7.777
Sergipe	7.590
Mattó Grosso	5.194
Piauhy	4.963
Goyaz	2.027

Basta proceder-se á leitura dos algarismos expostos para concluir que só o Districto Federal e São Paulo representam praticamente 000.000 de contos á arrecadação da União, ou sejam, quasi 73 % do tal da arrecadação federal. Todas as demais unidades federadas contribuem com apenas 27 %, incluindo-se a receita oriunda de nossa Delegacia de Londres.

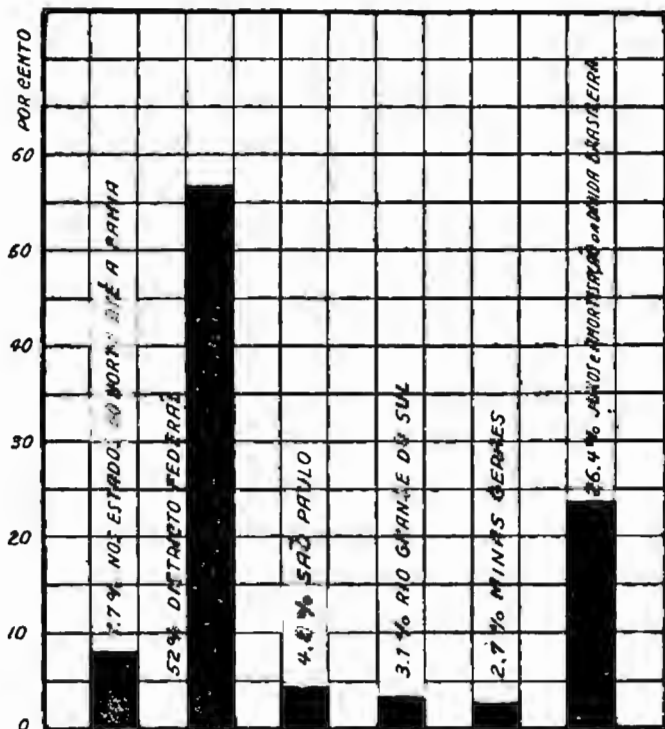
Toda a razão assiste, pois, ao titular da pasta da Fazenda, quando em seu Relatório recente assevera que o "producto dos impostos nem pre guarda relação constante com os indices da produção e do commercio de cada Estado".

PORCENTAGEM DE DINHEIROS DA UNIÃO EMPREGADOS
EM CADA ESTADO

Sobre o total dispendido

Amazonas	0.6 %	
Pará	0.7 %	
Maranhão	0.6 %	
Piauí	0.3 %	
Ceará	1.3 %	
Rio Grande do Norte	0.5 %	Norte 7.7 %
Paralyba	0.6 %	
Pernambuco	1.1 %	
Alagôas	0.3 %	
Sergipe	0.3 %	
Bahia	1.4 %	
Espirito Santo	0.3 %	
Rio de Janeiro	0.6 %	
Distr. Federal (Administr. geral do paiz)	52.0 %	
S. PAULO	4.8 %	Sul e administração do paiz 65.7 %
Paraná	0.8 %	
Santa Catharina	0.9 %	
RIO GRANDE DO SUL	3.1 %	
MINAS GERAES	2.7 %	
Matto Grosso	0.4 %	
Goyaz	0.1 %	
Juros e amortisação da dívida ex- terna brasileira (1)		26.4 %

1) Essa dívida externa foi contrahida e o producto della foi invertido em obras, como portos, estradas de ferro, muito pouco do que está em São Paulo. (Ver "*São Paulo na Federação*", de Souza Lobo).



ORÇAMENTO DA DESPEZA DA UNIÃO
PORCENTAGENS DO TOTAL EMPREGADO
NOS ESTADOS

PORCENTAGEM DA RECEITA FEDERAL ARRECADADA EM CADA ESTADO PARA COM O TOTAL DA RECEITA DA UNIAO

Amazonas	0.5 %	
Pará	1.1 %	
Maranhão	1.4 %	
Piauhý	0.2 %	
Ceará	1.0 %	
Rio Grande do Norte . . .	0.3 %	Norte 11.0 %
Parahyba	0.4 %	
Pernambuco	3.4 %	
Alagôas	0.6 %	
Sergipe	0.3 %	
Bahia	2.8 %	
Espirito Santo	0.4 %	
Rio de Janeiro	1.7 %	
S. PAULO (com Sul de Minas)	32.0 %	
Paraná	1.1 %	
Santa Catharina	0.8 %	
RIO GRANDE DO SUL . . .	5.9 %	
MINAS GERAES - (grande parte da arrecadação é feita na Capital Federal)	2.9 %	
Matto Grosso	0.3 %	Sul 88.2 %
Goyaz	0.1 %	
Arrecadação do Districto Federal correspondente ao Districto Federal, Estados do Rio do Janeiro, de Minas, do Espirito Santo e Norte de S. Paulo.	43.0 %	

Desses dois quadros conclue-se que, não ha igualdade, na arrecadação, nem nas despesas dos dinheiros publicos. Ha Estados que são sangrados, ha outros, que pagam muito pouco; como ha Estados, que recebem muito, como ha outros, que pouco recebem.

Varias são as anotações, que devem ser feitas.

Em primeiro lugar ha a considerar as despesas feitas com as arrecadações.

A União para effectuar uma maior arrecadação, tem que manter um aparelhamento maior e portanto despender mais. Assim a receita federal tem que ter uma proporcional despesa.

Depois ha a notar que, o Rio Grande do Sul absorve muito pelas forças armadas, que precisam estar localizadas nesse Estado da fronteira.

Mas tambem ha a notar a enorme desproporção de rendas entre o Norte e o Sul.

Emquanto que, 11 Estados do Norte só produzem 11 % da receita federal, 10 unidades do Sul produzem 88 %. Igual desequilibrio se vê, no tocante as despesas.

Emquanto esses mesmos 11 Estados do Norte, só absorvem 7 %, os 10 Estados do Sul absorvem 15 %, gastando a administração geral do paiz com essa seriação de Ministerios inuteis, 50 % das despesas federaes, restando 27 % para amortisação e juros da divida externa federal.

Disso vê-se que, o Sul está muito prejudicado, pois é a repartição, que fornecendo dinheiro na proporção de 88 % só aproveita delle na proporção de 15 %.

O Norte concorrendo com 11 % desse dinheiro só aproveita 7 %.

O que encarece, o que torna a vida do paiz difficil, sob o ponto de vista financeiro, está nas duas verbas ADMINISTRACÃO GERAL DO PAIZ, que demanda 50 % e o PAGAMENTO DOS JUROS E DA AMORTISAÇÃO DA DIVIDA que, exige, 27 %.

Uma vez que não ha remedio para esta ultima, devemos cuidar de diminuir a primeira, isto é, a re-

ferente á ADMINISTRAÇÃO GERAL DO PAIZ. Isto se consegue pela DESCENTRALISAÇÃO que pleiteio. E' a CONFEDERAÇÃO o remedio exacto para o mal.

A Confederação, diminuindo a esphera do poder central, e augmentando a do Estado, faz com que a governança central fique mais barata, e mais simples.

E nem se pôde conceber como o Brasil sendo um paiz pobre como é, se dê ao luxo de manter dois aparelhamentos governativos: o Federal e o Estadual.

Ao menos por economia, um delles deve ser diminuido.

Não podendo ser o Estadual pelo que este livro vem demonstrando, segue-se que o aparelhamento federal deveria ser diminuido.

Povos muito mais ricos, como o inglez, o francez, o italiano, etc., não são tão prodigos!

§ 7.º — PRUSSIANISMO

Ha paulistas e não poucos, seja dito de passagem e ainda paulistas de grande prestigio que conhecendo a situação de S. Paulo, sob o ponto de vista economico na Federação, querem resolver-a de outra maneira que não pela descentralisação. (1)

1) Eu fui mesmo acoimado desse feio crime ao publicar um livro, ha cerca de dez annos no qual essa tendencia poderia ser vislumbrada.

O pan-paulistanismo, seria um pangermanismo intra muros.

Sou do modo mais absoluto contrario a elle.

Penso que todos os paulistas de reflexão, devem ser contrarios.

Pois se nós nos batemos com ansia pela nossa autonomia, como é que poderíamos querer supprimil-a dos outros?

Seria o mais completo absurdo.

Dizem elles que S. Paulo sendo muito mais efficiente, valendo muito mais, pesando muito mais do que os demais Estados, é entretanto muito pequeno territorialmente e deveria se expandir dominando o resto, isto é, prussianizando o resto do paiz.

Dizem elles que a norma politica de S. Paulo deverá ser similar a que Bismarck executou na Allemanha, fazendo com que a Prussia dominasse as demais aglomerações escravizando-as e fazendo-as entrar para a sua orbita que caminhou cada vez mais centralizadamente.

Já não falando no que *essã* these tem de immoral, pois tem por objectivo a escravisação dos outros, supprimindo-lhes a liberdade, realisando com outros aquillo que não queremos que façam connosco, tendo mesmo nos levantando em armas em 1932, em razão disso, tenho a objectar que só um conhecimento muito superficial do problema pôde fazer com que alguém se filie a essa these.

De facto, vivemos em regimen liberal-democratico, pelo qual as maiorias governam as minorias e assim sendo como poder-se-hia desejar que os paulistas sendo apenas 7 milhões tivessem a hegemonia absoluta sobre 35 a 37 milhões, os sujeitando a uma prussianisação mais ou menos violenta? Isso seria a inversão com-

O nosso maior anhelos é pois viver autonomos sem preocupação com os mais, assim como queremos que, esses mais, não se preocupem connosco.

Esse é o nosso ideal.

Delle não nos devemos afastar.

E o que isso nos promette é o regime confederacionista que pleiteamos no qual haverá igualdade maior na União, de modo a evitar as queixas de uns contra outros.

pleta da liberal democracia, regimen em que vivemos e em que viveremos.

E' certo que temos exemplos como a França, que com seus 40 milhões de habitantes possui um imperio extra mares de mais do dobro. E' certo que a Inglaterra com seus 50 milhões de habitantes domina a India que tem mais de 300 milhões. Mas é preciso attentar que os habitantes dessas possessões francezas ou inglezas, não tem igualdade de direitos, não tem direito ao voto liberal; estão sujeitos ao absolutismo colonial das nações do occidente. No Brasil isso seria impossivel realizar pois as populações brasileiras, já sendo autonomas não iriam querer perder essa autonomia em beneficio de uma supremacia absoluta de S. Paulo.

Além disso ninguem poderia apresentar elementos convincentes de que o territorio planaltino seria pequeno e incapaz de abrigar uma expansão economica e social progressiva. S. Paulo politicamente possui 260.000 kilometros quadrados de area; o Paraná, também comprehendido dentro do planalto, abrange 190.000 kilometros quadrados; parte do sul de Minas e o norte do Estado do Rio, contem mais ou menos .100.000 kilometros quadrados. São 550.000 kilometros quadrados, dentro dos quaes o homem pôde prosperar economica e socialmente. A Allemanha só tem 490.000 kilometros quadrados e tem uma população dez vezes a de S. Paulo. A Italia tem 300.000 kilometros quadrados e tem uma população de 40 milhões de almas que não se comprimem porque as possessões italianas como a Erythréa por exemplo estão despovoadas. (1) Além de tudo as possessões italianas, france-

1) Estivesse a Italia superpovoadas as suas possessões estariam recebendo o excesso de gente que se transbordaria fatalmente da pe-

zas, etc., são despovoadas, enquanto que o Brasil já tem em certas regiões uma apreciável densidade de população. Seria impossível recolonisar essas regiões.

Vê-se como essa thèse doutrinaria, além de immoal é absurda. Temos entretanto de verificar que a situação do paiz impõe duas soluções apenas:

- a) A DESCENTRALIZAÇÃO. (1)
- b) O PRUSSIANISMO.

insula. A desculpa que Mussolini lança mão para justificar a conquista da Abyssinia não passa de um tropo de rethorica, que ninguém leva a serio. Com os paulistas teriamos a mesma cousa. Ninguém em Paulo iria para regiões fóra do nosso planalto, e se fosse, o resultado, já a experiencia nos revelou: A mineração do ouro, a criação dos curraes do S. Francisco e do Piauhy, a colonisação do Sul, do seculo XVIII teve como consequencia o abastardamento da estirpe paulista e a decadencia da sua linhagem admiravelmente elaborada no planalto, como ficou demonstrado em "*Raça de Gigantes*".

1) A nacionalidade brasileira é muitissimo fragil. Não tem senão ramos fraquissimos, que ligam as differentes entidades que a formam. E' um mosaico quebradiço, composto de variadissimos pedaços, que stontam côres diversas, são de consistencia differente, possuem densidade variada, etc.

Esse estado de cousas é innegavel. Ninguém em boa fé, pôde afirmar que assim não seja. Ninguém, argumentando sem paixão, seria capaz de querer o contrario.

Assim sendo, é claro que, cada estado de cousas deve corresponder a uma fórma de governo differente. Deve haver um molde adaptavel á situação. Deve existir uma modalidade á qual se adapto a materia de facto.

Qual é essa fórma de governo?

Qual esse molde?

E' a fórma de governo, que mais descentralisada, resulte em maior elasticidade; que faculte mais mobilidade; que seja mais flexivel; que não offereça tantas asperezas, tão rijas muralhas.

Essa fórma de governo, evidente, é a — CONFEDERAÇÃO.

Isso não é uma fórma de governo que viria satisfazer apenas os paulistas, uma vez que estes se acham em situação absolutamente diffe-

rente dos brasileiros. A Confederação não é uma modalidade governativa, que com sacrificio dos demais, venha a resultar em beneficio de S. Paulo.

Eis duas proposições que não se confundem.

Se as divisas do paulistanismo, ás vezes, correm pelas mesmas parallelas ás do confederacionismo; se, possivelmente se encontram as directrizes normaes de uma e de outra dessa série de doutrinações idealisticas que constituem a paulistanidade e o confederacionismo, as duas ordens de idéas se apresentam perfeitamente destacadas.

Sim, porque si os confederacionistas, por vezes, buscam se estribar em estatisticas, que gritantes, formam pela paulistanidade; se os confederacionistas se escudam, por vezes, nos argumentos regionalistas, é porque ahí esses doutrinadores encontram mais firme apoio para as suas idéas descentralizadoras. Pura coincidência de processo!

O paulistanismo, tambem se acastella nas estatisticas que tanto e tão fragoroso apoio lhes prestam. O regionalismo tambem lhe serve de solido esteio, nos seus anseios, nas suas reivindicações.

O confederacionismo, porém, é uma doutrinação muito mais ampla. Ella abarca todo o Brasil. Ella serve para todos. Ella convem a todos e é nitidamente favoravel a outras repartições brasileiras.

Se os confederacionistas, lançam mão das estatisticas que favorecem a paulistanidade, é porque ahí os numeros e as differenças são mais gritantes, as cifras são mais eloquentes, os algarismos e as percentagens são mais berrantes, os exemplos são mais nitidos e os typos são mais eloquentes.

Os prussianistas, isto é, os que querem ver S. Paulo dominando no Brasil, os esclavagistas que querem S. Paulo pontificando no concerto da politica brasileira, tambem se servem de argumentos das estatisticas: -- elles tambem são paulistanistas.

Os confederacionistas não almejam hegemonias falaciosas, ou dominios esdruxulos dentro do Brasil, nem escravisações antipathicas.

Na Confederação haveria igualdade.

Nem todo confederacionista é paulista, como nem todo paulista é confederacionista.

Ella é conforme os interesses de todos. Tanto os grandes Estados, como os pequenos Estados, tanto os Estados ricos como os pobres, tanto os cheios de população como os de rala densidade demographica, devem procurar obter essa Confederação, pois que ella consulta ao futuro de todos.

Caso, porém, haja impossibilidade em advir esse regimen, não é difficil prognosticar a desagregação, mais ou menos violenta, do territorio nacional.

Aspirações contrariadas de uns, interesses comprimidos de outros, etc., porão abaixo esse lyrismo cantante, que era o unico cimento que ligava os pedaços heteroclytos da communhão brasileira. .

Esse lyrismo cantante a Casimiro de Abreu, vae indo em rapido declinio, sendo substituido por um sentimento de repulsão entre os estaduanos do Brasil.

Não é mais mysterio para ninguem que o sentimento de brasilidade desaparece por completo. S. Paulo em lucta contra a dictadura, se viu isolado de todos, cujas forças bellicas se accumularam contra os indomitos e invenciveis voluntarios de Piratininga, os quaes só á custa da mais vergonhosa das tradições, não lograram estabelecer o seu ponto de vista.

O interesse pela diminuição do poder central, é de todos.

Todos mantêm, a custa de pesadissimos sacrificios, uma machina administrativa inutil em duplicata, quando uma só seria sufficiente.

Porque não a fazer mais simples, uma vez que custa tão cara? Porque não suprimir essa multidão de peças inuteis, que constituem esse custoso aparelhamento?

Se não sobram recursos financeiros e economicos ao Brasil, porque essa teimosia na perpetuação de valvulas immensas de escoamento dos parcos recursos que ainda restam?

Só mesmo por um tolo espirito de pyrrhonismo que a todos está prejudicando.

Naturalmente S. Paulo é o mais prejudicado com isso, talvez, por isso seja que mais depressa comprehendeu, mas todos os demais Estados, tem a sua quota de sacrificios, para a manutenção do aparelhamento administrativo federal.

A consciencia, porém, vae com rapidez penetrando em todos os cerebros, e a comprehensão se vae fazendo nos habitantes deste paiz. Dia virá em que, muito longe de ser eu considerado — escriptor nefasto —, remorem as paginas deste livro, que contem as designações sinceras de um seguro diagnostico, e de uma therapeutica exacta para os males, que se vem perpetuando na organização politico-social, á qual ainda estamos sujeitos.

Eu, apenas, me limito a fazer soar a voz da advertencia.

Nunca estabeleci comparações em que deduzisse a superioridade de qualquer dos agrupamentos humanos. Apenas aponto uma situação de facto, mostrando em que ella é anormal e qual o remedio para sanal-a.

Neste livro, só falou o estudioso de problemas politicos, sociaes e economicos.

CAPITULO XI

GRUPO ECONOMICO PAULISTA

§ 1.º — CAUSAS VARIAS — PRELIMINARES CONSEQUENCIAS SOCIAES E ECONOMICAS

Os grupos economicos derivam, como vimos de alguma maneira, das circumstancias geographicas, estas sendo a causa da evolução historica, demographica, ethnographica, politica, juridica, religiosa, etc. Como vimos em capitulos anteriores as linhas da evolução humana de um grupo social qualquer, tem as suas causas no meio geographico, que as traça com uma fatalidade da qual não ha que fugir. (1) E' o ambiente geographico com a sua flora, o seu clima, a composição chimica de seu sólo, o relevo physico do mesmo, a natureza de seu sub-sólo, etc., que dão ao homem uma determinada feição qualitativa ou quantitativa, que o

1) Segundo Cornejo ("Sociologie Generale", pag. 60):

"Os phenomenos economicos, tão intimamente ligados ás forças do meio physico, tem influencia as mais decisivas sobre a vida social. A descoberta de uma materia exploravel, carvão, petroleo, cobre, goma, em uma região, produz transformações sociaes e revoluções politicas".

repartem em nucleos, mais ou menos numerosos, que lhe traçam as occupações, que lhe dão um maior ou menor poder acquisitivo e que portanto o fazem escalar em um ou outro nivel na civilização o que lhe dicta certas necessidades mais ou menos imprescindiveis. E' a orientação de seu systema potamographico, a sua situação geographica, ou a sua posição topographica, que lhe orienta os transportes da sua economia e que lhe offerece regras para a concorrência de seus productos na lucta com outros grupos humanos, etc.

Assim como se vê o grupo economico deriva, directa e indirectamente do ambiente geographico, delle sendo uma consequencia proxima e remota.

Sendo uma consequencia é o grupo economico tambem uma causa, pois que, originando interesses iguaes, dando motivos a anseios geraes, religa com mais solidiez, promove maior aproximação, homogenisa a mentalidade, como solidifica em afinidade os objectivos, etc.

Sendo uma consequencia, o grupo economico, tambem age como causa, pois que, pelas suas directivas são estendidas as ferrovias, as rodovias, são baseadas as organizações economicas e commerciaes de exportação, de distribuição ou de consumo, são fixados os centros de produção de maior ou menor importancia, como são firmados os centros de exportação, etc., ali nesses centros sendo procedida a organização de instrucção publica ou particular, sendo irradiada uma organização mais ou menos poderosa de imprensa, de radio, de educação enfim. Onde mais convenha sob o ponto de vista economico nesse ambiente geographico é estabelecida a capital economica desse grupo e dahi promana por toda a região geographica os effeitos economicos financeiros, sociaes, religiosos, politicos, etc., que se vão sedimentando com resultados materiaes e psy-

chologicos, creando não só essa solidariedade material amarrada pelos trilhos de aço de uma, mais ou menos importante rêde de estradas de ferro, ou pelos serpentamentos de cursos fluviaes navegaveis, ou ainda pelos volteios de rodovias que servem zonas economicas inteiras, como ainda essa solidariedade moral de gente que se funde em identica mentalidade, e em identica sentimentalidade. Isso origina na communitade de todo o grupo humano uma similaridade de psychologia tal que se afina homogenisada pelas linhas de maior ou menor similitude do ambiente physico.

O planalto paulista não escaparia evidentemente a essa fatalidade que tem servido imperativamente nos demais grupos humanos que tem vivido na superficie do planeta.

Analysemos:

A principio, nos dois primeiros seculos, o planalto paulista, em razão de seu clima frio e da sua situação geographica (muito mais longe da metropole portugueza) não teve estabelecida na capitania de S. Vicente, que era a repartição politica que mais coincidia com a região geographica que, eu chamo, planalto paulista, a prosperidade assucareira, que se reflectia deslumbrantemente na Bahia e em Pernambuco, centros que se fizeram opulentissimos. Eis regiões privilegiadas pelo seu meio geographico, clima, composição chimica de seu sólo, situação geographica. etc. Eis as consequencias derivadas directamente do meio geographico a marcar as delimitações de grupos humanos que se faziam distinctos, com essas characteristics. (1)

1) De facto a evolução historica do grupo humano planaltino nada tem a ver com a evolução historica paralela dos demais grupos humanos nesta parte da America do Sul. Senão vejamos.

Emquanto isso, o planalto paulista vivia. Vivia de pauperado pela intensa sangria que o seu grupo humano havia soffrido com a emigração d'elle para as minas, nas Geraes, em Cuyabá, em Goyaz e para a coloni-

O verdadeiro descobrimento* para a civilização do planalto paulista foi a chegada de João Ramalho em 1510 mais ou menos. Depois a chegada de Martim Affonso e sua expedição colonizadora composta de elementos que não tinham relação de parentesco nenhum com os colonizadores das regiões vizinhas sul-americanas. Apoz, foram aportando ao planalto gente iberica que se ia mestiçando com o indigena, o qual nada tinha de relativo aos demais indios desta parte do continente. Eram antes guaranis das missões jesuíticas, guayanazes, etc., enquanto que os demais grupos ibericos se mestiçavam com tapuias aymorés, ou com tupis, tamoyos, etc. No seculo XVI, o grupo humano planaltino, reduzidissimo era completamente esquecido, não havendo tomado parte nos acontecimentos coloniaes lusitanos. A historia não assignala lição alguma entre a gente planaltina e os mais. O seculo XVII, ainda que o grupo humano planaltino tivesse tomado proporções mais volumosas, elle ainda era esquecido dos acontecimentos coloniaes, nos quaes tomava parte apenas enviando algum auxilio aos luso-americanos que se debatiam contra os hollandezes.

No seculo seguinte os planaltinos invadiram as Geraes e ahi constituiram população, mas o planalto continuou sem se misturar com os acontecimentos coloniaes. Com a independencia no seculo XIX, os planaltinos tomaram parte menos apagada nos acontecimentos e o seu isolamento diminuiu um pouco, mas mesmo assim, continuou o planalto a não ter intimidade com o resto do paiz, que só se lembrava do planalto para o desmembrar. O seculo XVIII arrancou da capitania vicentina os territorios de Minas Geraes, de Goyaz, e de Matto Grosso. O seculo XIX assistiu o arrancar do Paraná, isto é, todo o sul planaltino, para o dar a um homem do Imperio que ia como governador. O Imperador não sabia como contentar o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos que vinha de abandonar o ministerio e para não o deixar sem nada deu-lhe a governança de um pedaço do planalto que vinha de arrancar a S. Paulo.

Mas sem embargo do periodo unitario em que o planalto esteve estreitamente jungido, sob o aspecto politico, aos mais grupos desta parte sulamericana, a sua historia é completamente differente dos mais.

Os seus capitulos de gloria, como as suas ansiedades, as suas horas de depressão, como as suas alegrias do triumpho, a sua força expansiva no seculo XVII, como a sua decadencia no seculo XVIII ou o

sação das regiões sulinas. Não havia porém se modificado o ambiente geographico, e a velha cellula mater de Piratininga havia crescido e se ampliado para o norte, para leste, para oeste e para o sul.

seu renascimento no seculo XIX, nada tem de commum com os capitulos de outras partes. Nada interessa aos planaltinos a historia da Amazonia, a expulsão dos francezes do Maranhão, a tentativa de Beckman, o povoamento do Nordeste, ou as guerras hollandezas, como a guerra dos Mascates, a revolução nordestiua de 1817, a Coufederação do Equador de 1824. Nada interessa ao planalto a aventura de Caramurú, os governos de Thomé de Sousa, de Duarte da Costa, de Mem de Sá, de Luiz de Sousa, de Diogo de Mendouça Furtado, etc. Nada interessa ao planalto, o heroismo de Jerouymo de Alhuquerque, de Mathias de Albuquerque, dos Moura, dos Cavalcauti, dos Sousa Deça, dos Feruandes Vieira, dos Camarões, dos Henrique Dias, dos Vidal de Negreiros. Nada tem que ver com o planalto, os horrores da conspiração de Tiradentes, a teutativa de Felipe dos Santos, a investida de Duclerc e a de Dugay Trouin, ou o movimento dos Farrapos, com todo o heroismo romantico de Antonio Neto, de Garibaldi, de Canabarro, ou de Bento Gonçalves, personagens laureadas sem duvida, mas tão interessantes ao planalto paulista como as aventuras de D'Artaguan, os quadros da couquista da Gallia por Julio Cesar, as batalhas de Napoleão, as victorias de Nelson, o fracasso da Inveucivel Armada, ou a luminosidade da victoria de Lepanto.

O planalto paulista tem os capitulos de sua historia, nos quaes commungaram os seus heróes, gente sua, antepassados sanguineos dos planaltinos de hoje, que buscando nos archivos genealogicos ahi encontrarão entopauo as suas familias em passado não remoto os nomes fulgurantes desses heróes. Eis João Ramalho, Tibiriçá, Bartholomeu Bueno, Fernão Dias, Borba Gato, Pero de Moraes, Fernão de Camargo, os Pedroso de Barros, os Preto, os Grou, etc. Esses são vencedores de prelios dos quaes depeudeu a sorte do planalto, esses são fundadores de cidades planaltinas, esses são expoentes do passado planaltino.

Com essas págiuas do passado planaltino, não commungaram os mais. Essas paginas foram exclusivamente planaltinas. Muito mais interferencia uma nas outras, nós encontramos a historia da Inglaterra em mistura com capitulos da historia da França, da Hollauda, da Hespanha, de Portugal e vice versa. Óra, é um exercito iuglez que desembarca do continente para guerrear os francezes, óra elle age hombro a hombro com os francezes, cou os portuguezes ou com os hespauhóes.

Haviam surgido Sorocaba, Itú, Parnahyba, Mogy das Cruzes, Taubaté, Guaratinguetá, Jundiaby, Atibaia, etc., mas todos esses nucleos dentro do planalto.

O seculo XVIII os havia debilitado, impedindo movimentos accentuadores de seu estado psychologico, mas o seculo seguinte o XIX iria logo demonstrar.

Foi o meio geographico com as suas condicções proprias que offereceu ao homem as possibilidades da implantação da lavoura de café.

O planaltino, descendente de uma gente rude, aventureira, afeita a vida sertaneja, de sobriedade comprovada ia se aproveitar desse conjuncto de possibilidades que a geographia de sua região lhe offerecia.

Resultado foi a plantação da lavoura de café.

Houve a derrubada e depois a substituição das selvas pelo cafestal alinhado.

Com isso se creou a lavoura de café planaltina e uma formidavel fonte de riqueza, que como tal iria produzir suas consequencias que se reflectiriam em varios scenarios.

A formula da producção é $P = M + C + T$.

Óra é um rei da Hollanda que tambem se faz rei da Inglaterra, óra é uma princeza ingloza que se casa com um soberano continental ou vice-versa.

Com o planalto paulista nada disso se vê. Os seus herócs são exclusivamente seus, os capitulos de seu passado glorioso o são exclusivamente seu. Não ha repartição possivel, não ha communhão com qualquer outro.

A evolução secular do planalto, desde a formação do seu grupo humano, até agora o grupo humano no planalto tem tido uma independencia absoluta quanto a seu passado. Apenas as guerras platinas, contra os caudillos hispano-americanos, e a guerra contra o Paraguay, misturaram o sangue do planaltino ao dos componentes dos demais agrupamentos desta parte do continente. Mas isso tambem aconteceu aos argentinos e aos uruguayos e nem por isso elles se confundiram com os agrupamentos humanos que lhes ficavam ao norte.

Analysemos cada um desses factores.

P é producção; M é a mão de obra ou o trabalho; C é o capital; T é o elemento geographico.

O elemento geographico é consistente no sólo na sua dupla função chimica e physica, isto é, na sua composição, e na sua configuração.

A composição chimica do sólo é admiravelmente talhado para a producção cafeeira. As terras roxa, a massapé branca ou preta, as terras arenosas da No-roeste, da Araraquarense, ou da Alta Sorocabana, são maravilhosas na producção, a qual chega até a 400 arrobas por mil pés, quando nas regiões colombianas, nos alcantis espiritosantenses, ou nas serranias mineiras, ou ainda no archipelago das Sonda, ella não vae além de 30 arrobas por mil pés.

A configuração physica do sólo paulista faz com que o transporte seja ahí custoso, mas não tanto quanto nas agrestes paragens andinas da Colombia, ou da America Central, das regiões ingremes e difficeis de Minas ou do Espirito Santo.

O clima planaltino, outro factor importantissimo de ordem geographica a influenciar a economia social, nós temos que elle se faz admiravel quer agindo no café, tornando-o possivel e fazendo uniformes os periodos das colheitas, quer actuando favoravelmente na mão de obra destinada ao cultivo cafeeiro.

De inicio a riqueza cafeeira se valeu da mão de obra que havia servido para a exploração de todas as fontes economicas na America portugueza, a mão de obra negra. Com a crescente prosperidade economica, a escravaria foi adquirida alhures, e um outro nucleo de africanos foi constituido na America sulina, em pleno planalto paulista. Essa mão de obra porém foi substituida em fins do seculo XIX pela européa, de modo

que, temos mais um exemplo de um grupo humano se colorir dermochromicamente mais ou menos escuramente em virtude de uma causa economica e esta por sua vez consequencia de uma causa eminentemente geographica.

O capital para o preenchimento da formula da producção foi reunido aos poucos paulatina e automaticamente augmentado á proporção que o café ia produzindo.

Foi o desenvolvimento agricola planaltino que obrigou o transporte que é um dos componentes de T a lhe acompanhar. O café foi o director do systema ferro e depois rodoviario planaltino.

Nós sabemos que foi o crescimento do potencial economico do planalto, graças ao café, que em meados do seculo passado fez com que capitaes inglezes se interessassem na ligação do litoral ao planalto paulista. Dahi a S. Paulo Railway, que nada mais foi do que a consequencia de uma causa economica, a qual por sua vez era uma consequencia de causas geographicas. (1) A S. Paulo Railway, parou em Jundiáhy, mas empresas paulistas, particulares ou estaduaes, fizeram proseguir para adeante as vias de transporte, que perlustraram os espigões e vales do Mogy Guassú, do Pardo, do Tieté, do rio Grande, do Paraná, ou do Paranapanema, cortando o territorio planaltino de meios de communicação

1) A escalada da serra do Mar por uma estrada de ferro, exigia capitaes de tal vulto que os habitantes do planalto, não podiam com seus recursos proprios promover o grande empreendimento. Milhões de libras esterlinas eram precisos. Os inglezes vislumbraram com agudeza de golpe de vista as perspectivas rutilantes no scenario economico dessa região planaltina. E' que Santos já exportava crescentemente, como indice de uma região promissora. Isso attrahiu os capitaes inglezes. Elles só se applicaram na ferrovia Santos-S. Paulo, ou Litoral-Planalto, porque viram no empreendimento, a imagem da propria confiança.

facil e rapida traçando nesse territorio malhas, que cada vez vão se fazendo mais estreitas e mais fechadas.

O que realiza no campo material esse systema de transportes é facil de se imaginar. São elementos hu-

Assegurava-lhes o crescente progresso economico do planalto reflectido nesta estatistica, referente a exportação de Santos:

1857	3.278:767\$000
1858	3.733:000\$000
1859	7.633:610\$000
1860	6.486:027\$000
1861	8.591:369\$000
1862	8.412:972\$000

A importação por Santos, a qual é consequencia da exportação tambem augmentava:

1857	408:593\$000
1858	374:162\$000
1858	567:532\$000
1860	1.374:931\$000
1861	1.777:204\$000
1862	2.018:484\$000

(Scully, loc. cit.)

A prosperidade havia começado, como se verifica evidentemente dessa estatistica, mas completada a estrada. esse augmento se accelerou, como se vê:

	<i>Exportação</i>	<i>Importação</i>
1877	27.632:249\$000	6.212:970\$000
1878	31.115:925\$000	6.993:121\$000
1879	29.779:717\$000	8.326:851\$000
1880	29.364:873\$000	8.563:667\$000
1881	31.820:442\$000	10.031:023\$000
1882	34.159:951\$000	11.230:191\$000
1883	46.204:505\$000	12.059:428\$000
1884	47.207:124\$000	10.415:856\$000
1885	35.868:615\$000	12.497:966\$000
1886	74.199:731\$000	16.302:337\$000

A *Importação* tambem crescia, nessas proporções, impulsionada pelo poder aquisitivo determinado pelo augmento da *Exportação* e pelo cres-

manos que se homogenisam em identidades de scenarios economicos consistentes na producção de elementos similares, e no consumo de identicos generos ou artigos. As communicações actuando sob o ponto de vista material unicamente, facilitando as relações economicas, commerciaes, financeiras, sociaes, creando laços de parentescos, de amizades, de conhecimentos, afinam e homogenisam de tal modo que os municipios administrativos que constituem a area territorial do planalto paulista formam um bloco concreto hermeticamente fechado e sem a menor frincha entre elles.

Más a acção dessas linhas de communicação, a Paulista, a Mogyana, a Sorocabana, a Araraquarense, a Douradense, a Noroeste, a Bragantina, ou a S. Paulo Railway, não se limita unicamente ao campo material. E' sob o ponto de vista psychológico que a acção dessa rêde de communicações actua de uma maneira mais energica, no sentido da homogenisação do grupo humano que ella serve.

Essa mencionada rêde ferroviaria, locomove uma massa immensa de passageiros, de um ponto do planalto paulista, para outro, misturando as ideias e os sentimentos, uniformisando os costumes, identificando as aspirações, e os modos de encarar as situações scenificadas aos olhos dos planaltinos. (1)

cimento do gráu de civilisação da gente planaltina, o que determinava um augmento nas necessidades vitaes do povo.

Depois veiu a immigração europeia e a prosperidade se precipitou em maior velocidade. As differenças dos saldos entre a exportação e a importação iam se capitalisando pelos planaltinos, que com esses saldos accumulados proseguiam no augmento de sua lavoura de café e na extensão dos trilhos de sua rêde ferroviaria.

1) A construcção dessa rêde ferrea exigiu muito capital, pois que como se verificou para a producção de qualquer genero, ou estabelecimento fabril, etc., é preciso se applicar a formula $P = C + M + T$.

A quantidade de C, capital é relativa aos outros dois factores M e T.

Essa rêde ferroviaria, locomove diariamente uma imprensa não pequena, que semeia uma identidade de ideias, de sentimentos, de pontos de vista, de opiniões,

Quanto mais difficil seja o factor T, ou quanto mais cara, sendo rara a mão de obra M, avulta necessariamente o factor C. Se no planalto paulista o factor M, não era caro, em compensação o factor T se fazia difficilissimo, em virtude de característica geographica RELEVO DO SÓLO. Este no planalto, como vimos é extremamente rugoso. Dahi as difficuldades que elevam o factor T e exigem proporcionalmente elevação no factor C.

Para mostrar o quanto exigiram as construcções das rêdes ferreas em capital, nas varias regiões proximas ao planalto paulista em comparação a este podemos elaborar o seguinte quadro comparativo:

Madeira-Mamoré	45.162:000\$000	(região distante e impalludismo)
São Luiz a Therezina	53.803:000\$000	
S. Paulo Railway	850.000:000\$000	
Rêde de Viação Ccareense	91.000:000\$000	
Great Western	65.500:000\$000	
Leopoldina	450.000:000\$000	
Rêde Mineira	252.000:000\$000	
S. Paulo Railway	850.000:000\$000	(ao cambio actual)
Paulista	425.000:000\$000	
Mogyana	198.000:000\$000	(ao cambio da estabilisação)
Sorocabana	750.000:000\$000	(com os melhoramentos e com a Mayrink-Santos)
S. Paulo-Rio Grande	108.000:000\$000	
Viação Ferrea R. G. do Sul	153.166:000\$000	

Por ahi se vê o quanto dispendiosas em capital são as ferrovias no planalto paulista, exigindo grandes sommas de capital.

Mas se o capital exigido para a construcção dessas ferrovias é grande, tambem a remuneração desse capital é proporcional, como se poderá ver do quadro seguinte:

Vê-se por esses dados estatisticos que todas as estradas de ferro no Brasil, com excepção das estradas paulistas tem pouco o que transportar, tem pouca renda e não remuneram os capitães invertidos nesses empreendimentos da industria de transporte.

de crenças, etc., por toda a area planaltina, uniformizando os espiritos, moldando em mesmos similes toda a area planaltina, formando nas mesmas bases os corações, alimentando as mesmas aspirações, etc.

Não satisfazendo as necessidades economicas regionaes a densa rêde ferrea existente no planalto, outra se foi estendendo ao lado.

Foram as rodovias, que como novos laços tentaculares foram ligando aos poucos as cidades planaltinas, prendendo-as uma as outras por uma trama cada vez mais intensa e vultuosa de interesses e por uma urdidura cada vez mais intrincada de similitudes de almas originadas nos mesmos moldes de sentimentos e de ideias forjadas ao imperio de forças identicas.

E' sabido por todos a immensa força agglutinadora das communicações e não ha muito tempo se conheceu uma conferencia interessantissima do illustre prof. Monbeig sobre o papel das communicações no rio Rheino, através das edades. Sabemos ainda a funcção do rio S. Francisco, na leitura da unidade politica do sul e do norte brasileiros, pois não ha muito sahi nesse sentido um livro posthumo de Vicente Licinio Cardoso, publicado na Collecção Brasileira, pela Companhia Editora Nacional.

A consequencia é sempre dolorosa e por isso vemos as estradas de ferro no paiz, mergulhadas em eternos deficits. Isso accusa um problema que demanda solução. A meu ver a solução é a apontada por Vivaldo Coaracy, nos Problemas Nacionaes, estudando a questão das nossas vias de comunicação e transporte, pg. 79, elle diz o seguinte: "de uma comissão de Tarifas ferroviarias que, reunida no Rio de Janeiro e composta de technicos especialistas, para estudar o problema "do certas Estradas de Ferro Brasileiras", concluiu que a unica solução "economica e racional para estas estradas, seria arrancar os trilhos e vendel-os como ferro velho (o grypho tambem é nosso). (*)

*) E' possivel que o sr. Vivaldo Coaracy haja mudado de ideia.

E' da sciencia geral a actuação do rio Mississipi e dos seus affluentes Missouri, Ohio, Tenesse e outros na formação da Federação norte americana, dos Estados Unidos. Todas as vias de communicacão exercem uma funcção notavel da unificação dos grupos humanos e segundo ellas são maiores ou menores, mais ou menos facéis, mais ou menos baratas, no transporte que offerecem, exercem maiores ou menores influencias nas populações. E' o meio geographico exercendo força na constituição e na evolução das populações.

O planalto paulista não se podia furtar as regras, experimentadas alhures e a formação ou a evolução de seus nucleos de população tinham, por força, que, sentir as influencias das communicacões, as estreitando em amplexo mais ou menos apertado, as tirando do isolamento em que deveriam viver e as reduzindo a um bloco só.

Assim teria agido o systema de communicacões no planalto paulista.

A acção dessa força centralisadora, baseada em materia de communicacões tinha que ser engrandecida porque ella não se fazia sentir em contrario ao que existia antes della se exercitar. E' exactamente o opposto desse raciocinio que teria occorrido. As communicacões agiram de conformidade com o que havia anteriormente.

Houve apenas uma collaboração intima e reciproca nesse sentido. Forças que se conjugaram para que um mesmo objectivo fosse alcançado. Houve apenas directrizes similares que se uniram para a consecução do mesmo alvo.

Isso teria que resultar a homogenisação. Era fatal! Tanto mais que, o restante, sob o ponto de vista administrativo, proseguia nesse sentido!

Um aparelhamento educacional e paralelamente a este, varios aparelhamentos administrativos agem activamente no mesmo sêntido que o systema de communicações.

O conjunto dessas acções todas, actuam como uma força descommunal no sentido de homogenisação do grupo humano planaltino, fazendo-o cada vez mais afinado em características proprias, com sua mentalidade perfeitamente nitida no continente sul americano, os seus costumes proprios, a sua sentimentalidade propria, as suas opiniões, as suas crendices, as suas aspirações, etc.

O isolamento dessa região planaltina não é tão intenso quanto era. Isso é natural, mas os recortes geographicos a delimitar essa zona com os seus attributos persistem, através dos seculos, mais ou menos intransponiveis. (1) e (2) na pag. seg.

1) O systema ferroviario planaltino só tem ligações com o systema ferroviario mineiro, através dos trilhos da Cia. Mogyana que em sequencia de varios ramaes vae se encontrar com as linhas da Rêde de Viação Mineira, com a Central do Brasil que pelo valle do rio Parahyba vae ao Rio de Janeiro e com o Rio Grande do Sul pelos trilhos da S. Paulo-Rio Grande, uma estrada precaria de enorme extensão de linhas mas de eficiencia muito reduzida. São essas as poucas ligações ferroviarias do planalto paulista, evidentemente muito poucas pelo vulto do grupo humano, o qual evolue progressivamente todos os dias.

Com o resto do Brasil, o planalto paulista não tem comunicação alguma, a não ser a precarissima comunicação maritima, a qual só pôde ser feita através da navegação de cabotagem.

Essa navegação de cabotagem é o emperrado meio de comunicação que offerecem os parcos elementos de transporte, entre os vasos fechados dos grupos anthropogeographicos regionaes do Brasil.

Para se ver o quanto enferrujada é essa engrenagem de communicações entre os diversos grupos anthropogeographicos do Brasil basta dizer que as communicações entre as diversas regiões brasileiras são insignificantes. O Brasil teve os seguintes movimentos de commercio internacional, em toneladas e em valor;

A região, ou antes o grupo economico, não coincide bem com a região geographica e com a região humana, pois que elle engloba o territorio sul mineiro, o

	<i>Importação</i>		<i>Exportação</i>	
1928	5.838.000	3.694.000:	2.075.000	3.970.000:
1929	6.108.000	3.527.000:	2.189.000	3.860.000:
1930	4.881.000	2.243.000:	2.273.000	2.907.000:
1931	3.552.000	1.880.000:	2.236.000	3.398.000:
1932	2.333.000	1.518.000:	1.632.000	2.536.000:

Nesse ultimo anno de 1932 o intercambio de cabotagem em todo o Brasil foi inferior ao movimento de longo curso pois o total deste subiu a 4.054.000:000\$000, emquanto que o total de cabotagem ficou em 2.346.000:000\$000.

Com isso se vê como no Brasil o commercio de longo curso é maior do que o de cabotagem. E' o contrario que se dá no mundo. Nos Estados Unidos os navios que realisam commercio de longo curso desioçam 6.940.000 tons. emquanto que os de cabotagem deslocam 9.742.000 tons. No Canadá, em 1927, o movimento foi de 21.382 navios de longo curso, deslocando 22.925.000 tons., emquanto que os de cabotagem foram de 92.222 navios deslocando 42.617.000 tons. ("*Statesman's year book*").

Podcr-se-hia alongar esta lista de paizes nos quaes as communicções de cabotagem são muito maiores do que as de longo curso, ao inverso do que acontece com o Brasil, mas é inutil se firmar mais este assumpto.

2) O grupo humano planaltino, então, possui as suas communicções muito mais desenvolvidas com o além mar do que com as outras partes do paiz do qual faz parte politicamente.

Assim é que só S. Paulo teve os seguintes movimentos de commercio de longo curso:

	<i>Exportação</i>	<i>Importação</i>
1928	2.095.000:000\$	1.479.000:000\$
1929	2.098.000:000\$	1.407.000:000\$
1930	1.428.000:000\$	749.000:000\$
1931	1.751.000:000\$	694.000:000\$
1932	1.120.000:000\$	444.000:000\$

triangulo mineiro, com o sul goyano, o sul mattogrossense esse Maracajú tão caro aos corações paulistas, emquanto que a area propriamente planaltina, habitada por gente planaltina sob o ponto de vista rigoroso anthropogeographico não comprehende esses territorios, mas sob o ponto de vista economico é notavel a influencia que o systema de communicações exerce sobre esses nucleos de gente.

Sem embargo disso, o grupo economico confirma o grupo humano, destacando-o ainda mais de onde elle se acha encravado.

Por todos os lados essa região humana, geographica e economica está delimitada com nitidez por outras que se accentuam em outras directrizes, as vezes antagonicas.

Premido por tarifas alfandegarias, fructo de uma politica aduaneira brasileira que vizava uma sempre maior arrecadação, o grupo humano planaltino foi

Neste ultimo anno, S. Paulo teve com as outras regiões do país o seguinte movimento:

<i>Exportação</i>	<i>Importação</i>
340.198:000\$00	277.650:000\$00

Isto quer dizer que S. Paulo dedica 80 % de sua exportação ao exterior de longo curso e apenas 20 % a exportação de cabotagem.

Isto quer dizer que S. Paulo dedica 61 % de suas actividades de importação ao mundo exterior em communicações maritimas de longo curso e apenas 39 % á importação de cabotagem.

Dahi se vê com clareza que o planalto paulista mantem um grande isolamento economico das mais regiões brasileiras. Ora, como esse isolamento economico se reflecte em isolamento psychologico que é consequencia daquelle, segue-se que é uma região onde existe um grupo humano que progressivamente apura a sua alma regional.

constrangido a crear um parque industrial para ahí supprir as suas necessidades, determinadas pelo estado a que havia chegado pelo nivel de sua civilisação.

Dahi a industrialisação da população planaltina no que concorria tambem o gráu de instrucção que o Estado ministrava. Dia a dia essa urbanisação se fazia mais accentuada, com um crescimento proporcional dos centros urbanos. (1)

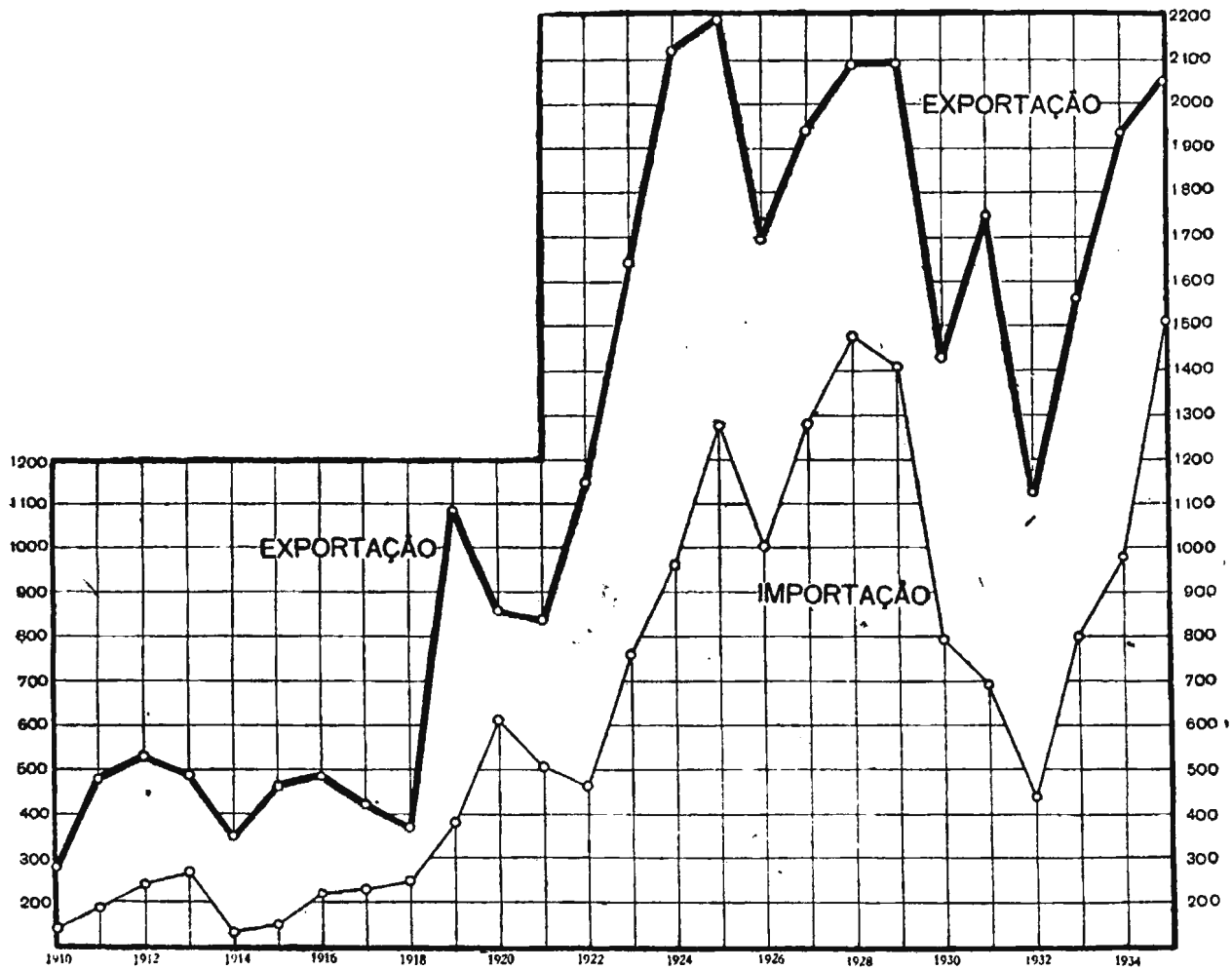
O planalto paulista ia attingindo um gráu de civilisação muito acima do das regiões limitrophes; o grupo humano planaltino ia caminhando, com o seu poder acquisitivo, a somma de suas necessidades vitaes, a sua cultura, a sua mentalidade, etc., muitissimo acima dos demais grupos humanos nesta parte da America sulina. (2)

1) Segundo o Recenseamento estadual paulista de 1934, ficaram apuradas as seguintes cidades acima de dez mil habitantes:

Santos, 132.942; Campinas, 69.010; Ribeirão Preto, 41.502; Sorocaba, 38.775; Jundiáhy, 28.607; Piracicaba, 26.362; Araraquara, . . . 23.517; Baurú, 22.733; Taubaté, 21.840; São Carlos, 20.791; Rio Claro, 19.557; Rio Preto, 18.132; Franca, 18.072; Jahú, 18.069; Guaratinguetá, 15.169; Botucatu, 13.894; Marília, 13.631; Itú, 12.994; Aracatuba, 12.705; Limeira, 12.438; Mogy das Cruzes, 12.586; Catanduva, 12.328; Barretos, 11.999; Bragança, 11.970; Bebedouro, 11.807; Cruzeiro, 11.701; Lins, 11.657; Itapetininga, 11.530; Jaboticabal, 11.231; Jacarehy, 10.922; São Vicente, 10.045.

2) Qual o valor do grupo economico paulista?

Tomando em consideração as seguintes parcelas cheguei as conclusões seguintes:



Corroborando nessa marcha houve com a guerra europeia de 1914-1918, uma interrupção na importação de artigos necessarios ao estado de civilização do planalto, o qual precisando de certos generos e não os podendo importár, se atirou a producção delles. Dahi a origem da industria planaltina, essa famosa industria paulista que constitue o maior parque industrial da America do Sul. Essa industria prosperou e cresceu a sombra da politica fiscal, que não sendo proteccionista, visava entretanto as maiores arrecadações aduaneiras. Depois foi a baixa cambiaria, que fez com que a indus-

5.650.000	contos	do valor das terras e das bemfeitorias ruraes segundo o Recenceamento Agro-pecuario de 1935.
2.850.000	„	de plantações cafeiras calculando a 2\$000 por pé de café.
500.000	„	de outras plantações como laranjeiras, pereiras, bananeiras, etc.
10.000.000	„	de 250 cidades e 500 villas existentes no Estado com os seus patrimonios urbanos.
2.000.000	„	de estradas de ferro, sendo o material fixo calculado a 250 contos por kilometros.
500.000	„	de estradas de rodagem e de caminhos.
200.000	„	do porto de Santos.
2.000.000	„	de industrias urbanas em geral.
2.500.000	„	de industrias electricas, frigorificas e ruraes.
3.800.000	„	de patrimonios estadual o municipaes e de abastecimentos de aguas e exgottos nas cidades.

30.000.000	„	
------------	---	--

Assim temos que o valor de S. Paulo, grupo economico é de trinta milhões de contos de réis. Se quizermos reduzir esse total á moeda americana para compararmos o valor ao dos Estados norte americanos, temos que tomando o *dollar* a 18\$200, São Paulo vale 1.653.000.000 de dollars, fazendo figura apagada deante dos Estados norte americanos que apontamos em outro topico deste trabalho.

tria planaltina sobrevivesse ao periodo apoz guerra e eil-a consolidada. (1)

Essa industria, porém, não encontra consumo senão no proprio planalto e só escoa seus productos para alhures em proporção verdadeiramente insignificante.

Isso acontece por trez causas concorrentes:

- 1.º) Os habitantes de outras regiões sul americanas, estando em degráu de civilização muito inferior aos planaltinos não tem necessidades do que a industria destes produz.
- 2.º) Os componentes dos outros grupos humanos sul americanos, não estando em tão avultado degráu de prosperidade economica não tem poder acquisitivo para comprar os productos industriaes planaltinos.
- 3.º) O continente sul americano é um composto de regiões que se communicam entre si com muita difficuldade e por isso os productos de uma região chegam a outra muito onerados e caros, com o que vale aos componentes dos grupos humanos dessas regiões, fabricarem elles os artigos que precisam. Isso lhes daria productos muito mais baratos e mais de accôrdo com o estagio civilisador em que se acham.

Esse raciocinio é confirmado pelas estatisticas.

O planalto paulista, região geographica fria, nos 3 primeiros seculos, distante da metropole, e por isso

1) Essa industria planaltina que dizem ser ficticia, repousa entretanto em 75 % da materia prima do proprio planalto, pois que em 1933 sobre um total de produção de 2.060.063:470\$000 nada menos de 1.364.600:000\$000 eram produzidos com materia prima propria. Isso representa uma porcentagem de 75 % do total.

não recebeu grande quantidade de colonisadores, região de sólo chimicamente pobre na sua orla proxima á crista da serra (só depois de cerca de 100 kilometros começa o planalto a ser fertil chimicamente), teve que arcar com a pobreza.

Emquanto, nesse periodo de tempo, as regiões geographicas do norte prosperavam assombrosamente, o planalto paulista vejetava em miseraveis condições. Todas as circumstancias decorrentes desse desnivel economico se faziam sentir. O norte era brunido intellectualmente, o norte era civilisado, o norte era uma serie de regiões cūjos habitantes tinham um poder acquisitivo elevado e necessidades de consumo não pequenas. A capitania de S. Vicente era a antithese desse quadro. Região abrupta, rudes eram os seus moradores, incultos os individuos de seu grupo humano, baixo era o seu poder acquisitivo, diminutas eram as suas necessidades de vida, porque pequêno era o teu teôr em civilisação.

As consequencias desse estado de facto não se fizeram demorar.

O planaltino, não tendo poder acquisitivo para comprar o negro escravo africano, se viu constrangido a se contentar em pegar bugres e a civilisar indios. Dahi o bandeirismo; dahi a expansão bandeirantista do seculo XVII. Entre bugres selvagens, anthropophagos das mattas e os já christianisados e limados das reduções jesuiticas, os bandeirantes planaltinos preferiram os ultimos, e dahi a expansão bandeirante seiscentista se ter feito na bacia do baixo Paraná.

O bahiano ou o pernambucano, pelo contrario, logo se enriqueceram, graças ao clima quente, a situação proxima da metropole, a composição chimica de suas terras quentes e humidas de uma orla litoranea que

para ser atingida não havia nenhum obstaculo geographico serio. Dahi a colonisação lusitana ter buscado preferencialmente o norte; com o que essas regiões não perderam o contacto com o idioma de Camões, mas se fizeram mais escuras pela influencia do africano que elles puderam importar, em virtude de seu maior poder acquisitivo.

Mas, dizem que, o que dá para rir tambem dá para chorar. Foi o ambiente de maior opulencia, de maior rutilancia, de maior civilisação, de maior amplitude de recursos economicos, de melhor mercado de consumo, que lançou a cubiça aos olhos gananciosos dos hollandezes e os attrahiu nas duas tentativas de conquista de 1624 e de 1630 sobre a Bahia e sobre Pernambuco.

Emquanto isso, o planalto paulista vivia isolado na sua rudeza abarbarada, formando o seu delineamento psychologico, que explodiu na aclamação ruidosa de Amador Bueno. Era uma manifestação de espirito de independencia que correspondia a um indice de estado collectivo. O grupo humano planaltino se achava muito differenciado depois de um isolamento no planalto e manifestava esse estado de facto por meio de um acontecimento que se não foi levado avante, devemol-o em razão de circumstancias de varias naturezas outras. Aliás a historia seiscentista do planalto paulista não foi senão uma sequencia de manifestações desse estado de cousas. (1)

1) A expulsão dos jesuitas, as arruaças sobre o padrão da moeda, ou sobre os direitos de importação do sal, ou ainda os arrufos contra a governança de Salvador Correia de Sá foram manifestações exuberantes de regionalismo, as quaes só não foram por deante em virtude das luctas intestinas, como as dos Pires e Camargos, que dividiram o grupo humano planaltino em duas facções impedindo-o de realisar a frente unica que iria realisar a independencia politica da região geographica.

No seculo seguinte os planaltinos, destruidos e esgottados os celeiros dos indios das reduções, se lançaram em varias direcções, para oeste e para o norte. Aproveitando-se dessa gente endurecida nos embates sertanejos, os dirigentes portuguezes os lançaram a cata dos metaes preciosos. Os planaltinos finalmente descobriram esses metaes e no seculo XVIII povoaram as minas com gente que abandonou o planalto. Isso fez attrahir para ahi os habitantes dos nucleos da Bahia e de Pernambuco, desgorgitando-os. As minas descobertas pelos planaltinos, formaram em isolamento nas serrarias de alem Mantiqueira, um grupo humano, que graças ao meio geographico a agir sobre elle, foi adquirindo as suas linhas proprias.

Quaes? a) Systema racial proprio, fortemente marcado de africano em razão de ter o ouro dos soccavões mineradores proporcionado aos individuos desse grupo humano de alem Mantiqueira o poder acquisitivo sufficiente para elles poderem comprar o negro, o que foi feito em grande escala. Esse systema racial pelos motivos apontados, tinha que ser differente do dos demais grupos humanos desta parte da America do Sul. Ainda que esse systema racial proprio pudesse se ir paulatinamente se lusitanizando pelo affluxo de gente iberica para a região, tambem o elemento negro ia progressivamente crescendo em razão da maior opulencia ir facultando de ser maior numero de escravos importados e incorporados á população. Até hoje vemos em Minas Geraes, um dos grandes nodulos de negros e mestiços a persistir. b) Psychologia propria, formada de mentalidade que se foi crystallizando em torno das lavras metaliferas, com a sentimentallidade propria, os seus anseios proprios, em flagrante differença com os demais grupos humanos que soffriam outras influen-

cias que não a dõs efluvios emanados dos cascalhos auriferos. c) Somma de interesses proprios, os quaes por força, tinham que rodar em torno do modo de vida proprio dos mineradores, desses exportadores de ouro e de diamantes, que a metropole luza, explorava, com suas casas de contratacção, com seus fiscos abusivos. d) Costumes proprios que se foram formando, a sombra do Itaverava, do Itacolomy, do Sumidouro, com tradições que só lhes diziam respeito e ante os rebrilhos de uma civilisação que lhes outorgavam as riquezas sugadas das entranhas da terra. Dahi os individuos desse grupo humano tinham que possuir necessidades de vida outras que não as do resto da população sul americana, tinham que ter poder acquisitivo na proporção da sua riqueza, etc.

O isolamento dava a esse grupo humano accentuada coloração, em profunda divergencia com a dos grupos circumvizinhos que caminhavam em sendas diferentes.

Por isso é que nesse seculo explodiu o movimento, hoje desvirtuado, chamado de Tiradentes, que tinha por objectivo unicamente a região mineira. Por mais que se procure na cegueira e na vesguice elementos para contrariar essa thése, ella é a unica verosimil, uma vez que a imparcialidade seja arbitro de um raciocinio.

§ 2.º — CONSIDERAÇÕES VARIAS

As forças economicas de uma região são reguladas por diversos factores.

Ellas, sendo diferentes, maiores ou menores, devem possuir factores tambem diversos. Eu bem sei que as unidades brasileiras, cada uma tem força economica

differente. Cada uma possui um valor certo, no campo economico.

Umás são como S. Paulo, de uma eficiencia descommunal. Outras andam pelo estalão do Rio Grande do Sul, que progride, mas que ainda se acha em soto-planuras no terreno economico. Outros, ainda estão em atrazo muitissimo maior, como o Piauhy ou Goyaz.

Estou bem certo tambem que, se isso acontece, não é pela vontade de cada um desses Estados, pois que se disso dependesse, elles se hombreariam com S. Paulo no campo da prosperidade financeiro-economica.

Tambem estou certo de que, essa profunda desigualdade não tem por unico factor o elemento TRABA-LHO, o qual, por grande que seja a sua influencia, não é a unica. A economia politica nos está ensinando que o TRABALHO só produz em concurso com a TERRA e o CAPITAL. (1)

Não posso crer que o indice de trabalho do paulista possa variar muito do dos brasileiros. O esforço de todos é de ser apreciado com imparcialidade.

Talvez, mesmo, uns sejam mais trabalhadores do que outros. E' possivel, mesmo, que o clima nisso influa de alguma maneira. Talvez, mesmo, o trabalho do paulista seja mais continuo do que o dos brasileiros.

O que mais faz variar o resultado do trabalho de cada brasileiro é, por certo, a diversidade dos outros dois factores: TERRA, representando o ambiente em todas as suas facetas; e CAPITAL, representando os recursos financeiros que se invertem no terreno economico.

1) Trabalho equivale ao factor "mão de obra" de Ricardo e mais tarde de Karl Marx.

Óra, se o factor TRABALHO ou mão de obra não deve ter grande differença ao longo das unidades brasileiras, os outros dois devem ser profundamente differentes.

Ha Estados, que pódem dispor de sommas formidaveis de CAPITAL, para fazel-o agir, como uma potencia, no sentido de desenvolver sua economia.

Ha Estados em que o ambiente, resumido no factor TERRA, é de tal modo favoravel que o TRABALHO a ser nelle empregado como agente activo é tão productivo que resulta em admiraveis surtos estatisticos, que attestam consequencias em outros terrenos.

Ha tambem, por outro lado, regiões em que o factor TERRA é tão ingrato e difficil, que exigiria uma proporção formidavel dos dois outros factores, para que algo produzissem.

Isso que ahí fica dito é facilimo de ser materializado em regiões brasileiras e por isso eu me vou dispensar de o fazer invocando exemplos.

E' essa a causa de ser a producção de cada região differente das mais.

Fatalmente os factores estão a variar muito.

Assim, cada região sendo differente das mais, exigé naturalmente, medidas que não pódem ser as mesmas. Querer uniformisar entidades, que fatalmente são differentes, é desejar uma utopia, é querer um absurdo, é cahir em disparate.

Os que vivem a pregar o unitarismo, o integralismo, ou qualquer outra ideia, que os invoque, estão nesse circulo de absurdos, de utopias e de disparates.

Eis um quadro synthetico do valor economico de cada região brasileira, durante os tres annos, de 1929, 1930 e 1931, quando entramos no regimen anormal.

Por elle se poderá apreciar a diversidade das forças economicas de cada Estado.

Applique-se, pois, o que ficou dito sobre as causas dessa diversidade e chega-se á conclusão ineluctavel de que cada região é diferente da outra e, como tal, exige moldes diferentes.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL, POR ESTADOS

AMAZONAS

<i>Annos</i>	<i>Mil réis.</i>	<i>Libras</i>
1929	64.816:000\$000	1.591.808
1930	42.794:000\$000	988.804
1931	42.484:000\$000	536.049

PARÁ

1929	63.382:000\$000	1.556.578
1930	43.550:000\$000	1.000.264
1931	57.690:000\$000	847.485

MARANHÃO

1929	36.298:000\$000	891.086
1930	36.483:000\$000	890.901
1931	32.606:000\$000	489.621

CEARÁ

1929	66.309:000\$000	1.629.413
1930	59.678:000\$000	1.336.761
1931	56.206:000\$000	841.859

RIO GRANDE DO NORTE

1929	25.246:000\$000	620.430
1930	16.236:000\$000	368.845
1931	10.572:000\$000	152.104

PARAÍHYBA

1929	52.798:000\$000	1.297.773
1930	26.525:000\$000	606.297
1931	10.508:000\$000	154.723

PERNAMBUCO

1929	69.537:000\$000	1.708.445
1930	74.041:000\$000	1.671.662
1931	58.096:000\$000	847.957

ALAGÔAS

1929	4.636:000\$000	113.671
1930	4.975:000\$000	115.321
1931	2.798:000\$000	41.275

SERGIPE

1929	1.272:000\$000	31.249
1930	1.556:000\$000	35.693
1931	653:000\$000	10.434

BAHIA

1929	249.113:000\$000	6.118.916
1930	205.832:000\$000	4.607.327
1931	207.143:000\$000	2.979.966

ESPIRITO SANTO

1929	183.649:000\$000	4.512.093
1930	135.510:000\$000	3.067.737
1931	168.614:000\$000	2.430.453

CAPITAL FEDERAL

1929	508.021:000\$000	12.477.665
1930	346.587:000\$000	7.762.807
1931	597.923:000\$000	8.708.442

SÃO PAULO

1929	2.098.003:000\$000	51.535.755
1930	1.428.181:000\$000	32.234.421
1931	1.751.928:000\$000	25.486.322

PARANÁ

1929	137.442:000\$000	3.376.362
1930	146.941:000\$000	3.314.929
1931	107.421:000\$000	1.550.162

SANTA CATHARINA

1929	33.295:000\$000	817.914
1930	51.336:000\$000	1.114.981
1931	37.138:000\$000	540.640

RIO GRANDE DO SUL

1929	208.322:000\$000	5.117.723
1930	259.772:000\$000	5.999.346
1931	238.639:000\$000	3.579.755

MATTO GROSSO

1929	58.363:000\$000	1.431.348
1930	57.617:000\$000	635.829
1931	7.169:000\$000	103.003 (1)

A não se concluir assim, a não se admittir que são os factores TERRA e CAPITAL, que fazem a produção ser tão differente, teríamos que, forçosamente, á conclusão de que o factor TRABALHO é que diverge. Que o factor homem é que é desigual pela vastidão do territorio brasileiro.

Óra, isso seria ir acceitar a inferioridade do homem do Norte.

Estou em que o esforço dispendido por elle, é mais ou menos identico ao que emprega o sulista.

1) Passei em revista a situação anterior a 1930, em razão de não para cá havermos nos internado em situação de anormalidade, em regimen dictatorial, estados de sitios, estados de guerra, etc. Ora, isso perturba a marcha economico-financeira do paiz, como é facil se verificar.

Nem por isso entretanto a situação soffreu alteração completa, pois em suas linhas geraes a consubstanciar aquillo que consiste nas linhas affirmativas, ella perdura exactamente identica a anterior a esse marco evolutivo na historia desta parte do continente sul americano:

S. Paulo exportava em 1933, 1934 e 1935, mais de 50 % do total Brasil.

S. Paulo em 1933, em 1934 e 1935 exportava mais do que o resto do paiz reunido.

Isso quer dizer que a minha these continúa a ter sustentaculo espondivel.

A seguinte estatistica referente a 1934 do sr. Valerio Coelho Rodrigues, estampada na "Gazeta", confirma a these acima exposta:

O que varia é, sim, o factor TERRA. O que não é igual é também o factor CAPITAL. Se assim é, como querer uniformisar cousas tão differentes?

Como querer traçar as mesmas regras para cousas tão diversas?

Um dos argumentos dos que querem depreciar o altó valor da economia paulista, consiste em dizer que, o hinterland de Santos, isto é, que o commercio exportador e o importador, que passa por esse porto não é unicamente o do Estado de S. Paulo. Que esse hinterland, isto é, que a zona economica, subsidiaria do porto de Santos, não coincide exactamente com as fronteiras demarcadoras do Estado de S. Paulo.

Affirmam que o café mineiro vem, em parte, se escoando por Santos, que o gado de Matto Grosso, depois de abatido nos frigorificos paulistas, é exportado por Santos, etc., emfim, que as cifras do commercio de Santos não correspondem com exactidão ás forças economicas de S. Paulo unicamente.

De facto, ha alguma coisa a mais, além do movimento paulista, que passa por Santos. Não é só o Estado de S. Paulo que constitue a zona subsidiaria do porto de Santos. Não coincidem com perfeita exactidão, as áreas territoriaes paulistas e da zona subsidiaria desse porto de Santos.

Mas, se não ha coincidencia absoluta, é preciso reconhecer também que não ha muita disparidade. Vejamos:

Minas tem a sua sahida principal pelo porto do Rio, do qual é zona subsidiaria. Esse Estado central tem quatro ligações ferroviarias principaes com o porto do Rio, isto é, a Central do Brasil, que com bitola larga vem, desde os confins sertanejos de Minas, de Pirapóra, de Montes Claros, etc., drenando para esse

porto, toda a zona principal do territorio mineiro; a Leopoldina, que drena toda a zona da Matta, a Oéste de Minas que em Barra Mansa vae desaguar na Central, para se prolongar hoje, até o porto de Angra dos Reis. Resta a zona da Sul Mineira, que sendo tributaria da Central, faz escorrer quasi que todo o seu trafego para o Rio. Talvez, só a margem esquerda do Rio Grande seja tributaria de Santos. Mas tambem é preciso se reconhecer que o Rio absorve grande zona do Norte de S. Paulo, que prefere o Rio.

E' certo que Santos tem como tributaria a zona mineira, onde a Mogyana penètra com seus trilhos, mas será unicamente a parte da margem esquerda do Rio Grande já mencionada.

Além disso, temos a zona do Triangulo mineiro, que ligado pela Mogyana, aos centros paulistas, é tambem tributaria de Santos.

Goyaz não é região de valor economico, que possa influir na prosperidade de um entreposto maritimo como Santos.

O mesmo se poderia dizer em relação a 'Matto Grosso, pois, o que o Sul desse Estado vende é apenas a materia prima da industria frigorifica paulista. Os bois matto-grossenses vindos de além rio Paraná, são engordados nas invernadas paulistas e abatidos nos matadouros, de onde são exportados. Assim, não se pôde dizer que Matto Grosso influa poderosamente no commercio do porto de Santos. A população desse Estado é ainda muito rala, para influir no intercambio commercial paulista. A pequena zona do norte do Paraná que exportaria por Santos, é ainda imponderavel no total.

Assim, pôde-se, com esse simples relancear de olhos, verificar que, Santos se não serve uma região absoluta-

mente coincidente com o Estado de S. Paulo, não está longe disso. As raias fronteiriças do seu hinterland economico, são quasi que as mesmas do Estado de S. Paulo.

As quantidades do que sahe e do que entra pelo porto de Santos, se orientando para regiões que nao paulistas, são pouquissimas.

CAPITULO XII

A EVOLUÇÃO RURAL PAULISTA

§ 1.º — O DRAMA DO CAFÉ E O FRACCIONAMENTO DA PROPRIEDADE RURAL

Até o anno de 1929 a situação do café vinha avançando em condições de bons preços e preços baixos. Se as colheitas determinavam um augmento de offerta os preços desciam, se, pelo contrario, as colheitas determinavam um enfraquecimento nas offertas e um augmento nas procuras, os preços tendiam a subir. Essas alternancias porém não vinham affectando a organização social das propriedades agricolas que marchavam em paralelo a expansão do Estado de S. Paulo, mantendo o tamanho da propriedade de café bem como a densidade da população nas zonas já desbravadas do Estado. E' bem certo que o Estado marchava evolutivamente do patriarcalismo oitocentista para um individualismo novecentista. Era evidente a tendencia que tinha a nossa população para a direcção particularista, o seccionamento das grandes propriedades, e o adensamento das populações nos nucleos cafeeiros. Era esse um phenomeno palpavel que se ia accentuando a medida que o territorio do Estado ia augmentando a sua população, nessa margem direita do rio Tieté, que cada

anno que passava ia se saturando de gente. Era natural pois que com essas forças, cada vez mais se fazendo sentir, quer pela immigração que annualmente apresentava saldos sobre a emigração, quer ainda pelo augmento vegetativo da população, as propriedades do Estado se fossem fraccionando. Assim temos a assignalar as seguintes forças que faziam o Estado na direcção do fraccionamento da propriedade:

- a) A marcha do patriarcalismo para o individualismo cada vez mais accentuado.
- b) O augmento da população do Estado e obrigatoriamente o comprimido na margem direita do Tieté.

Óra, isso fazia com que, o sentido da evolução paulista fosse para o fraccionamento da propriedade com o augmento da população. Mas o avanço do desbravamento, da expansão, do caminhar da civilisação para regiões novas, o passar em deslocamento paulatino para a margem esquerda do Tieté em progressão, quanto aos meios de transporte, tornavam menos accelerada essa marcha evolutiva. Eram forças que tendiam para a diminuição da velocidade em que se adensava a população do Estado e em que se seccionavam os latifundios agrarios. Assim nós tinhamos a contrapor aquellas forças apontadas as seguintes que faziam para uma continuidade dos latifundios e dos fracos adensamentos:

- a) O augmento da zona rural com o desbravamento de novos territorios.
- b) O deslocamento das actividades paulistas para a margem esquerda do rio Tieté, á medida que progrediam os meios de transporte dessa parte do territorio paulista.
- c) A paralysação da immigração a partir de 1926.

- d) Os preços elevados do café, os quaes impediam que os habitantes de São Paulo buscassem outros meios de actividade rural.

Essas forças todas se conjugavam no sentido de diminuir a densidade nas zonas velhas, da margem direita do Tieté, as esvasiando, sem que o augmento vegetativo da população do Estado, compensasse as perdas verificadas pelo povoamento dessas zonas novas.

Essas forças difficultavam a divisão da propriedade, e a marcha do individualismo. O drama do café, iniciado em 1929, com a queda brusca dos preços do mesmo, os quaes se precipitaram da casa dos 300 mil réis a sacca, para rapidamente attingir a dos 100 mil réis, foi a força que se fez imperiosa naquelle pareo em que lutavam forças antagonicas. E' certo que a resultante do encontro daquellas forças já mostrava uma certa tendencia para o fraccionamento da propriedade, para o individualismo. O drama do café iniciado em 1929 foi, porém, a avalanche que precipitou o movimento, que perturbou o equilibrio relativo em que a população paulista se vinha mantendo.

De facto, essa queda brusca dos preços do café anniquilou todas as resistencias que se faziam ainda sentir a proposito do fraccionamento da propriedade, e da transformação de forma de actividade rural em torno do café.

De facto, o drama do café que teve inicio em 1929, foi como o esboroar de uma represa que se precipitando com suas aguas impectuosas sobre o vallado tudo inunda e tudo destróe. Assim tambem foi o drama do café. Com a rapidez dos seus eventos elle acarretou para S. Paulo transformações taes, que tudo se inundou e tudo se transformou com incrivel rapidez.

Os resquícios do velho patriarcalismo communitario desapareceram completamente, os latifundios cafeeiros se esboroaram e outras culturas surgiram com a producção abundantissima de outros generos que não o café que ficou cotado a preços muito baixos.

Os fazendeiros de café empobrecidos com a queda brusca dos preços, tiveram que repartir as suas propriedades, buscando melhor aproveitar o que lhes sobrava, e recorrer a outras actividades mais remuneradoras do esforço feito. Com isso os colopos das propriedades agricolas paulistas, se aproveitando do pé de meia accumulado durante os tempos das "vaccas gordas", foram se fazendo proprietarios, quer com o loteamento dos velhos latifundios cafeeiros, grandes demais para supportar, pelo inaproveitamento de todas as suas terras, pelos fazendeiros, quer pelo abandono das zonas velhas e se internando nas zonas novas. Com isso, esses colonos, recémproprietarios de suas pequenas propriedades, foram se dedicando ao cultivo de outros generos ruraes, que melhor remuneravam os seus esforços, abandonando a cultura cafeeira.

Assim, aos poucos, os latifundios cafeeiros paulistas com o particularismo, caminhavam para o fraccionamento, o individualismo e a polycultura, mas os preços do café que em 1929 entrando em colapso, determinaram de modo implacavel a maior rapidez na marcha que teria de atingir aquellos objectivos nomeados.

Assim antes de 1929, póde-se affirmar que, os latifundios cafeeiros, sem ter aquelle apparatus patriarcal do seculo XIX, eram propriedades que oscilavam pelos 100.000 pés de café em media. A densidade das zonas onde o latifundio cafeeiro era o typo da propriedade e da cultura predominante oscilava de 30 a 40 habitantes por kilometro quadrado.

Agindo como magna parte na divisão da propriedade cafeeira do Estado e no incremento da polycultura o drama do café de 1929 teve esse seu lado social e econômico que merece ser bem focalizado pelos que querem conhecer o Estado de S. Paulo. (1)

Hoje são diminutos os latifundios em S. Paulo.

Assim sendo, é muito pequena a propriedade onde o café é cultivado. Pelos dados do recenseamento proce-

1) Pelo Recenseamento estadual de 1934 ficou apurado que em S. Paulo a propriedade estava assim dividida:

10 alqueires	131,730	56,39 %
25	53,636	22,94 %
50	24,460	10,46 %
100	12,169	5,20 %
250	7,525	3,21 %
500	2,565	1,09 %
1.000	1,104	0,47 %
1.000	583	0,24 %
	<hr/>	
	233,772	100,00 %

As propriedades de café foram apuradas assim:

5,000 pés	30,241	41,92 %
10,000	20,281	23,46 %
20,000	14,884	17,22 %
50,000	9,456	10,94 %
100,000	3,263	3,77 %
250,000	1,846	2,14 %
500,000	382	0,44 %
1,000,000	81	0,09 %
mais de 1,000,000	17	0,02 %
	<hr/>	
	86,451	100,00 %

Aquellas fazendas occupam uma area do 10.367.713 alqueires de terras, ou sejam 62.260.278 acres.

dido pelo Estado em 1934, nós tínhamos cerca de 86.451 fazendas de café. Ora, se dividirmos esse numero obtido pelo total dos cafeeiros no Estado chega-se a conclusão de que em media a propriedade cafeeira paulista tem 18.250 pés de café.

Mas como, viu-se, não foi só o fraccionamento da propriedade rural o resultado social-economico do drama do café de 1929, mas a polycultura attingiu o auge da sua expansão, em virtude da desgraça succedida com o café. Assim nós, pelo mesmo recenseamento citado acima possuíamos em 1934 no Estado cerca de 234.000 propriedades ruraes, quer dizer que 148.000 propriedades não eram cultivadoras de café. E' ali que medra a lavoura da laranja, da banana, dos cereaes, da batata, do algodão, etc., ou que criam os bovinos e os suinos que alimentam a nossa producção em carnes, couros e banha.

Sim, porque a queda do café fazia com que os agricultores cuidassem de obter mais rendimento lucrativo em outras culturas que não a do café. (1)

1) Estatistica Agricola e Zootechnica do Estado da Secretaria da Agricultura em referencia a 1935 consigna 274.740 propriedades ruraes, como se vê do paragrapho 5.º, adeante. E' que o fraccionamento continúa, pois anno a anno o total das propriedades ruraes augmenta.

*
* *
*

A estatistica seguinte comprova as assertivas deste livro, de um modo ainda mais convincente:

Tendo sido de 2.525.344:000\$000 a producção agricola e mais 2.346.699:000\$000 a producção industrial e mais cerca de 2 milhões de contos de industrias ruraes, frigorificadas, de transporte, etc., te-

PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DE S. PAULO — 1934-1935

(Dados da secção de Estatística Agrícola e Zootécnica)

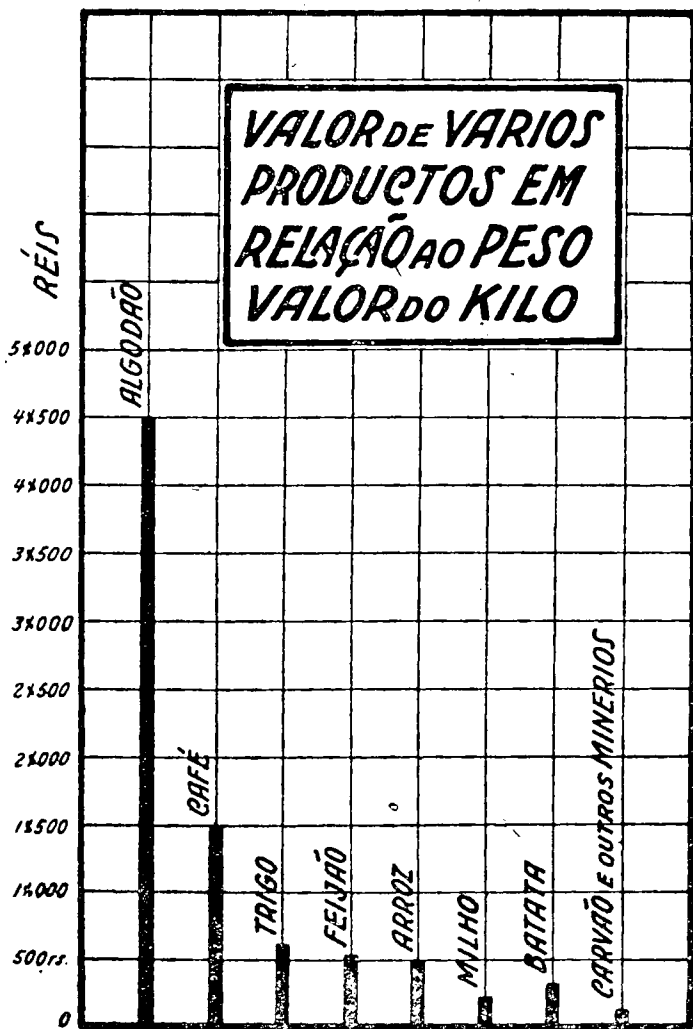
<i>Productos</i>	<i>Quantidades</i>	<i>Valores</i>
Café	13.652.556 saccoes	1.307.914:864\$800 ou 52 % do total
Algodão em caroço	18.452.598 arrob.	332.146:764\$000 ou 13 % do total
Aguardente e alcool	53.218.108 litros	53.218:108\$000 ou 2 % do total
Assucar	2.279.482 saccoes	95.738:244\$000 ou 4 % do total
Rapadura	9.519.952 kilos	11.423:952\$400
Arroz em casca	10.513.991 saccoes	189.251:838\$000 ou 7 % do total
Feijão	3.504.325 saccoes	70.086:500\$000 ou 3 % do total
Milho	22.750.144 saccoes	227.501:440\$000 ou 9 % do total
Fumo	199.556 arrob.	11.973:360\$000
Batatas	9.170.428 arrob.	64.192:996\$000 ou 2 % do total
Farinha de mandioca	1.440.886 saccoes	23.054:176\$000
Polvilho	1.791.700 kilos	1.075:020\$000
Alfafa	17.662.629 kilos	7.065:051\$600
Mamona	3.176.550 kilos	1.588:275\$000
Vinho	5.834.532 litros	8.751:798\$000
Fructas	1.016.161 tonel.	120.362:218\$700 ou 5 % do total
Total		2.525.344:596\$500

Este já não era mais a cornucopia de dinheiro que fôra, antes desse evento doloroso que foi o drama do café. Tudo estava porém ajustado aos preços altos da rubiacca, de modo que o custo da produção cafeeira tinha que ser elevado, sem que nos mercados de venda do producto se obtivessem preços que compensassem esse elevado custo, de modo que tudo fazia para que houvesse recurso para outras culturas que assim tiveram enorme desenvolvimento. Mas paralelamente a isso havia outro phenomeno se scenificando. As terras da zona velha estavam cada vez mais se empobrecendo, mas esse empobrecimento era dos elementos necessarios á produção do café, não havia empobrecimento em relação aos elementos precisos para a produção de outros generos agricolas. Para estes as terras eram boas. Assim a polycultura encontrou ambiente para se incrementar mais ainda.

Por outro lado os colonos e os assallariados não encontrando mais fazendas que pudessem pagar alto o tracto de cafesaes, recorreram aos pés de meia e adquiriram terras, e essas eram mais baratas nas zonas novas, na Araraquarense, na Noroeste, na Alta Paulista, ou na Alta Sorocabana. Dahi o phenomeno de serem essas terras povoadas depois de desbravadas, mas dellas não se limitarem a cultura do cafeeiro, pelo contrario, pois

mos que a produção total do Estado de S. Paulo em 1935 subiu a 6.872.043:000\$000 o que equivale a mais de um conto de réis per capita, sendo certo que o recenseamento estadual de 1934, deu para S. Paulo 6.400.000 habitantes.

Tendo sido a nossa exportação em 1935 de 2.100.000:000\$000, temos que foram consumidos dentro de S. Paulo 4.770.000:000\$000 de produção.



é dellas que decorrem as produções immensas em cereaes e em algodão, etc.. (1)

Em razão desses acontecimentos S. Paulo assistiu a um desenvolvimento formidavel da polycultura com toda a seriação de consequencias disso.

Vamos examinar o phenomeno desse desenvolvimento. Cuidaremos de estudar parcelladamente as culturas do algodão, do assucar, dos cereaes, etc., as quaes constituem a polycultura.

§ 2.º — O ALGODÃO

Depois do drama sombrio do café, que mergulhou em tremenda crise a maior organização rural na face do planeta, o invencivel paulista, cujo maior patrimo-

1)

	<i>São Paulo</i>	<i>Brazil</i>
	(Em 1934)	
Algodão	105,000	270,000
Arroz	621,300	1,252,800
Batata	129,800	368,000
Feijão	240,000	720,000
Milho	1,428,000	5,640,000
Assucar	110,010	626,884
Laranja	39,690	92,113

Em porcentagens se apreciará melhor o quanto augmentou o cultivo polycultor no Estado, da crise cafeeira para esta data.

	1926-1930	1935
Algodão	7,93	31,04
Arroz	33,28	49,59
Batata	24,28	35,27
Feijão	30,48	33,49
Milho	20,14	25,31
Assucar	8,60	17,50
Laranja	22,03	43,08

nio reside na sua psychologia innegualavel, buscou um derivativo para a sua actividade agraria. O angustioso periodo da crise economica foi alongado e tornado mais agudo e mais alucinante pela concomitancia a crise politica que durante mais de um quinquenio affligiu o povo de Piratininga.

Por fim o paulista, sentindo que a situação politica dolorosa era de continuar e que a situação do café não tivera um lenitivo, pelo contrario pois a centralização desse temeroso problema do café nas mãos da União fôra um desastre, resolveu buscar em outro producto rural a força para a continuidade propulsiva de sua evolução cultural.

A escolha recahiu sabiamente sobre a cultura do algodão que desde os governos anteriores a 1930 havia sido preparado para uma expansão que então se propiciava. O governo Julio Prestes, em que o Secretario da Agricultura era o grande vulto de Fernando Costa, já havia preparado o algodão, de modo a melhorar immensamente a qualidade do producto por meio de uma selecção maravilhosa de sementes. Technicos magnificos, entre os quaes é de justiça serem destacados Garibaldi Dantas e Cruz Martins, trabalharam com rara sapiencia e lograram produzir typos de algodão que fizeram elevar o cumprimento da fibra do algodão paulista de 19 millimetros que tinha, para 28, 30, 31 e mais millimetros. O Instituto Agronomico de Campinas torna-se já antes de 1930, uma maravilhosa forja, onde se temperava a avalanca que daria a S. Paulo a "vis propulsiva". Assim estava toda a base de uma grande industria agricola preparada nos seus mais profundos fundamentos.

Segundo Ricardo, como já se verificou, para haver producção é preciso ser realizada a seguinte equação,

cujos termos são particulares a cada região: $P = T + C + M$; P é igual á producção; T é igual á terra, isto é, o ambiente geographico, o ambiente social, etc.; C é igual ao capital; M é igual á mão de obra. Segundo o velho pensador citado a producção de qualquer região mundial, está, por força, condicionada á somma desses factores algebricos todos. Um delles que seja menor, a sua pequena quantidade terá repercussão proporcional na diminuição total de que resulta a producção.

Applicando a cultura do algodão em S. Paulo, á formula de Ricardo, temos que analysar cada um dos factores, para ser verificada a intensidade e o valor da producção da malvacea na nossa região planaltina.

Em primeiro lugar temos o factor T , isto é, o factor da terra, reunindo os differentes ambientes, nos quaes está o homem engolphado, o geographico, o social, o politico, etc.

Se analyzarmos o factor T sob o ponto de vista geographico, veremos que o nosso planalto está nos limites da zona tropical em confronto com a zona temperada, mas situado em altitude que attenua os effeitos do calor. Com isso, se verifica, ser o clima de S. Paulo, propicio ao algodão, pois que o calor ainda é sufficientemente intenso para que seja produzido um artigo de clima quente como é o algodão. Por outro lado o nosso clima, sendo mais humido que o do Nordeste não é humido, como a faixa littoranea e muito menos como a Amazonia. Aqui a pluviosidade não satura a atmosphaera como no littoral, mas apenas humidece o nosso sólo, fazendo com que este tenha um elevado indice de productividade agricola. Por outro lado a natureza ondulante do sólo paulista, faz com que as enxurradas carregadoras dos humus não sejam tão accentuadas, de modo que a fertilidade em elementos chimi-

cos do nosso sólo, não se depauperava com grande rapidez.

Por outro lado a cultura do café desbravou o terreno do planalto. As mattas foram derrubadas, o sólo foi saneado, as fazendas foram abertas, as casas foram construídas, as cidades edificadas, as vias de penetração, de comunicação e transporte foram realizadas, as organizações rurais, commerciaes, etc., foram estabelecidas, a colonização foi firmada, os *systemas* de trabalho foram convencionados, o aparelhamento administrativo, o de hygiene, e o de ensino, etc., foram erguidos, a industria de beneficio foi levantada, etc. Tudo foi marcado com notavel felicidade. São Paulo dispunha com seus 1.600.000.000 de cafeeiros nada menos de ... 800.000 alqueires magnificos para o plantio do algodão, pois que este arbusto pôde ser cultivado dentro do proprio cafesal, plantado no vão dos pés de café. Se plantarmos esses 800.000 alqueires e delles colhermos a media de 100 arrobas por alqueire, o que não é media optimista, teremos 80 milhões de arrobas, que depois de beneficiados e descaroçados produzem cerca de 40 milhões de arrobas ou sejam 600 milhões de kilos.

Isto quer dizer que em 1936, São Paulo obtendo uma colheita de 200 milhões de kilos, terá atingido apenas a 1/3 das suas possibilidades em producção algodoeira, se utilizando apenas das terras já plantadas com cafesaes.

Além dessas, porem S. Paulo ainda pôde dispor de muitissimo mais, pois a area do Estado de S. Paulo em terras boas para cultura do algodão, sóbe a cerca de 8.333.000 hectares, de terras, segundo o annuario "Brasil", de 1933, pagina 36, do Ministerio das Relações Exteriores, ou sejam 3.470.000 alqueires, que produziriam 320 milhões de arrobas de algodão em caroço, ou

sejam 160 milhões de arrobas de algodão beneficiado ou sejam 2.400.000.000 de kilos de algodão, o que valendo 4\$000 o kilo do producto nos injectaria no organismo financeiro quasi 10 milhões de contos ou sejam cinco vezes e meia o que faz o café presentemente.

*
* *
*

S. Paulo tem terras em quantidade para desenvolver a sua producção de algodão, de modo a multiplicar por 24 a que realisou o anno de 1935.

S. Paulo póde produzir 2.400.000.000 kilos de algodão beneficiado, pois que tendo cerca de 8.333.000 hectares de terras proprias para o cultivo do algodão, ou sejam 3.470.000 alqueires de terras, dahi póde plantar e colher algodão na razão de 70 arrobas por alqueire, que é a media da producção que se tem experimentado.

Mas, segundo a formula de Ricardo, o velho economista que foi o antecessor de Karl Marx, alem do ambiente externo, que elle deliberou chamar T na sua formula, ainda é preciso que a industria possua um coefficiente C de capital, o qual invertido na industria agricola da plantação do algodão concorra para a producção P.

Foi assim que Ricardo estabeleceu a sua formula:

$$P = T + C + M$$

Para aproveitar o factor T, S. Paulo teria necessidade de applicar uma quantidade proporcional de capital C, para que dahi resultasse uma producção abundante de algodão.

Pergunta-se pois, S. Paulo terá o elemento C na proporção em que tem o elemento T que, segundo demonstramos, é elevadissimo?

Analysemos.

A lavoura de algodão em S. Paulo, em grande parte se vem realizando dentro da pequena propriedade, pelos antigos elementos da colonização dos pequenos latifundios cafeeiros.

Essa gente se tornando proprietaria nas zonas novas dos pequenos sitios ahi localizados, levou tambem para as suas fazendolas um pé de meia recheiado, de modo a poder acorrer ás despezas com as layouras que iria apprehender.

Mas sem embargo disso, ainda assim, S. Paulo não dispõe evidentemente de capitaes na proporção do elemento T para invertel-os na produção do algodão.

Foi por esse motivo que surgiu no scenario da Camara Federal o projecto do deputado paulista Vergueiro Cesar sobre a reforma do Banco do Brasil, o autorizando a redescontar letras, isto é, a financiar a lavoura algodoeira. Mas os entrebates que soffreu esse projecto reduziram os seus effeitos a só ir augmentar em 33.000 contos de réis o capital invertido no algodão em S. Paulo.

Assim sendo S. Paulo não obteve da União o concurso que seria de desejar para financiamento da sua lavoura algodoeira de 1936. Esses 33 mil contos não dão para nada. Dahi a necessidade em que estão os paulistas de acceitar o concurso financeiro da firma norte americana Anderson Clayton & Cia., que se estabeleceu entre nós e que está applicando muitos capitaes na lavoura algodoeira desta parte da America do Sul.

E' bem verdade que para a produção do algodão, em S. Paulo, não é preciso grande empate de dinheiro, pois está tudo construido. Temos as mattas e os sertões desbravados, os rios saneados, as fazendas abertas, as

bemfeitorias construidas, as estradas já alinhadas, as ferrovias já apintando por um hinterland já civilizado e cultivado. Que outro lugar do mundo está nessas condições?

Com isso tudo, não são precisas sommas muito elevadas para capitalisar essa nova fonte de produção rural.

Além disso, uma industria agricola como a plantação da lavoura algodoeira não se realisa de um só jacto. Ella não é como um empreendimento de outro ramo industrial qualquer que ao começar a funcionar já o faz em sua plena totalidade.

A lavoura algodocira vae augmentando gradualmente e crescendo annualmente, a medida que a sua expansão vae tendo recursos, na proporção em que o terreno vae se fazendo favoravel ao seu desenvolvimento. Assim é facil aos paulistas irem capitalisando as rendas obtidas da cultura do algodão. Serão milhares de contos, que annualmente se irão incorporando ao nosso patrimonio rural.

Assim, não será a defficiencia do elemento C que irá cercear a expansão da cultura da malvacea no planalto de Piratininga.

Foi assim que se fez a lavoura de café de S. Paulo até chegar ao ponto de que ella se acha hoje.

Foi desta mesma maneira que se plantou 1.600.000.000 pés de café, substituindo a matta virgem selvagem por um oceano alinhado de cafesaes sem fim.

Foi assim que realisaram os paulistas o capital phantastico de 5 1|2 niilhões de contos de réis, que é em quanto eu avalio a lavoura de café de S. Paulo, tomando por base o preço de 2\$000 por pé de café, computando ali o valor das terras e o das bemfeitorias, o que é cousa baixa evidentemente. Se nós porém fosse-

mos computar nesse total o valor das estradas construídas, o das cidades levantadas, o dos serviços de saneamento realizados, o dos aparelhamentos administrativos, etc., chegaríamos a 12 milhões de contos com facilidade. Pois bem, tudo isso foi feito aos poucos, evolutivamente, graças a capitalização da própria renda auferida com a exploração da indústria rural do cultivo do café.

Com o algodão se irá realizar a mesma coisa, com a diferença de que não será preciso construir de novo tudo quanto ahí está. Já temos feito tudo. O que nos falta é muito pouca coisa, que com algumas centenas de milhares de contos por anno poderemos completar para o cultivo e a expansão máxima das nossas possibilidades em cultivo do algodão.

Mas não será pela deficiência do capital, eu penso que a indústria agrícola do algodão encontrará logo o seu limite no planalto de Piratininga.

*
* *

S. Paulo tem elementos para poder produzir cerca de 2.400.000.000 de kilos de algodão por anno, pois que seus recursos em terras disponíveis sóbe a cerca de 8.333.000 hectares ou sejam 3.470.000 alqueires, segundo estatística official que o governo federal publica annualmente no "Brasil", publicação do Ministerio das Relações Exteriores.

Não será por deficiencia de capitaes que essas possibilidades magnificas encontrarão uma diminuição. A lavoura de café de S. Paulo, que é a maior realisação agrícola no planeta em qualquer tempo, valendo hoje cerca de uma dezena de milhões de contos de réis, assim se formou sem empate grande e repentino de capitaes.

Foi aos poucos que, evolutivamente ella se foi formando e se desenvolvendo, aproveitando as possibilidades que o ambiente externo lhe proporcionava.

Assim será com o algodão. Não temos precisão de grande empate de capitaes. As rendas se capitalisando formarão o nosso patrimonio invertido na lavoura algodoeira.

Mas, segundo o velho Ricardo, a formula da producção é:

$$P = T + C + M$$

Isto é, producção é igual a terra mais capital e mais mão de obra.

Se temos o elemento terra em condições de elevar a producção 24 vezes o que ella foi em 1935; se a falta de câpitaes não irá cercear essa prodigiosa realisação, vejamos se temos mão de obra para que isso se dê.

Sim, porque ninguem poderia sustentar que a cultura do algodão elevada assim de 24 vezes a que foi em 1935, poderia ser realisada, apenas, com um desdobramento de actividades do pessoal empregado na lavoura cafeeira. E' certo que, temos tido e teremos ainda pela diminuição do valor e pelo augmento das difficuldades em torno do café, abandono das lavouras, as mais velhas e as menos productivas situadas nas zonas mais antigas do Estado. Com isso, a mão de obra, antes empregada no café irá ser empregada na cultura do algodão. Mas isso é pouco. Dahi o enorme mal que representa para S. Paulo o absurdo dispositivo constitucional brasileiro do artigo 121, § 6.º, que prohibe a immigração entre nós.

Esse dispositivo é perfeitamente inocuo allures no Brasil, porque para ahi não havia immigração. E' constatada a impossibilidade, quasi que absoluta do europeu viver nas zonas torridas do globo, onde não se vê gran-

des organizações politicas economicas e sociaes. Não se póde querer contrariar esse imperativo geographico. Foi S. Paulo, pois, com o seu maravilhoso planalto, verdadeiro Canaan sul americano, myrifico "*berço esplendido*", que se faz leito esplendido, para nelle se acomodar o nosso gigante economico que é S. Paulo. S. Paulo, como um Promethêu da lenda mythologica grega, se vê acorrentado ao Caucaso da impotencia, de receber gente alienigena para dar impulso as suas possibilidades. Tantalo perseguido pelas Furias no Tartaro grego não soffreu o que S. Paulo vê deante de si, em perspectiva dolorosa. Eis que, podendo dar expansão ás suas possibilidades em algodão, só não o fará pelas algemas que a Constituição Brasileira no seu artigo 121, § 6.º, lhe collocou nos pulsos.

Esse dispositivo iniquo e pouco intelligente, só poderia ter sido elocubrado por uma má fé inconcebivel; por uma ignorancia crassa; ou por uma ingenuidade que se avizinha da irresponsabilidade. Atar as mãos de um conglomerado humano, impedindo-o de se expandir só por uma má fé, commercialmente interessada em que uma região diversa não possa fazer crescer desmesuradamente um producto congenere.

S. Paulo, sem possuir essa necessidade premente de ter que desdobrar as actividades de sua gente para occorrer a producção do algodão, tinha precisão de um saldo annual da Immigração sobre a Emigração de 50.000 individuos. Mas ou bem, vinhamos obtendo essas quantidades de gente.

Surgiu a Constituição brasileira de 1934 com o seu artigo 121, § 6.º, e nos cortou essa possibilidade. Nesse mesmo momento, S. Paulo viu crescer as suas precisões annuaes pela expansão formidavel, que entre nós vae tendo a cultura da malvacea. Hoje não precisamos

um saldo annual de apenas 50.000 individuos imigrantes.

Temos precisão de 100.000 no minimo. Onde ir buscar?

Quando um povo se sente peiado no seu desenvolvimento por dispositivos legais que não lhe são condizentes, salta por cima delles, porque não ha barreiras que possam conter as nossas precisões braças.

E os outros se admiram da intransigencia paulista! São cousas, como essa que, nos estão constantemente revolvendo as chagas, a fazer-nos lembrar a cada instante, o que tem sido feito para que se possa obter um nivelamento cultural, economico, social, etc., dentro do Brasil.

§ 3.º — O ASSUCAR

Outra cultura que ascende com uma rapidez meteorica na escalada da produção paulista é a da canna de assucar cujo principal producto é o assucar.

Nas éras remotas dos dois primeiros seculos do povoamento, as colonias portuguezas cultivaram a canna de assucar tendo mesmo ellas o monopolio da produção e do fornecimento do assucar no mundo. Depois disso, a descoberta pelos paulistas nos centros continentaes da America do Sul do ouro e de pedrarias, veio, de certo modo, fazer com que decahisse a importancia da lavoura de canna na Bahia e em Pernambuco, a qual tinha certamente a hegemonia economica nas colonias luzas, proporcionando todas as riquezas e as vistosidades de que eram opulentos aquelles nucleos de povoamento e de civilização. A tal ponto foi prospera a situação desse norte, cultivador da canna de assucar,

que elle logrou attrahir a cubiça do flamengo que por duas vezes tentou ahí se firmar, alem de conseguir a aquisição de vultoso contingente de africanos a sua população que hoje se resente na sua dermochromia esse influxo racial. Enquanto isso a capitania de São Vicente, sem poder reunir as condições mais favoraveis produção de assucar e do seu mais importante producto industrial, limitou-se a ser um minimo nucleo de povoamento em torno de outras culturas e de produção de assucar unicamente para o consumo in-loco. Mais tarde, quando na decadencia dos filões auriferos, quando o escasseamento metalico nas Geraes, em Cuyabá, e em Goyaz fez a volta das minas para a agricultura lanaltina, foi na agricultura que, esses paulistas encontraram um lenitivo para as agruras das desillusões olhidas nas amarguras da decadencia da industria mineiro-extractiva. E o ramo da agricultura preferido então foi a do cultivo da canna de assucar, que teve em Campinas o maximo do seu desenvolvimento entre nós. A entrada triumphal do café, producto mais caro portanto mais remunerador e mais leve, de transporte, portanto mais facil e mais barato; como a decadencia de assucar de canna, em face do assucar de Meterraba então em voga na Europa, surgido do bloqueio continental de Napoleão, contra a Inglaterra, o qual impediu o abastecimento do continente europeu durante varios annos nesse inicio do oitocentismo, foram as causas da derrota da cultura da canna de assucar em Campinas. Já no Norte, em Pernambuco, em Sergipe, na Bahia, ou em Alagôas, a lavoura de canna de assucar que com a decadencia das minas de ouro, havia encetado, em fins do setecentismo um movimento de renascimento, de novo teve um duro golpe vibra-

do pelo assucar de beterraba que era fabricado em melhores condições economicas na Europa.

Apezar desses contratemplos todos, que deram á lavoura de canna de assucar a rudeza de tantos golpes, ella não desapareceu dos nossos centros de actividade rural, ainda que esses productos houvessem se ausentado dos nossos entrepostos de exportação. Ella servia apenas para o fabrico de artigos de consumo local.

A população paulista consumia assucar, consumia rapadura, consumia melado, consumia alcool, consumia aguardente. Assim durante todo o periodo de tempo da hegemonia da monocultura cafeeira a cultura da canna de assucar era mantida como uma especie de auxiliar a produzir unicamente aquillo que o consumo local requeria. Nem era para menos. O planalto não poderia concorrer com regiões mais bem favorecidas pela natureza do ambiente geographico para a producção de um vegetal que estava a exigir um clima mais quente, etc. Apenas a carencia de meios de communicação impedia que o assucar do Norte bahiano ou pernambucano viesse fazer concorrência victoriosa ao assucar produzido in loco, no planalto paulista. Por esse motivo o ramo agrícola do plantio da canna de assucar não foi de todo banido do nosso meio e subsistiu até este seculo. Mas então um novo impecilho, se antolhava ao desenvolvimento da canna de assucar entre nós. O rendimento por area plantada diminuia assustadoramente, em S. Paulo. E' que uma praga denominada "*mosaico*", grassava perniciososa aos nossos cannaviaes ameaçando os extinguir. Foi então que o emérito Secretario da Agricultura, que S. Paulo teve no governo Julio Prestes, o notavel agrônomo Fernando Costa, mandou buscar mudas de canna de Java, a qual é immune a essa praga. Assim replantando os canna-

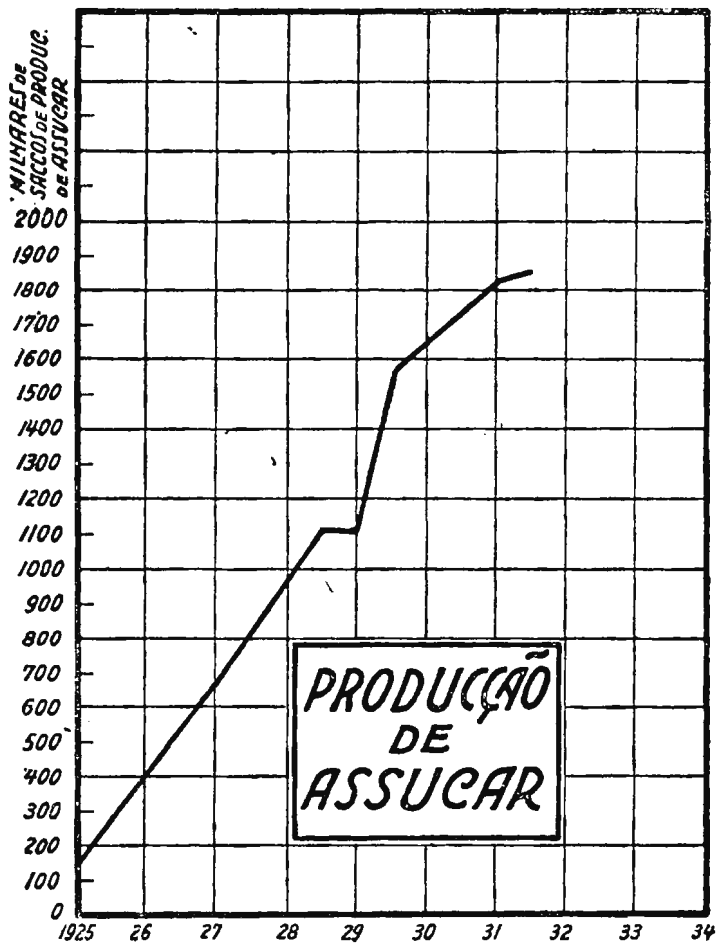
vias do Estado de S. Paulo, graças a essas mudas, em tão bôa hora importadas, reviveu a plantação da canna de assucar em S. Paulo.

Em 1929 com a desgraça que, affligiu o café, a lavoura de assucar teve novas possibilidades, e muita gente que não se remunerava com a quêda do café foi buscar no incremento da plantação de maior area de cannavial aquillo que havia perdido com a ausencia de rendas cafeeiras.

S. Paulo teve nos ultimos annos o seguinte augmento de producção assucareira:

1925-26	154.208	saccas	(inicio do governo Julio Prestes-Fernando Costa. Mosaico grassando).
1926-27	372.970	„	(o governo paulista manda buscar mudas de canna em Java e começa a colher resultados).
1927-28	651.867	„	(augmento impressionante da producção).
1928-29	954.980	„	(o augmento continúa).
1929-30	1.104.568	„	(o augmento continúa. Crise do café).
1930-31	1.106.968	„	(crise politica assoberba S. Paulo).
1931-32	1.564.279	„	(augmento recommçado).
1932-33	1.639.686	„	(progressão do augmento diminuida em virtude do Brasil começar a dificultar a producção).
1933-34	1.821.107	„	(ante a ameaça do Norte perder o mercado paulista, a União impede o augmento).
1934-35	1.850.000	„	(impossivel continuar o augmento).

Vê-se como em uma decada a producção assucareira paulista teve o seu total multiplicado por 12. Se não fosse a pouca intelligencia dos dirigentes da União, que querem proteger Pernambuco, e os Estados do Norte



que estão ameaçados de perder o magnífico mercado paulista, e o auxilio dos usineiros paulistas que querem se prevalecer dos meios que já possuem em flagrante monopólio, breve São Paulo teria a sua produção assucareira na casa dos 5 milhões de saccas, que é em quanto monta o total para attender as suas necessidades de consumo.

Imagine-se se isso viesse a succeder! O Norte que tem a sua grande fonte de riqueza e de rendas na cultura da canna, ver-se-ia privar subitamente do mercado paulista, que lhe envia grande quantidade de dinheiro para a aquisição do que lhe falta para supprir as suas necessidades de consumo. Aliás o augmento da produção assucareira em S. Paulo, se reflectiu no commercio de cabotagem, fazendo com que as importações de S. Paulo dos Estados do Norte diminuisssem a ponto de chegarem ellas a ficar inferiores ao total das exportações que ficou mais ou menos estacionario ao que era antes de 1930. Assim a União obriga os paulistas a importarem cerca de 3.200.000 saccas de assucar do Norte, porque disso precisa para ás suas necessidades de consumo, e impede a S. Paulo de produzir mais que o limite de 1935, ainda que o pudesse fazer de modo mais barato do que o Norte.

A canna de assucar, porém, não foi o principal usufruidor da desgraça do café, pois que vegetal de grande propriedade, não é o que mais se aconselha para se obter da terra um rendimento maximo. Mas como ainda existem grandes propriedades em S. Paulo, a canna de assucar encontra nellas o meio do seu desenvolvimento.

Não fosse isso o augmento da produção do assucar teria sido incoercivelmente maior e não haveriam restricções ante as quaes o agricultor paulista se detivesse.

§ 4.º — A CITRICULTURA

A citricultura não é uma consequência do desastre do café de 1929.

Ella já datava de muito tempo no municipio de Limeira, quando no governo Julio Prestes tomou um grande impulso, em razão do muito que fez esse quadriennio pela polycultura no Estado. São as seguintes as cifras correspondentes á exportação de laranjas pelo porto de Santos, escoadouro das safras paulistas:

1928	102.689	caixas
1929	228.567	„
1930	171.065	„
1931	767.394	„
1932	649.759	„ (1 - V. tab. pg. seg.)

Actualmente as exportações paulistas regulam em torno da casa do milhão de caixas annualmente a mais.

Eu creio que a citricultura atinja circumstancias melhores que as vigentes, mas não será tão cedo que esse futuro promissor se desenhe no scenario da nossa economia. Além disso, o mercado de consumo das fructas citricas é muito resumido, assim não creio que possa o commercio exportador conseguir elevar muito a escala das nossas vendas desse producto.

Além disso, os municipios no Estado que se dedicam ao trabalho na lavoura citrica não são muito numerosos de modo que o numero de arvores de laranjas não augmentará muito. Não foi a divisão da propriedade o factor magno a concorrer para a expansão da citricultura, pois que esta se localisa nos municipios de terras velhas e cançadas para a producção cafeeira, mas muito boas para a citricultura.

1) A exportação de laranjas tem seguido, segundo outros dados, em caixas nos últimos annos:

	1927	1928	1929	1930	1931	1932	1933
Rio de Janeiro .	319,629	436,437	677,536	511,583	1,286,456	1,279,166	1,412,060
Santos	43,239	119,227	261,706	195,709	767,394	649,759	1,134,665
Bahia	—	1,382	3,230	—	—	—	—
Outros	4,867	3,860	879	4,645	452	1,213	7,533
Total	367,735	560,906	943,351	812,207	2,054,302	1,930,138	2,554,258
% de Santos . . .	11.7 o/o	21.2 o/o	27.7 o/o	24.0 o/o	37.0 o/o	33.6 o/o	44.4 o/o

Assim são Limeira, Sorocaba e Taubaté, os primeiros núcleos paulistas produtores de fructas cítricas. Além disso a citricultura exige cuidados especiaes e uma elevada capitalisação para o preparo e encaixotamento das fructas destinadas a exportação. Isso não se coaduna com a pequena propriedade, de modo que a cultura da laranja exige, ainda que uma propriedade não muito grande, mas proprietarios dotados de recursos. Assim nós temos uma forma de trabalho rural, que não resultou do phenomeno cafeeiro de 1929, como outros que se irão verificar.

§ 5.º — POLYCULTURA

A polycultura abrange, para nós, além da cultura de assucar e do algodão, que em nosso Estado se faz em maior escala, todas as culturas menores que constituem a faixa agricola da pequena propriedade.

Póde-se dizer que, estes ramos ruraes são fructos em grande parte do phenomeno economico do café que em 1929 fez com que o nosso principal producto soffresse o abalo tremendo do qual não está refeito.

Podemos dividir a cultura, feita em pequena propriedade em duas nitidas partes:

- a) A que buscou zonas novas para ali se estabelecer.
- b) A que se fixou nas zonas velhas aproveitando o sólo para outras culturas e dando aos sólos fracos chimicamente os elementos necessarios por meio de adubos varios.

Ambas essas zonas de pequena propriedade não são productoras de café, pois a industria agricola do café exige uma capitalisação grande e fóra do alcance dos pequenos proprietarios. Assim por exemplo, o café está

a exigir uma importante installação de bemfeitorias e uma grande quantidade de immoveis e de semoventes que elevam a capitalisação impropria para os pequenos proprietarios.

Nessa emergencia os pequenos proprietarios, de preferencia, lançam-se na polycultura, que produz grande quantidade de artigos os quaes não são tão exigentes em materia de capitalisação.

E' certo o phenomeno da queda dos preços do café trouxe uma retalição das propriedades cafeeiras onde as terras já não eram tão productivas, mas os focos principaes da pequena propriedade e portanto da polycultura são aquelles apontados, porque ahi as terras eram mais baratas, regulando o preço de 100\$000 por alqueire, o que exigia um empate de capital muito pequeno.

Onde mais se sobreleva a polycultura é na producção cerealifera, nessa que fez elevar a producção do milho a 1.650.000 toneladas, do feijão a 262.000 toneladas, do arroz em 1930|31 a 420.000 toneladas, representando mais ou menos 40 % do total que o Brasil produz. (1)

1) A producção de arroz em toneladas e a proporção disso no total do Brasil:

	<i>São Paulo</i>	<i>Brasil</i>	<i>% de S. Paulo</i>
1927-28	264,250	873,683	30,2 %
1928-29	360,000	1,063,466	33,8 %
1929-30	342,000	956,497	45,1 %
1930-31	420 413	1,048,076	40,1 %
1931-32	537,879	1,019,395	52,7 %
1932-33	596 045	1,186,104	50,2 %
1934-35	621,300	1,252,800	49,5 %

Essa produção quasi toda é realizada nas zonas novas, pois que as pequenas propriedades das zonas velhas, são antes dedicadas ao cultivo de fructas e de raizes, como a batata, etc. Para se poder ter uma idéa do quanto avulta a polycultura em S. Paulo basta se

A produção de milho tem sido em toneladas em S. Paulo a seguinte:

1914-15	655,062
1917-18	818,322
1919-20	957,834
1928-29	1,230,000
1929-30	1,291,500
1930-31	1,650,000
1931-32	1,620,000
1932-33	1,554,000

No Brasil a produção do milho em toneladas tem obedecido ao seguinte ritmo:

	1928	1929	1930	1931	1932
Minas Geraes	1,427,340	1,437,180	1,200,000	1,200,000	1,200,000
R. G. do Sul	1,303,560	1,310,640	1,316,400	1,050,723	1,297,540
São Paulo . . .	1,138,000	1,230,000	1,291,500	1,650,000	1,620,000
Paraná	407,030	426,300	375,000	215,550	335,710
Rio de Janeiro	137,620	262,950	259,560	392,260	494,840
Goyaz	150,000	259,980	229,980	159,470	229,900
Sta. Cathar.	132,430	135,750	135,750	178,450	187,940
Pernambuco . .	142,030	144,620	143,710	147,250	150,900
Ceará	57,870	50,790	50,380	54,530	52,460

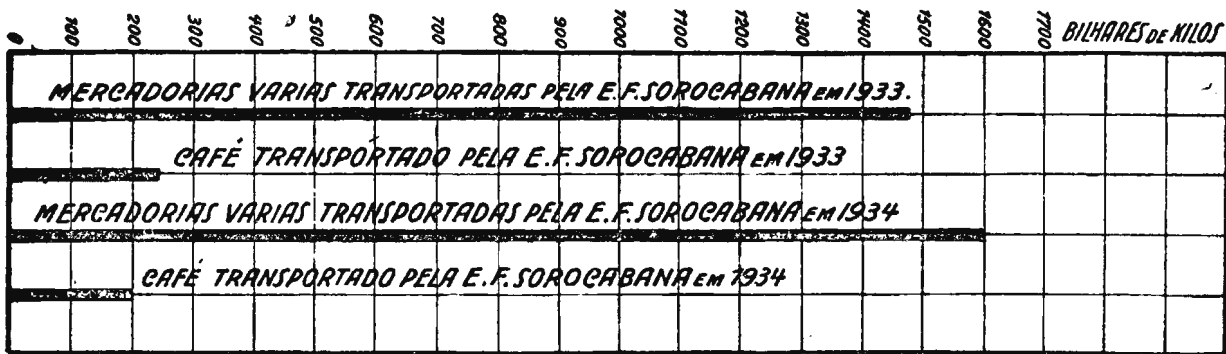
percorrer as estatísticas de cargas da Sorocabana e chega-se a seguinte comparação para os annos de 1933 e 1934:

	<i>Quantidade kilos</i>	<i>Porcenta- gens da quanti- dade</i>	<i>Ton. kilom. e porcentagens</i>	<i>Receita produ- zida</i>
1933				
Café	239.000.000	13 %	94.000.000 17 %	16.500:
Outras cargas	1.483.000.000	87 %	429.000.000 83 %	37.000:
1934				
Café	199.800.000	11 %	70.000.000 14 %	10.300:
Outras cargas	1.600.000.000	89 %	511.000.000 86 %	44.000:

Por ahí se vê como são diminutas as porcentagens do café no total das cargas das estradas de ferro. Isso bem demonstra como as actividades ruracs paulistas se distribuem pela polycultura, deixando ao café uma porcentagem bem pequena, como se verifica do quadro acima.

*
* *
*

Ainda em relação ao estado rural paulista a respeito do fraccionamento da propriedade, do cultivo de muitos ramos da producção redundando na verdadeira polycultura, nós podemos reproduzir os resultados do censo agro-pecuario realizado pela Secretaria da Agricultura em 1935, offerecendo-nos um quadro maravilhoso da nossa situação. Elle vem não só confirmar tudo quanto ficou dito ao correr destas paginas, como vem ainda outorgar novos conhecimentos em minucias sobre o que se tem analysado. As causas dessa situação são na verdade as accentuadas nos capitulos deste trabalho.



Vê-se por ali como são pequenas as porcentagens referentes ao café nas cargas das ferrovias paulistas. Isso é um indice magnifico da polycultura.

ESTATISTICA AGRICOLA E ZOOTECNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

N.º de propriedade agricolas 274.740

AREA EM ALQUEIRES (24.200m.2)

Area total	8.726.335,00
Area em mattas e capoeirões	3.262.928,00
Area cultivada	1.406.252,25
Area em campos e pastos	3.334.429,75
Area não aproveitada	722.725,00

VALOR

Dos machinarias	224.866:700\$000
Dos instrumentos agrarios	33.570:600\$000
Das terras e outras bemfeitorias	5.368.726:400\$000

Total com todas as bemfeitorias 5.627.163:700\$000

CAFE'

N.º de propriedades	82.305
Caféeiros com menos de 5 annos	95.172.853
Caféeiros do 5 a 40 annos	1.202.711.929
Caféeiros de mais de 40 annos	184.298.492

Total 1.482.183.274

Area cultivada em alqueires	787.860,50
Produção total em arrobas	80.625.015
N.º de pés abandonados	77.863.750
N.º de pés cortados	47.967.679

TAMANHO DAS PROPRIEDADES

De menos de 5 alqueires	106.572
De 5 a 10 alqueires	70.400
De mais de 10 a 25 alqueires	49.253
De mais de 25 a 50 alqueires	23.765
De mais de 50 a 200 alqueires	18.819
De mais de 200 a 500 alqueires	3.930
De mais de 500 alqueires	2.001
Total	274.740

PRODUCTOS DE CULTURA

	N.º de pro- priedades	Area culti- vada em alqueires	PRODUCCAO	
			Unidade	Quantidades
Milho	176.795	348.358,75	sc. 60 kilos	18.329.642
Foição	127.822	99.446,75	sc. 60 kilos	2.886.387
Arroz em casca	110.690	139.213,00	sc. 100 litros	8.000.695
Algodão em caroço	64.162	121.842,75	arroba	18.686.512
Canna de assucar	14.866	30.591,25	carro	1.609.429
Mandioca	28.134	16.322,75	kilo	223.114.993
Batata ingleza	10.413	8.066,75	kilo	91.035.807
Tomate	3.049	1.105,25	kilo	15.527.557
Cebola	4.716	2.099,00	kilo	13.348.633
Fumo	3.237	2.110,50	arroba	117.868
Repolho	3.072	1.104,50	cento	356.408
Amendoim	3.642	1.432,75	kilo	2.621.551
Mamona	2.470	1.653,50	kilo	3.689.095
Chá	120	108,00	kilo	124.936
Fibras	47	760,50	kilo	718.471
Alfafa	530	1.639,00	kilo	13.505.750

PRODUCTOS AGRICOLAS TRANSFORMADOS

N.º de propriedades	27.853
Alcool (litros)	8.411.267
Assucar (arrobas)	6.949.279
Rapadura (kilos)	4.165.636
Aguardente (litros)	17.782.592
Farinha de mandioca (litros)	14.720.017
Farinha de milho (kilos)	9.141.063

INDUSTRIA EXTRACTIVA

N.º de propriedades	33.362
Madeira (metros cubicos)	3.045.077
Lenha (metros cubicos)	28.052.039
Casca para cortume (mets. cubicos)	312.018
Carvão vegetal (scs. de 100 litros)	2.775.461

FRUCTAS

Especie de fructas	N.º de propriedades	N.º de pés	Area cultivada em alqueires	Produção	
				Unidade	Quantidades
Laranja . .	59.453	9.339.373	14.795,00	cento	13.149.852
Manga . . .	23.405	305.122	639,00	cento	910.240
Acabaxi . .	15.774	23.300.376	2.498,25	cento	204.229
Abacate . .	6.896	197.899	380,50	cento	234.240
Banana . .	46.084	27.510.591	19.858,00	cacho	23.971.035
Melancia . .	3.461	1.469.745	428,25	cento	60.008
Marmelo . .	2.901	229.975	224,00	cento	170.842
Morango . .	487	1.241.319	51,75	kilo	140.199
Uva	11.422	7.828.376	2.229,75	kilo	12.940.367
Grape . . .	1.373	214.031	346,25	cento	101.614
Limão . . .	23.757	249.807	349,75	cento	514.912
Figo	4.365	120.435	118,50	cento	85.982
Pera	6.382	695.410	834,75	cento	2.011.686
Mamão . . .	8.228	421.367	292,50	cento	104.148

SALARIO MÉDIO DO TRABALHADOR AGRICOLA

1.º Districto	4\$000
2.º Districto	3\$000
3.º Districto	5\$000
4.º Districto	4\$000
5.º Districto	5\$000
6.º Districto	4\$000
7.º Districto	4\$500
8.º Districto	5\$000
9.º Districto	5\$000
10.º Districto	5\$000
No Estado	4\$500

ANIMAES

<i>Especies</i>	<i>N.º de propr.</i>	<i>Quant. de cabeças</i>
Vaccuus	108.138	2.289.680
Cavallares	133.620	412.727
Muares	78.941	335.923
Suinos	145.753	2.461.974
Caprinos	34.847	231.308
Aves domesticas	182.856	9.420.850

PRODUCTOS ANIMAES

N.º de propriedades	188.146
Manteiga (kilos)	485.366
Queijos (kilos)	1.795.627
Leite (litros)	280.349.519
Lã (kilos)	46.355
Ovos (duzias)	13.438.015

SILVICULTURA, APICULTURA, SERICICULTURA, MINERAÇÃO
E QUEDAS D'AGUA

<i>Silvicultura</i>	
N.º de propriedades	5.041
<i>Eucalyptus</i>	
Area plantada em alqueires	13.176,85
N.º de pés	37.890.731
<i>Bracatinga</i>	
Area plantada em alqueires	91,25
N.º de pés	205.801
<i>Tung</i>	
Area plantada em alqueires	412,38
N.º de pés	302.017
<i>Outras</i>	
Area plantada em alqueires	825,21
N.º de pés	5.731.344

APICULTURA

N.º de propriedades	6.806
N.º de colmeias	82.935
Mel (litros)	387.396
Cera (kilos)	66.734

SERICICULTURA

N.º de propriedades	2.659
N.º de amoreiras	6.125.996
Area plantada em alqueires	1.811,25
Casulos (kilo)	417.199

MINERAÇÃO

(em estudo ou exploração)

N.º de propriedades	783
Ouro	68
Chumbo	193
Apatite	105
Manganez	12
Petroleo	55
Arenito betuminoso	2
Marmore	9
Granito	58
Feldspatho	40
Kaolim	29
Cimento e cal	101
Argilla	12
Outros	362

QUEDAS D'AGUA

N.º de propriedades	11.680
N.º de rios	2.576
N.º em ribeirãoes	2.667
N.º em correços	3.919
Total	9.162

Alturas:

Até 5 metros	6.519
de mais de 5 a 10 metros	1.397
de mais de 10 a 25 metros	762
de mais de 25 metros	484
N.º de represas ou tanques	5.086

PREDIOS, MACHINAS E APPARELHOS, INSTRUMENTOS
AGRICOLAS E VEICULOS

Predios

Cobertos de telhas	477.932
Cobertos de zinco	18.270
Cobertos de palha	136.829
Cobertos de madeira	30.934
Total	663.965

Machinas e aparelhos

N.º de propriedades	21.816
-------------------------------	--------

Machinas

de beneficiar café	4.437
de beneficiar arroz	918
de beneficiar algodão	74
Engenho de canna	7.814
Machinas para fabricação de manteiga	358
Serrarias	898
Distillarias	504
Moinhos	7.967
Outras machinas e aparelhos	6.880

Machinas e aparelhos

movidos a braço	1.811
movidos por animaes	6.738
movidos a agua	12.953
movidos a vapor	3.210
movidos a oleo	473
movidos a gazolina	144
movidos a electricidade	4.521

Instrumentos agricolas

N.º de propriedades	68.544
Arados	103.025
Grades	24.084
Semeadores	14.100
Cultivadores	28.880
Ceifadores	7.625
Tractores	746

Veículos

N.º de propriedades	73.498
Carroças	86.640
Carros	19.121
Trolys ou charretes	21.800
Automoveis para passageiros	4.532
Automoveis para carga	5.485
Outros vehiculos	14

* \
* *

Se aprofundarmos o raciocinio sobre esse censo publicado chegaremos a conclusão que 274.740 propriedades interessam cerca de 1.098.960 pessoas, se considerarmos cada propriedade pertencente a uma familia, em media de 4 pessoas. O Estado de S. Paulo tem cerca de 250 cidades e dando a ellas uma media de 1.000 casas cada uma e considerando que cada um milhão de pessoas são interessadas na propriedade urbana. Se adicionarmos a esse total mais um milhão e meio de pessoas, interessados nas mais propriedades urbanas, nas villas existentes no Estado, proprietarias de semoventes, moveis, vehiculos, titulos, etc., temos cerca de 3 milhões e meio de pessoas interessadas na propriedade em geral. Como a população paulista apurada pelo Recenseamento estadual de 1934 consignou uma população estadual de 6.500.000, temos que mais de metade desse total é de proprietários. E' por isso que o communismo não poderá nunca encontrar ambiente favoravel em S. Paulo.

§ 6.º — ESTRADAS DE FERRO

Partindo sempre do lemma, que diz que, é a função que crea o organ, nós devemol-o applicar ao concer-

nente ás estradas de ferro em S. Paulo e então chegaremos a conclusão de que, não foi a estrada de ferro que provocou a grandesa de S. Paulo, e sim a grandesa de S. Paulo, que exigiu a estrada de ferro, como organ para o transporte da sua producção.

Essa é a theoria, que encontramos a confirmação na pratica relativa ao Estado de S. Paulo. De facto, foi em 1867 no seu inicio que teve começo a viação ferrea em S. Paulo com o trafego completo da S. Paulo Railway de Santos a Jundialhy, estrada essa iniciada no anno de 1860.

Nesse anno de 1860 o commercio paulista marchava em ascenção rapidissima seguindo as seguintes cifras:

1857-58	3.876:000\$
1858-59	4.107:000\$
1859-60	8.200:000\$
1860-61	7.860:000\$
1861-62	10.326:000\$
1862-63	10.430:000\$

Vê-se, pois, que não foi a estrada de ferro, que provocou a prosperidade paulista e sim esta é que attraheu aquella e deu lugar a que ella tivesse existencia. Sim, porque o commercio paulista em 5 annos teve seus numeros triplicados.

E' certo que, aquellas cifras são apparentemente baixas, mas tendo em consideração a quéda cambial devemos multiplical-as por vinte para chegarmos a conclusão de que o movimento total do commercio paulista com os estrangeiros seria de 60 a 200 mil contos. Óra, então a população de S. Paulo era de cerca de 650.000 habitantes, o que equivale a dizer 10 vezes menos do que a população actual.

Hoje o nosso movimento commercial é de cerca de 12 vezes aquelle, o que corresponde a dizer que o movimento commercial *per capita*, desse tempo, não era muito inferior ao que hoje é. Hoje, com as estradas de ferro, com o advento da immigração, S. Paulo não teve uma melhoria tão marcada.

Antes de termos estradas de ferro, ligações ferreas entre o planalto e o litoral, immigração estrangeira, etc., o movimento commercial do paulista era de 307 mil réis *per capita*. Hoje, com estradas de ferro, apparelhamentos, immigração europeia, etc., o movimento commercial paulista é apenas de 369 mil réis por cabeça.

Isso quer dizer, que a situação já era de prosperidade, quando a S. Paulo Railway veio dar inicio as estradas de ferro paulista.

Foi, como se verifica facilmente, a situação economica paulista que attrahiu os capitaes inglezes e não foram os capitaes inglezes invertidos na ligação do planalto ao litoral, que attrahiram a prosperidade para a situação economica paulista.

E' certo que, a construcção dessa ferrovia veio permittir a que o grupo humano paulista, isolado no seu planalto de prodigio multiplicasse as proporções do seu crescimento, mas dahi a dizer que ella foi a causa, vae um abysmo em cujo fundo está o absurdo.

Mas em 1860, tendo tido inicio a construcção, em 1867 teve o seu termino em Jundiahy a linha da S. Paulo Railway, com um dispendio de 2.650.000 £s. ou sejam ao cambio actual cerca de 250.000 contos.

Em 1872 a linha attingia Campinas, então o municipio de maior producção cafeeira da zona Oeste do Estado. (Ver graphico sobre o desenvolvimento da viação ferrea em S. Paulo, a (pag. 212).

Mas a economia paulista não havia ficado estacionaria. Ella se expandia e a funcção exigia um organ que fosse das suas proporções e não um organ pequeno. Assim sendo a rêde de estradas de ferro paulistas ainda não havia chegado a satisfazer as proporções a que haviam attingido a prosperidade e a expansão economica paulista. Esta havia até transbordado de maneiras que sobrava recursos para serem applicados no systema de transportes e assim as linhas ferreas deveriam ser incrementadas.

E assim aconteceu. Em 1876 as linhas ferreas de uma companhia formada com capitaes exclusivamente paulistas chegaram a Rio Claro. Então o commercio paulista evoluia assim:

1877-78	33.844:000\$
1878-79	38.108:000\$
1879-80	38.005:000\$
1880-81	37.927:000\$
1881-82	41.851:000\$
1882-83	45.389:000\$
1883-84	58.263:000\$
1884-85	57.622:000\$
1885-86	48.365:000\$
1886-87	90.511:000\$

Com isso verifica-se que, sendo então a nossa população de 1.300.000 habitantes, se multiplicarmos por 10 em razão da queda cambial, como fizemos acima temos que, cada paulista de então, tinha um movimento commercial de mais do que hoje, pois nos daria 385 mil reis *per capita*, o que evidentemente sobreleva os algarismos respectivos actuaes.

Mas, como acima ficou dito, a prosperidade da lavoura de café paulista excedia a sua propria expan-

são, de modo que a avançada paulista na formação e no engrandecimento em area da lavoura, não era tão rapida quanto a sua força economica, com o que era preciso que a inversão dessas rendas fosse feita em outros campos de acção que não a avançada e o augmento da area cafeeira. Com esse phenomeno é que surgiram outras companhias ferroviarias visando centros de cultura cafeeira em outras direcções. Foi assim que em 1870 em seus fins, a Companhia Ituana, iniciou um trecho de ferrovia que deveria em 1873 attingir ao nucleo rural Itú. Em 1875, outra Companhia a Sorocabana, attingia a Sorocaba, anno em que outra Companhia, a Mogyana, attingia Mogy-Mirim e Amparo, depois de haver sahido de Campinas, na direcção noroeste.

E' inutil dizer que, em razão da careza do producto — café, — como da natureza rugosa e accidentada o sólo paulista, como da exiguidade dos capitaes iniciaes, como tambem da pequena distancia em que estavam os centros de producção cafeeira, essas linhas foram construidas em pessimas condicções technicas, com rampas exageradas e curvas muito fechadas. E' que os capitaes então levantados com difficuldades não haviam permittido vencer a difficil e arestosa topographia, principalmente junto a Capital, em condicções melhores, sob o ponto de vista de technica.

Além disso o café sendo uma mercadoria de elevadissimo custo supportaria as tarifas altas que taes estradas de ferro exigiriam pelo seu custeio tambem elevado, de modo que essas condicções technicas defeituosas foram supportadas pela economia de então. Além do mais, a quantidade de cargas a transportar por essas ferrovias não era grande, pois que ellas não eram organs collectores de extensas zonas como depois ficaram sendo, mas simples linhas de ligação de centros

de produção a S. Paulo Railway o grande tronco collector. Eram essas linhas simples ramaes da S. Paulo Railway, que iam buscar as pequenas cargas em Campinas, em Rio Claro, em Araras, em Mogy-Miriim, em Amparo, em Itú, ou em Sorocaba.

Assim pois essas linhas não podiam mesmo ser construidas como se fossem grandes linhas collectoras a servir grandes zonas, a transportar mercadorias que exigiam frétes baixos, mas em grandes quantidades e muito pezadas.

Essas linhas tinham que ser precarias. Com o tempo ellas deveriam ir sendo melhoradas e o foram todas como veremos.

No concernente a bitola ellas adoptaram bitolas mais economicas, cuja construcção não exigia tanto capital. Fez excepção a essa regra a Companhia Paulista que proseguiu na sua avancada pelo interior do Estado com a mesma bitola da S. Paulo Railway, um grande mal evidente para o nosso presente e para o nosso futuro, pois se nessa occasião tivesse a Companhia Paulista adoptado a bitola internacional de 1.44, grandes despesas se teriam evitado e hoje nós paulistas estaríamos com a nossa rêde uniformisada nessa magnifica bitola que é muitissimo mais barata do que a de 1.60, hoje incapaz de uniformisar nessa base as linhas ferreas paulistas.

O augmento em area da nossa expansão agricola e o augmento concomitante dos quadros da nossa economia, fizeram com que fosse forçoso um augmento proporcional da nossa rêde de transportes ferreos. Assim a medida que essa força economica ia tendo expansão pelos rincões do Estado de S. Paulo, a rêde ferrea ia desengorgitando os nucleos paulistas, fazendo-os dobrar na sua caminhada incontida para regiões no-

as. O leque do qual a Capital era o vertice se abria em todas as direcções. A Sorocabana e a Ituana, a principio desunidas, trilhavam as regiões mais sulinas do Estado, avançando sempre. A Paulista trilhava o centro, em continuação ao eixo marcado pela S. Paulo Railway, e para o lado da fronteira de Minas a Companhia Mogyana, avançava com seus trilhos. Inumeros ramaes se desganhavam desses troncos fazendo com que regiões novas fossem se fazendo tributarias desses centros collectores, levando para elles as cargas de sua producção.

O papel social dessa rêde de communicações é muito util ser encarado.

Pois, elle enfeixava-se dentro de um grupo humano exclusivamente, dando a este as possibilidades de circulação, fazendo com que todas as relações desse grupo humano fossem exclusivamente realisadas dentro d'elle. Isso fez esse grupo humano mais consistente, mais compacto, mais homogenco, mais solido. A circulação dentro d'elle se operava sem se as misturar com a de outras regiões. Eram as noticias paulistas as vehiculadas por esse systema de circulação. Eram os interesses paulistas que se cruzavam dentro do nosso territorio. Eram relações sociaes que se realisavam exclusivamente dentro do nosso grupo humano-social.

Essas estradas de ferro, a principio, no afan de acompanhar a expansão rural paulista attingiram finalmente a ponto em que novas construcções eram dispensaveis pois que o territorio do Estado já tinha abundante serviço de transportes ferreos, de modo que, não fazia mister novos emprehndimentos de prolongamentos. O aparecimento e o enorme desenvolvimento das estradas de rodagem, dando vazão ao escoamento do café e fazendo, mesmo, concorrência as estradas de

ferro, fizeram com que estas não realisassem mais prolongamentos e construcções novas. S. Paulo havia attingido ao maximo de kilometragem de ferrovias. Foi então que se deu um phenomeno interessante. As rendas avultadas continuando a affluir aos cofres das companhias ferroviarias, estas ao envez de prolongar suas linhas ou executar novos ramaes, inverteram os capitães que o affluxo de rendas proporcionavam em melhoramentos nas linhas já construidas. Foi assim que, a Companhia Paulista, a Sorocabana, a Araraquara, e outras companhias, aos poucos ou de uma vez foram cuidando de transformar as suas linhas troncos em linhas collectoras dotadas de grande capacidade, em transporte, como em velocidade de seus trens, melhorando consideravelmente as condições technicas, más do inicio, diminuindo as rampas, como alargando as curvas, electrificando, substituindo os trilhos leves dos tempos primeiros por outros mais pesados, construindo novas obras de arte, como empedrando as linhas, etc. Hoje S. Paulo possui um systema de transportes ferreos igual aos melhores do mundo e fazendo uma ilha no immenso oceano de linhas deficitarias brasileiras que circundam o Estado de S. Paulo.

A União tem sido madrasta em relação a S. Paulo e no concernente as ferrovias não fugiria a regra. De inicio, quando era preciso applicar capitães, a União sempre pessimamente administrada, tendo a sua direcção gente sem a menor visão, deixou que os paulistas se arrumassem. Assim foi construida a linha de S. Paulo-Cachoeira, a famosa Norte de S. Paulo, que servia o valle do rio Parahyba, a que em 1877 attingia a cidade de Cachoeira. Logo que a União comprehendeu o enorme lucro que daria essa linha tratou de encampal-a em 1890, pela somma ridicula de 14.000 con-

tos. Em 1904, foi organizada a Cia. Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e em 1910 era attingida Itapura com 347 kilometros de linhas. Depois de construida a nova linha ella começou a dar lucros fabulosos, quando a União percebendo isso resolveu encampal-a o que fez em 1917, e desde então esse trecho de 347 kilometros produz cerca de $2\frac{1}{3}$ da renda da linha que vac até Porto Esperança, não obstante ter só $1\frac{1}{3}$ da kilometragem total e consumir só $1\frac{1}{3}$ das despezas. Isso quer dizer que essa linha é a verdadeira resistencia da estrada em materia financeira.

Não ha duvidas que, as ferrovias sem ter sido a causa, muito influiram na modalidade da pujança de S. Paulo. Ellas orientaram o desenvolvimento dessa pujança, como um orgam se faz util ao individuo que o possui. Assim as ferrovias, se estendendo á margem direita do rio Tieté deram ao territorio nella contido as possibilidades de grande desenvolvimento, ficando a outra margem em estado de reserva.

Mas a margem direita logo foi occupada com a agricultura, que nella tomou grande desenvolvimento, e transbordou para a margem esquerda, que óra realisa o seu desbravamento e inicia o seu movimento de producção.

Com isso, nós tivemos que foram as ferrovias que trilhavam os terrenos da margem direita as que mais rapidamente se desenvolveram, mas tambem mais rapidamente attingiram ao maximo. Agora é a vez das estradas ferreas da margem esquerda. (1) (Vejam-se os graphics das paginas 409, 410 e 411).

1) Quando se deu a penetração ferroviaria do nosso Estado, em seguimento á conquista do sertão verde pela agricultura, a Companhia Paulista, com a sua linha tronco, proseguiu de Jundiaby e de Campinas, em prolongamento da São Paulo Railway, de maneira que na

*

* *

Não ha duvida que a estrada de ferro é um esplendido indice para se aquilatar do valor economico de uma região, de uma cultura, de uma producção, de uma população, de um meio geographico. E' a estrada

sua avançada em direcção a São Carlos, Araraquara e Barretos até a nossa divisa no Rio Grande, partiu o Estado em dois. Uma parte a sua direita, comprimida com as raias fronteiriças mineiras, e apertada pela região montanhosa do sul de Minas, foi occupada pela actividade ferroviaria da Companhia Mogyana, que procurou dilatar a sua area resumida pela serie de ramaes que fez esgalhar do tronco de um lado e do outro, penetrando mesmo em Minas com centenaes de kilometros, depois da sua competição com a Paulista, na conquista das zonas ricas bordejantes do Mogy e do Pardo.

A outra parte á esquerda da linha tronco da Paulista, incomparavelmente maior em area, é tambem prodigiosamente mais rica, tendo a seu serviço a Sorocabana, que hoje estende os seus tentaculos ferreos, não só até avés dos sertões paulistas mas ainda os ultrapassa pelo lado mattogrossense, pela sua tributaria, a Noroeste e pelo lado paranaense pela São Paulo-Rio Grande, e pela São Paulo-Paraná, estas forçadamente linhas suas subsidiarias.

E' assim a Sorocabana a mais importante e a mais futura das nossas vias ferreas, pela immensidão e pela ubertosidade das zonas que atravessa.

Até ha bem pouco tempo, essa estrada esteve arrendada a um syndicato estrangeiro, exigindo em luminoso golpe de administração, que engrinalda o quadriennio Altino Arantes, a sua encampação pelo Governo do Estado, que assim veiu a ficar senhor da via ferrea paulista de maior kilometragem no Estado, e que maior e mais e mais fértil area paulista percorre.

Foi então encorporada ao patrimonio estadual essa via ferrea, que é hoje, talvez a mais valiosa joia pertencente em plena propriedade ao Estado de São Paulo.

Adquirimos a estrada, sem precisar o auxilio federal, desse auxilio federal que tanto se fez actuar na aquisição da Sul Mineira, da Oeste de Minas e da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, etc.

de ferro no seu movimento de trafego e no seu movimento financeiro que revela do que uma determinada região, do que um determinado producto, do que um certo grupo humano, ou do que um certo meio geo-

Mas a Sorocabana, ao se encorporar ao Estado, como todas as estradas nacionaes, se resentia do vicio basico, em sendo uma linha de pessimas condições technicas, de fraquíssima capacidade de transportes com a obrigatoriedade de um elevadissimo custeio, precisamente como o são essas linhas deficientes, feitas mais para um debil inter-cambio intermunicipal, do que propriamente para um trafego pesado, a que hoje está obrigada pela natureza e pelo tamanho da zona a que se propoz servir.

Originada a principio, e ha mais de cincoenta annos atraz, para a simples ligação entre Sorocaba e a Capital, sendo logo após prolongada até Botucatu, e dahi a Bauru, com ramal para Itapetininga e outro para Cerqueira Cesar, a Sorocabana recebeu a Ituana, que tambem como ella foi constituída de pequenos prolongamentos e de ligações interurbanas, sem a finalidade de grande via de penetração.

Estrada notavelmente tortuosa, com formidaveis rampas, e apertadissimas curvas, muitas das quaes não superam mesmo as mais cercadas do proprio Tramway da Cantareira, essa montanha russa antieconomica, formada de um conglomerado de pequenas linhas vicinaes, só podia transportar o café, mercadoria de alto valor em relação ao seu peso e volume insignificantes. Só o café supportava esse transporte, que nessas condições não podia deixar de ser difficil e caro.

E a estrada foi se prolongando, buscando muito ao longe, novos centros productores, abrindo novas zonas promissoras, ilhadas e distantes, debruçadas no regaço fertilissimo do Paranapanema, do Pardo, do Santo Anastacio e do proprio Paraná.

Mas com esses prolongamentos, ultimamente feitos com muito mais presciencia, determinando condições technicas muito superiores e proporcionaes á natureza da missão ardua que lhe pesava, a linha basica,

graphico, pódem valer. Os seus numeros reflectem com espantosa exactidão o que representa o que vae acima. Por esse motivo eu organizei um quadro estatistico comparativo das estradãs de ferro do planalto em relação com as demais do paiz, segundo dados tirados de uma interessantissima publicação do Ministerio da Viação, da sua secção Inspectoria Federal das Estradas, com o titulo de "*Estatistica das Estrada de Ferro do Brasil*", relativa aos annos de 1930 e 1931, tomo XXXIII:

continuava a mesma de ha mais cincoenta annos atraz, isto é, composta de trechos regionaes.

Assim é que a Sorocabana apresentava o inverso do que seria o ideal para uma grande via de penetração. O seu tronco deficiente e de ridicula capacidade, collectava a seiva pujante de ramaes, que lhe eram immensamente melhores sob o ponto de vista da capacidade de transporte. As madeiras das zonas novas, os cereaes abundantes das pequenas propriedades, o algodão das linhas de Itararé, e do Avaré, o gado de Matto Grosso via Porto Epitacio, etc., logo em massa imponente exigiam transporte rapido e abundante, sobrepujando de muito o proprio café, no total das cargas.

Uma estrada, porém, mal apropriada quanto ao seu material fixo, faltando ainda material rodante, não podia occorrer ao que o prodigioso desenvolvimento da zona estava a pedir.

Dahi a crise tremenda de transporte, para a qualurgia um remedio completo, sem o qual seria a paralysação e a ruina da produção do desenvolvimento e da evolução da maior e mais dadivosa parte territorial do Estado de São Paulo.

Foi assim que o governo clarividente e fecundo do saudosissimo Presidente Carlos de Campos, cujo nome reboa coberto de bençams da população immensa da zona chamada da Sorocabana, enfrentou resolutamente o problema, com um vasto programma de reformas. Era preciso refazer a estrada. Urgia a sua reconstrução, e a inversão das suas condições, que como se apresentavam era um estado pathologico a obstruir o progresso do Estado, e a antolhar o caminho evolutivo da nossa maior area territorial.

	<i>Extensão em kilom.</i>	<i>Toneladas kilometros</i>	<i>Renda total</i>	<i>Renda por kilom.</i>
Rêde Cearense (Nordeste)	1.251	47.831.000	7.438:	4:000\$
Great Western (Pernambuco)	1.668	106.547.000	31.500:	18:871\$
Esto Brasileiro (Bahia)	2.315	86.495.000	19.800:	8:630\$
E. F. Central (Rio, Minas, S. Paulo)	3.061	1.200.000.000	154.219:	52:586\$
Leopoldina Railway (Rio, Minas, Esp. Sto.) (Minas)	3.086	316.866.000	74.760:	24:988\$
Rêde Sul Mineira	1.161	55.036.000	15.924:	13:962\$
Oeste de Minas (Minas)	2.245	—	—	—
S. Paulo Railway (S. Paulo)	139	337.866.000	87.500:	618:794\$
Paulista (S. Paulo)	1.466	427.203.000	84.653:	71:732\$
Mogyana (S. Paulo)	1.966	204.290.000	50.697:	25:787\$
Sorocabana (S. Paulo)	2.065	525.617.000	72.255:	39:000\$
Araraquara (S. Paulo)	280	60.000.000	13.618:	48:514\$
São Paulo-Rio Grande (Sul)	2.016	264.107.000	37.780:	18:871\$
Viação R. Grande (Sul)	2.648	393.949.000	65.559:	24:756\$

§ 7.º — ESTRADAS DE RODAGEM

A estrada de rodagem é sem duvida um complemento maravilhoso para a rêde ferrea.

S. Paulo levou um lapso de tempo não pequeno, de varias dezenas de annos, apenas fazendo produzir e aproveitando unicamente as terras marginaes de suas linhas ferreas.

Foi um homem de visão que comprehendendo esse phenomeno buscou multiplicar a area aproveitavel do do Estado offerecendo a população elementos de transportes faceis, rapidos e baratos de modo a que regiões territoriaes mais afastadas das linhas ferreas construidas pudessem entrar para a comunidade productiva do Estado, da qual antes se achavam afastadas. A prova do que ahi ficou affirmado é que os terrenos ruraes da margem direita do rio Tieté, esses que primeiro foram povoados pela gente rural paulista, estão muito mais recortados de vias ferreas, umas proximas das outras em rêde muito mais densa do que os territorios da margem esquerda do Tieté onde as linhas ferreas operam como simples collectoras, dispensando os ramaes, que só poderiam ser linhas de fraca densidade de trafego e isso pôde ser realisado com muito mais vantagem pelas linhas de rodagem que vão desembocar nas linhas collectoras, as quaes pertencem ao systema ferreo do Estado.

O movimento em favor da rodovia começou no Governo Washington Luis em 1920, o grande impulsionador das actividades rodoviaras, que tinham com objectivo o recorte do Estado em todos os sentidos de estradas de rodagem que realisassem a funcção de offerecer transporte aos productores.

Nós sabemos a importancia dessa função, pois que a produção não pôde ter lugar, onde ella não encontre um escoamento para os mercados de consumo.

Todas as regiões economicas do mundo tem na proporção dos seus tamanhos, correspondentes systemas de transportes. Regiões que produzem cargas baratas, como minereos, trigo, carvão, precisam de rêde de transportes fluviaes que são os mais baratos. Regiões que produzem artigos medios precisam de rêde ferroviaria, onde os fretes são mais elevados do que os fluviaes. Regiões que produzem artigos de mais luxo, de maior preço, em relação ao seu peso, precisam de rodovias, cujo transporte é mais caro, mas as construcções são mais baratas e são mais adaptaveis ao typo economico da produção, pois que os artigos produzidos sendo mais caros, supportam bem os fretes mais elevados. Assim por exemplo S. Paulo que produz café e algodão, mercadorias de preço elevado, necessita de uma rêde rodoviaria densa, pois que seus productos podem pagar tarifas desse meio de transporte. Minas Geraes, por exemplo, cuja riqueza principal consiste dos depositos de minereos de ferro, não comporta estradas de rodagem, nem estradas de ferro. Essa região central exige uma via liquida para o transporte de seus minereos que são cargas pesadas em relação ao preço.

As rodovias devem ser de dois grupos differentes:

- a) As que servem como linha tronco, collectoras das cargas dos ramaes, para a porta de sahida.

Linhas de grande capacidade de transporte, de excellentes condições de trafego, que não precisam ter elementos proprios de cargas e portanto não precisam atravessar zonas de bôa producção. Essas linhas devem viver das cargas que collectam nos ramaes mais ou menos longinquos. São linhas de penetração, mais destinadas a buscar os elementos de producção nas linhas vicinaes. Ellas devem ligar pontos importantes do Estado e podem ser parallelas as estradas de ferro, pois não tendo outra funcção a realizar senão as de collectar as cargas produzidas mais ou menos longe e as transportar para os mercados de consumo, não importa que isso seja feito ao lado das estradas ferreas que tem identica funcção.

- b) As que são vicinaes, que servem como ramaes, só dando vasão ás cargas de certas zonas productoras as levando até os pontos de contacto que devem ter com os troncos collectores. Essas linhas, sim, não devem ser parallelas as estradas de ferro, nem destas soffrer concorrência. Ellas são ramaes destinados a abrir zonas que não tem ainda producção muito desenvolvida. As condições dessas linhas pódem ser menos aprimoradas, e a conserva dellas póde ser menos cuidada.

S. Paulo tem esboçado o seu systema rodoviario, offerecendo transportes á sua producção, do mesmo modo que o seu systema ferroviario, ainda que por preços differentes que vigoram para este meio de circulação, como tambem variam as demais condições que se referem a commodidade, a presteza, etc.

Com o seguimento dos governos Washington Luis, Carlos de Campos e Julio Prestes. S. Paulo estendeu a sua rêde rodoviaria collectora em um systema estadual, cujo centro é a cidade de S. Paulo, ligada a Santos pela famosa linha do "*caminho do mar*".

De S. Paulo, partem em leque para varias direcções estradas tronco, destinadas a servir de collectoras em cada zona do Estado e a recolher o que das estradas vicinaes pudessem receber. Assim é claro que essas estradas sejam estendidas em parallelo ás estradas ferreas, nem de outro modo seria possivel, pois que as direcções naturaes são essas mesmas que anteriormente haviam sido trilhadas pelas ferrovias. Convenhamos outras direcções não existem. Assim é que uma dessas estradas se dirige ao valle do rio Parahyba, buscando a direcção Nordeste, a collectar toda a producção de uma zona que abrange todos os municipios dessa parte do Estado, que não se acham a margem das linhas da E. F. Central do Brasil. Outra estrada collectora se dirige a Campinas, ali se bifurcando pela zona da Mogyana e pela zona da Paulista. Uma collectando as cargas vindas dos municipios da fronteira com Minas e a outra dos municipios até Ribeirão Preto, São Carlos ou

Araraquara, recebendo ahi as cargas vindas da zona da Araraquarense, da Douradense, etc. Outra estrada collectora de S. Paulo, vae a Itú, a Botucatú, a Baurú, recebendo as cargas da Alta Sorocabana, da Alta Paulista, etc. Outra estrada tronco, vae a Sorocaba e a Itapetininga destinada a receber as cargas dessa extensa zona do Estado e as que porventura vierem do Paraná.

Sem essas linhas collectoras, construidas pelo Estado, as vicinaes ficariam no ar, a serem tributarias unicamente das estradas de ferro, com todos os inconveniêntes destas, etc. Essas linhas vicinaes ou tributarias, ou ainda afluentes, vão levar ás linhas troncos os elementos em cargas das suas zonas, dos seus municipios ou dos seus districtos. Em S. Paulo, muito intelligentemente, essas estradas de rodagem são construidas e conservadas pelos municipio, pois que ellas não sendo de interesse geral devem ser cuidadas pelos que tem nellas os seus vinculos economicos presos.

A verdadeira espinha dorsal das linhas de rodagem de S. Paulo é a que liga a capital a Santos, pois que todas as linhas collectoras vão desembocar e vão se afunilar nessa via. E' ella o verdadeiro ponto fixo da alavanca paulista. Por ella vão todos os elementos de exportação que S. Paulo póde dispor. Ella deveria possuir os melhores requisitos technicos, os melhores aperfeiçoamentos e as melhores condições de construcção e de conserva.

Sim, porque ella pelas suas condições que acima eu deixei bem explanadas deverá ter o maior movi-

mento de todas, porque ella concentra em sua massa de trafego, todas as cargas do Estado que pôdem supportar tarifas mais elevadas e que buscam um porto de sahida. Os factos confirmam isso que eu venho sustentando e que a theoria ensina. A linha de rodagem para Santos, sem possuir as condições technicas que seriam de desejar, mesmo assim tem movimento muito superior a diversas estradas de ferro do Brasil. E' o que se vê dos seguintes quadros, quanto aos passageiros e quanto as cargas:

	<i>Extensão</i>	<i>Toneladas de mercad. transp.</i>
Linha de S. Felix a Tremendal (E. Brasil.)	525 kilm.	90.153
E. F. Bahia e Minas	516 "	109.289
E. F. Sobral (Rêde de Viação Cearense)	373 "	39.162
E. F. Victoria a Minas (Esp. Santo) .	530 "	79.371
E. F. Madeira-Mamoré	366 "	27.326
E. F. de Bragança (Pará)	291 "	59.226
E. F. S. Luiz-Therezina (Maranhão) . .	445 "	34.983
E. F. Central do Piauhy	147 "	8.062
E. F. Petrolina a Therezina (Pernambuco)	164 "	991
E. F. Central do Rio Grande do Norte	175 "	38.382
E. F. Nazareth (Bahia)	286 "	59.482
E. F. Ilhéus a Conquista (Bahia)	82 "	44.044
E. F. Maricá (Estado do Rio de Janeiro)	130 "	20.618
E. F. de Paracatú (Minas)	166 "	14.454
E. F. Goyaz	349 "	66.986
E. F. do Dourado (S. Paulo)	273 "	122.461
E. F. Norte do Paraná (Paraná)	43 "	93.820
E. F. de Santa Catharina	82 "	45.521
E. F. Theres - Christina (Sta. Catharina)	232 "	67.480
E. F. Quarahim-S. Borja	299 "	31.653
<i>Estrada de Rodagem S. Paulo-Santos . .</i>	<i>62 "</i>	<i>125.000</i>

O mesmo phenomeno talvez mais accentuado se observa em relação aos passageiros:

	<i>Extensão média em tráfego</i>	<i>N. de pas. transp. a qualquer distancia</i>
	Kms.	
Linha S. Felix-Tremedal (Cia. F. E. Bras.)	525,37	172.528
E. F. Bahia e Minas	516,72	95.838
S. Paulo Ry. Co. Ltd. (Secção Bragantina)	107,85	331.830
E. F. do Paraná (Cia. E. F. S. P.-R. G.)	399,00	492.230
Linha de Itararé ao Rio Uruguay (da Cia. E. F. S. Paulo-Rio Grande)	1.134,74	327.241
Linha de S. Franc. (da Cia. E. F. S. P.-R. G.)	463,33	247.928
E. F. Sobral (da Rêde de Viação Cearense)	373,49	75.207
E. F. Victoria a Minas	530,30	294.237
E. F. Oeste de Minas	2.271,94	701.433
Madeira — Mamoré Ry. Co.	366,48	15.868
E. F. de Bragança	291,87	362.187
E. F. São Luiz — Therezina	445,17	43.169
E. F. Central do Piahy	147,29	26.648
E. F. Petrolina — Therezina	164,30	4.974
E. F. Central do Rio Grande do Norte . .	175,89	51.997
E. F. Nazareth	286,40	145.800
E. F. Ilhéos a Conquista	82,95	209.158
E. F. Maricá	130,47	143.189
E. F. Paracatú	166,81	34.699
E. F. Goyaz	349,36	105.952
E. F. Dourado	273,37	296.664
E. F. Santa Catharina	82,90	71.389
E. F. D. Thereza Christina	232,76	146.324
E. F. Quarahim a S. Borja	299,47	26.607
<i>Rodovia São Paulo-Santos</i>	<i>62,00</i>	<i>692.000</i>

§ 8.º — CABOTAGEM

Todos paizes do mundo possuem sua navegação de cabotagem muito mais desenvolvida do que a sua navegação de longo curso. Exemplo disso e que póde ser citado é o do Canada que tem as seguintes cifras que poderão servir de comparação:

Navios entrados e sahidos dos portos canadenses durante 1928

<i>N.º</i>	<i>Tonelagem</i>	
183.036	85.741	de cabotagem
42.305	46.125	de longo curso

Isso demonstra que esses paizes todos que possuem maior navegação de cabotagem do que de longo curso mantem mais communicações entre as suas partes, e portanto alimentam mais affinidades entre os habitantes das suas regiões.

No Brasil é exactamente o contrario que se dá. As regiões se communicam muito mais com as nações estrangeiras do que entre si. Isso reproduz bem a theoria dos vasos communicantes. Enquanto que todos os paizes do mundo possuem mais communicações internas a religar as suas partes as regiões brasileiras vivem isoladas uma das outras com suas communicações ankylosadas. Eis S. Paulo, que durante a ultima decada teve o seguinte movimento de cabotagem em compara-

ção com o de longo curso, a proposito da importação em milhares de contos:

	1921	1922	1923	1924	1925
Cabotagem	176	251	339	421	431
Longo curso . . .	508	471	713	969	1.286
	1926	1927	1928	1929	1930
Cabotagem	353	464	601	514	354
Longo curso . . .	1.004	1.282	1.480	1.407	794

Dahi conclue-se que:

- a) O movimento de longo curso a respeito de importação é de 2 a 3 vezes maior que o de cabotagem, com que é facil se concluir que S. Paulo se abastece fóra do paiz na maior parte.
- b) S. Paulo é um mercado magro para as demais regiões do paiz, consumindo-lhes ou comprando-lhes relativamente pouco ao que compra aos estrangeiros.

Com a exportação o phenomeno é o mesmo e ainda mais extremado. Vejamos:

	1921	1922	1923	1924	1925
Cabotagem	91	140	224	312	259
Longo curso . . .	1.150	1.640	2.125	2.191	1.697
	1926	1927	1928	1929	1930
Cabotagem	261	289	418	378	316
Longo curso . . .	1.697	1.943	2.095	2.098	1.428

Dahi verifica-se que, o movimento de longo curso, em regra 6, 7 e 8 vezes maior que o de cabotagem. Isso quer dizer que, se S. Paulo tem sido um magro mercado para as demais regiões brasileiras, estas não em sido mercado que valha a pena ser mencionado para os productos paulistas, que encontram consumo o estrangeiro. Os motivos são varios, entre os quaes vultam a pequena somma de necessidades que tem s habitantes dessas regiões brasileiras, o pequeno poder acquisitivo delles, e o pessimo serviço de navegação de cabotagem, o qual alem do parco e raro, mantem arifas elevadas demais em relação as dos meios de transporte de longo curso.

E' impossivel que, essas causas não produzam consequencias. Estas, afinal, têm de se manifestar e são is seguintes:

- a) Causas economicas.
- b) Causas sociaes.

As causas economicas que advem desse phenomeno são favoraveis a nós, porque fazem com que, uma maior quantidade de ouro, que é a moeda internacional seja injectada na nossa economia.

Mas as causas sociaes produzem uma segregação da nossa região em relação as do Brasil, de formas a nos isolar da comunidade, cousa aliás que, acontece a todas essas regiões, que são isoladas uma das outras, como acontece a nós, em razão do pessimo serviço de navegação de cabotagem.

A navegação de cabotagem tem obedecido ao seguinte ritmo, desde 1907 até 1933:

Anos	Importação		Exportação	
	Peso em kilos	Valor	Peso em kilos	Valor
1907 . .	134.721.846	52.189:542\$910	18.105.929	18.856:712\$682
1908 . .	104.470.105	41.496:991\$960	11.779.087	13.200:711\$546
1909 . .	107.921.023	44.151:957\$745	14.933.559	17.984:879\$500
1910 . .	122.506.233	42.513:393\$888	14.679.721	20.102:656\$440
1911 . .	141.762.673	44.989:553\$414	15.273.187	21.752:952\$880
1912 . .	181.086.409	74.379:112\$625	29.945.522	23.017:530\$810
1913 . .	166.352.864	77.179:925\$176	22.793.762	29.073:624\$600
1914 . .	159.038.917	77.186:453\$386	18.481.659	27.527:482\$900
1915 . .	180.226.813	90.810:154\$130	41.500.465	51.924:528\$390
1916 . .	165.906.153	99.871:445\$708	52.878.695	66.870:375\$172
1917 . .	152.248.972	127.059:860\$020	45.246.854	78.905:199\$510
1918 . .	199.021.973	175.201:721\$260	36.314.483	96.814:567\$110
1919 . .	173.199.181	145.720:499\$140	47.932.325	100.124:310\$470
1920 . .	183.115.655	144.674:597\$661	54.565.076	135.627:019\$670
1921 . .	196.686.739	176.478:623\$886	35.332.115	91.006:718\$890
1922 . .	281.573.354	251.324:362\$130	56.618.174	140.180:824\$510
1923 . .	272.235.916	339.080:372\$700	66.836.116	224.512:078\$410
1924 . .	340.771.259	421.298:163\$082	67.526.867	312.437:459\$650
1925 . .	434.853.716	431.865:061\$700	76.258.035	259.914:417\$650
1926 . .	374.984.317	353.181:547\$176	75.630.584	263.535:699\$950
1927 . .	459.937.085	464.627:775\$290	79.023.347	391.239:634\$960
1928 . .	529.463.209	601.272:558\$850	106.122.095	420.904:394\$350
1929 . .	521.825.011	514.069:120\$000	108.495.591	382.036:544\$000
1930 . .	387.997.360	354.483.498\$000	98.844.643	316.119:681\$000
1931 . .	409.018.963	325.578:168\$000	119.041.270	393.522:584\$000
1932 . .	363.045.343	284.180:284\$000	118.791.070	348.614:965\$000
1933 . .	326.039.373	299.644:577\$000	134.338.868	442.017:644\$000

Dessas estatísticas conhecidas, tiram-se importantes conclusões:

a) Até 1930, S. Paulo importava muito mais das outras regiões e o motivo estava em que a cultura do café em S. Paulo absorvia todas as actividades, de modo que, o paulista, se via na inconveniencia de se dedicar a outro ramo qualquer de actividade rural, pois que os preços referentes ao café sendo muito mais remuneradores do que qualquer outro genero de produção agraria impediam que houvessem majoração nestes. Com isso o grande poder aquisitivo de S. Paulo permittia que compras alhures fossem effectuadas em maior escala.

b) Depois de 1930 S. Paulo, que estava antes asoberbado com a crise do café, entrou em periodo de crise politica. Com isso o preço do café cahiu e a população rural paulista não encontrando lucros no cultivo do cafeeiro buscou outras fontes de remuneração, com o que produziu o que antes era importado. Com esse phenomeno, em concomitancia é de se assignalar outro: O poder aquisitivo do paulista diminuiu de modo a lhe determinar menores compras, com o que as suas importações cahiram.

c) Por outro lado o poder aquisitivo dos brasileiros teve augmento com os favores que lhes foram distribuidos com prodigalidade pelos vencedores da revolução de 1930. O sr. Getulio Vargas beneficiou largamente o Rio Grande, o sr. José Americo dispendeu centenas de milhares de contos no Nordeste.

Óra, isso fez augmentar o poder aquisitivo dos brasileiros, com o que elles puderam comprar mais em S. Paulo. As exportações deste para essas regiões brasileiras tinha que augmentar pois.

d) De 1928 para 1933 houve uma grande diminuição do commercio de cabotagem, tanto o referente as exportações como as importações.

CAPITULO XIII

S. PAULO NA UNIÃO

§ 1.º — ORGANISAÇÃO POLITICA E ADMINISTRATIVA

S. Paulo faz parte politica e administrativamente de um paiz que corresponde as colonias luzo-americanas, depois unidas em uma só organização, a qual depois persistiu unida, sem embargo de as colonias hispanicas na America terem sahido aos pedaços. E' que ao factor geographico, houve a circumstancia de haver resolvido atravessar o oceano, a fugir da furia napoleonica a côrte portugueza, a frente da qual estava o principe Regente Dom João, mais tarde o rei Dom João IV. Esse facto fez com que elle se estabelecendo com a côrte no Rio de Janeiro, reunisse sob o seu dominio todos os estabelecimentos luzo-americanos, exercendo sobre elles não só um governo mais directo e mais americano, portanto mais de accôrdo com as suas directrizes e impedindo que elles sentissem pruridos de separação, o que acontecia em relação aos hispano-americanos. Esse foi o facto primordial, que conjugado ao factor geographico, impediu que esses estabelecimentos luzo-americanas, corressem pela mesma parallela dos estabelecimentos hispano-americanos.

De facto, o Brasil, um paiz de oito milhões e meio de kilometros quadrados, contendo regiões as mais dis-

paratadas, as populações as mais diferenciadas, abrangendo mentalidades e sentimentalidades, costumes os mais exóticos uns aos outros, deveria seguir a sorte das colónias hispano-americanas, que em area igual em kilometragem abrange nove grandes paizes, na America do Sul e outros tantos na America Central em uma area kilometrica que é apenas de um terço da do Brasil. Esse facto extraordinario, pois teve lugar em vista das circumstancias mencionadas, de modo que a organização politico-administrativa de um paiz como o Brasil, estava a exigir uma feição toda propria, pois no mundo não houve e não ha exemplo que se aproxime do Brasil neste particular referente a heterogeneidade. Se porventura isso não fosse dito, consequencias muito graves poderiam resultar desse phenomeno.

A principio isso não foi comprehendido de maneira nenhuma. Una serie de terremotos politicos os mais graves tiveram lugar a seguir ao 7 de Setembro de 1822. O Imperador teve que abdicar, mas disso não resultou socego.

Instituiu-se a Regencia trina, mas isso não aproveitou.

A seguir os dirigentes do primeiro Imperio, entre-abriram pela fimbria a intelligencia que comprehendeu, um pouco o phenomeno. Dahi o Acto Adicional, que consistia na outorga de mais autonomia ás regiões, de mais descentralização, cuja necessidade imperiosa ninguem comprehendia que no Brasil precisava ser elevada ao maximo para que o paiz persistisse unido e em socego.

O Acto Adicional não bastou. A desordem continuou. As guerras de 1835-45 ou dos Farrapos no extremo sul, de 1842 em S. Paulo e Minas, ou de 1848 em Pernambuco, são disso testemunhas. Mas as guerras no

sul contra Rosas e contra Artigas, foram os derivativos para esse máu estado. Depois a guerra do Paraguay, em que se empenhou o paiz. A campanha pela abolição, pela republica, a questão militar, não foram senão manifestações aparentes desse mal profundo que fazia o paiz soffrer. A seguir veio a Republica e com ella a Federação, não por ter sido comprehendida a situação brasileira, mas porque havia a ansia de limitação e o norte americano então se scenificava no quadro mundial. A Federação, entretanto, não conseguiu remediar o mal. A droga não era energica em sufficiencia para debelar o mal. Dahi a historia tumultuosa da Republica, cumulada em 1930 pelo advento de outra Republica ainda mais cega que a primeira. Os dirigentes, a elite pensante, os sociologos, não comprehenderam ainda que o paiz exige DESCENTRALISAÇÃO e se não lhe for ministrado esse remedio em doze macissa elle morrerá. (1) Tudo indica isso, mas a divisão de rendas entre as trez espheras governativas a federal, a estadual e a municipal é tão absurda que provoca por força esse máu estar assignalado, que se registra empobrecendo o Estado e o Municipio e enriquecendo a União. S. Paulo era a unidade mais prejudicada ante a vigencia da lei de 91 e é ante a vigencia da constituição de 34.

1) Os dirigentes brasileiros e os que se tem occupado da politica nacional não vêm o mal e a solução para elles, ou antes elles têm feito por ladear a questão de modo a fingir não comprehender a situação em que se encontra o paiz.

Ultimamente tem-se visto surgir a baila uma serie enorme de soluções para resolver o mal em que se entrebate o paiz, mal esse diagnosticado segundo essas soluções surgidas. São ellas a doutrina integralista, a doutrina parlamentarista e os que pensam em resolver a situação pelo communismo.

Quanto ao integralismo, não se sabe bem como essa doutrina encara essa temerosa questão de centralisação. E' certo que ella prega a doutrina de governos fortes, entretanto na Assembléa Estadual de S. Paulo pelas palavras do deputado integralista sr. João Carlos Fairbanks, parece que a doutrina se acomodaria neste ponto com uma grande descentralisação administrativa.

Tem-se ouvido falar de parlamentarismo, mais como um éco saudosista das logomaquias imperiaes, do que como um modo de corrigir os excessos do presidencialismo.

Os que se lembram do parlamentarismo, são os que se acham em distancia astronomica do nosso problema constitucional.

A questão de parlamentarismo, ou presidencialismo, é absolutamente secundaria. Muitissimo mais importante, é a situação dos Estados na communhão brasileira.

Muitissimo mais importante é, se se preferirá o unitarismo, o federalismo ou o confederacionismo.

Muitissimo mais importante é o se tratar de uma maior ou menor centralisação dos poderes da União.

Penso que, nessas relações de Estado para com a União, repousa todo o futuro do paiz. O restante é méra questão de fórma.

Em se saber se se deve dar maior ou menor somma de poderes ao Presidente ou ao Parlamento, parece ser questão de detalhe. Em se saber se o Ministro deve ser responsavel e comparecer ao Parlamento e ahi se defender, ao envez de ser responsavel o Presidente e agir no Parlamento por meio de um leader, é questão de insignificante minucia, deante do muito, que representa a questão da divisão dos poderes entre a União e os Estados.

Mas, mesmo que isso não fosse, um exame que determine um conhecimento do Brasil, dá tambem a conclusão que o parlamentarismo é inapplicavel a este immenso paiz.

Combinar essa modalidade do liberalismo britannico, com o systema federativo tirado da estructura democratica norte americana, é bem um hybridismo, que se iria esterilisar na heterogeneidade particular do caso brasileiro.

Em primeiro lugar, qualquer fórma de governo parlamentarista envolve a absoluta e imprescindivel necessidade de partidos nacionaes, com seus programmas etc.

Não é possivel a concepção de parlamentarismo, sem esses partidos á moda ingleza. Unicamente com partidos regionaes é que não se poderia fazer, se não um parlamentarismo deformado. Seria então um malabarismo da mais desenfreada politicalha em que os partidos regionaes se iriam aliar aos de outros Estados para derrubar governos. Teriamos os terremotos das successões de governos, não mais de qua-

tro em quatro annos, mas sim de dois em dois mezes, e com isso o paiz não teria mais socego.

Ora, partidos nacionaes organisados, com programmas rigidos para todo o Brasil, esse paiz immenso e composto heteroclyto de muitos pedacos das mais diversas consistencias, das mais differentes rizezas, dos mais differentes e antagonicos interesses economicos, financeiros, ou commerciaes, das mais oppostas mentalidades, é a mais perfeita utopia que se conhece.

Ainda ha quem não tenha percebido isso, sem embargo de ser a cousa tão clara e evidente?

Que programma poderia ter um partido nacional?

Para se conciliar com a diversidade de ambientes, esse partido teria de ser, articuladamente, livre cambista, proteccionista, inflaccionista, deflaccionista, etc.

Conforme a região, esse partido teria de se accommodar com as necessidades della, para não lho contrariar a opinião publica.

Que sinceridade de crenças e de doutrinas poderia ter esse partido nacional, articulado com programmas tão antagonicos?

Como se poderiam conciliar os membros desse partido nacional, com as defesas, que seriam obrigados a fazer de pontos de vista tão extremos?

Esses partidos nacionaes que não se accommodassem articuladamente com os interesses regionaes, se iriam fatalmente transformando em partidos regionaes, e cahiriam na mais desenfreada politicalha.

O mal brasileiro é possuir o territorio tão vasto e tão heterogeneo.

Mesmo nos Estados Unidos da America do Norte, paiz muitissimo mais homogeneo do que o Brasil, os partidos existentes tendem a se arregionalisar, adaptando-se aos interesses e ás conformações dos Estados.

Quem nos relata isso e de um modo particularmente nitido é André Siegfried no seu interessante "*Les Etats Unis d'aujourd'hui*".

Os grandes partidos nacionaes, que lá existem, o Partido Republicano e o Partido Democrata, accoutum as suas forças em determinadas regiões.

O Republicano é quasi unanime nos Estados do nordeste, representando os velhos puritanos, os "hundred per cent", etc. os Estados, onde imperam muitos elementos exóticos, nos Estados e portos, onde os elementos immigratorios são maioria, no "solid south", etc., são os democratas, quasi que unanimes.

Os partidos tendem a se fazer regionaes.

Imagine-se aqui, onde as regiões são muitissimo mais disparatadas, onde os interesses se chocam com o fragor de um antagonismo muito maior, onde as tradições divergem, onde as mentalidades são differentes,

onde até as raças são outras, onde não ha sympathias reciprocas e onde as barreiras intransponiveis das odiosidades se evidenciam!

O caso brasileiro se resume em um paiz immenso e heterogeno.

Não podemos ir buscar na extranja uma fórmula de governo, que lá pôde ser optima em razão das particularidades, que não nos são communs.

O parlamentarismo é uma optima fórmula de governo, para paizes pequenos, como a Inglaterra, a França, a Alemanha, etc., onde tudo é mais ou menos igual, onde os interesses economicos, se não são bem identicos, se completam ou se suportam, onde a mentalidade é a mesma, onde a sentimentalidade não diverge profundamente.

O Brasil é um paiz differente de tudo isso. Não ha simile no mundo, que possa ser invocado, para nelle se estabelecer um paralelo qualquer com o Brasil.

Nós precisamos de um systema de governação differente, dos que têm dado alhures bons resultados. Precisamos de uma cousa adaptavel ao nosso meio, ás nossas qualidades.

Caso se adopte uma qualquer fórmula governativa, porque deu optimos resultados na Inglaterra e na Alemanha, é querer calçar um sapato alheio e desejar que não nos incommode, só porque não incommodava ao individuo, para o qual esse sapato fôra feito sob medida.

* * *

Ahi está o magistral livro do pernambucano Manoel Olympio Romero: "S. Paulo e Minas na Federação", a nos mostrar a evidencia o que foi o regime da lei de 91.

Ahi estão todos os quadros estatisticos a nos evidenciar como São Paulo tem sido sangrado, em beneficio do todo.

Para São Paulo, seria um desastre a reedição dessa lei que nos reduziu á canga e que fez limitada a nossa prosperidade.

E tanto era defeituosa essa lei que obriga a São Paulo dar á União 55,3 % do total da sua arrecadação, ficando com apenas 44,7 % para attender aos serviços estaduais e municipaes, enquanto que nos Estados Unidos as porcentagens variam de modo muito diverso. A União lá só percebe 35,14 % do total e os Estados mais os municipios se reservam 64,85 % do total ou sejam 2/3 delle, segundo conferencia do dr. Oliveira Coutinho no Clube de Engenharia.

Por ahi se vê o quanto injusta é a nossa distribuição de rendas. A continuuação dessa distribuição levará o Estado á MISERIA.

Devemos reincidir nesse erro?

Devemos teimar em afundar a nossa situação em uma via que nos levará ao abysmo?

Se não fosse a distribuição de rendas da lei de 91 São Paulo estaria muito mais folgada.

A nossa instrução publica, a nossa rede rodoviaria, a nossa agricultura, etc., com muito maiores recursos, teriam caminhado muito mais.

Ainda ha pouco o general Waldomiro de Lima ennumerando os "deficits" das arrecadações estadoaes, affirmava que a capacidade tributaria do paulista estava esgotada. Mas está esgotada porque São Paulo paga annualmente á União cerca de um milhão de contos para só ficar com 3 a 4 centenas de milhares.

Tira de si e dá aos outros.

E' natural isso? Examinemos mais minuciosamente a questão.

Se assim é, e isso é evidente, vejamos se para o Brasil a lei de 91, com as suas disposições centralizadoras satisfazia.

Tivemos os terremotos politicos que nos fazem tremer desde a Republica de um modo cada vez mais fortemente.

Isso o que denuncia?

Claramente está a gritar que não temos uma organização politica, adaptada ao nosso estado social.

Por isso as luctas de Ruy Barbosa. Por isso as que enfrentou o sr. Wenceslau.

Por isso as que o governo do sr. Epitacio foi alvo. Por isso a successão prô-Bernardes com as effervescencias de Nilo Peçanha. Por isso a successão tempestuosa do sr. Washington.

Isso mostra que a lei basica era defeituosa.

Mas como corrigir o mal?

Devemos substituil-a por outra que caminhe no sentido da descentralização.

Precisamos organizar o laço politico brasileiro, calcando nos mel-des que verificamos oriundos das necessidades dos grupos sociaes do territorio brasileiro.

Precisariamos organizar um regime nosso; — feito de accôrdo com as nossas necessidades e jamais copiado de paizes muito differentes.

Que regime é esse?

Do accôrdo com estudos que, de longa data, venho procedendo na sociologia brasileira, no passado brasileiro, na organização demographica brasileira, na construcção economica brasileira, etc., o regime ideal, seria para todos, o da maior descentralização.

Tambem não sou eu o unico publicista a assim pensar. Almachio Diniz que não é paulista, que não é amigo de S. Paulo, que não é regionalista, etc., tambem assim pensa e vem de publicar um livro hostile a S. Paulo, em que firma a mesma these que a que eu venho sustentando: *Confederação antes que venha a separação.*

E' este o grito de alarma que, ha mais de um anno lancei, sendo porém interpretado como ameaçador de um dilemma subversivo.

Veja-se por exemplo o que tem S. Paulo dado á União em meio seculo. Analysemos isso para ver a conveniencia paulista neste estado de cousas:

RENDA DA UNIÃO EM S. PAULO

1882 . . .	8.229:000\$	1906 . . .	66.261:000\$
1883 . . .	8.365:000\$	1907 . . .	80.772:000\$
1884 . . .	9.434:000\$	1908 . . .	72.923:000\$
1885 . . .	9.464:000\$	1909 . . .	69.894:000\$
1886 . . .	21.660:000\$	1910 . . .	85.705:000\$
1887 . . .	14.541:000\$	1911 . . .	108.622:000\$
1888 . . .	19.751:000\$	1912 . . .	136.003:000\$
1889 . . .	19.800:000\$	1913 . . .	139.425:000\$
1890 . . .	25.610:000\$	1914 . . .	97.657:000\$
1891 . . .	34.746:000\$	1915 . . .	81.304:000\$
1892 . . .	26.198:000\$	1916 . . .	88.472:000\$
1893 . . .	28.025:000\$	1917 . . .	94.984:000\$
1894 . . .	27.093:000\$	1918 . . .	99.038:000\$
1895 . . .	42.722:000\$	1919 . . .	127.206:000\$
1896 . . .	46.946:000\$	1920 . . .	181.255:000\$
1897 . . .	42.618:000\$	1921 . . .	191.933:000\$
1898 . . .	46.755:000\$	1922 . . .	226.547:000\$
1899 . . .	39.250:000\$	1923 . . .	301.460:000\$
1900 . . .	41.625:000\$	1924 . . .	405.153:000\$
1901 . . .	50.344:000\$	1925 . . .	494.194:000\$
1902 . . .	55.295:000\$	1926 . . .	472.743:000\$
1903 . . .	49.351:000\$	1927 . . .	616.768:000\$
1904 . . .	56.860:000\$	1928 . . .	708.629:000\$
1905 . . .	54.440:000\$	1929 . . .	738.171:000\$
		1930 . . .	633.185:000\$

Total . . . 7.086.383:000\$

(Manoel O. Romeiro, "S. Paulo e Minas na Economia Nacional", pgs. 72, 73).

Em troca desses sete milhões de contos que os paulistas em meio seculo deram á União, o que tem recebido? (1) (2)

A União mantem em S. Paulo a Central do Brasil, Noroeste do Brasil, o Banco do Brasil, a Agencia do Lloyd que são repartições arrecadadoras, que como a Delegacia Fiscal, a Alfandega, completam o quadro de ventosas que a União tem applicadas no flanco do Es-

1) Qual o beneficio que S. Paulo compra por preço tão elevado? O ineffavel prazer de ser do Brasil?

A resplendente gloria de possuir uma patria de grandeza territorial de mais de oito milhões de kilometros quadrados?

A vaidade de ser de um paiz que possui o maior rio do mundo; ou de possuir esse paiz as magicas bellezas naturaes de uma Guanabara; ou a mentalidade assombrosa de um Ruy Barbosa? O orgulho enfatuado do famoso: "porque me ufano do meu paiz?"

Se foi isso devemos concluir que S. Paulo comprou por preço muito caro, essas preciosidades...

2) O facto de S. Paulo pertencer a uma patria territorialmente grande não justificaria um dispendio tão importante.

Não me posso convencer da superioridade das grandes nações.

Bluntschli diz que o poder de um Estado, não se méde sempre pela sua extensão.

O notavel Alexandre Hamilton, no seu famoso "*The Federalist*", diz que, quanto maior fôr um paiz, mais sujeito está elle á tyrania.

Os imperialistas, os sonhadores de dominios, de grandes potencias, de guerras victoriosas, de offuscante prestigio internacional, de arrancadas quixotescas e tonitroantes, sim, desejam um Estado grande, populoso, de grandes reservatorios de "chair a canon", etc.

Mas a razão do Estado, parece não ser a conquista, a grandeza, a magnificencia.

A felicidade dos grupos humanos, não reside na potencialidade physica, não está na razão directa da força de seus exercitos ou no poder de seus canhões.

Um povo pequeno pôde ser feliz, rico, etc., obtendo de suas fontes de trabalho todos os elementos de conforto que a civilização proporciona á humanidade.

Para isso não ha precisão de ser um grande Estado.

tado de S. Paulo, dahi tirando milhares de contos que esbanja em Ministerios inuteis, pois que nada fazem em bem da administração, dos negocios, da producção.

A Suissa, a Noruega, a Suecia, a Dinamarca, a Hollanda, a Belgica, o Luxemburgo, ahi estão para testemunhar isso. Seus habitantes pagam menos impostos, são menos sobrecarregados do que os allemães, os francezes, os inglezes, os italianos, e todos aquelles que sonham imperia-
listicamente.

Os grandes paizes são sempre menos livres. E' o que nos aponta em soberbas lições a Historia.

Os grandes imperios do Oriente eram sempre governados por despotas e satrapas.

Na Assyria, no Egypto, na Babylonia, na India, na Persia, na Media, as governanças não tinham limites em autoocraçia.

Nem se diga que, as pequenas nações sejam militarmente menos poderosas. E' a Historia quem nos conta que, em Marathona, em Salamina, em Platéias, não foram os pequenos que sahiram humilhados. O pequeno reino da Macedonia, tambem não se abateu ante o colosso persa! Pelo contrario!

Os bandos desordeuados e pequenos dos barbaros, destruíram o colosso romano.

A França, muito menor, e menos povoada, sempre teve em chequeo o mundo germanico, reforçado por hungaros, slavos e italianos, desde o Adriatico, desde o Rheno aos Carpathos.

O pequeno Japão não foi o vencido na Mandchuria e actualmente afronta o colosso chinéz, que está a sombra de outro colosso, ainda maior, o moscovita.

O minimo Paraguay de Lopez, enfrentou o Brasil, a Argentina e o Uruguay, como um lção, valorosamente se batem contra a Bolivia, que lhe é 10 vezes maior em área e tem uma população 4 vezes maior.

A Allemanha se bateu contra grande parte do mundo.

S. Paulo, sósinho e desarmado, enfrentou o colosso brasileiro e tol-o-hia vencido se não fosse a inferioridade numerica do material, a falta de preparo previo e as repetidas trahições.

Não eram grandes em territorio ou em número os phenicios, que são credores de tantos capitulos de civilisação. Não eram maiores que elles, nem mais numerosos os gregos que esplendoraram o mundo classico.

Roma foi mais feliz, mais liberal, mais grandiosa, quando era apenas uma pequena republica, cujas fronteiras não iam além do Rubicon, sem chegar sequer a Cisalpina.

O imperio immenso deu-lhe os horrores dos Caligulas, dos Neros, dos Caracalas, dos Heliogabalos, ou dos Comodos.

Se nós formos considerar os lucros tirados pelas Empresas industriaes da União, fixadas em S. Paulo, teriamos de elevar a mais de dez milhões de contos o total

Onde encontrou Roma mais resistencia?

Em Carthago.

Outra pequena republica.

A Hespanha de Viriato ou de Sertorio, tambem oppôz á Roma immensas difficuldades.

Que era a Hespanha? Pequenos povos, valentes e bem organizados pela pericia desses dois chefes.

E os Paizes Baixos, não dominaram o mundo, depois de haverem humilhado o immenso reino dos Habsburgo hespanhóes?

Antes delles, já não havia Portugal ditado regras ao mundo, sem embargo do seu pequenissimo territorio, ainda mal povoado?

Portugal não tinha ainda um milhão de habitantes quando Vasco da Gama descobriu o caminho das Indias e Cabral descobriu o Brasil.

Quantos homens tinha consigo Cortez, no Mexico? Eram muitos porventura os hespanhóes de Pizarro no Perú, ou os portuguezes de Albuquerque na India?

Poder-se-iam, porventura comparar os imperios de Attila, de Gengiskhan, de Tamerlan, ou de Bajazeth, com as minusculas republicas de Veneza, de Padua, de Genova, etc.?

A Inglaterra não era grande e conquistou um immenso imperio.

Quando no fim do seculo XVIII, a Inglaterra ultimava a conquista do seu imperio, com a incorporação do Canadá, da India e da Africa do Sul, a população do Reino metropolitano ia a apenas 7 milhões de habitantes.

Emquanto isso a França, mergulhada nos horrores dantescos do Terror já abeirava a 30 milhões e tinha seu imperio colonial abatido e desmembrado pela Inglaterra com uma população 4 vezes menor.

Felippe de Macedonia, quiz alargar o seu reino. Conquistou a Grecia. Povos similares, usando quasi que o mesmo idioma, adorando idontica mythologia, observando costumes parecidos, sem embargo das civilisações desniveladas, em degraus, a união era possivel.

Alexandre, porém, quiz ir além.

Passou o Hellesponto e fez ajoelhar a potencia de Dario.

Conquistou um grande imperio, estendido por immensa area. Gentes muito differentes; povos exóticos, homens dispares; civilisações multipas se foram aggregando aos helleno-macedonios.

Alexandre se fez Iskander, imperando na Asia Menor, na Syria, no Egypto, na Armenia, até o Caucaso, na Mesopotamia, e na Persia, até a India.

que a União tem arrecadado em S. Paulo. Mas não é só para S. Paulo que a União constitue um prejuizo. Os demais Estados também soffrem, ainda que, em muito

Babylonia, Ecbatana, Persepolis, Alexandria, Epheso, Mileto, etc., se iam juntando aos esplendores de Pélas, de Athenas e de Thehas.

Religava esse muro heteroclyto as correias do legendario Bucephalo, ou das invenciveis phalanges de opplitas couraçados.

Morre o grande Alexandre, e o muro sem liames, desmoronou com estrondo.

Foram os Antipater, os Ptolomeus, os Seleuco, os Demetrios, os Antigonos, que desmembraram os frangalhos do astro luminoso, que a heterogenidade esfarelára em bolidos perdidos na immensidão trovosa de um passado multiseccular.

Depois tivemos o imperio romano, que as aguias das legiões victoriosas levaram, desde a Bretanha ao Ponto, na Asia, desde o Egypto ao Rheno, desde o Danubio ao Norte africano, até o alto Nilo, desde o Indus e o Euphrates ao Mosella e ao Tagus.

Os cesares romanos dominaram a Caledonia, a Gallia, a Belgica, a Helvetia, a Panonia, a Dacia, a Illyria, a Mauritania, o Egypto, a Ethiopia, a Capadocia, a Palestina, a Assyria, o Pergamo, a Armenia, a Phenicia, até a India.

Todos os matizes dermochromaticos, desde o louro germanico, ao negro ethiophe se entrebatiam nas arenas dos imperadores ou nos ergastulos patricios da cidade eterna.

Elles resumiam em maravilhosa rapidez, em synthese admiravelmente summariada, toda heterogeneidade daquelle mundo, que se unia em uma organização politica formidavel.

O que se viu, afinal?

Emquanto Roma teve homogeneidade, foi capital da Italia apenas, a pujança sempre doirou de victorias as aguias das suas legiões e os louros da gloria sempre coroaram os seus generaes.

Emquanto Roma teve homogeneidade, foi capital da Italia apenas, tralisação, que os seculos foram progressivamente alargando, até que Theodosio, já no fim do seculo IV, fez a divisão de seu imperio, entre seus filhos Honorio e Arcadio.

Depois disso, a desaggregação foi marcando o fim do blóco que se ia desunindo esfarelado, por falta de liga, entre os pedaços heteroclytos.

A Gallia, a Britannia, a Iberia, a Norica, a Illyria, etc., foram deixando a gravitação de Roma ou de Ravena, até que em 476, Odoacro poz termo á agonia romana do mundo, que se findava.

menor escala que São Paulo, pois são unidades economicamente muito menos fortes. Elles são obrigados a manter ramos da administração em duplicata, pois

O imperio oriental, mais homogêneo, na mentalidade commum aos levantinos, teve mais duração, até que uma estrella o enguliu, para ir repetir as tentativas unificadoras, das grandes patrias, sempre fadadas a desagregações. . .

Depois, Attila, o flagello de Deus, na sua meteorica cavalgada pelo Occidente, quiz renovar a experiencia.

Foi a rapida repetição de um phenomeno natural e incoercível.

Os sectarios de Mahometh, com os kaliphados de Cordova e de Bagdad, unidos pelos areiaes da Arabia e pelas arestas do Atlas, correram pelos mesmos capitulos.

A desagregação foi inevitavel e quem se der ao trabalho de fazer um estudo pelas paginas da historia do islamismo, verá bem a potencia da força centrifuga da descentralisação.

O imperio carlovingio, cujo centro em Aix-la-Chapelle, tinha que se desmembrar em Austrasia, ainda abarbarada, e na Neustria, antepassada da França.

A velha Germania, ainda nas trevas do Wallala, jámais poderia ser sempre unida á Gallia.

Azeite, jámais se mistura na agua!

Carlos V e Felipe II, tambem inconscientes, tentaram repetir as tentativas de uniões impossiveis.

Colheram os resultados, que foram os fracassos, que a habilidade dos Parma, dos Alba, ou dos Farnése não evitaram.

Não ha força humana capaz de luctar contra o centrifugismo descentralizador, nos paizes, mais ou menos grandes.

Tentar o contrario, é repetir as frustadas tentativas aventurosas que a Historia, a grande mestra da vida, nos ensina a cada passo.

Não é a immensidão territorial, com o peso brutal de uma população que fazem a grandiosidade de um paiz, ou antes não são esses os indices marcantes da felicidade de um povo. David era bem menor que Golias.

O que faz a felicidade de uma nação, é o que diz Garner, no seu já citado "*Political Science*", 51: "*Ethnic homogeneity coupled with geographic unity are indoubtedly among the most powerful factors of maintaining political solidarity, and it should be the ambition of every state to organize itself so as to secure these elements of national strenght and stability.*"

que se incumbindo dos mesmos negocios temos a administração estadual e a administração federal, esta ás vezes atrapalhando aquella, como acontece no caso

A affirmativa de que, se S. Paulo fôra soberano seria uma méra "*Republiqueta*", está merecendo uma analyse, pela situação que atravessamos.

Essa analyse deve ser feita pelos que estão afeitos aos estudos das geographias, social, politica e economica, bem como da demographia.

Para o objectivo do que vae acima dito, é preciso que se fixe o conceito do que possa ser "*Republiqueta*".

Penso que "*Republiqueta*" seja uma nação soberana, mas que não possúa força economica e nem se avulte nas cifras demographicas.

Na America, seriam ellas as seguintes:

Honduras, 780.000 habitantes.

Haiti, 2.300.000 habitantes.

Guatemala, 2.000.000 habitantes.

Nicaragua, 638.000 habitantes.

Salvador, 1.307.000 habitantes.

Cuba, 3.579.000 habitantes.

Costa Rica, 479.000 habitantes.

San Domingos, 897.000 habitantes.

Colombia, 7.000.000 habitantes.

Venezuela, 3.000.000 habitantes.

Equador, 1.562.000 habitantes.

Perú, 6.200.000 habitantes.

Bolivia, 3.000.000 habitantes.

Paraguay, 828.000 habitantes.

Uruguay, 1.762.000 habitantes.

S. PAULO, 6.500.000 habitantes.

Se nesse quadro de "*Republiquetas*", S. Paulo figura desta fórma, sobrelevando as mais consideradas "*REPUBLIQUETAS*", devemos confessar que S. Paulo seria uma linda "*REPUBLIQUETA*".

Mas só a má fé requintada ou o commodismo negativista, poderiam classificar S. Paulo entre essa pejorativa fórma de paizes indepedentes...

Na população, apenas a Colombia e o Perú, se aproximam a S. Paulo, com cerca de sete milhões de habitantes.

Em potencialidade economica, que é um indice de mais valor representativo, S. Paulo só é, de longe, acompanhado pelo Chile, a nação militarmente e navalmente das mais poderosas na America do Sul.

do petroleo em Alagôas, mas sempre constringendo os poderes estaduais que são obrigados a seguir o padrão federal o qual é sempre talhado pelos moldes do Dis-

S. Paulo tem a mais do que o Chile no seu commercio exterior 21 milhões de esterlinos.

O Uruguay, paiz soberano, ha mais de cem annos, mas trilhando a sua phase pastoril, porque a pobreza do seu sólo não lhe offerece outras possibilidades, tem uma população 4 a 5 vezes menor do que a de S. Paulo, e tem o seu commercio externo a perder de vista do pujantissimo commercio externo paulista. Note-se que S. Paulo além desse commercio externo, ainda alimenta um intercambio dentro do paiz, que vac a cerca de 20 milhões de libras, do que é facilimo concluir-se que, S. Paulo, em épocas normaes tinha um commercio de importação e de exportação que sommavam um total de cerca de 100 milhões de esterlinos annuaes, isto é, 5 vezes o do Uruguay, uma das mais prosperas "REPUBLICUETAS"; e quasi duas vezes o do Chile, duas das nações mais poderosas da America do Sul. (*)

*) As cifras aqui consignadas são referentes a antes de 1930 quando a anormalidade subverteu a economia paulista.

As estatisticas depois de 30 não podem servir de evidencia senão de um modo muito relativo.

S. Paulo não foi mais governado pelos seus e o paiz entrou na anormalidade.

Vimos a magnifica situação do S. Paulo, comparado com muitos paizes independentes.

Relanceamos os olhos sobre a bella postura de S. Paulo, deante de varios paizes soberanos.

Concluimos a immensa superioridade da entidade paulista, de frente de dezenas de outras, que gozam de completa soberania.

Dir-se-ia que S. Paulo, com a soberania, não estaria nessas magnificas condições!

Poderia não exportar tanto!

Poderia não importar tanto!

Poderia não realizar o commercio externo grandioso, o qual nos maravilha!

O commercio interno, esse não nos proporciona lucros, pelo contrario, tem-o deficitario.

S. Paulo, se fosse soberano, teria de facto um elemento que pudesse modificar essa situação, para peor?

tricto Federal, e portanto inadequado aos Estados do Norte.

Creio que não. Ou antes estou certissimo que não.

S. Paulo, se fosse soberano, poderia ter ainda uma progressão mais crescente.

Eis o exemplo do Uruguay, comparado ao Rio Grande do Sul.

A fonte de riqueza paulista, a que lho proporciona os saldos de que se ufana, é o café.

E' o que figura, em altissima porcentagem, no quadro das exportações paulistas.

Se porventura S. Paulo fosse soberano, essa exportação teria de diminuir?

Em absoluto. Ella não diminuiria de uma só sacca. Isso é evidente.

S. Paulo continuaria a fornecer aos centros de consumo, o café que estes exigem e que S. Paulo produz.

Mas, e as industrias paulistas? Não é esta a outra fonte de riqueza paulista?

O mercado interno brasileiro, não seria barrado de alfandegas, que impediriam os nossos productos de serem consumidos por esses 34 milhões de brasileiros?

Sim, porque os productos industriaes paulistas, não são exportados para o estrangeiro. Onde elles são consumidos, então?

Em primeiro lugar vejamos em que proporções S. Paulo é industrial.

Os productos industriaes paulistas, não são tão numerosos, quanto se pensa, nem tão valorisados quanto elles apparecem nas estatisticas, mais destinadas a fazer resaltar o vulto dessa industria.

A industria paulista, por maior que pareça, é ainda pequena. (*)

*) Deante das industrias ingleza, allemã, norte americana, franceza, belga, italiana, etc., a paulista desaparece.

Se ella surge como uma ilha na America do Sul, é porque o continente é agropecuario e só S. Paulo apresenta algo no dominio industrial.

S. Paulo, porém, não tem uma só industria pesada. Não trabalha o ferro, o cobre, o zinco, etc.

E' que não temos o combustivel.

Aliás as mesmas industrias existentes em S. Paulo, estão espalhadas pelo Brasil.

Mas o paulista é o mais tributado pelo fisco da União. Eu não repudio totalmente essa tributação, ou essa diferença entre o paulista e os brasileiros. Se os

Naturalmente o nucleo industrial paulista é maior, na proporção da população que serve.

Cada grupo humano brasileiro se surte no que elle mesmo produz, industrialmente. Veja-se, por exemplo, como estão espalhadas as industrias no Brasil, na publicação official "Brasil", 1932, do Ministerio das Relações Exteriores, p. 10.

Ficariam muito caros os productos paulistas se tivessem de ser levados aos Estados depois de pagar pesadas taxas portuarias e pesado frete de cabotagem.

Seria mais barato esses grupos humanos surtirem-se em pequenos parques industriaes, criados mais proximamente.

O erro tem consistido em enumerar a sua produção, sem lhe descontar o valor da materia prima, produzida em outros campos de actividade, que não é o industrial.

Se formos descontar o valor da materia prima, verificaremos que, o que fica não é muito. Por exemplo a industria de matadouros. O producto frigorificado é contado com o seu valor integral, sem anotar, entretanto que, para essa industria, o boi que é um producto da agro-pecuaria, entra com um elevado valor inicial para essa industria, que entre nós figura com elevada parcella no compute total das nossas produções.

Assim, se formos descontar o valor da materia prima já semi-manufacturada, verificaríamos que não seria muito o valor dos nossos productos industriaes. Esses, são consumidos na maior parte aqui mesmo.

O que exportamos para o Brasil não chega para pagar o que delle importamos.

Os Estados brasileiros nos compram muito menos do que nós delles. Ahi estão as estatisticas para mostrar.

Eu tenho em mãos as estatisticas dos 10 annos de 1921 a 1930 e por ellas verifica-se que S. Paulo comprou no Brasil: — 3.697.770 contos de réis, tendo vendido apenas 2.611.320 contos de réis, nesse mesmo lapso de tempo, do que resulta, contra S. Paulo, um deficit de 1.086.450 contos de réis. (*)

*³) E' verdade que depois de 1930, quando S. Paulo entrou em época anormal, esse quadro mudou. Não mudou muito, porém, como, de má fé, apregoam muitos.

Paulistas tem mais recursos, se elles são mais ricos, que paguem mais, mas a União se faz odiosa porque não obedece as proporções nessas differenças; porque nada dá em troca ao muito que exige de S. Paulo; por-

E' que elles consideram na balança commercial interestadual de S. Paulo, o que este Estado reexporta para o Brasil, assim como automoveis, locomotivas, etc.

Óra, isso não é mercadoria que interesse a economia paulista.

Descontando as reexportações, S. Paulo não exporta para o Brasil mais que importa. Se o que S. Paulo compra do Brasil diminuiu, a razão está em que havendo o café cahido nos preços, o povo rural paulista foi produzir muitos artigos que outróra comprava dos Estados brasileiros, porque não lhes sobrava tempo para produzir. Estavam antes occupados com o café que vendiam por optimo preço.

Aliás, nada tem de admiravel que o Brasil compre pouco de S. Paulo. O poder acquisitivo delles brasileiros é baixo e o "standard" de vida delles com suas necessidades não é elevado. Do que precisam elles mesmos fabricam na maior parte.

Os frêtes de uma pessima cabotagem encarecem muito os productos paulistas.

Essa é a situação reciproca de S. Paulo para com os demais Estados do Brasil.

Isso é natural. Os demais Estados Brasileiros não podem ter grande poder acquisitivo. Elles não possuem fonte de riqueza apreciavel. Não têm de onde tirar, senão do que S. Paulo delles compra. E', na maior parte, dessa origem de veuda, que elles tiram o necessario para a aquisição das manufacturas paulistas, que assim tem que ficar condicionada ao que elles nos vendem.

Por esse motivo elles não podem adquirir muito.

Estão condicionados ao que S. Paulo delles compra. Se S. Paulo não pôde comprar muito, porque o café baixo ou por qualquer outro motivo, o poder acquisitivo dos Estados brasileiros tambem diminue.

Se de futuro o Brasil quizesse crear barreiras alfandegarias, contra entrada em seu territorio de productos paulistas, não poderia vender materias primas a S. Paulo.

Este não seria o mais prejudicado.

que não gasta com criterio o dinheiro que arrecada em S. Paulo, dispersando-o sem o menor proveito em empreendimentos completamente desinteressantes e de um modo desregrado. Óra, isso causa uma revolta que não se disfarça e que os brasileiros não devem pensar que seja um máu sentimento em relação a elles. Elles tambem são victimas. Talvez o sejam em escala muito menor e proporcional as respectivas economias. Os culpados desse estado de cousa são os politicos-administrativos brasileiros, esses das chamadas elites estaduaes, que não tendo cultura, querem a viva força se impingir e regrar cousas referentes a sociologia politica que é cousa dos arcanos dos estadistas.

O povo brasileiro, em geral, esses que constituem a massa que contribuem com seus impostos, não tem culpa da situação pois elles são igualmente explorados, como ainda ha pouco demonstrou com muita logica e brillantismo o illustre intellectual parahybano Alyrio Wanderley, no seu magnifico livro "*As bases do separatismo*".

Assim são quasi todos os Estados do Brasil, que mais deram a communitade do que receberam, de modo que a continuação desse estado de cousas que testemunhamos é inconveniente a elles. Mas é em S. Paulo que essa situação attinge ao inacreditavel. (1)

Além dessa tributação federal que é na verdade formidavel, o paulista ainda tem arcado com mais duas

1) Os tributos de guerra da Allemanha são, em proporção aos habitantes, muito menores que os de S. Paulo dentro da Republica do Brasil. Em 1929, por exemplo, a Allemanha pagou aos alliados 7.701 milhões de marcos, isto é, de accordo com o cambio da época, cerca de 53\$000 por cabeça. No mesmo anno cada paulista deu ao Brasil, em fórma de contribuição LIQUIDA, nada menos de 93\$000!!!

outras: a Estadual e a Municipal, que segundo o dr. Oliveira Coutinho, orçam por outro tanto do que é a federal, pois que a União ficava com 55,3 % da tributação total e deixava 44,7 %, apenas, para o Estado e para os Municípios. Enquanto que essa formula defeituosa de federação buscava imitar a norte americana, essta repartia do seguinte modo a tributação: 35,14 % do total das rendas da União; 64,85 % do total, aos Estados e aos Municípios. Óra, sendo o Brasil um paiz muitissimo mais heterogeneo do que os Estados Unidos, segundo já tivemos occasião de verificar, lá a União tem muito menos importancia do que no Brasil em que o papel da União centralisa muito mais os poderes, o que é na verdade um absurdo, sendo a causa de todos os males que vem, de longa data affligindo o paiz, em luctas successivas e ininterruptas que os superficiaes attribuem a questões politicas e não attinam com os verdadeiros fundamentos.

Alem disso, ha mais outra questão que convem seja focalizada.

Como eu disse, bastaria um simplissimo golpe de vista.

Não é necessaria muita especialização em materia de estatisticas economicas, para se chegar a essa conclusão. A difficuldade está mais, na escolha da estatistica a mais convincente.

A União tem arrecadado e despendido, em S. Paulo, durante os annos da decada ultima, o seguinte:

	<i>Arrecadação da União em S. Paulo</i>	<i>Despesas da União em S. Paulo</i>
1921	190.270:541\$424	65.841:161\$411
1922	218.833:792\$079	66.706:359\$125
1923	323.899:150\$636	61.458:647\$902
1924	403.273:152\$083	69.512:810\$062
1925	493.386:687\$383	79.555:912\$026
1926	472.743:403\$302	84.068:735\$737
1927	613.952:447\$549	107.338:924\$305
1928	708.627:447\$505	98.003:887\$989
1929	706.995:186\$080	111.365:451\$860
Total . .	4.131.981:808\$041	743.851:890\$417

Disso resulta um saldo de 3.388.129:918\$624 que tal é a diferença entre as arrecadações fiscaes em territorio paulista e as quantias aqui despendidas. Isso durante dez annos.

Além disso, existe o que se chama renda industrial, isto é, a que corresponde ás empresas industriaes que a União explora em S. Paulo, taes como a Central do Brasil, o Correio, o Telegrapho, o Lloyd Brasileiro, etc., que produzem para os cofres da União cerca de 300 mil contos de réis por anno, que fazem subir o total do que o Brasil arrecada em territorio paulista a mais de um milhão de contos de réis.

O que mais alarma, porém, da estatistica supra, como é o total verdadeiramente formidavel do que S. Paulo concorre para o Brasil.

O que mais deveria se fazer surpreendente para qualquer pessoa que percorresse os olhos pelo estado de cousas mencionado, é a progressão crescente das quantias que a União brasileira arrecada da economia paulista.

O povo paulista em 8 annos apenas, passou a contribuir 4 VEZES o que fazia.

Poder-se-hia dizer que o paulista paga tanto porque é o mais rico e pôde pagar.

Mas o paulista paga tanto com immensos sacrificios, enfraquecendo o seu patrimonio, em detrimento das suas necessidades; em desfalque da sua bolsa.

E' por isso, em virtude da sangria verdadeiramente cruel que o povo de S. Paulo vem soffrendo que as finanças estaduaes se resentem, apresentando, ainda nessa decada mencionada o seguinte quadro financeiro:

ORÇAMENTOS ESTADUAES DE 1921 A 1929

	<i>Receita</i>	<i>Despesa</i>
1921	160.580:333\$463	197.995:023\$987
1922	157.019:198\$553	204.887:645\$676
1923	202.724:169\$261	233.134:657\$802
1924	227.019:871\$405	278.655:835\$323
1925	353.270:978\$407	406.686:740\$474
1926	352.584:393\$452	511.229:864\$000
1927	401.044:404\$571	594.808:208\$190
1928	408.424:343\$700	523.802:875\$743
1929	438.459:515\$879	618.435:630\$122
Total	2.704.125:208\$691	3.569.638:481\$307

Disso resulta que, na ultima decada os orçamentos paulistas produziram um "deficit" de 865.513:272\$616.

Isso quer dizer que os paulistas unicamente para manter uma contribuição elevadissima para os cofres da União brasileira, se deixam desfalcar em quasi um milhão de contos de réis em una decada.

Isso significaria um altruismo inegalavel, mesmo entre os santos mais celebrados pelo espirito de abnegação!

Mesmo os mais famosos ascetas, que se celebrisaram pelo modo com que executaram os seus votos de pobreza, teriam morrido de inveja, se tivessem sabido da situação de S. Paulo no Brasil, durante o periodo da vigencia da Constituição de 91 e da Constituição de 34!

Mas a evolução dessa situação acarretou para S. Paulo um problema que os nossos homens não vem, porque elles tem os olhos vendados para essas cousas.

Em 1935 a balança commercial paulista, entre o que S. Paulo exporta e o que S. Paulo importa, resultou para a economia estadual um saldo de cerca de 11 milhões de £s. que vem a sahir em moeda brasileira a libra papel valendo 60\$000, 660 mil contos.

Isso quer dizer que todo o nosso saldo mercantil é desviado para pagar a nossa contribuição para o Brasil, pois que a tanto monta a annuidade com que S. Paulo satisfaz a conta para ser brasileiro. Mas tudo parece respirar prosperidade em S. Paulo. Não vemos na sua Capital o movimento de construcções subir a uma casa cada vinte minutos? Isso não constitue, como record magnifico que é, um excellent indice de prosperidade? Sim, não ha duvidas, mas temos que os depositos de dinheiro nos bancos, assim evoluiu na decada de 1921 a 1930.

1921	825.740	contos
1922	973.204	„
1923	1.074.556	„
1924	1.108.304	„
1925	1.287.337	„

1926	1.482.434	„
1927	2.027.465	„
1928	2.625.052	„
1929	2.117.891	„
1930	2.364.655	„

Esse era um capital acumulado nos bancos pelos paulistas, que ahi guardavam e juntavam as suas rendas. Mas depois de 1930 o cambio teve um movimento de queda que não se sabe até onde irá. Isso acarretou uma grande desvalorização no dinheiro e portanto os proprietarios desse capital magnifico que se achava nos bancos, na perspectiva de verem os patrimonios diminuir de poder aquisitivo, trataram de invertel-o em immoveis, isto é, em casas, em terrenos, em construcções, etc.

Dahi esse movimento que maravilha a todos os espectadores superficiaes.

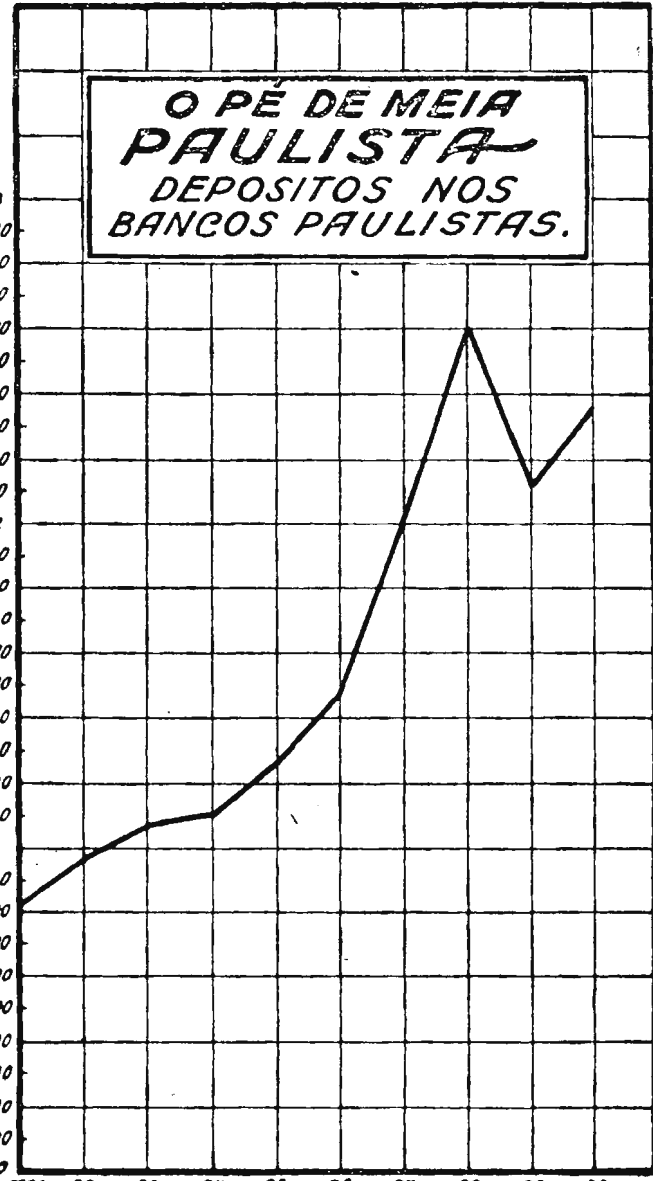
Mas no concernente a artigos de importação, devemos concluir que, S. Paulo vem se estagnado na inercia senão na decadencia. Assim, por exemplo tomemos o numero de automoveis. Estamos parados na casa dos 14 mil, enquanto que o Rio já está em 20.000, e nós sabemos que o Rio tinha menos automoveis que S. Paulo, em 1930. Estamos assistindo o nosso empobrecimento paulatino, pelas drásticas contribuições que a União nos cobra. Será uma tentativa de nivelamento? Não penso que isso seja, pois os dirigentes da União não têm a agudesa de espirito, tão grande que pudessem urdir uma situação semelhante.

Emquanto isso, vemos os governantes do Estado sem comprehender com exactidão o que se passa, tecer lóas ao nacionalismo abraçados com um lyrismo de causar lastima.

Milhares
DE CONTOS

**O PÉ DE MEIA
PAULISTA**
DEPOSITOS NOS
BANCOS PAULISTAS.

3
900
800
700
600
500
400
300
200
100
2
900
800
700
600
500
400
300
200
100
1
900
800
700
600
500
400
300
200
100
0



1921 22 23 24 25 26 27 28 29 30

Além dessa contribuição federal, o paulista ainda está sujeito a contribuição estadual e a municipal. A estadual vem sendo a seguinte:

1882 . . .	4.014:000\$	1906 . . .	58.993:000\$
1883 . . .	3.625:000\$	1907 . . .	66.400:000\$
1884 . . .	3.785:000\$	1908 . . .	42.693:000\$
1885 . . .	4.397:000\$	1909 . . .	56.659:000\$
1886 . . .	3.800:000\$	1910 . . .	43.280:000\$
1887 . . .	5.700:000\$	1911 . . .	63.946:000\$
1888 . . .	3.825:000\$	1912 . . .	75.007:000\$
1889 . . .	6.869:000\$	1913 . . .	75.640:000\$
1890 . . .	6.013:000\$	1914 . . .	65.711:000\$
1891 . . .	9.178:000\$	1915 . . .	79.315:000\$
1892 . . .	9.698:000\$	1916 . . .	79.248:000\$
1893 . . .	38.105:000\$	1917 . . .	82.556:000\$
1894 . . .	34.534:000\$	1918 . . .	77.642:000\$
1895 . . .	37.282:000\$	1919 . . .	94.234:000\$
1896 . . .	50.807:000\$	1920 . . .	175.678:000\$
1897 . . .	48.571:000\$	1921 . . .	160.580:000\$
1898 . . .	42.279:000\$	1922 . . .	157.018:000\$
1899 . . .	57.341:000\$	1923 . . .	202.722:000\$
1900 . . .	42.651:000\$	1924 . . .	227.019:000\$
1901 . . .	45.684:000\$	1925 . . .	353.270:000\$
1902 . . .	37.648:000\$	1926 . . .	352.584:000\$
1903 . . .	34.127:000\$	1927 . . .	404.607:000\$
1904 . . .	42.603:000\$	1928 . . .	408.434:000\$
1905 . . .	67.346:000\$	1929 . . .	438.459:000\$

(1) Total . . 4.532.809:000\$

(Manoel Olympio Romeiro, "*S. Paulo e Minas na Economia Nacional*", pg. 76).

1) Hoje em 1937 a arrecadação estadual está orçada em 750 mil contos, graças a hormalica aggravação de impostos.

、 CAPITULO XIV

§ 1.º — CONCLUSÕES FINAES

Do exposto, verifica-se innilludivelmente que, o grupo humano paulista, a viver dentro de um meio geographico proprio, adquiriu, delineamento proprio, differindo de todos os mais que lhe são proximos ou distantes, que lhe são vizinhos ou não, aos quaes está ligado politicamente ou não, aos que lhe são sympathicos ou não, etc. Aos poucos as suas características se foram accentuando em razão das forças objectivas que lhe premiam de certo modo, dando a elle progressivamente uma morphologia especial, uma tonalidade particular, um delineamento proprio, etc.

De facto, os paulistas são ligados pelos laços de um certo parentesco physico, sanguineo, sentimental, intellectual, moral, economico, o qual só existe em relação a elles paulistas e desaparece em se transpondo as fronteiras do planalto paulista ou do Estado de S. Paulo.

De facto, as pessoas componentes do grupo humano paulista são ligadas por laços de parentesco sanguineo mais ou menos distante, são as mesmas familias, os mesmos nomes familiares, as mesmas genealogias, denunciando as mesmas stirpes basicas. Se existem ele-

mentos dessas estirpes em outras regiões, são esses factos exceptionaes. Se existem paulistas provenientes de outras regiões e não ligados pelo parentesco sanguineo as grandes arvores regionaes, tambem são casos exceptionaes e são novas estirpes genealogicas, que se vão formando ao imperio das mesmas circumstancias, moldadas, segundo as mesmas pressões extrinsecas, igualladas as anteriores sob as mesmas demandas dos ambientes physico ou social em que vivem e aos quaes se subordinam e nos quaes se enraizam.

De facto, todos os habitantes de S. Paulo ou do planalto commungam nos mesmos costumes e habitos, conservam as mesmas tradições, se afinam pela mesma sentimentalidade, anseiam pelos mesmos objectivos, soffrem ao peso das mesmas agruras, são passíveis da mesma therapeutica, agonizam aos pés das mesmas dôres, se allucinam ante os mesmos capitulos politicos e sociaes ou administrativos, se imbebem nos mesmos motivos de curiosidade, se impressionam pelos mesmos phenomenos, se alegram, ou se aterrorisam pelos mesmos acontecimentos que a todos hafeja ou a todos ameça. Elles são, assim todos ligados pelo laço mental e moral. Isso forma uma tal identidade de pensar e sentir que homogenisa os paulistas em um blóco que se destaca nitido na immensidão que o cerca.

De facto, todos os habitantes de S. Paulo são premiados pelos mesmos interesses economicos, que se alicerceiam no café, na industria, nos cereaes, no algodão, etc.

De facto, elles, os habitantes de S. Paulo são todos ligados pelos trilhos de seu systema ferroviario, que lhes vehicula as mesmas idéas, e lhes offerece transporte para os seus productos em um só diapasão. Assim

tambem age o systema rodoviario paulista, o qual é inteiramente independente dos vizinhos, aos quaes só se liga excepcionalmente.

Com o exposto, se resalta que o paulista forma um blóco homogêneo, o qual cada vez se distingue com mais nitidez na heterogeneidade que o circunda. (1)

1) Não ha duvida que se destaca com nitidez o grupo humano-economico paulista. Em todos os ramos da actividade humana o paulista figura em primeira plana. Isso é um estado de facto que ficou abundantemente constatado nos varios capitulos deste trabalho.

Mas esse phenomeno indeclinavel, incoercivel e inilludivel é apenas uma manifestação. Elle forma apenas uma cadeia de consequencias. São factos inconscientes que espelham uma situação, mas a causa delles é que eu busquei apontar na superioridade do meio physico.

Sim, porque, se esses factos, essa situação, esses phenomenos, são inegaveis, são palpaveis, estão se vendo diuturnamente, estão se verificando continuamente, fica-se em ferreo e irremovivel dilema ao se tirar as causas dos phenomenos testemunhados:

- a) Ou ha superioridade da raça; o homem é melhor no planalto paulista; ha vantagens do meio-interno;
- b) Ou ha superioridade do meio externo; do ambiente extrinseco; das linhas que formam o meio geographico.

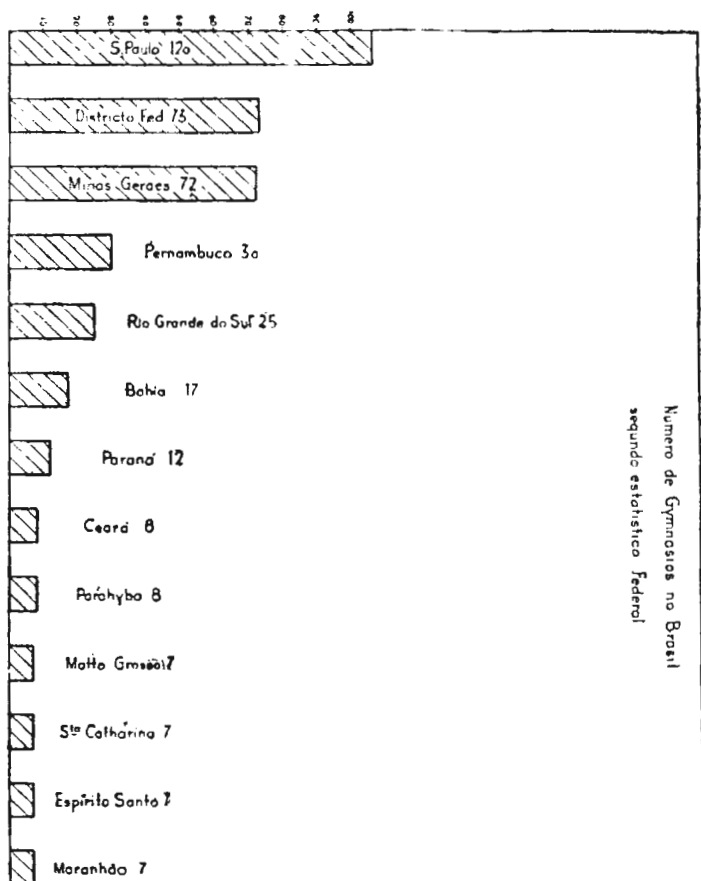
A minha doutrina se estriba na segunda parte do dilema.

O ambiente geographico do planalto paulista é que é superior. Isso nos dá o "porque" da situação de desnivel em que se acham as demais regiões brasileiras dcante de S. Paulo. Quer me parecer que das duas pontas do dilema é esta a que mais deve satisfazer os pruridos do amor proprio dos brasileiros.

* * *

Eu quando estabeleço a superioridade do ambiente geographico do planalto paulista, não quero dizer que não hajam alhures pontos iguaes e até melhores, sob o aspecto de meio externo. São poteri méros pontos geographicos, que infelizmente pelo resumido de suas areas kilometricas, não chegam a ser zonas que se delimitem. O planalto paulista tem uma area de 470.000 kilometros aproximadamente, que abriga um total de mais de 8 milhões de individuos. Ora, isso é mais do que um simples "oasis" perdido na immensidão territorial sul americana. Isso forma uma grande região de influencia decisiva e incontrastavel.

Com isso estaremos a dizer que o blóco paulista forma uma nacionalidade?



Apenas constatamos um estado de facto. Se esse estado accusa o paulista como formando uma naciona-

lidade, firmamos esse ponto sem o menor subterfúgio. Porque teríamos de estacar o nosso raciocínio ante esse conceito NACIONALIDADE ?

Sim, porque se o estado de facto paulista está a evidenciar isso, convem que se diga a verdade, porque a sciencia não occultará nada de seus resultados. Esses são transparentes, fira a quem ferir. Mas S. Paulo não tinha e não tem soberania politica, para se erigir em nacionalidade. Isso evidentemente não tem importancia.

A nacionalidade poloneza, a irlandeza, a tcheco-slovaca, a yugo-slava, igualmente, não tinham, formando hoje nações soberanas, constituído hoje entidades politicas de grandesa primaria, uma vez que foi removido o obstaculo que mantinha na penumbra essas nacionalidades as quaes ha seculos existiam ainda que opprimidas.

* * *

A confirmar a minha doutrina nós podemos mencionar o exemplo da Guyana Inglesa, que confrontada com as demais regiões do Imperio Britannico, só faz parte delle em condições de possessão inglesa, a qual com uma area de cerca de 220.000 kilometros, quasi o dobro de Pernambuco, tem apenas 300.000 habitantes, ou sejam dez vezes menos que Pernambuco. Venezuela tem uma area de mais de 1 milhão de kilometros com 3 milhões de habitantes.

A exportação annual era de 400.000 contos mais ou menos ou sejam, ao cambio actual, cerca de 4 milhões de libras, ou pouco mais que uma libra esterlina *per capita*.

O Uruguay, com uma area de 180.000 kilometros, ou seja seis vezes menos que a Venezuela, com uma população de 1.700.000 habitantes, mais ou menos a metade que a da Venezuela, exportava uma media de 19 milhões de libras esterlinas, ou sejam 11 libras *per capita*. (States man's year Book).

Syntetizando o livro, resumidamente tiram-se as seguintes conclusões:

- a) destaca-se com nitidez o grupo humano planaltino de todos os agglomerados que o circundam.
- b) esse grupo humano planaltino, com linhas próprias, perfis particulares, condições inconfundíveis que lhe são inherentes, diferentes de todas as que caracterizam os grupos humanos vizinhos, tem muito pouca cousa de commum com estes.
- c) a situação economico-financeira, social, intellectual, demographica, etc., do grupo humano planaltino é de extraordinaria superioridade sobre a dos agglomerados humanos que se comprimem em torno d'elle.
- d) essas circumstancias todas dos itens anteriores, são produzidas por varias causas, a principal das quaes, vem sendo o ambiente geographico que actua de um modo soberano e absoluto sobre os grupos humanos que vivem sob as suas condições imperativas.
- e) essa situação sociologica exige uma correspondencia de ordem politica, que faça constituir um "*modus vivendi*" entre os grupos humanos desta parte do continente sul americano.

Ao finalizar é preciso que fique accentuado que o quadro que se nos depara é apenas um estagio da evolução em que vae correndo a situação,

Hoje a situação é tal qual expuz nos quadros acima, mas amanhã ella será 3, 4 ou 5 vezes mais recrudescida e o desnivel, em que S. Paulo, ou antes em que o planalto paulista estará, será muito mais marcado, muito mais destacada a sua posição de contraste em face dos grupos humanos que o circundam.

Estamos em phase evolutiva que nos proporciona uma situação bem nitida, como a que estamos verificando e que as paginas deste livro dão uma ideia, ninguem deve se illudir em acreditar que a situação vae se estabilisar no que é actualmente. Ella seguirá pelas linhas em que vem vindo de cerca de meio seculo a esta parte.

Desde os meiodos do oitocentismo que o planalto paulista vem se salientando da sotoplanura em que se viam todos os aggregados humanos luzo-americanos.

A principio, isto é, na decada de 1850 a 1860 ainda que, muito differente dos mais grupos humanos sul americanos, o planalto paulista não se evidenciou dentre os demais senão por um inicio perceptivel de maior producção, mas na decada seguinte, isto é, de 1860 a 1870, a marcha do planalto paulista, foi-se precisando mais rapida do que a de qualquer outro grupo humano. A estrada de ferro ligadora do planalto ao litoral, vencendo a muralha da serra do Mar, foi uma collaboradora efficaz dessa maior rapidez, que tomou vulto a seguir, de modo que, na decada que seguiu já o planalto paulista ia em vanguarda bem definida.

Foi em 1890 que teve inicio a immigração. Esse phenomeno veiu corroborar no que já era um facto, a marcha accelerada do planalto para a prosperidade economica, que por sua vez acarretou todas as mais prosperidades, que como sequencias daquellas se fizeram imperativas.

A immigração em S. Paulo, dando vulto pelo augmento da massa quantitativa ao bolido que já se projectava em velocidade maior para frente e para cima, chamou a attenção para o planalto paulista, para a sua crescente actividade, para a sua maior força de trabalho.

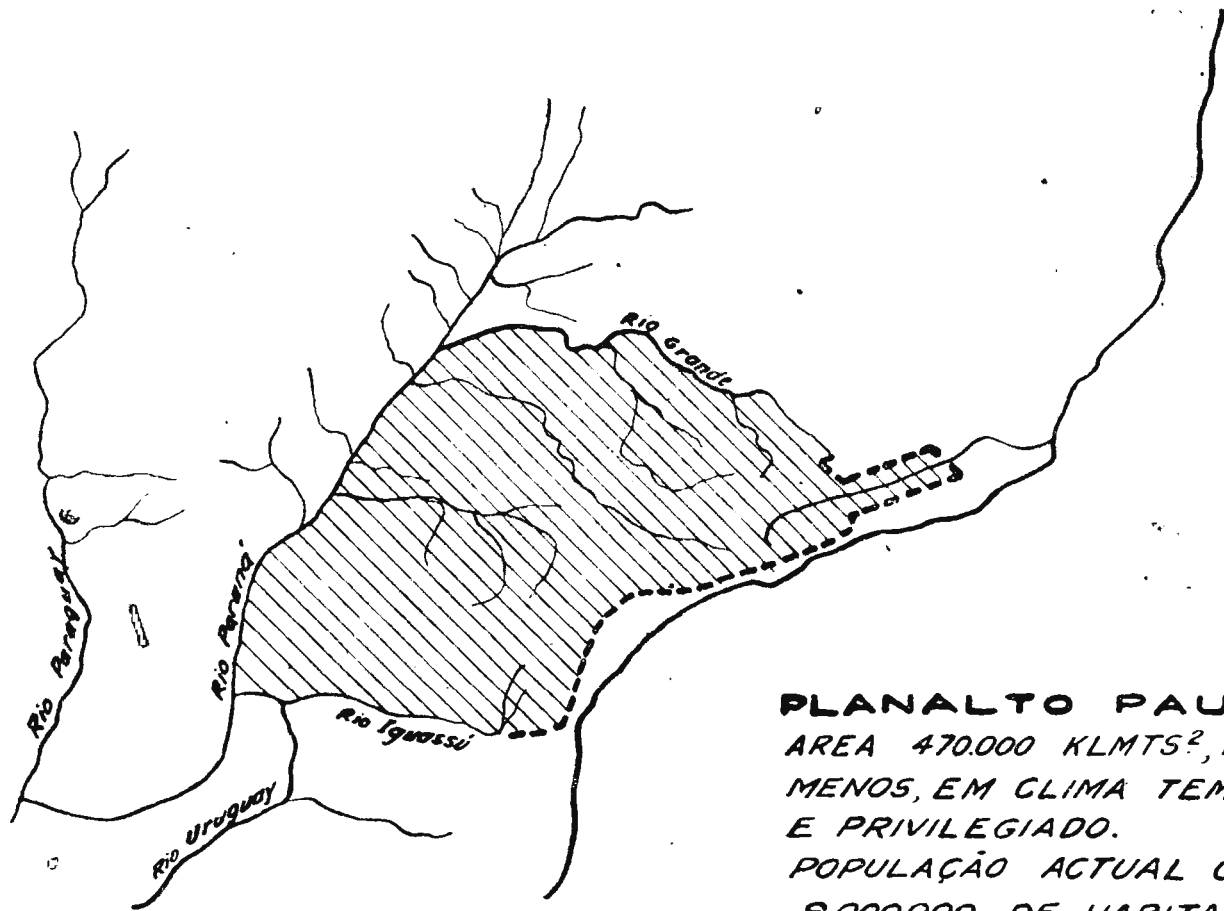
Foi assim que o planalto paulista attingiu até o dia de hoje já em posição de absoluto relevo dentro da Federação, não só pelo seu perfil absolutamente proprio, inconfundivelmente seu, como ainda pelo desnivel em que se põe distanciado dos mais grupos humanos circumvizinhos.

Mas isso é como ficou dito uma phase de evolução social-economica, que se precipita incoercivel.

Tudo nos indica que as velocidades em que marcham os grupos humanos não se modificarão.

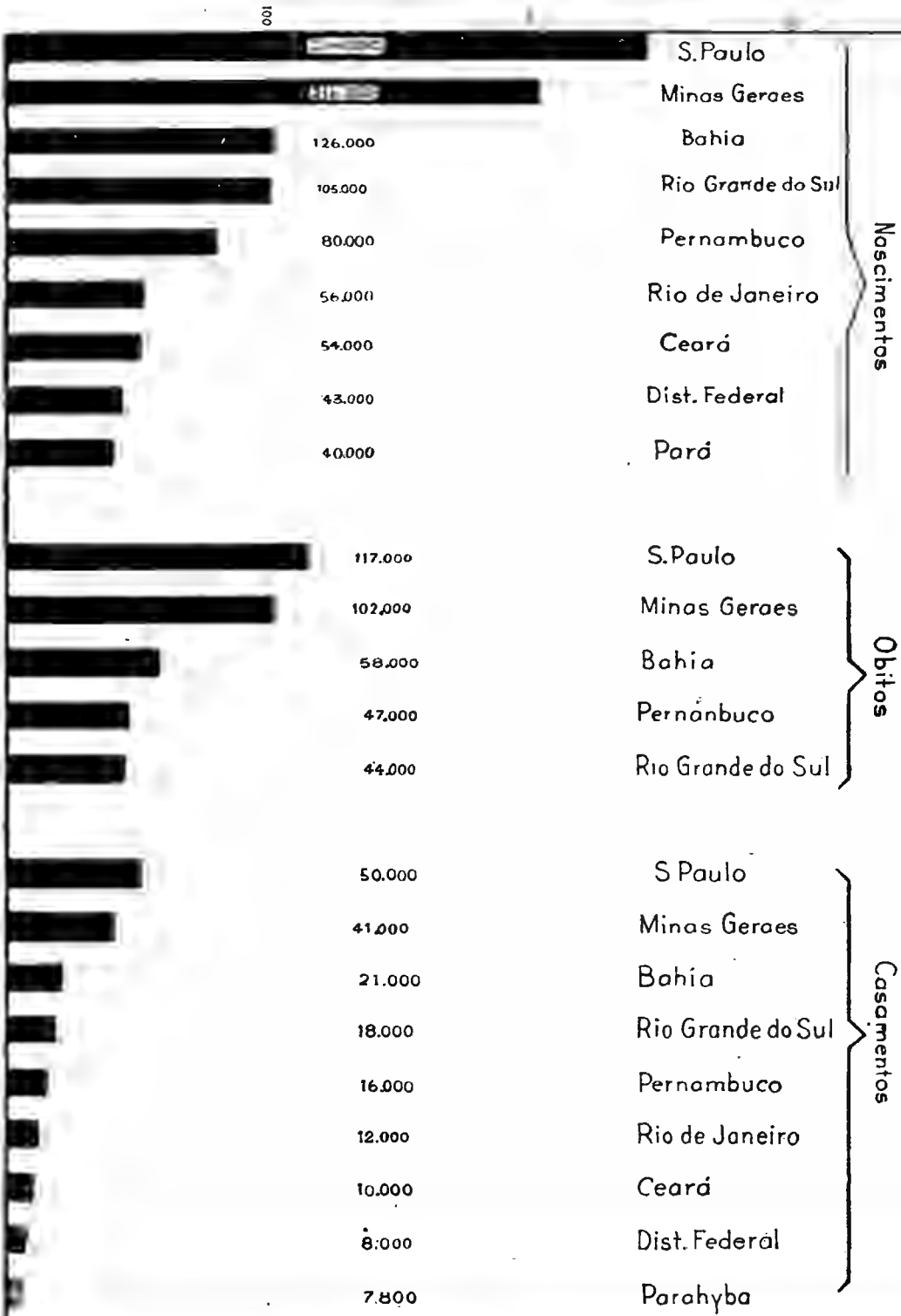
Assim sendo qual o quadro que se desenhará amanhã?

Este livro foi composto e impresso nas
officinas da "*Graphica "São Paulo"*",
á Rua Müller, 738, no mez de Agosto,
para a Companhia Editora Nacional.



PLANALTO PAULISTA
AREA 470.000 KLMTS², MAIS OU
MENOS, EM CLIMA TEMPERADO
E PRIVILEGIADO.
POPULAÇÃO ACTUAL CERCA DE
8.000.000 DE HABITANTES

População brasileira em 1929 segundo dados da Mensagem presidencial da Republica



	NEGROS						MULATOS E CABOÇOS			BRANCOS			
	1872	1890	1930	1872	1890	1930	1872	1890	1930	1872	1890	1930	
Amazonia													Augmento de brancos pela prosperidade momentanea da borracha que causou a imigração portu-gueza.
Amaz. . .	3.3 %	3.0 %	4.0 %	64 %	48.3 %	44 %	10.0 %	20.4 %	20.0 %	13.0 %	28.3 %	31.0 %	
Pará . . .	11.8 %	6.7 %	7.0 %		20.0 %	30 %		34.9 %	26.0 %	22.0 %	39.3 %	35.0 %	
Maranhão .	20.0 %	15.1 %	15.0 %		15.2 %		50.0 %	37.9 %	45.0 %	20.0 %	31.6 %	40.0 %	
Piauhý . .	14.0 %	15.1 %	17.0 %		20.1 %		50.0 %	36.2 %	58.0 %	20.0 %	28.3 %	24.0 %	
Nordeste													Diminuição de ne-gros, mas augmen-to de mestiços. Ces-sada a importação de negros estes vão se diluindo na mas-sa geral da popula-ção. Um Perambu-co a prosperidade assucureira causa a imigração portu-gueza com o que ha mais brancos e mais mestiços pois o nu-cleo de negros já es-tá em phase mais adiantada de mesti-gagem.
Ceará . . .	5.9 %	8.6 %	7.0 %		17.1 %			29.7 %	53.0 %	30.0 %	44.1 %	38.0 %	
R. G. Norte	12.8 %	8.9 %	3.0 %		9.4 %			37.5 %	58.0 %	28.0 %	44.1 %	37.0 %	
Parahyba .	14.8 %	7.0 %	3.0 %		10.7 %			35.3 %	65.0 %	29.0 %	46.9 %	32.0 %	
Pernamb. .	9.0 %	11.5 %	6.0 %		7.7 %			39.6 %	35.0 %	30.0 %	41.1 %	58.0 %	
Alagoas . .	12.0 %	10.0 %	8.0 %		18.4 %			40.3 %	55.0 %	25.0 %	31.0 %	34.0 %	
Centro N.													
Sergipe . .	18.3 %	16.0 %	13.0 %		6.5 %			49.0 %	36.0 %	24.0 %	27.7 %	39.0 %	
Bahia . . .	22.0 %	20.4 %	19.0 %		7.8 %			46.1 %	47.0 %	25.0 %	25.5 %	33.0 %	
Goyaz . . .	14.0 %	13.0 %	13.0 %		11.3 %		45.0 %	42.1 %	48.0 %	25.0 %	33.5 %	39.0 %	
Centro S.													Ligeira melhora de brancos mas mais augmento de mula-tos. A imigração portugueza clareia a população e dilue os nucleos de ne-gros, dahi augmen-to de mulatos.
Esp. Santo	20.0 %	16.0 %	13.0 %		6.3 %		45.0 %	35.4 %	34.0 %	30.0 %	42.1 %	52.0 %	
R. Jan. . .	34.5 %	26.7 %	17.0 %		2.1 %		50.0 %	28.1 %	35.0 %	35.0 %	42.9 %	47.0 %	
Dist. Fed. .	30.0 %	12.3 %	10.0 %		3.3 %			21.6 %	26.0 %	45.0 %	62.7 %	64.0 %	
Minas . . .	27.0 %	18.3 %	15.0 %		6.1 %		45.0 %	34.9 %	32.0 %	30.0 %	40.6 %	52.0 %	
Sul													Grande melhora de elementos brancos. Causas varias entre as quaes a imigração e o clima. Imigração italiaua, e germa-nica, alemã da iberica e slava.
S. Paulo . .	20.0 %	12.9 %	6.0 %		8.2 %		21.0 %	15.7 %	12.0 %	50.0 %	63.0 %	82.0 %	
Paraná . . .	10.4 %	5.1 %	3.0 %		12.3 %			18.6 %	25.0 %	50.0 %	63.8 %	71.0 %	
Sta. Cath. .	8.9 %	4.8 %	4.0 %		3.2 %		15.0 %	7.1 %	11.0 %	70.0 %	84.8 %	85.0 %	
R. G. Sul . .	18.2 %	8.1 %	7.0 %		5.4 %			15.1 %	10.0 %	59.0 %	70.1 %	79.0 %	
M. Gros. . .	17.9 %	13.8 %	7.0 %		14.9 %		45.0 %	41.4 %	47.0 %	25.0 %	29.8 %	45.0 %	
Brasil . . .	19.7 %	14.6 %	10.0 %		9.0 %		30.0 %	32.4 %	30.0 %	38.0 %	44.0 %	59.0 %	

EVOLUÇÃO DERMOCROMICA EM SÃO PAULO

POR CENTO

IMIGRAÇÃO

NEGROS

MULATOS

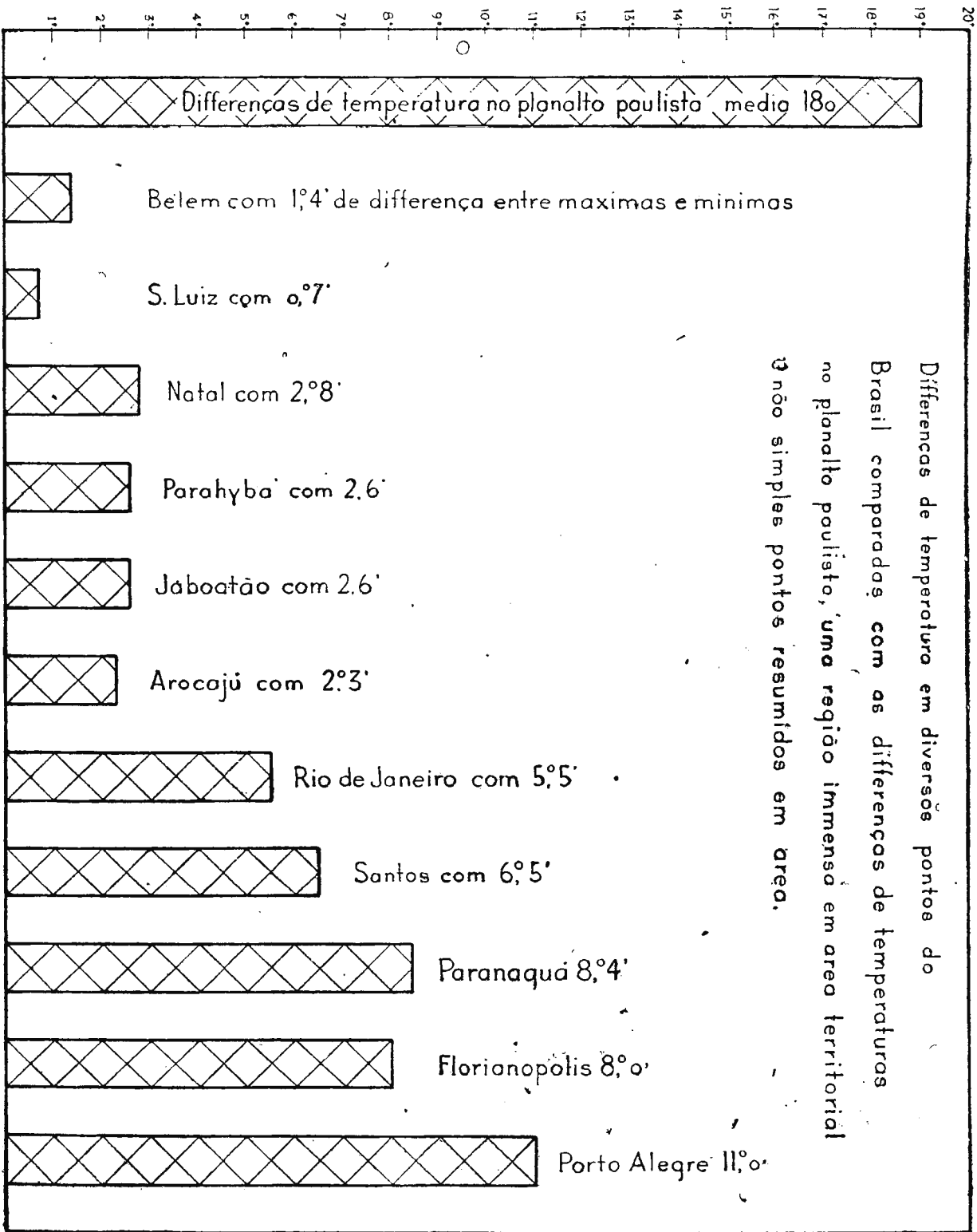
BRANCOS

100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0
100
90
80
70
60
50
40
30
20
10
0

1870 1872 1880 1890 1900 1910 1920 1930

IMIGRAÇÃO

Vê-se por esse graphico que a população paulista se alvejava mais rapidamente antes que a imigração tomasse vulto. A explicação está que com a imigração vieram muitos pretos e mulatos.





Belem 90 %

Santoren 93 %

S. Luiz 82 %

S. Manoel 72 %

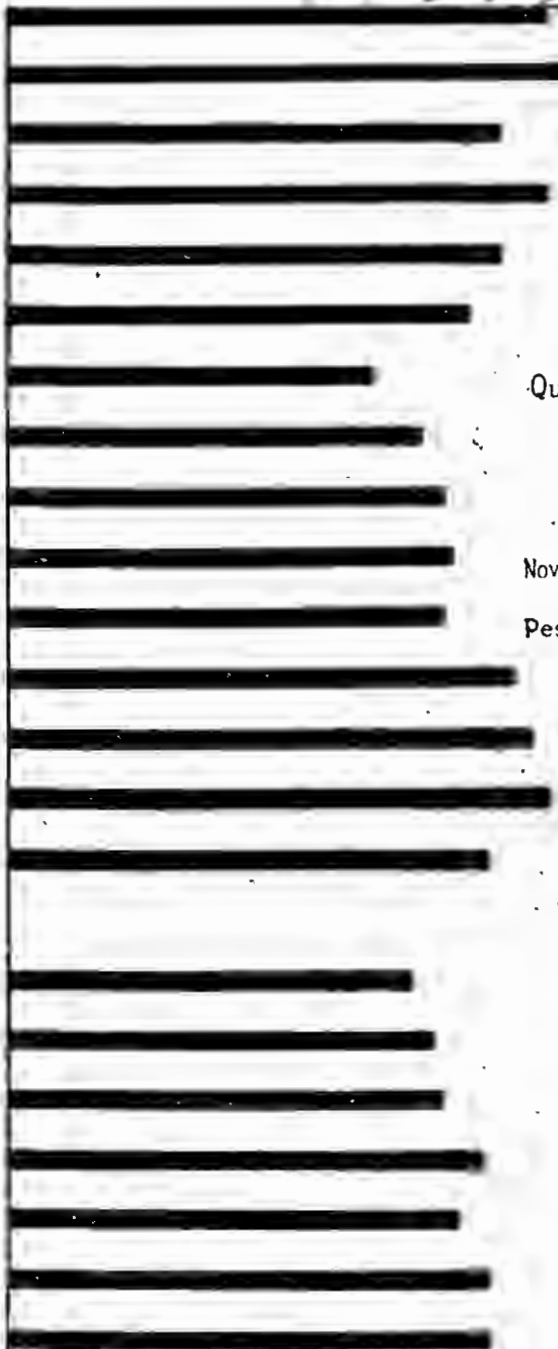
S. Paulo (Capital) 79 %

Faxina 80 %

Taubate 80 %

Bandeirantes 80 %

Amazalto Paulista



Belem 90 %
Santaren 93 %
S.Luiz 82 %
Turiassu (Maranhão) 90 %
Manaos 82 %
Fortaleza 77 %
Quixramobim 61 %
Quixadá 69 %
Iquatú 73 %
Nova Cruz (Rio G. do Norte) 74 %
Pesqueira (Pernambuco) 73 %
Recife 84 %
Alagoas 87 %
Ilhéos 90 %
Santos 80 %
Avaré 67 %
Campinas 71 %
S.Manoel 72 %
S.Paulo (Copital) 79 %
Faxina 80 %
Taubate 80 %
Bandeirantes 80 %

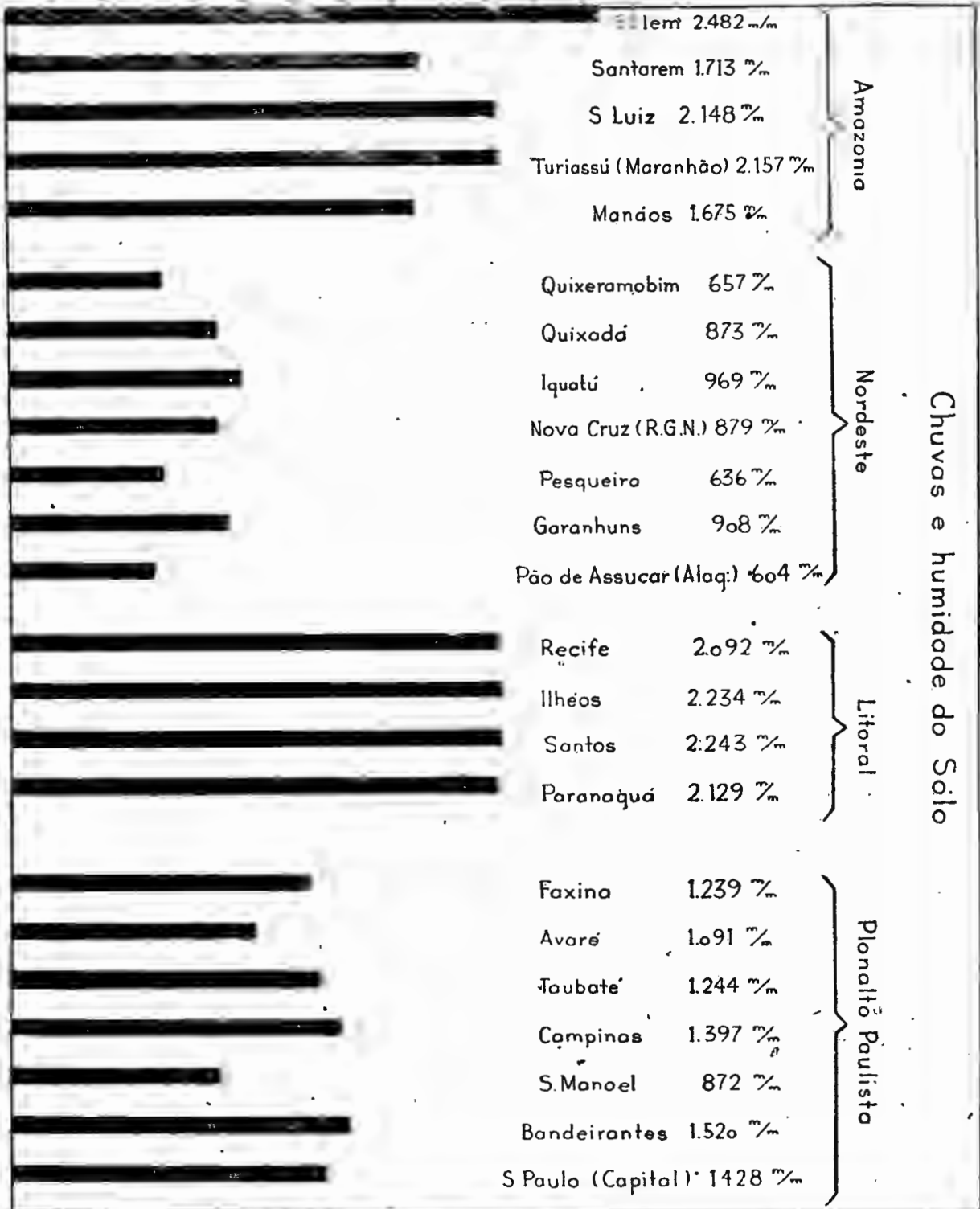
Amazonia

Nordeste

Litoral

Planalto Paulista

Humidade do ar



Chuvas e humidade do Solo



Belem	758
Manáos	756
S Luiz	758
Quixeramobim	743
Quixadá	744
Natal	761
Parahyba	759
Recife	759
Alagoas	759
S.Salvador	759
Ilhéos	763
Campos	762
Angra dos Reis	761
Rio de Janeiro	757
Santos	763
S.Paulo	694
Alto da Serra	695
Avaré	698
Campinas	705
Campos de J.	632
S.Manoel	700
Rezende	727
Mattão	714
Franca	679

Pressão barométrica

Planalto
Paulista



Photographias de 20 malandros, vadios, e indesejaveis, publicada na "Gazeta", dessas 13 são coloridos, o que se vê pela cor da pelle, pelos cabellos, das phisionomias.

Só 7 apresentam-se como brancos puros.

Disso conclue-se que 65 % são dermochromatisados e apenas 35 % são brancos. Eis as porcentagens dos que diariamente a policia paulista subtrahе da sociedade apontando-os com os seus perfis de dogenerados como elementos inferiores.

*Essas porcentagens são bem evidenciadoras do que no texto ficou asseverado sobre os de origens africanas.

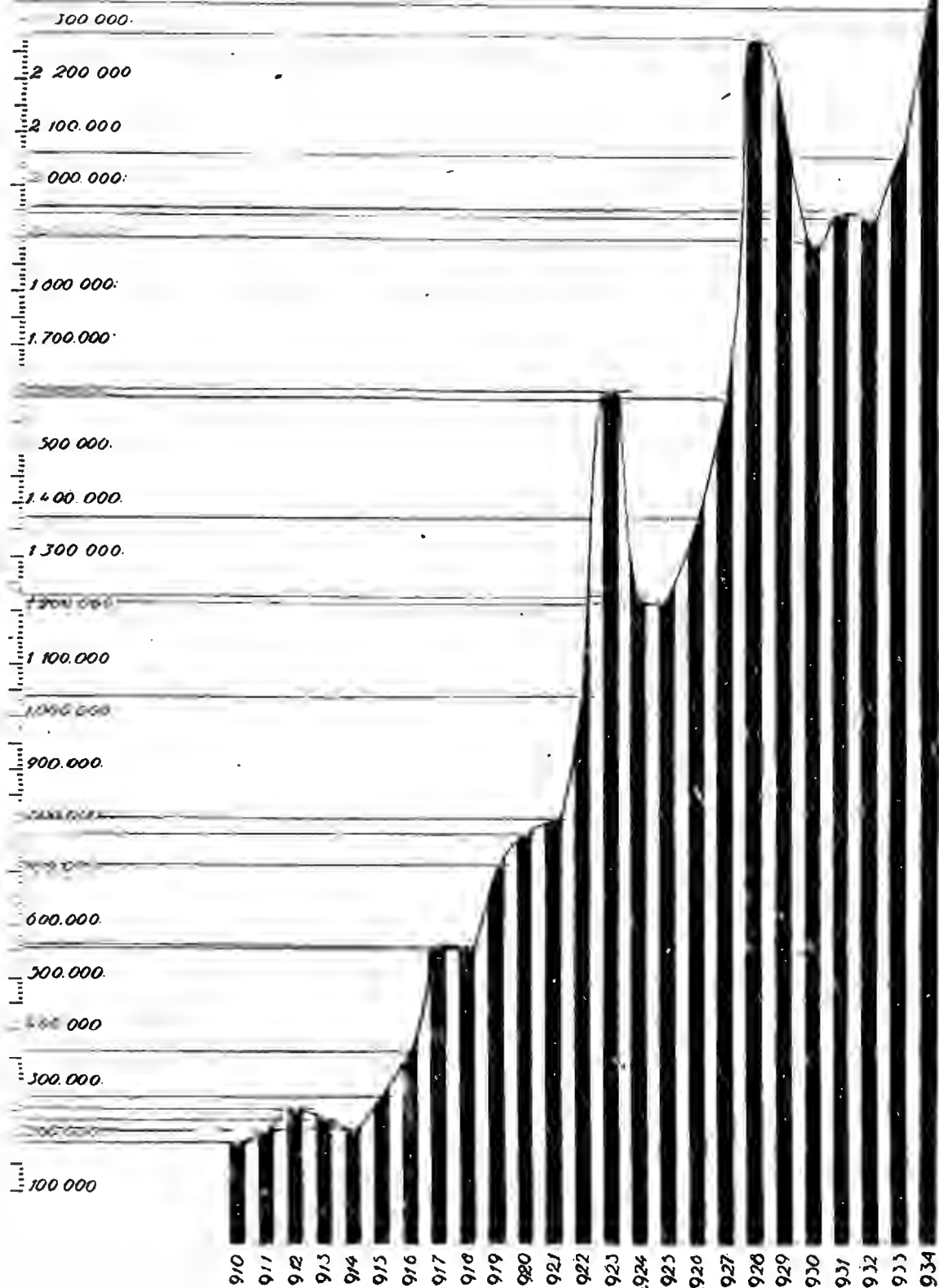
Anos	NACIONALIDADES							CATEGORIAS			Totales
	Italianos	Hispanhóes	Portuguezes	Brasileiros	Austriacos	Diversos	Não especificados	Subsidiados	Espontaneos	Não especificados	
1827	—	—	—	—	—	266	—	—	—	226	226
1828	—	—	—	—	—	700	—	—	—	700	700
1829	—	—	—	—	—	29	—	—	—	29	29
1830	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1831	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1832	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1833	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1834	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1835	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1836	—	—	—	—	—	27	—	—	—	27	27
1837	—	—	—	—	—	277	—	—	—	277	277
1838	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1839	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1840	—	—	80	—	—	—	—	—	—	80	80
1841	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1842	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1843	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1844	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1845	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1846	—	—	—	—	—	18	—	—	—	18	18
1847	—	—	—	—	—	365	—	—	—	465	465
1848	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1849	—	—	—	—	—	86	—	—	—	86	86
1850	—	—	—	—	—	5	—	—	—	5	5
1851	—	—	53	—	—	—	—	—	—	53	53
1852	—	—	230	—	—	746	—	—	—	976	976
1853	—	—	379	—	—	156	—	—	—	535	535
1854	—	—	451	—	—	281	—	—	—	732	732
1855	—	—	618	—	—	1.507	—	—	—	2.125	2.125
1856	—	37	490	—	—	399	—	—	—	926	926
1857	—	—	294	—	—	215	—	—	—	509	509
1858	—	—	92	—	—	237	—	—	—	329	329
1859	—	—	—	—	—	120	—	—	—	120	120
1860	—	—	—	—	—	108	—	—	—	108	108
1861	—	—	—	—	—	218	—	—	—	218	218
1862	—	—	—	—	—	185	—	—	—	185	185
1863	—	—	—	—	—	10	—	—	—	10	10
1864	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1865	—	—	—	—	—	1	—	—	—	1	1
1866	—	—	—	—	—	144	—	—	—	144	144
1867	—	—	29	—	—	760	—	—	—	789	789
1868	—	—	—	—	—	109	—	—	—	109	109
1869	—	—	117	—	—	—	—	—	—	117	117
1870	—	—	—	—	—	159	—	—	—	159	159
1871	—	—	18	—	—	65	—	—	—	83	83
1872	—	—	—	—	13	310	—	—	—	323	323
1873	—	—	135	—	—	455	—	—	—	590	590
1874	5	—	91	—	—	24	—	—	—	120	120
1875	126	1	40	—	—	3.122	—	—	—	3.289	3.289
1876	—	—	—	—	—	1.303	—	—	—	1.303	1.303
1877	2.006	23	602	—	122	79	—	—	—	2.832	2.832
1878	706	251	557	380	35	129	—	—	—	2.058	2.058
1879	658	25	217	20	6	137	—	—	—	973	973
1880	97	21	—	—	—	495	—	—	—	613	613
1881	—	—	—	—	—	2.705	—	—	—	2.705	2.705
1882	1.866	223	547	—	37	70	—	—	—	2.743	2.743
1883	3.155	317	1.300	—	2	138	—	—	—	4.912	4.912
1884	2.169	134	2.280	11	45	240	—	—	—	4.879	4.879
1885	4.176	137	1.995	—	58	134	—	—	—	6.500	6.500
1886	6.094	178	2.718	2	84	460	—	—	—	9.536	9.536
1887	27.323	218	2.704	2	162	1.703	—	—	—	32.112	32.112
1888	80.749	1.465	7.757	260	1.112	743	—	—	—	92.086	92.086
1889	19.025	2.845	3.312	199	1.090	1.422	—	22.886	5.007	27.893	27.893
1890	20.991	4.875	5.561	—	620	6.244	—	31.816	6.475	38.291	38.291
1891	84.486	9.284	5.552	48	1.876	7.490	—	107.536	1.200	108.736	108.736
1892	34.274	3.166	3.551	—	535	535	—	40.973	1.088	42.061	42.061
1893	48.739	19.122	11.412	—	1.996	476	—	77.969	3.776	81.745	81.745
1894	22.420	5.869	4.676	—	1.042	85	14.855	34.092	14.855	48.947	48.947
1895	84.722	13.989	14.185	—	1.120	753	25.229	74.918	25.229	139.998	139.998
1896	49.846	14.965	5.713	—	3.663	731	24.092	74.918	24.092	99.010	99.010
1897	52.880	9.943	3.751	—	3.097	382	28.081	70.053	28.081	98.134	98.134
1898	20.389	3.439	2.470	—	463	453	19.725	27.214	19.725	46.939	46.939
1899	11.496	2.342	2.140	43	498	145	14.551	16.664	14.551	31.215	31.215
1900	7.460	2.055	251	—	1.335	8	11.693	11.109	11.693	22.802	22.802
1901	55.764	6.744	4.927	1.434	540	2.373	—	49.599	22.183	71.782	71.782
1902	28.895	1.741	4.817	2.555	441	1.937	—	19.311	21.075	40.386	40.386
1903	9.444	1.930	3.367	1.608	123	1.689	—	229	17.932	18.161	18.161
1904	9.476	6.372	5.168	3.990	224	2.521	—	7.005	20.746	27.751	27.751
1905	13.596	22.128	5.878	1.973	203	4.034	—	26.015	21.802	47.817	47.817
1906	16.394	20.349	4.773	2.215	911	3.787	—	23.885	24.544	48.429	48.429
1907	13.556	4.709	6.900	2.781	287	3.443	—	4.862	26.819	31.681	31.681
1908	9.704	9.891	11.855	2.947	367	5.461	—	9.433	30.792	40.225	40.225
1909	10.345	12.605	9.161	1.366	946	5.251	—	12.936	26.738	39.674	39.674
1910	8.988	13.336	8.714	992	604	7.844	—	15.517	24.961	40.478	40.478
1911	18.830	17.862	17.507	3.482	1.434	5.875	—	21.458	43.532	64.990	64.990
1912	24.813	28.987	32.813	3.307	1.065	10.962	—	42.487	59.460	101.947	101.947
1913	24.355	33.066	40.760	3.118	914	17.545	—	53.719	66.039	119.758	119.758
1914	11.706	14.903	11.697	1.789	393	7.925	—	15.436	32.977	48.413	48.413
1915	4.184	4.369	5.828	5.323	82	1.151	—	2.713	18.224	20.937	20.937
1916	3.761	7.409	4.875	3.346	30	936	—	6.777	13.580	20.357	20.357
1917	5.307	9.691	3.132	3.369	15	5.262	—	16.286	10.490	26.776	26.776
1918	815	1.930	2.704	3.594	25	5.973	—	6.730	8.311	15.041	15.041
1919	3.075	3.773	4.652	5.607	522	4.183	—	5.260	16.552	21.812	21.812
1920	5.799	7.367	11.898	12.525	559	6.405	—	8.062	36.491	44.553	44.553
1921	8.130	7.992	8.008	6.923	323	8.225	—	13.563	26.038	39.601	39.601
1922	8.253	7.172	9.198	7.354	603	6.055	—	9.903	28.732	38.635	38.635
1923	12.536	8.332	10.870	14.578	1.495	12.007	—	14.529	45.289	59.818	59.818
1924	10.588	5.639	8.226	12.076	691	30.941	—	21.789	46.372	68.161	68.161
1925	6.968	8.990	7.881	15.906	2.573	31.017	—	27.225	46.110	73.335	73.335
1926	8.564	6.485	15.376	19.366	787	45.584	—	39.535	56.627	96.162	96.162
1927	8.353	7.737	11.932	30.806	774	33.175	—	24.316	63.097	92.413	92.413
1928	2.768	2.217	13.611	55.431	399	21.852	—	13.905	82.373	96.278	96.278
Totales	930.735	378.286	372.896	230.731	36.341	331.642	138.226	1.142.484	1.098.658	177.715	2.418.857

GRAPHICO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

1910-1934

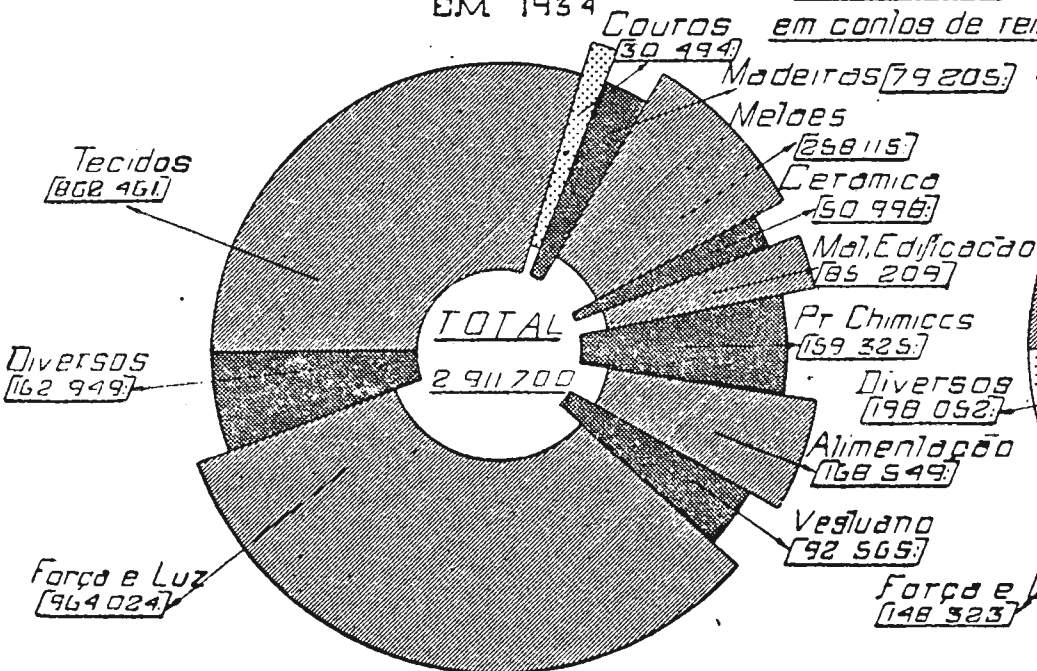


CAPITAL INVERTIDO

NAS

INDÚSTRIAS

EM 1934



VALOR

DA

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

EM 1934

VALORES

em contos de reis

Madeiras [79 205]

Têxteis [803 895]

Couro [40 309]

Couro [40 309]

Madeiras [90 951]

Materiais [268 115]

Cerâmica [50 998]

Materiais de Construção [165 209]

Pr. Químicos [159 325]

Diversos [198 052]

Alimentação [168 549]

Vestuário [92 565]

Força e Luz [148 323]

TOTAL

2 346 699

Materiais [343 705]

Cerâmicas [53 565]

Materiais de Construção [71 525]

Pr. químicos [184 341]

Alimentação [176 399]

Vestuário [235 628]

Têxteis [803 895]

Couro [40 309]

Madeiras [90 951]

Materiais [268 115]

Cerâmica [50 998]

Materiais de Construção [165 209]

Pr. Químicos [159 325]

Diversos [198 052]

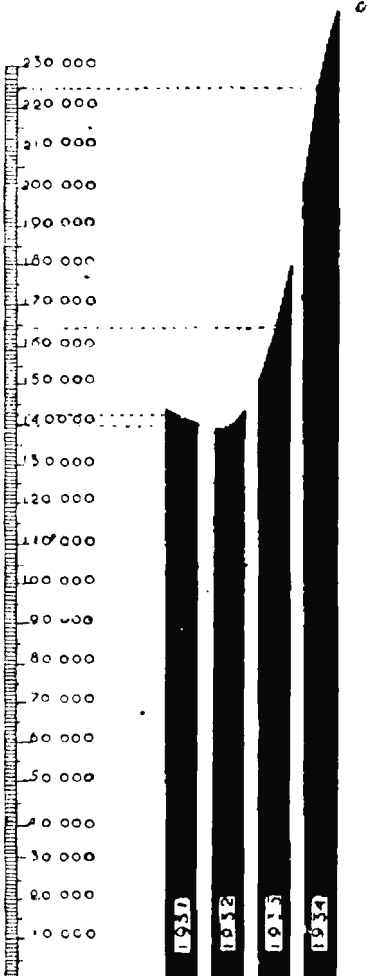
Alimentação [168 549]

Vestuário [92 565]

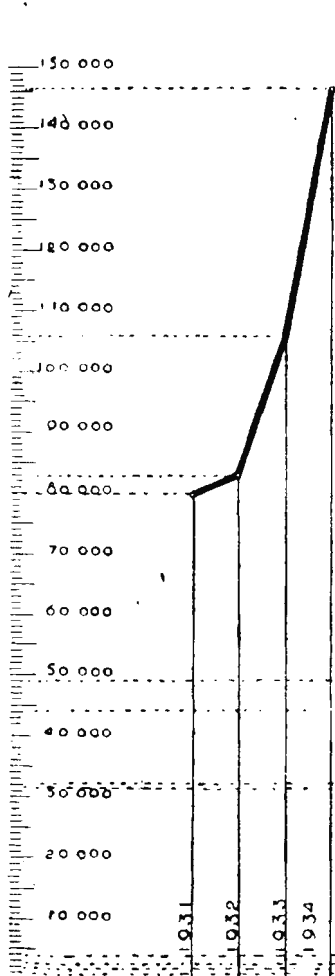
Força e Luz [148 323]

FRIGORÍFICOS E XARQUEADAS

PRODUCCÃO
conos de reis



CARNES
toneladas



COUROS
unidades

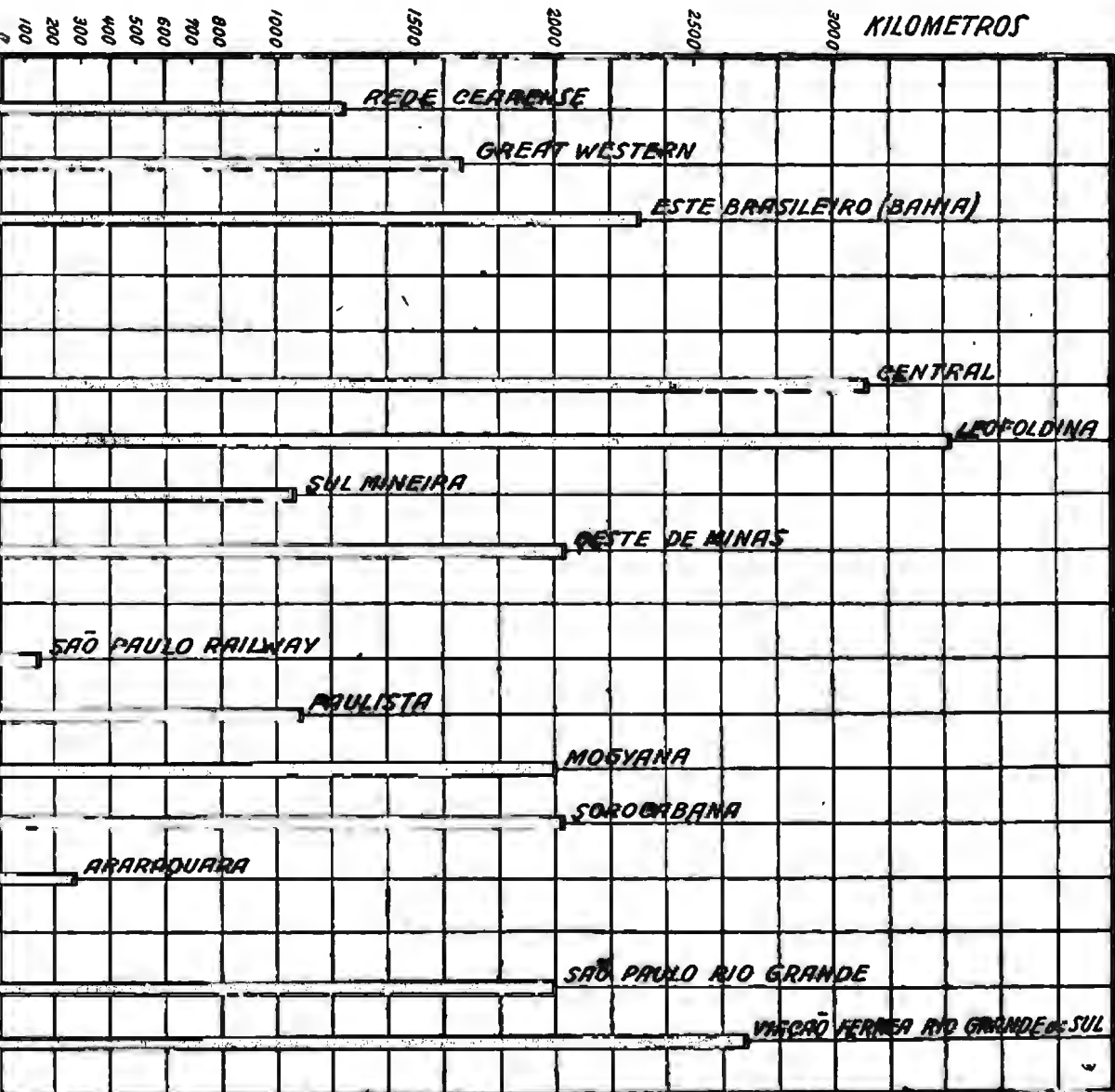
800 000

OUTROS
PRODUTOS

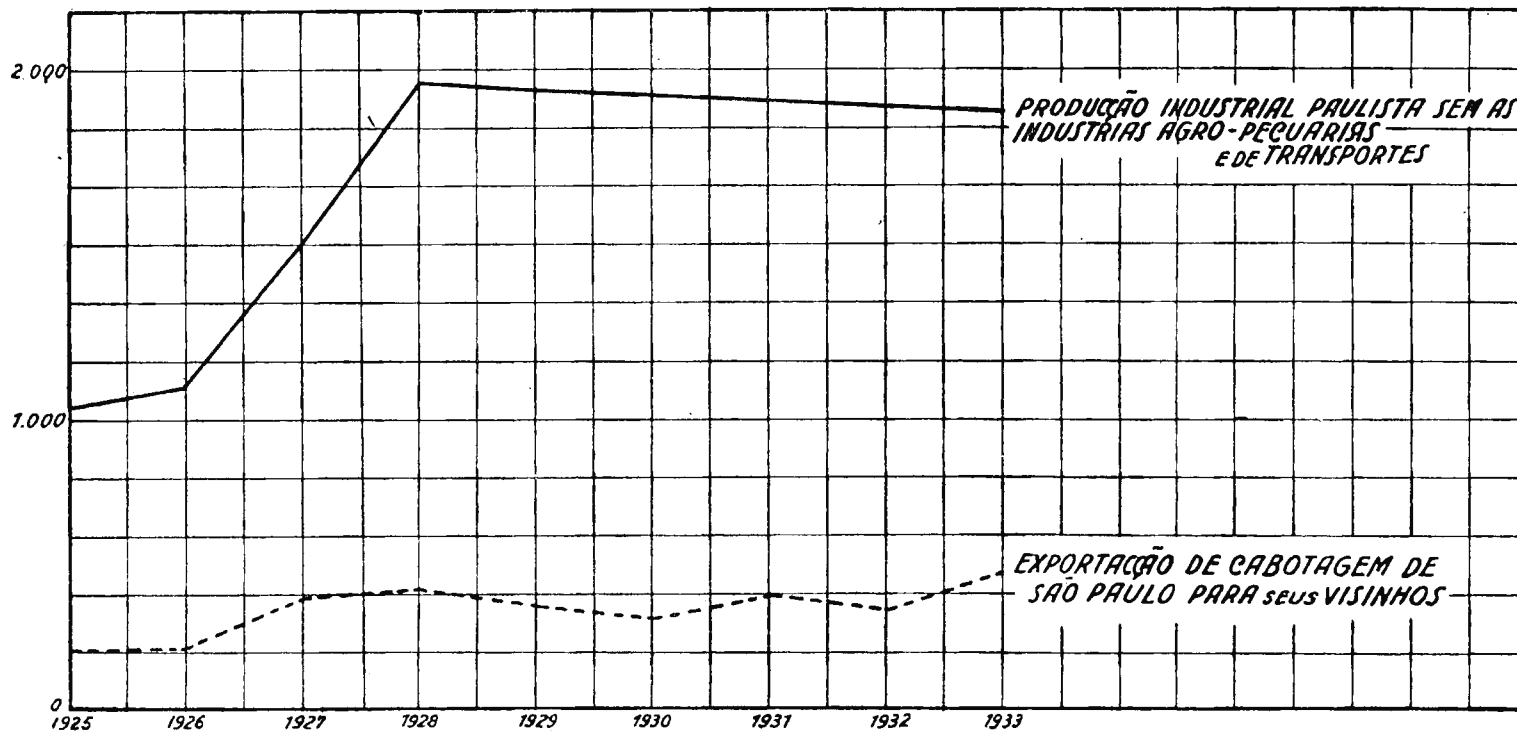
BANHA

1931
1932
1933
1934

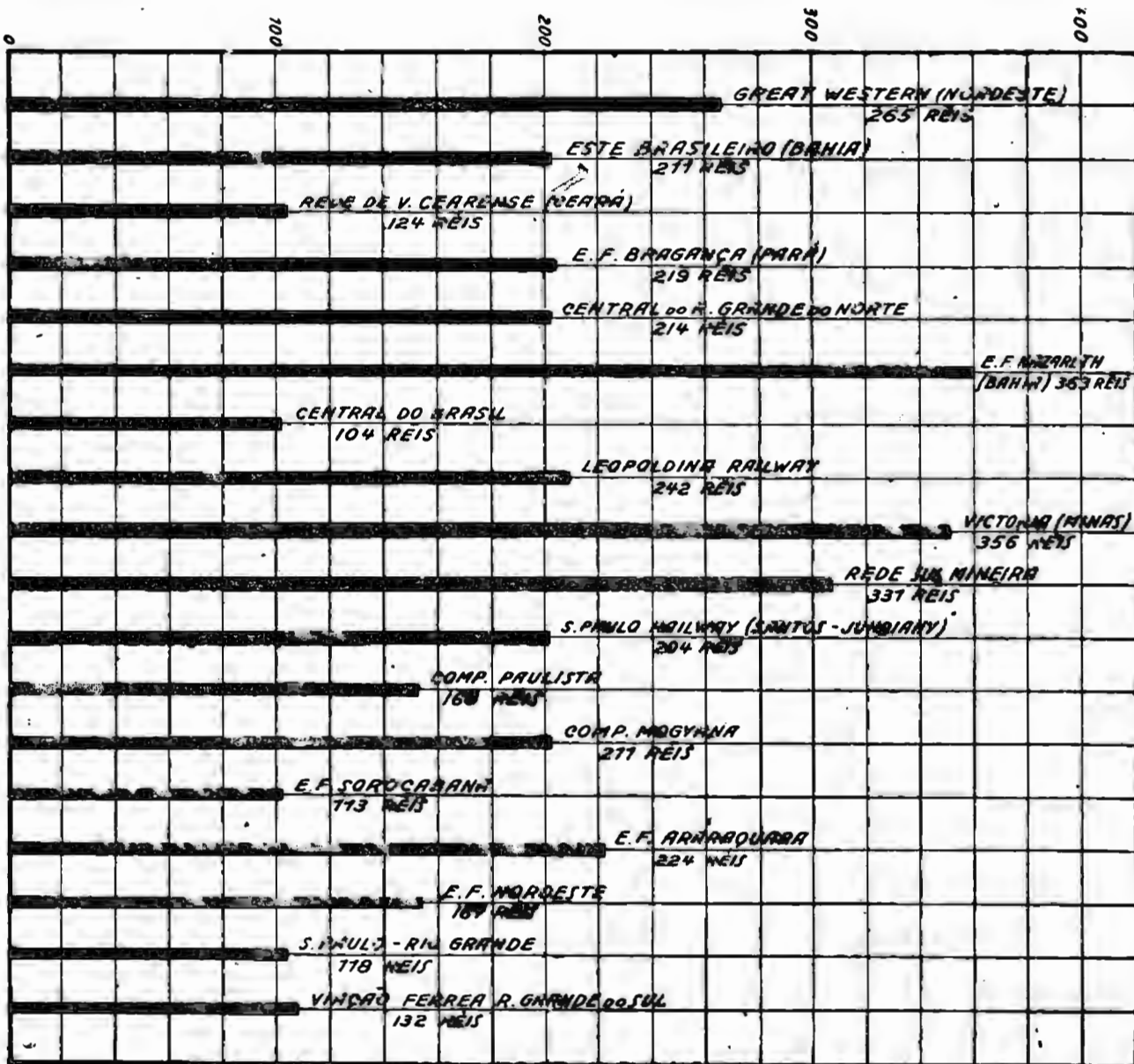


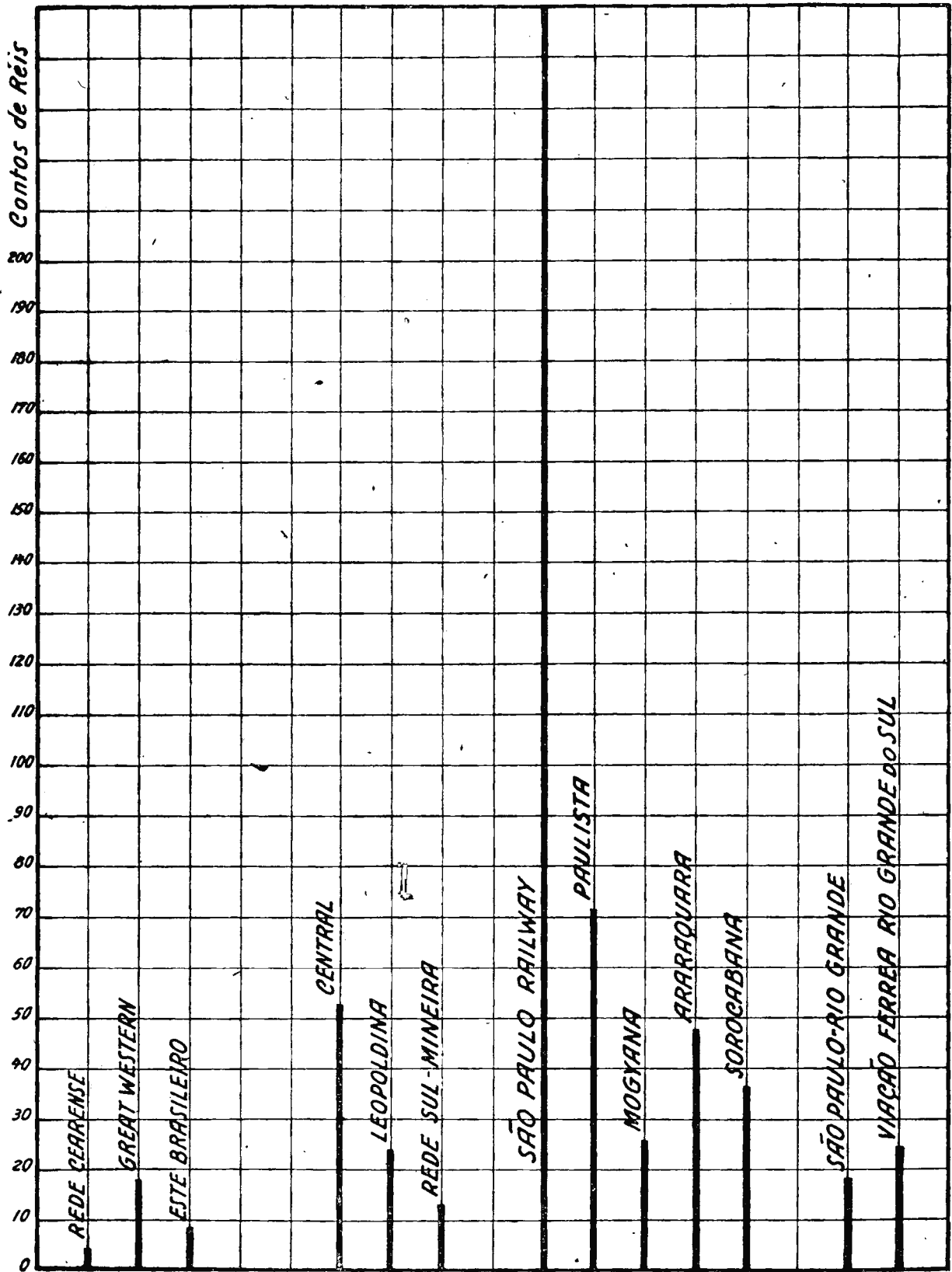


EXTENSÃO KILOMETRICA DE ALGUMAS FERROVIAS



CUSTO PARA O PUBLICO
DO TRANSPORTE FERREO





RENDA POR KILOMETRO

A EVOLUÇÃO CAFÉIRA DE SÃO PAULO CREADORA DE SUA RIQUEZA ECONOMICA

O quadro que se segue, mandado organizar pelo Dr. Fernando Costa, evidencia como São Paulo cresceu, evoluiu, agigantou-se, ao passo que se expandiu a sua lavoura de café

ANNOS	Pop. do Estado (habitantes)	Immigrantes entrados	Estr. de ferro (kilometros)	Caféeiros produzindo	Produção em saccas de 60 kilos	Valor da produção agrícola	Valor da produção industrial
1850 . . .	560.000	53	0	26.800.000	335.375	—	—
1860 . . .	695.000	108	0	60.462.000	906.934	—	—
1870 . . .	830.200	159	139	69.540.000	1.043.112	—	—
1880 . . .	1.107.000	613	1.176	106.300.000	1.647.562	—	—
1890 . . .	1.384.753	38.291	2.329	220.000.000	3.357.457	—	—
1900 . . .	2.279.608	22.802	3.315	525.625.000	5.742.000	—	69.752:000\$
1910 . . .	2.800.424	40.478	4.825	696.701:545	12.124.050	—	189.370:000\$
1920 . . .	4.592.188	44.553	6.616	826.644.755	4.154.700	818.377:628\$	775.915:200\$
1925 . . .	5.150.000.	73.335	6.811	951.288.455	9.192.000	2.625.434:305\$	1.213:178:117\$
1926 . . .	5.304.000	96.162	6.875	966.142.590	10.087.175	2.212.389:321\$	1.316.226:682\$
1927 . . .	5.463.000	92.413	6.921	1.047.496.350	9.876.545	2.088.055:093\$	1.600.434:906\$
1928 . . .	5.626.000	96.278	7.001	1.123.232:770	17.982.376	3.806.199:815\$	2.076.000:000\$
1930 . . .	7.160.705	39.644	7.099	1.188.058.354	19.488.712	3.335.080:615\$	1.597.188.661\$

ANNOS	Commercio internacional		Receita do Estado	Popul. da cidade de S. Paulo	Predios da cidade de S. Paulo	Receita municipal da cidade de S. Paulo	Cambio médio
	Exportação	Importação					
1850 . . .	223:309\$	2.143:166\$	457:992\$	15.300	—	13:011\$000	28 3/4
1860 . . .	567:532\$	6.995:164\$	1.122:340\$	18.600	—	31:680\$000	25 1/16
1870 . . .	2.166:407\$	12.816:404\$	1.605:113\$	23.200	—	75:144\$000	22 1/16
1880 . . .	6.253:754\$	29.779:696\$	3.768:465\$	27.800	4.088	237:059\$000	22 3/32
1890 . . .	32.636:752\$	143.244:098\$	23.318:412\$	64.934	10.321	627:139\$000	22 9/16
1900 . . .	76.816:839\$	264.099:577\$	42.651:253\$	239.890	22.407	3.653:433\$000	9 1/2
1910 . . .	141.799:919\$	282.142:602\$	43.280:869\$	375.323	32.914	6.362:240\$000	16 9/64
1920 . . .	613.456:564\$	860.476:150\$	175.678:985\$	579.033	59.784	18.517:574\$000	14 15/32
1925 . . .	1.286.638:781\$	2.192.149:058\$	353.270:978\$	723.321	80.548	34.624:397\$000	5 1/4
1926 . . .	1.003.136:362\$	1.697.259:816\$	352.584:393\$	756.968	83.429	42.845:478\$000	6 1/2
1927 . . .	1.282.285:004\$	1.943.912:500\$	404.044:404\$	783.141	90.351	64.244:800\$000	5 50/64
1928 . . .	1.480.114:083\$	2.095.148:917\$	408.424:243\$	830.632	99.247	64.952:045\$180	5 59/64
1930 . . .	1.794.811:546\$	1.428.183:792\$	495.772:020\$	—	—	—	—

(1)

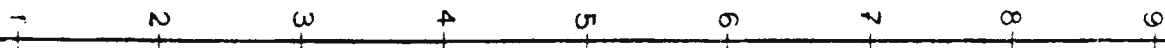
1) Só vistoriamos os dados estatísticos até 1930 porque depois dessa data tudo se tumultuou e se fez caótico.

**EXPORTAÇÃO
CAFEIRA
EM CONTOS**

MILHARES DE CONTOS



Milhões de Km² quadrados



Nova York com 9 milhões de Km² de área

Buenos Ayres com 5.500.000 Km² de área

Buenos Ayres com 5.500.000 Kilomts.² de área

São Paulo com 1 milhão de Kilomts.² de área (com o sul de Matto Grosso e Goyaz)

Nova York com 115 milhões de indivíduos

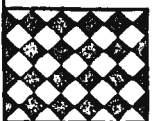
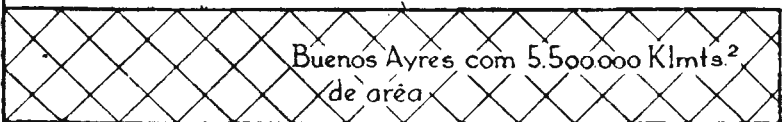
Buenos Ayres com 20 milhões de indivíduos subsidiarios

S Paulo com 7.500.000 indivíduos subsidiarios



HINTERLAND

Hinterland de Nova York, de Buenos Ayres, de S Paulo



BILHÕES DE DOLLARS

25

20

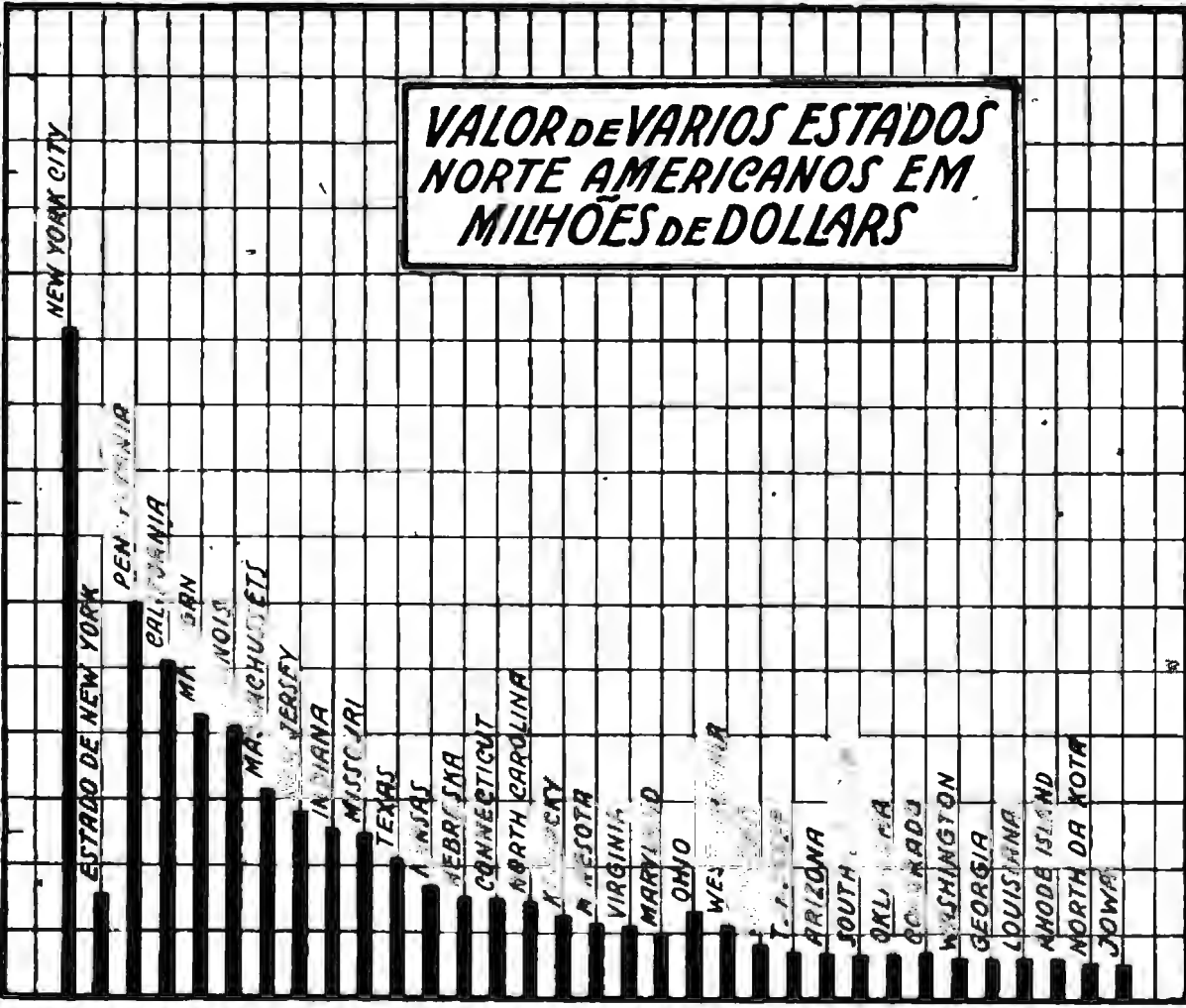
15

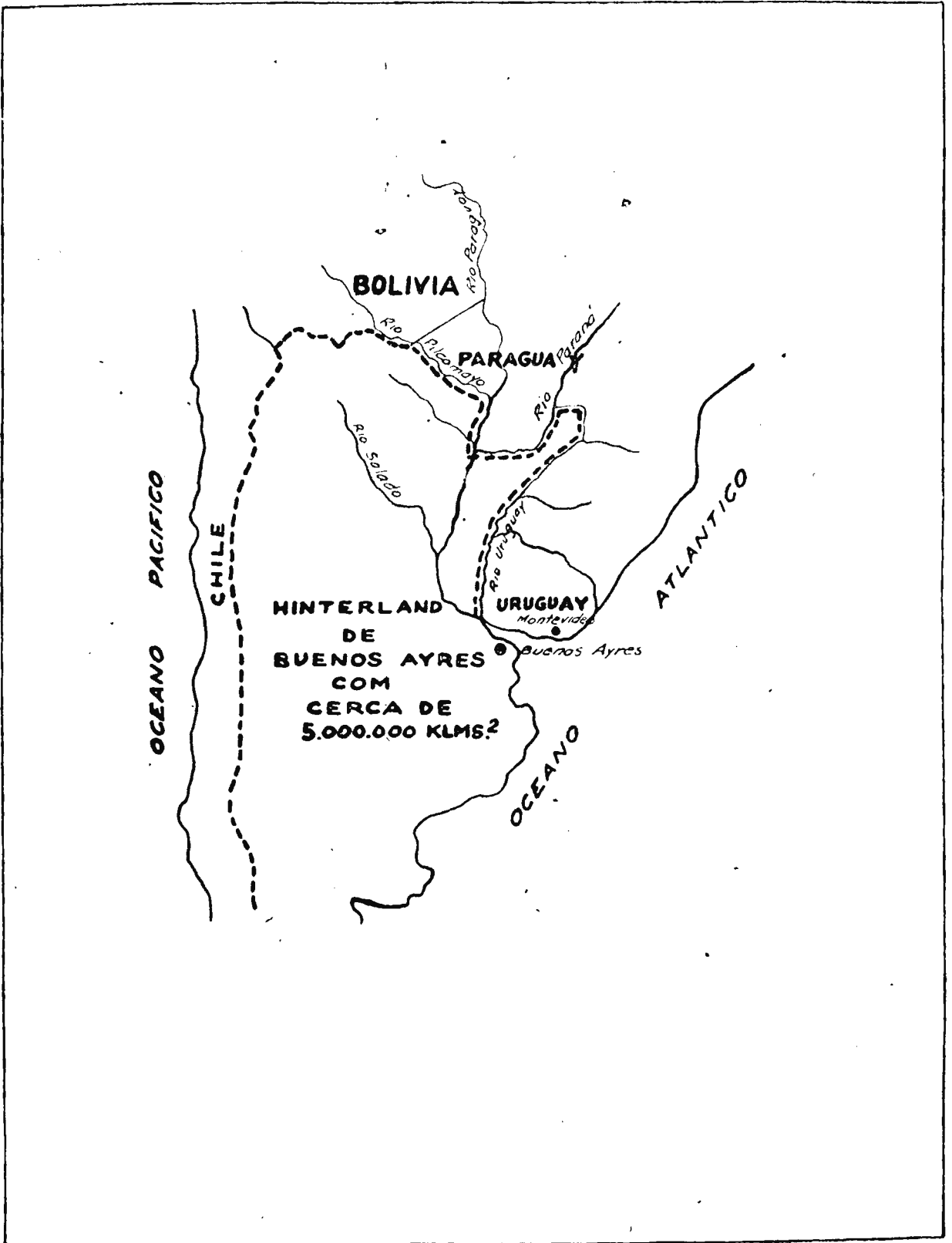
10

5

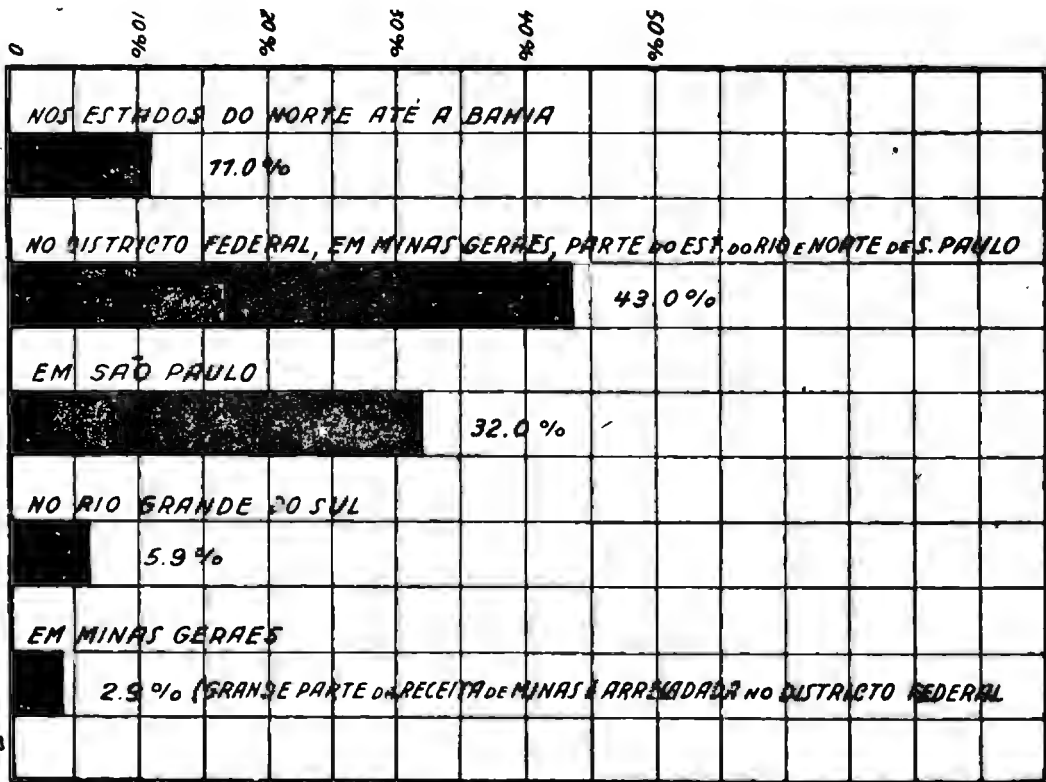
0

VALOR DE VARIOS ESTADOS NORTE AMERICANOS EM MILHÕES DE DOLLARS





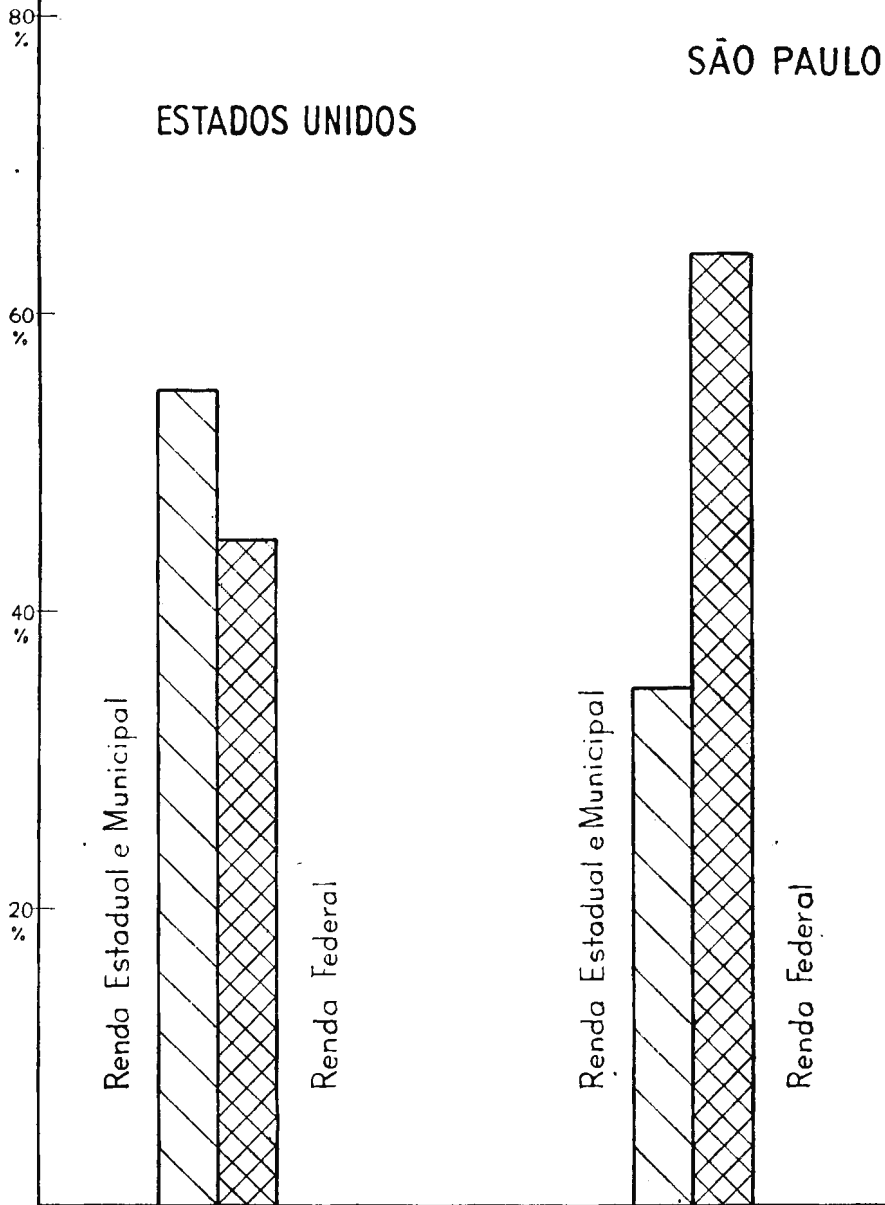
**ORÇAMENTO DA RECEITA DA UNIÃO
POR CENTAGENS ARRECADADAS EM CADA
REGIÃO**

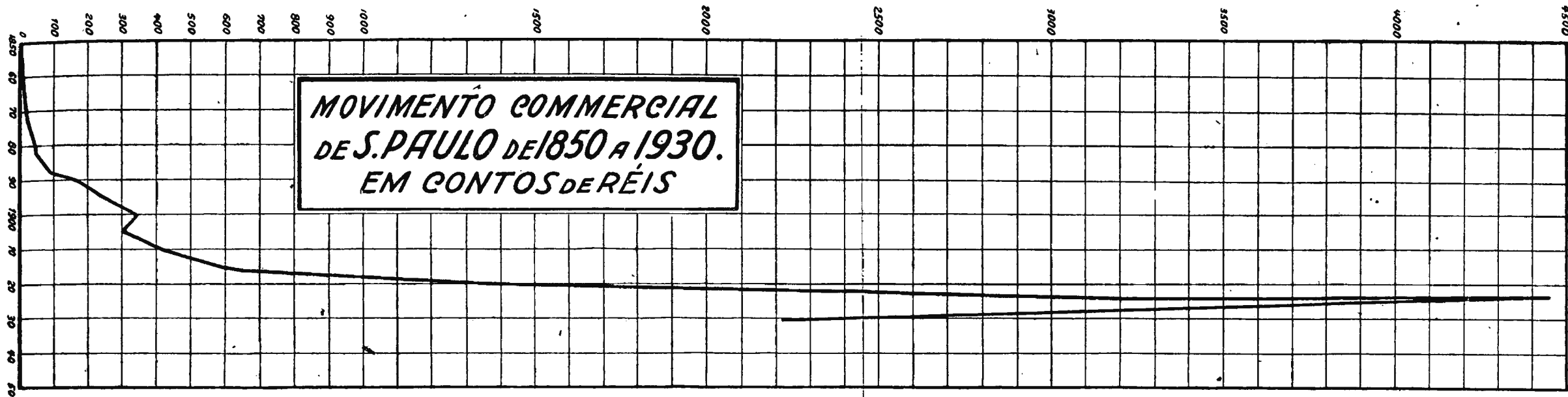


EXPORTAÇÃO DE 5 UNIDADES BRASILEIRAS DURANTE OS DEZ ÚLTIMOS ANOS DE NORMALIDADE,
EM MILHARES DE LIBRAS

	1920	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	Total
S. Paulo	53.000	28.000	34.000	36.000	52.000	55.000	50.000	47.310	51.430	51.240	450.000
Capital Federal e											
Rio de Janeiro . .	15.700	9.450	12.560	13.820	17.770	15.960	14.630	13.290	14.340	12.480	140.000
Rio Grande . . .	6.940	4.080	3.120	3.870	3.930	4.100	3.990	3.880	5.670	5.120	44.500
Bahia	8.740	4.650	5.080	5.160	6.320	7.250	7.290	8.330	8.130	6.120	63.700
Pernambuco . . .	5.800	2.790	2.990	3.160	1.440	1.490	1.580	1.580	1.440	1.710	23.900
Brasil	107.000	58.550	68.780	73.180	95.100	102.870	94.250	88.690	97.430	94.830	880.480

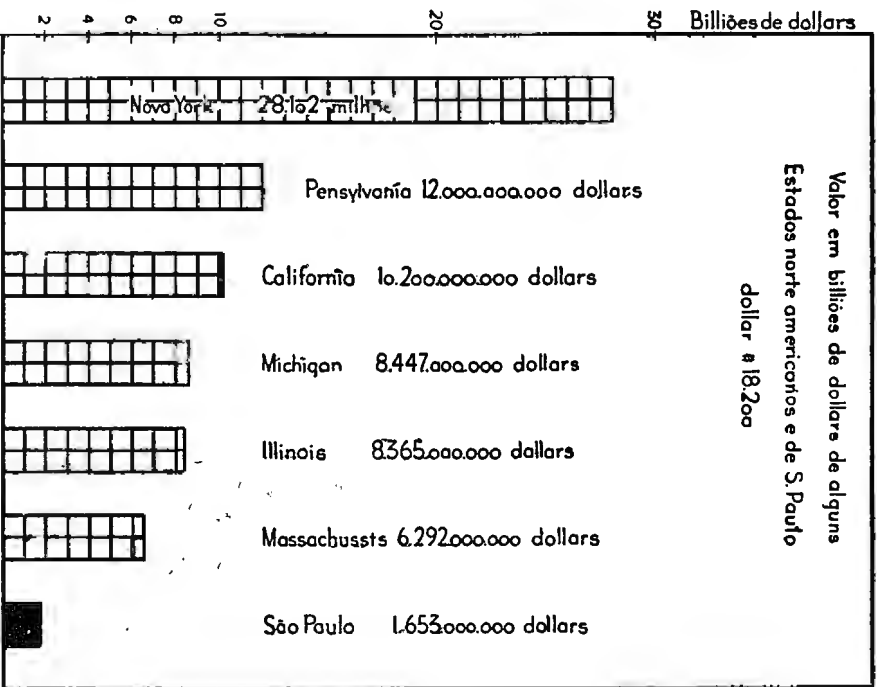
Porcentagem sobre o total dá arrecadação Fiscal em S.Paulo e nos Estados Unidos





**MOVIMENTO COMMERCIAL
DE S. PAULO DE 1850 A 1930.
EM CONTOS DE RÉIS**

A, notar como a ascensão do movimento commercial de S. Paulo já vinha se fazendo mesmo antes da immigração ter vindo.
Esse movimento cahiu depois de 1930 em virtude da quêda do cambio brasileiro.

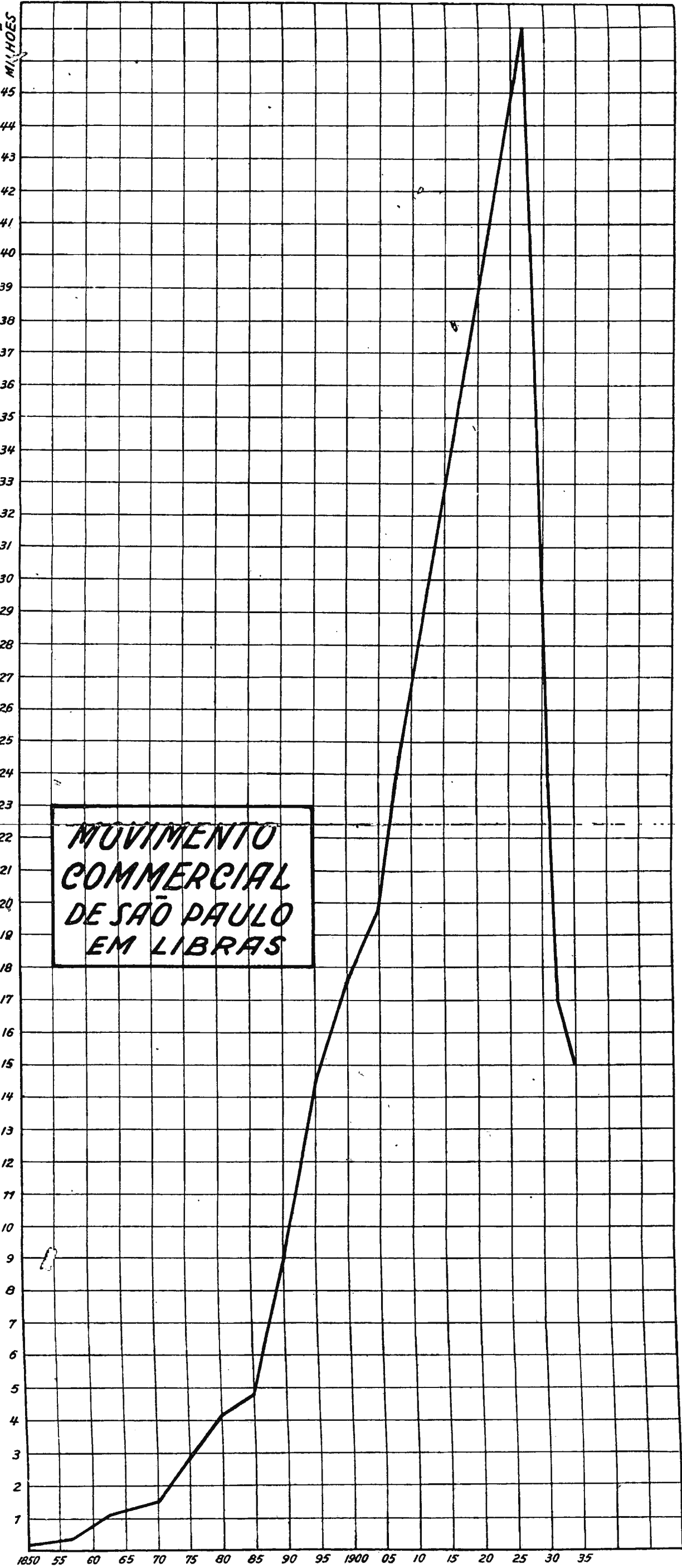


**QUADRO SYNTHETICO DA EVOLUÇÃO DA PUJANÇA PAULISTA
NA DECADE DE 1921 A 1930**

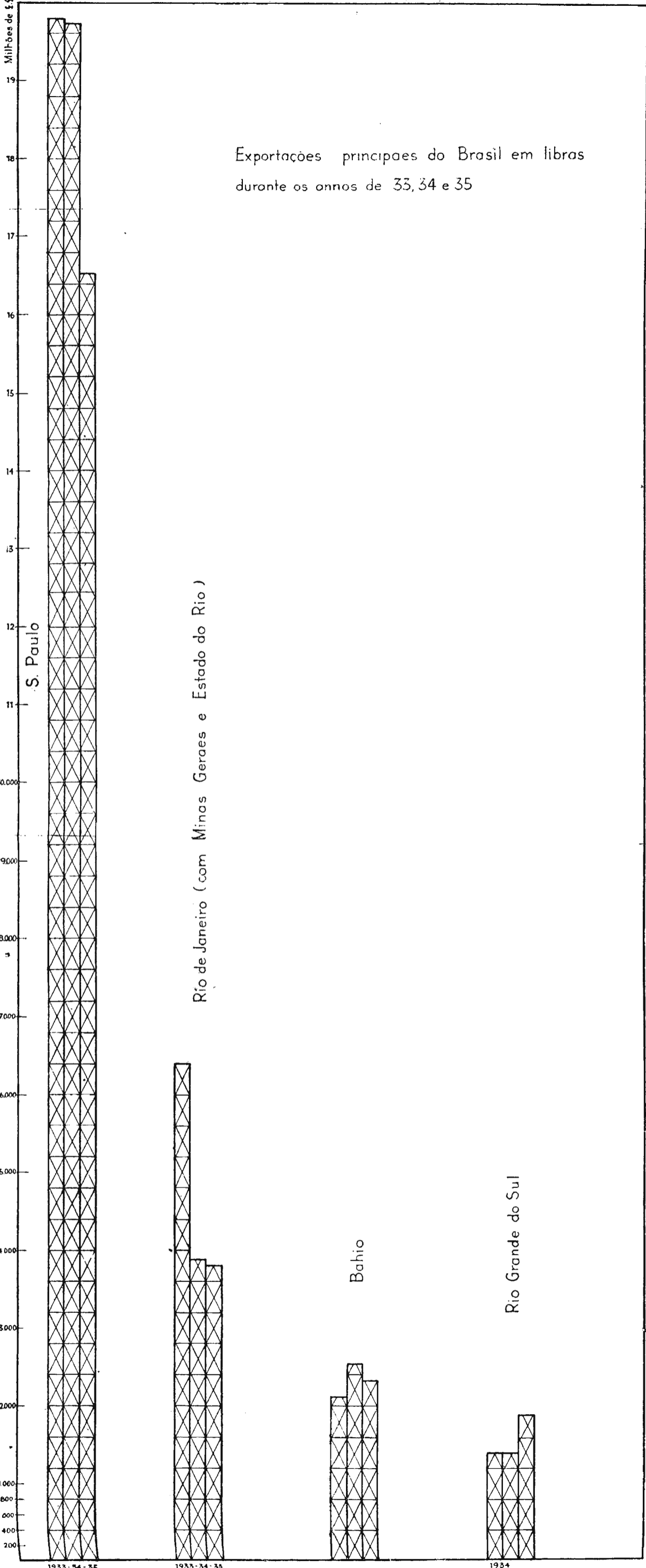
DISCRIMINAÇÃO	1921	1922	1923	1924	1925	1926	1927	1928	1929	1930
POPULAÇÃO										
Numeros absolutos	4.682.773	4.809.357	5.049.296	5.164.024	5.636.357	5.777.829	6.001.459	6.817.825	7.160.705	7.160.705
INSTRUCÇÃO PRIMARIA										
Total de alumnos matriculados	257.298	302.720	343.392	347.934	338.319	321.413	365.404	434.602	496.604	555.263
PRODUCCÃO GERAL										
Agrícola (Valor em contos de réis)	1.893.694	1.173.905	1.382.400	2.098.600	6.625.434	2.212.389	2.105.743	4.686.547	2.198.224	3.335.080
Industrial (Valor em contos de réis)	804.144	1.037.662	1.611.633	1.223.367	1.213.178	1.371.205	1.600.434	1.677.211	2.139.505	1.897.188
Frigorificos (Valor em contos de réis)	42.144	43.997	89.799	109.197	79.735	86.674	124.689	181.732	111.281	197.166
Total (Valor em contos de réis)	1.893.694	2.255.564	3.083.832	3.431.164	3.918.351	3.670.269	2.830.866	6.545.490	4.669.281	5.429.434
COMMERCIO DO PORTO DE SANTOS										
IMPORTAÇÃO										
Do Extrangeiro (Valor em contos de réis)	508.568	471.142	713.549	959.732	1.286.638	1.004.136	1.282.285	1.480.114	1.407.491	794.812
De outros Estados (Valor em contos de réis)	176.478	251.334	339.080	421.208	431.865	353.181	464.627	601.172	514.069	354.483
Total (Valor em contos de réis)	685.046	722.456	1.102.630	1.390.940	1.718.503	1.356.317	1.746.912	2.081.386	1.921.560	1.149.295
EXPORTAÇÃO										
Para o Extrangeiro (Valor em contos de réis)	814.016	1.150.575	1.640.347	2.125.597	2.191.149	1.697.259	1.943.912	2.095.148	2.098.002	1.428.184
Para outros Estados (Valor em contos de réis)	91.007	140.181	224.512	312.437	259.914	261.426	389.552	418.151	378.515	316.120
Total (Valor em contos de réis)	932.023	1.280.756	1.864.859	2.438.034	2.452.063	1.958.685	2.333.464	2.513.299	2.476.518	1.744.304
MOVIMENTO MARITIMO										
Valores entrados { Numero	1.757	2.050	2.399	2.421	2.265	2.649	2.920	3.241	3.360	3.179
{ Tonelagem	4.354.781	5.402.499	6.607.542	6.738.289	6.579.248	7.673.256	9.072.429	10.332.639	10.507.316	10.851.009
Vapores sahidos { Numero	1.768	2.063	2.393	2.393	2.303	2.685	2.920	3.250	3.350	3.228
{ Tonelagem	4.353.781	5.401.245	6.617.717	6.653.717	6.637.282	7.825.192	9.082.554	10.262.311	10.624.536	10.667.939
ESTRADAS DE FERRO										
Extensão em kilometros	6.616	6.671	6.753	6.730	6.811	6.823	6.875	6.922	7.001	7.099
Receita (Valor em contos de réis)	174.038	176.986	227.326	254.076	321.170	322.773	370.941	396.471	405.434	342.450
Despesa (Valor em contos de réis)	119.020	217.376	149.206	178.706	223.903	246.971	273.693	297.359	291.875	257.026
Passageiros transportados	21.699.818	24.045.917	18.608.111	23.196.954	24.440.120	27.150.227	27.342.281	29.536.358	30.615.614	26.593.864
Mercadorias transportadas (toneladas)	8.440.767	8.463.078	6.800.331	8.599.678	9.761.680	10.074.144	10.804.843	9.634.886	11.694.417	9.880.363
FINANÇAS ESTADUAES										
Renda (Valor em contos de réis)	160.580	157.019	202.722	227.019	353.270	352.584	404.044	408.424	438.459	400.204
Despesa (Valor em contos de réis)	197.995	204.887	233.134	277.655	406.686	511.229	594.808	523.802	618.435	616.193
Bens do Estado (Valor em contos de réis)	340.154	498.751	515.287	515.297	538.167	734.728	1.062.239	1.066.026	1.172.747	1.237.490
Divida passiva (Valor em contos de réis)	581.180	602.758	635.551	651.168	775.967	907.672	1.038.333	1.302.159	1.381.683	2.413.549
FINANÇAS MUNICIPAES										
Renda (Valor em contos de réis)	47.277	52.040	33.098	31.098	49.865	92.451	61.948	164.637	154.995	143.237
Despesa (Valor em contos de réis)	53.622	77.551	33.570	33.438	76.466	90.184	64.407	186.988	200.282	151.556
Patrimonio (Valor em contos de réis)	52.602	—	—	—	—	79.024	105.442	111.035	651.877	213.317
Divida passiva	111.780	148.581	91.732	101.026	104.550	90.648	182.272	166.591	395.925	188.452
FINANÇAS DA UNIAO NO ESTADO										
Renda (Valor em contos de réis)	190.170	218.833	323.899	403.273	493.386	572.743	613.952	708.627	709.995	483.933
Despesa (Valor em contos de réis)	65.841	66.706	61.458	69.512	99.555	84.068	107.338	98.003	111.365	123.424
MOVIMENTO BANCARIO										
Emprestimos (Valor em contos de réis)	707.787	774.225	1.077.717	1.188.288	1.199.908	1.263.343	1.811.218	2.441.974	2.201.434	2.435.345
Caixa (Valor em contos de réis)	333.017	347.325	364.215	415.923	384.563	443.370	592.084	627.110	603.434	496.519
Depositos (Valor em contos de réis)	825.740	973.204	1.074.556	1.108.304	1.237.337	1.432.434	2.027.465	2.625.052	2.117.891	2.364.655
Total do movimento (Valor em contos de réis)	2.986.895	3.153.507	3.923.449	4.471.173	4.837.501	5.495.296	7.690.263	17.112.144	10.004.596	11.536.973

Essas estatisticas acima são completadas por esta outra:

Dados da "Repatrição de Estatística e Archivo do Estado" na publicação "Retrospecto financeiro do Estado de S. Paulo".



**MUOVIMENTO
COMMERCIAL
DE SÃO PAULO
EM LIBRAS**



BALANÇA COMMERCIAL DO BRASIL

DESTACANDO ESTADO POR ESTADO NO EXERCICIO DO ANNO DE 1934

ESTADOS	ESTADOS QUE TÊM SALDO NA BALANÇA COMMERCIAL		ESTADOS	ESTADOS QUE TÊM SALDO NA BALANÇA COMMERCIAL	
	<i>Valor em papel moeda</i>	<i>Valor em libra esterlina ouro</i>		<i>Valor em papel moeda</i>	<i>Valor em libras esterlina ouro</i>
1.º lugar — São Paulo	955.376:000\$000	9,684,979	1.º lugar — Capital Federal	626.498:000\$000	6,330,921
2.º " — Bahia	201.159:000\$000	2,064,368	(Porto do Rio de Janeiro)	56.668:000\$000	565,104
3.º " — Espirito Santo	162.640:000\$000	1,648,477	2.º " — Pernambuco	5.645:000\$000	54,934
4.º " — Paraná	69.413:000\$000	715,377	3.º " — Alagôas	2.553:000\$000	26,037
5.º " — Ceará	65.242:000\$000	675,967	4.º " — Piauhy	871:000\$000	8,821
6.º " — Parahyba	43.609:000\$000	462,168	5.º " — Sergipe		
7.º " — Rio Grande do Norte	39.006:000\$000	406,007			
8.º " — Amazonas	36.115:000\$000	360,744			
9.º " — Maranhão	32.778:000\$000	329,794			
10.º " — Pará	29.191:000\$000	288,985			
11.º " — Santa Catharina	16.124:000\$000	165,304			
12.º " — Rio Grande do Sul	12.714:000\$000	117,913			
13.º " — Rio de Janeiro	4.556:000\$000	38,923			
14.º " — Matto Grosso	424:000\$000	4,857			
Total dos saldos	1.668.353:000\$000	16,963,863	Total dos deficits	692.235:000\$000	6,985,817

CONCLUSÃO

<i>Resumo</i>	<i>Valor papcl-moeda</i>	<i>Valor em libra esterlina ouro</i>
Total geral dos saldos dos 14 Estados	1.668.353:000\$000	16,963,863
Total geral dos deficits de 5 Estados	692.235:000\$000	6,985,817
Saldo real da balança commercial dde 9134	976.118:000\$000	9,978,046

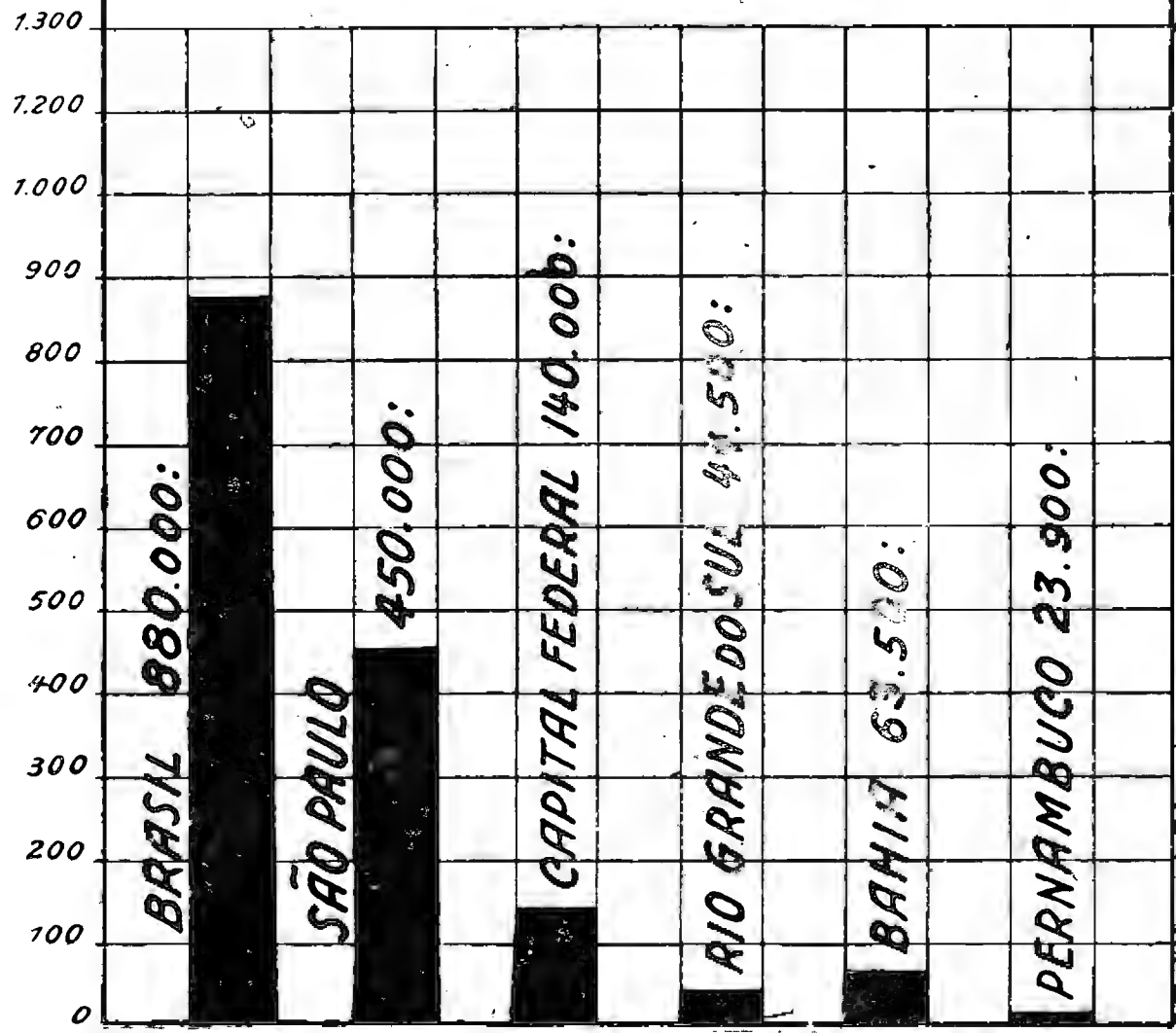
NOTA — Não figuram neste quadro os Estados de Minas Geraes, porque o seu commercio exterior é feito pelos Estados vizinhos que têm portos de mar. A exportação do Piauhy, faz-se pela Ilha do Cajueiro, que está sob a jurisdicção do Estado do Maranhão. Aliás esta estatística é tirada da que vae acima.

VALOR EM LIBRAS ESTERLINAS, OURO

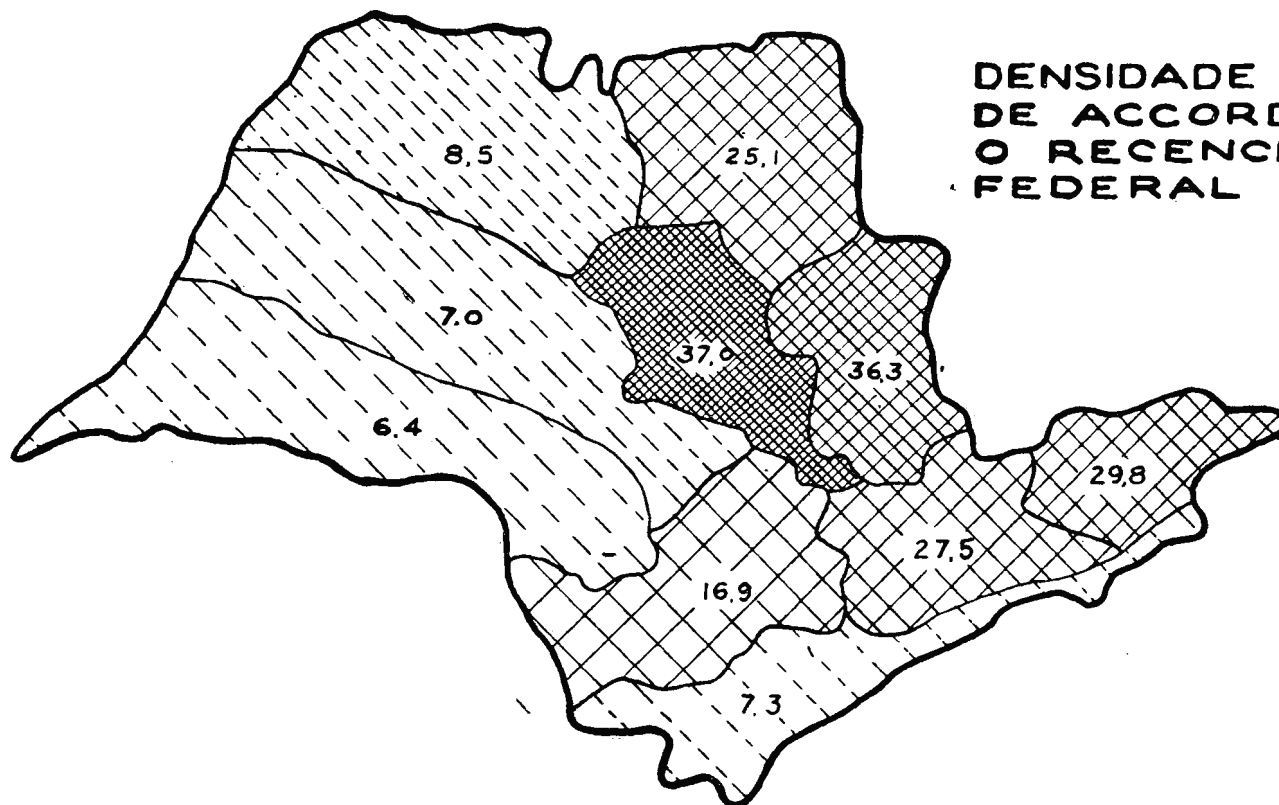
ESTADOS	IMPORTAÇÃO			EXPORTAÇÃO		
	1933	1934	1935	1933	1934	1935
Amazonas	95.524	97.019	68.499	432.529	457.763	422.921
Pará	363.713	280.167	249.126	607.181	569.430	710.780
Maranhão	99.971	89.654	99.730	162.724	419.448	503.467
Piauí	25.026	32.603	26.323	24.996	6.566	22.028
Ceará	232.795	265.597	295.134	439.752	941.564	1.283.063
Rio Grande do Norte	70.191	110.457	109.529	107.337	516.464	567.641
Parahyba	184.969	201.616	205.284	124.741	663.784	972.095
Pernambuco	1.354.686	1.388.061	1.514.542	447.728	822.957	1.010.467
Alagoas	146.228	138.921	137.899	38.310	83.987	320.429
Sergipe	26.972	21.468	26.996	2.139	12.647	29.649
Bahia	716.230	617.489	655.066	2.162.287	2.475.838	2.342.731
Espirito Santo	25.085	32.206	41.097	1.928.752	1.680.683	1.303.274
Rio de Janeiro	129.407	185.705	148.444	246.343	224.628	111.627
Porto do Rio de Janeiro	12.214.177	10.190.798	10.913.902	6.401.796	3.859.877	3.801.550
São Paulo	10.373.787	10.026.614	10.961.982	19.914.429	19.711.593	16.565.384
Paraná	226.124	180.721	210.991	955.937	896.098	785.952
Santa Catharina	185.018	197.312	237.237	324.402	362.616	274.287
Rio Grande do Sul	1.605.121	1.363.570	1.486.777	1.451.242	1.481.483	1.920.555
Matto Grosso	56.887	47.328	42.556	17.455	52.185	63.948
Total	28.131.911	25.467.306	27.431.114	35.790.080	35.239.611	33.011.848

MILHARES DE CONTOS

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DOS ESTADOS NOS ANOS DE 1920 A 1930

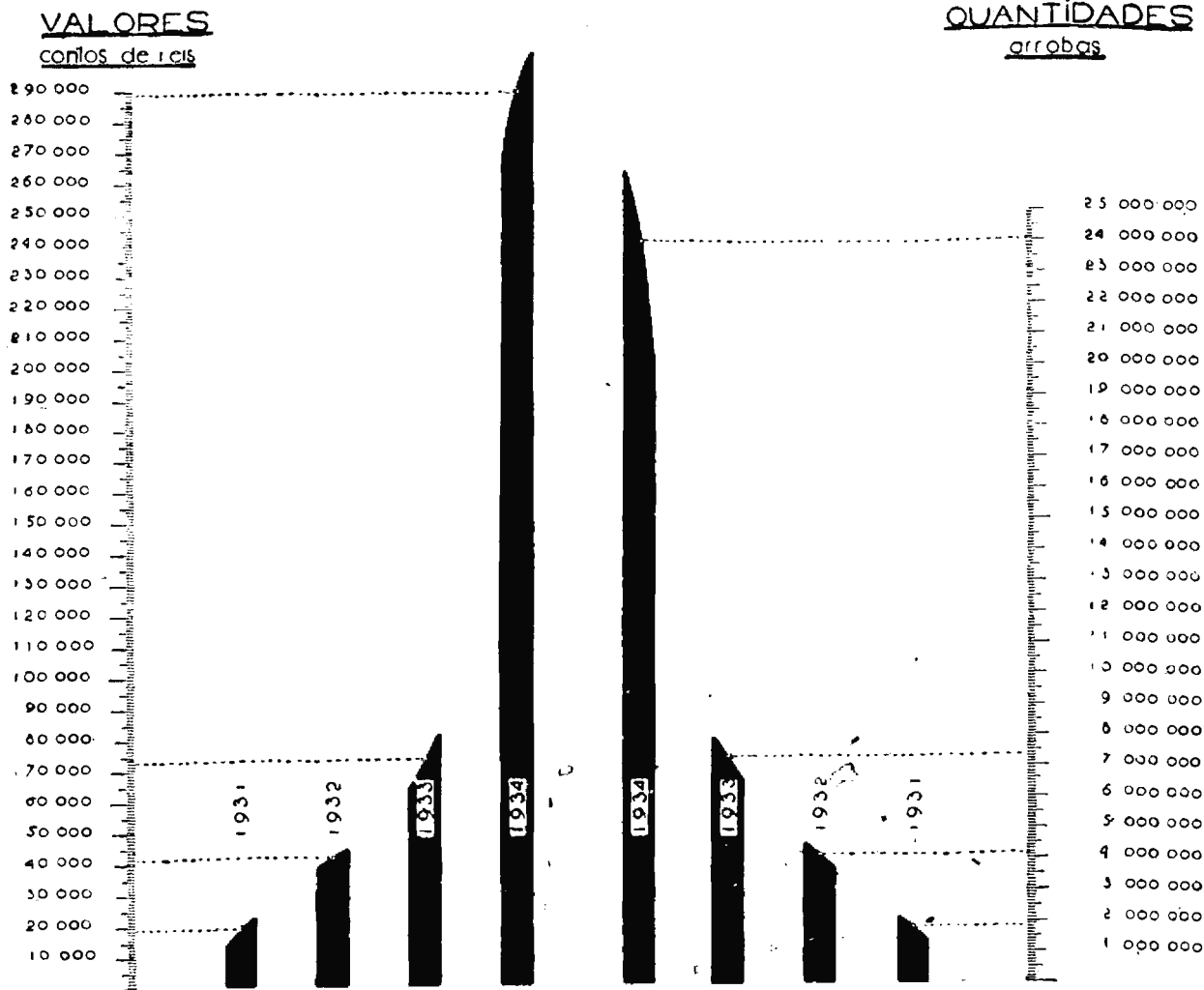


DENSIDADE EM 1920
DE ACCORDO COM
O RECENCEAMENTO
FEDERAL DE 1920



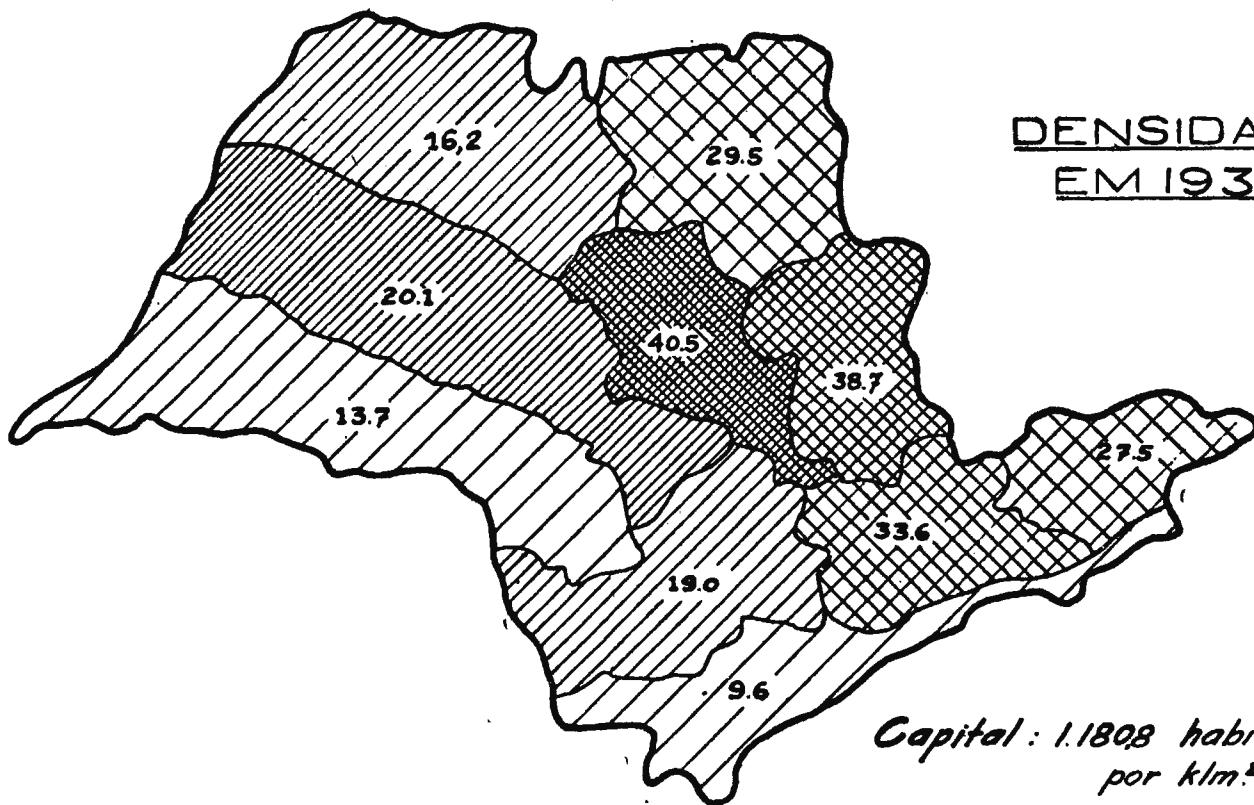
DESCAROÇADORES DE ALGODÃO

ALGODÃO EM CAROÇO BENEFICIADO



Da "Estatística Industrial", publ. da Secret. da Agricult.

Produção do algodão em S. Paulo. Para 1937 é esperada uma produção em dobro.



DENSIDADE
EM 1934

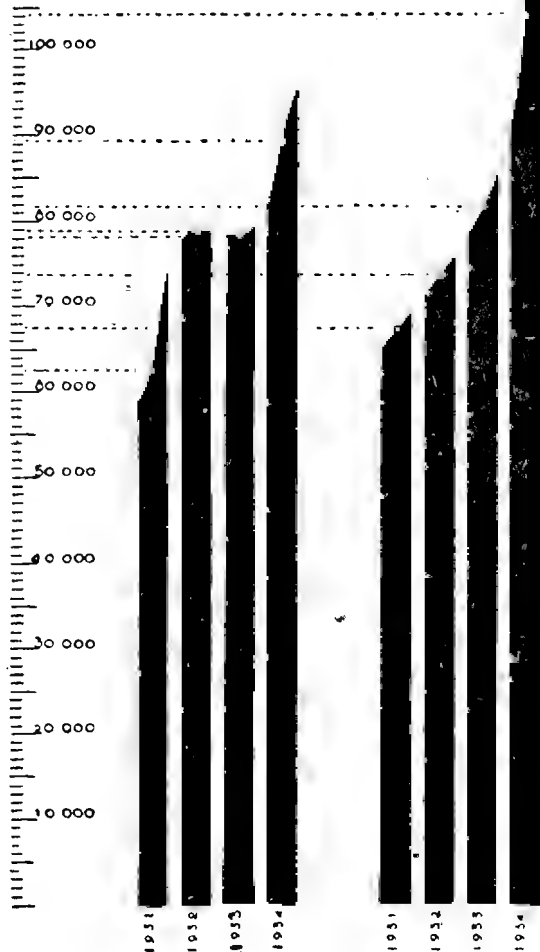
*Capital : 1.1808 habitantes
por klm.²*

INDUSTRIA ASSUCAREIRA PAULISTA

VALORES

CAPITAL

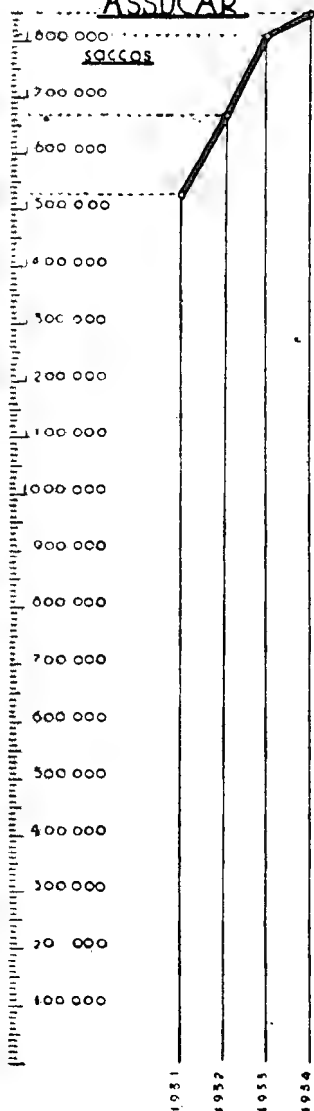
contos de reis



PRODUCCAO

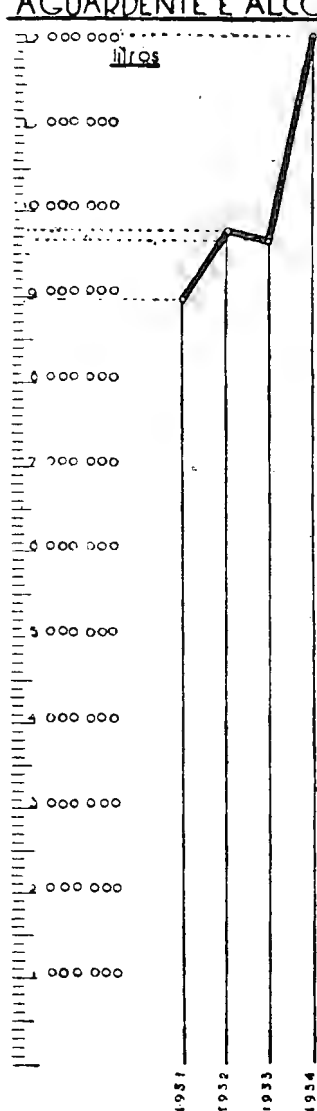
ASSUCAR

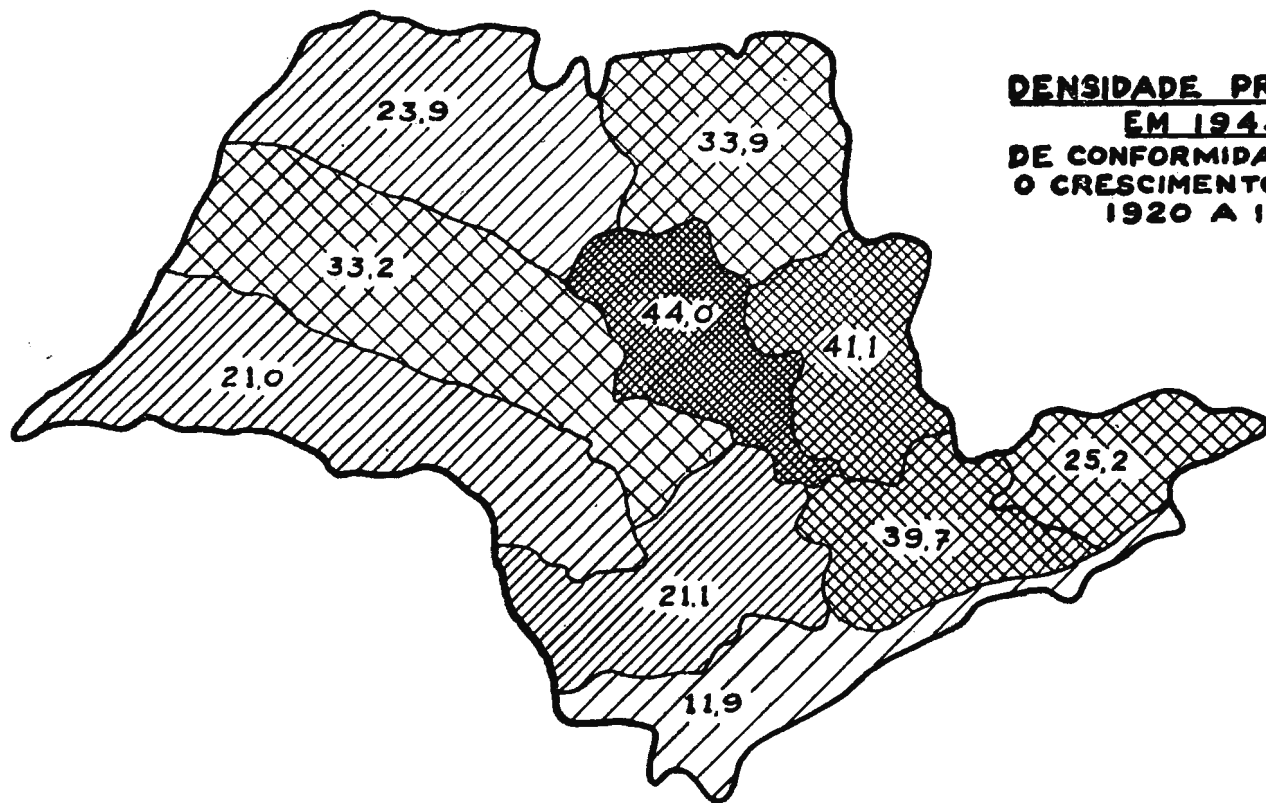
saccos



AGUARDENTE E ALCOOL

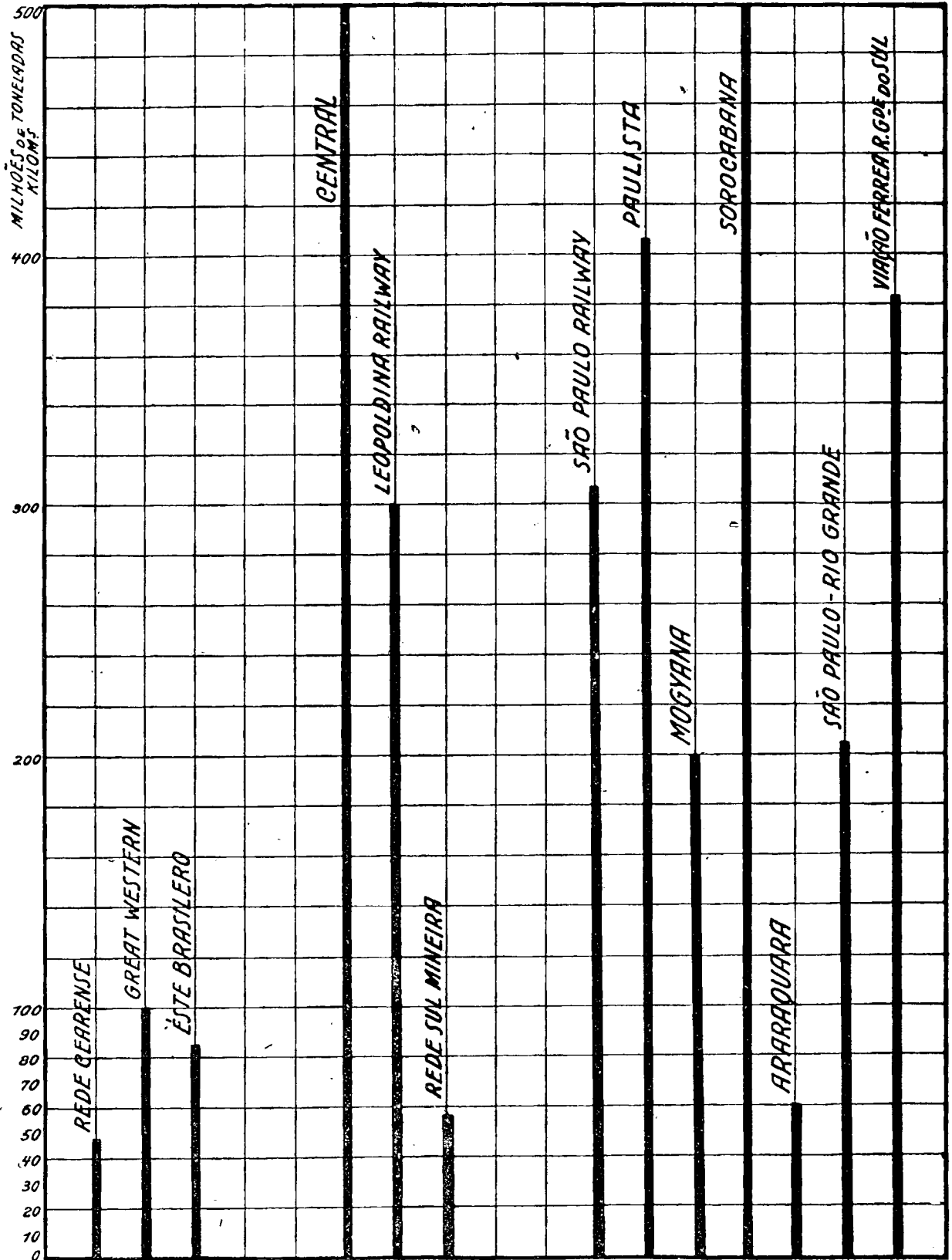
litros





**DENSIDADE PRESUMIVEL
EM 1948
DE CONFORMIDADE COM
O CRESCIMENTO DE
1920 A 1934**

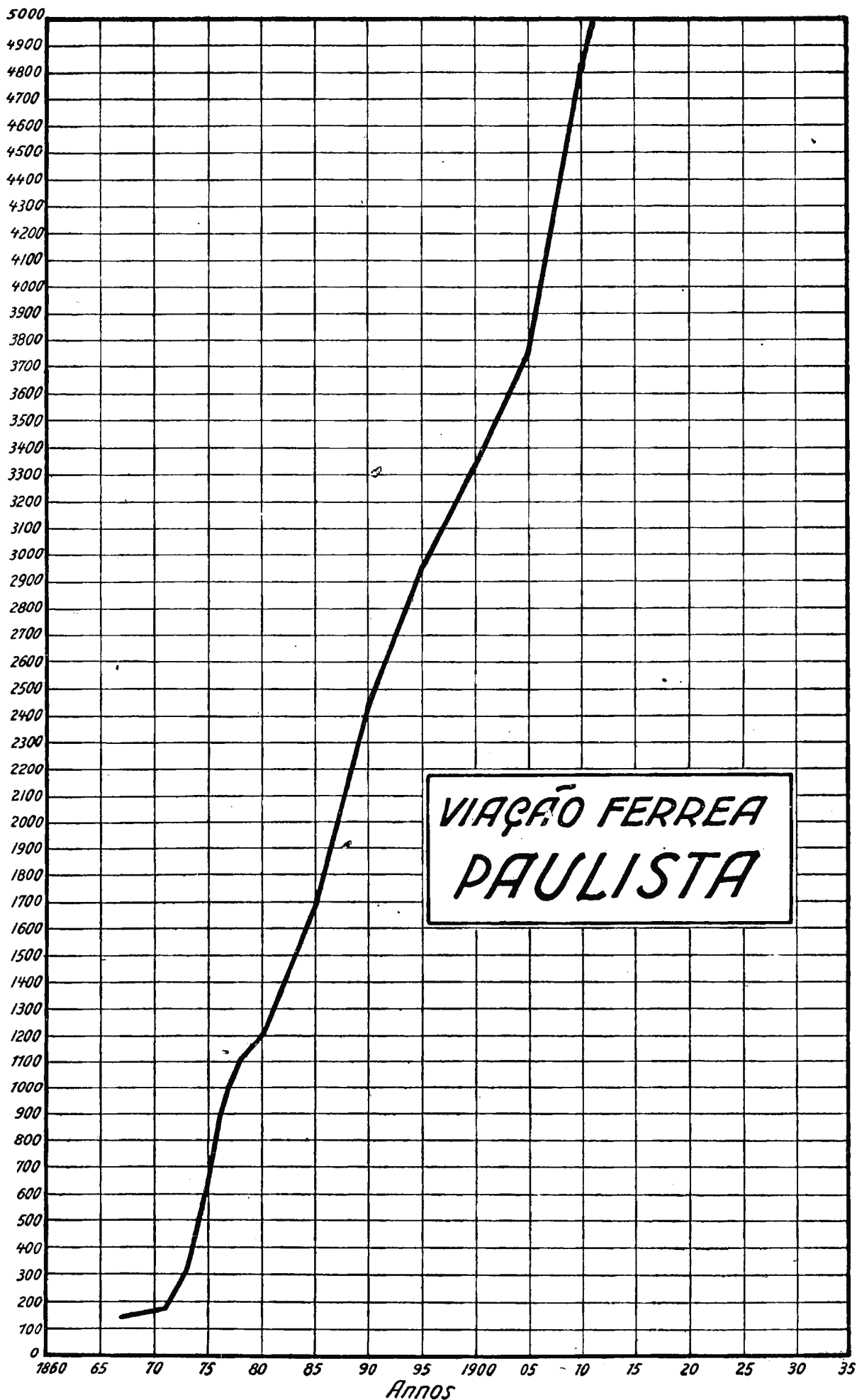
Vê-se por esse graphico em comparação com os similares anteriores como a população se vae adensando e se deslocando para a margem esquerda do Tieté.



UNIDADE DE TRAFEGO DE
ALGUMAS FERROVIAS.

REGIÃO	Peso util trafegado em toneladas kilometros	Despesa total em contos de réis	Receita total em contos de réis	Receita por kilom.	Extensão em trafego
<i>Amazonas</i>					
Mad. Mamoré	2.639.000	7.527:	1.578:	4:408\$	366 kilometros
S. L. Therez.	3.887.000	3.237:	1.131:	3:237\$	439 "
Cent. Piauhy	1.080.000	1.080:	286:	1:430\$	147 "
<i>Nordeste</i>					
Rêde V. Cearense	47.831.000	10.136:	7.438:	4:000\$	1.251 "
Cent. Rio Grande, do Norte	2.344.000	—	640:	3:622\$	175 "
Great Western	106.547.000	28.347:	31.500:	18:871\$	1.668 "
Este Brasileiro	86.495.000	19.400:	19.800:	8:630\$	2.315 "
E. F. Nazareth	9.314.000	3.397:	3.800:	13:283\$	286 "
E. F. Ilhéus	3.091.000	1.919:	2.461:	27:630\$	89 "
<i>Centro</i>					
Leopoldina	316.777.000	54.354:	74.760:	24:988\$	3.086 "
Central do Brasil	1.200.000.000	199.625:	154.217:	52:586\$	3.061 "
Victoria-Minas	13.639.000	7.391:	5.430:	10:205\$	542 "
Rêde Sul Mineira	55.036.000	17.982:	15.924:	13:962\$	1.161 "
<i>Planalto</i>					
S. Paulo Railway	337.866.000	59.864:	87.500:	618:794\$	139 "
Paulista	427.203.000	57.443:	84.653:	71:732\$	1.466 "
Sorocabana	525.617.000	54.595:	72.255:	39:000\$	2.000 "
Mogyana	204.290.000	37.178:	50.697:	25:787\$	1.966 "
Araraquarense	—	12.332:	13.618:	48:514\$	280 "
S. Paulo-Rio Grande	264.107.000	39.858:	37.780:	18:871\$	2.000 "
<i>Sul</i>					
Viação Ferrea do R. G. do Sul	393.949.000	66.870:	65.559:	24:756\$	2.648 "
E. F. Sta Catharina	2.456.000	852:	735:	8:206\$	89 "
E. F. Ther. Christ.	6.337.000	1.518:	1.204:	4:961\$	242 "
E. F. Quarahim-S. B.	—	1.468:	694:	4:000\$	299 "

Dados referentes a 1930, contidos no annuario "*Estatísticas das Estradas de Ferro do Brasil*",
tomo XXXIII do Ministerio da Viação.



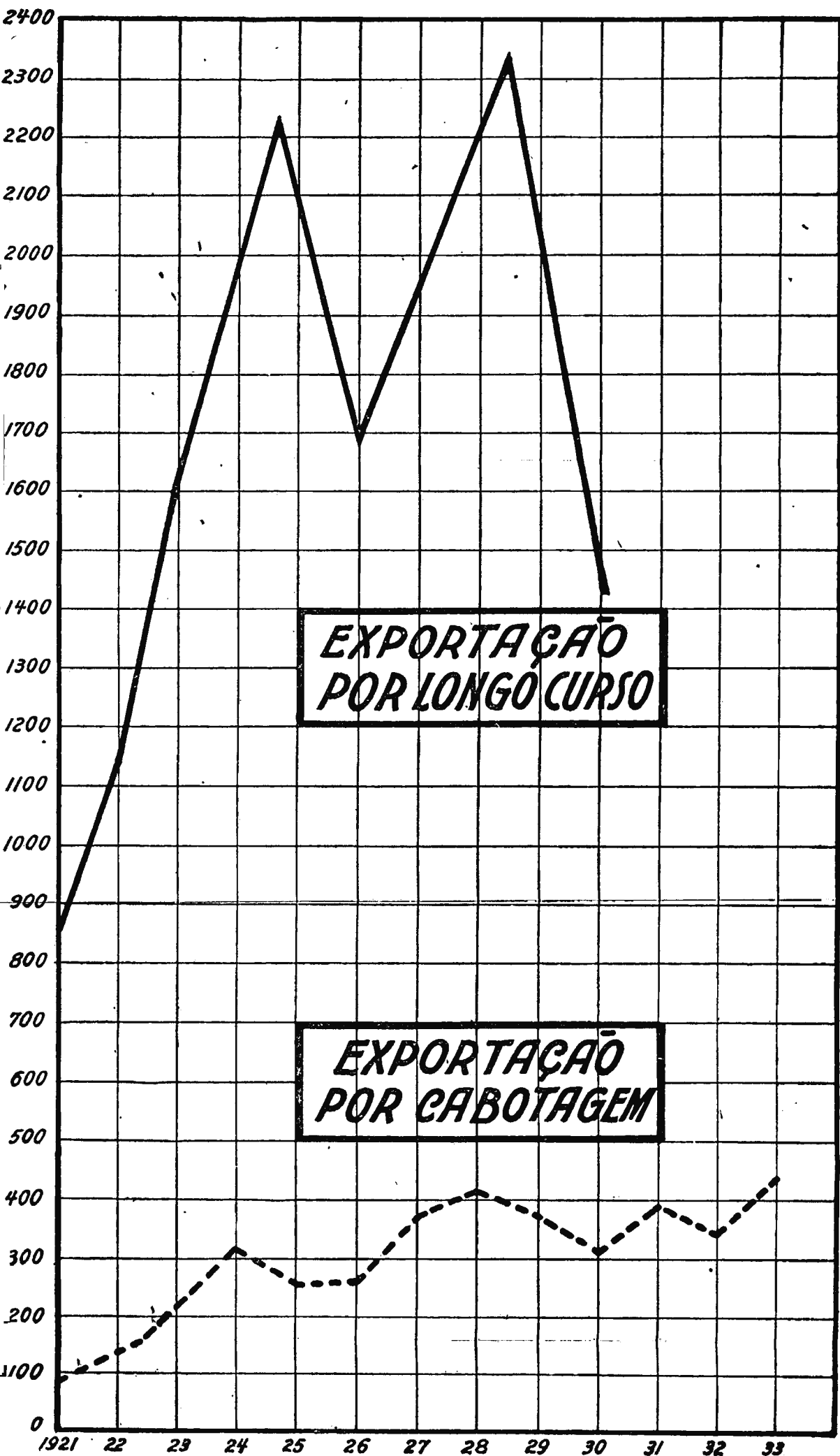
A viação ferrea paulista já subia com rapidez quando em 1890 a immigração para o planalto avultou. Hoje se essa viação ferrea não está estagnada nos 7.000 kilometros, avança muito vagarosamente. E' que S. Paulo aproxima-se do ponto de saturação em communicações ferroviarias.

	Concreto Kms.	Concreto Asphalto Kms.	Macadamie Kms.	Pedra britada Kms.	Terra melhorada Kms.	Terra simples Kms.	Total
Amazonas	—	—	—	—	77	238	315
Pará	—	—	—	—	105	250	355
Mafanhão	—	—	—	—	479	2,649	3.128
Ceará	—	—	—	—	181	2.932	3.014
Piauhý	—	—	—	—	635	2.932	3.567
Rio Grande do Norte	—	—	—	30	416	3.426	3.972
Parahyba	—	—	—	—	750	3.062	3.812
Pernambuco	—	—	100	120	956	3.926	4.902
Alagoas	—	—	—	95	49	1.427	1.171
Sergipe	—	—	—	40	128	159	358
Bahia	9	—	—	146	1.234	3.502	4.891
Espirito Santo	—	—	38	—	468	627	1.134
Rio de Janeiro	83	—	158	—	524	3.087	3.870
Districto Federal	—	18	257	—	230	46	543
Minas Geraes	—	—	47	600	3.525	16.796	21.000
S. Paulo	13	31	73	2.364	2.672	23.000	28.000
Rio Grande do Sul	—	—	70	278	2.020	9.174	11.543
Paraná	—	10	90	280	351	7.757	8.488
Santa Catharina	—	—	—	370	557	6.122	7.049
Goyaz	—	—	—	—	552	3.831	4.420
Matto Grosso	—	—	—	—	994	4.846	5.840
Total	105	59	829	4.322	17.068	99.400	121.734

*) Dados officiaes mais recentes, para S. Paulo, dão os seguintes numeros:

4.477 kilometros de auto estradas.
25.406 " de estradas de 2.^a ordem.
7.700 " " " " 3.^a "

Total . . . 36.603 "

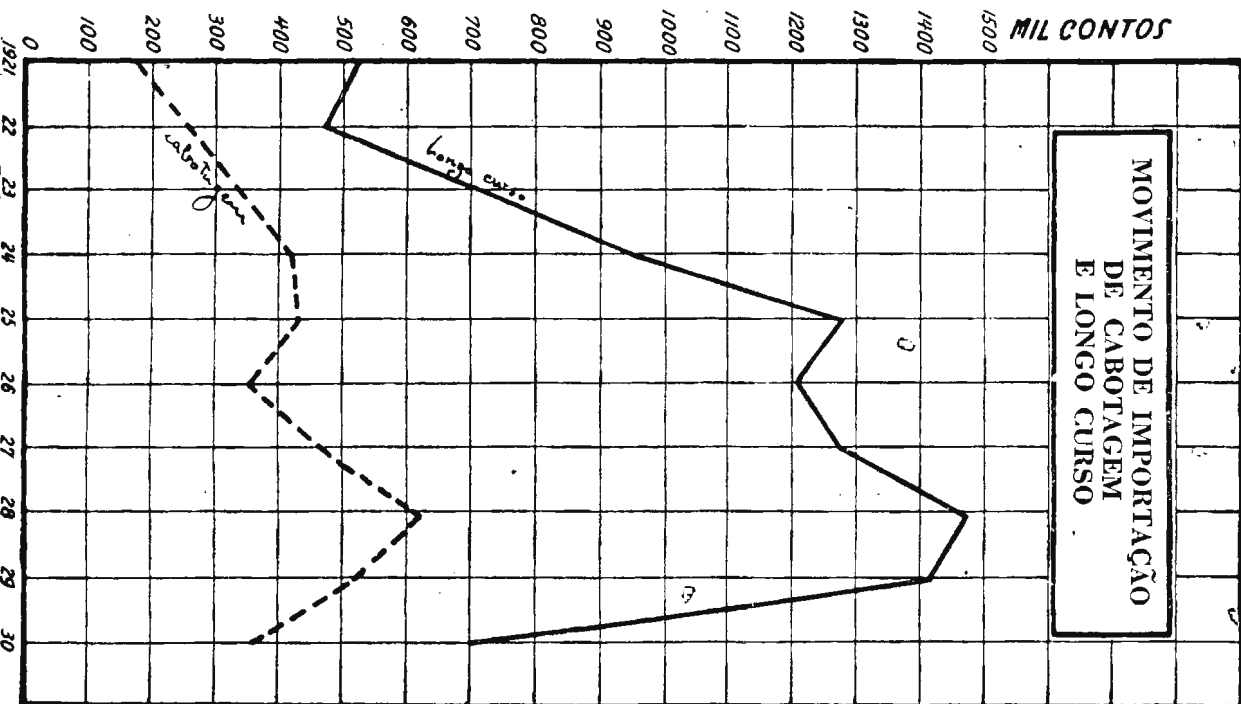


Movimento e exportação em milhares de contos. A notar a grande diferença entre a exportação por longo curso e exportação por cabotagem.

A navegação por cabotagem entorpece a exportação para os outros Estados, pela sua defficiencia e os seus inconvenientes. Alem disso ella é inferior pela pouca força aquisitiva das communitades brasileiras que não podem nos comprar muito. Ellas são pobres e além disso não precisam muito do que produzimos.

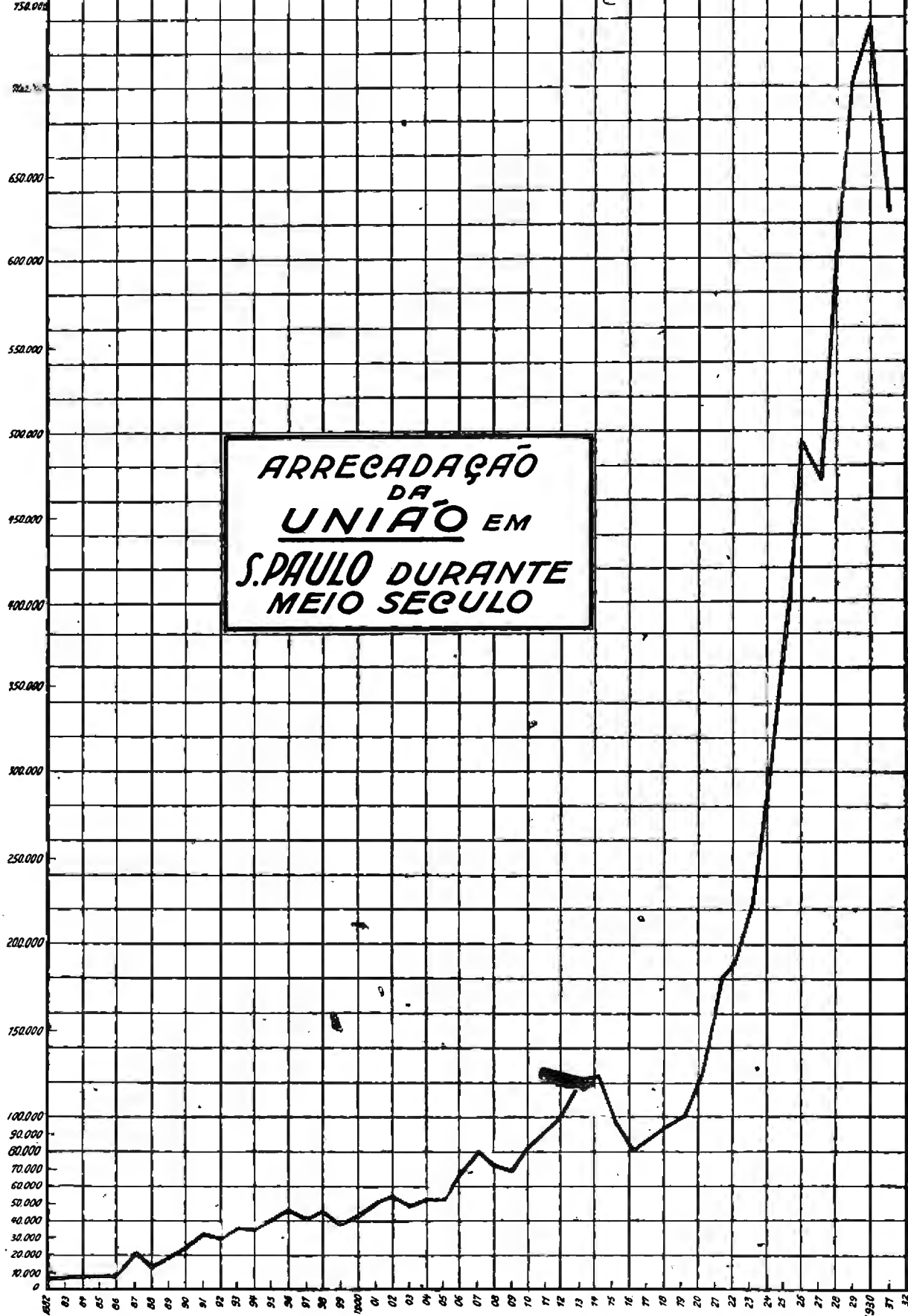
O atrazo em civilização determina poucas necessidades de consumo. O que precisam pôde ser produzido in-loco, não havendo precisão de importação.

A notar alem disso a altura do valor das exportações com a elevação dos preços do café em 1925 e em 1928.

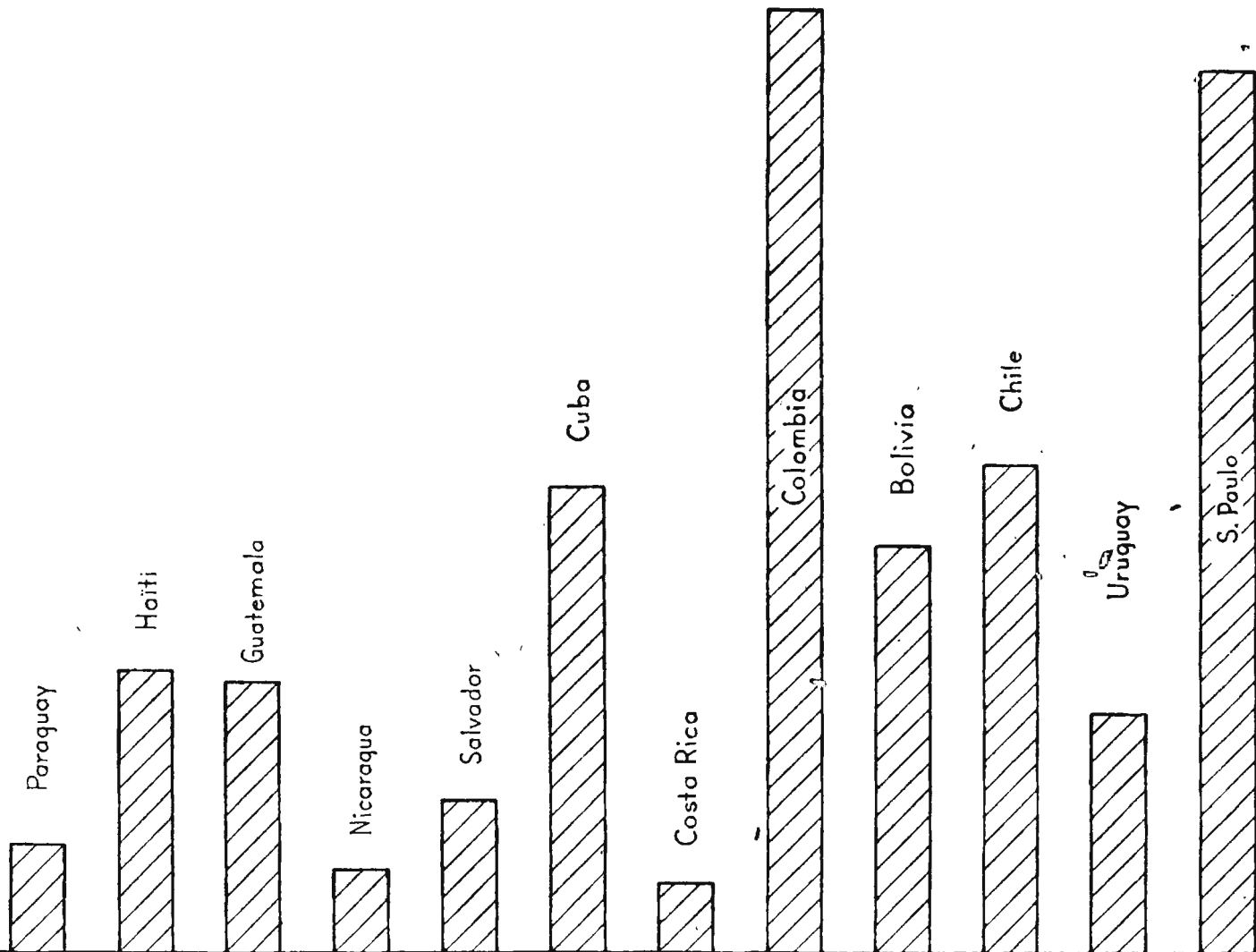


A importação de longo curso e de cabotagem. A notar a grande diferença entre as duas bem como o crescimento da importação quando aumentava o poder aquisitivo da economia paulista, fenômeno devido a alta do café em 1924-1925 e em 1929.

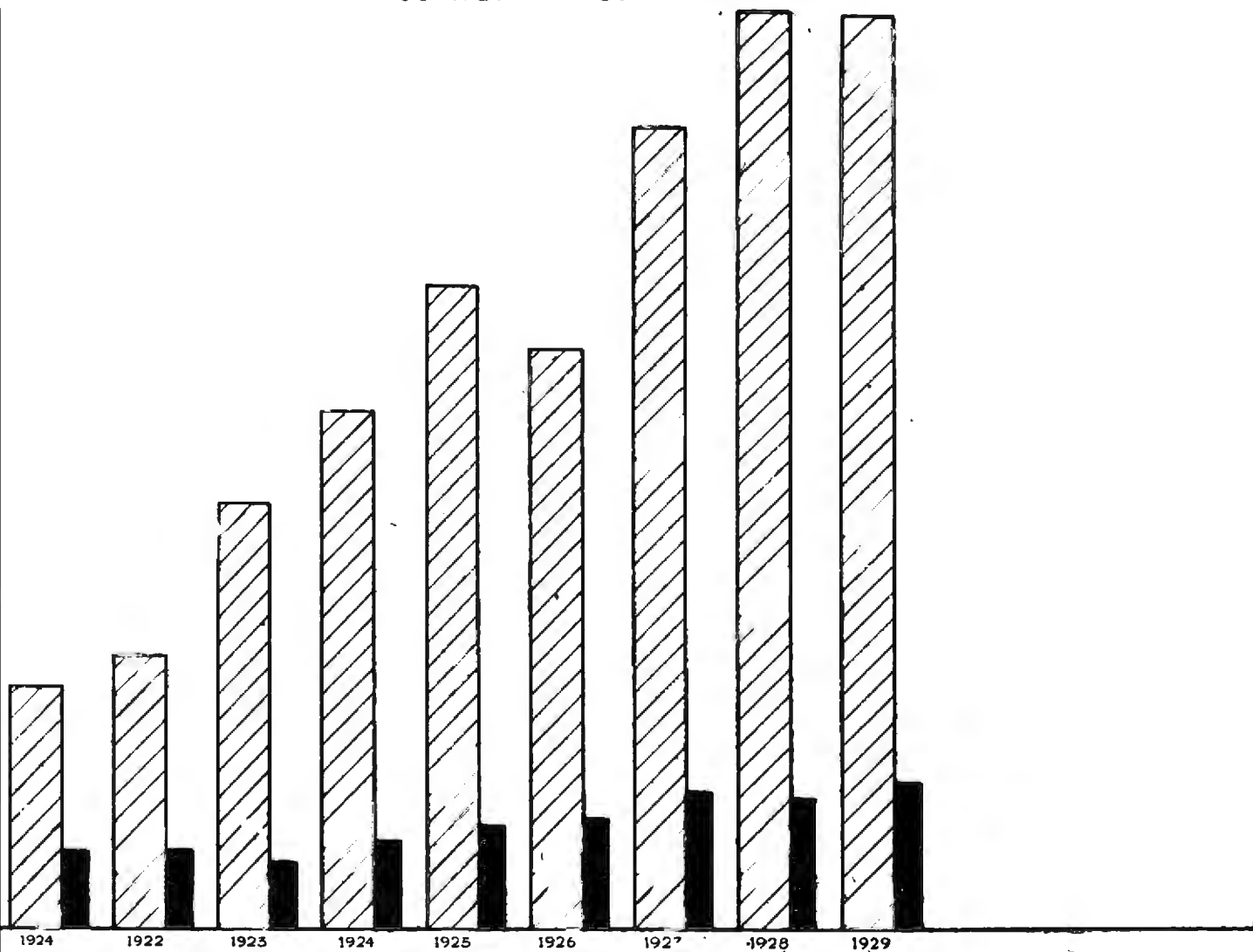
Vê-se daí a desvantagem da navegação de cabotagem e a grande importância do poder aquisitivo em um agrupamento econômico.



S. Paulo em confronto com varios paizes quanto a população



• Arrecadação e despesas da União em S. Paulo
de 1921 a 1930



Por essa comparação se vê com nitidez o quanto a União vem tirando de S. Paulo sem dar coisa compensadora. E' isso justo?

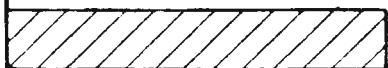
Milhões de contos

2

4

6

8



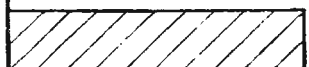
Produção agrícola

2.525.000:000



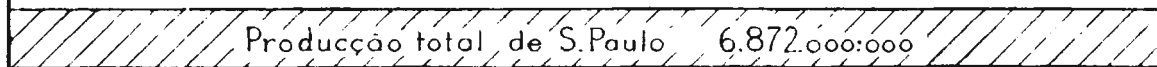
Produção das indústrias urbanas

2.346.000.000

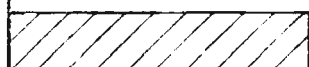


Produção das indústrias rurais
refrigerificas e de transportes

2.000.000:000

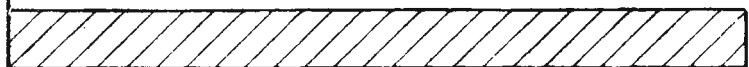


Produção total de S. Paulo 6.872.000:000



Exportação Paulista de longo curso e de
cabotagem

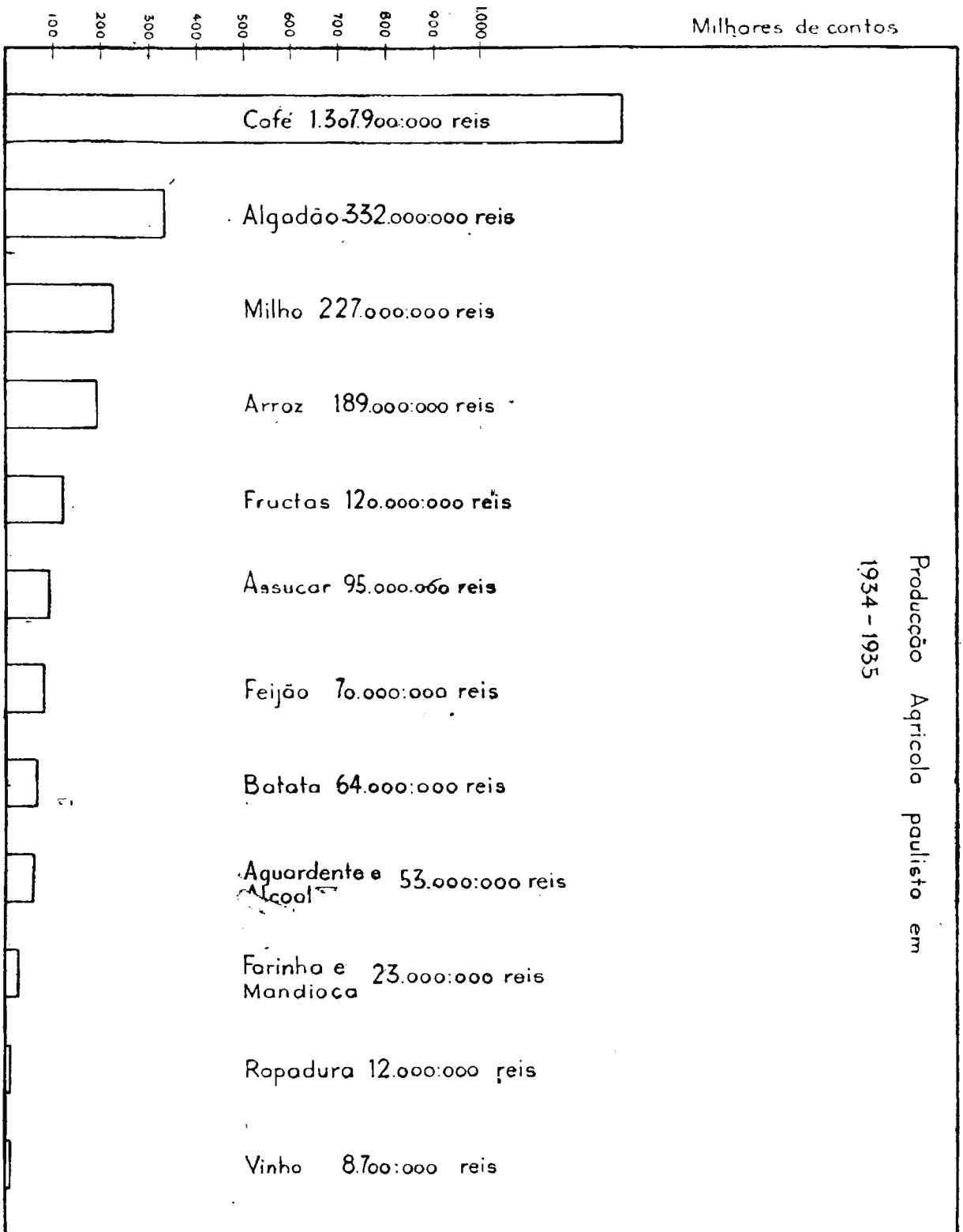
2.100.000:000



Consumo interno de
productos paulistas

Produção, exportação e consumo
do grupo Comerciarío Paulista

Milhares de contos



Produção Agrícola paulista em
1934 - 1935

